

DICIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

EM QUE SE DESCREVEM, EM LINGUAGEM
ACCOMMODADA Á INTELLIGENCIA DAS PESSOAS
ESTRANHAS Á ARTE DE CURAR:

Os signaes, as causas e o tratamento das molestias; os soccorros que se devem prestar nos accidentes graves e subitos, como aos afogados, asphyxiados, fulminados de raio, ás pessoas mordidas por cobras venenosas, nas perdas de sangue, nas convulsões das crianças; os caracteres das cobras venenosas e das que são innocentes; os contravenenos de todos os venenos conhecidos; os conselhos para preservar das molestias e prolongar a vida; as precauções que deve tomar quem muda de clima; os preceitos sobre a educação dos meninos; os cuidados que reclama a prenhez, o parto, as suas consequencias, a criança recém-nascida, a escolha de uma boa ama de leite, a dentição, a desmamação, &c.; os perigos a que expõem as diferentes profissões e os meios de evitá-los; os erros populares nocivos á saude; a preparação dos remedios caseiros; as plantas uteis e venenosas, &c., &c.

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e consideravelmente augmentada

POR

PÉDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

Doutor em Medicina, Cavalleiro da Ordem de Christo.

Dereem todos os homens ter algum conhecimento da Medicina.

HIPPOCRATES.

(COM CINCO ESTAMPAS)

VOLUME SEGUNDO

D—L

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES PROPRIETARIOS

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, N.º 77

1851

*Restitue a Luiz Cherviz
Cherviz*

UNIVERSAL

THE UNIVERSITY OF

OF THE STATE OF

NEW YORK
IN SENATE
JANUARY 18, 1880

REPORT

OF THE

COMMISSIONERS

OF THE LAND OFFICE

AND

OF THE

LAND

OFFICE

FOR THE YEAR ENDING

DECEMBER 31, 1879

Typ. Universal de LAEMMERT
Rua dos Invalides, 61 B.

PROLOGO

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

(1843)

Bem que o pleno exercicio da medicina exija estudos profundos e atilado criterio, não é menos verdade que existem muitas cousas relativas á arte de curar, cujo conhecimento pôde ser facilmente adquirido por todos os homens, e em que podem noções muito simples pô-los em estado de serem uteis á sociedade. Ninguem ignora que todos os dias, tanto na roça como na cidade, sobrevém accidentes subitos e imprevistos, que necessitão dos mais promptos soccorros. Esperar pelo medico em taes casos, seria expôr-se a ver succumbir o doente. A asphyxia, a submersão, a apoplexia, os ataques hystericos e epilepticos, as convulsões das crianças, os desmaios, as feridas, as quédas, as perdas de sangue, as mordeduras de cobras venenosas, as de cães damnados, etc., etc., provão quanto é util que todos os homens saibão o que se deve fazer nestas graves occasiões, nas quaes um momento perdido ou mal empregado pôde occasionar a morte. Ha venenos administrados por maldade, ou ingeridos por enga-

no, que matão antes que se possa recorrer ás luzes do medico, e cujos effeitos poderião entretanto ser aniquilados por substancias vulgares, que muito importa, por consequente, não ignorar.

Mas, deixando estes casos, que, sem serem frequentes, acontecem entretanto na vida, não haverá quem negue que se possam diffundir pelo povo conselhos para conservar a saúde e prevenir as molestias; inculcar os preceitos relativos ao clima, ás habitações, aos vestidos, aos alimentos, ás bebidas, aos exercicios, ás profissões, ao somno, á vigilia, ás paixões, ao temperamento, ao sexo, á idade, ás differentes funcções; combater os erros nocivos á saúde que reinão nas differentes classes da sociedade, e acautelar o publico contra o charlatanismo.

Casos existem, desgraçadamente numerosos, em que a apparencia da morte foi tomada pela morte real, e muitos infelizes tem sido enterrados vivos. Facilmente se comprehende quanto é indispensavel que todos os homens possam distinguir estas duas mortes, e saber as molestias que dão lugar a estes fataes enganos, quanto mais que nem sempre as declarações de obito se fazem com a devida exacção.

É certo, portanto, que ha cousas que deverião ser conhecidas de todos os homens, e que toda a obra que tiver por objecto popularisar a medicina fará sempre um verdadeiro serviço á humanidade. Tal é o motivo que me levou a empregar o trabalho que apresento hoje ao Publico. A utilidade de semelhantes obras foi reconhecida em todos os tempos, e até nas terras mais bem abastecidas de

medicos tem homens distinctos publicado , com geral approvação , escriptos de medicina para o commum dos leitores. É preciso sómente saber fazer a distincção entre o que as pessoas estranhas á arte de curar devem conhecer , e o que é inutil e até perigoso querer ensinar-lhes. Estes limites forão por mim religiosamente observados , de sorte que julgo haver evitado os inconvenientes a que póde expôr a leitura dos livros de medicina , e espero que os mais escrupulosos medicos, que o titulo desta obra poderia sobresaltar, não acharão nella cousa alguma com que a sua consciencia se possa assombrar.

Se escrevesse unicamente para os habitantes do Rio de Janeiro e mais cidades onde abundão os professores de medicina, limitar-me-hia aos pontos que acima indiquei. Porém muitas povoações e fazendas do interior do Brasil se achão a grande distancia das moradas dos medicos; muitas embarcações andão inteiramente privadas do seu ministerio: pelo que me pareceu indispensavel dar maior desenvolvimento a este livro, indicando ás pessoas estranhas á arte de curar , que se podem achar nestes casos, o tratamento das molestias, em linguagem accomodada á sua intelligencia, e ministrando-lhes as luzes que lhes podem ser uteis , sem comtudo pretender inicia-las em todos os dogmas de uma sciencia difficillima. Descrevo igualmente a preparação dos remedios caseiros, e noto as substancias medicamentosas que se devem ter em casa.

A fórma de *diccionario* é a que mais convinha a este assumpto , e por isso a adoptei; e com effeito,

em uma obra disposta de tal maneira, os objectos se offerecem de si mesmos sem ser necessario que as pessoas que os procurão possuão conhecimentos scientificos preliminares.

Mas, apesar de se acharem todos os objectos descriptos, como se vê, segundo a ordem alphabetica, colloco assim mesmo no fim do ultimo volume uma taboa alphabetica, a qual não só contém os titulos de todos os artigos da obra, mas indica ainda todas as outras materias de que trata o livro, e que não ficárão em evidencia no texto.

As obras que me coadjuvárão na composição deste trabalho são as de Rostan, Bayle, Gibert, Lagasque, Bell, Julia de Fontenelle, Leblond, Martins e os numerosos dictionarios de medicina publicados em França

Possa este livro ser tão bem aceito como o que publiquei o anno passado; possa sobretudo satisfazer os interesses mais caros da saude das pessoas que o lerem!

ADVERTENCIA PARA O ENCADERNADOR.

- A estampa 1.^a (*Dracunculo*) deve ser mettida no Vol. II, entre as paginas 64 e 65.
- A estampa 2.^a (*Oução ou Bicho da sarna*) no Vol. III, entre as paginas 416 e 417.
- A estampa 3.^a (*Solitaria vulgar*) no Vol. III, entre as paginas 448 e 449.
- A estampa 4.^a (*Solitaria larga*) no Vol. III, entre as paginas 448 e 449, depois da estampa 3.^a
- A estampa 5.^a (*Lombriga*) no Vol. III, entre as paginas 572 e 573.

*Pertençe a Luis Guisim
da Oliveira.*

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

II

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

D

DAMNADO. *Veja-se* HYDROPHOBIA.

DANSA. *Veja-se* EXERCICIOS.

DANSA DE S. GUIDO OU DE S. VIT. Nome de uma molestia nervosa, cujos symptomas consistem em movimentos continuos, irregulares, involuntarios, de um ou muitos membros, de uma parte ou da totalidade dos musculos. Foi tirado este nome de uma capella perto de Ulm, na Suabia, dedicada a S. Guido, porque, no XV seculo, sendo esta molestia mui commum nesse paiz, os habitantes ião a esta capella fazer-se curar pela intervenção d'este santo. Em medicina é designada pelo nome de *choréa*, palavra grega que quer dizer dança. Quando os movimentos são geraes, o doente gesticula sem cessar de uma maneira estranha; seu corpo e suas pernas são agitadas por estremecimentos não interrompidos, e entregues a contorsões singulares; ás vezes limitão-se a um só lado do corpo, e ainda sómente ao rosto, ao braço ou a uma perna. Os doentes pronunciação com difficuldade e ordinariamente gaguejando. Experimentão ás vezes entorpecimentos, picadas nos musculos affectados, uma leve diminuição das faculdades intellectuaes, dôres de cabeça, vertigens, agitação, insomnia, etc.

As pessoas que são affectadas desta molestia são

geralmente magras, pallidas, impertinentes, irasciveis; algumas são epilepticas, e entre as mulheres, hystericas. A choréa é uma molestia da mocidade, que ataca sobretudo as moças; frequentemente occasionada por emoções vivas, coincide ás vezes com uma menstruação difficil. Dura de alguns dias a muitos annos; cura-se muitas vezes espontaneamente na época da puberdade; quasi nunca tem consequencias funestas. Um factó digno de observação é que esta molestia, mui rara nos paizes intertropicaes, é quasi especial ás regiões temperadas. O seu tratamento se compõe de sangrias, banhos mornos ou frios, immersão subita e repetida em agua fria, affusões frias sobre a cabeça, purgantes, medicamentos antispasmodicos ou narcoticos (*veja-se* estas palavras); vermifugos, quando é produzida por vermes intestinaes, e de sulfato de quinina, quando é intermittente.

DARTRO. *Vêja-se* EMPIGEM.

DECOCTO. *Vêja-se* COZIMENTO, Vol. I, pag. 475.

DEDOS DA MÃO (MOLESTIAS DOS).

DEDOS SUPERNUMERARIOS. Ha pessoas que tem seis dedos; até parece que esta anomalia se póde transmittir de geração em geração; ordinariamente este sexto dedo, que quasi sempre se acha perto do minimo, é meramente um appendice não susceptivel de movimento, e unido á mão por um estreito pedicello; deve-se então corta-lo pouco tempo depois do nascimento. Esta pequena operação é sem perigo.

ADHERENCIAS VICIOSAS DOS DEDOS. As queimaduras e as feridas são causas ordinarias das adherencias dos dedos entre si. Varias operações são necessarias para curar esta deformidade, que póde ser prevenida tendo-se o cuidado de pôr entre os dedos queimados tiras de panno de linho.

PISADURA E MOEDURA DOS DEDOS. Os dedos da mão estão expostos a ser pisados e mesmo moidos pela acção de corpos pesados, de alguma machina ou de balas lançadas por pólvora. Frequentemente o cirur-

gião é obrigado a recorrer á amputação; mas pôde-se ás vezes conservar o dedo. O melhor remedio que convém para isso é a applicação contínua de pannos molhados em agua fria durante os dous ou tres primeiros dias.

AS PICADAS DOS DEDOS não offerecem nada de notavel. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados em agua fria; mas se o dedo se inflamma, é preciso deitar uma cataplasma de farinha de linhaça.

A DIVISÃO DOS DEDOS por facas e outros instrumentos cortantes pôde ser completa ou incompleta. No caso mesmo em que a divisão fôr completa, é preciso tentar a reunião, porque existem factos que provão que dedos completamente cortados se reunirão e sararão.

FRACTURAS DOS DEDOS. São produzidas por pancadas directas. O tratamento é o seguinte. Depois de ter envolvido o dedo com um cadarço estreito, applicão-se duas talas de papelão sobre a face superior e inferior do dedo, e segurão-se com o mesmo cadarço; depois disso, convém approximar todos os dedos uns dos outros, e envolver a mão inteira com um cadarço de tres dedos de largura. Vinte e cinco a trinta dias são sufficientes para a consolidação.

AS QUEIMADURAS DOS DEDOS não offerecem nada que não esteja exposto no artigo geral. (*Veja-se QUEIMADURA.*) É só preciso vigiar attentamente que os dedos se não reunão entre si viciosamente; e por isso, depois de ter applicado algodão, que é o melhor remedio contra as queimaduras, é necessario separar os dedos por meio de fitas e ataduras entrepostas entre elles.

INFLAMMAÇÃO DO DEDO. As inflammações do dedo são conhecidas com os nomes de *panaricio* e de *unheiro*. O primeiro é uma inflammação profunda, que acaba de ordinario por suppuração; o segundo é uma inflammação superficial da pelle em roda da unha do dedo, e muito menos grave. O tratamento de ambos consiste em banhos d'agua morna e em

cataplasmas de linhaça; mas no panaricio é preciso frequentemente fazer a incisão do dedo com o bisturi. (*Veja-se PANARICIO e UNHEIRO.*)

ANNEIS QUE APERTÃO OS DEDOS. *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS, Vol. I, pag. 459.

DEDOS DO PÉ (MOLESTIAS DOS). A principal molestia dos dedos do pé é a *unha encravada* (*veja-se* esta palavra), que ataca principalmente o dedo maior; para as outras molestias *veja-se* Pé.

DEFLUXO. Dá-se este nome á inflamação ligeira dos conductos respiratorios. É o gráo mais fraco do catarrho pulmonar, de que já temos fallado.

Causas. O defluxo sobrevém ordinariamente depois da impressão do frio; e tem-se observado que o esfriamento parcial dos pés e da cabeça, sobretudo nas pessoas que tem habitualmente estas partes cobertas, produz mais especialmente esta affecção. Mas suas causas nem sempre são apreciaveis, e as mais das vezes o defluxo sobrevém sem que se saiba a que deva ser attribuido.

Symptomas. O defluxo principia por um sentimento incommodo de secura e de inchação nas fossas nasaes; os olhos ficão vermelhos, humidos; a voz fanhosa; o olfacto e ás vezes o gosto desapparecem; uma dôr mais incommoda do que viva e um calor se fazem sentir no interior do nariz; na testa existe um peso, que é para muitos doentes o symptoma principal. Nesta época sobrevém espirros repetidos, e uma necessidade continua de assoarse. Os doentes ás vezes não podem respirar pelo nariz, e pensão que a passagem está tapada por mucosidades. Mas em vão fazem esforços para desobstruir os conductos, porque este obstaculo é produzido pela tumefacção da membrana mucosa. A membrana que cobre o interior do nariz não fica secca por muito tempo: promptamente ministra uma secreção abundante, aquea, incolora, salgada. Pouco a pouco a materia desta secreção adquire consistencia: torna-se successivamente branca, amarella, esverdinhada, e diminue ao mesmo tempo de quantidade.

O defluxo é quasi sempre acompanhado de um incommodo geral, que torna o individuo inhabil para a maior parte das acções ordinarias, e especialmente para trabalho de espirito. Quando a molestia é mui intensa, dá lugar a um movimento febril, o qual persiste por muitos dias com exacerbações, no intervallo das quaes os doentes experimentão calafrios frequentes; uma dôr de cabeça mui intensa, a insomnia, o fastio, um cansaço doloroso nos membros, acompanhão então frequentemente a molestia; o pulso se accelera, a pelle torna-se quente, e manifesta-se sêde. Mas é raro que esta affecção apresente symptomas tão graves; frequentemente existe então com catarrho pulmonar.

O defluxo nas crianças de peito apresenta caracteres particulares que reclamão nossa attenção. Na idade infantil, as fossas nasaes tem uma extensão proporcionalmente muito menor que no adulto: resulta dahi a impossibilidade da criança respirar pelo nariz. Se lhe apresentão o peito, toma-o facilmente; mas depois de uma ou duas succões, torna-se a criança roxa; abandona precipitadamente o bico do peito tossindo: o mesmo phenomeno se repete sempre que principia a mamar.

Duração e prognostico. Em geral, o defluxo não dura senão alguns dias; ás vezes entretanto se prolonga até vinte, trinta, quarenta dias e até muitos mezes. Raras vezes tem consequencias graves; quasi sempre é leve, e occupa mui pouco a attenção dos doentes.

Tratamento. Quando o defluxo é leve, sua terminação é constantemente feliz e prompta, e cura-se por meio de simples precauções contra a impressão do frio, e mesmo sem se fazer nada. Mas se a affecção é mais intensa, ou se, sem offerecer uma grande intensidade, se prolonga além do termo ordinario, merece então alguma attenção. O doente, que por seus negocios é obrigado a sahir de casa, só deve fazê-lo com sol fóra, agasalhar-se bem, usar de alguns escalda-pés d'agua simples ou

d'agua com cinza. Convém que a cabeça fique elevada na cama, e que o doente tome, no momento de deitar-se, alguma bebida sudorifica, como infusão quente de chá da India, de mate, de flôres de sabugueiro ou de casquinha de limão. Nos casos em que existe um movimento febril, é preciso diminuir a dóse das comidas, e até abster-se de alimentos solidos. Se a molestia se prolonga, é necessario combatê-la com purgantes repetidos, vomitorios e applicação de um caustico no braço.

Se o defluxo ataca uma criança com grande intensidade até impedi-la de exercer a sucção sobre o bico do peito, é preciso, emquanto existe este symptoma, deitar-lhe na bocca, com uma colher, leite ou qualquer outra bebida alimentaria, e dar-lhe o peito logo que a diminuição da molestia lhe permitta exercer de novo a sucção.

DEFLUXO ASTHMATICO. *Veja-se* ASTHMA, Vol. I, pag. 162.

DEFLUXO DO PEITO. *Veja-se* CATARRHO PULMONAR, Vol. I, pag. 308.

DELIQUIO. *Veja-se* DESMAIO.

DELIRIO. Desordem das faculdades intellectuaes. O delirio se apresenta sob tres fórmas: 1.º, *delirio febril*, que acompanha as molestias agudas do cerebro e outras, e do qual tratarei exclusivamente neste lugar; 2.º, *delirio dos loucos*, que é o character distinctivo da alienação mental, o qual vem descripto no artigo LOUCURA; 3.º, *delirio nervoso*, que é o proprio dos ebrios, mas que se desenvolve tambem na occasião de feridas graves, e de que tratarei no artigo seguinte.

O delirio febril observa-se particularmente, como já disse, nas affecções agudas do cerebro; mas outros órgãos violentamente inflammados podem reagir sympathicamente sobre o cerebro e provocar este phenomeno. Assim a pelle affectada de erysipela extensa, das bexigas, o canal alimentario inflammado ou irritado pelos venenos energicos, o pulmão nas pneumonias, etc., podem determinar o delirio.

Emfim, quasi todas as molestias agudas ou chronicas que findão com a morte, são acompanhadas de delirio; poucos doentes morrem em seu juizo perfeito.

Symptomas. A invasão do delirio é ordinariamente annunciada pela insomnia, dôr e peso de cabeça, vertigens, zunido dos ouvidos, esquecimento dos soffrimentos, um ar de admiração, cabeça quente, rosto vermelho e olhos luzidios, supportando difficilmente uma luz viva. Depois apparecem sonhos brandos, agitação do espirito, incoherencia extrema nas idéas; gritos, furor, visões, susto, ou grande abatimento e sombria taciturnidade, prantos ou gargalhadas. Às vezes só ha curtas ausencias da memoria. Ora o d'ente percebe se o cobrem ou se esteve descoberto, vê os objectos exteriores, sente que tem sede, etc.; ora, pelo contrario, os sentidos estão inteiramente desvanecidos. Umaz vezes o doente responde com maior ou menor exacção ás perguntas que se lhe fazem, e indica o lugar dos seus soffrimentos; outras, pelo contrario, ha ausencia completa de todo o discernimento. Algumas vezes o delirio augmenta gradualmente até á perda dos sentidos, e se desvanece da mesma fôrma, de maneira que o doente chega insensivelmente á razão. A prostração, as convulsões geraes, a paralysisia, acompanhão o delirio no ultimo gráo das inflammações cerebraes.

O delirio é continuo ou intermittente. Quando é intermittente, apparece ordinariamente com paroxysmos febris, que tem ordinariamente lugar de tarde ou de noite. Quando o doente recobra a razão, está fatigado, tem dôres nos membros, tem sede, os olhos e os ouvidos são mui sensiveis á luz e a qualquer ruido. A duração dos accessos do delirio varia desde menos de uma hora até muitas horas, repete com intervallos mais ou menos longos. Depois de voltar á razão, se o dilirio foi intenso, o doente não conserva commummente lembrança alguma do que sentira, pensára ou do que tinha feito. O delirio que teve lugar com a conservação dos sentidos,

faz o effeito dos sonhos, e os doentes se lembrão de quasi todas as circumstancias.

Prognostico. O delirio é ordinariamente um symptoma mui grave. Quando a molestia que o delirio acompanha tem chegado a este ponto, deve inspirar receio. Os sonhos que sobrevem às vezes no accesso da febre intermittente nenhum perigo annuncião, e o delirio que se desenvolve sob a influencia de causas mais fracas nas pessoas eminentemente nervosas, se dissipa em geral mui facilmente. Quando o delirio se declara em uma molestia lenta, como a tysica, por exemplo, o perigo é grande, e ordinariamente a morte está proxima. Quando o delirio alterna com o somno profundo, e é unido a uma prostração das forças, a convulsões, a uma paralysisia, o agouro é fatal. Pelo contrario, quando o delirio existe sem estas desordens, o prognostico não é tão sinistro.

Tratamento. O tratamento do delirio não é outro senão aquelle que convém às affecções de que este phenomeno depende. Em geral, todas as vezes que accidentes taes como o delirio, convulsões, prostração, etc., se succedem sem interrupção, exigem o emprego dos meios proprios a combater a inflamação do cerebro. (*Veja-se FEBRE CEREBRAL.*) Estes accidentes são às vezes intermittentes e pertencem ainda a esta affecção. O delirio sympathico, occasionado por molestias chronicas e affecções consumptivas que se approximão do fim, merece apenas attenção. O delirio intermittente e sympathico das affecções agudas que volta e cessa com a exacerbação febril, ou que, bem que continuo, é só acompanhado de dór e calor de cabeça, pôde ser vantajosamente combatido pelos sinapismos sobre as pernas, pelas applicações sobre a cabeça de panos molhados em agua fria e vinagre; e ao mesmo tempo é preciso dirigir o tratamento contra o órgão essencialmente affectado. O delirio que é consequencia de perda sanguinea consideravel, bem como as convulsões e a syncope que provém da

mesma causa, exige cuidados particulares. O doente deve estar deitado com a cabeça elevada, o corpo será esfregado com uma baeta embebida em agua de Colonia, e depois envolvido em pannos quentes; approximar-se-lhe-hão ao nariz cheiros fortes, taes como viaagre, alcali volatil ou ether, e na bocca se porá um pouco de sal commum. O delirio que sobrevem aos doentes mui fracos quando estão sentados ou levantados, desaparece pouco tempo depois de se deitarem; a inspiração dos cheiros que acabamos de indicar será tambem mui vantajosa.

DELIRIO NERVOSO, *delirio tremente, loucura dos bebados*, taes são as denominações diversas pelas quaes se designa um delirio de natureza particular, ordinariamente produzido pelo abuso dos licôres espirituosos, mas que se desenvolve tambem por causa de feridas, de operações graves, e ás vezes é consequencia de tentativas de suicidio, acompanhando de agitação e de tremor dos musculos, independente de toda a inflammação do cerebro.

Symptomas. A invasão do delirio nervoso é em geral subita; aquelle sobretudo que produzem os licôres alcoolicos se declara ordinariamente na occasião da orgia ou alguns instantes depois. Ás vezes, entretanto, symptomas precursores preludião o seu desenvolvimento; consistem em anxiedade, fraqueza muscular, insomnia, dôr e peso de cabeça. Mas precedido ou não destes prodromos, o delirio apparece e apresenta as particularidades seguintes: refere-se ordinariamente ás occupações habituaes do doente; umas vezes é brando, permite aos doentes responderem ás perguntas que se lhes dirigem; outras vezes furioso, manifesta-se em gritos e vociferações. Este delirio é continuo ou intermittente, sempre é acompanhado de alguns symptomas geraes, taes como o tremor dos musculos, estremeçimentos rapidos nos braços, a coloração da face, a vermelhidão dos olhos, o calor da testa. Ao mesmo tempo os doentes são atormentados por insomnia. O tremor dos membros superiores é so-

bretudo característico : os doentes não podem levar á bocca um copo d'agua sem entorna-lo.

Prognostico e duração. Em geral, estes accidentes durão pouco; dissipão-se ás vezes em 24 horas, e não se prolongão quasi nunca além do vigesimo dia. Quasi todos os doentes se restabelecem; entretanto, tem-se visto esta molestia terminar por uma inflammção do cerebro, ou por uma apoplexia, e occasionar a morte.

Tratamento. As emissões sanguineas são perigosas nesta molestia, e não se deve recorrer á sangria senão quando o doente é mui robusto, a congestão cerebral forte, ou quando a molestia está ainda em principio. Fóra destes casos, é preciso recorrer immediatamente ao opio. Administra-se pela bocca em pilulas na dóse de um grão de duas em duas horas, ou em clysteres, cuja receita é a seguinte :

Agua morna	6 onças.
Laudano de Sydenham	20 gottas.

e que tambem se administrão de duas em duas horas. Qualquer que seja a fórma do remedio que se escolha, é preciso continua-lo até produzir a somnolencia e depois o somno. O doente adormece, e depois de um somno mais ou menos prolongado, desperta com boa saude, e não conserva a menor lembrança do que occorrêra durante o delirio.

Casos ha em que o opio não é sufficiente para curar esta molestia produzida pela embriaguez; é preciso então administrar o emetico, segundo a formula seguinte :

Agua	24 onças.
Tartaro emetico	2 grãos.

Dá-se um copo desta bebida de meia em meia hora.

Se, apesar destes meios, o delirio e as convulsões continuão, não se deve então ter receio de praticar uma sangria do braço, e é necessario applicar sobre a cabeça pannos embebidos em agua fria e vinagre.

DENDÊ. *Veja-se AZEITE DE DENDÊ, Vol. I, pag. 171.*

DENTADA. É uma ferida contusa. É preciso lava-la com agua fria, applicar por um ou dous dias pannos molhados em agua fria, e depois cobri-la com um pedaço de encerado inglez. Mas se a ferida se inflammam, é preciso deitar uma cataplasma de linhaça, e depois de combatida a inflammamção, applicar o encerado. *Veja-se* FERIDA.

Se a dentada fôr produzida por cão damnado ou por cobra venenosa, a primeira cousa que se deve fazer é lava-la com agua fria e immediatamente cauterisar com oleo de vitriolo ou algum outro caustico. *Veja-se* COBRAS, Vol. I, pag. 386; HYDROPHOBIA e MORDEDURAS DE ANIMAES VENENOSOS.

DENTES. Assim se chamão uns ossinhos mui duros, implantados nos alveolos dos queixos, e destinados a apertar, dividir e moer as substancias alimentarias. Seu numero nos adultos é de 16 em cada queixo, o que faz 32. Os quatro anteriores são *incisivos* ou *dianteiros*. O que vem depois, de cada lado, é o dente *canino* ou *presa*. Depois do dente canino, se achão de cada lado de um e outro queixo os dous *pequenos molares*, ou *pequenos queixaes*, emfim os tres *grandes molares*, ou *grandes queixaes*. O ultimo destes tres é chamado *dente do sisò*, por vir depois da idade da razão. Os incisivos e as presas tem uma só raiz; o mesmo acontece com os pequenos queixaes; ás vezes, entretanto, esta raiz é bifurcada, sobretudo nos do queixo superior; emquanto aos tres grandes queixaes, sua raiz apresenta sempre duas, tres, quatro ou cinco divisões.

Dá-se o nome de *corpo* ou *corôa* dos dentes, á sua parte livre, o de *raiz* á parte contida no alveolo, e o de *collo* ao estreitamento que separa a corôa da raiz. Cada dente é composto de uma parte dura, externa, e que se chama *marfim*. Esta é coberta, mas na corôa sómente, de uma substancia particular chamada *esmalte*. No centro de cada dente acha-se uma pequena cavidade occupada pelo *folliculo dentario*, substancia molle, gelatinosa, composta de nervos mui finos e de vasos mui delgados. Os grandes

soffrimentos que fazem experimentar ás vezes as dôres dos dentes tem sua séde nesta substancia.

Divido este artigo em duas partes: parte hygienica e parte pathologica. Na primeira, tratarei dos dentes no seu estado de saude, e indicarei os meios de conservar a estes orgãos suas condições normaes; na segunda, fallarei das suas molestias.

PARTE HYGIENICA. *Disposições normaes.* No estado normal os dentes são arranjados symetricamente sobre as margens dos queixos, chamados tambem mandibulas. A alvura constitue uma das suas qualidades mais preciosas. Os que são de um branco côr de leite ou de louça, e como transparentes, são raras vezes dotados de uma grande solidez. Estes caracteres se encontram nas pessoas debeis, lymphaticas, predispostas ás escrophulas e ao rachitismo. Os mais solidos são os de côr um pouco amarellada; encontram-se nas pessoas robustas, sanguineas e biliosas.

Anomalias relativas ao numero dos dentes. Em alguns individuos os dentes faltão inteiramente, e não se desenvolvem. De ordinario a privação só é parcial; umas vezes affecta só os dentes temporarios que faltão, e não os permanentes, que apparecem na época acostumada; outras vezes, são estes ultimos que não se mostram, mas só na parte anterior, e a bocca fica guarneçada dos queixaes. A arte é impotente para provocar, reanimar ou accelerar nestas circumstancias o trabalho da natureza. Não se deve entretanto desesperar do desenvolvimento dos dentes senão quando o individuo já não cresce, e é sómente nesta época que se devem substituir por peças artificiaes os vacuos deixados na organização.

Os dentes, em vez de faltarem, podem se apresentar em numero maior do que costumão ser. A exuberancia dos dentes é quasi sempre resultado da persistencia de alguns dentes temporarios, ao mesmo tempo que os permanentes se desenvolverão por diante ou por detrás delles. É pre-

ciso neste caso extrahir os temporarios; e qualquer que seja o gráo de inclinação dos outros, vê-se quasi sempre, depois desta operação, que se endireitão e entrão completamente na ordem dos outros. Mas é preciso fazer esta extracção com muita cautela, para não tomar por supranumerarios os dentes permanentes, que se desviarão do seu caminho por causa da persistencia dos primeiros. Às vezes a exuberancia dos dentes procede do numero dos germes dentarios; assim em alguns individuos, quando os dentes queixaes são renovados, e os grandes queixaes estão em seu lugar, apparece um dente supranumerario, de fôrma irregular e oblonga, que procura collocar-se entre elles. Convém igualmente fazer-se a sua extracção.

Obliquidade ou inclinação dos dentes. As causas da obliquidade dos dentes secundarios são a falta de proporção entre o seu volume e o espaço que devem occupar; a quêda mui tardia de algum dente primitivo; a existencia de um dente supranumerario. É facil, havendo cuidado durante a segunda dentição, prevenir grande numero destas anomalias. Se no principio da segunda dentição se manifesta algum ponto vermelho e doloroso, perto de um dente incisivo medio primitivo, convém extrahir este ultimo sem demora, para deixar lugar livre ao dente que quer sahir. Isto mesmo se deve praticar se por ventura elle tiver já sahido. Quando, apezar desta operação, os dentes medios permanentes não achão entre os incisivos temporarios lateraes espaço bastante para se arranjam convenientemente, devem-se extrahir aquelles que os constangem. Mas importa muito, para praticar esta extracção, que os dentes cujo desenvolvimento se deseja tenham adquirido a metade da sua altura. Anticipando-se a extracção, elles se afastarão de um para outro lado, e tomarão parte no lugar que devem occupar os dentes seguintes: e retardando-a muito, adquirirão pelo contrario as inclinações antero-posteriores, que se querem evitar. Os incisivos lateraes, por sua vez,

serão submettidos á mesma pratica ; isto é , depois de se terem extrahido , se fôr preciso , os dentes primitivos que devem substituir , extrahir-se-ha , depois da sahida de uma porção consideravel de sua corôa , uma ou outra presa , afim de lhes dar o espaço bastante de que elles podem necessitar. As presas emfim devem ser dirigidas da mesma maneira , no seu crescimento e sua collocação. Acontece ás vezes que é preciso sacrificar o primeiro pequeno queixal.

Raras vezes estas precauções deixão de ter bom exito. É muito mais difficil remediar a obliquidade dos dentes quando elles tem inteiramente sahido. Recorre-se então á lima , ás ligaduras fixadas sobre os dentes vizinhos , á luxação , ás differentes laminas destinadas a puxar os dentes desviados , para diante , para trás ou para fóra , etc. Qualquer que seja o processo a que se dê preferencia , o bom exito d'elle estará sempre em relação com o periodo da vida mais favoravel á operação , e este periodo é entre os oito e quatorze annos. Além dos quatorze ou quinze annos semelhantes operações expõem os dentes a serem abalados e a cahirem.

Quando não se pôde remediar á obliquidade dos dentes , é preciso corrigir os máos effeitos que resultão da sua presença. Assim , umas vezes devem-se extrahir os que são mui disformes e ferem a lingua , os beiços ou as faces , outras vezes limão-se-lhes as margens livres , ou cortão-se-lhes as corôas.

Os dentes apresentam em algumas pessoas uma inclinação geral para diante , e fazem uma proeminencia mais ou menos consideravel debaixo dos beiços. O costume que tem as crianças de chupar continuamente os dedos , um panno e mesmo a lingua , que levão então para diante , entre os beiços , é a causa mais ordinaria desta deformidade. Convém obriga-las a largar logo estes costumes , por ser mui difficil remediar esta deformidade depois de desenvolvida.

Pedra dos dentes. A saliva e os outros liquidos que affluem constantemente na bocca , produzem uma

materia amarellada, que se depõe sobre a superficie dos dentes, endurece-se gradualmente, descarna pouco a pouco estes orgãos, e emfim determina a quèda delles. Esta materia assim endurecida chama-se *pedra dos dentes*. Os cuidados de asseio, a acção mesma dos pós dentifricios não é sempre sufficiente para prevenir a formação destas concreções. Quando existem, é preciso tira-las sem demora com instrumento de aço.

Conservação dos dentes. Um regimen brando e regular, a ausencia de todos os excessos, a execução livre das principaes funcções, taes são os melhores meios de conservar a frescura da bocca, a firmeza das gengivas e a solidez dos dentes. Os outros cuidados são: não quebrar com os dentes corpos duros, subtrahir a bocca da mudança subita de temperatura dos alimentos, enxaguar a bocca com agua depois de cada comida, e tirar por meio de palitos todas as parcellas alimentarias que podem ficar entre os dentes. Os cuidados ordinarios de asseio bastão ordinariamente para entreter o bom estado das gengivas e dos dentes. Uma escova branda, dirigida primeiramente ao longo das corôas, da base para o apice: depois, atravéz, ao longo da fileira dentaria, basta com agua fria para tirar todas as manhãs a camada limosa que se depõe durante a noite. Muitas pessoas julgão ter limpado os dentes quando passarão uma escova sobre os de diante; não sabem que parcellas alimentarias introduzidas nas cavidades dos dentes cariados, ou nos intervallos dos dentes sãos, ou emfim no fundo da bocca, e por detrás dos ultimos queixaes, experimentão logo uma alteração putrida, e adquirem um cheiro insupportavel. Evitar-se-ha este incommodo levando com cuidado a escova a todos os lugares em que se podem demorar e corromper as substancias alimentarias. As fricções nunca devem ser fortes, nem fazer sangrar as gengivas. De tempos a tempos cobrir-se-ha a escova com alguns pós dentifricios, taes como os de raiz de lirio, de carvão,

de quina ou de algumas substancias igualmente inertes. É preciso proscrever com a maior severidade os pós compostos de preparações acidas, que não dão alvura aos dentes senão atacando-lhes o esmalte, e promovendo sua destruição e quéda. Tudo quanto póde destruir a *pedra*, por uma acção chimica, por fraca que seja, acaba por atacar os mesmos dentes. A venda destas substancias nocivas deveria ser o objecto de uma cuidadosa inspecção da parte da policia, e até mereceria a vindicta das leis.

Eis aqui as receitas dos melhores pós para os dentes, que podem ser empregados com toda a segurança e com a melhor vantagem:

- | | |
|---|------------|
| 1. ^a Pós de raiz de lirio florentino | 2 onças. |
| 2. ^a Pó de carvão de páo | 2 onças. |
| 3. ^a Pó de carvão de páo | 1 onça. |
| Quina pulverisada | 2 oitavas. |
| Oleo de cravo da India | 2 gottas. |
| Misture. | |
| 4. ^a Extracto de ratanhia | 1/2 onça. |
| Carvão de páo | 2 onças. |
| Canella | 2 oitavas. |
| Cravo da India | 2 oitavas. |
| Reduza tudo a pó impalpavel e misture. | |
| 5. ^a Magnesia calcinada | 1/2 onça. |
| Canella pulverisada | 2 oitavas. |
| Misture. | |

A primeira receita convém para todas as pessoas que querem entreter a limpeza da bocca, e póde servir para o uso quotidiano: a segunda é boa para as pessoas que tem máu halito, porque o carvão é o melhor desinfectante. A terceira e quarta é indicada quando as gengivas estão molles, inchadas e deitão sangue; e neste caso é bom ajuntar tambem a um copo d'agua com que se lava a bocca algumas gottas d'agua de Colonia. A quinta receita, isto é, os pós de magnesia, convém para as pessoas

que soffrem de azias. A magnesia neutralisa o acido que pôde desenvolver-se na saliva, e obra desta maneira como meio preservativo da carie.

As receitas das tinturas ou elixires odontalgicos de que se pôde fazer uso com vantagem são :

Elixir aromatico.

Tintura de baunilha	1/2 onça.
Tintura de pyrethro	4 onças.
Alcoolato de hortelãa	1 onça.
Alcoolato de alecrim	1 onça.
Alcoolato de rosas	2 onças.

Misture.

Deita-se uma colher de chá deste elixir n'um copo d'agua, e lava-se a bocca.

Thesouro da bocca.

Alcoolato de cochlearia	2 onças.
Alcoolato de alfazema	2 onças.
Alcoolato de hortelãa	1 onça.
Alcoolato de casca de limão	1 onça.

Misture.

Emprega-se da mesma maneira que o precedente.

Emquanto ao uso dos palitos que servem para tirar as substancias alimentarias retidas entre os dentes, convém não empregar senão os que são feitos de penna, de páo molle, de chifre, e crescer as facas, os alfinetes, as laminas metallicas, cujo contacto pôde offender os dentes.

Emfim, uma sabia e util precaução consiste em fazer visitar de tempos a tempos a bocca por um dentista habil e consciencioso. Com effeito, a carie dos dentes existe frequentemente ha muito tempo sem ter dado signaes de sua existencia; e quando apparecem dôres, já é mui tarde para achar remedio, entretanto que no principio, chumbando ou limando os dentes, pôdem-se impedir os progressos da carie.

MOLESTIAS DOS DENTES. *Abalo dos dentes.* As pancadas sobre os dentes, as quedas de encontro á

bocca, occasionão frequentemente a quebra dos alveolos e o rompimento das adherencias dos dentes, fazendo-os balançar. Basta, neste caso, que a pessoa se submetta a uma abstinencia severa de todo alimento solido. Pouco a pouco os dentes tornão a recobrar a solidez.

Quando o abalo dos dentes é consequencia da alteração das gengivas, como se observa nos escorbuticos, nas pessoas que abusão do mercurio, é preciso combater as causas da molestia, isto é, tratar no primeiro caso o escorbuto (*veja-se* esta palavra) pelos meios apropriados, e no segundo largar o uso do mercurio. Então o doente fará uso do gargarejo seguinte:

Alumen	1/2 oitava.
Vinho branco	8 onças.
Tintura de quina	2 oitavas.
Tintura de myrrha	4 oitava.
Mel rosado	4 onça.

Misture;

ou dê um gargarejo preparado com 3 onças de tintura de cochlearia e 3 onças de aguardente alcanforada. Quando as gengivas voltão ao estado normal, vê-se quasi sempre os dentes se consolidarem, e recobramem o exercicio de suas funcções.

Luxações. Quando nas quédas de rosto, nas percussões violentas dirigidas contra a bocca, um ou mais dentes sahem dos alveolos, é preciso pô-los no seu lugar e fixa-los nesta situação por meio de fios de seda, atados aos dentes vizinhos. Pouco a pouco os alveolos se apertão ao redor dos dentes luxados, e a arcada dentaria torna a recobrar a sua solidez.

Carie. É uma especie de mortificação dos dentes. Suas causas nem sempre são apreciaveis. É mui commum nos lugares baixos, humidos, pantanosos, nas cidades grandes e nos individuos lymphaticos. É tambem attribuida á mudança subita de temperatura nos alimentos e nas bebidas. As mulheres e os moços são mais sujeitos á carie dos dentes, o que é

mui raro passados os cincoenta annos. A observação mostra que os dentes correspondentes dos dous lados do mesmo queixo são affectados muitas vezes de carie ao mesmo tempo com intervallos mui proximos. Os dentes de leite são frequentemente atacados de carie, mas a molestia não se communica aos germes dos dentes secundarios. A vizinhança de uma carie ataca ás vezes os dentes sãos; porém o que mais frequentemente se observa é uma nodoa superficial e não dolorosa, uma simples alteração do esmalte, e não uma carie profunda e destruidora.

Para preservar os dentes de se cariarem, é preciso evitar as causas geraes de que a carie procede e observar todas as regras hygienicas. Aos individuos escrophulosos convém fazer uso de um regimen tonico, composto de carnes e de outros alimentos substanciaes, afim de melhorarem de constituição. Estas precauções são principalmente necessarias ás crianças cujos dentes de leite se mostram cariados. Deve-se evitar o resfriamento dos pés; é preciso entreter a limpeza da bocca pelos meios indicados acima, e banir todos os elixires e pós dentificios, em cuja composição entrão substancias acidas.

Quando a carie é superficial, cumpre desde logo destruir a porção affectada com a lima; pôde-se por este meio conservar o resto do orgão, ou ao menos retardar os progressos de sua destruição. Se o dente tiver buraco profundo, é preciso chumbalo. A existencia de dôres habituaes se pôde oppôr a esta operação; mas deve-se recorrer a ella sempre que fôr praticavel. Os dentes são orgãos summamente importantes e uteis; não se devem pois sacrificar sem necessidade absoluta. Com o tempo as dôres mais fortes se acalmão, e se as corôas se destroem, as raizes ao menos podem servir ainda á mastigação. Quantos individuos já velhos não ha que se dão por felizes em tê-las conservado? Quando a carie é mui profunda, quando o dente causa dôres continuas e exhala um cheiro infecto, ou quando não

póde ser chumbado, é preciso extrahi-lo. Nos dentes incisivos, entretanto, póde-se ás vezes tirar só a corôa e deixar a raiz, que, sendo depois submettida ás preparações necessarias, póde servir de base a um dente postiço.

Dôres de dentes. Ha muitas especies de dôres de dentes, conforme as causas que as podem determinar.

1.º *Dôr que procede da carie.* Póde-se fazer cessar as dôres occasionadas pela carie, introduzindo-se e deixando-se derreter na cavidade do dente uma pilula de meio grão de opio, que se repete de meia em meia hora, até a pessoa adormecer. No maior numero dos casos, ao acordar-se, a dôr tem desaparecido. Aconselha-se tambem a cauterisação do nervo, introduzindo-se na cavidade do dente cariado um estylete aquecido ao fogo; mas esta operação raras vezes é efficaz, e ha poucas pessoas que a ella se queirão sujeitar. A cauterisação com vitriolo, agua forte, ou outro qualquer acido mineral, não convém de maneira alguma; porque podem estes acidos derramar-se pelas partes vizinhas e atacar os dentes sãos. A applicação de algodão humedecido em creosota, liquido oleoso, proveniente da distillação do alcatrão, foi aconselhada com bom resultado para as dôres de dentes por carie. O oleo essencial de cravo da India póde igualmente ser empregado com a mesma vantagem. A seguinte *mistura odontalgica* é tambem util para acalmar as dôres de dentes que procedem de carie:

Ether sulfurico	1 oitava.
Laudano de Sydenham	1 oitava.
Essencia de cravo da India	1 oitava.

Molha-se o algodão nesta mistura e introduz-se na cavidade do dente cariado. O charlatanismo propõe todos os dias novos remedios, que não obrão de outra maneira senão cauterisando ligeiramente o nervo dentário. A base do famoso *Paraguay-Roux*, medicamento que tem uma grande reputação em França contra as dôres de dentes, é formada por

agriões do Pará! Quanto aos elixires, ás tinturas, á raiz do pyrethro e aos outros meios analogos, só produzem um pequeno allivio depois de desenvolverem na bocca uma sensação de queimadura, acompanhada de um affluxo de saliva; mas dahi a pouco tempo o soffrimento torna a apparecer. Quando a dôr é intensa e não dá esperanza de allivio, apesar de todos estes meios, é preciso então recorrer á extracção do dente.

2.º *Dôr nervosa dos dentes.* Esta dôr existe sem que haja molestia alguma das gengivas, dos dentes ou dos alveolos, e occupa quasi sempre muitos dentes. É mais frequente nas mulheres e homens fracos do que nos individuos robustos. Sua duração é variavel; a extracção dos dentes pôde augmenta-la em vez de a acalmar. Eis aqui as receitas que convém contra a dôr nervosa dos dentes:

Gargarejo calmante.

Cabeças de dormideiras.	1/2 onça.
Agua fervendo	16 onças.

Infunda por um quarto de hora e ajunte:

Laudano de Sydenham	1/2 onça.
Tintura de belladona	1 oitava.

É preciso gargarejar a bocca com este liquido.

Cataplasma calmante.

Cataplasma de linhaça feita em cozimento de folhas de figueira do inferno 8 onças.
Laudano de Sydenham 2 oitavas.
Misture e applique no rosto, do lado doloroso.

Pilulas odontalgicas.

Extracto de meimendro	4 grãos.
Extracto de valeriana	8 grãos.
Opio	2 grãos.
Oxydo de zinco	4 grãos.

Faça 4 pilulas. Toma-se uma pilula de hora em hora.

Os banhos d'agua quente, do corpo todo, constituem um remedio calmante de que se póde usar tambem contra a dôr nervosa dos dentes. Um brando laxante d'oleo de ricino ou de magnesia calcinada póde fazer uma revulsão salutar.

3.º *Dôr rheumatismal e gotosa.* Póde-se desenvolver nos dentes sãos ou affectados de carie; sobrevém particularmente nos tempos frios e humidos; é acompanhada de dôres no corpo e nos membros. O tratamento é o seguinte:— Toma a pessoa á noite um escaldapés de farinha com mostarda, bebe duas ou tres chicaras de chá de flôr de sabugueiro, e deita-se na cama, cobrindo-se bem para transpirar. No dia seguinte toma um ou dous grãos de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna.

Fluxão ou inchação do rosto, ou carregação dos dentes. Póde-se desenvolver na occasião de todas as lesões dos dentes, ou succeder ás operações, quaesquer que sejam, que se praticão nestes orgãos. Combate-se pela dieta, bebidas diluentes, cataplasmas de farinha de linhaça no rosto, gargarejos com decocção de raiz d'althéa, pediluvios sinapisados e purgantes brandos, como manná (duas onças), oleo de ricino ou sal de Glauber (a mesma dóse). Depois de alguns dias de duração, a dôr se acalma, a tumefacção exterior diminue, e tudo volta ao estado normal. Entretanto, em muitos individuos forma-se um abscesso, umas vezes da parte de fóra, porém mais ordinariamente dentro da bocca e no tecido das gengivas. Este abscesso é annunciado por dôres latejantes, pulsativas, e depois por um sentimento de peso nas gengivas. Uma tumefacção circumscripta, primeiramente dura, depois molle e fluctuante, indica a séde do abscesso, que convém abrir com a lanceta. A's vezes abre-se por si; então sahe o pus, as dôres e o engurgitamento desaparecem.

Fistulas dentarias. Assim se chamão pequenas aberturas, entretidas por uma suppuração mais ou menos abundante. Tem lugar nas gengivas, perto da raiz do dente ou no rosto, e dependem ordinaria-

mente da carie do dente, com cujo alveolo se communicão sempre. Para curar esta molestia, é preciso extrahir o dente affectado. Depois desta operação, as paredes do alveolo se apertão e se cicatrisão, e o tracto fistuloso, não tendo mais nada que o alimento, se oblitera espontaneamente.

Embotamento dos dentes. Esta affecção consiste n'uma sensação desagradavel, produzida pelo contacto de substancias acidas e acerbadas e pela acção de uma lima sobre os dentes. No embotamento dos dentes torna-se mui dolorosa a mastigação dos alimentos solidos; a dôr é augmentada pelo accesso de ar na bocca. Este incommodo é passageiro e desaparece por si. Póde-se diminui-lo esfregando os dentes com um panno quente, mastigando a raiz secca de althéa branca, ou friccionando os dentes e as gengivas com pós de magnesia calcinada.

Dentes postiços ou artificiaes. Chamão-se dentes artificiaes os que se poem nos lugares dos que forão extrahidos. Os de que se faz hoje uso são compostos de dentes humanos tirados dos cadaveres, de partes de dente de hippopótamo, de marfim, de dentes de boi, ou de massa de porcelana colorida com oxydos metallicos, e á qual se dá o nome de massa mineral. Os dentes fabricados de marfim, de hippopótamo e de outras substancias do mesmo genero, apresentam o grave inconveniente de serem esponjosos, de se alterarem promptamente, de adquirirem uma côr amarella e de se impregnarem de um cheiro desagradavel. Os dentes humanos, bem que mais duros do que os precedentes, alterão-se com o tempo, como todas as substancias animaes. Os dentes de massa mineral não apresentam estas imperfeições, e são com preferencia empregados, pela triplice vantagem da imitação da fórma, da côr e da solidez. Os dentes postiços podem ser fixados por encravacão, isto é, sobre a raiz conservada de um dente cuja corôa foi destruida pela carie, ou prendem-se aos dentes vizinhos por meio de laminas de metal elastico. A arte reproduz não só a perda de um

dente mas tambem a de muitos, e até a de toda a arcada dentaria. Estas peças extensas, modeladas sobre as gengivas, articuladas pela parte detrás por meio de molas, seguem todos os movimentos dos queixos durante a mastigação, assim como em todo o tempo que se falla. Tem ordinariamente por base porções do marfim de cavallo marinho, convenientemente coloridas, que substituem as gengivas, e sobre as quaes estão implantados os dentes posiços. Em lugar do marfim de cavallo marinho, empregão-se ás vezes laminas metallicas. Por meio destes processos corrige-se a deformidade, torna-se a falla livre e a mastigação tão commoda como antes da falta dos dentes. Entretanto, o uso dos dentes artificiaes exige muitas precauções.

ACCIDENTES QUE SEGUEM A EXTRACÇÃO DOS DENTES. *Hemorragia.* De todos os accidentes que resultão da extracção dos dentes, a hemorragia é o mais commum. Se procede da simples laceração das gengivas, são sufficientes para combatê-la os gargarjos d'agua misturada com um pouco de vinagre. Mas, se o sangue sahe da cavidade que era occupada pelo dente, é preciso introduzir nesta cavidade uma bola de fios ou de cêra, e exercer por cima uma compressão energica e prolongada. A's vezes esta compressão não basta; convém então introduzir na cavidade um pedaço de pedra infernal, e demora-lo um ou dous minutos até a cessação da hemorragia. A pedra infernal cauterisa a arteria que dá o sangue, e faz sempre parar o escorrimento.

Póde acontecer que, por engano, ou por applicação viciosa do instrumento, o dentista tire um dente são em lugar do dente cariado. Convém indicar este accidente para se ter todo o cuidado com elle.

Extracção dos dentes de leite. Os dentes de leite são frequentemente affectados de carie em consequencia de molestias ou por causa de predisposição particular; mas não se deve recorrer á sua extracção senão

no caso de uma imperiosa necessidade. É erro crer que um dente de leite pôde ser impunemente arrancado, sob pretexto de que, devendo cair um dia, é indifferente tira-lo mais cedo ou mais tarde; pôde-se nesta operação, praticada em tenra idade, offender ou extrahir o germe do dente permanente, particularmente os dos pequenos queixaes, que se achão entre as raizes encurvadas dos queixaes de leite; e ainda quando não aconteça este accidente, a margem alveolar fica angulosa e se oppõe até certo ponto á sahida do dente de substituição. E por isso convém empregar contra as molestias dos dentes de leite todos os meios para impedir os seus progressos ou alliviar as dôres que occasionão.

As presas e os dianteiros são em geral menos expostos á carie. Quando ella se manifesta, ataca ordinariamente os superiores, cuja corôa destroe enlão até á gengiva, sem quasi nunca occasionar dôres. Mas os queixaes, sobretudo os de baixo, offerecem cavidades que é facil chumbar; esta precaução tem a vantagem de prevenir frequentemente as dôres e de conservar os dentes até á sua substituição, de evitar as fistulas, as postemas, e de impedir que os alimentos se demorem nestas cavidades. Além disto, contra as dôres de dentes de leite occasionadas por carie, convém empregar os mesmos remedios que são indicados contra a carie dos dentes permanentes. (Veja-se mais acima, Vol. II, pag. 19 e 20.)

DENTIÇÃO. Designão-se pela palavra *dentição* todos os phenomenos da erupção dos dentes. Estes phenomenos podem ser normaes ou morbosos; ha uns que são proprios da primeira dentição, e outros que acompanhão a segunda.

Phenomenos normaes da primeira dentição. Tem-se visto mais de uma vez crianças nascerem com um ou mais dentes. Luiz XIV offereceu um exemplo disto. A's vezes, pelo contrario, a dentição é retardada até ao principio do segundo anno, ou ainda mais além, pois é sabido que ha individuos que tiverão o rompimento dos dentes na idade de onze annos.

Mas, geralmente fallando, os dentes principiãõ a apparecer do sexto mez até ao fim do primeiro anno. As gengivas inchão e tornão-se vermelhas, a criança saliva, põe os dentes na bocca, faz movimentos de impaciencia, grita facilmente. As faces offerecem a miudo leves vermelhidões, que vão e vem alternativamente. A ordem da sahida dos dentes varia com frequencia; eis aqui entretanto a que pôde ser considerada como a mais geral. Os dous dianteiros medios do queixo inferior rompem primeiro; quinze dias ou tres semanas depois, apparecem os correspondentes do queixo superior; depois os dous dianteiros lateraes inferiores, depois os superiores, e alguns mezes mais tarde apparecem, não as presas, como tem dito alguns autores, mas sim os primeiros pequenos queixaes, embaixo, depois os de cima; emfim rompem as presas e os segundos pequenos molares.

Eis aqui em que ordem e em que época rompem mais ordinariamente os dentes da primeira dentição.

Do quarto ao decimo mez, os quatro incisivos centraes (dianteiros), mas primeiramente os de baixo.

Do sexto ao duodecimo mez, os quatro incisivos (dianteiros) lateraes.

Do decimo até ao decimo quarto mez, os quatro primeiros queixaes.

Do duodecimo até ao vigesimo, as quatro presas.

De dous annos e meio a tres annos e meio, os segundos pequenos queixaes.

Estes dentes devem cair para serem substituidos: chamão-se *dentes primitivos*, *dentes de leite*, *dentes caducos* ou *temporarios*. No fim do quinto ou do sexto anno, sahem em cada queixada dous novos queixaes permanentes, isto é, os que não devem ser substituidos, e que ao depois são os primeiros grandes queixaes.

Phenomenos normaes da segunda dentição. A renovação dos dentes da primeira dentição principia aos

sete annos, e se faz na mesma ordem que a sua erupção, mas ainda com maior lentidão e irregularidade. Aos doze annos apparece o segundo grande molar; o terceiro demora-se até quasi aos 21 annos, e dahi provém o chamar-se-lhe dente do siso. Seu apparecimento é ás vezes muito tardio, e acontece mesmo não sahir nunca. Eis aqui a ordem mais ordinaria da erupção dos dentes permanentes.

De 5 a 6 annos, os primeiros grandes queixaes.

De 6 a 8 annos, os incisivos medios de baixo, depois os de cima.

De 7 a 9 annos, os incisivos lateraes.

De 10 a 12 annos, as presas.

De 9 a 11 annos, os primeiros e segundos pequenos queixaes.

De 12 a 17 annos, o segundo grande queixal.

De 20 a 24 annos, os quatro dentes do siso.

MOLESTIAS DA PRIMEIRA DENTIÇÃO. A grande mortandade que se observa na primeira idade da vida, a difficuldade de reconhecer a natureza de certas affecções da infancia, tem feito adoptar a opinião de que a *dentição* é a fonte principal de todas as molestias que atacão as crianças e a causa da morte de grande numero dellas. Por este preconceito commodo, faz-se cargo á natureza de muitos accidentes e de resultados funestos, que só procedem dos máos soccorros. A dentição por si só não é uma molestia, mas sim uma funcção natural. Muitas crianças chegam ao fim da sua dentição sem nunca apresentarem a menor alteração na saude. Entretanto, ha com effeito alguns accidentes realmente ligados a estas funcções, e estes accidentes são locaes ou geraes; os primeiros podem mesmo tornar-se a causa directa dos segundos.

O tratamento de algumas molestias produzidas pela dentição em nada differe do das mesmas molestias determinadas por outras causas; por consequente, pouco fallarei dellas: taes são *vomitos*, *diarrhéa*, *convulsões*; mas ha uma molestia, a *inchação*

das gengivas, que merece neste lugar uma completa descripção.

1.º *Inchação dolorosa das gengivas.* As gengivas são ás vezes mui grossas, de côr vermelha, e tão dolorosas, que a criança dá gritos continuos. Esta inchação é acompanhada de vermelhidão do rosto, calor da pelle, sêde ardente e modorra. A febre é continua ou interrompida de tempos a tempos. Esta molestia exige bebidas relaxantes, como agua panada, decocção de arroz, de cevada, adoçadas com mel de abelha. Os banhos geraes mornos são tambem de grande utilidade. Deve-se ao mesmo tempo entreter a liberdade do ventre por clysteres com decocção de linhaça simples, ou misturada com uma onça de azeite doce, ou com mel de abelha; com o mesmo intuito pôde-se dar um brando laxante, tal como uma onça de xarope de chicoria composto, ou de xarope de rosas brancas. Depois disto, applicar-se-hão nos pés cataplasmas quentes de farinha de linhaça, e ao depois sinapismos, para diminuir a congestão da cabeça e prevenir a modorra e as convulsões. Se ellas se declararem, será preciso applicar duas a quatro bichas atrás das orelhas. Quando todos estes meios fôrem inutilmente empregados e a inchação dolorosa da gengiva não diminuir, antes parecer como levantada pelo dente, é então util deixar praticar a sua incisão. Esta operação não é tão necessaria para os dentes incisivos e caninos, como para os queixaes, mas só é indicada quando a erupção do dente é imminente; feita em outra circumstancia, em vez de ser util, pôde-se tornar prejudicial, e só o cirurgião pôde reconhecer se é ou não indicada. A não se poder recorrer a ella, deve-se fazer com que a criança mas que algum corpo, como raiz de althéa ou de alcaçuz, molhada em mel de abelha ou em agua com assucar, para amollecere a gengiva e facilitar a sua perforação.

2.º *Vomitos.* É preciso dar grande attenção aos vomitos das crianças, porque elles são frequentemente o principio de alguma molestia grave do

cerebro ou do ventre; não se devem entretanto confundir com os vomitos de leite que procedem do excesso da alimentação, e que não podem inspirar o menor receio. Quando os vomitos não são acompanhados nem de vermelhidão da lingua nem de sensibilidade do ventre, basta limitar-se a bebidas emollientes, gommosas, como a decocção de arroz, de cevada, etc., aromatisadas com agua de flôres de laranja. Às vezes o xarope de quina é útil neste caso; administra-se na dóse de uma colher de chá, de tres em tres horas. Mas, se houver febre, vermelhidão de lingua, do rosto, dever-se-hão applicar uma ou duas bichas atrás das orelhas e sinapismos nos pés. Em todos os casos convém diminuir a quantidade dos alimentos.

3.º *Diarrhéa.* No principio, cozimento de linhaça, clysteres com decocção de raiz de althéa, com claras de ovos, com polvilho, cataplasmas de farinha de linhaça, banhos mornos, bastão frequentemente para atalhar os progressos da molestia. Se a diarrhéa se prolonga e passa ao estado chronico, é preciso tornar as bebidas ligeiramente adstringentes; assim administrar-se-hão decocções de arroz ou de cevada com xarope de limão, de marmelo. O xarope de quina dado por pequenas colheres, o vinho tinto em pequenas quantidades, os banhos com plantas aromaticas, são tambem indicados neste caso. Se a diarrhéa não ceder, administra-se poaya em pó na dóse de 6 a 8 grãos, para provocar os vomitos.

4.º *Convulsões.* Veja-se Vol. I, pag. 430.

5.º A primeira dentição é acompanhada frequentemente de pequenas *empigens* no rosto ou atrás das orelhas, de *erupções cutaneas*, que se encontram nas coxas e nadegas, e que se chamão *fogagem*. Estas pequenas molestias não exigem tratamento particular, e desaparecem depois da sahida dos dentes. Convém só fazer lavatorios com cozimento de linhaça.

MOLESTIAS DA SEGUNDA DENTIÇÃO. Certas molestias,

assim como certas mudanças na constituição e no moral, assignalão esta época; mas seria temeridade attribui-las á dentição. Se por ventura se desenvolverem effeitos locais ou sympathicos, semelhantes aos da primeira dentição, deve ter lugar o mesmo tratamento.

DENTIFRICIO. Preparação pharmaceutica na fórma de pós ou de opiato, destinada para limpar e conservar os dentes.

Ninguém ignora que se depõe sobre os dentes e perto das gengivas uma materia mais ou menos abundante. Esta materia torna-se dura accumulando-se, irrita e despega as gengivas, descarna os dentes, produz uma deterioração da bocca, e é causa do máo halito; é conhecida pelo nome de pedra dos dentes. O asseio é o remedio e o preservativo deste estado grave.

Para entreter o asseio dos dentes, empregão-se os pós ou os opiatos com que se esfregão os dentes, por meio de uma escova mais ou menos dura, ou de uma esponja fina. As receitas dos pós dentifricios são innumeraveis e contém todas carbonato e phosphato de cal, coral, magnesia calcinada, saes acidos, taes como cremor de tartaro, etc.; estes pós são coloridos com cochonilha e aromatisados com essencia de hortelã pimenta, de cravo da India, ou alguma outra. Os opiatos se preparão com os mesmos pós, misturados com mel de abelha. Nestas composições nunca devem entrar substancias mui acidas, como o alumen calcinado, o acido tartarico, e muito menos ainda os acidos mais fortes, que destruirião o esmalte dos dentes. A pedra pomes e os ossos da siba pulverisados são mui duros, podem destruir a substancia dentaria. As cinzas de charuto, o rapé, a borra do café, o papel queimado, em vez de tornarem os dentes brancos, podem torna-los amarellos. Os pós de raiz de lirio florentino puros constituem o melhor dentifricio. O carvão de páo pulverisado póde tambem ser empregado; goza da propriedade importante de des-

truir o máo halito, e de alvejar os dentes. *Veja-se* tambem o artigo DENTE, onde são indicadas algumas receitas de pós dentifícios, dos quaes se pôde usar com proveito, Vol. II, pag. 16.

DEPILATORIO. Dá-se este nome aos cosmeticos que tem a propriedade de determinar a quéda do cabello da pelle. A base destas preparaçõs é a cal virgem, o sulfureto de arsenico, e outras substancias causticas, mais ou menos perigosas. *Veja-se* COSMETICO, Vol. I, pag. 471.

DEPURANTES, DEPURATIVOS. Durante o reinado da medicina humoral, que deixou na mente do vulgo tão profundas raizes, julgava-se poder, com o soccorro de certas substancias, e particularmente de certos vegetaes, desembaraçar o sangue das materias impuras que se supponha estarem misturadas com elle; dahi vem o nome de *depurantes* dado a alguns medicamentos. Assim os *sumos de hervas* que se preparão ordinariamente pisando-se, em um almofariz, cerefolio, agriões, almeirão, alface, etc., e coando-se o sumo por um panno, são principalmente recommendados, como depurantes, ás pessoas sujeitas ás molestias da pelle. As virtudes destas plantas forão mui exaggeradas; mas nem por isso deixa de ser verdade que ellas podem ser uteis aos individuos affectados de empigens, de erupções, de dartros, e nunca podem ser nocivas. Os *robos*, os *xaropes*, as *misturas*, que um grande numero de charlatães offerecem ao publico como *depurantes*, não são ordinariamente tão innocentes. Os extractos concentrados que contém, os purgantes que se lhes ajuntão no maior numero de casos, tornão-se frequentemente mui prejudiciaes. O melhor é neste caso, como em outros muitos, dirigir-se uma pessoa ao medico, quando está doente, e abster-se de todo o remedio quando goza de boa saude.

DESCIDA. *Veja-se* QUEBRADURA.

DESFALLECIMENTO. *Veja-se* DESMAIO.

DESINFECCÃO. Operação por meio da qual se destroem as qualidades nocivas que o ar, as paredes

de um quarto, a roupa ou qualquer objecto adquirem pela impregnação de substancias mui tenues, de natureza mui diversa, ordinariamente designadas pelos nomes de miasmas, de emanações, de effluvios, etc. Os vapores das substancias odoríferas queimadas, taes como a alfazema, o vinagre, o alambre, o incenso, o assucar, etc., não são *desinfectantes*, porque não fazem senão encobrir por um instante os cheiros fetidos sem destruirem os miasmas, e, em vez de purificarem, vicião ainda mais o ar; são por conseguinte nocivos, e jámais deverião ser empregados. O mesmo se poderia dizer da combustão da polvora, fazendo-se comtudo abstracção do movimento que produz na atmospherá.

O chloro, os chloruretos de cal, de soda e de potassa, tem, pelo contrario, a propriedade de decompôr os miasmas putridos.

O ar pôde ser alterado pela combustão do carvão, pela reunião de muitas pessoas ou de muitos vegetaes em um lugar limitado, pela fermentação do vinho, pelas fermentações putridas, e principalmente as das latrinas, dos canos ou cloacas.

Se o ar não é viciado senão por proporções pouco consideraveis de gaz não respiravel, basta renovar o ar para desinfectar o lugar. A renovação do ar se opera por meio de janellas ou de outras aberturas situadas nas extremidades do espaço viciado. Quando, pela disposição dos lugares, a ventilação é mais difficil, como nas covas profundas que só tem uma abertura superior, modifica-se o processo da maneira seguinte: introduz-se na abertura unica um tubo, do qual uma das extremidades desce até ao fundo da excavação, e a outra se communica com o ar livre; dispõe-se um fogo vivo que se suspende na cova a um ou dous pés abaixo do orificio. Desta maneira o fogo dilata o ar situado emcima e attrahe o ar infectado da cova, o qual, á proporção que sobe e que sabe atravessando o foco, é substituido pelo ar exterior que chega á excavação por meio do tubo que se communica com a atmospherá. Os limpadores

de poços recorrem a um meio ainda mais simples, bem que da mesma natureza. Consiste em lançar repetidas vezes nos poços infectados grandes brasas bem accesas, até que a sua combustão se possa entreter facilmente. A bordo dos navios empregão-se diversas especies de ventiladores para purificar, pela renovação, o ar dos porões. Póde-se tambem, quando a insalubridade do ar depende da presença do gaz acido carbonico, associar aos meios de ventilação o emprego d'agua de cal, que absorve com rapidez este gaz deleterio. Quando os gazes ou emanações miasmaticas tem uma grande intensidade venenosa, como o ar mephítico das latrinas, a ventilação não basta. É preciso destruir o gaz hydrogenio sulfuretado, de cuja presença dependem as propriedades mortaes da atmospherá das latrinas. Obter-se-ha este resultado pelas aspersões e projecções na cova do chlorureto de cal, e pela ventilação por meio de um fogo que dilate o ar da cova posta em contacto com o ar externo por meio de um tubo, como acima fica dito.

O ar póde ser viciado pelas emanações de materias vegetaes ou animaes em decomposição, como acontece nas salas dos hospitaes, lugares de sepulturas, salas anatomicas, etc.; neste caso é preciso servir-se dos vapores de chloro. Eis aqui a maneira de desenvolver o chloro, conforme o processo de Guyton de Morveau. Põe-se em diferentes capsulas de barro uma mistura intima de uma parte de peroxydo de manganez e de quatro partes de sal commum, pesados na balança; deitão-se de tempos em tempos sobre estes pós duas partes de acido sulfurico, diluido por outra tanta d'agua, e agita-se a massa. Collocão-se as capsulas sobre cinzas quentes, e de quando em quando passeia-se com ellas por diferentes pontos do lugar que se desinfecta. Entretem-se estas fumigações por muitas horas, e fecha-se exactamente o local. Vinte horas depois, abrem-se as portas e janellas, e o ar se renova. Por este meio torna-se sadio o lugar mais infecto. A roupa do

corpo e da cama desinfecta-se dependurando-a em algum espaço em que se desenvolva chloro gazoso em quantidade. Se se quer desinfectar a madeira da cama ou outros moveis, é preciso, antes de expô-los a estas fumigações, lava-los com agua chlorurada preparada da maneira seguinte: deita-se sobre duas onças de chlorureto de cal secco tres libras d'agua, agita-se, e deixa-se formar um deposito. Cõa-se o licór, deitão-se ainda sobre o deposito duas libras d'agua, e reúnem-se estes dous licôres.

Os vapores de chloro desenvolvidos conforme o processo guytoniano não se podem empregar senão em lugares deshabitados, por causa de sua acção irritante sobre os órgãos pulmonares. Para os quartos habitados empregão-se os chloruretos, e collocão-se de distancia em distancia em pratos com dissolução concentrada de chlorureto de cal (preparada como acima), e deixa-se o desenvolvimento operar-se ao ar; pôde-se tambem fazer regaduras com uma dissolução mais diluida (duas libras de dissolução concentrada diluidas em vinte e quatro libras d'agua) ou com agua de Labarraque. Desta maneira desinfectão-se as latrinas, os hospitaes, os quartos dos doentes, e proporcionando sempre a quantidade de chlorureto á intensidade dos miasmas. O desenvolvimento do chloro humido que se opera gradualmente não tem os inconvenientes do chloro das fumigações; até obra com vantagem nos individuos affectados de catarrhos pulmonares, de tísica, e excita o appetite das pessoas que estão de boa saude.

Quando se trata sómente de purificar roupa impregnada de fumo de tabaco ou de algum outro cheiro desagradavel, basta suspendê-la em um armario, no qual se collocão dous pratos com duas onças de chlorureto de cal secco, e fecha-se o armario. Seis horas depois, o cheiro do tabaco estará destruido.

Lembraremos tambem neste lugar que, para a desinfectão das aguas e das carnes que tem soffrido um principio de decomposição, emprega-

se o carvão com maravilhosa vantagem. (*Veja-se CARVÃO, Vol. 1, pag. 290.*)

Digamos, recapitulando, como obrão os diferentes agentes de desinfecção. A *ventilação* renova o ar e leva á immensidade atmospherica o ar dos espaços circumscriptos que estão infectados. A *agua de cal* absorve o acido carbonico, qualquer que seja a sua fonte. O *chloro* decompõe o hydrogenio sulfuretado e todos os miasmas putridos, apoderando-se de um dos seus principios constituintes, o hydrogenio, com que se combina, para formar o acido hydrochlorico. O *carvão*, emfim, destróe a podridão das aguas e o cheiro infecto das materias vegetaes ou animaes em decomposição, absorvendo os gazes deleterios que resultão destas decomposições.

Emquanto aos estados atmosphericos, debaixo de cuja influencia reinão as molestias epidemicas ou contagiosas, a arte é impotente contra elles. Mas ainda nestes casos não se devem desprezar as fumigações do gaz chloro que se desenvolve da agua de Labarraque e de outras composições que acabamos de indicar.

DESLOCAÇÃO ou **LUXAÇÃO**. Chama-se *deslocação* ou *luxação* a sahida de um osso do lugar que occupava em uma junta, de sorte que os dous ossos, naturalmente unidos, cessão de estar em contacto. As deslocações mais frequentes são as do hombro, da mão, da coxa, da perna, do queixo; entretanto todas as juntas são susceptiveis de ser deslocadas.

A causa deste accidente é ordinariamente uma violencia exterior, como pancada, quéda, etc. A deslocação é acompanhada de um sentimento de rasgadura interior, como dór viva e persistente. A parte deslocada perdeu sua fôrma; comparando-a com a junta do lado opposto, vê-se que o seu contorno apresenta, em certos pontos, proeminencias anormaes, e em outros profundezas e vacuos insolitos. Se é um membro, augmenta ou diminue de

comprimento e muda de direcção. São mui dolorosos os esforços que se fazem para movê-lo, certos movimentos habituaes são inteiramente impossiveis; não sómente o doente, mas até a mão de outra pessoa não pôde executa-los.

Signaes que distinguem a deslocação da fractura. A parte deslocada fica invariavelmente na posição insolita que tomou, e só com grande esforço se lhe pôde dar a direcção primitiva; conserva então esta direcção, e o restabelecimento das superficies articulares nas suas relações naturaes é marcada pela cessação completa da dôr, da deformação e pela volta da facilidade dos movimentos. Isso estabelece uma differença notavel entre as deslocações e as fracturas, que apresentam alguns signaes analogos; mas, nas fracturas, a parte affectada offerece uma mobilidade insolita, n'um ponto que não corresponde a nenhuma junta, uma facilidade bastante grande para voltar á sua conformação primitiva, quando se exercem nella esforços convenientes, e uma facilidade ainda maior para recobrar sua conformação viciosa logo que cessão estes esforços. Além disto, nas deslocações ha ausencia da crepitação que existe nas fracturas quando se move o membro, e que procede do contacto dos fragmentos do osso quebrado.

O *tratamento* das deslocações deve ter por fim: 1.º, restabelecer o osso deslocado no seu lugar natural; 2.º, prevenir ou combater os accidentes inflammatorios ou outros que podem acompanhar ou seguir a deslocação.

Para isto se conseguir, puxa-se forte, mas gradualmente e sem sacudir, o membro deslocado, afim de se vencer a resistencia dos musculos que o mantém na sua posição defeituosa: isto chama-se a *extensão*; outras pessoas segurão o corpo com bastante firmeza, para que resista á extensão que puxa por elle, e é isto a *contra-extensão*. Emfim, estes dous esforços serião inuteis sem a direcção que se deve imprimir ao osso deslocado para restitui-lo á sua

situação normal, quando a extensão o tem posto ao nível de sua cavidade, é a *coaptação*. Estes tres meios seguidos de bom exito constituem o que se chama *reducção*.

A volta do osso á sua situação normal é annunciada quasi sempre por um movimento rapido e por uma especie d'estalo, depois do qual a dór, a deformidade e todos os accidentes desaparecem logo pela maior parte, e a junta recobra a facilidade de seus movimentos.

Depois da *reducção*, o membro deve ser posto n'um estado completo de repouso e de relaxação. Applicações de pannos molhados em agua fria e vinagre, uma compressão mediocre, o repouso e algumas bebidas diluentes, como limonada de limão, de laranja, agua de cevada, taes são os meios que devem ser geralmente empregados.

Em geral, quanto mais cedo se fazem as tentativas para reduzir uma deslocação, tanto mais promptos e felizes são os resultados. Ás vezes a resistencia dos musculos é tão grande que se oppõe á *reducção*: é preciso então recorrer á sangria, dieta, banhos mornos prolongados. As deslocações antigas são mais graves que as recentes, porque, á proporção que o tempo augmenta, assim vai diminuindo a esperança da *reducção*. Entretanto, não ha uma época fixa em que a deslocação fique irreductivel, e existem provas de se haverem reduzido deslocações que existião ha quarenta e até oitenta dias.

DESLOCAÇÃO DO ANTEBRAÇO. *Veja-se* COTOVELLO.

DESLOCAÇÃO DO BRAÇO. *Veja-se* BRAÇO.

DESLOCAÇÃO DO COTOVELLO. *Veja-se* COTOVELLO.

DESLOCAÇÃO DA COXA. *Veja-se* COXA.

DESLOCAÇÃO DO HOMBRO. *Veja-se* BRAÇO.

DESLOCAÇÃO DO JOELHO. *Veja-se* JOELHO.

DESLOCAÇÃO DA MÃO. *Veja-se* MÃO.

DESLOCAÇÃO DA MUNHECA. *Veja-se* MÃO.

DESLOCAÇÃO DO PÉ. *Veja-se* PÉ.

DESLOCAÇÃO DO QUEIXO. *Veja-se* QUEIXO.

DESMAIO, DELIQUIO, SYNCOPE. Por estes tres

nomes se designa a perda mais ou menos completa dos sentidos e do movimento. No desmaio e no deliquio, a respiração e os movimentos do coração continuão a exercer-se, porém n'um grão muito mais fraco do que no estado normal. O desmaio é o primeiro grão da *syncope*, na qual, além da perda dos sentidos e do movimento, existe a cessação completa da circulação e da respiração. Todavia, a fonte destes accidentes é a mesma, reside na diminuição ou suspensão dos movimentos do coração; e estas tres palavras, desmaio, deliquio e *syncope*, são frequentemente tomadas, na linguagem ordinaria, uma por outra. O desmaio chama-se tambem *vágado*, e diz-se vulgarmente *deu um vágado*, o que significa cahir em desmaio.

As vezes a *syncope* sobrevém subitamente sem ser precedida de signal algum, e então o corpo fica de repente sem movimento, sem sentimento e como privado de vida. Entretanto, as mais das vezes este accidente é precedido de symptomas que annuncião sua imminencia ou sua invasão. A primeira sensação tem ordinariamente lugar na região do coração: logo a vista se escurece, os ouvidos zunem, o rosto torna-se pallido, o corpo se cobre de um suor frio; o doente ouve tudo o que se diz ao redor d'elle, mas não pôde fallar (desmaio). Um instante depois, tudo desaparece, até o sentimento intimo da existencia: a luz, os sons, os cheiros, os sabores, as impressões do tacto, não são mais percebidos; o doente perde até a confusa consciencia de sua existencia (deliquio). Mais um progresso, e então todas as manifestações vitaes ficão suspensas: as pancadas, a principio lentas e fracas do coração e do pulso, não são mais sensiveis; o peito fica immovel, o rosto pallido, o corpo frio, e, sendo abandonado a seu proprio peso, cahe sem sentimento.

Este estado de morte apparente que produz a *syncope* não differe da morte real senão pela continuação de certas funcções internas, taes como a absorpção, a nutrição e as secreções. Mas, se este

estado persistisse longo tempo, todas as funcções internas pararião, e uma morte real succederia inevitavelmente a esta morte apparente; mas no maior numero dos casos este eclipse da vida é momentaneo e não dura commummente senão alguns minutos, e em muitos outros limita-se a alguns segundos. Rarissimas vezes se prolonga por muitas horas e mesmo por dias inteiros, como succede no hysticismo. Este estado de syncope prolongada tem já dado lugar a erros deploraveis; alguns individuos tem sido enterados vivos. No artigo *inhumação* indicamos os signaes que distinguem a morte apparente da morte real, que servirão de cautela contra estes infelizes enganos. Fóra disto, a syncope raras vezes é perigosa. A syncope não é acompanhada de dôr; o sentimento de languidez que a precede em certos casos, longe de ser penoso, póde não ser isento de prazer. Tornando a si depois da syncope produzida por uma quéda de cavallo, o illustre Montaigne teve saudades do sentimento voluptuoso que experimentou durante este desaparecimento rapido da vida. « O sentimento de doce languidez e de paz profunda que me lembro, diz em um sensível accesso de melancolia o Dr. Chamberet, ter experimentado em uma syncope semelhante que me sobreveio sem causa conhecida em um passeio, na idade de 22 annos, em estado de saude perfeita, não me deixou senão o arrependimento de não ter salvado os limites da eternidade, e não contribuiu pouco a me reconciliar com a idéa geralmente tão espantosa da morte, de que a syncope me parece ser uma fiel imagem. »

Um dos erros mais graves que se podem commetter na syncope consiste em confundi-la com uma congestão cerebral, um ataque de apoplexia, pois que o tratamento que é applicavel a esta é capaz de tornar mortal a syncope. Eis-aqui os seus signaes distinctivos: o pulso e a respiração não parão de repente nas congestões e nas apoplexias cerebraes (ao menos quando não são fulminantes); e demais,

o rosto fica ordinariamente corado. Na asphyxia, que tem tambem grandes connexões com a syncope, existe, para dissipar a confusão, a alteração do ar pela combustão do carvão ou pelos outros gazes irrespiraveis, e quasi sempre a côr violacea do rosto. Os movimentos convulsivos e a conservação do pulso distinguem da syncope os accessos de epilepsia e de hysterismo. Ella se distingue ainda da catalepsia e do lethargo, pois que nestes ultimos a circulação do sangue é apreciavel. É verdade, entretanto, que o fim dos accessos hystericos e catalepticos é ás vezes semelhante á morte apparente e á syncope; mas os antecedentes impedem a confusão; além de que, nestas graves occasiões, o tratamento não é mui differente.

Causas. A syncope, nos seus diversos grãos, procede sempre, como já temos dito, da fraqueza ou da suspensão dos movimentos do coração, que não lança o sangue em bastante quantidade para estimular o cerebro. As causas deste accidente são numerosas, e sua apreciação é mui importante para assentar o prognostico. Entre as mais graves, é preciso primeiramente contar as lesões recentes ou antigas do coração, como feridas, aneurismas e inflammações deste orgão. O desmaio é um accidente mui ordinario das sangrias e das hemorragias abundantes. A inanição de forças que procede de molestias, de evacuações excessivas, espontaneas ou provocadas, é uma causa frequente de desmaios ou de syncopes. O deliquio acompanha ás vezes a indigestão. As influencias directas sobre o systema nervoso tem ainda uma parte muito activa na producção deste accidente, provocando os espasmos, os quaes suspendem a circulação: estas influencias são as sensações, as emoções, as paixões excessivas de prazer ou de dôr. Ha individuos em que a sensibilidade é tão viva e pervertida, a constituição tão delicada, que lhes basta ouvir, ver, cheirar, gostar ou tocar os objectos mais innocentes, para cahirem em desmaio.

Prognostico. Regra geral, a syncope é um accidente que mais espanta do que é perigoso. Sendo consequencia de uma ferida penetrante do peito ou do ventre, deve fazer temer uma lesão do coração ou de algum vaso grosso, uma hemorrhagia interna e uma morte proxima. É de máo agouro nas affecções do coração. A syncope inspira justamente vivas inquietações quando succede a hemorrhagias excessivas; entretanto, é tambem um meio de que se serve a natureza para atalha-las, pois que estas hemorrhagias se suspendem no momento da syncope. Quando a syncope sobrevém immediatamente depois do parto, é preciso attender a que não seja occasionada por um derramamento sanguineo no interior do utero, porque neste caso seria mui grave. Mas, se estes casos de syncope são os mais serios, não são felizmente os mais ordinarios. A syncope que é consequencia de uma sangria, de um parto sem hemorrhagia, da evacuação das aguas de um hydropico, dos vomitos e das diarrhéas immoderadas, da abstinencia ou de um regimen mui parco, de uma indigestão, da acção de um calor suffocante e de uma atmospherá alterada, dos abusos venereos, de uma carreira precipitada, de uma fadiga physica ou mental excessiva, de uma sensação desagradavel ou dolorosa, de uma emoção de pesar ou de prazer, etc., esta syncope, dizemos, é raras vezes grave e não tarda em dissipar-se.

Tratamento. A primeira cousa que fazer contra a syncope é pôr a pessoa em postura horizontal. Frequentemente aos primeiros signaes de desmaio basta assenta-la, se está em pé, ou deita-la de costas, para prevenir a syncope. Ao mesmo tempo pratiquem-se aspersões d'agua fria sobre o rosto, e faça-se o doente inspirar algum cheiro, aproximando-lhe aos narizes um frasco com vinagre, agua de Colonia, ether, ammoniaco, ou introduzindo-lhe rapé no nariz. Se a syncope se prolonga, é preciso tirar todos os vestidos, todos os atilhos que possam impedir a circulação, expôr o rosto do doente ao ar

fresco, aquentar as partes que se esfrião, friccionando-as com uma baeta quente, cercandolas com garrafas cheias d'agua quente, e applicando sinapismos nos braços, pés e pernas. Se a syncope sobrevém durante uma sangria, uma hemorrhagia, basta applicar uma atadura sobre a sisura da lanceta, ou sobre a ferida donde sahe o sangue, e deitar o doente horizontalmente sem travesseiro á cabeça, para ver cessar em breve este estado. Logo que o doente recobrar o uso da razão, se se sentir fraco, dê-se-lhe uma ou duas colheres de vinho generoso, ou uma chicara de caldo, ou de chá da Índia.

DESMAMAÇÃO. Accção pela qual se tira á criança o leite de peito e se lhe dão alimentos mais solidos. A época em que se deve desmamar a criança não pôde ser determinada de uma maneira absoluta. O desenvolvimento da mesma criança, a falta de leite na ama, devem servir de dados para esta determinação. Os antigos pensavão que esta época devia ser marcada quando a criança tivesse vinte dentes; mas em algumas os ultimos dentes são mui demorados. Algumas pessoas exigem o rompimento das presas; nada disto é de rigor, e, em geral, o intervallo entre um anno e anno e meio é a época em que deve ter lugar a desmamação. Passado este tempo, a lactação pôde produzir graves inconvenientes para a criança, taes como o rachitismo, as escrophulas e outras molestias que procedem de uma nutrição insufficiente e debilitante. Para os cuidados que se devem ter com a criança que se desmama e com a ama de leite que cessa a lactação, veja-se o artigo **AMAMENTAÇÃO**, Vol. I, pag. 82.

DESTEMPERO DO VENTRE. *Veja-se* DIARRHÉA.

DESTRONCADO. *Veja-se* TORCEDURA.

DIABETES. Chama-se diabetes a secreção da ourina muito mais abundante que no estado normal; e conforme este liquido tem ou não o gosto assucarado, assim a molestia se chama *diabetes saccharino* (ourinas doces), ou *diabetes não saccharino*. A abundancia das ourinas é tal, que parece que todas as

bebidas e até maior parte dos alimentos solidos passam através do corpo e sahem pelas ourinas sem terem servido á nutrição. A quantidade das ourinas excretadas póde chegar a duzentas libras em vinte e quatro horas; é sempre superior á dos liquidos ingeridos.

Causas. O diabetes é muito mais commum nos paizes humidos e frios do que nas outras regiões. Atribue-se esta molestia ao uso das bebidas quentes, aqueas, como o chá, a cerveja, a cidra; ao abuso dos licóres alcoolicos, dos medicamentos diureticos, aos excessos venereos, á suppressão subita de uma empigem ou da transpiração cutanea e á equitação prolongada. Mas a causa essencial desta singular molestia não é conhecida; não se sabe se se deve accusar uma lesão especial dos rins, uma especie de decomposição do sangue, uma molestia do estomago ou uma affecção mais ou menos geral da economia. Todas estas opiniões tem sido ventiladas sem estarem plenamente demonstradas.

Tratamento. Recommenda-se no diabetes um regimen pela maior parte animal e o uso de vinho generoso. As sopas gordas, a vacca e o carneiro assados, os chouriços, o toucinho, ovos, peixe, presunto, comidas salgadas, dos vegetaes as azedas, almeirão e agriões são os alimentos que se aconselham nesta molestia. Faz-se ao mesmo tempo uso quotidiano de um copo de decocção amarga, como de quina, de calumba, de ratanhia, de simaruba, que se prepara com uma oitava de qualquer destas substancias e duas chicaras d'agua reduzidas pela cocção a uma chicara. Os vegetaes que não são indicados aqui devem ser proscriptos do regimen dos doentes, por conterem muitos fluidos, e servirem por conseguinte de augmentar a secreção urinaria; banhos de vapor e exercicios forçados e repetidos podem ser uteis por causa da transpiração que determinão. Emprega-se tambem com vantagem a magnesia calcinada, na dóse de oitava e meia todos os dias, por espaço de oito a quinze dias.

que nas outras épocas da vida. As evacuações aqueas e a diminuição rapida da gordura e das forças são sobretudo signaes sinistros. Nas mulheres gravidas póde occasionar o aborto.

Tratamento. O tratamento da diarrhéa varia conforme o gráo de intensidade da molestia. Na diarrhéa leve, basta diminuir a quantidade ordinaria dos alimentos e determinar a escolha delles. Sopas de carnes frescas, ovos, frango, gallinha e carneiro assados, peixes, geléas animaes e vegetaes, bom pão, devem compór o regimen. Ajuntão-se-lhes bebidas mucilaginosas e levemente adstringentes, taes como agua de arroz, de cevada, decocção branca de Sydenham, dissolução de gomma arabica, edulcoradas, no principio da molestia, com xarope de gomma, e depois com xarope de marmelo. Tambem allivia o emprego de clysteres com decocção de linhaça.

Quando a diarrhéa é intensa, o tratamento é mais activo. O doente abster-se-ha inteiramente de alimentos solidos. Deve não sahir do quarto e mesmo persistir na cama, e cobrir-se mais do que tem de costume. As bebidas são as mesmas que na diarrhéa leve; mas tomar-se-hão mornas, sobretudo quando a sêde não fôr muita. Banhos de assento mornos são mui vantajosos. Devem-se dar duas vezes por dia clysteres de linhaça, e ter tambem o ventre continuamente coberto de cataplasmas de linhaça. A applicação de bichas no ventre é indicada nos casos em que a inflammação excede a medida ordinaria, em que a dôr é constante e o ventre sensivel á pressão. Quatro a cinco dias depois, se a diarrhéa persistir, empregar-se-hão, em lugar de clysteres emollientes simples, clysteres opiaceos preparados da maneira seguinte:

Sementes de linhaça 1 colher de sopa.

Agua 1/2 quartilho.

Ferva até ficar em metade, cõe e dissolva:

Polvilho 1 colher de sopa.

Ajunte ainda:

Laudano de Sydenham 10 gottas.

Dão-se dous clysterses destes por dia, e o doente deve guarda-los o mais tempo possível. Se assim não puder ser, administrar-se-ha opio pela bocca em pilulas preparadas conforme a receita seguinte:

Opio 6 grãos.
Extracto de alcaçuz 18 grãos.

Faça 24 pilulas.

No primeiro dia tomar-se-hão 4 pilulas com intervallos iguaes, no segundo 8, no terceiro e nos diasseguintes 12. Sea molestia não obedecer, é preciso tomar um vomitorio, isto é, 18 a 24 grãos de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna.

As claras de ovo constituem tambem um bom medicamento contra a diarrhéa. Para este fim bebede-se uma clara de ovo batida em meia chicara d'agua morna com assucar, e repete-se esta bebida quatro ou cinco vezes ao dia. Ao mesmo tempo administrão-se dous clysterses por dia, cada um com uma chicara d'agua morna e duas claras de ovo.

Neste ultimo caso, o cato, a quina, a simaruba, a bistorta, a ratanhia, a cascarrilha, a canella, a triaga e o diascordio contão numerosas vantagens. Eis aqui as differentes receitas destas substancias e a maneira de sua administração:

1. ^a Cato em pó	1 oitava.
Cascarrilha em pó	1 oitava.
Canella em pó	1 oitava.
Gomma arabica em pó	1 oitava.
Misture e divida em 12 papeis.	

Toma-se um papel de duas em duas horas, seis vezes por dia, em uma colher d'agua com assucar.

2. ^a Cato	4 oitavas.
Canella	1 oitava.
Agua fervendo	12 onças.

Infunda por espaço de meia hora, cõe e junte:

Gomma arabica	2 oitavas.
Assucar	1 onça.

Misture. Tomem-se duas colheres de sopa de hora em hora.

- 3.^a Extracto de quina 1/2 oitava.
 Tintura de canella 1/2 oitava.
 Xarope de marmelo 4 oitavas.
 Infusão de rosas vermelhas 6 onças.

Misture. Toma-se uma colher de sopa de hora em hora.

- 4.^a Cato 2 oitavas.
 Alumen 1 oitava.
 Opio 12 grãos.
 Xarope quantidade sufficiente.

Fação-se 48 pilulas. Toma-se uma pilula 4 a 6 vezes por dia.

- 5.^a Casca de simaruba 2 oitavas.
 Agua 16 onças.
 Ferva até reduzir-se á metade e ajunte:
 Assucar 4 oitavas.

Esta decoção toma-se fria duas vezes por dia.

- 6.^a Raiz de bistorta 1 onça.
 Ferva por duas horas, cõe e junte:
 Assucar 4 onça.

Este cozimento toma-se frio, tres ou quatro vezes por dia.

- 7.^a Extracto de ratanhia 1 oitava.
 Agua distillada de rosas 4 onças.

Misture. Tome-se uma colher de sopa de hora em hora.

- 8.^a *Clyster com triaga.*
 Triaga 2 oitavas.
 Agua morna 6 onças.
 Dissolva.

- 9.^a *Clyster de diasco rdio.*
 Diascordio 2 oitavas.
 Agua morna 6 onças.
 Dissolva.

Toma-se um ou outro clyster uma vez por dia.
 Qualquer que seja o medicamento que se escolha deste numero, é preciso que o doente continue a

usar delle ao menos por 2 ou 3 dias antes de ensaiar outro. Os vinhos da Madeira e Porto, tomados em pequena quantidade, convém tambem nas diarrhéas chronicas. Mas, se acontece que a medicação adstringente exaspera os symptomas em vez de melhora-los, é preciso voltar aos medicamentos emollientes.

Os doentes devem observar muito asseio; os vasos com evacuações alvinas devem ser afastados dos seus quartos, e deve-se espalhar nos mesmos quartos agua de Labarraque tres ou quatro vezes por dia.

Algumas diarrhéas rebeldes cedem aos vestidos de flabella applicados sobre toda a superficie do corpo e a um vesicatorio no ventre.

A diarrhéa das crianças depende, como já disse, ou da má qualidade do leite da ama, ou da desmação mui subita; póde ser sympathica em consequencia da dentição, ou finalmente apparecer sem causa apreciavel. No primeiro caso, é preciso mudar de ama; no segundo, amamentar de novo a criança, e não dar-lhe alimentos senão gradualmente. Nos outros casos, é preciso combater a molestia com bebidas gommosas e mucilaginosas, taes como a decocção de arroz, de cevada, de althéa e de linhaça; com clysteres de polvilho e clara de ovo. Se a diarrhéa se prolongar e passar ao estado chronico, deve-se dar á criança algumas colheres por dia de xarope de quina ou de marmelo, d'agua com vinho tinto, e empregar banhos de plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, folhas de laranjeira, hortelãa, etc.

DIETA. A dieta, no sentido mais extenso, designa a maneira regrada de viver, isto é, o emprego bem ordenado e acautelado de tudo quanto é necessario para conservar a vida, quer esta se ache boa, quer esteja enferma. Entretanto, esta palavra, tomada fóra de sua accepção primitiva, é frequentemente empregada como synonymo de *abstinencia*, e significa então privação de alimentos imposta a um doente. Chama-se tambem *dieta* o uso habitual de certas substancias alimentarias. Trataremos aqui da dieta neste ultimo sentido, e como no artigo

ALIMENTOS já fallámos da dieta no estado de saude, só nos occuparemos neste lugar da alimentação dos doentes.

Da dieta nas molestias agudas. A dieta é um dos pontos do tratamento das molestias que tem fixado a attenção dos medicos desde os tempos mais remotos, e quasi todos a tem como objecto da maior importancia. A mesma natureza parece indicar a abstinencia nas molestias agudas, pois que estas são acompanhadas sempre de perda de appetite. Quando nellas os doentes pedem alimentos, deve-se suppôr que semelhante reclamação é sempre consequencia das idéas falsas de que estão imbuídos, ou devida á força do costume. E por isso raras vezes os doentes comem o que pedem, e, se comem, é com repugnancia e fastio.

Privando a economia das substancias alimentarias, vê-se a maior parte das funcções experimentar grandes mudanças; a circulação torna-se mais lenta, a susceptibilidade nervosa, o sangue, sobretudo, torna-se menos excitante, a absorpção executa-se com actividade. Todas estas circumstancias são mui favoraveis para a cura das molestias agudas. E por isso a abstinencia mais ou menos completa das substancias nutritivas é um dos mais poderosos meios que a medicina póde empregar contra estas affecções. Em grande numero de casos, póde só por si, e sem o soccorro de nenhum medicamento, produzir a resolução da molestia. Isto só parece difficil de crer ás pessoas estranhas á arte medica. A fraqueza dos doentes é a primeira cousa que fixa a sua attenção, e constitue para ellas toda a molestia. Entretanto, mil exemplos lhes provão o contrario: no pleuriz, por exemplo, um individuo poderá sustentar-se de pé depois de vinte dias de dieta e de muitas evacuações sanguineas, não o podendo fazer todavia por alguns minutos, quando a molestia, estava no seu terceiro ou quarto dia. A dieta, por consequinte, favorecendo o desaparecimento da molestia reconduzindo as funcções ao seu estado de integridade,

augmenta as forças em vez de opprimi-las. Convença-se bem o publico de que o regimen é um dos melhores meios para obviar o fim funesto das molestias, ou ao menos para diminuir a gravidade dellas.

O regimen deve ser mui severo no principio das molestias febris e durante o seu desenvolvimento: a abstinencia dos alimentos deve ser completa. Entretanto, muitas pessoas, em vez de seguirem este sabio preceito, administrão vinho quente e outras bebidas excitantes, ou alimentos mui indigestos, nos primeiros dias de uma molestia grave, e compromettem desta maneira a vida do doente.

O emprego das bebidas emollientes constitue tambem um ponto importante no tratamento das molestias agudas. Estas bebidas, levadas á torrente da circulação, diluem o sangue e tornão-no menos irritante; ao mesmo tempo acalmão dous symptomas mui incommodos das molestias febris, o calor e a sêde. É preciso dar a miudo estas bebidas ao doente, mas em pequenas porções. A escolha da bebida não tem tanta importancia como se pensa vulgarmente; esta escolha, mais ou menos indifferente, deve ser submettida no maior numero de casos aos desejos particulares e ao gosto dos doentes. Não se deve impôr esta bebida com preferencia áquella senão quando existe uma indicação especial. Por exemplo, nas affecções acompanhadas de tosse, os cozimentos acidos augmentarião este symptoma fatigante.

Quando cessa a febre e reaparece a fome, é tempo de dar alimentos; mas é preciso observar uma gradação na sua administração: principiar por alimentos mui leves, para chegar progressivamente aos mais nutrientes. A passagem mui subita de uns a outros é sempre perigosa. Deve-se principiar por caldos, aos quaes ao depois ajuntar-se-ha feculas de sagú, araruta ou qualquer outra; ministrar-se-ha depois leite, ovos quentes, legumes fariaceos, frango, peixe: a gallinha succederá ao frango, e pouco a pouco passar-se-ha ás carnes de carneiro,

vacca, etc. Todos estes alimentos devem ser preparados da maneira mais simples possível. Permittir-se-ha com peixe e carne uma pequena porção de vinho misturado com igual porção d'agua. Preferir-se-hão sempre os vinhos velhos e generosos. Existe um principio mui espalhado que indica como necessario que os convalescentes comão pouco, porém muitas vezes por dia: este principio, justo em certos pontos, não o é sendo applicado geralmente. A digestão, para se fazer, exige um tempo que varia conforme a actividade dos órgãos, mas que nunca é de menos de algumas horas. Ora, se as comidas são tão approximadas que não se espere-o fim da digestão da primeira para se proceder á segunda, não pôde resultar de tal pratica senão desordem na funcção: os alimentos novos se misturão com os que tem já experimentado uma elaboração mais ou menos completa; o estomago, continuamente em acção, se fatiga, e então apparecem essas diarrhéas dos convalescentes, que são ás vezes tão renitentes e que causão a desesperação do medico. Tres a quatro leves comidas de quatro em quatro horas de intervalo são mui sufficientes para conservar as forças; mais approximadas, serião nocivas.

Da dicta nas molestias chronicas. As affecções chronicas raras vezes exigem uma abstinencia completa. Na escolha do regimen deve-se preferir aquelle que, sustentando as forças do doente, não augmente entretanto os accidentes febris que se observão de tarde. Em geral, neste caso a dieta lactea ministra um precioso recurso; mas frequentemente os doentes enfastião-se della. É preciso então buscar a alimentação no regimen feculento, nos peixes, nas carnes e nos legumes.

DIGESTÃO. A digestão é uma funcção por meio da qual os alimentos experimentão diversas alterações que tem por fim transforma-los em duas partes, uma das quaes é um succo reparador que renova o sangue ou mais immediatamente os nossos órgãos; e a outra, despida de todo elemento reparador,

é lançada fóra. No homem esta funcção é mui complicada, por causa das numerosas cavidades que os alimentos percorrem.

O mecanismo da digestão, no homem, tem lugar da maneira seguinte: os alimentos, introduzidos na bocca, são submettidos neste lugar á *insalivação* e á *mastigação*; levados depois ao pharynge pelos movimentos combinados da lingua e das paredes da bocca, são engulidos e passam ao esophago, que os conduz ao estomago. Hora e meia, pouco mais ou menos, depois da sua introduccção neste orgão, principião os alimentos a transformar-se em uma polpa cinzenta homogenea, chamada *chymo*, e são precisas commummente quatro a cinco horas para que esta transformação se termine. Á medida que se vai effectuando, é o *chymo* lançado pelas contracções do estomago no duodeno, onde sua presença provoca a chegada mais abundante de bilis e de fluido pancreatico. Elaborada por estes fluidos, pelos succos que se exhalão da superficie do duodeno e pela acção mesma deste intestino, a massa *chymosa*, tendo ficado apta para dar o *chylo*, passa para os intestinos delgados, onde é despida, pelos vasos chyliferos, deste principio eminentemente nutritivo, que é levado na torrente da circulação. Este principio nutritivo, este *chylo*, é um liquido esbranquiçado e leitoso. Á medida que se afasta do duodeno e que fica privado do *chylo*, vai o *chymo* tomando uma côr mais escura e uma consistencia mais forte; modificado ainda pelas mucosidades intestinaes, chega ao intestino grosso, onde se endurece, se colora cada vez mais, e adquire um fetido que não tinha até então; enfim chega ao intestino recto e sahe pelo anus.

São precisas pouco mais ou menos vinte e quatro horas, nos adultos, para que os alimentos percorram todo o conducto intestinal, que tem cerca de trinta pés de comprimento; mas, se os excrementos são liquidos, passam então com maior rapidez.

Tudo o que acabamos de dizer se refere principal-

mente á digestão dos *solidos*, porque a dos *liquidos* se effectua com muito menos custo, sobretudo quando contém poucas materias solidas em suspensão. Tem poucas modificacões que experimentar para entrarem na torrente da circulação, e as bebidas aqueas são tão rapidamente absorvidas, que não chegam até ao intestino, e são mui promptamente evacuadas pelas *ourinas*, depois de terem sido ingeridas no estomago.

A experiencia tem demonstrado que a insalivação completa e a trituração exacta dos alimentos são condições para uma boa digestão. O costume de mastigar pouco os alimentos é em geral pernicioso para o estomago; os velhos, privados de dentes, fazem bem em comer com prudente lentidão; devem sobretudo nutrir-se com alimentos molles, mastiga-los por muito tempo, e mais chupar do que engulir os que são mui resistentes.

A duração da digestão estomacal, bem que mui varia conforme as pessoas, a natureza e a quantidade dos alimentos ingeridos, as diversas condições de saude ou de molestia, etc., etc., não é menor de quatro ou cinco horas depois de uma comida ordinaria; é preciso, durante ao menos a primeira metade deste tempo, preservar-se de todas as circumstancias que chamão as forças da vida para as outras partes do corpo, e não para o estomago, pois são nocivas á digestão. Estas circumstancias são: um banho quente ou frio, um escaldapés, um clyster, um trabalho de espirito, um andar precipitado, a equitação, a natação, as relações conjugaes, uma emoção moral mui viva. Tudo isto, logo depois da comida, póde embarçar a digestão. Pelo contrario, amaveis distracções, os encantos de uma conversação animada depois da comida, occupações que agradão sem captivarem mui fortemente a attenção, a satisfação da alma, tudo isto é favoravel á digestão.

O somno, bem que não impeça a digestão, diminue entretanto a actividade desta funcção: todos sabem que elle é seguido de uma especie de incom-

modo, e mesmo quando não parece nocivo, se se prolonga por algum tempo, afasta por outro tanto a volta da fome. O complemento deste artigo se acha na palavra ALIMENTOS, Vol. I, pag. 58.

DIGITALIS ou **DEDALEIRA** (*Digitalis purpurea*, Linneo). Esta planta é mui commum nos lugares montanhosos da Europa temperada; cultiva-se nos jardins por causa da belleza de suas flôres, que são de côr vermelha. A digitalis foi plantada no Rio de Janeiro, mas não produziu flôres. As folhas desta planta são de um uso mui commum em medicina contra as hydropisias, palpitações do coração, asthma e affecções nervosas. Administrão-se em pó na dóse de 2 a 12 grãos, e progressivamente até 24 e 36 grãos por dia; o seu extracto na dóse de 6 a 12 grãos em pilulas. Em alta dóse, a digitalis é um veneno narcotico-acre; occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas, depois vertigens, dôres de cabeça, delirio, convulsões, e a morte. Para se remediar estes accidentes, veja-se o artigo ENVENENAMENTO.

DILACERAÇÃO. *Veja-se FERIDA.*

DILUENTES. Medicamentos a que se attribue a propriedade de tornar mais fluidos o sangue e os humores: taes são todas as bebidas aqueas usadas em abundancia, e principalmente as decocções brandas de arroz, de cevada, de grãos de linhaça, o soro de leite, as soluções de gomma arabica, etc. Os effeitos geraes dos diluentes são acalmar a sêde, o calor da pelle e a febre, facilitar as evacuações alvinas, augmentar as ourinas e a transpiração. Os diluentes são geralmente empregados no principio de todas as molestias febris e durante grande parte de sua persistencia.

DIURETICOS. Nome que se dá aos medicamentos a que se attribue a propriedade de augmentar a secreção das ourinas. O nitro, o acetato de potassa, entre as substancias mineraes; a digitalis, o espargo, a parietaria, a salsa hortense, a gramma, a escorcioneira, o aipo, as bagas de zimbro, os sumos de limão, delaranja, e todas as bebidas acidulas, as sementes

de linhaça, a abutua, a cainca, o sapé, o fedegoso, a herva tostão, a herva mate, entre as substancias vegetaes, gozão da propriedade diuretica. A mesma agua pura, sobretudo sendo bebida fria, é essencialmente diuretica, e a ella muito se attribue a acção dos cozimentos preparados com as plantas que acabamos de indicar. A cerveja, o vinho branco, o vinho do Rheno, de Champanha, tem tambem propriedades diureticas mui pronunciadas.

Os diureticos empregão-se principalmente nas hydropisias, na gota, nas areias e outras molestias das vias urinarias. Recorre-se tambem a elles com alguma vantagem nas inflammações leves do figado e do utero, e para fazer parar a secreção do leite nas mulheres que não querem dar de mamar. Fallando no curso desta obra de cada uma das substancias diureticas que temos nomeado, indicamos a sua dôse e a maneira de sua administração.

DOR. Chama-se dôr toda a sensação afflictiva sentida em qualquer parte viva. A dôr entra como elemento necessario em quasi todos os estados morbidos. Constitue o character dominante da maior parte das molestias nervosas. É quasi inseparavel do estado inflammatorio, mas varia muito de intensidade. As dôres *syphiliticas* occupão particularmente os ossos, e se manifestão sobretudo durante a noite, debaixo da influencia do calor da cama ou dos vestidos; o doente sente allivio estando o tempo frio. Trataremos dellas no artigo *SYPHILIS*. Tem-se chamado *rheumatismas* e *nervosas* as dôres que são ordinariamente intermitentes, que apparecem e cessão subitamente, e que existem sem febre e sem mudança notavel da parte affectada.

Como as dôres não são mais que um symptoma, trataremos dellas fallando de cada uma das molestias ou de cada um dos orgãos em particular. Assim poderá o leitor procurar o tratamento de diversas dôres nos artigos especiaes:

DÔR DE BARRIGA. *Veja-se COLICA*, Vol. I, pag. 397.

DÔRES ARTICULARES. *Veja-se RHEUMATISMO*.

DÔR DE COLICA. *Veja-se COLICA*, Vol. I, pag. 397.

DÔR DE DENTES. *Veja-se DENTES*, Vol. 2, pag. 20.

DÔR DO ESTOMAGO. *Veja-se CAIMBRA DO ESTOMAGO e ESTOMAGO*.

DÔR DE GARGANTA. *Veja-se ESQUINENCIA*.

DÔR NAS JUNTAS. *Veja-se RHEUMATISMO*.

DÔR DE NERVOS. *Veja-se NEURALGIA*.

DÔRES NOS OSSOS, OU OSTEOPALGIA. *Veja-se SYPHILIS*.

DÔR DE OUVIDO. *Veja-se OUVIDO*.

DÔR DE PESCOÇO. *Veja-se TORCICOLLO*.

Aqui descreveremos sómente as dôres de cabeça e as de cadeiras.

DÔR DE CABEÇA. Não trataremos neste lugar da *enxaqueca*, que é de natureza nervosa, e á qual consagramos um artigo especial. Não ha cousa mais commum do que as dôres de cabeça symptomaticas de diversas affecções. São um symptoma essencial, digno de attenção, nas affecções agudas e chronicas do cerebro. São tambem occasionadas por toda affecção que vem acompanhada de febre. O defluxo produz frequentemente uma dôr na parte inferior da testa. Ás vezes, emfim, os soffrimentos da cabeça parecem ser o unico incidente que perturba a saude, e constitue por si só o incommodo, a molestia.

Fallemos primeiramente das dôres idiopathicas, isto é, daquellas cuja séde se deve presumir na cabeça; trataremos depois das que são sympathicas ou symptomaticas. Deve-se presumir que as dôres de cabeça são da primeira categoria quando as causas tem obrado directamente sobre o cerebro. Taes são as applicações de espirito mui prolongadas, vigílias teimosas, paixões violentas, insomnias ou um somno immoderado, o abuso de bebidas alcoolicas, narcoticas, a insolação, a inspiração de gazes deleterios, do vapor de carvão, por exemplo, e pancadas na cabeça. Todas estas causas, e algumas outras da mesma natureza, determinão no cerebro uma fadiga, uma irritação, uma congestão que se manifestão pelo embaraço, peso, dôres obtusas ou agudas da cabeça: ás vezes até resulta disto uma

inflamação, um phrenesi; então a febre e o delirio se ajuntão ás dôres de cabeça e aos outros symptomas, para annunciarem uma molestia grave. A apoplexia, a epilepsia, a catalepsia, a loucura são tambem precedidas de dôres de cabeça igualmente idiopathicas ou cerebraes.

As dôres de cabeça sympathicas, cujo ponto inicial é mais ou menos afastado do cerebro, que não são senão o echo das lesões apparentes ou occultas de algum órgão, reconhecem causas mui numerosas e frequentemente indeterminadas. O maior numero destas dôres sympathicas, que não excedem o grão de incommodo, procedem das más disposições do estomago e dos intestinos. Ha pessoas cujos órgãos digestivos são tão caprichosos, que não podem usar de certos alimentos, de certas bebidas, sem correrem o risco de ter uma dôr de cabeça. A prisão do ventre provoca-a não poucas vezes. Depois do apparelho da digestão, o apparelho genital é a fonte mais fecunda das dôres de cabeça sympathicas. Sabe-se quanto ellas são communs nas mulheres hystericas nas épocas da menstruação, e tambem nos individuos que fazem excessos venereos. Os hypocondriacos e os melancolicôs são frequentemente atormentados dellas. A plethora, ou a abundancia do sangue no corpo, e o virus syphilitico, são tambem suas causas frequentes. Observão-se igualmente em todas as febres graves, na maior parte das inflamações agudas, em grande numero de inflamações chronicas, nas erupções febris, etc.

Tratamento. O tratamento das dôres de cabeça exige antes de tudo a privação de suas causas determinantes, quando estas são apreciaveis, e quando o doente se pôde subtrahir a ellas. Estas causas forão assignaladas, e cada um deve buscar aquella que lhe fôr particular. Segundo sua especie, convém recorrer ao descanso do espirito, ás sensações agradaveis ou ao repouso dos sentidos, ás distracções, e sobretudo ao exercicio, salvo se a fadiga a tiver precedido; a um somno sufficiente sem ser exces-

sivo, á temperança ou á suppressão das bebidas embriagantes, estupefacientes, das quaes podemos approximar o abuso de fumar; á sobriedade ou á escolha de alimentos menos suspeitos, aos clysteres contra a prisão do ventre, á moderação ou á abstinencia dos prazeres venereos, a vestidos sufficientes, e ás outras precauções necessarias para evitar a impressão sobre a cabeça das temperaturas excessivas.

Se o rosto estiver vermelho, a cabeça quente, os sentidos animados, usar-se-ha de pediluvios quentes; applicar-se-hão na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre, afastar-se-hão as emoções, as occupações. Nas dôres mui intensas é preciso recorrer á sangria ou á applicação de bichas. O estado plethorico exige tambem evacuações sanguineas, um regimen pouco nutriente, composto principalmente de vegetaes. Tratão-se tambem pela sangria as dôres de cabeça das mulheres gravidas. Se o estomago está indisposto, observar-se-ha dieta; usar-se-ha de uma bebida diluente, se existir sede (agua com assucar, limonada, etc.), ou então da infusão de chá da India, macella gallega ou café; poder-se-ha favorecer com agua morna, com a introducção do dedo na garganta, o desejo de vomitar ou os vomitos declarados. Algumas dôres cedem ao emetico.

As dôres de cabeça que procedem da syphilis devem ser tratadas pelos medicamentos antisyphiliticos. (*Veja-se SYPHILIS.*) Seu character especial é, como já dissemos, manifestarem-se principalmente durante a noite e pela influencia do calor. As dôres que são symptomaticas de molestias, taes como a *febre cerebral*, *epilepsia*, *constipação*, *sarampos*, e outras, exigem o tratamento destas molestias; não podemos fallar dellas aqui, porque seria pouco racional separar um simples symptoma de affecções que devem ser consideradas debaixo de um ponto de vista mais geral.

DÔR DE CADEIRAS. Esta dôr limita-se umas vezes a um lado, outras vezes occupa ambos os lados; ap-

parece quasi sempre de repente: quando é forte, obriga os doentes a curvarem-se para diante, e oppõe-se ao endireitamento da columna vertebral; existe sem inchação e sem vermelhidão da parte affectada; raras vezes é acompanhada de um augmento de calor local, e não produz febre senão quando é de certa violencia.

Uma corrente de ar fresco que vem tocar a região lombar, um esforço para levantar um peso, um movimento rapido de torcedura do tronco, a acção de estar curvado para diante por certo tempo, e ás vezes a simples acção de abaixar-se, taes são as *causas* sob cuja influencia se vê apparecer quasi sempre esta dôr.

A affecção tal qual acaba de ser descripta chama-se, na linguagem scientifica, *lumbago*; não deve ser confundida com as dôres de cadeiras que precedem ou acompanhão a menstruação em algumas mulheres; as dôres de cadeiras que nos occupão neste momento tem sua séde nos musculos da região lombar; sua duração média é de oito a dez dias, desapparecem ás vezes em vinte e quatro horas, e outras vezes, mas mui raramente, se prolongão por muitas semanas.

Tratamento. O tratamento da dôr de cadeiras é o seguinte. É preciso friccionar as cadeiras com uma destas preparações:

1.º Aguardente alcanforada 3 onças.

2.º *Linimento terebenthinado e alcanforado*, cuja receita é:

Essencia de terebenthina 2 onças.

Oleo camphorado 2 onças.

Misture.

3.º *Linimento terebenthinado e opiaceo* :

Essencia de terebenthina 1 1/2 onça.

Laudano de Sydenham 1 1/2 onça.

Misture.

4.° *Linimento camphorado opiaceo.*

Oleo camphorado 1 1/2 onça.

Laudano de Sydenham 1 1/2 onça.

Misture.

5.° *Linimento anti-rheumatico.*

Essencia de terebenthina 1 onça.

Laudano de Sydenham 1 onça.

Oleo camphorado 1 onça.

Misture.

6.° Balsamo Opodeldoch 1 vidro.

7.° Linimento ammoniacal 2 onças.

Um sinapismo applicado no lugar doloroso produz muitas vezes bons effeitos.

Se isto não fôr sufficiente, é preciso applicar nas cadeiras bichas ou ventosas sarjadas, e em alguns casos um caustico.

Emfim, dôres de cadeiras que não têm obedição a todos estes remedios serão curadas com um vomitorio de tartaro emetico, ou com duas onças de sal d'Epsom, ou com um suadouro tomado ao deitar.

DORMENCIA, DORMENTE. (PERNA, PÉ, BRAÇO, etc., DORMENTE.) Esta palavra serve para designar um estado de *entorpecimento* de uma ou de muitas partes do corpo, caracterizado por um sentimento de peso, e pela difficuldade ou impossibilidade de executar com estas partes os seus movimentos habituaes. O entorpecimento é acompanhado, em muitos casos, de comichão e de picadas incommodas. Este estado procede da perturbação e da interrupção momentanea da acção do fluido nervoso, e pôde-se produzir á vontade, comprimindo o principal nervo de um membro, como acontece com a coxa quando alguém está deitado de lado e apoia com força no lugar por onde passa o nervo sciatico. O entorpecimento continuo que não depende da compressão momentanea é symptoma de varias molestias, e prin-

principalmente da inflamação da medulla espinhal e da apoplexia.

Quando o entorpecimento é occasionado por uma causa passageira, desaparece pouco a pouco por si mesmo; pôde-se accelerar o restabelecimento da acção nervosa com fricções seccas feitas com a mão, ou com as de aguardente alcanforada. Quando depende de uma causa permanente, como na apoplexia, é preciso dirigir o tratamento contra a molestia mesma.

DORMIDEIRA. (*Papaver somniferum*, Linneo.) Esta planta é originaria do Oriente, onde adquire proporções gigantescas. Extrahe-se della o opio por meio de incisões feitas na capsula; mana debaixo da fórma de um sumo branco, que depois se torna concreto e negro. A dormideira é cultivada em algumas regiões da Europa, mas não para o opio, que seria metade menos activo do que o do Oriente, e sim para os grãos, de que se extrahe um oleo mui bom que serve na pintura e na economia domestica. O Brasil poderia facilmente apropriar-se esta cultura, que lhe daria oleo e opio excellente. As capsulas das dormideiras são empregadas, depois da sua desecção, debaixo do nome de *cabeças de dormideiras*; varião no tamanho, desde o de um ovo pequeno até o de uma pequena laranja: sendo seccas, são de cor branco-amarellada, sem cheiro, de sabor mucilaginoso, levemente amargo. Contém no seu interior uma grande quantidade de pequenos grãos brancos ou pretos. Gozão das mesmas propriedades que o opio, mas em muito menor grão; são empregadas no mesmo caso como calmante e narcotico.

Preparão-se com ellas decocções calmantes, que se administração ordinariamente em clysteres, fomentações e cataplasmas. Em alguns paizes as amas de leite fazem papas com decocções de dormideiras para produzirem somno nas crianças que lhes são confiadas: esta pratica imprudente e culpavel tem occasionado alguns desastres. Como estas capsulas

prepara-se o *xarope de diacodio*, que possui propriedades narcoticas, e que se administra na dose de meia a uma onça. A decoção de dormideiras para os lavatorios e gargarejos prepara-se com duas a quatro oitavas de capsulas e duas libras d'agua.

DOSE. Chama-se *dose* a quantidade, determinada por peso ou por medida, de um medicamento que deve ser administrado a um doente. Chama-se tambem *dose* a medida exacta de cada um dos ingredientes que devem entrar em um medicamento composto, tal como poção, pilula, etc.

A dose dos medicamentos varia sob a influencia de causas mui differentes, como o sexo, a idade, temperamento, profissões, costumes, etc. Assim, a dose de um medicamento deve ser menos forte para uma mulher do que para um homem, para as pessoas fracas do que para aquellas cujo corpo está endurecido pelo trabalho. Esta differença deve ser graduada conforme as idades: assim, uma pessoa é tanto mais impressionavel pelos medicamentos, quanto mais joven. Eis-aqui a escala que se segue:

Para um adulto, dose inteira	1
Para criança de menos de 1 anno	1/16.
De 1 a 2 annos	1/8.
De 2 a 3 annos	1/6.
De 3 a 7 annos	1/3.
De 7 a 14 annos	1/2.
De 14 a 20 annos	2/3.
De 20 a 60 annos	1

Para as pessoas que tem mais de 60 annos seguir-se-ha uma gradação inversa. Como a mulher tem geralmente uma constituição menos forte do que o homem, as doses para ella devem ser um pouco mais fracas.

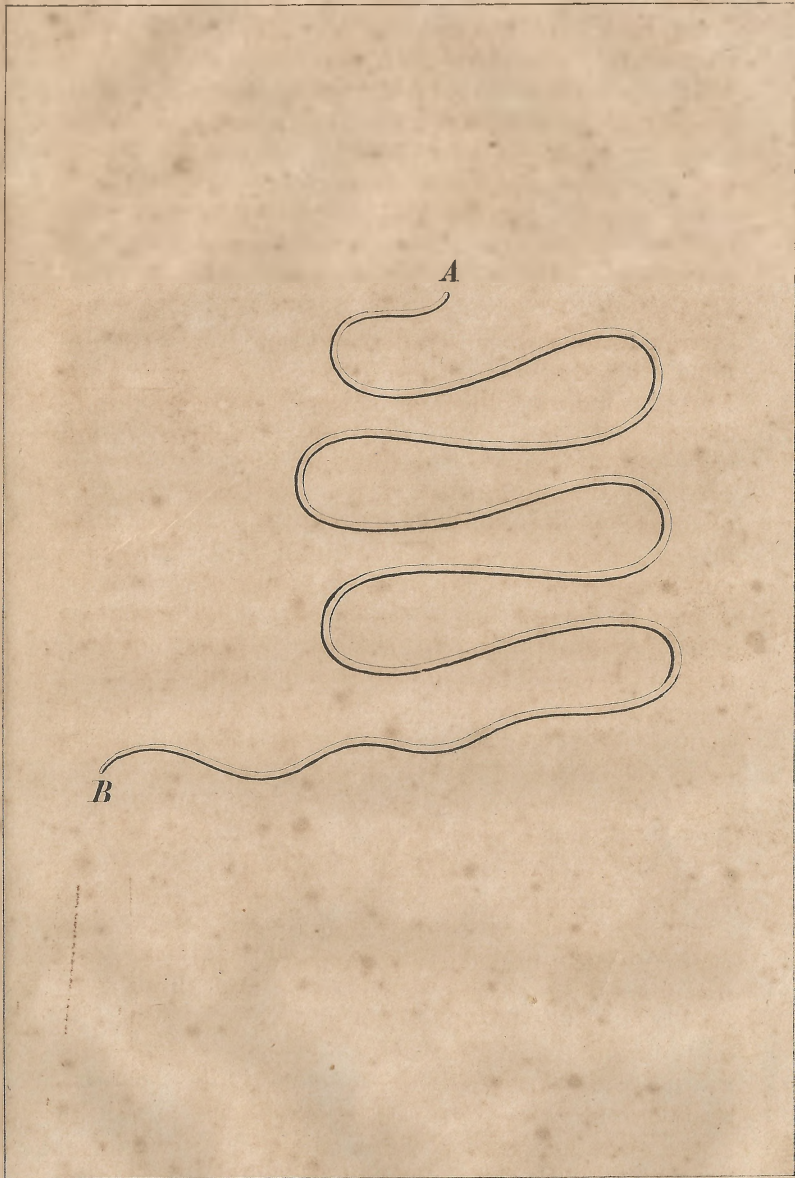
Neste Diccionario a dose dos medicamentos que apresentamos é aquella que se dá ordinariamente a um adulto.

É preciso saber que o costume tem muita influencia na dose dos medicamentos. Ha certas substancias que, administradas progressivamente em

dóses crescentes, podem ser elevadas a uma quantidade que poderia envenenar, se fosse dada no principio. Assim, por exemplo, o opio na dóse de 20 grãos deve ser considerado como veneno; entretanto os doentes podem chegar progressivamente a uma dóse ainda maior, sem nenhum accidente.

DOUDO. *Veja-se* LOUCURA.

DRACUNCULO ou BICHO DA COSTA. Designa-se debaixo do nome de *dracunculo*, *bicho da Costa*, *verme de Medina*, ou de *Guiné*, um bicho cylindrico, filiforme, mui alongado, de côr branca, de grossura igual em toda a sua extensão, menos na cauda, que é um pouco mais delgada e curva. O dracunculo se chama *bicho da Costa*, porque nos primeiros tempos erão os escravos recém-chegados da Africa que appareião com este verme; mas presentemente se observa em muitos lugares do Brasil. Os negros Minas dão-lhe o nome de *subia*. Seu comprimento varia de nove a dez pollegadas até seis ou sete varas, e a grossura desde a de um fio de linha até a de um barbante. Acha-se ordinariamente debaixo da pelle perto dos tornozelos, no escroto, e ás vezes nas extremidades superiores, no pescoço, cabeça, tronco. O Dr. Clot-Bey o encontrou no Egipto perto do freio da lingua. O dracunculo não se manifesta senão em certos paizes, como a Arabia, as margens do Golfo Persico e as do mar Caspio, do Ganges, a Abyssinia, a costa de Guiné. Tem-se tambem observado no Rio de Janeiro, e consta-nos que um dos distinctos professores desta corte, o Sr. Christovão José dos Santos, tentou uma vez a extracção do dracunculo, em uma preta Mina, introduzido na orbita, emcima do olho. Eu mesmo vi o dracunculo duas vezes, uma vez perto do tornozelo, e outra vez na membrana externa do olho esquerdo; em ambos os casos em pretos recém-chegados da Costa. Consegui mui facilmente extrahir o primeiro, porque uma porção delle tinha já sahido para fóra, e não lhe era possivel fugir. Emquanto ao bicho que estava no olho, debaixo da primeira membrana



Dracunculo ou Richo da Costa

do tamanho natural, muito curto.

A. Cabeça.

B. Cauda.

chamada *conjunctiva*, e que ainda não tinha aberto caminho para fóra, apenas o toquei com uma pinça para agarrá-lo, sumio-se e não appareceu mais em nenhuma outra parte do corpo. Isto aconteceu no dia 10 de Janeiro de 1848; o preto não se queixou depois de incommodo nenhum; e tendo-o continuamente debaixo da minha observação até o dia 10 de Dezembro do mesmo anno, vi-o sempre gozando de perfeita saude e muito gordo, apesar do bicho que tinha no corpo.

Causas. As causas que presidem á formação do dracunculo estão ainda cobertas com um véo impenetravel. Como outros muitos vermes, desenvolve-se espontaneamente no corpo do homem: tal é ao menos a opinião mais acreditada; mas ignorão-se completamente as causas proximas do seu desenvolvimento. Muitas tem sido apontadas: a má qualidade da agua, o uso do vinho da palmeira, de certos peixes, do trigo da India, os excessos venereos, os ventos e o orvalho dos paizes em que elle se observa; mas tem-se visto individuos expostos a estas influencias sem terem o dracunculo, e outros, que as tem cuidadosamente evitado, pelo contrario, serem d'elle affectados. Alguns autores pensão que se introduz através da pelle pouco tempo depois do seu nascimento, época na qual suppõe ser elle de uma tenuidade extrema, na idéa de alguns no estado de animalculo, e na de outros no estado de larva. Os primeiros pensão que se introduz no corpo do homem com a agua que serve de bebida, ou pela pelle quando a pessoa se banha. Os segundos o fazem provir de um insecto de que não dão o nome.

Symptomas. O primeiro symptoma que annuncia a presença do dracunculo é uma comichão desagradavel em uma parte, ás vezes acompanhada da sensação de um corpo que roja debaixo da pelle. Em certos individuos, entretanto, este bicho fica por muitos mezes, e até por muitos annos, sem manifestar sua presença por nenhum incommodo, e até

está provado que assim acontece sempre no maior numero dos doentes; de outra fórma, como se comprehenderia que elle pudesse adquirir o desenvolvimento consideravel que ás vezes tem? Dracunculos ha tambem que, além dos symptomas locaes que acabamos de indicar, produzem um emmagrecimento mais ou menos rapido, sem febre nem fastio.

Mas, quando o bicho quer sahir, symptomas mais constantes e mais notaveis se manifestão. Primeiramente uma dôr fixa se faz sentir no ponto por onde o bicho quer sahir. Alguns dias depois da invasão da dôr, formão-se pequenas vesiculas que occasionão viva comichão; logo depois uma inchação, ás vezes consideravel; a inflammação se declara, e a suppuração se estabelece. Ás vezes uma grande hostella, cheia de um liquido transparente, se desenvolve no centro do ponto doloroso; outras vezes não se sente senão um lugar um pouco duro sem inflammação. Ordinariamente, com a abertura espontanea ou artificial do tumor, escorre uma materia, e a cabeça do bicho sahe com algumas polegadas do corpo.

Tratamento. Quando apparece uma elevação por onde o bicho quer sahir, espera-se a ruptura espontanea; mas, se ella fôr muito demorada, deve o cirurgião praticar a abertura por meio de uma lanceta. Se se apresenta uma porção do bicho, é preciso exercer sobre ella tracções lentas e moderadas; continua-se emquanto o animal vai cedendo facilmente; pára-se logo que se sente uma resistencia tal que faça temer a sua ruptura; uma dôr um pouco viva annuncia ordinariamente que se deve cessar toda a tracção. Isto feito, enrola-se tudo o que sahio em roda de uma penna ou de qualquer outro corpo. No curativo seguinte principião-se as tracções com a mesma precaução, e assim pelo tempo adiante, até á sahida completa do dracunculo, a qual não se obtem ás vezes senão no fim de dous ou tres mezes. Alguns medicos dão por con-

selho fazer uma incisão sobre o trajecto do bicho, descobri-lo bem, e tira-lo com uma pinça. Mas quando o bicho está profundamente situado, quando resiste ás tracções, ou quando arrebenta, é preciso esperar sua nova apparição, para recorrer de novo aos meios de extracção.

DRASTICOS. *Veja-se* PURGANTES.

DUREZA DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DO VENTRE.

DYSENTERIA. Molestia cujos symptomas principaes consistem em frequentes evacuações de materias mucosas misturadas com sangue, acompanhadas de colicas e de sentimento de ardor no anus.

Causas. As causas debaixo de cuja influencia se desenvolve a dysenteria são numerosas. Em primeiro lugar se devem apontar as temperaturas elevadas; assim, nos paizes quentes esta affecção é, com as molestias do figado, uma das que occasionão maior mortandade. Exerce sobretudo terriveis estragos nas raças negras da Africa. Os calores que succedem ao frio humido produzem frequentemente dysenteria. As outras causas são: o uso de comidas indigestas; as carnes que tem soffrido uma fermentação putrida, ou que procedem de animaes doentes; as aguas estagnadas e lodosas, a ingestão de substancias não nutritivas, as indigestões repetidas, um simples erro de regimen nos convalescentes, emfim, o abuso dos purgantes. Quantas vezes não tem sido determinada pelo abuso intempestivo do famoso purgante Leroy! Uma causa não menos poderosa que todas as precedentes consiste nas emanações putridas e infectas que se exhalão das substancias animaes em putrefacção, ou que se levantão das dejeccões alvinas de homens affectados de dysenteria e reuidos em lugares estreitos, como prisões, hospitaes e navios. A roupa molhada conservada no corpo por algum tempo, o frio humido, sobretudo nos pés, o somno ao ar durante a noite, a residencia em lugares baixos e pantanosos, tornão-se tambem causas da dysenteria. Reina ás vezes debaixo da fórma epidemica, isto é, ataca grande numero de individuos, e

principalmente quando existe grande calor com muita humidade; sua causa é então proveniente da influencia atmospherica.

Symptomas. Quando a molestia é pouco intensa, annuncia-se ordinariamente por algumas dôres do ventre, irregulares, moveis, as quaes pouco augmentão com a pressão. Sobrevem logo ventosidades nos intestinos, e se declara o desejo de evacuar; o doente quer obedecer a esta necessidade, faz esforços, e só a muito custo consegue expulsar algumas materias fecaes liquidas e mucosidades, cuja passagem determina uma sensação de calor e dôr viva no anus. Estas evacuações se repetem até doze ou quinze vezes em 24 horas, ás vezes trinta, quarenta vezes, e mais; logo depois não contém mais materias fecaes, e são só formadas por um muco viscoso e esbranquiçado ou sanguinolento, misturado ás vezes com uma serosidade vermelha, com pedaços de apparencia membranosa, com sangue puro, bilis, gases; ás vezes, entretanto, materias fecaes mui duras são expulsadas de longe em longe, mesmo depois de muitos dias de molestia. Colicas mais ou menos fortes, o tenesmo e os puxos continuão; uma diminuição rapida das forças acompanha este estado; o rosto fica pallido, sobretudo immediatamente depois de cada evacuação; o pulso fica fraco e ás vezes acelerado; frequentemente conserva-se o appetite. Depois de alguns dias de molestia as dôres do ventre diminuem, as excreções são menos frequentes, e em vez de serem mucosas, tornão-se fecaes; o doente recobra o somno e o sentimento de bem-estar que tinha perdido; uma simples diarrhéa succede á dysenteria, e annuncia um restabelecimento proximo. Tal é commummente a marcha da dysenteria ligeira, cuja duração média é de quatro a oito dias.

Na dysenteria intensa, que se manifesta sobretudo nas grandes reuniões de individuos, nos acampamentos, navios, prisões, hospitaes, cidades sitiadas, etc., as dôres abdominaes são mui agudas, os dese-

jos de evacuar são, por assim dizer, continuos, e alguns doentes o fazem duzentas vezes por dia. A materia das evacuações é serosa, quasi sempre misturada com muito sangue, ás vezes com pus; sua côr é escura ou negra, e quasi sempre exhala um cheiro fetido insupportavel. Desde o principio o doente é obrigado a ficar de cama, suas forças são promptamente anniquiladas, e o rosto tem a expressão de uma alteração profunda. A sêde é viva, e apenas se engole a bebida, logo vem a necessidade de evacuar; o pulso fica ás vezes frequente, porém as mais das vezes sem nenhuma acceleração; a pelle torna-se secca e aspera. O aspecto cadaverico do rosto, o soluço, a inchação do ventre, a cessação das dôres, o resfriamento das extremidades, a fraqueza e a insensibilidade do pulso annuuncião logo uma morte proxima.

Duração e prognostico. É mui difficil determinar a marcha e a duração da dysenteria. Pôde ser violenta no principio, ou não chegar ao seu mais alto grão de intensidade senão progressivamente; cessar de repente ou diminuir por grãos; acabar em vinte e quatro horas, ou prolongar-se por vinte ou trinta dias. O prognostico é favoravel na dysenteria leve; é sempre muito serio na dysenteria intensa. Raras vezes esta molestia occasiona a morte quando apparece por um ou alguns casos isolados; pelo contrario, faz estragos espantosos nos acampamentos, hospitaes, cidades sitiadas, etc. Dôres excessivas, evacuações quasi continuas, o fedor cadaverico das materias, o soluço, o resfriamento das extremidades, são, entre os symptomas, os que annuuncião maior perigo.

Tratamento. A abstinencia completa dos alimentos é a primeira condição que preencher no tratamento da dysenteria. O doente deve estar em um lugar quente e secco, usar de uma bebida mucilaginoso, como agua de arroz, de cevada, solução de gomma arabica adoçada com xarope de althéa ou de gommás e tomar duas a tres vezes por dia clysteres preparado

com decocção de grãos de linhaça ou de raiz de althéa. Cataplasmas de farinha de linhaça sobre o ventre, banhos geraes ou de assento mornos são tambem uteis; mas é preciso que o doente, ao sahir do banho, se preserve do frio. A estes meios se deve juntar o opio, cuja efficacia, em semelhantes casos, tem sido frequentemente provada. Administra-se em poções ou em pilulas. Eis aqui a formula da poção:

Agua commum	4 onças.
Laudano de Sydenham	30 gottas.
Assucar.	1 onça.

Misture. Toma-se uma colher de sopa de hora em hora.

A formula das pilulas é :

Opio	6 grãos.
Extracto de alcaçuz	18 grãos.

Faca 12 pilulas. Toma-se uma pilula quatro vezes por dia.

Nos casos em que as dôres fôrem mui agudas, convém associar ás poções ou ás pilulas o uso dos clysteres opiaceos preparados da maneira seguinte:

Decocção de linhaça	6 onças.
Laudano de Sydenham	20 gottas.

Misture. Administra-se um a dous destes clysteres por dia.

Se a dysenteria resistir a estes meios, é preciso tomar um vomitorio de poaya; isto é, 20 a 24 grãos de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna.

Clysteres de poaya são tambem vantajosos. Eis aqui como se preparão. Infundem-se por meia hora 2 oitavas de raiz de poaya cortada em duas chicaras d'agua quente, e coa-se. O doente toma dous semelhantes clysteres por dia.

As claras de ovo são tambem empregadas com mui bom exito na dysenteria. Faz-se uso dellas em bebidas e em clysteres. Pela bocca administração-se ovos mornos em numero de 6 até 12 por dia, e ao mesmo tempo dão-se tres clysteres por dia, preparados cada um com seis onças d'agua morna e tres claras de ovo.

Estes meios são tão poderosos, que ha poucas dysenterias recentes que não cedão em poucos dias á sua influencia. Mas ás vezes a molestia não cede, é preciso então recorrer aos outros meios, que são :

Duas onças de sal d'Epsom n'um copo d'agua morna, como purgante; o uso de pós preparados conforme a receita seguinte :

Calomelanos	12 grãos.
Poaya	12 grãos.
Opio	6 grãos.

Reduza tudo a pó, misture exactamente e divida em 12 papeis. O doente toma 4 papeis por dia, um de 3 em 3 horas, n'uma colher d'agua fria ou morna, com assucar.

Se a dysenteria se prolonga, convém que o doente tome algumas colheres de vinho generoso por dia, e faça uso dos medicamentos adstringentes aromaticos, como quina, simaruba, cato, ratanhia, diascordio, segundo as formulas indicadas no artigo DIARRHÉA. *Veja* Vol. II, p. 47 e 48. Convém ainda nesta dysenteria espargir, de tempos em tempos, no quarto do doente agua de Labarraque, para destruir os miasmas que se desenvolvem das materias evacuadas.

Na convalescença é preciso insistir no uso dos meios a que a molestia tem cedido, e deve-se escrupulosamente evitar a falta de regimen e a impressão do frio.

Durante uma epidemia de dysenteria, convém não se expôr ao contagio, porque esta molestia se comunica ás vezes; por conseguinte, é preciso tirar do quarto os excrementos á medida que são evacuados, entreter grande asseio, abrir frequentemente as portas e as janellas para renovar o ar, espalhar pelo quarto dissolução de chlorureto de cal ou agua de Labarraque, como já disse, e não dormir no quarto do doente.

DYSPNEÁ. Dificuldade de respirar. A dispnéa não constitue uma molestia essencial; não é, propriamente fallando, senão um symptoma de outra af-

fecção. Póde depender então de grande numero de causas diversas. *Veja-se* ASTHMA, CATARRHO PULMONAR, ANEURISMA DO CORAÇÃO, PLEURIZ, HYSTERISMO, etc.

E

ECCHYMOSE, SANGUE EXTRAVASADO, OU SANGUE PISADO. Designão-se debaixo destes nomes nodos denegridas, esverdinhas, e depois amarellas, que apparecem na pelle em consequencia de uma pancada, de uma quédia, de uma picada, de uma applicação de bichas, ou da compressão feita com uma atadura. As ecchymoses são formadas pelo sangue que sahe dos seus vasos e se derrama por baixo da pelle. Manifestão-se sobretudo nas regiões em que a pelle é mui molle. Todos sabem que basta uma pequena contusão debaixo do olho para que esta parte tome uma côr denegrida; observão-se tambem ecchymoses depois de uma sangria, no lugar da picada da lanceta.

Qualquer que seja a causa da ecchymose, o sangue derramado não tarda em ser absorvido. Vê-se então que a nodoa denegrida se estende consideravelmente; ao mesmo tempo toma uma côr menos escura; passa successivamente a côr vermelha, esverdinhada, depois amarellada, que desaparece pouco a pouco.

Este accidente é sem perigo, sara ordinariamente por si mesmo; não necessita nunca da applicação de bichas, como muitas pessoas costumão fazer; basta simplesmente applicar um panno molhado em agua fria, que favorece a resolução; ou em agua misturada com sal, ou com vinagre, ou com aguardente de canna, no caso em que a pelle não seja esfolada ou ferida, porque, se estiver esfolada ou ferida, convém limitar-se á agua fria.

EDEMA. É synonymo de inchação. *Veja-se* INCHAÇÃO.

ELECTRICIDADE. A electricidade é a propriedade que tem certos corpos, quando são esfregados, aquecidos ou simplesmente postos em contacto com outros, de attrahir primeiramente e depois repellir os corpos leves, de lançar faiscas, e de fazer experimentar ao systema nervoso commoções mais ou menos fortes. O ambar amarello (*electron* em lingua grega) foi a primeira substancia em que mui antigamente forão observados estes phenomenos; mas notão-se tambem no vidro, enxofre, resinas e outros corpos. A electricidade é um dos meios excitantes a que a medicina recorre ás vezes com vantagem no tratamento de certas paralyrias.

ELECTUARIO. Preparação pharmaceutica de consistencia molle, composta de pós, polpas ou extractos de vegetaes, bem como de substancias animaes ou mineraes misturadas com assucar, mel e até com vinho.

ELEPHANTIASE. Esta expressão foi primeiramente empregada para designar uma molestia da pelle, caracterisada por tuberculos duros, proeminentes, de uma côr avermelhada, que ordinariamente occupão o rosto, e com o tempo se inflammão e suppurão. Esta elephantiasse é chamada hoje *elephantiasse dos Gregos* ou *morphéa*, e se acha descripta no artigo MORPHÉA. Designão-se tambem debaixo do nome de *elephantiasse* certas inchações duras, disformes, de todo o membro ou de qualquer outra parte do corpo, cujas dimensões se tornão cada vez mais consideraveis. Esta molestia foi tambem chamada *erysipela branca*, e *elephantiasse dos Arabes*: della é que vamos tratar.

ELEPHANTIASE DOS ARABES. Assim se chamão, como temos dito, certas inchações dos membros, e principalmente dos membros inferiores, do escroto, das partes genitales externas da mulher, e de outras partes do corpo. Esta molestia é tambem designada pelo nome de *erysipela branca*, *edema duro*, *molestia glandular de Barbada*, *sarcocele do Egypto*.

Causas. O temperamento lymphatico predispõe a

esta affecção; mas ella sobrevém em todas as idades, em todas as condições da vida, n'um e n'outro sexo. Attribute-se o seu desenvolvimento á impressão subita do frio sobre um corpo posto no meio de uma atmospherica quente. Mas a sua causa parece depender mais da influencia atmospherica do que de quaesquer outras circumstancias. Esta molestia é mui frequente nos climas quentes e humidos, taes como o Egypto, as Barbadas, o Brasil. É mui commum no Rio de Janeiro, porque as condições atmosphericas que indiquei reinão constantemente nesta grande cidade. É extremamente rara na Europa. A elephantíase não é contagiosa nem hereditaria.

Symptomas. A elephantíase affecta mais ordinariamente os membros inferiores. Eis-aqui os seus symptomas nestas partes do corpo. No maior numero de casos a molestia é annunciada por uma dôr mais ou menos viva na virilha ou na curva da perna, e pelo desenvolvimento de uma linha vermelha, de um cordão duro, doloroso, nodoso, semelhante a um rosario composto de pequenos tumores subcutaneos, estendido desde a virilha até o joelho ou até o tornozelo, ou principia por um ataque de erysipela. Em muitos casos a pelle toma a côr vermelha, e a parte entumece consideravelmente; outras vezes, não ha vermelhidão, mas simplesmente inchacção, sem mudança de côr da pelle, o que se chama vulgarmente *erysipela branca*. Ordinariamente apparecem calafrios, sêde ardente, anxiedade, vomitos, ás vezes delirio, e depois calor intenso seguido de suores e da cessação dos symptomas da febre. No espaço de um ou de muitos mezes, estes phenomenos reapparecem debaixo da fórma de *ataque*, em intervallos mais ou menos longos, que podem variar em numero de tres a quatorze por anno, ou renovar-se sómente ao cabo de sete annos. Estes ataques, cujo numero e duração não se podem prever nem calcular, são seguidos de um augmento progressivo do volume do membro, que ao principio parece depender, em grande parte, do deposito de uma certa

quantidade de serosidade no tecido subcutaneo, e que cede facilmente á pressão. Mais tarde o membro torna-se duro, e não conserva mais a impressão do dedo. Chegada ao estado chronico, a molestia fica ordinariamente estacionaria por muitos mezes; depois os accidentes reaparecem; seguem a mesma marcha que ao principio, dissipão-se de novo, deixando um novo augmento de volume na parte, a qual, passados alguns annos, torna-se disforme e monstruosa. Umas vezes o tumor é unido, igual e semelhante a um sacco bem cheio; outras vezes o pé é coberto pela inchação; só os dedos são visiveis; um sulco profundo existe em roda da articulação; toda a massa fica sem fórma; parece-se com a perna de um elephante, e daqui lhe vem o nome de *elephantiase*. Ás vezes o membro é cortado de distancia em distancia por sulcos profundos e circulares. A pelle é frequentemente lisa, mas tambem póde ser coberta de crostas amarellas, verrugas, ou veias varicosas. Outras fórmãs se observão ainda, mas é inutil descrevê-las.

Ás vezes a elephantiase ataca os braços, porém menos frequentemente que as pernas: seus symptomas são os mesmos que nos membros inferiores. Tem-se observado no rosto: produz então uma tumefacção das palpebras, faces, nariz e labios. Póde então provocar symptomas cerebraes, mas cura-se neste lugar mais facilmente do que nas extremidades. Tem-se visto sobre o peito e pescoço formar tumores espessos, ou dar ás mamas um volume tal, que era preciso sustenta-las com ataduras passadas por detrás do pescoço. Sobre o ventre é acompanhado dos symptomas de irritação intestinal, e produz uma exalação abundante de serosidade no tecido cellular subcutaneo da parte abdominal anterior, e tumores consideraveis.

Depois das extremidades inferiores, o escroto é a região do corpo que a elephantiase dos Arabes ataca mais frequentemente, e dá a esta parte e ao membro viril um volume monstruoso. Vêm-se tumores desta

natureza que descem até os tornozelos. Os mesmos tumores se desenvolvem tambem nas partes genitais da mulher, e apresentam o mesmo volume e a mesma disformidade.

Taes são em geral os symptomas da elephantíase dos Arabes. Faz-se facilmente idéa das gradações mais ligeiras; ella póde não consistir senão em uma simples vermelhidão erysipelatosa, um edema pouco consideravel sem inchação progressiva da parte, nem perturbação da saude.

Prognostico. A elephantíase é ordinariamente de longa duração; póde persistir vinte annos e até toda a vida. Desapparece ás vezes para tornar a apparecer de novo nas mesmas partes que forão affectadas primitivamente; outras vezes deixa uma região para se transportar a outra; entrelanto ás vezes sara espontaneamente subtrahindo-se a pessoa ás causas que a produzem, isto é mudando de regimen e de clima; no maior numero de casos a elephantíase fica estacionaria.

Tratamento. No primeiro periodo, isto é durante o ataque d'erysipela, o doente deve deitar-se na cama, cobrir-se bem, e tomar duas ou tres chicaras de alguma bebida sudorifica, como chá de sabugueiro, d'herva cidreira ou da India, para suar. No dia seguinte tomará um vomitorio (1 ou 2 grãos de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna). Se o tartaro emetico não produzir bastantes evacuações alvinas, será preciso tomar no outro dia 2 onças de sal d'Epsom. Sobre a parte affectada da erysipela não se applica nada durante os dous primeiros dias, mas depois póde-se fazer com vantagem, duas ou tres vezes por dia, untura com o linimento seguinte:

Oleo camphorado	2 onças.
Balsamo tranquillo	2 onças.
Misture.	

No segundo periodo, isto é, quando o ataque d'erysipela deixa alguma inchação, é preciso usar das fricções seguintes:

Vinagre aromatico 2 onças.

Aguardente alcanforada 2 onças.

Misture, e faça duas fricções por dia, uma de manhã, outra de noite.

Depois da fricção praticada de manhã, é preciso ligar o membro com um cadarço ou com uma atadura convenientemente applicada. Esta compressão é sobretudo applicavel nas pernas; e neste lugar as ataduras podem ser vantajosamente substituidas por meias de brim.

Os banhos frios, os do mar sobretudo, são tambem mui vantajosos.

Quando a inchação é consideravel, convém recorrer ás fricções com gelo. Todos os dias faz-se uma fricção com meia libra de gelo até elle se derreter, e depois exerce-se uma compressão methodica com uma atadura, ou com meias apropriadas.

Outros muitos remedios se tem proposto contra esta inchação, taes são: fricções com pommada de hydriodato de potassa; banhos com infusões aromaticas como as d'alfazema, alecrim, mangerona, hortelã, salva, etc.; com decocções de raiz de casca de jequitibá, de rosas rubras, etc.

A mudança de clima no principio da molestia é um dos meios mais certos da cura, ainda quando o mal é inveterado.

Fatigados pelo peso enorme das partes affectadas, alguns doentes reclamão a amputação, como um ultimo recurso contra o mal incuravel. Muitos d'entre elles que sobreviverão a esta operação forão affectados de novo de elephantiasse em outras regiões do corpo, ou então succumbirão depois ás consequencias da inflammação de algum orgão interno. Alguns porém destes doentes gozarão, depois da amputação, de boa saude. Esta questão, por consequente, não está ainda resolvida.

ELEPHANTÍASE DOS GREGOS. *Veja-se.* MORPHÉA.

ELIXIR. Medicamento ordinariamente obtido por maceração de substancias mais ou menos activas no alcool ou vinho; em pharmacia é mais particular-

mente chamado *tintura* ou *alcoolato composto*. O charlatanismo tem feito grandes especulações com os elixires: já o nome d'elixir parecia por si só designar alguma cousa de perfeito, ajuntavão-lhe ordinariamente um epitheto proprio a maravilhar a imaginação do doente; assim temos o elixir de *vida*, de *longa vida*, o elixir *visceral temperante*, o elixir *anti-pestilencial*, etc. Vamos indicar a composição e a preparação dos dous elixires mais empregados.

Elixir de longa vida.

Tome Aloes succotorino	9 oitavas.
Agarico branco	1 oitava.
Genciana	1 oitava.
Rhuiubarbo	1 oitava.
Açafrão	1 oitava.
Canella	1 oitava.
Zedoaria	1 oitava.
Triaga	1 oitava.
Assucar	1 oitava.
Alcool a 22° ou aguardente	54 onças.

As substancias solidas devem ser reduzidas a pós grossos; são depois postas no alcool, com excepção do aloes, assucar e triaga; depois de oito dias coão-se espremendo; ajunte depois as substancias reservadas, faça digerir durante oito dias e cõe.

Este elixir administra-se na dóse de 2 oitavas até uma onça e meia, como estomachico e purgativo.

Elixir de Garus.

Tome Açafrão	8 oitavas.
Canella	6 oitavas.
Cravo da India	3 oitavas.
Noz moscada	3 oitavas.
Alóes	1/2 oitava.
Myrrha	1 1/2 oitava.
Alcool a 21°	160 onças.

Macere durante quatro dias, e distille até a metade em banho maria.

De outra parte, infunda 4 onças de capillaria do Canadá em 128 onças d'agua fervendo; ajunte á infusão filtrada 16 onças d'agua de flôr de laranja; dissolva a frio neste liquido 192 onças de assucar; reuna-se depois o xarope assim obtido ao producto alcoolico da distillação. Ajunta-se ordinariamente ao elixir uma quantidade sufficiente de tintura de açafraão, para lhe dar uma côr amarella agradável.

Toma-se na dóse de 1 a 2 onças como tonico e excitante.

EMBALSAMENTO. Preparação dos cadaveres feita com o intuito de preserva-los da putrefacção.

Muitas nações antigas tinham o costume de embalsamar os mortos, mas nenhum povo levou esta arte tão longe como os Egypcios: consideravão o embalsamento como uma pratica ligada ao systema de religião, porque julgavão que a alma ficava perto do corpo todo o tempo que este conservava a sua fórma. Estes dogmas tinham talvez por origem a necessidade de se preservar dos effeitos perniciosos da putrefacção, n'um clima quente e n'um paiz inundado todos os annos pelas aguas do Nilo; e foi desde que esta pratica salutar foi abandonada, e foi substituida pelas inhumações feitas com o maior deleixo, que a peste se mostrou nesta terra, donde ameaça os paizes vizinhos e o mundo inteiro.

São mui raras hoje as occasiões de praticar o embalsamento: entretanto esta operação acha ainda sua applicação em algumas circumstancias. Umas vezes quer-se subtrahir aos estragos do tempo e transmittir á memoria da posteridade os despojos de um principe, de um grande homem, etc.; outras vezes deseja-se conservar o exterior frio e inanimado de uma pessoa querida; em alguns casos é necessario unicamente impedir a putrefacção do cadaver durante o intervallo que é preciso deixar entre o momento da morte e o do enterro.

Muitos historiadores nos transmittirão com mais ou menos exactidão os processos d'embalsamento usados pelos Egypcios. Praticavão-se da maneira

seguinte : Os embalsamadores introduzião nas ventas um ferro agudo e curvado , quebravão o osso ethmoide , e tiravão os miolos em parte com o instrumento , e em parte com um licôr dissolvente , que era composto , segundo o que se julga , de natrum (carbonato de soda) misturado com cal. Praticavão depois uma incisão na parte inferior do ventre , e tiravão os intestinos , que deitavão no Nilo ; as cavidades e as visceras erão depois limpadas com olicôr dissolvente ; enchião o ventre com myrrha , canella e outras substancias odoríferas e bituminosas ; depois mergulhavão o corpo durante setenta dias na dissolução de natrum ; ao cabo deste tempo , o cadaver era lavado e cercado de ataduras de panno de linho ; era depois posto n'uma caixa de páo , e entregue aos parentes. Todos sabem que estes corpos conservados até os nossos dias , e que hoje se achão em grande numero no Egypto , chamão-se *mumias*. Achão-se algumas dellas no Museo do Rio de Janeiro , bem completas.

Os methodos d'embalsamento usados no Egypto não dão bons resultados nos outros climas ; e muitas mumias que se conservão muito bem nas catacumbas do Egypto se corrompem quando são expostas ao ar humido ou transportadas para outras regiões.

Vamos agora descrever os principaes methodos d'embalsamento empregados hoje.

Methodo pelos aromas. Antes de principiar a operação é preciso ter os objectos seguintes :

1.º Uns pós compostos de casca de carvalho pulverisada , de sal queimado ao fogo , quina , canella , cascarrilha , hortelã , castoreo , benjoim , betume de Judéa , e outras substancias aromaticas ; tudo misturado e reduzido a pós finos , é regado de oleos essenciaes ; a casca de carvalho forma a metade do peso , e o sal a quarta parte.

2.º alcool alcanforado.

3.º vinagre alcanforado.

4.º Um verniz composto de balsamo peruviano ,

copahiba, estoraque liquido, oleo de noz moscada, oleo de alfazema, etc.

5.º Alcool tendo uma forte dissolução de sublimado corrosivo.

6.º Agua fria e quente, ataduras, pannos, esponjas, fios de linho para coser.

Estando tudo preparado, serrão-se circularmente os ossos do craneo, e tira-se fóra o cerebro. Abre-se depois o peito e o ventre, tirão-se as visceras nelles contidas, e fazem-se nellas profundas incisões. Se se quer conservar o tubo intestinal, é preciso abri-lo com tesoura em todo o seu comprimento, lava-lo com agua, espremer, depois lavar com vinagre alcanforado, e emfim com alcool alcanforado. As outras visceras são tambem submettidas a estes lavatorios; applica-se com um pincel a solução alcoolica de sublimado sobre todas as incisões, que são depois polvilhadas com os pós aromaticos, e torna-se a pôr cada orgão no seu lugar; mas antes disso é preciso fazer bastantes lavatorios em todas as cavidades e polvilha-los com pós. Praticão-se igualmente incisões nos braços, coxas e pernas, seguindo o tracto dos musculos; estas incisões são igualmente lavadas e tratadas como acima ficou dito. Depois de se ter acabado de encher com os pós todos os vacuos do interior, cose-se a pelle e deita-se verniz sobre a superficie do corpo; é tambem util envernizar as cavidades por dentro. Applicão-se depois ataduras de panno de linho sobre todas as regiões do corpo, enchendo os intervallos com os pós indicados: estas ataduras devem ser envernizadas e polvilhadas; por cima destas se applicão outras ataduras, que devem ser igualmente envernizadas; emfim mette-se o corpo n'um caixão de chumbo, no qual se deita o resto de pós que ficou, e solda-se a tampa.

Este methodo é mui dispendioso, não dá sempre bom resultado, e por isso está quasi abandonado depois da descoberta das propriedades conservadoras do sublimado corrosivo e de outras substancias.

Methodo pelo sublimado corrosivo. A dissolução de sublimado n'agua tem a propriedade de conservar as substancias animaes. Eis aqui como se procede.

Tirão-se os intestinos por uma pequena abertura do ventre, e lavão-se com dissolução de sublimado. Por meio de uma incisão praticada debaixo de cada braço, chega o operador ao peito e injecta o mesmo licôr. Repete-se a mesma operação com o cerebro, depois de se ter furado o craneo com precaução. Injecta-se a mesma dissolução na trachéa-arteria, introduz-se o sublimado em pó nas diversas cavidades, e mergulha-se depois o cadaver n'um banho saturado da mesma substancia, onde deve ficar dous mezes; depois tira-se e põe-se n'um lugar secco e quente: em poucos dias está acabada a deseccação.

Por este meio toma a pelle uma côr cinzenta e deformão-se as feições do rosto. Mas tendo o cuidado de encher a bocca com algodão, evacuando primeiramente os bugalhos dos olhos e enchendo as excavações das orbitas com algodão ou estopa, afim de levantar as palpebras e preparar um lugar para os olhos d'esmalte, mantendo as palpebras e os beiços approximados por meio de tiras d'encerado inglez, pôde-se prevenir em parte os inconvenientes da deseccação; emfim, pôde-se dar expressão ao rosto restabelecendo com cera as partes dos beiços ou do nariz que tenham experimentado um grão de diminuição mui consideravel, e faz-se desaparecer, com uma tinta branca e rosea, a côr cinzenta do rosto.

Methodo pelo arsenico. A operação consiste em injectar pela arteria carotida esquerda, por meio de uma seringa, uma dissolução de 2 libras d'arsenico colorido com um pouco de minio ou cinabrio em 20 libras d'agua, ou ainda melhor de espirito de vinho.

Por este meio pôde um cadaver ficar mais de dous mezes sem cheiro nem alteração; conserva sua frescura, sua flexibilidade e sua côr natural; depois fica secco, duro, toma uma côr escura, e conserva-se neste estado muitos annos. Mas este methodo é peri-

goso para as pessoas encarregadas da operação, por causa da absorpção do arsenico.

Methodo de Gannal, chimico de Paris. Consiste este methodo em injectar pela arteria carotida esquerda uma dissolução de sulfato d'alumina, em proporção de 2 libras de sulfato d'alumina para uma libra d'agua. Preparado desta maneira, o cadaver não é susceptivel de se putrificar, e fica secco em pouco tempo; mas cria mofo se sôr posto n'um lugar humido. E por isso o Sr. Gannal, para assegurar a conservação indefinita dos corpos que embalsama, tem o cuidado de fecha-los em caixões adequados com certas preparações sobre cuja composição nada tem publicado, mas que tem a propriedade de conservar os cadaveres com a apparencia do somno.

É para lastimar que o Sr. Gannal não tenha publicado o seu methodo por extenso; mas, para lhe fazer justiça, convém dizer que o seu methodo é o melhor pelos motivos seguintes: 1.º, a substancia que emprega é sem perigo para o operador; 2.º, a operação pôde ser acabada em meia hora; 3.º, as numerosas incisões, mutilações, a subtracção das visceras, a maceração prolongada, etc., são substituidas por uma operação da maior simplicidade, uma injectação por uma pequena abertura; 4.º, em lugar de um vulto cinzento, duro e secco, tendo apenas a fórma humana, o novo methodo conserva a pessoa tal qual estava no momento da morte; 5.º, finalmente, as despezas, que, pelos methodos geralmente usados até á nossa época, se elevavão de 600 fr até 3 contos de réis, não excedem hoje em Paris de 100 fr .

EMBARAÇO DO ESTOMAGO ou **EMBARAÇO GASTRICO**, ou **ENCHIMENTO DO ESTOMAGO**, ou **ENFARTE DO ESTOMAGO**. Deu-se este nome ao incommodo caracterizado pelos *symptomas* seguintes:

A bocca é amarga e saburrosa, a lingua é coberta de uma camada amarellada; ha fastio, arrotos mais ou menos frequentes, ou vontade de lançar; as digestões são difficeis; o doente tem ordinariamente repugnancia para a carne, e deseja substancias acidas;

emfim experimenta um sentimento de lassidão nos membrose dôres de cabeça, principalmente por cima das sobranceiras.

As *causas* ordinarias desta affecção são as comidas mui copiosas, os alimentos pesados e indigestos, o excesso dos licôres espirituosos. Esta molestia se desenvolve tambem debaixo da influencia do calor humido, das paixões tristes, dos pezares profundos, dos trabalhos d'espírito excessivos.

Tratamento. Quaesquer que sejam as causas desta molestia, é pouco grave e dura só alguns dias, se é tratada convenientemente. É preciso logo no principio observar dieta um pouco severa, e pôr-se no uso de bebidas acidulas, taes como limonada de limão, de laranja, de cajú etc. Se este tratamento não fôr sufficiente, é preciso recorrer ao vomitorio. Um ou dous grãos de tartaro emetico, dissolvidos n'uma chicara d'agua morna, e tomados em uma vez, é o que convém. Mas se existir diarrhéa, em lugar de tartaro emetico, é preciso tomar 24 grãos de poaia em pó n'uma chicara d'agua morna. Se houver prisão de ventre, é necessario tomar 2 onças de sal d'Epsom no dia seguinte ao do tartaro emetico.

Se o doente sentir dôres na bocca do estomago, e se este lugar fôr mui sensivel á compressão, em vez de vomitorios, será preciso applicar seis a dez bichas no ventre, e recorrer depois ao purgante.

EMBIGO. Dá-se este nome á cicatriz que resulta da quédia do cordão umbilical. Nas crianças recém-nascidas, a palavra *embigo* designa o ponto do ventre onde se acha inserido o cordão.

Logo depois da nascença, é preciso cortar o cordão umbilical a duas ou tres pollegadas de distancia do ventre, e laquear immediatamente com fios de linho; mas se o cordão é molle, podem os fios de linho corta-lo, e é melhor em tal caso empregar uma mecha de fios de algodão. Nos partos de uma só criança, laquea-se unicamente a extremidade do cordão que fica com a criança, e deixa-se a outra extremidade sem laquea-la; quando porém existem

gemeos, depois da sahida da primeira criança, é preciso fazer a laqueação em dous lugares: a primeira a duas pollegadas, e a outra a tres pollegadas do ventre da criança, e cortar com uma tesoura no intervallo destas duas ligaduras. Sem esta segunda ligadura poderia sobrevir uma hemorrhagia. Depois da laqueação, a extremidade adherente do cordão deve ser envolvida n'um panno de linho ou de algodão, levantada para cima do lado esquerdo e mantida com uma atadura. Desta maneira não comprime o figado e nem fica molhada pelas ourinas. Depois da sua dessecção e da sua quéda, que tem lugar do terceiro ao setimo dia, lava-se com agua morna e cobre-se com um panno de linho secco ou untado com ceroto a pequena ulceração que lhe succede. Às vezes esta ulceração sara com difficuldade; é preciso então polvilha-la com folhas de murta.

QUEBRADURA DO EMBIGO. Dá-se o nome de *quebradura do embigo*, ou *quebradura umbilical*, a um tumor que resulta da sahida dos intestinos atravéz do anel umbilical, ou na vizinhança desta abertura. Esta molestia se mostra nas crianças que nascem, ou logo depois da quéda do cordão umbilical, ou nos adultos: ha por consequinte tres especies de quebraduras do embigo: a *quebradura congenial*, a das *crianças* e a dos *adultos*.

Quebradura congenial ou *dos recém-nascidos*. O volume desta quebradura é mui vario: é ás vezes tão pequeno, que as pessoas que laqueão o cordão podem comprehendê-la na ligadura; donde resultão os accidentes mais graves e até a morte; sobre-vem então vomitos, prisão e inchação do ventre, febre; forma-se depois um anus *contra a natureza*, ou o recém-nascido succumbe.

Quando a quebradura do recém-nascido é pequena, não offerece perigo nenhum; o tratamento consiste em introduzir o intestino no ventre, laquear e cortar o cordão, e exercer sobre o embigo uma compressão por meio de chumaços, para se oppôr á reproducção da molestia.

Mas quando a quebradura é um pouco grande, a criança morre quasi sempre. Eis-aqui o que faz o perigo desta molestia. A pelle que se acha por cima da quebradura, e que pertence ao cordão umbilical, se destroe, assim como este ultimo, seis ou sete dias depois do nascimento; o intestino se acha então descoberto, e sobrevem uma inflammção promptamente mortal. É isto o que constitue o *mal de sete dias*, molestia mui rara, mas que muitas pessoas julgão frequente, porque debaixo deste nome designão erradamente outras muitas affecções que sobrevem no setimo dia, mas que não dependem da quebradura do embigo.

A *quebradura do embigo das crianças* se forma ordinariamente pouco tempo depois da queda do cordão umbilical, ou nos primeiros mezes que seguem o nascimento; póde sobrevir no quarto ou quinto anno, mas raramente. Suas *causas* são: os gritos das crianças, os vomitos, a tosse, e sobretudo a coqueluche. Apresenta-se debaixo da fórma de um tumor alongado, em fórma de dedo de luva, que augmenta quando a criança chora ou tosse; sente-se, depois da redução, a abertura que lhe dá passagem.

A quebradura que se declara algum tempo depois do nascimento é muito menos grave do que a dos recém-nascidos; mas não se póde obter a cura radical senão nas crianças menores de seis annos.

A redução desta quebradura é mui facil: se o tumor é pouco volumoso, a compressão deve ser feita directamente de diante para trás; mas se o tumor é grande, é preciso comprimir um pouco obliquamente debaixo para cima.

Depois da redução, o *tratamento* consiste na compressão, que deve ser continuada por algum tempo. Quatro a seis semanas são sufficientes para as crianças mui novas. Eis-aqui como se procede. Corta-se um pedaço meio-espherico de uma rolha de cortiça, envolve-se n'um panno de linho ou de algodão, applica-se no embigo do lado convexo e segura-se com uma cinta. Para impedir que a cortiça saia do

lugar, é bom applicar por cima della um pedaço d'emplasto adhesivo, e por cima deste pôr a cinta. Este aparelho é sufficiente para os meninos mui tenros; para os mais velhos convém empregar fundas elasticas.

Quebradura do embigo dos adultos. As pessoas gordas que emmagrecem e as mulheres que tem tido muitos partos são muito expostas á quebradura do embigo. É um tumor não doloroso, sem mudança de côr da pelle; é duro e augmenta de volume quando o doente está em pé, ou quando tosse; é molle, pelo contrario, e desaparece ás vezes inteiramente, quando o doente se deita ou quando comprime este tumor com a mão; torna a apparecer quando cessa a compressão; ás vezes percebem-se neste tumor certos ruidos que dependem dos movimentos dos gazes dentro dos intestinos.

A quebradura dos adultos não offerece as mesmas probabilidades de cura que a das crianças, porque o aanel perdeu a tendencia para se contrahir; entretanto não é incuravel.

Para reduzir a quebradura dos adultos, é preciso que o doente se deite de costas e encolha as coxas; comprime-se-lhe o tumor com a mão, e depois de feita a redução, applica-se uma funda elastica que tenha no meio uma almofadinha convexa, a qual se adapta sobre o embigo.

EMBORCAÇÕES. Assim se chamão columnas de liquido que vem tocar n'uma parte qualquer do corpo, á qual imprimem certo sacudimento. A maneira de sua administração é mui vária. Nos estabelecimentos dos doudos, nos quaes as emborcações são um meio energico de tratamento, o doente é mantido em uma banheira cheia d'agua morna, por meio de uma tampa que apresenta uma chanfradura destinada a abraçar o pescoço, sem entretanto comprimi-lo: a um signal dado, tira-se uma valvula; certa quantidade d'agua fria se escapa de um reservatorio, e cahe de repente sobre a cabeça do doente. Servem-se tambem nos mesmos

estabelecimentos de um tubo de couro flexivel, que sahe da parte inferior do reservatorio e é guardado na outra extremidade de uma torneira que se abre e fecha á vontade. Toma-se o canudo na mão, e dirige-se o jorro como se quer sobre a cabeça ou qualquer outra parte do corpo. Da mesma maneira se administrão as emborçações no maior numero dos estabelecimentos d'aguas mineraes. Um apparelho pouco mais ou menos semelhante serve para se darem as emborçações de vapor; a agua vaporizada em um reservatorio particular dirige-se sobre a parte doente, que se submette á sua acção. Os banhos que se tomão no mar são quasi sempre acompanhados de uma especie de emborçações, produzidas pelo movimento continuo das ondas. As emborçações determinão um abalo particular do systema nervoso. É um meio precioso no tratamento da alienação mental, nos engurgitamentos das visceras, nos rheumatismos chronicos, nas paralyrias, fraquezas musculares, rijezas das articulações, etc.

EMBOTAMENTO DOS DENTES. *Vêja-se* DENTES, Vol. II, pag. 23.

EMBRIAGUEZ. Tomadas em pequena quantidade, as bebidas alcoolicas, e principalmente o vinho, tem por effeito habitual activar a circulação e produzir uma exaltação geral, ordinariamente assignalada por maior facilidade no exercicio das faculdades intellectuaes, e uma especie de satisfação interior, acompanhada de disposições benevolas para os outros. O homem não perde assim sua razão; suas acções e seus discursos ficão sómente mais livres, e descobrem melhor suas inclinações ou seus pensamentos secretos.

Tomadas com menor reserva ou com excesso, as bebidas alcoolicas produzem uma agitação physica e moral mui grande, que se manifesta por gritos, cantos, uma alegria extravagante, ou disposição para brigar. O homem perde toda a razão. Os movimentos musculares, que erão solidos, tornão-se irregulares, a lingua parece pesada, e as palavras

são imperfeitamente articuladas. É o segundo gráo da embriaguez.

No terceiro gráo a embriaguez é acompanhada de uma congestão cerebral mais ou menos consideravel; o pulso torna-se lento, a respiração roncante; o corpo, que já cambaleava, não se póde sustter, ainda estando o individuo sentado; os olhos se fechão, a voz desaparece, succedendo um somno tão profundo que póde até levar á morte. Tem-se visto pessoas que, por haverem bebido de uma só vez, por desafio ou por basofia, uma ou algumas garrafas de caxaça ou de aguardente de França, succumbirão quasi immediatamente depois destas condemnavéis provas.

Taes são os caracteres geraes da embriaguez; mas elles varião frequentemente de uma maneira mui notavel. Por exemplo, certos individuos, que se tornão tristes e taciturnos á medida que se vão embriagando, acabão por experimentar um verdadeiro accesso de melancolia. Outros mostrão furor acompanhado de movimentos convulsivos, experimentão uma especie de delirio, chamado *delirio nervoso*. (*Veja-se* esta palavra, Vol. II, pag. 9.) Uns tornão-se pallidos; outros, pelo contrario, tem o rosto animado. Muitos desatão em gargalhadas e ficão muito divertidos.

O costume de embriagar-se occasiona accidentes mais ou menos graves, e tanto mais promptamente funestos quanto mais fortes são as bebidas. Assim vê-se, no fim de algum tempo, os que se embebedão com caxaça emmagrecerem, perderem pouco a pouco o appetite e as forças, e experimentarẽ, pelo effeito da alteração dos principaes orgãos do ventre, primeiramente a inchação das pernas, e depois uma hydropisia geral, que é sempre seguida de morte. Aquelle que se embebeda com cerveja limita-se a engordar immoderadamente, e a cahir n'um estado habitual de entorpecimento. O bebado por abuso de vinho tambem engorda ordinariamente, bem que em gráo menor, e experimenta um enfraquecimento

notavel das faculdades intellectuaes, que o torna incapaz de qualquer occupação um pouco elevada.

Tratamento da embriaguez. A embriaguez simples não é grave. Bastão frequentemente alguns copos de limonada de limão ou d'agua com assucar e um pouco de vinagre, lavatorios d'agua fria no rosto e na cabeça, applicações na testa de pannos molhados n'agua fria e vinagre, e alguns instantes de silencio e de repouso, para se acalmar a excitação que a caracteriza. A embriaguez produzida pelos vinhos brandos e espumosos, como o vinho de Champanha, é sobretudo facil de dissipar-se.

No segundo gráo; o estado que nos occupa merece maior attenção. Algumas chicaras de chá, de café, ou oito a dez gottas de ammoniaco em meio copo d'agua com assucar, contribuem frequentemente para fazê-lo desapparecer. O ether sulfurico e o acetato de ammoniaco, na dóse de 10 a 15 gottas em meio copo d'agua com assucar, produzem igualmente bons effeitos. E preciso depois dar a beber limonada de limão de vinagre.

Quando a embriaguez chega ao estado de insensibilidade, de somno lethargico, é preciso deitar o doente de lado, com a cabeça levantada, n'um lugar fresco, e tirar-lhe toda a roupa que constrange a circulação. O chá da India, administrado abundantemente, apressará o restabelecimento. Esta bebida, que póde ser substituida pela agua morna, apresenta a dupla vantagem de diluir as materias alcoolizadas contidas no estomago e de favorecer a sua evacuação. E' preciso facilitar os vomitos, titilando a campainha com a rama de uma penna, ou introduzindo dous dedos na garganta.

Estes meios convém igualmente no caso de embriaguez levada até á aniquilação quasi completa das acções vitaes. É preciso, além disto, aquecer o individuo por meio de fricções com baeta quente, e applicar-lhe sinapismos nos pés. Quando o calor reaparece, é preciso praticar uma sangria. Se o individuo não cobra os sentidos, é necessario continuar

as fricções sobre as diferentes partes do corpo, com pannos seccos ou embebidos em vinagre ou ammoniac, approximar-lhe um frasco de ammoniac ás ventas, applicar nas pernas pannos molhados em agua fervendo, para produzir empolas, e dar emfim um clyster preparado com 10 onças d'agua e 6 grãos de emetico, ou, em lugar de emetico, com 4 onças de sal de Glauber. Não se devem cessar estes soccorros senão quando os membros ficarem rijos e annuncia-rem que a vida está inteiramente extincta.

É mui raro que depois do desaparecimento de um accesso de embriaguez sobrevenhão accidentes graves. Resulta só ordinariamente uma dôr de cabeça, mais ou menos viva, com fastio, amargor de bocca, sentimento doloroso no ventre, arrotos de ovos chocos, e uma especie de tremor muscular, symptomas que se dissipão ordinariamente com um ou dous dias de dieta e com o uso abundante de bebidas aqueas.

O tratamento do delirio nervoso que é frequentemente consequencia dos excessos deste genero, é indicado em artigo separado. (Vol. II. pag. 10.)

Tem-se gabado varios *preservativos* da embriaguez, e a historia cita Druso, que resistia a todos os seus convivas, tendo o cuidado de comer cinco ou seis amendoas amargas durante o banquete. Mas deve-se conceder pouca confiança a este meio, e antes attribuir esta faculdade á resistencia que offerecem certas organizações á acção dos licôres alcoolicos. Em limites restrictos, o costume enfraquece a acção das bebidas fermentadas sobre os nervos, e pôde-se beber uma grande quantidade sem perder a razão. Quando, pelo contrario, a embriaguez é quasi habitual, bastão ligeiras quantidades de vinho ou de licôr para embebedar; esse estado, designado debaixo do nome de bebedice, occasiona tão grandes modificações no rosto e no olhar, que basta um simples exame para conhecer immediatamente uma pessoa entregue a este funesto costume, que, neste gráo, torna-se uma paixão invencivel.

EMBRIÃO. *Veja-se* EMBRYÃO.

EMBROCAÇÕES. Assim se chamão em medicina applicações, sobre a pelle, de oleo de amendoas doces, de oleo alcanforado ou de algum outro liquido oleaginoso.

EMBRYÃO. Nome que se dá á criança desde a época da concepção até aos tres mezes de sua vida dentro do utero. *Veja-se* FETO.

EMETICO. Tomada adjectivamente, a palavra *emetico* emprega-se em geral para designar todo o medicamento dotado da propriedade de provocar vomitos; tomada substantivamente, serve para designar um sal conhecido debaixo das denominações seguintes: *tartaro de antimonio e de potassa, tartaro stibiado, tartaro emetico*. Trataremos neste artigo só do tartaro stibiado; quanto aos medicamentos emeticos considerados geralmente, *veja-se* o artigo VOMITORIO.

O tartaro emetico é um sal branco, crystallisado em octaedros ou tetraedros meio transparentes, inodoros, de um sabor estiptico e nauseante, solúvel n'agua. É um poderoso vomitorio. Administra-se na dóse de um a dous grãos dissolvidos n'um copo ou n'uma chicara d'agua fria ou morna, que se bebe de uma ou por duas vezes com um quarto de hora de intervallo. Facilitão-se os vomitos bebendo-se por vezes agua morna. Em alguns individuos o tartaro stibiado occasiona, em lugar de vomitos, dejecções alvinas; em outras pessoas produz um e outro effeito. Este medicamento, administrado da maneira que acaba de ser exposta, emprega-se nas constipações, nos catarrhos pulmonares chronicos, nas erysipelas, nas esquinencias, no garrotinho e em outras muitas molestias. Augmentando as dóses do emetico e repetindo-as uma após outra, e em pequena quantidade de liquido, não se obtem os mesmos effeitos. Poder-se-hão introduzir no estomago 20, 24, 36 grãos, e mais, sem provocar-se vomitos nem diarrhéa. Outros phenomenos não menos incompreensiveis se apresentam ao observador: o pulso torna-se lento, bate só 50 a 55 vezes por minuto; a transpiração

cutanea e a secreção urinaria augmentão consideravelmente. Esta acção do tartaro stibiado, á qual a escola italiana deu o nome de *contra-stimulante*, foi aproveitada no tratamento das inflammções do peito e dos rheumatismos agudos, e tem produzido curas admiraveis. Em mui alta dóse de uma só vez, o emetico é um veneno; porém em pequena dóse (um a dous grãos) administra-se em muitos casos de envenenamentos, afim dese obter, pelos vomitos, a evacuação das substancias venenosas contidas no estomago. O contraveneno do emetico é o chá da India mui carregado e o cozimento de casca de romã, de quina ou de noz de galha.

EMMAGRECIMENTO. Diminuição gradual do volume do corpo. O emmagrecimento póde depender de duas especies de causas bem differentes, cuja distincção é mui importante para o tratamento.

Manifesta-se ás vezes independentemente de toda a molestia, e chama-se então *essencial* ou *physiologico*. As circumstancias que mais frequentemente o occasionão são: a época da adolescencia ou a da decrepidez, um crescimento rapido, o vicioso costume da masturbação, excessivos trabalhos mecanicos ou intellectuaes, affecções moraes profundas, e sobretudo concentradas, como a inveja nas crianças, o pezar, a tristeza, a ambição, o amor, e tambem longas abstinencias, viglias prolongadas, o excesso dos prazeres, o abuso dos licôres espirituosos, etc. O uso continuo dos acidos, e principalmente do vinagre, póde igualmente determinar a apparição do phenomeno que nos occupa.

Outras vezes, e isto é mais geral, o emmagrecimento é o effeito de alguma molestia aguda ou chronica. É ás vezes um signal de affecções verminosas nas crianças e até nos adultos. Observa-se então que os doentes, e principalmente os que são atacados da solitaria, emmagrecem muito, sem comtudo experimentarem diminuição do appetite. Vê-se frequentemente nas mulheres gravidas a affluencia dos humores do lado do utero de ter-

minar o emmagrecimento das outras partes : este não é perigoso, e não dura mais do que o periodo da prenhez.

Ainda quando o emmagrecimento é puramente physiologico , isto é, estranho a uma lesão organica bem conhecida, merece a maior attenção, porque indica uma falta de repartição entre as forças vitaes, e porque é acompanhado em geral de uma susceptibilidade nervosa que torna os órgãos mais facéis de serem affectados de alguma molestia : banhos mornos repetidos, alimentos nutrientes e de facil digestão, como as decocções dos grãos cereaes, tapioca, salepo, sagú, milho, araruta, pão, geléas vegetaes e animaes, carnes assadas, caldos, poderão ser tentados com vantagem. Quanto ao emmagrecimento symptomatico, o seu tratamento deve ser dirigido contra a molestia que o produz.

EMMENAGOGOS. Os emmenagogos são agentes que gozão da propriedade de restabelecer o fluxo menstrual supprimido. Mas, como esta suppressão pôde depender de causas differentes, os agentes emmenagogos são tambem diversos, e muitas vezes oppostos uns aos outros. Assim, a sangria do braço ou as bichas são frequentemente os meios mais efficazes para provocar ou regularisar a menstruação quando a sua suppressão é precedida de dôres de cabeça, calor do corpo, pulso forte e frequente. Quando, pelo contrario, a moça é fraca, oppilada, as preparações ferreas, a quina e outros tonicos, sós ou associados aos excitantes, são verdadeiros emmenagogos. Mas, por abuso de palavras, tem-se dado especialmente o nome de emmenagogos aos medicamentos que exercem uma acção estimulante sobre o utero, e que se administrão quando a falta de menstruação depende da fraqueza deste órgão. Eis aqui estas substancias : Açafrão, arruda, sabina, artemisia, carapia, aloes, e escalda-pés sinapisados.

EMOLLIENTES. Designão-se debaixo deste nome todos os meios medicinaes, e principalmente certas substancias medicamentosas que gozão da proprie-

dade de relaxar os órgãos. A agua morna, empregada em bebidas, fomentações, banhos, vapores, é o primeiro dos emollientes de que mais frequentemente se usa, e que serve quasi sempre de vehiculo a todos os outros. Entre as substancias vegetaes, pertencem á classe dos medicamentos emollientes a raiz de althéa, folhas de malvas, flôres de violas, sementes de linhaça, sementes de marmelo, vassourinha; os fructos adocicados, taes como as passas de uvas, figos seccos, tamaras, as sementes de abobora, cabaço, melão e pepino; as amendoas, todas as gommias, e principalmente a gomma arabica e alcatira, o polvilho e todos os grãos que contém fecula, taes como a cevada, aveia, arroz, o miolo de pão. Entre as substancias animaes, contão-se a gelatina ou colla de Flandres, que serve para preparar os banhos emollientes, as decoçções de carne de frango, vitella, tartaruga, rãas, carangueijos; emfim, emprega-se tambem como emolliente o sôro e as differentes especies de leite.

Applicados á superficie da pelle, os emollientes tornão-a mais molle, acalmão a vermelhidão e as differentes especies de irritações de que pôde ser affectada. Introduzidos nas vias gastro-intestinaes, pela bocca ou pelo anus, produzem a principio os mesmos effeitos que na pelle; diminuem, além disto, a sêde, o calor interior, as irritações intestinaes, acalmão a tosse, a febre e a dôr. Empregão-se os emollientes de todas as fórmas, em coziimentos, poções, fomentações, emplastos, cataplasmas, clysteres, banhos, etc.

EMPIGEM ou **DARTRO**. Molestia cutanea, de uma marcha lenta em geral, ordinariamente rebelde aos numerosos meios dirigidos contra ella, e cuja fórma é mui variavel. Umaz vezes consiste em uma reunião de pequenos botões vermelhos, que deixão transudar uma serosidade, e se convertem em pocira, escamas furfuraceas, ou em crostas mais ou menos espessas. Outras vezes dá-se o nome de empigem a pustulas, ulcerações, emfim a simples nodoas vermelhas. Vul-

garmente dá-se á empigem o nome de *molestia da pelle*; em medicina chama-se *dartro*.

Causas. É necessaria uma predisposição particular para se poder contrahir as empigens, e esta, como a maior parte das predisposições, não é conhecida em sua natureza; transmite-se frequentemente por via de herança, mas póde tambem ser adquirida. É tão grande esta predisposição em certos individuos, que a menor arranhadura é seguida de uma empigem. Emfim, em alguns casos, bem que mui raros, as empigens podem ser communicadas por contagio. Tudo quanto irrita directa ou indirectamente a pelle póde tornar-se causa de empigens. Assim, apparecem debaixo da influencia dos grandes calores do verão e dos climas quentes; pelo effeito do desalinho, pela habitação no seio de uma atmospherá carregada de pó, e que, pegando-se á pelle, se oppõe á transpiração. Porém a fonte mais fecunda destas molestias é o uso de alimentos irritantes, e principalmente dos que são salgados, apimentados, fumados, fermentados, corruptos e indigestos. Emfim, as empigens podem se mostrar em consequencia de uma suppressão de transpiração, de hemorrhagia, ou de algum outro fluxo habitual. O Dr. Alibert cita um caso de uma moça, de idade de 24 annos, que foi affectada de uma empigem geral, em consequencia da suppressão dos menstros: no fim de oito mezes as funcções do utero se restabelecerão, e a molestia da pelle desapareceu completamente. A syphilis é causa frequente della; observão-a tambem nos individuos affectados de escrophulas, de sarna antiga ou de escorbuto.

As paixões tristes da alma tem uma influencia mui consideravel sobre a producção das empigens. O Dr. Alibert cita na sua obra muitos exemplos que poem esta influencia sóra de duvida. Uma mulher foi subitamente atacada de uma affecção da pelle, em consequencia de um pezar violento, occasionado pela perda de uma criança. Um criado vio de repente seu corpo cobrir-se de uma empigem, pelo effeito da

impressão viva que experimentou vendo ser seu amo conduzido ao supplicio durante as execuções revolucionarias. Nada é mais commum do que ver muitos individuos attribuirem a origem das molestias da pelle de que são affectados ás emoções moraes que experimentarão, ás *revoluções* (segundo a expressão favorita do vulgo) que sentirão e que abalarão todo o seu organismo.

Symptomas. As empigens se apresentam debaixo de tantos aspectos diversos, que, para descrevê-las, foi preciso dividi-las em muitas especies.

1.º Empigem *furfuracea*. Consiste em leves exfoliações do epiderme, semelhantes a farioha. É acompanhada de uma pequena comichão. Aparece durante os calores e desaparece ordinariamente com a volta do tempo frio.

2.º Empigem *escamosa*. Exfoliações do epiderme que formão escamas mais largas do que na especie precedente. Principia por pequenas pustulas que causão um prurido insupportavel, rompem-se ou são rasgadas pelos doentes, e deixão sahir uma serosidade. Depois, a pelle se racha, e o epiderme cahe por escamas que se succedem em quanto dura a empigem.

3.º Empigem *crostacea*. Crostas amarellas, brancas ou verdes, de fórmãs variadas, que succedem a pequenas pustulas, e se soltão para dar lugar a outras.

4.º Empigem *roente*. Botões pustulosos ou ulceras roentes que dão um pus fetido, que não atação sómente a pelle, mas que corróem tambem os musculos e as cartilagens, e se estendem ás vezes até aos ossos.

5.º Empigem *pustulosa*. Pustulas mais ou menos volumosas. Cobrem-se de escamas e de crostas ligeiras, e são substituidas por nodoas vermelhas. A esta especie pertencem a *caparrosa* e o daltro chamado *mentagre*.

A *caparrosa* ou *gota rosada* consiste em pustulas, cercadas de um círculo roseo, derramado sobre o

nariz, rosto, testa, e que se estende ás vezes até aos ouvidos e ás partes superiores do pèsoço. A pelle com o tempo torna-se dura debaixo das pustulas e fórma tuberculos cutaneos; incha-se e toma uma côr violacea. Quando esta molestia é limitada ao nariz, augmenta consideravelmente o seu volume e torna esta parte mui disforme. Os excessos da mesa são suas causas mais poderosas. O maior numero dos cosmeticos de que algumas mulheres fazem uso a produzem ás vezes. Emfim, ella pôde se desenvolver em consequencia de pezares e paixões concentradas. Em geral, a sua cura é mui difficil.

O darto *mentagre*, sempre situado na barba, mas estendendo-se ás vezes ás faces, consiste em botões vermelhos que causão uma comichão mui viva, e são acompanhados de uma inflammação mais ou menos forte e suppurão. Este darto é mui raro nas mulheres e mui frequente nos homens. É provavel que provenha das irritações repetidas produzidas pela acção da navalha, e ás vezes pela falta de asseio.

As quatro ultimas especies de empigens chamão-se vulgarmente *empigem brava*.

Os dartos que são acompanhados de muita dôr e calor produzem ás vezes ulcerações, ás quaes se tem dado o nome de *ulceras dartrosas*. Eis-aqui os seus caracteres. A ulcera dartrosa é pallida, seu fundo é de uma côr rosea pallida; sua circumferencia desigual é cercada de uma margem vermelha, e a pelle vizinha é coberta de uma erupção dartrosa. É ordinariamente indolente e estacionaria.

Tratamento. Ha muito tempo que se diz que se pôde julgar da impotencia da arte em uma molestia pelo grande numero dos meios aconselhados contra ella. Esta verdade acha-se confirmada no tratamento das empigens. A lista dos medicamentos empregados nesta molestia é enorme. É inutil dá-la completa: indicarei sómente os principaes agentes que a compoem.

O enxofre, sob mil fórmas, interior e exteriormente empregado, occupa o primeiro lugar entre estes agentes; segue-se o mercurio, depois o iodo, o antimonio, o arsenico, os sumos de certas plantas, taes como doce-amarga, bardana, fumaria, labaca, saponaria, agriões, mastruço, banhos mornos, simples ou sulfurosos, os de vapor, lavatorios e fomentações emollientes e narcoticas, taes como com decoção de malvas, de althéa, de sementes de linhaça, de herva moura, de meimendo, de cabeças de dormideiras, com leite, azeite doce, oleo de amendoas doces, balsamo tranquillo; as cataplasmas da mesma natureza; os adstringentes, como as dissoluções de acetato de cobre, de sulfato de zinco; pomadas emollientes e irritantes, lavatorios com liquidos irritantes, como agua salgada, agua do mar, licôr de Van-Swieten, agua de Colonia; os vesicatorios sobre os mesmos dartos; a cauterisação com pedra infernal, os purgantes de todas as especies, os cozimentos de luparo, de genciana, de salsaparrilha etc.

Regra geral: é vantajoso que se principie o tratamento de algum darto pelos emollientes em lavatorios, banhos, cataplasmas. (*Veja-se* EMOLLIENTES.) Os purgantes em pequenas doses e longo tempo continuados são frequentemente associados com vantagem aos meios precedentes. Depois disto pôde-se lavar a parte com agua salgada, agua do mar, com agua misturada com um pouco de vinagre, dissolução d'agua de Colonia ou licôr de Van-Swieten. Fricções com uma das pomadas seguintes podem ser uteis, depois de acalmada a irritação pelas applicações emollientes:

- | | | |
|----|-------------------|-----------|
| 1. | Flôres de enxofre | 1 onça. |
| | Sal ammoniaco. | 1 oitava. |
| | Banha | 2 onças. |
| | Misture. | |
| 2. | Flôres de enxofre | 1 onça. |
| | Sulfato de zinco | 1 oitava. |
| | Banha | 3 onças. |
| | Misture. | |

- | | | |
|----|--------------------------|------------|
| 3. | Sub-carbonato de potassa | 1 oitava. |
| | Banha | 2 onças. |
| | Enxofre | meia onça. |
| | Misture. | |
| 4. | Alcatrão | 2 oitavas. |
| | Banha | 1 onça. |
| | Misture. | |
| 5. | Chlorureto de cal | 1/2 onça. |
| | Oleo de amendoas doces | 1/2 onça. |
| | Banha. | 1 onça. |
| | Misture. | |
| 6. | Banha | 1 onça. |
| | Enxofre | 24 grãos. |
| | Calomelanos. | 30 grãos. |
| | Misture. | |

As ulceras dertosas exigem só cuidados locais, uma extrema limpeza, e o curativo composto de um panno untado com ceroto simples ou ceroto sulfureo.

Um regimen brando concorre poderosamente para a cura das empigens. A abstinencia das especiarias, das substancias acres, dos licôres, das bebidas estimulantes, o uso habitual de uma alimentação escolhida, forão em todo o tempo aconselhados aos individuos affectados de molestias da pelle. O leite, as carnes frescas, os legumes, os fructos e as bebidas acidulas, devem ser em geral as principaes bases do regimen alimentario. Um exercicio moderado, frequentes banhos do corpo, um ar puro, não são menos necessarios. Se as empigens dependem de syphilis, siga-se o tratamento proprio desta ultima molestia (*veja-se* SYPHILIS); se fôrem complicadas de escorbuto, de escrophulas, será preciso tambem modificar o tratamento conforme as indicações. (*Veja-se* ESCORBUTO, ESCROPHULAS.)

EMPLASTO ou EMPLASTRO. Medicamento mais ou menos consistente, que se torna molle pelo effeito do calor, e adhere ás partes sobre que se applica. Entre os emplastos, uns são formados de corpos gordos e oleosos; de resina, cêra, pós vegetaes ou

decocções, sem nenhum oxydo metallico: distinguem-se com o nome de *unguentos emplasticos*. Outros são solidificados por um oxydo de chumbo, e dá-se-lhes o nome de *emplastos* propriamente ditos. Só se empregão exteriormente. Para este effeito se fazem amollecere em agua quente, e estendem-se então com os dedos molhados em azeite doce sobre pedaços de panno; outras vezes derretem-se ao fogo, e assim se derramão sobre pedaços de panno de algodão, de maneira que estes não fiquem cobertos senão de uma camada mui delgada; esta ultima preparação de emplastos chama-se *sparadrap*. O numero dos emplastos empregados no tratamento das molestias era outr'ora mui grande; hoje está mais limitado. Indicaremos aqui sómente os mais usados.

Emplasto simples: é composto de partes iguaes de banha de porco, azeite doce e lithargyrio (oxydo de chumbo), ao que se incorpora certa quantidade d'agua. Este emplasto se applica sobre os leicções para apressar a suppuração.

Emplasto adhesivo: é o mesmo que o diachylão. Estendido sobre panno de algodão e cortado em tirinhas serve para reunir as margens das feidas, isto é, para fazer o que se chama *pontos falsos*.

Emplasto vesicatorio: é composto de tres partes de pez branco, uma de terebenthina e duas e meia de cera amatella, que se derretem juntas; cõa-se e se lhe mistura intimamente parte e meia de cantharidas em pó mui fino. Quando se quer fazer uso desta massa emplastica, estende-se-a sobre um pedaço de panno ou papel. Para tornar o caustico mais forte, convém polvilha-lo, no momento da applicação, com cantharidas mais grosseiramente pulverisadas.

Emplasto mercurial de Vigo: compõe-se de emplasto simples, cera amarella, pez, gomma ammoniaca, bedellio, myrrha, terebenthina, estoraque, alfazema e mercurio. Emprega-se contra os engurgitamentos chronicos dos testiculos e contra as mulas, afim de prevenir a suppuração das glandulas inflammadas

e engurgitadas. Este meio porém não se oppõe sempre a taes resultados.

Emplasto diachylão. *Veja-se* DIACHYLÃO.

Emplasto de cicuta: compõe-se de pez, cera amarella, gomma ammoniaca e sumo de folhas de cicuta. applica-se sobre os tumores do peito, engurgitamentos escrophulosos das glandulas, etc.

EMPOLA. Dá-se o nome de empola a pequenas bolhas que fórma o epiderme levantado por serosidade na occasião de uma fricção repetida contra um corpo duro, de uma queimadura, da applicação de cantharidas sobre a pelle, etc. É preciso abri-las com um alfinete ou com a ponta de uma agulha, sem tirar a epiderme; cobre-se depois a parte com um paño untado de ceroto ou com algodão cardado. Este ultimo curativo convém principalmente nas empolas produzidas por queimadura.

EMULSÃO. Dá-se o nome d'emulsões a licôres de apparencia leitosa, que se preparão dividindo as sementes oleaginosas por meio da agua: taes são emulsão de amendoas doces, de pevides de melancia, etc. São medicamentos mui alteraveis, e por este motivo não se devem preparar senão para um só dia.

ENCALHE DO BACÔ. *Veja-se* BACÔ, Vol. I, p. 476.

ENCALHE DO FIGADO. *Veja-se* FIGADO.

ENCERADO INGLEZ. É um tafetá de côr rosea ou preta, coberto de muitas camadas de colla de peixe dissolvida em agua fervendo, á qual se junta tintura alcoolica de benjoim, e ás vezes balsamo do Perú. Servem-se delle, para preservar do ar as pequenas esfoladuras, para cobrir os botões do rosto ou reunir as margens das pequenas feridas. Antes de applica-lo, é preciso molha-lo com agua ou com saliva.

ENCHIMENTO DO ESTOMAGO. *Veja-se* EMBARAÇO DO ESTOMAGO.

ENCONTRÃO. O resultado ordinario de um encontrão contra algum corpo duro é uma contusão. (*Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.)

ENCORDIO. *Veja-se* MULA.

ENDEFLUXADO. *Veja-se* DEFLUXO. Vol. II, pag. 4.

ENDURECIMENTO DO BAÇO, DO FIGADO. *Veja-se* Inflamação chronica, nos artigos BAÇO, FIGADO.

ENFARTE DO BAÇO. *Veja-se* BAÇO.

ENFARTE DO ESTOMAGO. *Veja-se* EMBARAÇO DO ESTOMAGO.

ENFARTE DO FIGADO. *Veja-se* Inflamação chronica, no artigo FIGADO.

ENFORCADO. *Veja-se* ASPHYXIA por estrangulação, Vol. I, pag. 148.

ENFRAQUECIMENTO ou ESFALFAMENTO. O enfraquecimento é um symptoma que não se deve confundir com a fraqueza, que é um estado permanente e que póde ser natural a um individuo. O enfraquecimento se manifesta ordinariamente no principio das molestias graves; succede constantemente depois das molestias agudas. Para os meios que convém para combater este estado, veja-se os artigos CONVALESCENÇA e EMMAGRECIMENTO.

ENGULHO. *Veja-se* NAUSEA.

ENGURGITAMENTO DO BAÇO. *Veja-se* BAÇO, Vol. I, pag. 176.

ENGURGITAMENTO DO FIGADO. *Veja-se* FIGADO.

ENGURGITAMENTO DAS GLANDULAS. *Veja-se* GLANDULA.

ENJOO. O tributo de soffrimentos que é preciso pagar á navegação maritima, quando ainda não se tem adquirido o beneficio de uma sorte de aclimamento a bordo dos navios, é um phenomeno bem estranho e não explicado até hoje. A disposição aos enjões não é igual em todos; até ha pessoas que nunca os tem. É impossivel indicar as apparencias que denotão esta disposição; entretanto, os individuos nervosos, de uma constituição secca, parecem resistir mais. Os individuos que são facilmente incommodados pelo balanço de uma redouça, da sege e da valsa, são dispostos a experimentar o enjão quando viajarem a bordo de um navio.

O incommodo começa por um sentimento de anxiedade que se concentra na bocca do estomago. Logo se declara dôr de cabeça, vertigens, desejo de lançar, e emfim vomitos. O abatimento physico, e sobretudo o moral, faz progressos rapidos. O infeliz doente fica deitado immovel, sem animo, sem desejo, sem vontade. Nem a imminencia do perigo, nem as ameaças, nem os máos tratamentos, podem obriga-lo a mudar de lugar; recusa os alimentos, e se alguem lhe quizesse tirar a vida, elle esperaria com indifferença. As anxiedades que o enjôo occasiona varião conforme os individuos; mas no seu maior gráo de intensidade são atrozes. Segundo o que refere Seneca, tendo-se Cicero refugiado a bordo de um navio para evitar Popilio, que fôra enviado por Marco Antonio para lhe cortar a cabeça, preferio voltar para Gaeta, e entregar-se ás mãos do seu verdugo, antes do que soffrer o enjôo que lhe tornava a existencia intolêravel.

A duração do enjôo é mui varia e subordinada, além disto, á inconstancia dos ventos e das vagas. A organisação se habitua insensivelmente á situação nova que a principio a perturbava. Se o mar não está tempestuoso, cedem ordinariamente nos primeiros dias as nauseas e os vomitos; o appetite reaparece, o moral se anima, e ao cabo de algum tempo o mar já nada influe para o enjôo. Ha entretanto individuos que soffrem todo o tempo que levão de viagem, outros que ficão sujeitos ao enjôo durante toda sua vida e nunca a elle se acostumão. Felizmente o enjôo é mais acompanhado de soffrimentos que de perigos. É raro que produza o esalfamento por falta de nutrição, e ainda mais que determine affecções visceraes graves. Alguns medicos esperarão obter por meio d'elle a cura das molestias nervosas e mentaes. Este incommodo cessa quasi instantaneamente logo que se desembarca em qualquer lugar.

Muitos meios se tem tentado para preservar os navegantes de um tributo tão desagradavel quanto penoso. As receitas abundão, mas não são de grande

utilidade. O enjão é entretanto para todos os individuos um dos males mais identicos que se conhece, e um especifico, confirmado pela experiencia, não repugnaria á razão. Pretendem alguns navegantes que esse especifico é a cerveja. Mas pôde-se quasi desesperar da descoberta, quando se pensa que a causa occasional do mal (a mobilidade do navio) continúa a obrar e não pôde ser removida. No entanto convém embarcar com o estomago nem muito cheio, nem tão pouco vazio, e desprezar a idéa do enjão. Quando apparecem os primeiros symptomas, não se deve logo desanimar; é necessario exercitar-se, distrahir-se. Logo que o abatimento moral é maior que a força da vontade, acha-se grande allivio na posição deitada, horizontal, no ponto em que o balanço é mais fraco, que é ordinariamente no centro do navio. A compressão do ventre por uma cinta, as bebidas acidulas (limão, laranja, vinagre) ou aromaticas (chá, café), conforme os temperamentos e os costumes, allivião tambem. É vantajoso tomar cinco a dez gottas de ether sulfurico, n'uma colher d'agua fria com assucar, tres ou quatro vezes por dia. É preciso evitar ter o estomago vazio. Deve-se comer, ainda que o estomago repugne a comida. A ingestão dos alimentos deve ser acompanhada de um pouco de vinho ou agua com vinho. Os esforços produzidos pelos vomitos são menos dolorosos quando o estomago contém algumas substancias do que quando está vazio. Mas, podendo-se, é vantajoso obrar contra o desejo de repouso, lidar e fazer como fazem os que devem á sua constituição ou ao costume a isenção dos soffrimentos.

ENTORPECIMENTO. *Veja-se* a palavra DORMENTE.

ENTRANHAS. *Veja-se* INTESTINOS.

ENTREVADO. *Veja-se* PARALYSIA.

ENVENENAMENTO. Dá-se o nome de *envenenamento* aos effeitos produzidos no corpo humano pelos venenos.

Chama-se *veneno* toda substancia que destroe a

saúde ou a vida, quando é ingerida interiormente ou applicada sobre qualquer parte do corpo.

Symptomas do envenenamento em geral. Póde-se suspeitar que um individuo está envenenado quando de repente se manifestão nelle certo numero de symptomas que vamos enumerar: cheiro nauseativo e infecto; sabor vario, acido, alcalino, acre, styptico ou amargo; ardor corrosivo na garganta e estomago; bocca escumosa; secura em todas as partes desta cavidade; sensação de aperto ou constricção na garganta; lingua e gengivas algumas vezes lividas, amarellas, brancas, encarnadas ou pretas; dôr mais ou menos aguda em toda a extensão do canal digestivo, e principalmente na garganta, na bocca do estomago e em outros pontos do ventre; máo halito, arrotos frequentes; náuseas; vomitos dolorosos de materias de côr branca, amarella, verde e azul, encarnada ou escura, produzindo na bocca sensações variaveis; soluços, prisão de ventre ou diarrhéa; difficuldade de respirar: ancias; tosse mais ou menos fatigante; pulso frequente, irregular, muitas vezes imperceptivel, ou forte e regular; sêde ardente, provocando logo vomitos as bebidas; calafrios de quando em quando; a pelle e os membros inferiores frios, acontecendo, apezar disso, haver algumas vezes calor intenso; erupção dolorosa na pelle; suores frios e viscosos; difficuldade de ourinar; agitação; gritos agudos; impossibilidade de conservar-se na mesma posição; delirio; convulsões; vontade de dormir; vertigens, paralyisia; alteração da voz, prostração das forças, priapismo. Se o doente não é soccorrido, os symptomas que acabamos de expôr augmentão progressivamente ás mais das vezes, desde que se manifestão até á morte.

Tratamento dos envenenamentos em geral. Se tem decorrido pouco tempo desde que o veneno foi engulido, a primeira cousa que se deve fazer é provocar ou favorecer os vomitos, para o poder expellir do estomago. Para isto, administrão-se dous ou tres grãos do tartaro emetico dissolvidos n'uma chicara

d'agua fria ou morna, e facilita-se a acção do medicamento dando-se a beber muita agua morna, ou introduzindo-se os dedos nas guelras. Depois se tratará de neutralisar as propriedades da porção do veneno que podia ficar, administrando-se um contraveneno. Póde este contraveneno introduzir-se com a agua destinada a evacuar a substancia deleteria, e até é preciso proceder desta maneira sempre que as duas indicações puderem ser executadas. Depois de se ter satisfeito com toda a rapidez possivel a uma ou outra destas indicações, é preciso combater os symptomas geraes que resultão da perturbação occasionada na economia pelo veneno.

O preceito de provocar os vomitos pelo tartaro emetico deve ser applicado a todos os casos, com excepção dos envenenamentos produzidos pelos acidos concentrados, como oleo de vitriolo, agua forte, etc.; e pelos alcalis, como potassa, cal, etc., como abaixo diremos.

Se ha muito tempo que o veneno foi engulido, e se a maior parte delle foi expellida pelos vomitos ou pelas evacuações alvinas, é inutil fazer uso do emetico ou dos contravenenos; basta limitar-se aos meios geraes, como sangria, bichas, bebidas emollientes, calmantes, antispasmodicas, etc.

Depois destas generalidades, examinemos os effeitos de cada um dos venenos mais conhecidos, e indiquemos o tratamento que convém a cada envenenamento em particular. Nesta exposição vamos seguir a ordem alphabetica.

ENVENENAMENTO PELA ABOBORA DO MATO. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELO ACETATO DE MORPHINA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*.

ENVENENAMENTO PELOS ACIDOS CONCENTRADOS. (*Acido sulfurico* ou *oleo de vitriolo*, *acido nitrico* ou *agua forte*, *acido acetico* ou *vinagre radical*, *acido hydrochlorico* ou *muriatico*, *acido phosphorico*, *acido iodico*, *acido oxalico*, *azul de Saxonia* ou *dissolução de anil no acido sulfurico* e *agua regia*.)

Symptomas. Estes acidos tem muita energia; queimão sendo applicados na pelle; sendo engulidos, determinão a morte pela inflammação e corrosão dos órgãos digestivos e pela irritação *sympathica* do *systema nervoso*.

Uma pessoa que engulio certa quantidade de acido concentrado experimenta calor mui intenso na bocca, garganta e estomago; vontade de lançar. Logo succedem os vomitos; as materias lançadas são de côr mui varia: são amarelladas, pretas, ás vezes misturadas com sangue; são azedas, acres, e fazem ás vezes effervescencia sobre o ladrilho. Manifestão-se soluços e diarrhéa mais ou menos sanguinea. O doente sente ao mesmo tempo dôres agudas nos intestinos e em todo o corpo; o peito fica opprimido; a sêde torna-se cada vez mais forte; as bebidas, em vez de acalmarem, augmentão as dôres determinando os vomitos; o pulso é frequente; os pés se resfrião, o corpo se cobre de suor frio; declarão-se desejos repetidos, mas infructuosos, de urinar; sobrevem movimentos convulsivos seguidos de prostração; logo depois o rosto se torna pallido ou côr de chumbo; o doente conserva ás mais das vezes a integridade das suas faculdades intellectuaes. Uma tosse fatigante vem augmentar a anxiedade do doente; a voz se altera, o pulso torna-se fraco, e á proporção que o acido engulido é mais ou menos concentrado, ou foi tomado em maior ou menor quantidade; assim a morte pôde sobrevir ao cabo de algumas horas, ou depois de doze, quinze ou dezoito horas, ou no fim de muitos dias, e mesmo ser o resultado dos accidentes consecutivos do envenenamento.

Tratamento. O melhor contraveneno dos venenos acidos é a *magnesia calcinada*. Mas é preciso administra-la de pressa, porque o bom exito depende todo da promptidão dos soccorros.

Com este intuito, administrar-se-ha de minuto em minuto um copo d'agua que tenha em dissolução uma colher de sopa de *magnesia*. Esta mistura terá o duplo fim de provocar os vomitos e de neutralisar

o acido. Na falta de magnesia, administra-se por copos, e em intervallos mui approximados, agua, em cada quartilho da qual se fará dissolver meia onça de sabão ordinario.

Ao mesmo tempo que estas bebidas antidotas forem administradas pela bocca, dar-se-hão as mesmas em clysteres.

Todos estes cuidados, para serem efficazes, devem ser tão promptos como o pensamento.

A inflamação do estomago e dos intestinos, que não tarda a desenvolver-se, será combatida por bichas no ventre, cataplasmas de farinha de linhaça, banhos de assento d'agua morna, clysteres com decocção de linhaça ou de folhas de malvas, e bebidas emollientes, como cozimento de sementes de linhaça, de raiz de althéa ou de arroz.

ENVENENAMENTO PELO ACIDO PRUSSICO OU HYDROCYANICO. O acido prussico concentrado é um dos mais violentos venenos que se conhecem. Este acido, bem que em estado de divisão extrema, existe nas folhas, flôres e amendoas do pessegueiro, nas amendoas amargosas, nas amendoas dos fructos que tem caroço, e mais particularmente nas folhas do louro-cerejo; entra tambem na composição de muitas preparações economicas, como, por exemplo, macarrões (confeitos) e licôres, taes como kirschenwasser, ratafiá de cerejas, etc. O uso excessivo destas substancias pôde produzir um envenenamento.

Os accidentes que produz o acido prussico estão descriptos no artigo ACIDO PRUSSICO, Vol. I, pag. 14.

Uma só gotta do acido prussico puro pode occasionar a morte; concebe-se, por consequente, que não podemos fallar senão do tratamento do envenenamento pelo acido prussico mui diluido, e pelo que se encontra nas folhas do louro-cerejo e nas outras substancias que temos mencionado.

Tratamento do envenenamento pelo acido prussico. A primeira cousa que se deve fazer é inspirar chloro. Para este fim, molhar-se-ha um panno ou uma esponja em agua de Labarraque ou em dissolução de

chlorureto de cal, ou ainda melhor, n'uma mistura de uma parte de chloro liquido e de quatro partes d'agua; e põr-se-ha este panno debaixo do nariz e diante da bocca do doente. Ao mesmo tempo que se faz isto, é preciso provocar os vomitos dando a beber uma colher d'agua fria que tenha em dissolução 2 ou 3 grãos de tartaro emetico. Depois disto, administrem-se 10 ou 20 gottas de alcali volatil em um copo d'agua fria. Deitem-se copos d'agua muito fria pela cabeça e costas; esfreguem-se as fontes com pannos molhados em alcali volatil, e ponhão-se sinapismos nas pernas. Emquanto á sangria, que foi tambem proposta neste envenenamento, não deve ser empregada senão quando a respiração principiar a restabelecer-se, o rosto tomar a côr violacea e o individuo fôr vigoroso. Nos casos contrarios, convém abster-se della. Dissipados que sejam os primeiros accidentes, só restará um estado de abatimento, que irá cedendo pouco a pouco.

ENVENENAMENTO PELO ACONITO. Se o envenenamento foi produzido ha pouco tempo, o vomitorio é o meio mais seguro para desembaraçar o estomago do veneno que contém. Dous ou tres grãos de tartaro emetico dissolvidos em meia chicara d'agua produzirão facilmente este resultado. Se já tem decorrido algum tempo desde que o veneno foi ingerido, é preciso administrar um purgante, como, por exemplo, duas onças de sulfato de magnesia dissolvidas em um copo d'agua; depois disso applicar sinapismos nas pernas, coxas e braços; dar uma chicara de chá de canella quente, e de cinco em cinco minutos uma colher da poção seguinte:

Chá de hortelãa	6 onças.
Acetato de ammoniaca	2 oitavas.
Assucar	meia onça.

Misture.

Se esta poção não conseguir provocar o calor da pelle, é preciso ministrar ao doente um calix de vinho quente. Depois da excitação produzida por estas bebidas, dar ao doente, por chicaras, limonada de vinagre.

ENVENENAMENTO PELA AGUA DE JAVELLE. A agua de Javelle é uma dissolução de chlorureto de potassa em agua. É um liquido amarellado ou rosado, e emprega-se na arte de tinturaria, para tirar as no-dos dos vestidos, etc. Se fosse por engano engulido, poderia produzir dôres violentas no estomago e uma inflammação deste orgão.

O tratamento destes accidentes consiste em dar a beber agua com claras de ovos, e applicar cataplasmas de farinha de linhaça no ventre.

ENVENENAMENTO PELA AGUA REGIA. *Vêja-se* Envenenamento pelos *Acidos concentrados*, Vol. II, pag. 107.

ENVENENAMENTO PELOS ALCALIS E SEUS COMPOSTOS (*potassa caustica, soda caustica, cal viva, carbonato de potassa, carbonato de soda, lixivia dos saboeiros*). Os alcalis tomados internamente tem sobre a bocca, estomago e intestinos, uma acção tão destructiva como os acidos concentrados. Queimão e destroem como o ferro quente as partes que estão em contacto com elles, e occasionão symptomas inflammatorios e accidentes consecutivos semelhantes. Reclamão os mais promptos soccorros. Seu contraveneno é o vinagre ou sumo de limão, que se administra da maneira seguinte: em cadâ copo d'agua deitar-se-ha uma colher de sopa de vinagre ou de sumo de limão, e continuar-se-ha a dar esta bebida acida com intervallos mui curtos. Depois recorrer-se-ha ao cozimento, clysteres e cataplasmas de linhaça, e ás bichas no ventre, que servem para combater a inflammação intestinal.

ENVENENAMENTO PELO ALCALI VOLATIL OU AMMONIACO LIQUIDO. O *alcali volatil* ou *ammoniaco liquido* é uma solução de gaz ammoniaco n'agua. É um liquido sem côr, de cheiro mui vivo, de sabor caustico. É empregado internamente em medicina na dôse de algumas gottas diluidas em grande quantidade d'agua; dá-se a cheirar na syncope, asphyxia e varios ataques nervosos. Externamente, usa-se para cauterisar as picadas de abelhas e outros insectos.

Sendo engulido em certa quantidade e puro, o

alcali volatil produz a morte, tanto pela sua acção sobre o systema nervoso como pela inflammação que produz nas partes sobre que se applica. Tal é o caso de um homem de quem falla Plenck, que foi mordido por um cão damnado, e a quem despejãrão na bocca um frasco de alcali volatil; a morte sobreveio quatro minutos depois. O Dr. Nysten cita a historia de um epileptico a quem derão a respirar ammoniaco por muito tempo, e a quem deitãrão na bocca quasi uma oitava deste liquido. Sobreveio logo uma inflammação das ventas, da bocca, da garganta, do estomago, e 48 horas depois morreu o doente.

Tratamento. Para combater os accidentes que produzem o ammoniaco e os sães ammoniacaes, o melhor meio consiste em dar de dez em dez minutos uma chicara d'agua acidulada com uma colher de vinagre. Depois recorra-se ao cozimento de linhaça, clysteres da mesma decocção e cataplasmas de farinha de linhaça no ventre, para combater a inflammação dos intestinos.

ENVENENAMENTO PELO ALCOOL E PELOS LIQUIDOS ESPIRITUOSOS. O alcool é um liquido que se obtem pela fermentação de qualquer vegetal que contenha assucar. Chama-se *arack* quando é produzido pelo arroz fermentado; *rum*, *aguardente de canna*, ou simplesmente *cachaça*, quando procede da canna de assucar; *aguardente de vinho* ou *espírito de vinho*, quando é extrahido do vinho; *genebra*, quando provém de bagas zimbro, etc. O alcool empregado nas boticas é o resultado da distillação do vinho, e marca 33 a 36 grãos no areometro de Beaumé. Por distillações successivas é privado d'agua, e fica alcool puro, ou *alcool absoluto*: marca então 42°; mas neste grão quasi nunca se emprega. A cachaça mais forte marca 18 a 22 grãos.

Depois da ingestão de uma quantidade consideravel de alcool, sobrevem frequentemente a morte. O doente passa rapidamente pela excitação a mais ligeira, e pela embriaguez a mais completa. Então se manifestão verdadeiros phenomenos de apoplexia.

A sensibilidade fica extincta, os movimentos abolidos, a respiração estertorosa, a bocca cheia d'escuma, o rosto pallido; é impossivel despertar o doente, que dorme somno profundo e morre em 24 a 48 horas. Em alguns casos a morte sobrevem em mui pouco tempo. Vi um homem que, depois de beber um quartilho d'aguardente de França, recolheu-se ao seu quarto, e foi achado morto uma hora depois.

É apenas necessario dizer que o vinho e as differentes especies d'aguardentes e de licôres alcoolicos devem ao alcool a sua principal acção.

Tratamento. Se as bebidas alcoolicas produzirem em alguma pessoa um somno profundo, acompanhado de insensibilidade e de outros phenomenos acima indicados, é preciso incontinentemente recorrer á sangria do braço, ás applicações sobre a testa, rosto e peito, de pannos molhados em agua e vinagre; dar a beber agua com vinagre, applicar sinapismos nos pés e causticos nas pernas, e dar clysteres com agua morna que tenha em dissolução duas ou tres colheres de sopa de sal de cozinha.

ENVENENAMENTO PELO ALVAIADE. O alvaiade chama-se em chimica *carbonato de chumbo*. É um sal branco, sem cheiro nem sabor, mui pesado, insolúvel n'agua. Entra na composição dos unguentos que se empregão no curativo das feridas. Usa-se tambem nas artes, e principalmente na pintura. Esta composição é venenosa; os accidentes que produz o tratamento delles achão-se descriptos no envenenamento pelas *Preparações de Chumbo*, Vol. II, pag. 126.

ENVENENAMENTO PELAS AMENDOAS AMARGOSAS. As amendoas amargosas e principalmente o seu epiderme, isto é a pellicula que as cobre, contém acido prussico, e por causa deste principio são mui venenosas em certa dóse. Este effeito foi primeiro experimentado nos cães, gallinhas, pombas e papagaios. Os phenomenos que estes animaes apresentam são vertigens, vacillações no andar, desmaios, prostração extrema, convulsões e a morte. A agua distillada de

amendoas amargosas mata igualmente os animaes. O oleo essencial é ainda muito mais energico. Uma gotta deste oleo, applicada na lingua de um passariño ou de um gato, produz a morte em dous minutos. Sete gottas são sufficientes para matar um cão de mediano tamanho.

No homem tem-se observado muitas vezes os effeitos das amendoas amargosas e do seu oleo essencial. Tres crianças comêrão cinco a seis amendoas amargosas cada uma: pouco tempo depois tiveram vomitos: duas dellas perdêrão os sentidos; a terceira experimentou convulsões: estes symptomas não tiveram felizmente consequencias funestas. Uma mulher, para curar de lombrigas uma criança de quatro annos de idade, deu-lhe o succo de uma mão cheia de amendoas amargosas. Sobrevierão colicas, inchação do ventre, vertigens, aperto dos queixos, escuma na bocca, convulsões, e morte no espaço de duas horas.

Sabe-se que nas confeitarias preparão-se com amendoas amargosas doces chamados *macarrões*. Estes macarrões tem produzido varios desastres, sobretudo em crianças que os tinhão comido em jejum. A massa de amendoas amargosas que os perfumadores obtem por expressão, para fazerem pasta de amendoas, é venenosa, pois que contém oleo essencial.

As amendoas amargosas empregão-se em medicina contra as tosses nervosas e outras molestias. A dóse que se receita é de duas a seis amendoas n'uma emulsão que se toma por colheres. Se o medicamento é tolerado, póde-se augmentar progressivamente a dóse de amendoas até duas oitavas e meia por 24 horas. Nunca se deve principiar pela dóse mais forte, porque tem-se visto exemplos nas mulheres em que só 7 amendoas amargosas produzirão ancias e desmaios.

O *tratamento* do envenenamento pelas amendoas amargosas é o mesmo que o do envenenamento pelo *acido prussico*. *Veja-se* Vol. II, pag. 109.

ENVENENAMENTO PELO AMONIACO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Alcali volatil*, Vol. II, pag. 111.

ENVENENAMENTO PELO ANDA-AÇU. O *anda-açu*, ou *purga de gentio*, ou *coco de purga*, ou *fruta de arara*, é o fructo de uma grande arvore do Brasil chamada por Saint-Hilaire *Anda Gomesii*. É uma noz que contém uma amendoa branca do tamanho de uma castanha, de gosto adocicado, coberta de uma casca roxo-escura. É um purgante energico que se emprega na roça, no dóse de 1 a 3 amendoas. O oleo produz o effeito purgativo na dóse de 6 a 8 gottas, e ás vezes mais. Em dóse elevada, o anda-açu e o seu oleo podem occasionar desastres. O tratamento é o mesmo que vai indicado para os outros *venenos irritantes vegetaes*. *Veja-se* estas palavras.

ENVENENAMENTO PELO ANGELIM. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELA ARRUDA. A *arruda* é um pequeno arbusto cultivado nas hortas. As folhas desta planta empregão-se em infusão para provocar a menstruação, na dóse de 1 oitava para uma chicara d'agua fervendo. Em dóse forte, esta planta póde produzir uma inflammação dos intestinos caracterizada por colicas e vomitos continuos. O tratamento destes accidentes é o dos outros *venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELO ARSENICO e seus compostos, taes como, *arsenico branco*, *cal de arsenico*, *arseniato de soda*, *ouro-pimento*, *rosalgar*, *pós contra as moscas*, *massa de Rousselot*, *massa do Frei Cosme*, e a *massa de que se servem os empalhadores de passaros*. O arsenico e suas preparações produzem a morte em mui curto espaço, quer tenham sido ingeridas no estomago ou respiradas, quer postas em contacto com uma chaga. Eis-aqui os symptomas que provocão: sabor acerbo e metallico na bocca, máo halito, constrictão da garganta, soluços, syncope, resfriamento do corpo, dôr do estomago, sêde, salivação, vomitos, dejeccões alvinas frequentes, urinas raras e ensanguentadas, prostração, delirio, convulsões e a morte.

Tratamento. A expulsão do arsenico é o meio mais efficaz de prevenir os accidentes do envenenamento; é pois mister favorecer os vomitos, dando tres ou quatro chicaras d'agua morna que tenha em dissolução um ou dous grãos de tartaro emetico. Para neutralisar alguma quantidade do veneno que possa ficar nos intestinos, administrar-se-ha, de dez em dez minutos, uma chicara da mistura seguinte:

Agua commum	24 onças.
Subcarbonato de ferro	4 onças.

Misture.

Em falta desta preparação, pôde-se administrar, mas com menos vantagem, agua com assucar, leite ou agua com claras de ovos.

Ao depois, para combater a prostração, administre-se a seguinte *mistura tonica*:

Caldo quente de carne de vacca ou de gallinha	6 onças.
Vinho tinto	4 onças.
Cachaça	2 onças.

Misture e administre em duas vezes, com uma hora de intervallo.

Se houver calor da pelle, pulso forte e frequente, applicuem-se 10 bichas no ventre.

Mais tarde, para expellir a porção de veneno que tem penetrado nos órgãos, é preciso dar bebidas diureticas, como chá da India ou cozimento de pariataria.

Para combater as colicas e espasmos, dê-se por colheres de sopa, de hora em hora, a *poção antispasmodica* seguinte:

Chá de folhas de laranjeira	4 onças.
Laudano de Sydenham	30 gottas.
Ether sulfurico	30 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture.

Se o envenenamento fôr produzido pela applicação externa de massas arsenicaes, da massa de Rousselot, por exemplo, é inutil administrar o emetico e o subcarbonato de ferro; mas é preciso recorrer á *mistura*

tonica, d poção antispasmodica e ás bebidas diureticas.

ENVENENAMENTO PELA BELLADONA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO BISMUTHO. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de Bismutho*, Vol. II, p. 126.

ENVENENAMENTO PELA CAL. *Veja-se* Envenenamento pelos *Alcalis*, Vol. II, pag. 111.

ENVENENAMENTO PELOS CALOMELANOS. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELA CAMPHORA. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*, Vol. II, pag. 123.

ENVENENAMENTO PELAS CANTHARIDAS. As cantharidas, quer sejam applicadas á pelle em fórma de caustico, quer introduzidas no estomago, occasionão muitas vezes os mais graves accidentes. Estes accidentes são especificados no artigo CANTHARIDAS, Vol. I, pag. 274 eis-aqui o seu tratamento. Deve-se administrar agua pura, ou melhor ainda, agua com assucar, leite, uma decocção de sementes de linhaça ou de raiz de althéa. Friccionar a parte interna das coxas com duas onças de azeite doce, em que se tenham dissolvido duas oitavas de camphora. Pôr o doente em um banho d'agua morna, no qual ficará por uma ou duas horas; applicar depois cataplasmas de linhaça no ventre, e administrar muitos clysteres com decocção de linhaça. Se a dôr do estomago ou de algum outro ponto do ventre fôr muito activa, será preciso applicar bichas, e, havendo febre intensa, praticar uma sangria.

ENVENENAMENTO PELO CENTEIO ESPIGADO. O centeio experimenta ás vezes uma molestia que muda sua fórma, sua composição, e o torna venenoso; e então se chama centeio espigado. É uma substancia comprida, de côr violacea no exterior, esbranquiçada interiormente. Os symptomas do seu envenenamento forão descriptos no artigo CENTEIO ESPIGADO, Vol. I, pag. 327; aqui só indicaremos o tratamento. Se o incommodo é passageiro, se ha pouca febre, ligeiro embaraço de cabeça e alguns movi-

mentos convulsivos, dá-se, de quarto em quarto de hora, uma colher da poção antispasmodica seguinte :

Chá d'herva cidreira	5 onças.
Ether sulfurico	40 gottas.
Laudano de Sydenham	40 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture.

Depois disto, dá-se a beber ao doente agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão. Se as dôres, o torpor e a frieza que lhes succedem, annunciação gangrena, é necessario preveni-la, e para isso deve-se ter o doente em uma cama quente. Prescrevem-se 24 grãos de ipecacuanha para provocar os vomitos. No caso de o doente se queixar de torpor e frio nos membros, banhem-se-lhe as pernas em uma infusão de plantas aromaticas, como alfazema, alecrim, hortelã-pimenta, a qual infusão deve ser animada com um pouco de vinagre; ao sahir do banho, esfreguem-se as pernas com um panno de lã, e depois cubrão-as de pannos molhados em uma infusão de folhas de laranjeira, a que se juntará, por cada copo, 20 gottas de alcali volatil. Dê-se-lhe tambem uma infusão de hortelã ou de serpentaria de Virginia. Se o torpor e a frieza continuarem, applicuem-se vesicatorios nos lugares proximos ao do mal, e fomentem-se-lhe os membros affectados com o soluto seguinte:

Agua	32 onças.
Pedra hume calcinada	4 onças.
Sulfato de cobre	3 onças.
Sal de cozinha	1 onça.

Se se manifestar gangrena, será necessario praticar a amputação.

ENVENENAMENTO PELO CHUMBO. *Vêja-se* Envenenamento pelas *Preparações de Chumbo*, Vol. II, pag. 126.

ENVENENAMENTO PELO CHLORURETO DE OURO. *Vêja-se* Envenenam. pelas *Preparações de Ouro*, V. II, p. 127.

ENVENENAMENTO PELO CHLORURETO DE OURO E SODIUM. *Vêja-se* Envenenamento pelas *Preparações de Ouro*.

ENVENENAMENTO PELA CICUTA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO CINABRIO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO COBRE E SUAS PREPARAÇÕES, taes como *zinabre*, *verdete*, *sulfato de cobre* (conhecido pelo nome de *pedra lipes*, *caparrosa azul*, *azul de Chypre*, *vitriolo azul*, *azul de Venus*, *azul de cobre*), *cal de cobre*, *agua celeste*, etc. Todas estas preparações de cobre, introduzidas no estomago, mesmo em pequenas doses, são venenosas. O zinabre natural (subcarbonato de cobre), que se forma sobre as moedas de cobre, nas talhas e torneiras do mesmo metal, pôde ser mettido n'agua, sem lhe communicar propriedade alguma nociva, porque é insolúvel neste liquido; mas se acaso, bebendo-se a agua que a contém, se engole um fragmento desta substancia, podem se manifestar todos os symptomas de envenenamento: é pois prudente que nunca se beba um liquido que tenha sido conservado em vasos cobertos desta materia verde. O zinabre artificial (subacetato de cobre) é mui soluvel n'agua. Podem sem o menor perigo preparar-se todas as comidas em uma cassarola bem estanhada; mas, na que o não é perfeitamente, o vinho, o vinagre, o sumo de azedas, o azeite doce, toda a qualidade de gordura, e muitas outras substancias, determinão a formação do zinabre, que, misturado com os alimentos, pôde causar os mais funestos accidentes. A quantidade do zinabre que se fórma é sobretudo consideravel se se deixão arrefecer em vasos de cobre mal estanhados as substancias de que fallamos. É pois necessario que, se as circumstancias obrigão a servir-se de utensilios de cobre mal estanhados, os alimentos sejam tirados delles ainda fervendo. (*Veja-se* o artigo COBRE, Vol. I, pag. 387.) Os symptomas que produzem as preparações de cobre são: dôres no estomago e intestinos, vomitos, soluços, difficuldade de respirar, convulsões e a morte.

O seu melhor contraveneno é a *clara de ovo*. É

preciso, por conseguinte, administrar com toda a pressa á pessoa envenenada muitos copos d'agua com assucar, com 4 a 6 claras de ovos por cada copo d'agua, e favorecer os vomitos introduzindo os dedos nas guelgas. Se ha phenomenos de fraqueza, administrão-se duas colheres de sopa, de hora em hora, de vinho quente. Se apparecer inflammação do estomago, caracterisada por dôres e grande sensibilidade do ventre, applicão-se bichas no lugar doloroso, e depois cataplasmas de linhaça.

ENVENENAMENTO PELA COCA DO LEVANTE. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*, Vol. II, pag. 123.

ENVENENAMENTO PELOS COGUMELOS. *Veja-se* o artigo COGUMELO, Vol. I, pag. 396.

ENVENENAMENTO PELO COLCHICO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELAS COLOQUINTIDAS. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELO CROTON TIGLIUM. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELA DATURA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELA DIGITALIS. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO ELATERIO. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELO EMETICO E OUTRAS PREPARAÇÕES ANTIMONIAES, que são: *manteiga de antimonio*, *kermes mineral*, *enxofredourado de antimonio*, *oxydo de antimonio*, *ninho de antimonio*. Os accidentes que ellas produzem já os indicámos fallando dos symptomas do envenenamento em geral; além disso, tem-se observado que determinão vomitos abundantes, dejecções alvinas copiosas, difficuldade de respirar, caimbras e o mais profundo abatimento. A manteiga de antimonio, de que se faz um uso feliz no tratamento externo das mordeduras de cobras, dos animaes damnados ou do carbunculo, sendo ingerida no estomago, torna-se um dos mais violentos venenos; com effeito, este caustico é tão energico, que o queima e perfora

instantaneamente. Mas se este veneno é misturado com alimentos ou liquidos, perde sua energia temivel, e entra na classe dos outros venenos antimoniaes, cujo tratamento é o seguinte: Favoreção-se os vomitos pela agua morna. Dêem-se muitos copos da decocção de uma destas substancias, noz de galha, casca de romã ou chá da India. Se, apesar deste meio, os vomitos e as dôres continuarem, dê-se um grão de opio em pilula, e repita-se por tres vezes este remedio de quarto em quarto de hora, emquanto se não acalmarem os accidentes. Combate-se a inflamação intestinal consecutiva com sanguesugas, banhos tepidos e cataplasmas de linhaça.

ENVENENAMENTO PELA ESCAMONEA. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*, V. II, p. 129.

ENVENENAMENTO PELA ESPIRRADEIRA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO ESTRAMONIO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELA FAVA DE SANTO IGNACIO. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*, Vol. II, pag. 123.

ENVENENAMENTO PELO FIGADO D'ENXOFRE (sulfureto de potassio). Favorecer os vomitos com grande quantidade d'agua morna, administrar chloro liquido (uma colher de chloro liquido para um copo d'agua) e dar a beber cozimento de linhaça.

ENVENENAMENTO PELA FIGUEIRA DO INFERNO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO FUMO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELA GOMMA GUTTA. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*, V. II, p. 129.

ENVENENAMENTO PELO HELLEBORO. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*, V. II, p. 129.

ENVENENAMENTO PELA HERVA MOURA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO HYDRIDATO DE POTASSA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Iodo*, Vol. II, pag. 122.

ENVENENAMENTO PELO HYDROCHLORATO DE MORPHINA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*, Vol. II, pag. 124.

ENVENENAMENTO PELO IODO. Administrar dissolução de polvilho em agua; depois cozimento de linhaça.

ENVENENAMENTO PELO IODURETO DE MERCURIO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO IODURETO DE POTASSIO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Iodo*.

ENVENENAMENTO PELA JALAPA. *Veja-se* Envenenamento pelos *venenos irritantes vegetaes*, V. II, p. 129.

ENVENENAMENTO PELO KERMES MINERAL. *Veja-se* Envenenamento pelo *Emetico*, Vol. II, pag. 120.

ENVENENAMENTO PELO LAUDANO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*, Vol. II, pag. 124.

ENVENENAMENTO PELO LITHARGYRIO. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de Chumbo*, Vol. II, p. 126.

ENVENENAMENTO PELO LOURO-CEREJO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Acido prussico*, Vol. II, pag. 109.

ENVENENAMENTO PELO MANGENILLEIRO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELOS MARISCOS. Os mariscos tem causado ás vezes os effeitos seguintes: calafrios, dôres agudas de cabeça e estomago, com oppressão e difficuldade de respirar; agitação geral, rubor e inchação da face e das palpebras, comichões mui fortes por todo o corpo, erupção de empolas sobre a pelle, convulsões; finalmente, em alguns casos, ainda que raros, estes symptomas tem sido seguidos de morte. O tratamento destes accidentes é o seguinte:

Administrar 2 grãos de tartaro emetico n'um copo d'agua, ou 2 onças de sal d'Epsom n'um copo d'agua se o veneno foi engulido ha algum tempo. Depois uma colher de sopa, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Chá de hortelãa	5 onças.
Ether sulfurico.	40 gottas.
Assucar	1 onça.

Em falta desta poção, dar uma colher de sopa, de meia em meia hora, de cachaça pura.

Mais tarde, dar a beber limonada de vinagre ou de limão.

ENVENENAMENTO PELO MEIMENDRO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*, Vol II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELO MINIO. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de Chumbo*, Vol. II, pag. 126.

ENVENENAMENTO PELA MORPHINA E SEUS SAES. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*, Vol. II, pag. 124.

ENVENENAMENTO PELO NITRO. O sal de nitro é empregado em medicina para provocar a secreção das urinas, na dóse de 24 grãos até meia oitava e mais por dia, sendo diluido n'um quartilho d'agua. Na dóse de 1 onça, diluido em pequena proporção de liquido e administrado de uma vez, chega a produzir nauseas, diarrhéa, desmaio, resfriamento geral, vertigens, enfraquecimento do pulso, prostração das forças, e até a morte.

O tratamento é o seguinte: Combater a prostração pelos sinapismos applicados nos pés, pernas, coxas, braços; pelas fricções com cachaça ou alcali volatil, e pelas bebidas estimulantes, como vinho quente e chá de canella. Administrar depois a poção seguinte, por colheres de sopa, de hora em hora:

Chá de folhas de laranjeira	6 onças.
Ether sulfurico	20 gottas.
Laudano de Sydenham	40 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture.

ENVENENAMENTO PELA NOZ VOMICA e pelas substancias seguintes: *Coca do Levante*, *strychnina*, *camphora*, *upas tieule* (succo de uma planta de Java), *upas antiar* (succo de uma arvore de que os Indios se servem para envenenar as frechas), *ticunas* (veneno americano preparado com o succo de certas plantas, empregado igualmente pelos Indios para envenenar as frechas). Introduzidos no estomago ou applicados sobre feridas, estes venenos são rapidamente absorvidos, e causão uma rijeza geral e convulsiva; a cabeça se curva para as costas, o peito se dilata apenas, e os doentes morrem suffocados no espaço de poucos minutos, se o veneno é em grande dóse. O tratamento é o seguinte: Administre-se um vomí-

torio, e favoreça-se a sua acção por meio dos dedos introduzidos nas guelas. Para prevenir a asphyxia, que é a principal causa da morte, assopre-se ar nos pulmões da maneira indicada no artigo AFOGADOS, Vol. I, pag. 21. De dez em dez minutos dê-se uma colher da poção seguinte:

Agua	2 onças.
Ether sulfurico	2 oitavas.
Essencia de terebenthina	2 oitavas.
Assucar	1/2 onça.

Se o veneno fôr introduzido pela superficie do corpo, administrem-se os mesmos meios, menos o vomitorio.

ENVENENAMENTO PELO OLEO DE VITRIOLO. *Veja-se Envenenamento pelos Acidos concentrados, V. II, pag. 107.*

ENVENENAMENTO PELO OPIO e outras substancias narcoticas, taes como *laudano, black-drops, acetato e hydrochlorato de morphina*. Todas estas substancias são frequentemente empregadas em medicina como preciosos calmantes. Convém todas as vezes que os doentes soffrem vivas dôres, e que são sujeitos á insomnia. A dôse em que o opio pôde se administrar sem inconveniente é de 1, 2, 4, 8 grãos até 1 ou 2 oitavas progressivamente; quanto ao acetato e hydrochlorato de morphina, costumão dar-se só na de 1/4 de grão até 2 grãos. Em alta dôse, introduzidas no estomago ou applicadas sobre feridas, estas substancias podem tornar-se venenosas. Eis-aqui os effeitos que então produzem: torpor, peso de cabeça, vontade de dormir, uma especie de embriaguez, delirio furioso ou alegre, convulsões, paralysisia das pernas, vomitos, abatimento e a morte.

Tratamento. Quando o opio tiver sido introduzido no estomago, dêm-se tres grãos de emetico dissolvidos n'um copo d'agua morna. Favoreção-se os vomitos, introduzindo-se os dedos nas guelas, ou titillando a campainha com a rama de uma penna. Se se suspeitar que o narcotico penetrou nos intestinos, ou se tiver sido introduzido no corpo por um clyster, prescrever-se-ha um purgante, como,

por exemplo, duas onças de óleo de ricino ou de sal amargo. Quando, com o auxilio destes meios, o opio estiver inteiramente ou quasi todo evacuado, administrar-se-hão, de cinco em cinco minutos, quatro colheres d'agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão, e immediatamente depois de cada dóse d'agua acidulada dêem-se quatro colheres de sopa de café forte. Administre-se tambem um clyster com infusão de café. Os acidulos antes da evacuação do veneno serão nocivos. Deve-se procurar dissipar o torpor dos membros, esfregando-os com uma escova ou um paño de lã. Não se deve cessar o uso do café e da limonada de vinagre ou limão antes de o doente estar fóra de perigo. Se a modorra fôr profunda e o individuo parecer estar apoplectico, recorra-se á sangria. Se o envenenamento fôr produzido pela applicação de substancia narcotica sobre a superficie do corpo, é inutil administrar o vomitorio e os purgantes, mas é preciso recorrer incontinentemente ao café e á limonada.

ENVENENAMENTO PELO OURO. *Vêja-se* Envenenamento pelas *Preparações do Ouro*, Vol. II, pag. 127.

ENVENENAMENTO PELO OURO PIMENTO. *Vêja-se* Envenenamento pelo *Arsenico*, Vol. II, pag. 115.

ENVENENAMENTO PELA PEDRAHUME. Favorecer os vomitos com agua morna, que tenha em dissolução 1 ou 2 grãos de emetico; applicar depois bichas no ventre e administrar cozimento de linhaça.

ENVENENAMENTO PELA PEDRA LIPES. *Vêja-se* Envenenamento pelo *Cobre*, Vol. II, pag. 119.

ENVENENAMENTO PELA PEDRA INFERNAL. A pedra infernal, ou por outro nome o nitrato de prata, é um caustico poderoso; introduzida no estomago, produz os mesmos accidentes que os alcalis. O sal commum de cozinha é o melhor contraveneno da pedra infernal: será pois necessario, se acaso se apresentar um envenenamento por esta substancia, que, dissolvendo-se uma colher de sopa de sal em um quartilho d'agua, se faça beber á pessoa envenenada muitos copos desta agua, afim de provocar os vomitos e

diminuir os accidentes. Se elles, apezar disto, continuarem, recorra-se ás sanguesugas, ás cataplasmas sobre o ventre, aos banhos mornos e ao cozimento de sementes de linhaça.

ENVENENAMENTO PELO PHOSPHORO. Dar a beber dissolução de magnesia calcinada n'agua (1 onça de magnesia para 16 onças d'agua); depois administrar cozimento de linhaça e applicar bichas no ventre.

ENVENENAMENTO PELOS PINHÕES DE PURGA *Veja-se Env. pelos Venenos irritantes vegetaes*, Vol. II, pag. 129.

ENVENENAMENTO PELOS PÓS DE JOANNES *Veja-se Envenenamento pelo Sublimado*, Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELA POTASSA. *Veja-se Envenenamento pelos Alcalis*, Vol. II, pag. 111.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES D'ARSENICO. *Veja-se Envenenamento pelo Arsenico*, Vol. II, pag. 115.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES DE BISMUTHO. Provocar os vomitos pela agua morna, administrar leite com agua, ou agua com claras de ovo ou com assucar. Combater os accidentes inflammatorios com bichas no ventre e cataplasmas de linhaça.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES DE CHUMBO. O chumbo metallico póde ser eugulido sem inconveniente; mas não acontece assim com muitas de suas preparações, que são verdadeiros venenos. Estas preparações são: *Acetato de chumbo*, vulgarmente chamado *assucar de Saturno* ou *sal de Saturno*, *subacetato de chumbo* ou *extracto de Saturno*, *agua branca de Goulard* ou *agua vegeto mineral*, *carbonato de chumbo* ou *alvaiude*, *protoxydo de chumbo* ou *lithargyrico*, *deutoxydo de chumbo*, *zarcão* ou *minio*, *vinho adoçado pelo chumbo*.

Apenas se toma uma grande dóse de sal de Saturno ou de qualquer outra preparação de chumbo, solúvel n'agua, sente-se um sabor doce, adstringente, metallico, desagradavel; sensação de aperto na garganta; dôres mais ou menos fortes na região do estomago, nauseas e vomitos. Se, em lugar de uma grande dóse de chumbo, se bebe agua ou vinho com menor quantidade deste metal, póde-se ao principio

não sentir incommodo algum; mas, sendo continuado o uso destas bebidas, contrahe-se por fim uma molestia chronica chamada *colica de chumbo*, que é caracterisada por dôres e prisão do ventre. Os pintores, os oleiros, os vidraceiros, os fabricantes de tintas, e em geral todos os operarios que trabalham no chumbo, ou que respirão suas emanações, são sujeitos a esta molestia. É perigoso o servir-se de utensilios de cozinha feitos de chumbo, porque tambem os alimentos atacão este metal, dissolvem-no, e formão com elle um sal venenoso. É tambem imprudencia beber agua conservada por longo tempo em vasos de chumbo, expostos ao ar, porque esta agua póde conter em dissolução o carbonato de chumbo, resultado da combinação do gaz acido carbonico, que se acha no ar, com o chumbo. Tem já acontecido desastres ás pessoas que tem bebido agua da chuva passada por canos de chumbo. Os vinhos de má qualidade, que fraudulentamente se intentão melhorar por meio do lithargyrio, são ainda mais venenosos. (*Veja-se* o artigo *CHUMBO*, Vol. I, pag. 357.) O tratamento da colica de chumbo consiste na administração repetida dos emeticos e dos purgantes. (*Veja-se* *COLICA DE CHUMBO*, Vol. I, pag. 400.) Os soccorros que se devem prestar nos envenenamentos agudos são os seguintes:

O sal d'Epsom e o sal de Glauber são contravenenos das preparações de chumbo. Por conseguinte, se se apresentar um caso deste envenenamento, será preciso administrar ao doente, de dez em dez minutos, um copo d'agua fria que tenha em dissolução meia onça de sal d'Epsom. O cozimento de linhaça será depois empregado para combater a inflammação dos intestinos.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES DE COBRE. *Veja-se* Envenenamento pelo *Cobre*, Vol. II, pag. 119.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES DE MERCURIO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*, Vol. II, p. 128.

ENVENENAMENTO PELAS PREPARAÇÕES DE OURO, taes como *chlorureto de ouro* e *chlorureto de ouro e sodio*.

O ouro e suas preparações, empregados em doses elevadas, produzem uma irritação do estomago e uma acção sobre o cerebro; podem até produzir a morte. O tratamento consiste em provocar os vomitos pela agua morna e introduccão dos dedos nas guelas; administrar depois 8 a 12 grãos de sulfato de ferro dissolvido n'uma chicara d'agua.

ENVENENAMENTO PELO ROSALGAR. *Veja-se* Envenenamento pelo *Arsenico*, Vol II, pag. 115.

ENVENENAMENTO PELA SABINA. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*, V. II, p. 129.

ENVENENAMENTO PELO SAL AMMONIACO. *Veja-se* Envenenamento pelo *Alcali volatil*, Vol. II, pag. 111.

ENVENENAMENTO PELA SCILLA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*.

ENVENENAMENTO PELA SODA. *Veja-se* Envenenamento pelos *Alcalis*, Vol. II, pag. 111.

ENVENENAMENTO PELA STRYCHNINA. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*, Vol. II, pag. 123.

ENVENENAMENTO PELO SUBLIMADO CORROSIVO E OUTRAS PREPARAÇÕES MERCURIAES, como *cinabrio*, *vermelhão*, *turbith mineral*, etc. Os symptomas deste envenenamento consistem em dôr de estomago, constricção da garganta, vomitos, caimbras, frieza das extremidades, convulsões, prostração e a morte. Tem por tratamento o seguinte: De dous em dous minutos dá-se um copo d'agua, que tenha em dissolução 3 ou 4 claras de ovo; em falta das claras de ovo, administra-se leite em abundancia. Combate-se depois a inflammacão intestinal com bichas e cataplasmas de linhaça applicadas no ventre.

ENVENENAMENTO PELO SULFATO DE MORPHINA. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*, Vol. II, pag. 124.

ENVENENAMENTO PELO TABACO, BELLADONA, FIGUEIRA DO INFERNO, MEIMENDRO, DIGITALIS, TROMBETEIRA, MANGENILLEIRO, COLCHICO, CICUTA, e ESPIRRADEIRA. Ingeridos interiormente, estes venenos causão os seguintes symptomas: agitação, gritos agudos, delirio mais ou menos alegre, movimentos convulsivos da face, dos queixos e dos membros, vomitos rebeldes, dejecções

alvinas, dôres de ventre. Algumas vezes, em lugar de agitação, observa-se uma especie de embriaguez, grande abatimento, insensibilidade, e os doentes não tem vontade alguma de vomitar. O mancenilleiro (*hyppomane mancenilla*, Linneo) é uma das arvores mais venenosas da terra. O fructo do mancenilleiro dá um succo que queima as entranhas, e de que os selvagens se servem para envenenar as frechas.

Tratamento. Se a pessoa envenenada não tem ainda vomitado, dêm-se-lhe dous grãos de emetico em uma copo d'agua fria. Favoreção-se os vomitos introduzindo os dedos nas guelas. Se houver já decorrido muito tempo desde que o veneno foi tomado, administre-se um purgante, como, por exemplo, duas onças de sal amargo. Depois de evacuado o veneno por cima ou por baixo, administre-se agua acidulada com vinagre; quatro colheres de sopa de quarto em quarto de hora. Passada uma hora, administrem-se duas colheres de sopa, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Chá d'herva cidreira	5 onças.
Ether sulfurico	40 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture.

Se o doente estiver em profunda modorra e como apoplectico, sangre-se no braço.

ENVENENAMENTO PELA TAJUJA. *Vêja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

ENVENENAMENTO PELA TROMBETEIRA *Vêja-se* Envenenamento pelo *Tabaco* Vol. II, pag. 128.

ENVENENAMENTO PELOS VENENOS CORROSIVOS, CAUSTICOS. *Vêja-se* Envenenamento pelos *Acidos concentrados, alcalis*, Vol. II, pag. 107 e 111.

ENVENENAMENTO PELOS VENENOS IRRITANTES VEGETAES, como *trovisco, anemone, coluquintida, gomma-gutta, elleboro, oleo de croton tiglium, sabinu, escamonéa, pinhão de purga, abobora do mato, ou tajujá, andaçú, fruta de arara, angelim, arruda, etc.* A maior parte destas plantas em pequena dose são medicamentos mui preciosos, em grande dose porém

tornão-se venenosas. Os effeitos que produzem são : sabor acre , picante , mais ou menos amargo , calor ardente , grande seccura de lingua , vontade de vomitar , evacuações por cima ou por baixo , dôres mais ou menos vivas no ventre , pulso forte e frequente , respiração difficil e accelerada. Pouco tempo depois , o pulso perde sua força e sobrevém a morte. O tratamento é o seguinte : administrão-se muitos copos d'agua com assucar ou d'agua simples morna ou fria , afim de diluir o veneno e favorecer os vomitos. Depois combate-se a inflammação intestinal e os accidentes nervosos com banhos d'agua morna , bichas , cataplasmas de linhaça no ventre , e com a poção seguinte :

Chá de folhas de laranjeira	5 onças.
Laudano de Sydenham	24 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture e administre uma colher de sopa , de hora em hora.

ENVENENAMENTO PELOS VENENOS NARCOTICOS. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*, Vol. II, pag. 124.

ENVENENAMENTO PELO VERDETE. *Veja-se* Envenenamento pelo *Cobre*, Vol. II, pag. 119.

ENVENENAMENTO PELO VIDRO MOIDO. O vidro moído , verdadeiramente fallando , não é veneno : esta substancia não produz accidentes senão mecanicamente. O tratamento é o seguinte : Encher o estomago com feijões , batatas , couve , miolo de pão , e depois administrar um grão d'emético dissolvido n'uma chicara d'agua fria. Depois de ter evacuado estas substancias , recorrer aos clysteres d'agua morna e azeite doce , banhos mornos e cozimento de linhaça , para combater a inflammação dos intestinos.

ENVENENAMENTO PELO VINHO FALSIFICADO COM AS PREPARAÇÕES DE CHUMBO. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo* , Vol. II, pag. 126.

ENVENENAMENTO PELO VITRIOLO AZUL. *Veja-se* Envenenamento pelo *Cobre*, Vol. II, pag. 119.

ENVENENAMENTO PELO ZARCÃO. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*, Vol. II, p. 126.

ENXAQUECA. Todas as enxaquecas são dôres de cabeça, mas nem todas as dôres de cabeça são enxaquecas. O phenomeno mais geral nestas especies de soffrimentos é o character nervoso que apresentam. Por conseguinte, a enxaqueca é uma dôr nervosa, ordinariamente circumscripta em um ponto ou em uma metade do craneo, não acompanhada de febre, sujeita a repetições, por accessos cujos intervallos são variaveis; e quando desapparece momentaneamente ou para sempre, não deixa vestigio nenhum.

A invasão da enxaqueca é ordinariamente rapida. Manifesta-se em uma ou outra sobrancelha, nas fontes ou em qualquer outra região da cabeça, uma dôr surda, latejante, depois pungente, e muitas vezes atroz em pouco tempo. O rosto fica abatido, os olhos tristes, a tez bastante descorada ou de uma vermelhidão insolita. O doente conserva-se enfadado, impaciente; a bulha, uma luz viva lhe são incommodas e intoleraveis. Ao mesmo tempo existe anxiedade geral sem febre; a pessoa affectada tem consciencia de que no seu estado ha mais soffrimento que perigo. O presente lhe é insupportavel, mas não tem inquietação ácerca do futuro. O appetite pôde ser conservado, os alimentos allivião ou dissipão ás vezes os soffrimentos. Entretanto, quando são violentas, absorvem todas as faculdades. Indifferentes a tudo que as cerca, as pessoas tão cruelmente atormentadas desejarão poder suspender o exercicio da intelligencia e da sensibilidade, e ser passageiramente transformadas em automatos. As dôres lhes arrancão gritos continuos; parece a alguns individuos que a cabeça se lhes quebra, que se lhes introduzem no cerebro pontas agudissimas; uns sentem uma ebullicão, outros um grande ruido, sibilos, zunidos, detonações; alguns ha que julgão ter a cabeça comprimida por um solidéo de chumbo, ou tambem furada com uma verruma. Ás vezes a pelle é dolorosa á pressão, e os cabellos não podem ser tocados sem augmentar os soffrimentos. Existem bocejos quasi continuos, e ás vezes vomitos que são seguidos de

cessação das dôres em alguns individuos, e não produzem o mais leve allivio em outros.

As enxaquecas, cujos soffrimentos varião muito conforme os individuos e conforme os accessos, não principião ordinariamente com o grão de violencia que são susceptíveis de adquirir pelos progressos do tempo. Consistem primeiramente em dôres de cabeça supportaveis, que se dissipão para voltarem, e que tomão emfim as apparencias caracteristicas que temos indicado. Os accessos são separados por dias, semanas, mezes, de um estado de saude ordinaria; sua duração é de algumas horas, de um ou de alguns dias; o repouso de uma noite cura as mais das vezes. As enxaquecas são mais communs na mocidade e na idade madura; raras vezes principião na infancia ou continuão na velhice. As mulheres são mais sujeitas a ellas que os homens, e especialmente as pessoas hystericas, hypocondriacas, melancolicas, de um temperamento nervoso e bilioso. As enxaquecas são geralmente mais rebeldes que perigosas.

Entre as *causas* que produzem esta molestia entrão em primeira linha as paixões tristes e os trabalhos excessivos de espirito, sobretudo quando se lhes associa a vida sedentaria; depois as vigílias prolongadas, as impressões mui fortes, mui continuas, sobre os sentidos da vista, do ouvido, do olfato; o onanismo e os excessos venereos, ou uma continencia penosa; a intemperança ou um regimen insufficiente e de má qualidade; a exposição ás temperaturas excessivas ou os seus contrastes; a suppressão intempestiva de alguma evacuação ou de erupção habitual.

Tratamento. Durante o accesso, o repouso dos sentidos e do espirito é uma necessidade vivamente sentida e de uma efficacia manifesta. É preciso evitar a bulha, a luz viva, os cheiros desagradaveis, as occupações, as emoções; entretanto, é necessario neste caso consultar a propria experiencia, pois ha pessoas a que o trabalho, e sobretudo as distracções agradaveis, allivião muito, e soffrerião por mais

tempo estando deitadas na cama e fechadas em um quarto. Uma enxaqueca ligeira cede à immersão dos pés em agua quente simples ou sinapisada. Se é seguida de calor na cabeça, podem-se applicar pannos molhados n'agua fria misturada com vinagre. O ether derramado sobre a testa produz, vaporizando-se, um frio que muitas vezes acalma as dôres. As enxaquecas acompanhadas da sensação de frio na cabeça são alliviadas, ao contrario, pelas applicações quentes. A agua de flôr de laranja, a compressão da cabeça, os clysteres d'agua fria, uma chicara de café, produzem ás vezes bons effeitos. Alimentos comidos com prazer mitigão certo numero dellas, mas não se devem ingerir na ausencia de todo appetite, e sobretudo aquelles que repugnão. As enxaquecas que sobrevém periodicamente combatem-se com vantagem pelo sulfato de quinina administrado internamente nos intervallos dos accessos na dôse de 3 a 4 grãos, duas a quatro vezes por dia. O xarope de thridacio na dôse de uma a duas onças, o opio na dôse de um a quatro grãos e mais progressivamente, o ether na dôse de 15 a 30 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar, e outros remedios antispasmodicos (*Veja-se* esta palavra) devem ser experimentados nos casos rebeldes. Eis-aqui ainda receitas uteis contra a enxaqueca:

Pilulas anti-cephalagicas.

Opio	3 grãos.
Extracto de meimendro	3 grãos.
Extracto de belladona	3 grãos.
Thridacio	3 grãos.

Faça 12 pilulas. Toma-se 1 pilula, de 3 em 3 horas, durante o ataque da enxaqueca.

Agua sedativa de Raspail.

Tome Alkali volatil	1 onça.
Alcool camphorado	12 grãos.

Misture e deixe esta mistura combinar-se por uma ou duas horas.

Tome depois Sal de cozinha 3 oitavas.

Agua commum 11 onças.

Misture e cõe através de um panno de linho.

Misture os dous liquidos, e deite n'uma garrafa que deve ser bem tapada.

Molha-se nesta agua um panno de linho ou de algodão e applica-se no lugar doloroso da cabeça, tendo o cuidado de cobrir primeiramente os olhos para evitar que penetrem dentro alguns pingos desta agua.

Ter-se-ha o cuidado, em todas as circumstancias, de entreter a liberdade do ventre com clysteres ou purgantes brandos. A sobriedade, a abstinencia dos licôres alcoolicos são frequentemente os melhores meios que oppôr a esta molestia. As pessoas que tem já experimentado uma vez os tormentos da enxaqueca devem notar as circumstancias que lh'as occasionavão mais frequentemente, para regularem, segundo esta experiencia pessoal, a especie e a dôse dos alimentos e das bebidas, o momento opportuno das comidas, as horas da vigilia e do repouso, o gráo e o genero de exercicio salutar, a medida das occupações intellectuaes, das paixões, das emoções, das sensações, o uso das funcções genitales, a influencia do clima, das estações, das intemperies atmosphericas, das qualidades do ar dos quartos, etc. Estes estudos de hygiene individual podem ser os de maior soccorro, quer para curar as enxaquecas, quer para demorar ou mitigar os accesos. (Sobre as outras dôres de cabeça *veja-se* DÔR DE CABEÇA, Vol. II, pag. 57).

ENXOFRE. O enxofre é um corpo simples que abunda na natureza, no estado nativo ou no de combinação. No estado nativo, o enxofre se encontra em massas opacas ou semi-transparentes, em pó na vizinhança dos volcões, e emfim, porém mais raramente, debaixo da fôrma de bellos crystaes, alguns dos quaes tem uma transparencia perfeita. No estado de combinação, o enxofre faz parte dos sulfuretos de ferro, cobre, chumbo, mercurio, arsenico, etc.

Acha-se tambem em certas plantas, e mais particularmente no rábão e couve. Existe mesmo em certas materias animaes, como, por exemplo, nos ovos. As minas mais celebres de enxofre são as do reino de Napoles e Sicilia, as dos Estados Romanos, Irlanda, Guadelupe, e emfim as de Quito, nas Cordilheiras. O enxofre é solido, de côr amarella, sem sabor nem cheiro; arde com uma chamma azulada, e derrama um cheiro insupportavel de acido sulfuroso. O enxofre é empregado nas artes para branquear a seda; serve para a fabricaçãõ do acido sulfurico; misturado com carvão e nitro, forma a polvora. Emprega-se tambem em medicina. Sendo sublimado e lavado, misturado com assucar, forma as *pastilhas de enxofre*, que se administrão nos catarrhos pulmonares chronicos e na asthma; porém a sua utilidade é mais evidente no tratamento das molestias cutaneas, como nas empigens, tinha e sarna. Nestes casos emprega-se tanto interior como exteriormente. No interior, emprega-se na dôse de 12 a 24 grãos, duas a tres vezes por dia. Em grande dôse (1 a 3 oitavas) o enxofre obra como purgante. No exterior, administra-se em vapores, lavatorios, pomadas, linimentos, banhos, etc.

EPIDEMIA ou ANDAÇO. Molestia que ataca ao mesmo tempo e no mesmo lugar um grande numero de pessoas de uma vez, e que depende de uma causa commum e geral que sobrevém accidentalmente. Que objecto mais digno das meditações do medico e do philanthropo do que a origem destes espantosos flagellos, que levão a desolação e a morte ao meio de populações que vivião sãas e tranquilllas! É preciso ter colhido na historia da medicina e na das nações estes accentos lugubres de pavor e de dôr, que tem ás vezes retinido de uma á outra extremidade do globo, para conhecer tudo o que a humanidade tem soffrido das epidemias. A peste do Oriente figura á frente destas horriveis calamidades, e se devessemos acreditar em relações exaggeradas, teria decimado a metade do genero humano na unica

irrupção do XIV seculo. Oitocentos annos antes, na sua primeira apparição no mundo, cobrio tambem de luto o globo inteiro, ou ao menos todos os paizes conhecidos, segundo refere Procopio. Anteriormente, epidemias de natureza indeterminada, e confusamente chamadas *pestes*, affligirão muitas vezes as nações; dellas tratão a Biblia, a historia grega e romana; em todos os tempos, emfim, as epidemias tem desolado a especie humana. Entretanto, todas as epidemias estão longe de levar a consternação ao seio das populações; poucos annos se passam sem que cada localidade apresente epidemias de alguma especie, isto é, predomínios sensiveis de tal genero de molestias dependentes de uma causa geral, commum, passageira, por consequente epidemica; e entretanto nenhum clamor publico perturba o repouso da cidade. A duração das epidemias é mui incerta: é raro que cessem antes de tres ou quatro semanas, e que se prolonguem além de tres mezes.

Grande numero de molestias podem tomar a fórma epidemica, taes são: a coqueluche, os sarampos, a escarlatina, as bexigas, a dysenteria, a ophthalmia, o pleuriz, as febres intermittentes, o typho, a febre amarella, a peste, a cholera, etc. No principio do anno de 1846, reinou no Rio de Janeiro uma epidemia de febre rheumatica, a que o vulgo deu o nome de *polka*, por estar então muito em moda a dansa deste nome.

Não ha cousa mais problematica em medicina do que as causas variadas das diversas epidemias em geral. Espantado destes temiveis phenomenos, o espirito humano tem trabalhado muito para descobrir a sua origem: da colera celeste e do poder infernal dos máos genios, passou á influencia maligna dos astros, depois aos terremotos, ás erupções volcanicas e a todos os phenomenos geologicos terriveis ou maravilhosos; os progressos da razão humana dirigirão emfim a attenção para o lado das causas mais facilmente apreciaveis, mais simples e mais naturaes. Então as intemperies atmosphericas, os

effluvios, os miasmas, o contagio, a alteração das colheitas, as carestias, etc., forão submettidas alternativamente ao mais severo exame; digamos entretanto que alguma cousa de divino (*quid divinum*), isto é, de inapreciavel, a que os antigos attribuião a apparição das epidemias, persiste sempre e nos escapa. Uma circumstancia attendivel é que as epidemias tem consideravelmente diminuido no seculo em que vivemos, devendo-se attribuir isto aos progressos da civilisação e ao melhoramento da prosperidade material. É provavel que as epidemias fossem muito mais raras se os governos se interessassem por dar toda a força necessaria á hygiene publica, se os pantanos se seccassem, os portos se limpassem, as ruas fossem asseadas, as habitações arejadas, as populações não agglomeradas, as inhumações vigiadas e sobretudo afastadas das cidades, etc.

EPIDERMÉ. Assim se chama a membrana ou pellezinha delgada que cobre a pelle. É a parte superficial da pelle; é ella que se levanta quando se applica um caustico.

EPILEPSIA, ou GOTA CORAL, ou MAL DE GOTA, ou VAGADO. Molestia nervosa que se manifesta por ataques, mais ou menos approximados, com movimentos convulsivos, perda dos sentidos e escuma na bocca. Esta molestia é conhecida desde a mais remota antiguidade. Nos tempos de ignorancia e de superstição, por causa de sua fórma espantosa, de sua invasão subita, foi considerada como infligida pela colera dos deoses, e por isso lhe davão o nome de *mal sagrado*. Em Roma, dissolvião-se as assembleas (*comitiæ*) na occasião de cahir um epileptico, e por isso lhe chamarão *mal comicial*. A sciencia está hoje desembaraçada destas superstições, mas não se acha ainda bastante adiantada no conhecimento da molestia.

Causas. As crianças e as mulheres são mais frequentemente affectadas de epilepsia do que os adultos, os homens, e sobretudo os velhos. Manifesta-se ás vezes desde os primeiros dias do nascimento. O

susto é a sua causa mais frequente, e sobretudo durante a época da menstruação. A colera, o pezar, as commoções moraes mui fortes, a masturbação e os excessos venereos tem muita influencia em seu apparecimento. Acompanha ás vezes o idiotismo; pôde depender tambem, nas crianças, da presença dos vermes no canal intestinal. É evidente que nenhuma destas influencias tem connexões directas com a epilepsia, que não constitue senão uma correlação accidental e fortuita, e que a verdadeira causa da epilepsia ainda não está descoberta.

Symptomas. Os ataques de epilepsia são raras vezes annunciados por symptomas precursores; isto acontece entretanto quatro a cinco vezes sobre cem. Estes phenomenos são: tristeza, máo humor, dôr de cabeça, caimbras, audição de ruidos extraordinarios, vista de objectos luminosos, etc. Ás vezes uma certa sensação, tal como dôr, frio, calor, prurido, se desenvolve n'um dedo, perna, braço, ventre ou costas, e do ponto em que se manifesta sobe gradualmente até á cabeça. A parte do corpo em que esta sensação se patentêa é sempre a mesma em cada ataque. Em todos os casos, precedidos ou não destes phenomenos, o ataque é sempre subito. O doente dá um grito e cahe como fulminado; o rosto se intumece e torna-se vermelho, roxo e até negro; a bocca se enche de escuma; convulsões mais ou menos fortes se manifestão; os membros ficam rijos, e o individuo mostra-se insensivel ás provas mais dolorosas. A bocca torce-se para um ou outro lado, a mandibula inferior se approxima muito da superior, ou, cahindo violentamente para baixo, desloca-se ás vezes, e a bocca fica em extremo aberta. Muitas vezes as materias fecaes e as ourinas sahem involuntariamente.

É mui raro que o ataque dure por mais de cinco a seis minutos; tem-se visto entretanto prolongar-se por meia hora, uma hora, um dia e mais; porém então ha instantes de interrupção, e uma só epilepsia compõe-se ás vezes de uma serie de pequenos ataques successivos, os quaes chegam a exceder a ses-

senta. Logo que ella cessa, os membros cobrão sua flexibilidade e sua direcção natural, o rosto empalidece; os doentes cahem ordinariamente n'uma modorra profunda, acompanhada de forte roncar. Umaz vezes são affectados de um tremor geral; outras, cobre-se-lhes a pelle de suor abundante; alguns experimentão nauseas e vomitos; emfim, todos recuperão pouco a pouco o uso dos sentidos, mas não se lembrão de nada do que lhes aconteceu, e seu rosto exprime vergonha e espanto. A morte subita pôde succeder aos ataques de muitas horas.

Todos os ataques não são tão violentos como o que acaba de ser descripto; são ás vezes tão leves, que se designão debaixo do nome de *vertigem* ou *vdgado epileptico*. Eis-aqui a sua descripção. O doente perde subitamente os sentidos, ás vezes dando um pequeno grito; pôde não mudar de posição se está sentado, e entretanto cahe no chão se está de pé, salvo se tem tempo de se encostar a alguma cousa; os olhos ficão fixos, e poder-se-hia crer que o doente dirige a attenção para algum objecto: em alguns casos manifestão-se convulsões ligeiras e parciaes nos olhos, beijos, membros, pescoço ou rosto; a bocca em muitos doentes enche-se de baba espumosa. Depois de alguns segundos, um ou dous minutos, quando muito, este estado cessa. Então o doente recobra immediatamente o pleno exercicio de suas faculdades, e continúa, sem suppôr que a tem interrompido, uma conversação, uma occupação qualquer; outras vezes conserva por alguns minutos um estado de semi-conhecimento, e pratica alguns actos desarrazoados.

Prognostico. A epilepsia é sempre uma molestia grave; sua cura é rara e difficilissima: aquella, entretanto, que se declara em idade mui tenra, desapparece muitas vezes quando o corpo tem adquirido completo desenvolvimento.

Tratamento. Ha pouco que fazer durante os ataques; todos os cuidados se limitão geralmente a conter o doente, afim de impedir que se fira, a des-

apertar-lhe os vestidos, principalmente os do peito e do pescoço, e a afastar os espectadores importunos. É preciso dar-lhe a respirar vinagre, ou approximar-lhe ao nariz um frasco com alcali volatil. A bocca exige uma attenção especial: se a lingua se acha apertada entre as duas arcadas dentarias, será preciso desembaraça-la para impedir que se morda ou córte; para evitar que se quebrem os dentes, é bom pôr entre elles um pedaço de panno de linho dobrado; depois disto, o accesso seguirá seu curso. Quando a congestão cerebral é mui violenta e ameaça tornar-se funesta, é preciso de prompto praticar uma sangria. A compressão do ventre no lugar correspondente á bocca do estomago, a extensão forte dos membros e dos dedos dos doentes, contribuem ás vezes para suspender os ataques.

Nos *intervallos dos ataques*, é preciso que os epilepticos evitem todas as impressões moraes vivas, todas as acções physicas mui fortes e capazes de determinar a excitação do cerebro. O maior repouso de espirito, as distracções longo tempo continuadas, um exercicio moderado do corpo, comidas de facil digestão, o uso de purgantes brandos, os banhos do corpo mornos, durante a existencia dos quaes o doente conserve sobre a cabeça pannos embebidos em agua fria, são sempre bons nesta molestia. O doente deve evitar os excessos venereos, os das bebidas alcoolicas; e é necessario que se abstenha da vista de outros epilepticos, porque pôde lhe causar uma sensação desagradavel e provocar o reaparecimento do ataque. Sedenhos ou fontes na nuca tem sido uteis ás vezes. Os individuos sanguineos devem recorrer ás applicações periodicas de bichas no anus, e até ás sangrias. Tem-se visto, debaixo da influencia deste tratamento, ataques de epilepsia diminuir, e em algumas pessoas desaparecerem inteiramente. Se se suspeitar que a molestia depende da presença de lombrigas ou de solitaria no canal intestinal, é preciso usar dos medicamentos vermifugos, taes como a decocção da casca de raiz de

romeira, a do feto macho ; se ella procede da ausencia das regras, é preciso provocar a menstruação (*Veja-se MENSTRUÇÃO*) ; se é occasionada pela sensibilidade extraordinaria, pela debilidade da constituição, é necessario combater estes estados por banhos frios, regimen tonico e substancial. A epilepsia tem sido ás vezes curada com a valeriana, folhas de laranjeira, belladona, alcanfor, almiscar e outros medicamentos antispasmodicos ; com preparações de ferro e de quina, com amargos, anil e terebenthina ; mas não se devem empregar estes medicamentos senão ouvindo-se os conselhos dos facultativos, que são os unicos capazes de fazer a escolha delles.

O quarto que o epileptico habita deve ter o menor numero de trastes que fôr possível ; a cama deve ser mui larga para prevenir a gravidade das quédas : nos paizes frios, as chaminés onde estes doentes se aquecem devem ser guarnecidas com grades. Em seus passeios, os epilepticos devem evitar o andar á margem de um rio ou de qualquer precipicio, e nunca devem passear sós, mas sim acompanhados.

RECEITAS CONTRA A GOTA CORAL.

Pilulas anti-epilepticas.

Extracto de valeriana 1 oitava.
Camphora 1 oitava.

Faça 24 pilulas. O doente toma 1 pilula de manhã, outra ao meio dia e outra á noite. Encima de cada pilula bebe-se meia chicara de chá de folhas de laranjeira.

Outras pilulas anti-epilepticas.

Extracto de belladona 12 grãos.
Oxydo de zinco 12 grãos.

Faça 24 pilulas. Tomão-se 2 pilulas por dia.

Outras pilulas anti-epilepticas.

Extracto d'estramonio 18 grãos.
Extracto de belladona 18 grãos.
Camphora 18 grãos.
Opio 18 grãos.

Faça 36 pilulas. Toma-se uma pilula de manhã, outra de noite.

Opiato terebenthinado contra a epilepsia.

Essencia de terebenthina 1/2 onça.

Gomma arabica 1 onça.

Assucar 1/2 onça.

Agua de hortelã pimenta 1 onça.

Misture. Toma-se este opiato por colheres de sopa. Duas colheres por dia, uma de manhã, outra á noite.

Póde-se tambem curar a gota coral administrando-se a poção seguinte no momento em que o doente sentir approximar-se o ataque:

Chá de folhas de laranjeira 2 onças.

Alcali volatil 12 gottas.

Xarope de gomma 1 onça.

Esta dóse é para um adulto de 24 annos; para os meninos de 8 annos basta a terça parte desta poção, e para os de 15 annos, a metade.

O doente deve sempre trazer consigo um frasco com esta poção, e bebê-la logo que experimentar a menor sensação que lhe costuma annunciar o seu ataque. É bom que o gargalo do frasco seja cercado com panno de linho, de modo que o doente não o quebre com os dentes. Esta poção deve ser repetida muitas vezes.

EPISTAXIS. Assim se chama em medicina o fluxo de sangue pelo nariz. *Veja-se* HEMORRHAGIA NASAL.

EQUITAÇÃO. *Veja-se* EXERCICIOS.

ERUCTAÇÃO. *Veja-se* ARROTO, Vol. I, pag. 142.

ERYSIPELA. Inflammção da pelle, caracterisada pela côr vermelha, inchação e dôr da parte affectada.

Causas. As causas que mais ordinariamente produzem a erysipela são: a insolação, os attritos duros e repetidos, um calor vivo, as picadas com instrumentos impregnados de materias animaes em putrefacção; os golpes, as contusões, emfim tudo o que póde irritar violentamente a pelle. As affecções fortes da alma, um pezar profundo, um accessó violento de colera póde occasiona-la ás vezes. Produzem-a tambem alimentos grosseiros, carnes putrefactas, as

comidas mui apimentadas, o abuso dos licôres espi-rituosos e os excessos de mesa. Mas a causa do maior numero de erysipelas ainda está encoberta na mais completa obscuridade. A erysipela ataca com preferença as pessoas de pelle fina e delicada. Esta molestia é mui commum no Rio de Janeiro, e esta frequencia parece depender da influencia do clima.

Symptomas. O rubor, o calor e o prurido, taes são os primeiros caracteres da erysipela. Estes caracteres são mais ou menos fortes conforme a intensidade da inflammação. O rubor é mais ou menos escuro; é luzidio, não circumscripto, e desaparece á pressão do dedo, para reaparecer promptamente logo que este se tira. Um sentimento de comichão, de picadas, de seccura e de tensão dolorosa, existe na parte affectada. O calor, ao principio brando, torna-se logo ardente. Estes symptomas augmentão ordinariamente durante tres ou quatro dias, e ás vezes então formão-se sobre a superficie inflammada pequenas vesiculas cheias de uma serosidade ruiva, acompanhadas de um prurido insupportavel. Estas bolhas observão-se principalmente na erysipela do rosto.

A erysipela é quasi sempre precedida ou acompanhada de um desarranjo na saude. Os phenomenos geraes que se notão são os da *constipação*, taes como lassidão, espreguiçamento, calafrios, dôr de cabeça, fastio, febre; ás vezes nauseas, vomitos; em alguns casos raros, delirio. Depois do frio apparece ordinariamente calor e suor. A estes phenomenos ajunta-se ás vezes a inchação dolorosa das glandulas lymphaticas vizinhas do lugar onde a erysipela se deve manifestar. Assim, estas inchações, chamadas vulgarmente *inguas*, mostrão-se na virilha, se a erysipela existe no pé ou perna; no pescoço, se a erysipela vem na cabeça, e no sovaco, se a molestia se declara no braço.

Quando a inflammação occupa toda a espessura da pelle e o tecido cellular subcutaneo, toma o nome de *erysipela phlegmonosa* ou *erysipela apostemada*.

Todos os symptomas do gráo precedente existem ainda, mas a dôr offerece um caracter particular; é pungente no principio, e torna-se latejante se a suppuração se estabelece na parte; junta-se-lhe uma tumefacção mais ou menos consideravel. O tecido cellular subcutaneo, inchado pela inflammacção, forma um tumor largo, comprido e profundo. Este tumor abate-se no quinto ou sexto dia, e a pelle, menos vermelha, se cobre de escamas furfuraceas, se a phlegmasia termina por resolução; avulta-se, pelo contrario, fica pontudo e amollece no centro, se a suppuração se forma na parte. Neste ultimo caso, conforme a extensão da inflammacção, ou resulta um abscesso que, depois de se ter aberto ou depois de ter sido incisado, dá sahida ao pus e cicatriza em poucos dias; ou o pus, espalhando-se por baixo da pelle, abre caminho por fóra, mais ou menos distante do ponto em que a inflammacção principiou. Os fócios de suppuração são então quasi sempre multiplices, a pelle é furada de muitos buracos e despegada, e o pus frequentemente fetido. A abundancia da suppuração acaba então quasi sempre por conduzir o doente a fraqueza extrema.

Erysipela branca. Nem todas as erysipelas são acompanhadas da côr vermelha da pelle; acontece muitas vezes que a molestia apresenta unicamente uma inchação simples: constitue então o que se chama *erysipela branca*. Observa-se especialmente na mão, braço, perna ou escroto. A côr da pelle não muda; existe só inchação, calor e sensibilidade na parte affectada.

Erysipela douda. Dá-se este nome á erysipela mui simples, que occasiona muito pouca dôr e não é acompanhada de febre.

Os symptomas da erysipela apresentam mais algumas particularidades que dependem ou do lugar que ella occupa, ou das circumstancias pelas quaes se desenvolve, ou emfim da causa que a produz.

Na *erysipela do rotso*, a mais grave de todas, as palpebras ficão inchadas, os olhos fechados e la-

crimozos, o nariz e os beiços inchados, as orelhas rubras e luzidias. A inflamação pôde se propagar até ao cerebro e occasionar uma modorra profunda, o delirio e todos os symptomas da febre cerebral.

A *erysipela do couro cabelludo da cabeça* offerece quasi sempre os caracteres da *erysipela phlegmonosa*. As pancadas, as feridas contusas, são suas causas mais frequentes. A principio a dôr é surda, depois viva, os tegumentos ficão inchados, pouco vermelhos, conservão longo tempo a impressão do dedo; emfim, a suppuração é a sua consequencia mais ordinaria; ás vezes os ossos do craneo ficão denuddados.

A *erysipela dos peitos*, nas mulheres, é ás vezes phlegmonosa e acompanhada de uma inchação enorme. A impressão do frio sobre estes orgãos, a irritação determinada pela succão da criança, são suas causas mais frequentes.

A *erysipela do escroto e do prepucio* é acompanhada de uma inchação consideravel. Acaba frequentemente por resolução sem deixar nenhum vestigio; mas ás vezes fica na parte uma ligeira inchação, que augmenta com novos ataques da *erysipela*, e que no fim de alguns annos fórma esses tumores monstruosos, chamados *elephantiase*.

Prognostico. A *erysipela* simples é uma molestia pouco séria, sobretudo se a pelle se inflamma em extensão pouco consideravel. Sua duração média é de tres a nove dias. Quando a molestia se tem desenvolvido debaixo da influencia de causas moraes, ou quando (e este caso é o mais ordinario) a causa não é determinada, o prognostico é menos favoravel. As *erysipelas* apostemadas e profundas dos membros são molestias graves; as *erysipelas* do rosto, do couro cabelludo, do ventre, do escroto, exigem tambem uma vigilancia activa. Raras vezes a *erysipela* occasiona a morte. Mas a repetição contínua da *erysipela* nas pernas, braços ou escroto, deixa certa inchação que augmenta com novos ataques da molestia, e que se torna mui incommoda.

Tratamento. O tratamento da erysipela depende da fôrma que apresenta. Na erysipela simples, naquella sobretudo que se chama vulgarmente *douda*, basta que o doente tome uma posição tal, que a parte affectada fique elevada o mais possivel. Um regimen leve e algumas bebidas refrigerantes, taes como agua de cevada acidulada com sumo de limão, limonada de limão, de laranja, ou alguma outra, conduzem rapidamente á cura. Não é necessaria nenhuma applicação local.

No caso em que o calor é mui incommodo e a dôr mui viva, podem-se fazer com vantagem lavatorios com infusão de flôres de sabugueiro, com cozimento de malvas ou de folhas d'alface. Às vezes é bom polvilhar a erysipela com mistura de pós de alcanfor e com polvilho, ou applicar camphora molhada e contida entre dous pannos.

Quando a erysipela é acompanhada de calafrios, dôr de cabeça, febre ou nauseas, a primeira cousa que se deve fazer consiste em aquecer o doente. Neste intuito, é preciso cobri-lo com um cobertor de lãa, pôr-lhe garrafas d'agua quente nos pés, e dar-lhe a beber duas ou tres chicaras de chá de flôr de sabugueiro ou de borragem mui quente. Depois de assim provocada a transpiração, é bom administrar um ou dous grãos de tartaro emetico n'um quartilho d'agua, para provocar tambem os vomitos e evacuações alvinas. Administra-se uma chicara desta bebida de quarto em quarto de hora. O tartaro emetico raras vezes deixa de ter sua applicação na erysipela. Os purgantes brandos, taes como sal d'Epsom ou de Glauber, são tambem uteis no tratamento da erysipela.

Contra as inchações que são a consequencia de ataques repetidos d'erysipela, convém empregar as fricções seguintes :

Vinagre aromatico	2 onças.
Aguardente alcanforada	2 onças.
Misture.	

ou as fricções com a pommada seguinte :

Sulfato de ferro	2 oitavas.
Banha	1 onça.

Misture.

Os banhos d'agua fria, sobretudo os do mar, são tambem uteis contra as inchações que seguem a erysipela. Direi o mesmo da compressão feita com cadaço ou com meias de linho.

A erysipela que apresenta bolhas não tem outra indicação senão abrir as bolhas com um alfinete para deixar sahir a serosidade que contém, e não se deve tirar a pelle.

A *erysipela do rosto*, se é fraca, deve ser deixada a si mesma, limitando-se o doente á dieta e ás bebidas refrigerantes; mas se é acompanhada de dôr de cabeça intensa, de delirio e de outros symptomas cerebraes, é preciso praticar uma sangria, applicar causticos nas pernas, administrar um ou dous grãos de tartaro emetico n'um quartilho d'agua, bebidas laxantes, como a decocção forte de polpa de tamarindos, ou a dissolução de uma ou duas onças de cremor de tartaro em agua fria.

E' preciso sempre tentar tudo para impedir o desenvolvimento da erysipela apostemada. A applicação de cataplasmas de farinha de linhaça, a dieta, as bebidas refrigerantes e acidulas, são os unicos meios de conseguir este fim importante; e se, apezar do seu emprego, a molleza da parte e mais signaes fazem reconhecer que a suppuração está formada, é mister, sem esperar que a fluctuação venha indicar o lugar em que o pus está reunido, deixar praticar incisões profundas e numerosas que facilitem a desinchação e fação cessar a estrangulação da parte. Se, não obstante tudo isto, se formão collecções purulentas, é preciso abrir os abcessos com o histori, pôr fios entre os labios da incisão, afim de impedir que esta se feche, e continuar com as cataplasmas emollientes. Estes preceitos devem ser principalmente applicados á erysipela phlegmonosa do couro cabelludo, onde a pelle é muito espessa, e onde occur-

rerião accidentes graves se se esperasse a abertura espontanea do abscesso. (*Veja-se* POSTEMA.)

A erysipela simples deixa frequentemente um enurgitamento na parte affectada, que, com ataques repetidos da erysipela, augmenta progressivamente de volume, e acaba por dar á parte um aspecto disforme. Esta molestia chama-se então *Elephantiase* ou *Erysipela branca*, e é descripta no artigo ELEPHANTIASSE DOS ARABES, Vol. II, pag. 73.

ESCALDADURA. *Veja-se* QUEIMADURA.

ESCALDA-PÉS. *Veja-se* BANHO, Vol. I, pag. 187.

ESCAMONÉA. Summo gomme-resinoso extrahido das raizes do *Convolvulus scammonia*, Linneo, planta que cresce na Asia, e particularmente nos arredores de Alepo. A escamonéa de Alepo, mais estimada que a de Smyrna, acha-se em pães orbitulares, de côr cinzenta, friaveis; fractura negra, cheiro forte e particular, sabor amargo e acre. É soluvel no alcool, e, triturada com agua, fórma uma especie d'emulsão.

A escamonéa é um purgante mui prompto e energico; produz colicas e calor interior. Emprega-se na hydropisia e outras muitas molestias. Entra na composição do purgante Leroy. A dóse d'escamonéa, como purgante, é de 6 a 15 grãos em pó, pilulas ou n'uma poção.

ESCANDESCENCIA. *Veja-se* EXCANDESCENCIA.

ESCÁRA. Dá-se este nome a uma crosta que é resultado da mortificação de uma parte do corpo pelo fogo, pelo oleo de vitriolo, ou por algum outro caustico violento. Alguns dias depois da acção do caustico, manifesta-se uma suppuração que tem por objecto separar a escára das partes vivas; e depois da quéda da escára, fica uma ferida que se cura com ceroto simples.

ESCARLATINA. Inflammação cutanea que, depois de alguns dias de febre, se annuncia por pintas vermelhas, cuja reunião fórma largas manchas vermelhas, um pouco resaltadas acima da pelle, que se confundem e cobrem toda a superficie do corpo.

Esta molestia, assim como o sarampo, de que pouco differe, é frequentemente acompanhada de inflamação de garganta.

Causas. São pouco conhecidas. A escarlatina é uma molestia contagiosa, ataca os meninos muito mais frequentemente do que as pessoas adultas; raras vezes se manifesta mais de uma vez em um mesmo individuo, e affecta quasi sempre grande numero de pessoas ao mesmo tempo.

Considera-se como causa determinante da escarlatina um principio contagioso, especial, cuja essencia não é conhecida. O contagio é indubitavel, mas é menos forte do que para o sarampo e bexigas. Não se sabe com certeza em que época a escarlatina é mais susceptivel de se communicar por contagio; entretanto, um certo numero de factos parece provar que a transmissão directa tem lugar mais facilmente durante o periodo da escamação do que em qualquer outra época da molestia.

Symptomas. A erupção é ordinariamente precedida de um incommodo geral, calafrios, fastio, dôr de cabeça, e de symptomas febris mais ou menos intensos. Ajuntão-se-lhes quasi constantemente signaes de inflamação de garganta; mas não se observa, como no sarampo, ophthalmia, defluxo nem tosse. Ao terceiro ou quarto dia, e ás vezes mais tarde, até ao oitavo ou nono, apparecem na pelle pintas vermelhas, mais largas e de côr mais viva que a do sarampo. Mostrão-se primeiramente no rosto e no pescoço, depois no peito, braços, ventre e nas extremidades inferiores; estendem-se promptamente em largas manchas que não tardão a se reunir e dão a toda a superficie da pelle o aspecto do escarlante. As mãos e os pés são frequentemente mais grossos e dolorosos; o rosto tambem é ás vezes inchado. É raro que os symptomas da inflamação intestinal diminuão depois da erupção, entretanto que desaparecem quasi sempre depois da sahida do sarampo. A escarlatina é muitas vezes acompanhada da erupção de botõeszinhos brancos chamados

miliares. Emfim, ao quarto dia da erupção solta-se o epiderme, umas vezes em fórma de farinha, outras vezes por escamas ou por longas laminas; então principia a convalescença. Tal é a esscarlatina *simples* ou *benigna*.

Marcha, duração e prognostico. A marcha da esscarlatina não é sempre tal como acaba de ser descripta; ás vezes a erupção se faz difficil e incompletamente; outras vezes apparece e desaparece alternativamente, o que é de má agouro; emfim, as manchas são, em algumas circumstancias, lividas e até ruivas, o que é mais grave ainda. As inflammações dos intestinos e da garganta são ás vezes mui intensas. A duração média da esscarlatina é de dez a doze dias; mas quando, depois da quéda do epiderme, sobrevém algum accidente, póde-se prolongar indefinidamente. De ordinario acaba sempre pela escamação do epiderme, seguida da volta á saude; mas ás vezes a morte é a sua consequencia. A esscarlatina é uma das molestias mais perfidas; ás vezes principia de maneira mui simples, e depois muda de character e torna-se mui grave. O perigo nunca vem da erupção, mas sim das inflammações internas que a precedem e a acompanhão, ou das hydropisias que succedem á escamação.

Escarlatina maligna. Os symptomas acima descriptos pertencem á esscarlatina *simples*, mas as cousas não passão sempre de maneira tão benigna; a molestia é ás vezes muito mais grave, toma então o nome de *esscarlatina maligna*. Eis-aqui os seus symptomas: Depois de um calafrio forte, succede febre ardente, sede, dôr de cabeça, pulso frequente, ardor na garganta, vomitos ou diarrhéa, delirio; tres ou quatro dias depois, erupção de manchas mais resaltadas do que na esscarlatina benigna; ás vezes ourinas sanguinolentas. A apparição das pintas é tardia; sua cor é fraca e livida, sua duração incerta: podem apparecer e desaparecer muitas vezes. O pulso é fraco, a lingua e os dentes são cobertos de uma camada roxa; sobrevém surdez, delirio, difficuldade de engulir e de respirar, diarrhéa, emfim a morte,

que ás vezes succede repentinamente, no segundo, terceiro ou quarto dia.

Complicações. As molestias que podem complicar a escarlatina são principalmente o pleuriz e a febre cerebral: devem ser combatidas pelos meios competentes, indicados nestas molestias.

A *inchação* é tambem um phenomeno não raro que se observa na convalescença da escarlatina. Nota-se esta hydropisia principalmente nas palpebras, rosto, pés, pernas; ás vezes no corpo todo.

Tratamento. Na escarlatina simples e leve, favorecer-se-ha a marcha natural da erupção por uma temperatura não mui fria, nem tambem mui quente; recommendar-se-ha a dieta, bebidas diluentes e frias, taes como o chá de flôres de malvas, o cozimento de arroz, de cevada, agradavelmente acidulados com xarope de limão. Se a inflamação da garganta não fôr forte, bastaráõ gargarejos de cozimento de raiz de althéa adoçado com mel rosado. Se com estes gargarejos a dôr de garganta não fôr diminuindo, convém gargarejar-se, tres a quatro vezes por dia, com um forte molho de pimenta cumari misturado com sumo de limão azedo.

As complicações do catarrho pulmonar agudo, pleuriz, inflamação dos intestinos ou do cerebro, devem ser combatidas pelas sangrias ou bichas, como se a erupção cutanea não existisse.

A's vezes, desde o principio da erupção, existe uma prostração excessiva e pulso fraco (*escarlatina maligna*). Neste caso, é preciso applicar vesicatorios nas pernas, e administrar a poção seguinte:

Chá de contraherva	5 onças.
Acetato de ammoniaco	1 oitava.
Xarope de quina	1 onça.

Misture e dê uma colher de sopa de hora em hora.

É util em todas as especies da escarlatina applicar na testa pannos molhados n'agua fria e vinagre. Estes pannos devem ser renovados ao menos de quarto em quarto de hora. Este meio, que inspira

algum susto aos pais, produz um allivio mui grande e nunca occasiona accidentes. Não se deve tambem recusar agua fria para acalmar a sêde, com a cautela porém de dá-la em porções pequenas e amiadadas.

Os calomelanos tem sido tambem empregados com vantagem nas escarlatinas malignas. Administrão-se na dóse de 2 grãos, n'uma colher d'agua fria com assucar, quatro vezes por dia.

Se a escarlatina desaparecer prematuramente, attribuindo-se isto ao desenvolvimento de uma inflammção pulmonar, ou outra qualquer, é preciso tratar-se exclusivamente desta ultima. Deve-se favorecer a volta da erupção por meio de banhos mornos e de sinapismos applicados alternativamente sobre as differentes partes do corpo.

Depois da quêda da pelle, se a molestia fôr simples, vê-se logo estabelecer-se a convalescença. Banhos mornos e um regimen simples constituem os unicos meios que devem ser empregados nesta época; um leve laxante, como duas onças de oleo de ricino batidas com caldo, ou duas onças de manná dissolvidas em leite, convém tambem neste periodo. Durante a convalescença, é preciso acautelar-se da impressão do frio e da humidade. Alguns medicos que virão desenvolver-se nesta época accidentes graves aconselhão que não se deixe sahir os doentes senão no fim de um mez. Mas esta reclusão, mui util para as estações frias e humidas, é mui severa para os climas temperados ou quentes. Se, apezar destas precauções, ou talvez por não terem sido seguidas, a hydropisia se manifesta, é preciso combater este accidente pelos purgantes, diureticos e sudorificos. O doente tomará todos os dias um quartilho de algum cozimento diuretico, como o de gramma ou de parietaria, ao qual se ajuntaráõ 24 grãos de salitre. De noite, ao deitar-se, beberá uma ou duas chicaras de chá da India ou de chá de sabugueiro, e de dous em dous ou de tres em tres dias tomará um brando purgante, como oleo de ricino, manná ou

duas onças de sal amargo. A estes meios é preciso associar os banhos quentes.

Meios preservativos da escarlatina. De todos os remedios que tem sido aconselhados, a belladona parece o melhor que se póde oppôr ao desenvolvimento da escarlatina durante o tempo da epidemia; e se não impede a molestia, ao menos torna-a menos grave nas pessoas que usão desta substancia. Indicamos a receita seguinte:

Poção preservativa da escarlatina.

Tintura de belladona	1 oitava.
Agua commum	4 onças.
Agua de hortelãa-pimenta	7 oitavas.
Xarope de gomma	1 onça.

Misture.

Esta poção administra-se de manhã em jejum, uma vez por dia e por espaço de 12 dias, na dóse de uma colher de chá para as crianças de 1 a 4 annos; duas colheres de chá para as de 4 a 10 annos; uma colher de sopa para as de 10 a 15 annos; duas colheres de sopa para as pessoas de 15 a 20 annos; e tres colheres para as de 20 annos para cima.

Mas de todos os meios preservativos, o melhor é a *isolação*.

ESCARROS. No estado de saude, a membrana que cobre as vias aereas dá uma certa quantidade de mucosidades, que ordinariamente não é sufficiente para ser notada. Mas, quando os canaes respiratorios adoecem, a secreção das mucosidades augmenta muito e toma caracteres especiaes. Entretanto, a formação dos escarros não é incompativel com o estado de saude; muitos individuos lanção todos os dias certa quantidade delles, sem que no emtanto estejam doentes.

Os escarros formados na bocca são ordinariamente claros e viscosos; os da garganta offerecem os mesmos caracteres, mas vem quasi sempre misturados com pequenos grumos brancos, opacos e molles, que são ministrados pelas amygdalas. Os escarros das vias aereas são os de mais importancia para se estudarem;

offerrem aspectos mui variaveis. Muitas pessoas expulsão escarros cinzentos ou negros: esta côr provém da fumaça dos candieiros ou velas de que se servem, e está em proporção directa com a quantidade da fumaça que se acha derramada no ar que se respira, e não indica de fôrma alguma uma molestia das vias aereas, que algumas pessoas temem. No principio dos defluxos, os escarros são claros, transparentes e viscosos; e são logo substituidos por uma expectoração de substancias opacas, amarellas, brancas ou esverdinhas. São quasi sempre inodoros. Tem-se visto entretanto exemplos de catarrho pulmonar com expectoração de escarros de um fodor consideravel, semelhantes aos que se observão na gangrena do pulmão. Os escarros vermelhos merecem grande attenção; quando são compostos de sangue quasi puro, dependem de uma hemorragia das vias aereas; mas quando são intimamente misturados com mucosidades, constituem um dos signaes mais evidentes da inflammação do pulmão, e este signal só de per si pôde ser de grande valor. O sangue que se apresenta nos escarros debaixo da fôrma de nodos negros e redondas vem quasi sempre do nariz; quando é disposto por estrias ou por fiozinhos, pôde-se crer que procede de algum ponto da bocca ou da garganta. Em alguns casos, os escarros contém fragmentos de falsas membranas, o que é um dos signaes mais evidentes do garrotilho: comtudo, ás vezes esta variedade de escarros apparece em algumas fôrmas de catarrhos pulmonares.

Existe um grande numero das molestias em que se nota o escarro de pus. Apparece este phenomeno na tísica laryngea, no catarrho chronico do pulmão, no ultimo grão da inflammação deste orgão, nos abscessos desenvolvidos no seu interior, e emfim na tísica pulmonar. Vê-se que os escarros purulentos são, em geral, um signal de molestia mui grave; mas é preciso considerar que as mucosidades tomão ás vezes a apparencia do pus, de tal maneira que faci-

litão um engano. Diz-se que o pus mais pesado cahe no fundo da agua, entretanto que as mucosidades nadão sobre a superficie deste liquido; que o pus lhe communica uma côr leitosa, uniforme, dissolvendo-se nella, entretanto que as mucosidades ficão suspensas em filamentos. Estes caracteres distinctivos existem em certo numero de casos, mas fallão mui frequentemente, e a observação dos doentes mostra que a mucosidade e o pus se mudão tão insensivelmente uma no outro, que muitas vezes não é possível distinguir o pus da mucosidade. Os chimicos tem feito numerosas experiencias para distinguir estes dous productos; mas nenhum resultado satisfactorio se tem obtido, e só pertence á sagacidade do medico o reconhecer por signaes certos a natureza exacta da molestia.

ESCARROS DE SANGUE. Esta molestia, pelo medo que inspira ou pelos resultados funestos que são a sua consequencia, é uma das que mais merecem a nossa attenção. É designada em medicina pelo nome de *hemoptyse*.

Causas. A *hemoptyse* é rarissima nas crianças; os velhos são tambem poucas vezes affectados desta molestia: observa-se mais commummente na adolescencia e na idade adulta; as mulheres são mais sujeitas a ella do que os homens, e a razão desta maior disposição das pessoas do sexo feminino ás hemorragias é a frequencia das desordens de menstruação que padecem. Quando o fluxo periodico é supprimido pelas vias que lhe são naturaes, busca caminho por outros pontos, e sahe frequentemente pelo pulmão. Quasi todas as pessoas dotadas de temperamento sanguineo e colerico estão predispostas a este mal. Tem-se notado que as pessoas activas, irasciveis, que entretanto tem um temperamento fraco e nervoso, escarrão sangue com muita facilidade. Certas profissões que obrigão a ter o corpo curvado para diante, e em que, não se podendo o peito dilatar convenientemente, ha accumulção de sangue nos pulmões, dispoem aos escarros de sangue; taes são as profis-

soes de sapateiro, de alfaiate, etc. Os trabalhos litterarios que exigem uma excitação cerebral um pouco forte, e que obrigão a conservar por muito tempo uma posição curvada, occasionão hemoptyse. O illustre Grétry foi toda a sua vida sujeito a frequentes escarros de sangue, os quaes appareção sempre que elle se entregava com ardor á composição, e por isto cada um de seus primores da arte foi para elle uma occasião de molestia. As leituras prolongadas em alta voz, a cantoria, a declamação, os gritos forçados, os excessos de tocar instrumentos de sopro, eis as causas poderosas da hémoptyse. O mesmo resultado produzem as pancadas sobre o peito, as quedas de encontro a esta parte do corpo, as feridas que penetrão até o pulmão, a inspiração de vapores irritantes, como os do chloro, da agua forte, do alcali volatil, etc. Frequentemente os escarros de sangue são resultado de uma molestia do coração: acompanhão tambem a tísica pulmonar.

Symptomas. A expectoração de um sangue vermelho, escumoso, puro ou misturado com mucosidades, caracteriza a hemoptyse. Phenomenos precursores annuncião quasi sempre a imminencia do ataque. Eis-aqui o que de ordinario acontece em semelhante caso: os doentes experimentão no peito um sentimento de calor com oppressão, e um sabor adocicado ou salgado na bocca. Ao mesmo tempo os membros ficão frios, o rosto pallido e vermelho alternativamente, os ouvidos zunem, a cabeça torna-se dolorosa, o coração palpita, o pulso se accelera. Logo augmenta a difficuldade de respiração, e os doentes expectorão sangue misturado com mucosidades ou puro, em maior ou menor abundancia. Quando se vê uma enorme quantidade deste liquido que alguns doentes lanção, julga-se que existem mais vomitos de sangue do que expectoração, e por isso muitas pessoas estranhas á arte de curar designão esta molestia pelo nome de *vomitos de sangue*. No fim de algum tempo, as expectorações tornão-se menos frequentes, a oppressão diminue, o doente se

sente alliviado, um intervallo de tranquillidade existe por algumas horas; depois todos os symptomas reaparecem, para outra vez cederem no fim de um tempo variavel. Um ataque de hemoptyse se compõe ordinariamente de muitos accessos que tornão a voltar em épocas indeterminadas. Mas isto só acontece nos casos em que a quantidade de sangue é um pouco consideravel. Quando os escarros são só misturados com sangue, a expectoração sanguinea continúa durante um tempo variavel; mas ás vezes é mui longo este tempo. Tornão-se mais raros, e afinal desaparecem. Pessoas ha que expectorão de repente e sem causa apreciavel uma quantidade consideravel de sangue, e nas quaes esta hemorrhagia cessa por si e não se reproduz mais em toda a vida. Vêm-se outras que por muitos mezes, ás vezes por muitos annos, lanção todos os dias escarros de sangue; isto é mais commum nas mulheres.

E' ás vezes difficil reconhecer a fonte do sangue que tinge alguns escarros, pois que elle póde vir da bocca, da garganta e do nariz. Mas é preciso observar que este sangue nunca é vermelho, escumoso nem intimamente misturado com mucosidades. Aquelle que vem da garganta ou do nariz é sempre negro e em fórma de pequenos grumos. E' raro tambem, se o sangue provém das gengivas, da bocca ou da garganta, que se não descubra, examinando com cuidado, o ponto que o ministra. Uma cousa mais difficil e mais importante ainda é distinguir o escarro dos verdadeiros vomitos de sangue, pois que então o sangue vem do estomago, e concebe-se que o tratamento differe conforme tal ou tal affecção. Mas se se fizer attenção ao sangue, que é vermelho e escumoso no escarro, negro e coalhado nos vomitos; se se considerar a oppressão, a tosse que existe no primeiro caso, entretanto que nauseas, esforços de vomitos bem caracterisados existem no segundo, chegar-se-ha quasi sempre a distinguir um do outro.

Na inflammação dos pulmões, molestia chamada

vulgarmente *pleuriz com sangue*, existem tambem escarros sanguineos; mas estes escarros não são de sangue puro, vivo, vermelho, mas sim de côr de tijolo mais ou menos claro.

Prognostico. A hemoptyse é, em geral, uma affecção grave, e principalmente quando se declara n'um individuo predisposto pela sua constituição á tísica pulmonar. Mas, quando é consequencia de uma pancada ou de uma quêda, ou quando apparece n'uma mulher mal regrada, não deve inspirar susto algum. A antiguidade da molestia não é uma prova de sua gravidade: quantas pessoas não se tem visto que chegarão á idade mais avançada, depois de terem escarrado sangue durante dez, vinte e trinta annos? Grétry, que morreu com mais de oitenta annos, soffreu esta hemorrhagia desde a sua mocidade. Em geral, o prognostico desta molestia se estabelece sobre a intensidade dos phenomenos locais que a acompanhão e sobre a gravidade dos phenomenos sympathicos que provoca.

Tratamento. No principio de qualquer hemoptyse intensa, depois de desembaraçar o doente de todos os vestidos que poderião causar obstaculo á liberdade dos movimentos respiratorios, e depois de pô-lo na cama, com a cabeça e o peito n'uma posição vertical, a primeira cousa que fazer é uma sangria de braço. Nem a pallidez do rosto, nem a fraqueza do pulso, nem mesmo o resfriamento das extremidades, devem impedir que se recorra a este meio. A quantidade de sangue que cumpre tirar na primeira sangria deve ser copiosa, para produzir um principio de desmaio, pois que este contribue poderosamente para fazer parar a hemorrhagia. Se, depois da primeira sangria, os accidentes persistem, segunda, terceira, quarta, etc., e isto com os pequenos intervallos de dez a doze horas ao mais entre cada uma. As applicações de sanguesugas sobre o peito não devem substituir a sangria nas hemoptyses violentas, sobretudo em seu começo. Mas, quando a hemorrhagia é pouco abundante nos

individuos fracos , nos que escarrão frequentemente sangue; emfim , quando ha suppressão de menstros ou de hemorrhoidas , recorre-se a ellas com vantagem. As ventosas sarjadas podem ser empregadas em lugar das sanguesugas. Ajudão-se sempre os bons effeitos das evacuações sangui neaspelo emprego das bebidas diluentes , mucilaginosas , gommosas e acidulas , com os cozimentos de raiz de althéa , cevada e sementes de linhaça e de arroz; a solução de xarope de gomma , de orxata , de vinagre , a limonada. Todas estas bebidas devem ser tomadas frias , em pequenas doses e muitas vezes repetidas. Eis-aqui a receita de um cozimento que convém depois da sangria :

Cozimento de cevada	20 onças.
Nitro	1 oitava.
Vinagre	1/2 onça.
Assucær	1 1/2 onça.

Misture e administre frio meia chicara de hora em hora.

Ao mesmo tempo o doente deve conservar-se em repouso , ter as mãos quietas , e guardar o mais absoluto silencio ; cumpre tambem recommendar-lhe que resista á necessidade de tossir , pois que taes esforços são proprios para favorecerem a sahida do sangue. Quando a hemorrhagia apparece em um individuo fraco e não é acompanhada de febre , ou quando a molestia já tem passado um certo tempo sem haver cedido ás sangrias , obtém-se resultados vantajosos dos medicamentos tonicos e adstringentes , taes como os cozimentos de ratanhia , bistorta e quina , ou do uso da poção seguinte :

Extracto de ratanhia	1 oitava.
Agua de rosas	5 onças.
Xarope simples	1 onça.

da qual se toma uma colher *de sopa* de hora em hora ; ou das pilulas seguintes :

Cato	4 oitavas.
Extracto de alcaçuz	2 oitavas.

Faça 72 pilulas ,
de que se tomão 3 , seis vezes por dia.

No principio da hemoptyse, ao tempo em que se empregão os meios de que temos fallado, é preciso tambem recorrer a escaldapés preparados com agua quente e quatro onças de farinha de mostarda ou de cinzas; e depois applicão-se sinapismos nas pernas. Quando a molestia se prolonga, applica-se com vantagem um caustico entre os hombros. Em alguns casos de hemoptyse tão abundante que os doentes sejam ameaçados de perecer pelo effeito unico da perda de sangue, ou quando estão tão fracos que se não pôde recorrer á sangria, e que entretanto os escarros continuão copiosos apezar dos escaldapés e dos causticos, empregão-se ás vezes com bom exito aspersões d'agua fria sobre o peito, ou mesmo applica-se gelo sobre esta parte. Depois disso, applicão-se os sinapismos e administra-se o cozimento de cevada com vinagre e nitro, indicado na pagina precedente. A dieta deve ser absoluta, enquanto durar o estado agudo da molestia; mas se os escarros de sangue continuão e a febre desaparece, podem se tomar alimentos, principiando por leite, ovos, sopas de arroz, de araruta. Por muito tempo, e ainda na convalescença confirmada, é preciso abster-se de todos os estimulantes, como o vinho, café, licôres, etc.

Mas não basta que tenham parado os escarros de sangue, é preciso ainda que se trate de impedir a sua volta. A abstinencia dos alimentos excitantes, salgados ou preparados com especiarias, de licôres alcoolicos, deve ser observada com cuidado. O doente se preservará do ar frio, dos grandes esforços da respiração, como acontece depois dos movimentos violentos ou de uma marcha prolongada. A inspiração de vapores irritantes, as vigílias, os lugares publicos e os quartos em que o ar quente não é sufficientemente renovado, as leituras em voz alta, a cantoria, os gritos, os banhos frios, serão cuidadosamente evitados. A habitação n'um lugar pouco elevado, de uma temperatura moderada, ou sobre as margens do mar, são os meios que a arte emprega

com vantagem para prevenir a volta das hemorragias pulmonares.

ESCORBUTO. Molestia produzida pela alteração do sangue, e cujos principaes caracteres são fraqueza mui grande, nodoas lividas em differentes partes do corpo, amollecimento das gengivas e disposição ás hemorragias.

Causas. Todos os temperamentos são igualmente aptos a contrahir o escorbuto. Apparece tanto na zona torrida como nas regiões glaciaes; entretanto, os paizes e as estações frias e humidas são geralmente consideradas como as mais favoraveis ao desenvolvimento desta affecção; e se o uso prolongado dos alimentos salgados e das aguas corruptas, fadigas excessivas ou pezares profundos, ajuntão sua acção a estas influencias atmosphericas, poucos homens então escapão á molestia que nos occupa. Ella ataca as tripulações dos navios que se demoram muito tempo sem desembarcar, e que são privadas de carnes e vegetaes frescos; o que parece depender da humidade continua em que vivem, do uso das carnes salgadas e d'agua corrupta. O enfado de uma longa viagem e a falta de exercicio contribuem sem duvida para o seu desenvolvimento. Manifesta-se tambem nos acampamentos, quarteis, hospitaes, onde os soldados se achão nas mesmas condições phisicas e moraes. Os homens encerrados em masmorras escuras, frias e humidas, mal nutridos, privados de asseio, obrigados a ficar quasi immoveis, e necessariamente entregues á dôr e á desesperação, não passam muito tempo sem ser, pela maior parte, affectados de escorbuto. O abuso do mercurio o produz tambem. Ha igualmente certos animaes e alguns peixes que, ainda sendo comidos frescos, desenvolvem promptamente o escorbuto. Estas carnes tem ordinariamente o gosto de pantano e certo máo cheiro que annuncia que o animal se tem nutrido com carnes corruptas. Alguns medicos pensão que o escorbuto é contagioso.

Symptomas. Pallidez, ligeira inchacção do rosto,

prostração das forças, tristeza e grande repugnância ao movimento, taes são os symptomas que annunciação a invasão do escorbuto. Estes symptomas augmentão, e a fraqueza chega a tal ponto, que o mais leve exercicio é uma causa extrema de fadiga e de esalfamento. Logo os doentes experimentão comichão nas gengivas; estas partes inchão e vertem sangue á menor pressão; tornão-se lividas e molles; o halito é fetido, a pelle se cobre de pequenas nodoas que augmentão de dia a dia em extensão; são amarellas no principio, e se vão tornando cada vez mais escuras, a ponto de ficarem successivamente azues, purpureas, negras e emfim lividas. De ordinario inchão os pés e depois as pernas. Estas nodoas são numerosas nas pernas e tronco, mas raras no rosto. Com os progressos da molestia sobrevém hemorrhagias pelo nariz, gengivas, pulmões, anus e superficie das ulceras, se existem; sentem-se dôres nas articulações, no peito e nas cadeiras; o menor movimento ou uma tosse ligeira as desperta; as ulceras antigas se abrem, e a respiração torna-se cada vez mais difficil. Os dentes se descarnão, vacillão e cahem, e ás vezes a carie se apodera dos ossos maxillares; uma salivação abundante ou uma diarrhéa misturada com sangue se associão frequentemente aos outros symptomas, e accelerão a perda do doente. Durante este tempo, a infiltração das pernas não cessa de fazer progressos; a pelle desta parte se abre ás vezes, e resultão disto ulceras fungosas, cuja superficie, de côr de borra de vinho, deixa sahir o sangue com maior facilidade, e dá uma suppuração fetida (*ulceras scorbuticas*). O calo das antigas fracturas amollece, as fracturas que existem não se consolidão; todo o corpo se infiltra de serosidade, os musculos se rompem por um fraco esforço; as hemorrhagias são mais repetidas, a pelle se cobre de suor frio; o pulso é fraco; desmaios temiveis se manifestão a cada instante, e o doente succumbe ás vezes em um delles. Os individuos affectados de escorbuto podem contrahir inflammações em todos os orgãos, como os

que gozão de perfeita saúde; neste caso o pulso é forte, frequente, a pelle quente, a sede viva.

Duração e prognostico. Não é possível marcar a duração do escorbuto, mesmo de uma maneira approximada; ordinariamente é longa, mas ás vezes progride com espantosa rapidez. Esta molestia cura-se facilmente, logo que de principio o doente pôde ser subtrahido á acção das causas que a motivarão; mas se fica no hospital, navio ou prisão onde contrahio esta affecção, se continúa a viver debaixo de uma atmospherá humida e fria, se continúa a soffrer pezares e desesperação, se a molestia é antiga, ou se faltão as cousas necessarias para o seu tratamento, a cura torna-se mui difficil.

Tratamento. O tratamento do escorbuto é muito mais hygienico do que pharmaceutico. A remoção das causas, um ar enxuto e quente, fructos e vegetaes frescos, carnes frescas e de boa qualidade, o uso moderado de bom vinho, divertimentos e distracções, são os meios simples com o soccorro dos quaes obtem-se o maior numero de curas. O escorbuto do mar cura-se com rapidez logo que os doentes desembarquem em um lugar cujo ar seja puro, enxuto e quente, e fiquem no uso de carnes e vegetaes frescos. Entre os vegetaes, as batatas gozão de maior efficacia; vem depois agriões e azedas. A bordo dos navios que vão á pesca da baléa, em que o escorbuto se desenvolve durante as longas navegações, observárão muitos medicos que os accidentes desapparecêrão pelo uso das batatas cozidas, ou mesmo comidas cruas. A polpa de batatas cruas applicada sobre as ulceras escorbuticas é um excellente remedio. As bebidas acidulas, feitas com sumo de limão, de laranja e vinagre, são as que mais convém a esta molestia. Os caldos da carne de tartaruga produzem excellentes effeitos nos escorbuticos que fazem uso delles; em sua falta, a carne e os caldos de frango, de vitella, de carneiro, conseguem o mesmo fim. As carnes assadas, o peixe, o leite, as saladas de todas as especies, todos os legumes frescos e

todos os fructos, contribuem para a cura. Mas estes fructos devem-se comer crus, e para as hervas preferre-se a preparação mais simples, isto é saladas. A cerveja, os vinhos fracos e acidulos são mui vantajosos. Taes são os principaes meios curativos do escorbuto; ajuntar-se-lhes-ha o uso dos medicamentos ditos *antiscorbuticos*, que se compoem de vegetaes acres, entre os quaes os agriões, e a cochlearia, occupão o primeiro lugar. Estes medicamentos se dão crus em salada ou em infusões aqueas, vinhosas, ou em sórma de xaropes. Mas a efficacia destes medicamentos não é tão certa como a dos meios geraes que ficão indicados.

Para combater o amollecimento das gengivas e as ulcerações da bocca, o doente deve lavar a bocca com um dos gargarejos seguintes :

1.º Alumen, meia oitava; vinho branco, 8 onças. Dissolva e ajunte: Tintura de quina, 2 oitavas; tintura de myrrha, 1 oitava; mel rosado, 1 onça; laudano, 36 gottas. Misture.

2.º Agua, 20 onças; vinagre, 2 onças; mel, 1 onça. Misture.

3.º (Muito mais forte do que os precedentes). Tintura de cochlearia, 3 onças; alcool alcanforado, 3 onças. Misture.

4.º Vinho tinto, 16 onças; sumo de limão, 1 onça; assucar, 1 onça. Misture.

5.º Agua de Labarraque, 1 onça; agua commum, 8 onças. Misture.

Quando o doente fizer uso de um destes gargarejos, tocar-se-lhe-hão as ulcerações das gengivas com a seguinte mistura:

Acido hydrochlorico, 2 oitavas; mel branco, 1 onça.

Molha-se um pincel neste liquido e applica-se sobre as ulcerações, tendo-se a cautela de não tocar com elle nos dentes.

Emquanto ás ulceras escorbuticas que sobrevêm nas pernas ou n'algum outro ponto da superficie do corpo, é preciso cura-las com unguento digestivo,

estoraque, unguento de Genoveva, ou com fios embebidos em agua de Labarraque. A's vezes é mister estancar o sangue que sahe da superficie dellas com a applicação de fios molhados em vinagre ou na dissolução de pedra-hume.

Aconselhão-se purgantes brandos para remediar a prisão de ventre que existe ás vezes nesta molestia.

Se com os symptomas de escorbuto o doente apresentar outros que annunciem a inflammção de algum orgão, é preciso atacar esta phlegmasia pelos meios antiphlogisticos; mas as sangrias devem ser pouco abundantes.

É mais facil prevenir o escorbuto do que cura-lo. A observação severa das regras de hygiene é o meio mais seguro de chegar a este fim. Portanto, cumpre prescrever o maior asseio, renovar frequentemente o ar, não consentir que se traga roupa molhada nem que os homens durmão em camas humidas, inspecionar os alimentos para que sejam bem preparados, distribuir todos os dias certa quantidade de vinho ou de algum outro licôr espirituoso, não cansar os soldados ou os marinheiros com um serviço mui prolongado ou penoso; nos momentos consagrados ao repouso, distrahi-los com musica ou com outros divertimentos; emfim, preserva-los com o maior cuidado de todas as causas que possam motivar-lhes medo ou tristeza. Estes preceitos, que são applicaveis principalmente aos que vivem nos acampamentos, navios ou hospitaes, servem tambem para os habitantes das cidades; mas estes ultimos podem lhes ajuntar a escolha de uma habitação n'um lugar secco, elevado e quente, e o uso de vestidos de flanela, dous meios que contribuem poderosamente para preserva-los do escorbuto. Quando uma tripulação manifestar disposições para esta molestia, e, por uma circumstancia qualquer, achar-se privada dos recursos necessarios para prevenir os seus effectos, convém sempre arribar. Tem-se visto escorbuticos, reduzidos á maior debilidade, recobrar a saude

primitiva alguns dias depois de terem desembarcado.

ESCROPHULAS. Molestia que affecta toda a economia, e cujos principaes caracteres são engurgitamento das glandulas lymphaticas e ulcerações da pelle de um aspecto particular. As escrophulas chamão-se vulgarmente *alporcas*.

Causas. Todos os temperamentos podem ser affectados de escrophulas, mas o temperamento lymphatico predispõe a esta molestia de uma maneira particular. Dão-se como signaes exteriores desta predisposição uma pelle fina e branca, cabellos louros, fórmãs redondas, tez rosea, beiços grossos, mandibula inferior mui larga, dentes negros e cariados, cabeça volumosa, peito estreito, ventre grosso e carnes molles. A predisposição hereditaria é a causa mais commum das escrophulas; a causa mais poderosa que a produz é a habitação em lugares baixos, humidos, frios ou pantanosos e privados dos raios solares. A alimentação má, e sobretudo a que consiste no uso continuo de farinaceos, de mão pão, e a amamentação por uma ama escrophulosa, contribuem tambem para o seu desenvolvimento. Esta molestia é mais commum nos paizes temperados e humidos do que nos climas quentes e seccos. Os individuos principalmente que passam de um clima quente para um clima frio e humido estão muito mais expostos a ellas do que os outros. Um medico de Paris observou que muitos Brasileiros ficavão escrophulosos naquella cidade.

Symptomas. De ordinario, no meio das apparencias exteriores de uma saude perfeita, manifestão-se sobre o tracto das glandulas lymphaticas tumores ovaes, moveis, indolentes ou apenas dolorosos, e sem mudança de côr da pelle. Occupão ordinariamente as regiões lateraes do pescoço; mas encontrão-se tambem nas virilhas, sovacos e em todos os pontos do corpo onde se achão glandulas lymphaticas. Muitas vezes estes tumores conservão-se indolentes, e se dissipão raramente pela resolução lenta e espon-

tanea. Quasi sempre acabão por amollecere, depois de terem augmentado rapidamente de volume. Então tornão-se mais dolorosos; a fluctuação se faz sentir, a pelle torna-se luzidia, depois azulada, de um vermelho moreno, adelgaça-se, abre-se e dá sahida a um pus seroso com alguns pequenos grumos. A chaga que resulta desta abertura é sempre irregular; suas margens são duras, elevadas, despegadas, e de um vermelho livido; a suppuração continúa a ser serosa; não se obtem a cicatrização da pequena ulcera senão com a maior difficuldade, e quando isto se consegue, a cicatriz é irregular, disforme, profunda, e deixa signaes indeleveis.

A pelle, em muitos casos, apresenta numerosos tumores, que se manifestão principalmente no tronco e nos membros. Estes tumores, chamados *abscessos frios* ou *escrophulosos*, são redondos, circumscriptos, molles, indolentes, sem mudança de côr da pelle. Não são, pela maior parte, acompanhados de febre, e não parecem em nada perturbar a saude dos doentes; ficão estacionarios por muitos mezes, e até annos inteiros. No fim de algum tempo, a pelle que os cobre torna-se vermelha no apice do tumor, este abre-se e deixa sahir um liquido seroso, no meio do qual nadão alguns pedaços de uma materia branca, semelhante a massa de queijo. As ulceras que resultão da abertura destes abscessos mostrão os mesmos caracteres que apresentão as que são consequencia do engurgitamento das glandulas. Tanto umas como outras chamão-se *ulceras escrophulosas*.

Duração e prognostico. A cura das escrophulas é sempre mui demorada; entretanto, raras vezes occasionão a morte. A resolução e a suppuração são os dous modos mais ordinarios de se terminarem. A época da puberdade exerce quasi sempre uma feliz influencia sobre esta molestia, e muitas crianças só ficão desembaraçadas della neste periodo da vida. Mas se as glandulas do interior do peito e do ventre se inchão e suppurão, se as extremidades dos ossos se intumescem e se tornão molles, o prognostico é grave.

Tratamento. O espirito religioso dos tempos passados dirigia-se a Deos e aos reis para a cura de uma affecção tão rebelde. Este dom era geralmente attribuido aos reis de França; exercião-o sobretudo na época de sua sagração. Depois de ter assistido á missa, Sua Magestade Christianissima lavava as alporcas com agua, que o doente applicava depois sobre os tumores durante nove dias. O filho primogenito da casa d'Aumont, igualmente em França, tinha tambem o mesmo privilegio, e o preconceito popular concedia-o ainda ao septimo filho de qualquer familia, comtanto que não houvesse nascido uma filha de permeio entre os sete varões. Na ultima sagração que naquelle paiz se fez, apresentárão a Carlos X alporcas para elle tocar; este principe outorgou a liberalidade aos infelizes dellas affectados, e contribuiu muito para melhorar as más condições hygienicas no meio das quaes a molestia principiára. Plinio acreditava na virtude curativa dos ossos da cauda da arraia, Celso na carne das cobras, Galeno na carne da doninha, Scultet na do lagarto. Depois de havermos dado exemplos dos erros em que o espirito humano tem cahido, vamos indicar o tratamento das alporcas, baseado na logica e na observação dos medicos.

Os pais escrophulosos que quizerem preservar as crianças desta molestia devem confia-las a amas de leite moças, fortes, de boa constituição, que usem de bons alimentos e habitem em lugares elevados, seccos e bem arejados. É preciso nutrir as crianças com caldos de carne; um pouco de vinho lhes é ás vezes vantajoso. O asseio, os vestidos de flanela, os banhos com plantas aromaticas (taes como alecrim, alfazema, alfavaca, hortelã-pimenta), a exposição aos raios do sol, lhes são eminentemente uteis.

Os mesmos meios hygienicos são ainda mais importantes no tratamento dos individuos affectados de escrophulas, e mais efficazes do que os agentes pharmaceuticos. O ar puro, secco, e o exercicio vem em primeiro lugar, e depois a alimentação substan-

cial. As carnes assadas, caldos, ovos, vinho e a cerveja, devem constituir a base do seu regimen. Podem-se-lhes associar legumes frescos, não farinaceos, as saladas e os fructos maduros. Esta mistura constitue o mais salubre genero de alimentação. As massas, os alimentos farinaceos, como a mandioca, batatas e todas as especies de leite, devem ser proscriptas.

Depois da influencia do ar, do exercicio e dos alimentos, o uso dos banhos é de todos os meios o mais recommendado. Os banhos aromaticos quentes e os banhos frios d'agua corrente, e principalmente os do mar, são de uma utilidade incontestavel para os escrophulosos. Ajudar-se-hão com vantagem todos estes meios com fricções seccas na pelle, feitas com uma escova ou com pedaços de baeta embebidos em vapores de incenso, de benjoim ou em agua de Colonia.

Um grande numero de substancias medicamentosas são empregadas no tratamento geral das escrophulas; as mais acreditadas são: a genciana, o lupulo, a quina, o ferro, etc. Eis-aqui as differentes receitas destas substancias:

1.º Vinho de quina, 16 onças. Toma-se uma a duas onças de manhã.

2.º Xarope de quina, 8 onças. Na mesma dóse.

3.º *Vinho amargo de Dubois*: Quina cinzenta, 1 1/2 onça; quina amarella, 1 1/2 onça; canella, 3 oitavas; bagas de zimbro, 3 oitavas; casca de limão, 3 oitavas; casca de Winter, 3 oitavas; vinho da Madeira, 96 onças. Macere por oito dias e ajunte carbonato de soda, 1 escropulo. Filtre e conserve. Toma-se 1 a 2 onças pela manhã em jejum.

4.º Xarope de Portal, 8 onças. Toma-se de uma a duas onças por dia.

5.º Raiz de genciana, 2 oitavas; agua, 8 onças. Ferva e cõe. Esta poção toma-se em um dia, em duas vezes.

6.º Raiz de genciana, 2 onças; casquinha de limão doce, 1 onça; canella, 1 oitava. Estando estas substancias machucadas, macere-as por tres dias

em vinho de Lisboa, 2 libras communs. Cõe. Toma-se um calix uma vez por dia.

7.º Lupulo, 2 oitavas; agua, 8 onças. Ferva e cõe. Esta porção toma-se todos os dias de manhã em jejum.

8.º Limalha de ferro, em pó 1 onça; canella em pó, 2 oitavas; assucar, 2 oitavas. Misture e divida em 32 papeis. Tomão-se 2 papeis por dia em uma pouca d'agua fria.

Qualquer que seja o medicamento a que se dê preferencia, é preciso continuar no uso delle por muito tempo, associando-lhe sempre os meios hygienicos.

Emquanto ás fontes e vesicatorios que se empregão tão frequentemente nesta molestia, o seu effeito é mui duvidoso.

O *tratamento local* das escrophulas varia conforme a natureza dos symptomas. Quando os tumores são duros, sem fluctuação nem ulceração, facilita-se a sua resolução pelas fricções feitas sobre elles uma ou duas vezes por dia, com pomada de hydriodato de potassa, ou com o linimento seguinte: Ammoniaco liquido, 1 onça; oleo de amendoas doces, 8 onças. Misture.

Um caustico applicado sobre o tumor produz ás vezes sua resolução. Quando o tumor se torna molle, é preciso abri-lo com o bistóri. Querendo esperar pela abertura espontanea, a pelle se mortificará em grande parte, e a cicatriz será demasiadamente disforme e extensa, entretanto que a abertura artificial tem por resultado uma cicatriz linear e pouco visivel.

As ulceras escrophulosas devem ser curadas com basilicão, unguento de Genoveva, ou com agua de Labarraque. Se as margens da ulcera se despegão, é preciso corta-las com uma tesoura. Para activar a cicatrização destas ulceras indolentes, é bom toca-las de tempos a tempos com pedra infernal. Mas se as ulceras são dolorosas, inflammadas, em lugar destas applicações irritantes é preciso empregar

cataplasmas de farinha de linhaça. As mesmas cataplasmas são ainda indicadas antes da abertura do tumor, quando elle é vermelho e doloroso.

ESCROTO (MOLESTIAS DO). Comprehendemos de baixo do nome de *escroto* o órgão encarregado da secreção do esperma, ou o *testiculo*, e seus envoltorios. As molestias que os podem affectar são sobretudo a inflammação, a elephantiase, o engurgitamento chronico, o sarcocele, o hydrocele e o varicocele; feridas, ulceras, empigens, a gangrena lhe sobrevém ás vezes, mas sem nada apresentarem de particular, e por isso para estas ultimas affecções referimo-nos aos artigos geraes.

INFLAMMAÇÃO. Póde affectar o testiculo ou os seus envoltorios. A inflammação do testiculo toma o nome de *orchite*. Seus caracteres são os seguintes: existe calor, o testiculo fica inchado e doloroso; a dôr vai até ao que se chama *cordão espermatico* (vulgarmente *tendão*), e se estende mesmo ás cadeiras. Esta affecção tem por *causas* pancadas, quedas, attritos da parte, choques provenientes do trote de um cavallo, etc.; porém ás mais das vezes mostra-se durante o curso de um *esquentamento*. O testiculo inflammado adquire promptamente um volume consideravel. Este engurgitamento se dissipa com lentidão, apesar do emprego dos meios mais racionaveis. Frequentemente a inflammação passa ao estado chronico, e, ainda quando parece dissipar-se completamente, é raro que o testiculo não fique um pouco mais volumoso do que estava antes. O *tratamento* consiste no emprego de bichas applicadas á virilha, de cataplasmas de farinha de linhaça, em banhos mornos, repouso absoluto, bebidas diluentes, clysteres emollientes, dieta. Quando o calor local e dôr fôrem em grande parte dissipados, póde-se recorrer á applicação de pannos embebidos em agua vegeto-mineral. O tratamento do *engurgitamento chronico* se compõe das fricções de unguento napolitano (duas fricções por dia com 2 oitavas de unguento para cada vez), ou com a pomada de hy-

driodato de potassa na mesma dóse, ou então da applicação do emplasto de *vigo*. Ajudar-se-ha o effeito destes remedios locais com purgantes administrados uns dias por outros.

A inflammação que se limita á pelle do escroto é uma verdadeira *erysipela*, caracterisada pelo calor, rubor, dôr, e sobretudo pela inchação, que se estende ás vezes até á pelle do membro viril. Seu tratamento não differe do que foi indicado fallando-se desta molestia em geral. *Vêja-se* ERYSIPELA, Vol. II, pag. 142.

ELEPHANTIASE. Vêm-se ás vezes no escroto tumores volumosos que provém, não da distensão da substancia propria do testiculo, mas de uma accumulção dos succos lymphaticos, albuminosos e outros no tecido cellular dos bolsos e nas membranas que envolvem o testiculo; esta molestia é chamada *elephantiasis*, *erysipela branca*, *carnosidade*. Tem-se observado que nestes casos nem o testiculo nem o cordão espermatico soffrem alteração alguma. Esta molestia é mui rara na Europa, porém assaz commum nos paizes quentes e humidos, como o Egypto e o Brasil. Suas causas não são conhecidas. Ás vezes estes tumores se desenvolvem em consequencia de uma pancada ou de uma forte pressão; mas é mui frequente formarem-se sem causa alguma externa. Ordinariamente a molestia principia por um ataque de *erysipela*, que desaparece no fim de alguns dias, deixando um augmento de volume na parte, a qual, depois de muitos ataques repetidos, toma dimensões consideraveis, e ás vezes monstruosas. O tratamento desta molestia, e no seu principio, é indicado no artigo ELEPHANTIASE (Vol. II, pag. 73): quando resiste aos meios empregados, e seus progressos tornão a vida horriavelmente penosa ao doente, pôde-se praticar a extirpação do tumor por meio de um instrumento cortante, sem ferir os testiculos nem o membro viril.

SARCOCELE. É o nome que se dá ao cancro do testiculo. Tem por causa uma disposição particular do corpo, cuja natureza não é conhecida, a qual se

chama *didthese cancerosa*. Nesta molestia o testiculo incha pouco a pouco; com o tempo torna-se duro, desigual, e principia a ser a sede das dôres *latejantes* caracteristicas do cancro, e que são comparadas a picadas de alfinete. Emfim, a pelle se inflamma, destróe-se, e apresenta uma ulcera horrivel á vista; e bem de pressa succumbe o doente cansado pelos soffrimentos e pela alteração de todos os orgãos. O unico meio de salvação que lhe resta nesta terrivel molestia é a ablação do orgão affectado; mas importa que se não retarde muito esta operação, pois que se o cordão espermatico fôr invadido, será impraticavel. *Vêja-se CANCRO*, Vol. I, pag. 263.

HYDROCELE. Chama-se hydrocele um tumor do esroto formado pela agglomeração da serosidade na tunica vaginal, membrana que envolve o testiculo. Este tumor é oval, igual, molle, sem dôr, e transparente, como se pôde ver pelo auxilio de uma luz posta atrás d'elle. Quando a molestia é antiga, a tunica vaginal torna-se mais espessa, e o tumor perde a transparencia. As causas desta affecção são em geral incertas: julga-se que as contusões, as pancadas e o máo commodo do cavallo podem desenvolvê-la. Esta molestia não é grave, mas é mui incommoda; o tumor, augmentando de volume, attrahe a pelle do membro viril, de sorte que este apenas apparece e fica privado de preencher as funcções de geração. O tratamento do hydrocele é cirurgico. Depois de evacuar-se a serosidade por meio da punctura, injecta-se no interior da tunica vaginal um liquido irritante, para produzir uma inflamação que tem por effeito fazer adherir as paredes do sacco em que se acha o liquido. A cura é tanto mais certa quanto mais cedo é a operação praticada, pois que, quando o hydrocele é antigo, a tunica vaginal torna-se dura, e é mais difficil reunirem-se suas paredes umas ás outras. Outra razão ainda ha para que o doente se determine a recorrer aos soccorros da arte logo ao principio da molestia, e vem a ser que o liquido que constitue o hydrocele irrita continuamente o testi-

culo, e faz com que este órgão augmente de volume : esta causa póde até produzir a desorganisação do tecido ; é preciso, por conseguinte, destrui-la o mais cedo possível.

Ha ainda uma outra especie de hydrocele , e vem a ser aquella que procede da accumulacão da serosidade no tecido cellular subcutaneo dos bolsos ; sobrevém nos hydropicos , e acha-se então ligada a outra molestia ; observa-se tambem nas crianças fracas ou tratadas com pouco asseio , ás vezes nos adultos. Esta molestia é pouco grave ; e quando não depende de outra affecção , cura-se pela applicação de chumaços embebidos n'agua salgada.

VARICOCELE. Por este nome se designa um tumor do escroto formado pela dilataçãõ das veias do cordão spermatico. Observa-se emcima do testiculo , é molle, nodoso ; diminue, como todas as varizes, pelo repouso na cama e pela impressãõ do frio ; augmenta pelo exercicio e calor. As causas desta affecção não são conhecidas ; tem-se attribuido á prisãõ do ventre, ás pancadas , ao exercicio a cavallo , etc. O varicocele é uma molestia incuravel , mas isenta de perigo. Os individuos que della são affectados devem servir-se de um suspensorio para o escroto , evitar exercicios mui violentos, combater com clysteres a prisãõ do ventre, se ella existir ; emfim, usar de banhos de assento frios, e applicar sobre o tumor chumaços embebidos em decocção de noz de galha, de casca de barbatimão, de jequitibá ou de outra substancia adstringente.

ESCURIDÃO DO OLHO. *Veja-se* BELIDA , OLHO , VISTA.

ESFALFAMENTO. *Veja-se* FRAQUEZA, CONVALESCENÇA. EMMAGRECIMENTO.

ESFOLADURA. Dá-se commumente este nome a pequenas feridas superficiaes, que occupão a porção mais exterior da pelle, e que resultão de qualquer atrito violento. Quando ainda não estão cercadas de rubor, curão-se facilmente collando sobre ellas com saliva um pouco de encerado inglez ou de em-

plasto adhesivo. Quando estão inflammadas, é preciso lava-las com decocção de linhaça, e depois applicar sobre a parte esfolada um panno coberto de ceroto simples ou de azeite doce. O ponto importante consiste em preservar a ferida do contacto do ar, de pancadas, e de toda a acção exterior nociva. Nunca se devem lavar estas pequenas feridas com aguardente ou agua salgada, como fazem algumas pessoas, nem cura-las com balsamo de copahiba ou outros unguentos irritantes, que inflammão a pelle e determinão dôr. Quando as esfoladuras existem no pé ou na perna, é preciso, por pouco que sejam consideraveis, observar repouso, porque o andar occasiona inflammção; e quando estas esfoladuras suppurão, sua cura fica ás vezes demorada: neste caso tambem é preciso fazer lavatorios com decocção de linhaça, e depois curar com fios e ceroto. Quando a esfoladura é consideravel, constitue uma *ferida contusa*. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

ESGRIMA. *Veja-se* EXERCICIOS.

ESOPHAGO. Canal musculo-membranoso, que se estende desde a garganta até o estomago, para onde conduz os alimentos.

Alguns *corpos estranhos* podem parar no esophago, *verbi gratia*, codea de pão, bocados de carne não mastigados, pedaços de osso, moedas, chaves, botões, alfinetes, etc. Para o tratamento deste accidente *veja-se* CORPOS ESTRANHOS, Vol. I, pag. 460, e AGULHA, Vol. I, pag. 48.

ESPARGO. (*Asparagus officinalis*, Linneo). Planta cultivada nas hortas do Brasil. Tem caule roliço, paniculado, folhas setaceas, flôres amarellas esverdinhadas. As *pontas* ou *renovos verdes* de espargos se cortão quando sahem da terra, e são empregadas como alimento.

O espargo fervido em agua é um alimento de uma digestão facil, mui conveniente aos estomagos delicados; tem, além disto, a propriedade de augmentar a quantidade das ourinas, e de lhes communicar instantaneamente um cheiro mui desagradavel, o

que indica que occasiona uma mudança na sua composição. Além destas propriedades diureticas, o espargo produz ainda effeitos calmantes. Faz-se com suas pontas um xarope que possui propriedades sedantes incontestaveis, acalma a tosse, torna o somno mais tranquillo, e diminue a oppressão nas pessoas affectadas de irritação do peito. O uso deste xarope é principalmente util aos individuos affectados ou ameaçados de hydropisia, sobretudo quando esta molestia depende de lesão organica do coração. Toma-se na dó e de uma onça por dia.

ESPARTILHO. *Veja-se* COLLETE, Vol. I, pag. 404.

ESPASMO. Esta palavra tem varias significações. Designa uma contracção nervosa, um estado convulsivo. Applica-se ordinariamente o nome de *ar de espasmo* á molestia chamada *tetano*: e com o mesmo nome se designa tambem algumas vezes a *apoplexia*.

ESPECIFICO. Chamão-se especificos os medicamentos que tem uma acção constante ou quasi constante no tratamento de certas molestias. Infelizmente a medicina possui um mui pequeno numero d'especificos; taes são o sulfato de quinina contra as febres intermitentes, o opio contra as dôres, o mercurio contra a syphilis, o enxofre contra as molestias da pelle, e alguns outros remedios de uma efficacia menos confirmada.

ESPIGA DAS UNHAS. Chamão-se espigas pequenas pelliculas que se separão da pelle em roda da unha, e occasionão uma dôr viva quando se arrancão. Esta dôr, e a inflammação que tambem existe, pôde ser combatida com banhos d'agua morna e cataplasmas de linhaça.

ESPINHA. Não é raro ver as espinhas de certos peixes fixarem-se na garganta, ou percorrerem todo o canal intestinal. Se ficã na garganta, é preciso tira-las com uma pinça, depois de abaixar a lingua com o cabo de uma colher. (*Veja-se* CORPOS ESTRANHOS, Vol. I, pag. 460). As espinhas podem tambem furar os intestinos e sahir por postemas exteriores, á maneira d'agulhas. (*Veja-se* AGULHA, Vol. I, p. 48).

ESPINHA. (Molestia.) Dá-se o nome d'espinha a varias especies de botões que se desenvolvem na pelle. Ordinariamente chamão-se espinhas uns pequenos frunchos que apparecem no rosto. O tratamento consiste em espremer a materia que elles contém quando estão maduros, e cobri-los depois com um pedaço d'emplasto diachylão ou d'encegado inglez; se são um pouco grandes, convém applicar cataplasmas de linhaça. Emquanto ás espinhas que não são frunchos, e que consistem na erupção de um grande numero de botões sobre a pelle, veja-se o artigo seguinte.

ESPINHA CARNAL. É mui commum na mocidade nascerem na testa, rosto, hombros, etc., pequenas borbulhas vermelhas, cujo apice torna-se purulento, e deixa ás vezes sahir pela pressão uma pouca de materia debaixo da fórma de um pequeno bicho esbranquiçado. Estas borbulhas ou botões são designadas debaixo do nome de espinha carnal. Um preconceito popular faz considerar esta erupção como indicio, ora de continencia, ora, pelo contrario, do vicio da masturbação. O que ha de indubitavel é que todos os excessos, e sobretudo os da mesa, tendem a favorecer o seu desenvolvimento. Muitas vezes, entretanto, a espinha carnal apparece sem causa conhecida. O melhor meio de dissipar as espinhas de toda a especie que sobrevém ao corpo e de prevenir a sua reaparição é entreter com cuidado as funcções da pelle, e evitar, no regimen, tudo quanto póde desarranjar o exercicio do apparelho digestivo. Assim, uma alimentação sobria e branda, o uso das bebidas refrigerantes, taes como a laranjada, a limonada, o cozimento de almeirão, alguns brandos purgantes, um exercicio habitual conveniente, banhos frescos frequentes, e, de tempos a tempos, lavatorios com agua e sabão, ou com agua misturada com uma pouca d'agua de Colonia, o cuidado no asseio, a mudança frequente dos vestidos que estão em contacto com a pelle, tudo isto constitue a base do tratamento.

Entre os remedios internos convém muito a seguinte *receita contra as espinhas* :

Enxofre	2 oitavas.
Magnesia calcinada	2 oitavas.

Misture e divida em 24 papeis. Tomão-se dous papeis por dia , um de manhã, outro de tarde, em meia chicara d'agua fria com assucar.

O uso das aguas mineraes sulfureas em banho e em bebida é mui vantajoso contra as espinhas.

Eis-aqui a receita das aguas sulfureas artificiaes :

Banho d'agua mineral sulfurea artificial.

Sulfureto de sodio crystallisado	2 onças.
Carbonato de soda crystallisado	2 onças.
Chlorureto de sodio crystallisado	2 onças.
Agua quente	10 onças.

Dissolva. Este liquido deita-se n'agua em uma banheira de páo, no momento de entrar no banho.

Se estes banhos não fizerem bom effeito, usar de banhos com sulfureto de potassa. Para cada banho são precisas 2 onças de sulfureto de potassa. Este banho igualmente deve ser tomado em banheira de páo.

Para bebida encontrão-se nas boticas aguas mineraes sulfureas artificiaes, que podem substituir até certo ponto as aguas naturaes.

Acabamos este artigo pela seguinte receita :

Pomada contra as espinhas.

Ceroto simples	1 onça.
Camphora	6 grãos.
Acetato de chumbo	24 grãos.

Misture.

Para untar as espinhas de noite ao deitar-se.

ESPINHELA. Na parte anterior e média do peito acha-se um osso que se estende desde a parte inferior do pescoço até ao lugar chamado *bocca do estomago*; este osso tem o nome de *sternon*. Sua extremidade inferior é terminada por um prolongamento cartilaginoso, chamado *espinhela*. Muitas pessoas se servem da expressão *espinhela cahida*, o que é um

erro, porque a espinhela não póde cahir. Esta expressão designa para umas pessoas a inflamação do estomago, para outras a tísica pulmonar, emfim um emmagrecimento rapido; mas, repetimos, a expressão de *espinhela cahida* nada significa e deveria desaparecer da linguagem.

ESPIRITO DE VINHO. *Veja-se* ALCOOL, AGUARDENTE.

ESPIRRADEIRA. (Laurier rose, em francez; *Nerium oleander*, Linneo.) Arbusto cultivado por causa da belleza de suas flôres, mui commum nos jardins do Rio de Janeiro. Tem dez a doze pés de altura. Seus ramos verdes tem folhas verticilladas de tres em tres, lanceoladas, agudas, duras e glabras. Suas flôres de côr de rosa vermelha parecem-se com rosas pequenas. O fructo é um duplo folliculo mui alongado, cheio de sementes cobertas de filamentos amarellados e lustrosos como seda.

As folhas e a casca de espirradeira tem um cheiro desagradavel, um sabor amargo e acre. Os pós da folha, introduzidos no nariz, provocão fortes espirros; tomados pela bocca em pequena quantidade, determinão na bocca e garganta picadas mui fortes e vomitos mais ou menos abundantes; em dóse mais forte, podem produzir a morte. O Dr. Orfila fez experiencias em Paris com o extracto de espirradeira. Tendo introduzido 4 oitava e 50 grãos deste extracto na bocca de um cão vigoroso, morreu o cão em 28 minutos, depois de vomitos, evacuações alvinas abundantes, vertigens, acceleração da circulação, desmaio e algumas convulsões. Os accidentes que provoca a espirradeira são semelhantes aos produzidos pelo fumo, cicuta e algumas outras substancias narcotico-acres. O tratamento é o mesmo que o do envenenamento pelo *Tabaco*. *Veja-se* Vol. II, pag. 128.

ESPIRRO. Expiração viva e prompta, quasi convulsiva, na qual o ar sahe com rapidez e ruido através das cavidades nasaes. Quando os espirros são frequentes, annuncião a invasão do defluxo; constituem juntamente com a secreção abundante das lagrimas um dos symptomas precursores dos saram-

pos. Quando se mostram no fim das molestias graves, são geralmente de bom agouro.

ESPONJAS. É o nome que se dá a certas excrescencias syphiliticas que se formão nas partes genitales. *Vêja-se SYPHILIS.*

ESPREGUIÇAMENTO. O espreguiçamento precede o ataque d'erysipela e muitas molestias mais ou menos graves. Existe quasi sempre no principio do incommodo chamado *constipação*. Quando o espreguiçamento é simples, cura-se com um suadouro.

ESQUECIMENTO DO BRAÇO, DA PERNA, etc. *Vêja-se PARALYSIA.*

ESQUENTAMENTO, PURGAÇÃO, BLENNORRHAGIA ou GONORRHEA. Taes são os nomes da molestia caracterizada por um escorrimento mucoso, puriforme, que procede do canal da uretra no homem, ou da vagina na mulher, e que é acompanhado de calor, de ardor excessivo, sobretudo durante a emissão das urinas. A blennorrhagia procede em geral da cohabitação com pessoa impura; mas pôde tambem ser resultado da masturbação, da equitação, do coito mui frequentemente repetido mesmo com pessoa sã ou durante a menstruação; pôde ser enfim produzida pela extensão da inflamação das hemorroidas, pela retenção prolongada das urinas, ou simplesmente pela influencia de um ar frio e humido.

Symptomas. A blennorrhagia se manifesta communmente do segundo ao oitavo dia, contados do instante em que se teve commercio com uma pessoa infectada. A's vezes não apparece senão depois de quinze dias, ou mesmo depois de um mez. Este ultimo caso é infinitamente raro. Pôde tambem começar logo depois do coito. O primeiro symptoma que a annuncia é um sentimento de titillação na extremidade do membro viril, sentimento que se torna no fim do segundo ou terceiro dia uma dôr pungente. O meato urinario se avermelha, entumece e deixa sahir uma serosidade limpida e pouco abundante; o doente soffre frequentes desejos de urinar; a emissão da ourina torna-se cada vez mais dolorosa,

a ponto de ser ás vezes impossivel; pouco a pouco a quantidade do escorrimento uretral augmenta; a materia torna-se mais espessa, branca, amarella ou verde; a glande e o prepucio inchão, e durante a noite erecções frequentes e dolorosas privão o doente do repouso. Estes phenomenos augmentão até ao decimo segundo, decimo quinto ou vigesimo dia, e ás vezes até ao trigesimo, conforme os individuos e o tratamento que seguem; depois disto diminuem e desaparecem mais ou menos promptamente. Em geral, o escorrimento dura quatro, oito, quinze a trinta dias; mas prolonga-se ás vezes por muitos mezes.

A blennorrhagia não segue sempre esta marcha simples e regular. Em certos casos, é benigna e indolente, e os doentes não a sentem senão pelos vestigios que deixa na roupa. Mas mui frequentemente é acompanhada de symptomas mais graves. Então a dôr é mui viva; o escorrimento apresenta fios sanguinolentos; e a sahida das ourinas, que vem por gottas ou por um fio mui delgado, é ás vezes precedida ou seguida da expulsão de certa quantidade de sangue puro e vermelho. Erecções involuntarias, frequentes e dolorosas, atormentão o doente dia e noite; e como o canal da uretra inflamado não se pôde alongar com os corpos cavernosos, o membro se curva do lado deste canal, e é o que se chama *esquentamento de gancho*. O engurgitamento das glandulas da virilha acompanha frequentemente esta violenta inflammacão. Ella pôde-se estender aos testiculos e produzir a inchação destes órgãos.

Tratamento. O tratamento desta affecção consiste, ao principio, em bebidas abundantes, diluentes, mucilaginosas e levemente diureticas, taes como os cozimentos de sementes de linhaça, de cevada, de grama; o sôro de leite, xarope de amendoas com agua, etc. Os alimentos devem ser leves, taes como as carnes de frango, de gallinha, de vitella, vegetaes, leite, frutas e iguarias sem temperos. A bebida durante a comida será agua pura, ou, quando muito,

ligeiramente tinta. O vinho puro, o café e todos os licôres alcoolicos serão proscriptos com severidade. O doente deverá trazer um suspensorio para suster os testiculos. Privar-se-ha da dança, equitação, leituras eroticas, das sociedades das mulheres, e sobretudo do coito. Mas se a inflammação fôr mui intensa, é indispensavel que o doente fique de cama, observe uma dieta mais ou menos severa, tome banhos mornos do corpo todo ou de assento, clysteres com decoção de linhaça, applique cataplasmas de farinha de linhaça entre as coxas e á roda do membro viril, e bichas no perinéo. Quando as dôres fôrem mui fortes e as erecções frequentes, seis onças de amendoada, á qual se juntão 6 a 10 grãos de camphora e uma onça de xarope de diacodio, tomada ao deitar, é o melhor calmante de que se pôde fazer uso em taes circumstancias. Cataplasmas horrificadas com laudano, e applicadas em roda do membro viril, podem ser tambem de grande utilidade.

Ao mesmo tempo que se segue este tratamento antiphlogistico, deve-se fazer uso internamente do balsamo de copahiba. Esta substancia, indigena do Brasil, é reconhecida hoje como o remedio mais efficaz, não sómente na blennorrhagia chronica, mas tambem no principio da molestia. Prescreve-se na dóse de uma colher de chá de manhã e outra á tarde. Existem muitas preparações pharmaceuticas, cuja base é o balsamo de copahiba, e das quaes tambem pôde-se fazer uso com o mesmo proveito; taes são: *Mistura balsamica de Fuller*, da qual se toma uma colher de sopa de manhã e outra á noite; *Poção de Chopart*, que se usa na dóse de tres colheres de sopa por dia; *Mistura brasileira*, empregada na dóse de 4 a 6 colheres de sopa por dia. Para evitar as nauseas, as dejeções alvinas, os vomitos e a repugnancia que occasiona sempre um medicamento tão desagradavel como a copahiba, grande numero de facultativos administrão esta resina em clysteres, na dóse de meia onça para um clyster de seis onças d'agua morna. Mas, antes de administrar

este clyster, é preciso tomar outro d'agua simples. Por este meio as materias que se podem achar no intestino serão evacuadas, e o remedio será mais facilmente conservado e absorvido. Ultimamente se inventou um novo methodo de tomar a copahiba sem repugnancia ao paladar, incluindo-a em *capsulas gelatinosas*, que são facilmente engulidas como pilulas. É raro que não se obtenhão melhoras notaveis nos symptomas da molestia; e ás vezes, no fim de tres ou quatro dias, estes symptomas tem inteiramente desaparecido. Entretanto, é prudente continuar em seu uso por algum tempo, ainda depois do desaparecimento da molestia. Muitos doentes não podem supportar a copahiba sem soffrerem diversos incommodos. Em alguns individuos ella occasiona colicas e uma diarrhéa mui abundante; é preciso então associar-lhe opio (1 a 2 grãos por dia), ou suspender por alguns dias o seu uso; ás vezes até é mister suspendê-lo inteiramente. A copahiba produz ás vezes uma erupção cutanea, semelhante á dos sarampos; mas não dura por muito tempo e desaparece por si mesma.

Se no fim de quinze a vinte dias deste tratamento a blennorrhagia não cessar, ou se os doentes não puderem supportar a copahiba, administrão-se-lhes cubebas em pó na dóse de uma oitava, duas vezes por dia, em uma colher de xarope ou de mel de abelha.

Ordinariamente, com o soccorro destes meios, a blennorrhagia pára antes do trigesimo dia. Vêm-se entretanto muitos fluxos que persistem depois deste termo, bem que os symptomas inflammatorios tenham desaparecido inteiramente. Então a blennorrhagia torna-se chronica, é uma simples secreção de mucosidade limpida e pouco espessa. Quando a molestia tem chegado a este ponto, é preciso fazer uso dos banhos frios do rio ou do mar, e de injeções adstringentes no interior do canal da uretra. Muitas pessoas tem repugnancia contra este ultimo meio, com medo de que elle produza o

estreitamento do canal da uretra. Este receio porém não é bem fundado. Os estreitamentos são a consequência de ulcerações que se formão no interior do canal, e estas ulcerações são tanto mais temiveis quanto mais tempo persistir a blenorrhagia. E qual póde ser o effeito das injeccões no caso em que as aconselhamos? Não é outro senão fortificar as paredes do canal, cuja relaxação e fraqueza entretêm a secreção das mucosidades, e não produzir as ulcerações do canal. As injeccões só são nocivas no estado agudo da blenorrhagia. Fazem-se injeccões com agua de Colonia diluida, ou com agua e vinagre, com dissolução de sulfato de zinco (6 a 12 grãos de sulfato para 6 onças d'agua), de pedra hume (meia a 1 oitava para 32 onças d'agua), ou de pedra infernal (3 a 6 grãos para 6 onças d'agua distillada). As injeccões com agua de Colonia, avinagrada, de solução de sulfato de zinco e de pedra hume, podem-se fazer com pequenas seringas de estanho; porém, para as de pedra infernal, é preciso usar de seringas de vidro. Deve-se fazer uma ou duas injeccões por dia. As primeiras injeccões provocão ordinariamente uma secreção mais abundante das mucosidades; não devem ser por isso suspendidas. No mesmo periodo da molestia os doentes podem usar moderadamente de vinho, mas devem sempre evitar os excessos da intemperança. Existem circumstancias em que o fluxo, depois de se ter dissipado por um tratamento racionavel, reaparece com nova intensidade pelo excesso no regimen, ou pelo coito exercido logo depois da cura. Deve-se neste caso principiar de novo o tratamento. Esta recahida é ordinariamente de menor duração do que a primeira molestia. Ha ainda esquentamentos que, apenas curados, apparecem de novo pela segunda ou terceira vez, sem que se lhes possa oppôr precaução alguma. São então de ordinario abandonados a si, usando só de um bom regimen, ar do campo, banhos frios, e observando-se muita continencia. Quando, nos casos desta especie, se suspeita que a obstinação do escor-

rimento depende do virus syphilitico , lança-se mão do tratamento mercurial.

O tratamento mercurial é também indicado quando a blennorrhagia é acompanhada de cavallos, bubões, erupções cutaneas, e de outros symptomas syphiliticos; mas quando é simples, o tratamento que acabamos de expôr é sufficiente.

Observa-se frequentemente, durante o curso de uma blennorrhagia, uma inflammação dos olhos. Esta affecção é resultado da negligencia e do pouco asseio dos doentes, que tocão imprudentemente os olhos com os dedos que estiverão em contacto com as partes doentes, na acção de urinar, por exemplo, ou de se lavar. A materia contagiosa levada aos olhos determina uma inflammação das mais graves, que occasiona ás vezes a perda da vista. O doente affectado de blennorrhagia deve, por conseguinte, observar o maior asseio; é bom que lave as mãos sempre que as tiver posto em contacto com o lugar affectado, evitando tocar os olhos com os dedos.

Numerosos preconceitos existem no povo ácerca da molestia que nos occupa. Um dos mais funestos é o da pretendida benignidade de uma affecção que certos libertinos considerão como sem consequencia expondo-se assim, elles e outros, a todos os resultados que póde ter uma opinião tão erronea. Ha muitos doentes que pensão que convém deixar correr a materia durante algum tempo antes de entrar em tratamento, e julgão que é perigoso *seccar* o esquentamento logo nos primeiros dias. Esta opinião expõe a grandes perigos: o esquentamento antigo produz muitas vezes feridas e estreitamento da uretra, e sempre sua cura é mais difficil do que o da molestia recente. Convém por conseguinte tratar o esquentamento logo que appareça. Entre os operarios e os militares existe a opinião de que, no caso de esquentamento de gancho, é necessario dar ao membro doente uma rapida flexão, destinada, dizem, a *quebrar a corda*. Uma dôr atroz, seguida logo de hemorrhagia, de suppressão de ourinas, de gangrena

da parte, tal é o cruel resultado desta imprudencia! Digamos, antes de acabar este artigo, que a blennorrhagia é uma molestia mui seria, e que, mais do que outra qualquer, reclama imperiosamente os cuidados assiduos e esclarecidos de um medico instruido. Só elle pôde distinguir a que é virulenta da que tem outra origem, os melhores meios a empregar nos diversos estados da molestia e a necessidade do tratamento mercurial. (*Veja-se SYPHILIS.*)

Blennorrhagia na mulher. Os medicos ainda não estão concordes de uma maneira absoluta sobre a séde e os caracteres certos desta molestia no sexo feminino. As flôres brancas forão muitas vezes confundidas com ella, e não é sempre facil formar um juizo seguro sobre a natureza de certos fluxos.

Vêm-se frequentemente nas meninas certos escorrimientos inflammatorios das partes genitales externas ligados á dentição ou a outras causas, e que assustão vivamente os pais. Em geral, o asseio, os banhos d'agua quente, os lavatorios com decoção de althéa ou de linhaça, curão promptamente estes ligeiros fluxos, que podem ter o inconveniente de provocar o máo habito do onanismo.

ESQUINENCIA, DÒR DE GARGANTA, OU ATAQUE DE GARGANTA. Dão-se vulgarmente estes nomes a toda a difficuldade de engulir ou de respirar, cuja causa reside na garganta. Os medicos substituirão a esta denominação a de *angina*. Esta molestia consiste em uma inflammação de algum ponto da garganta.

A *causa* mais habitual da esquinencia é a impressão do ar frio. A humidade dos pés, a exposição de uma parte coberta de suor a uma correnteza de ar rapido, produzem-na frequentemente. As mulheres, na época das regras, são mui expostas a ella. Alguns individuos tem para esta molestia uma predisposição particular; e em geral uma pessoa lhe é tanto mais sujeita quanto maior é o numero das vezes que della foi affectada. Muitas vezes as esquinencias sobre-vém durante as febres eruptivas: a escarlatina e as

bexigas são constantemente acompanhadas della. Neste caso a angina não é por si mesma uma molestia, mas faz parte da erupção.

Os *symptomas* da molestia são um pouco differentes conforme o ponto da garganta que occupa. Quando ataca o fundo da bocca e as amygdalas, vem com difficuldade de engulir e sensação de um corpo grosso e molle na garganta, que determina continuos esforços de deglutição; a voz é alterada no seu metal e mais baixa do que de costume. Ha frequentemente uma grande difficuldade no engulir até os liquidos; não é raro sentirem-se, quando a campainha está inchada, continuas nauseas provocadas pelo contacto deste órgão com a base da lingua. Vê-se a miudo o vulgo fallar de campainha cahida, deslocada, etc.: é um engano crasso, a campainha não cahe; mas, como todos os outros órgãos, é susceptivel de augmentar de volume pela inflammação: e então concebe-se que o apice da campainha, apoiando-se sobre a base da lingua, determina continuos desejos de vomitar, como acontece quando se introduz o dedo no fundo da bocca.

Aos *symptomas* que acabamos de indicar associa-se, nos casos da inflammação forte, febre mais ou menos viva, com calafrios, sede, cansaço geral, uma dôr de cabeça assaz intensa, e emfim perda completa de appetite. Se se examinar a garganta, fazendo-se abrir bastante a bocca e abaixando-se com o cabo de uma colher a base da lingua, ver-se-ha que as partes lateraes do fundo da bocca e as amygdalas estão vermelhas, luzidias, e parecem sensivelmente inchadas, tocão-se ás vezes e não deixão entre si senão um espaço mui estreito; então é impossivel que se possa engulir a menor quantidade de liquido: a mesma respiração é difficil neste caso. Muitas vezes até não se pôde abrir a bocca, e assegurar-se, pela vista, do estado das partes. Quando as cousas chegão a este ponto, acontece ás vezes que uma *postema* se forma no fundo da bocca; mas nem sempre assim acontece. As pessoas estranhas á arte de curar julgão que quasi

todas as esquinencias acabão por suppuração ; vê-se por toda a parte citarem-se exemplos de doentes suffocados por abscessos da garganta. A verdade é que estes factos de abscessos, em consequencia de anginas, são raros, et que de ordinario a terminação da molestia é feliz. Não se pense entretanto que não deve haver cuidado com uma esquinencia, pelo contrario ella requer muita circumspecção. Quasi todos os exemplos graves que se citão observão-se em pessoas que não cuidarão da molestia em seu principio, ou que lhe applicarão um tratamento pouco judicioso. Quando uma postema se forma, reconhece-se pelo character da dôr, que é latejante, isto é, acompanhada de pancadas analogas ás do pulso, e pela sensação de um peso na garganta. Logo a postema cresce, torna-se pontuda, e abre-se pelo esforço de cuspir, de engulir, de vomitar, ou durante o somno, e deixa sahir uma maior ou menor quantidade de pus, que é lançado pela bocca ou se vai depositar no estomago. A postema diminue pouco a pouco, suas paredes se reúnem e o doente fica bom. Mas as cousas não se passam sempre tão favoravelmente. Em alguns casos, felizmente mui raros, desenvolve-se um phlegmão consideravel, o pus despega a pelle em grande extensão, corre ao longo das principaes veias e arterias, e penetra assim na cavidade do peito, onde sua presença determina accidentes mui graves.

Quando a angina occupa o pharynge, e sobretudo a parte inferior da garganta, não existe outro symptoma senão dôr ao engulir e um sentimento de calor e de aspereza na parte inferior do pescoço. Pelo exame directo pouco se vê, se a inflammação occupa uma parte um pouco baixa. Não ha alteração da voz, e a difficuldade de engulir é muito menor do que no caso precedente.

Tratamento. Qualquer que seja a séde da angina, seu tratamento deve ser o mesmo. Quando a inflammação é leve, é preciso limitar-se ao uso dos banhos de pés com farinha de mostarda, ás bebidas emollientes, taes como a decocção de cevada, de

malvas, de althéa, adoçada com mel de abelha, assucar ou com xarope de limão; aos gargarejos feitos com infusão de flôres de malvas ou de folhas de salva, adoçada com mel de abelha ou mel rosado; ás cataplasmas de farinha de linhaça applicadas ao pescoço, e á diminuição da quantidade ordinaria dos alimentos; associa-se a estes meios a situação elevada da cabeça, que diminue o affluxo do sangue ás partes inflammadas. O emetico, administrado no começo da molestia, na dóse de dous grãos em um copo d'agua morna, a faz muitas vezes desaparecer. Deve-se por conseguinte quasi sempre recorrer a este vomitorio. Se a esquinencia tem uma intensidade mediocre, é necessario recorrer á applicação das bichas no pescoço, o mais perto possivel da parte affectada. O numero de bichas é proporcionado á gravidade da molestia: seis, oito, dez, até vinte. Os laxantes brandos, taes como a decocção de tamarindos e os clysteres com oleo de ricino, são geralmente uteis. — Quanto ao regimen, deve variar conforme a intensidade da inflammção; em todos os casos, escolhem-se as substancias nutrientes entre aquellas cujo contacto sobre a superficie inflammada é mais brando, taes como o leite, o caldo, as sopas, as geléas, as frutas cozidas, etc. Na esquinencia violenta, deve-se observar uma abstinencia completa. Quando a molestia acabar por suppuração, se a anxiedade fôr grande e a abertura do abscesso tardia, a cirurgia offerecerá um recurso precioso: uma punção feita com o histori, dando sahida ao pus, acalma os accidentes e previne os progressos da molestia, que podem, como temos dito, ser de gravidade extrema. — Quando a esquinencia se prolonga, substituem-se os gargarejos emollientes pelos adstringentes, que se preparão misturando-se um quartilho de decocção de cevada com quatro colheres de vinagre e duas onças de mel de abelha, ou dissolvendo-se uma oitava de pedra hume em oito onças d'agua morna, e ajuntando-se duas onças de mel de abelha.

Receituário contra a esquinencia ou dôr de garganta, conforme os preceitos indicados neste artigo.

Gargarejo emolliente.

Raiz de althéa	1 onça.
Agua	1 1/2 quartilho.

Ferva por meia hora, cõe e ajunte:

Mel de abelha	2 onças.
---------------	----------

Para gargarejar-se nas dôres de garganta simples. Serve tambem este gargarejo nas esquinencias que terminão por postema na garganta.

Gargarejo levemente adstringente.

Folhas de salva	1 onça.
Agua fervendo	1 quartilho.

Infunda por meia hora, cõe e ajunte:

Mel rosado	2 onças.
------------	----------

Este gargarejo convém quando o primeiro não produz melhoras.

Gargarejo adstringente.

Cozimento de cevada	1 quartilho.
Pedra hume crystallisada	1/2 onça.
Mel de abelha	2 onças.

Misture. Para gargarejar-se nas esquinencias que passão de cinco dias de duração.

ESSENCIA ou OLEO ESSENCIAL. Liquido cheiroso, volatil, de sabor acre, e ás vezes caustico, susceptivel de inflammar-se pela approximação ou pelo contacto do fogo; obtem-se pela distillação de certos vegetaes, taes são: essencias de alecrim, alfazema, rosas, hortelãa, limão, laranja, canella, etc. Todas as essencias se devem conservar em vasos que não estejam inteiramente cheios, em lugares escuros e frescos. Todas as essencias são excitantes, empregão-se para fazer agua de Colonia, muitas pomadas de perfumaria, e em medicina.

ESTANHADURA. A estanhadura do cobre consiste na applicação sobre este metal de uma camada de estanho puro ou de liga de estanho com ferro. Esta operação é indispensavel para os utensilios de

cozinha, porque impede a acção deletéria do cobre sobre os nossos órgãos. Desde que o zinco começou a achar-se em muita abundancia, alguns fabricantes se propuzerão empregar este metal para cobrir os vasos de cobre; mas não tardarão em conhecer que o zinco é destruido por grande numero de substancias.

Para evitar os frequentes accidentes ocasionados pelo uso dos utensilios de cobre, é preciso vigiar de perto a qualidade da estanhadura. É necessario informar o publico que muitos estanhadores ambulantes, sem conhecerem provavelmente os inconvenientes, empregão, para estanhar, o zinco em vez de estanho, porque os vasos cobertos de zinco tem mais bella apparencia do que os que são verdadeiramente estanhados. Com este intuito vamos indicar o meio de conhecer a qualidade da estanhadura.

Sendo o zinco mais promptamente atacado pelos acidos, esta particularidade ministra um meio facil de distingui-lo do estanho.

Este meio consiste em ferver, durante alguns instantes, vinagre no vaso cuja estanhadura se deseja provar; se este vaso fôr coberto de zinco, sua superficie será atacada, o que não acontecerá se estiver estanhado convenientemente.

Deve-se ter muito cuidado com a estanhadura dos utensilios de cozinha. (*Veja-se* COBRE, Vol. I, p. 387.)

ESTANHO. O estanho é um metal de côr branca que se approxima da da prata; mais duro e mais brilhante que o chumbo, deixa ouvir, quando o dobrão, um rangido particular; é sem cheiro, mas adquire pela fricção um cheiro desagradavel. Este metal não existe na natureza em estado nativo, porém sim no estado de sulfureto ou de oxydo, que é donde se extrahe especialmente.

O estanho forma com o cobre a composição de que se fabricão os sinos e as peças de artilharia. Combinado com as superficies das laminas de ferro, o estanho forma a folha de Flandres ou lata; com o mercurio, serve para azougar os espelhos. Os usos

do estanho são numerosos na confecção de instrumentos empregados na economia domestica.

Em medicina, o estanho reduzido a pó é aconselhado como vermífugo, e principalmente para expulsar a solitaria. Administra-se na dóse de meia a uma onça em mel de abelha, doces ou algum xarope.

ESTERILIDADE. Inaptidão de um homem ou de uma mulher a procrear, a fecundar ou a ser fecundada, bem que apresentem um e outra todas as condições apparentes para exercerem um coito fecundante.

As condições geraes pelas quaes a esterilidade se tem mostrado no *homem* são mui obscuras, pela incerteza que existe para se determinar se ella deve ser attribuida ao homem ou á mulher. Póde-se entretanto admittir sem temeridade que uma idade mui nova ou mui adiantada, que uma constituição debil, que as molestias chronicas que arruinão todos os órgãos, sem comtudo occasionar a impotencia, são as circumstancias que servem mais frequentemente de obstaculo á faculdade da reproducção da parte do homem. Mas não devem estas circumstancias ser consideradas como obstaculos absolutos, porque exemplos numerosos contradirião uma asserção tão exclusiva.

As causas da esterilidade da *mulher* são igualmente mui obscuras. As mais evidentes são as que dependem de uma disposição organica que difficulta a passagem do esperma até ao ovario. Taes são a occlusão do orificio uterino, a das trompas, a atrophia do ovario, do utero ou a ausencia destas partes. A falta de um exame rigoroso dos órgãos sexuaes, a impossibilidade de se reconhecer o estado dos órgãos internos da geração, fazem com que as mais das vezes se fique em duvida sobre a natureza destas causas.

Tem-se geralmente indicado como um dos signaes da aptidão á fecundação a existencia dos attributos exteriores que caracterisáo o sexo feminino, o nascimento dos desejos na época da puberdade, a apparição conveniente dos menstruos, a sensação vo-

luptuosa sentida no tempo das uniões conjugaes. Entretanto, a esterilidade se observa frequentemente nas mulheres que apresentam estas condições ordinariamente favoraveis, e ha exemplos de mulheres que, offerecendo circumstancias oppostas, forão admiradas pela sua fecundidade. Apesar destes exemplos póde-se com razão presumir esterilidade nas mulheres cuja constituição se approxima da dos homens, que tem estatura alta, fórmas quadradas, voz forte e grave, seios pouco volumosos e pelle triqueira e coberta de pello nas partes que são habitualmente desprovidas delle, como a barba e o labio superior. A extrema gordura tem sido considerada como desfavoravel á fecundidade; mas quantas excepções vem desmentir esta asserção!

A indifferença que algumas mulheres mostram no acto conjugal e a aversão que excita a fealdade do marido não são motivo de esterilidade. Muitas mulheres se achárão gravidas depois de uma copula violenta, e dizem que outras concebêrão entregues á lethargia e ao narcotismo mais completo. Até se diz que as mulheres que mostram menos ardor nas caricias amorosas são as mais fecundas. Seria difficil provar esta affirmação.

Em consequencia desta opinião, tem-se julgado dever attribuir a esterilidade, que apresentam algumas uniões recentes, ao fogo dos transportes dos jovens esposos, á frequencia com que se entregão a elles. Considera-se o temperamento erotico de certas mulheres como um obstaculo á fecundidade. Este temperamento em alguns casos, a repetição frequente do coito em todos, servem para explicar a esterilidade das prostitutas. Accusa-se tambem a falta de conveniencia nos temperamentos dos esposos; mas é impossivel dizer-se em que ella consiste.

As flôres brancas são uma condição desfavoravel para a fecundação, mas não a impedem em mui grande numero de casos.

De todas as circumstancias que podem fazer presumir a esterilidade, a mais certa é a ausencia da

menstruação na idade em que ella deveria ter lugar. Acontece tambem ás vezes que a esterilidade persiste nas mulheres casadas prematuramente na idade em que esta funcção ainda se não tem estabelecido, e que as que tardão em se casar, ainda fazendo-o alguns annos antes da época critica, nunca obtem a felicidade da maternidade. Mas nestes casos, como no maior numero dos outros, ha tantas excepções como factos confirmados.

Tudo quanto fica dito prova que o *tratamento* da esterilidade não pôde ser indicado com exactidão. Os medicos são ás vezes consultados afim de indicarem os meios de procreação. Quando a esterilidade não depende de alguma causa morbida apreciavel, nós não sabemos mais do que as pessoas que nos consultão. A natureza é mysteriosa na obra da geração. A esterilidade que depende da falta de organização é incuravel. Nos outros casos, a mudança de clima, de regimen, de esposo, a tem curado. Quando se suppõe que um ardor excessivo no acto conjugal é a causa da esterilidade, deve-se recorrer ao regimen brando, composto de leite, legumes, vegetaes, e aos banhos mornos; evitar tudo quanto puder excitar a imaginação, como a leitura dos romances, a frequencia dos bailes, dos espectaculos, etc.; entregar-se ás occupações que exercem mais o corpo do que o espirito. Passeios prolongados e as viagens, podem ser uteis. Nas circumstancias oppostas, nas mulheres lymphaticas, nas que são frias no acto conjugal, convém os alimentos tonicos, compostos de carnes assadas, o vinho, os licôres espirituosos, as comidas adubadas. Uma separação momentanea dos esposos será igualmente vantajosa. A alimentação sã e abundante, uma abastança geral e uma temperatura moderada tem consideravel influencia sobre a fecundidade: em certas circumstancias poder-se-hião utilizar estas observações.

Os primeiros dias que seguem a menstruação parecem ser o tempo em que o utero está mais apto para conceber; pôde-se por consequinte obter ás

vezes bom exito, esperando-se por esta época para a cohabitação, prolongando e preparando o acto, afim de torna-lo o mais completo possível. Aconselha-se tambem a attitude em supinação durante e depois da copula. O repouso e a tranquillidade da alma, durante os primeiros dias da impregnação, são necessarios para assegurarem concepção. Convém emfim que se não approximem muito os actos da cohabitação, afim de que o utero, sendo excitado, não rejeite o germen ainda fraco que por ventura contenha.

ESTIMULANTES. Chamão-se *estimulantes* ou *excitantes* os medicamentos que tem a propriedade de augmentar momentaneamente a energia das funcções vitaes. Com a influencia delles o pulso fica mais rapido e mais forte, a respiração se accelera, o calor do corpo augmenta, o aparelho genital, as secreções ourinarias e cutaneas, em uma palavra toda a economia ganha nova actividade.

Os estimulantes são ministrados pelos tres reinos. A maior parte das substancias vegetaes que gozão desta propriedade são notaveis em geral pelo seu cheiro forte e aromatico; devem suas virtudes á presença de um oleo essencial, de uma resina, de um balsamo, do acido benzoico ou do alcanfor. As substancias animaes estimulantes são tambem ordinariamente dotadas de um cheiro caracteristico. Emquanto aos excitantes mineraes, não apresentam propriedade alguma que os possa distinguir a este respeito.

Os medicamentos estimulantes empregão-se nas molestias caracterisadas por fraqueza: taes são os catarros chronicos, as febres no seu ultimo periodo, as molestias gangrenosas, as alporcas, o escorbuto, etc.

Os principaes medicamentos estimulantes são: ammoniaco, alcanfor, açafião, canella, aniz, baunilha, noz moscada, cravo da India, pimentão, pimenta contraherva, gengibre, serpentaria de Virginia, café, cochlearia, agrião, absinthio, macella gallega, hor-

telãa, salva, alecrim, alfazema, herva cidreira, angelica, chá da India, terebenthina, alcatrão, balsamo peruviano, benjoim, alho, mil-homens, vinhos, banhos quentes, etc.

ESTOMACHICOS. Chamão-se medicamentos estomachicos os que são bons para o estomago, que o fortificação: são ordinariamente substancias amargas, taes como rhuibarbo, macella gallega, aloes, luparo, quassia, losna, genciana, quina, chicoria, etc. Estes medicamentos administrão-se principalmente contra o fastio.

ESTOMAGO. Orgão principal da digestão. É um sacco musculo-membranoso, situado no ventre, entre o figado e o baço. Apresenta duas aberturas: uma situada emcima e á esquerda, chamada *cardia*, vulgarmente *bocca do estomago*, onde chega o esophago, e pela qual os alimentos penetrão no estomago; e outra situada embaixo e á direita, chamada *pyloro*, a qual deixa passar para o intestino duodeno os alimentos digeridos. É tão grande a importancia das funcções que preenche o estomago, que não podem estas funcções ser alteradas ou supprimidas durante algum tempo sem occasionarem uma perturbação geral na economia inteira. O numero das molestias que affectão o estomago é bastante grande; vamos apresentar a descripção succincta daquellas que podem ter lugar na nossa obra.

MOLESTIAS DO ESTOMAGO. CORPOS ESTRANHOS.

Os *corpos estranhos* podem penetrar no estomago depois de serem engulidos. Colheres, garfos, facas, etc., tem sido encontrados na cavidade estomacal; pelletiqueiros e loucos tem apresentado alguns exemplos disto. Raramente corpos tão volumosos pudéram ser expulsados; quasi constantemente a presença delles tem determinado accidentes formidaveis. Ás vezes tem furado a parede do ventre, e tem sahido pela abertura fistulosa. Não são raros os exemplos de agulhas e de alfinetes assim engulidos, e que tem sahido por differentes pontos do corpo. (*Veja-se o artigo AGULHA, Vol. I, pag. 48.*) É um

dos casos mais delicados da cirurgia o determinar o que se deve fazer quando um corpo duro e volumoso tem sido introduzido no estomago e produz accidentes: não podemos, por conseguinte, fallar disto. Quando são de pequeno volume, pelo contrario, e que se espera que poderãõ atravessar todo o comprimento do canal intestinal, deve-se recorrer ás bebidas aqueas, ao azeite doce, aos clysteres repetidos e a todos os meios que facilitem a passagem do corpo estranho. Se é duro e agudo, como, por exemplo, espiuhas de peixe, vidro quebrado, etc., é preciso encher o estomago com alimentos espessos e proprios para darem residuos abundantes, que possão envolver estes corpos e impedir que firão os orgãos que devem atravessar. A couve, as batatas, o pão, são os alimentos que convém melhor para isto. (*Veja-se* CORPOSESTRANHOS, Vol. I, pag. 460.)

INFLAMMAÇÃO. A inflammação do estomago chama-se na linguagem medica *gastrite*, e distingue-se em aguda e chronica.

GASTRITE AGUDA. As *causas* desta molestia são as seguintes: os excessos dos licôres alcoolicos, a introdução no estomago de substancias acres e causticas, taes como vitriolo, agua forte, ether em certa quantidade, etc.; os alimentos que tem soffrido um principio de fermentação putrida, alguns peixes, os mariscos em certas épocas do anno, a presença de corpos estranhos, taes como moedas de dinheiro; os miasmas mui activos, a privação prolongada d'agua ou de qualquer liquido proprio a mitigar a sêde durante um calor extremo, a fome não satisfeita por muitos dias, as paixões violentas e concentradas, as fortes compressões, as pancadas e as quédas sobre a região do estomago; emfim, esta molestia pôde-se desenvolver espontaneamente, sem que causa alguma exterior a tenha provocado.

Symptomas. Differem conforme a gastrite é leve ou intensa. No primeiro caso, existe um peso ou mesmo dór na região do estomago, sêde, arrotos acidos; algumas nauseas se declarão, a cabeça torna-se dolo-

rosa e o pulso frequente. Estes symptomas podem augmentar até a um gráo de gastrite intensa, ou então esta inflamação principia rapidamente, e eis-aqui o que se observa. O appetite desaparece inteiramente, a sêde pelo contrario é excessiva; mas muitas vezes o doente não pôde ingerir a menor quantidade de liquido sem rejeita-lo pelos vomitos; deseja bebidas frias e acidulas; a dôr que existe frequentemente na região do estomago é intoleravel; a garganta fica secca, e ás vezes inflammada, os vomitos são amiudados; a lingua torna-se vermelha; ha ás vezes soluços, delirio e convulsões. O pulso toma uma acceleração e uma fraqueza extremas; o calor da pelle é intenso, as extremidades ficão frias. Entre estes dous extremos da gastrite aguda, existe um grande numero de grãos que não é possível descrever, mas de que se pôde fazer facilmente idéa. O que podemos dizer aqui é que nas crianças a gastrite mais leve, aquella mesma que é produzida por uma simples indigestão, é a miudo acompanhada de phenomenos cerebraes, taes como modorra, ranger dos dentes, convulsões e delirio.

Prognostico. Esta inflamação pôde ser mortal em algumas horas; mas é raro que sua marcha seja tão rapida; isto só se observa nos casos de envenenamento, e então é mais o veneno que mata do que a phlegmasia; em geral não occasiona a morte senão depois de quinze ou vinte dias de duração. O perigo está na proporção de sua intensidade; no maior numero dos casos a molestia é curavel. Decide-se por resolução, ulceração, pela passagem ao estado chronico; ás vezes, mas mui raramente, pela gangrena; emfim, pela perforação das membranas do estomago.

Tratamento. Na gastrite leve bastão ordinariamente alguns dias de dieta e do uso das bebidas gommosas, emollientes ou acidulas para dissipala em pouco tempo. Estas bebidas são: cozimento de arroz, de cevada, ou limonadas de limão ou de laranja. Quando é mais aguda, é necessario ajuntar a estes mesmos meios bichas ou ventosas sarjadas na

bocca do estomago e cataplasmas emollientes na mesma região. Nos casos de extrema intensidade, convém recorrer á sangria do braço. As bebidas devem dar-se frias e em doses pequenas e mui repetidas. Se o estomago não pôde guarda-las mesmo em pequena quantidade, é preciso não dar ao doente senão algumas talhadas de limão doce ou de laranja para chupar, afim de acalmar a sêde. Se os vomitos continuão, obtem-se ás vezes bons resultados com banho morno geral, no qual o doente deve permanecer por mais de uma hora. Os clysteres de linhaça devem ser empregados durante todo o tempo da molestia. Quando a dôr no ventre é mui forte, podem-se regar as cataplasmas de linhaça, que se applicão nesta parte, com duas a quatro colheres de sopa de laudano de Sydenham. Em geral, quanto mais simples fôr o tratamento da gastrite aguda, tanto mais provavel será o seu bom exito. Uma dieta severa, absoluta, é indispensavel, e na convalescença não se deve voltar aos alimentos senão com as maiores cautelas, principiando pelos mais leves, taes como o leite no principio, depois caldos, ovos quentes, peixe, carnes de frango e de gallinha.

Quanto ao tratamento da gastrite produzida pela ingestão das substancias venenosas, veja-se o artigo ENVENENAMENTO, Vol. II, pag. 405.

GASTRITE CHRONICA. A gastrite chronica, ou succede á gastrite aguda, ou então é primitiva. É mais commum debaixo desta ultima fórma. As *causas* que a produzem e as circumstancias em que se desenvolve são varias e assaz numerosas. Assim, a gastrite chronica existe, não só entre a classe pobre e ignorante, como tambem entre as classes ricas e esclarecidas. Na primeira, são os máos alimentos, os abusos dos licôres fortes, os excessos de diversa natureza que a determinão; nas segundas, são os trabalhos de gabinete, a applicação de espirito, a falta de exercicio, de ar, as vigalias, ou laboriosas ou consagradas ao prazer, que de ordinario a provocão. Os litteratos, os sabios, os artistas, as mulheres que são dadas a

bailes, são frequentemente affectadas de gastrite chronica. Os principaes *symptomas* desta molestia são os seguintes: digestão lenta e difficil, sentimento de um peso incommodo na região do estomago depois de comer, anxiedades geraes, vertigens, ás vezes enjôos, mais raramente ainda vomitos; mudança apreciavel no character, grande irritabilidade, noites frequentemente agitadas, emmagrecimento, alteração do rosto; prisão habitual do ventre. O appetite umas vezes é nullo, outras vezes excitado e acalmado logo pela ingestão de uma mui pequena quantidade de alimentos.

A gastrite chronica é sempre uma molestia lenta e de longa duração. O seu prognostico varia conforme a antiguidade da inflamação, sua intensidade, o grão de desorganisação que tem operado, a idade e a força da pessoa.

Tratamento. Todas as vezes que as causas que tem produzido a molestia podem ser bem apreciadas, a primeira indicação que preencher consiste em subtrahir o doente á influencia dellas. Depois disto, applicuem-se na região do estomago algumas bichas ou ventosas sarjadas. Depois das emissões sanguineas, faça-se uso da pomada stibiada. Praticuem-se com ella fricções sobre a parte superior do ventre, até que produza uma erupção assaz consideravel de botões. Entrem-se desta maneira e durante o tempo necessario, uma inflamação da pelle e uma suppuração que exerce uma revulsão continua e mui poderosa sobre a phlegmasiã interior. Se isto não basta, recorre-se á applicação de uma fonte sobre a região do estomago. O regimen deve ser simples e regrado; as comidas devem ser pouco copiosas, e tomadas a horas fixas. É preciso que os doentes estudem por si mesmos quaes são os alimentos que melhor convém ao melindre do seu estomago, porque a este respeito não se pódem dar regras absolutas, e cada individuo, por assim dizer, tem a capacidade digestiva que lhe é propria. É necessario evitar a abstinencia extrema tanto como os excessos

da mesa. As bebidas devem ser emollientes, gommosas, acidulas, ao gosto dos doentes: taes são os cozimentos de cevada, de raiz de althéa; agua de Seltz ou agua acidulada com xarope de vinagre, de limão; os sumos de laranja, de limão e de outros fructos; emfim, a agua pura. Estes liquidos devem ser tomados frigidissimos. É necessario recorrer aos clysteres emollientes ou levemente laxantes pela addição do azeite doce, ou compostos com a decocção de canafistula, para remediar á constipação sempre rebelde que accompanha as gastrites chronicas. De tempos em tempos convém tomar um purgante de sal d'Epsom, de magnesia calcinada ou d'oleo de ricino.

Depois deste tratamento, é preciso recorrer aos cozimentos amargos, taes como os de luparo, quassia, genciana, losna. O doente toma uma a duas chcaras por dia de qualquer destes cozimentos. O exercicio moderado, os banhos mornos, as fricções com baeta sobre a pelle, emfim a residencia no campo sendo possivel, e as distracções constituem uma parte muito necessaria do tratamento.

DÔRES DE ESTOMAGO. Assim se designão certas dôres da região do estomago, caracterisadas por um sentimento particular de calor e de ancia difficil de descrever. Sem ter appetite real, o doente experimenta aquella sensação de fraqueza que existe quando alguem tem precisão de comer. Outras vezes as dôres ainda são mais vivas: existe um sentimento de inchação, de peso e de queimadura. N'um alto grão de intensidade, a molestia chama-se *cardialgia* ou *gastralgia*. Quando as dôres vem por intervallos e com grande violencia, designão-se mais particularmente pelo nome de *caimbra do estomago*. (Veja-se esta palavra, Vol I, pag. 253.)

As dôres simples d'estomago são mui communs, sobretudo nas mulheres, e dependem de grande numero de causas: são um dos symptomas da *gastrite* e da presença de vermes. Podem ser produzidas momentaneamente pelo uso de certos alimentos e

de certas bebidas, de fructas azedas, etc. Observão-se tambem nas mulheres affectadas de flôres brancas abundantes, nas que são enfraquecidas pelo dar de mamar, ou por outras causas. Outras vezes sobrevém estas dôres nas pessoas nervosas que tem soffrido pezares grandes e prolongados; emfim, as dôres do estomago desenvolvem-se sem causa conhecida.

As dôres do estomago são muitas vezes acompanhadas de fastio e de digestão difficil, com desenvolvimento de ventosidades.

Tratamento. A principal indicação consiste em remover as causas da molestia, quando se conhecem. Assim, é preciso diminuir a abundancia das flôres brancas, cessar a amamentação, que exhaure as forças, etc. Se as dôres de estomago dependem de fraqueza, é preciso administrar medicamentos tonicos, taes como os cozimentos de luparo, genciana, quassia, as preparações de ferro, e principalmente a tintura de ferro chamada *tintura de Marte tartarisada*, na dôse de uma colher de chá em meia chicara d'agua fria com assucar, tres vezes ao dia.

A prisão do ventre deve ser combatida pelos clysteres d'agua morna e brandos purgantes.

Se se suppõe que as dôres de estomago procedem da presença de vermes, é preciso administrar medicamentos anthelminticos. (*Veja-se VERMES INTESTINAES.*)

Contra as dôres de estomago nervosas (*gastralgia*) convém usar de uma das preparações seguintes:

Pós antispasmodicos.

Subnitrato de bismutho	24 grãos.
Magnesia calcinada	1 oitava.
Assucar	1 oitava.

Misture e divida em 12 papeis. Toma-se um papel, 3 vezes por dia, em meia chicara de chá de folhas de lorangeira.

Pilulas calmantes.

Oxydo de zinco	12 grãos.
Extracto de valeriana	24 grãos.
Opio	3 grãos.

Faça 12 pilulas. Toma-se 1 pilula 3 vezes por dia e por cima de cada pilula bebe-se meia chicara de chá de hortelãa.

EMBARAÇO DO ESTOMAGO. *Veja-se* Vol. II, pag. 83.

ESTRABISMO. *Veja-se* VESGO.

ESTRAMONIO. *Veja-se* FIGUEIRA DO INFERNO.

ESTRANGULAÇÃO ou ESTRANGULAMENTO. Designa-se com o nome de *estrangulação* o estado de uma parte do corpo que se acha apertada por outra. Os intestinos são ás vezes estrangulados n'uma quebradura, quando augmentão de volume pela accumulção das materias fecaes. (*Veja* QUEBRADURA.) Os dedos podem tambem ser estrangulados pelos anneis ou outros corpos estranhos. (*Veja* CORPOS ESTRANHOS.)

ESTREITAMENTO DO CANAL DA URETRA. Assim se chama a diminuição da capacidade do canal da uretra, de que resulta a excreção mais ou menos difficil da ourina. Esta diminuição procede ou de carnosidades que se desenvolvem no canal, ou de cicatrizes que se formão no seu interior e que apertão suas paredes, ou simplesmente da inchação da membrana mucosa que o cobre. A causa mais ordinaria desta affecção é o esquentamento, sobretudo sendo longa a sua duração. O tratamento consiste em dilatar progressivamente a porção estreitada do canal por meio de bugias de um diametro que se vai convenientemente augmentando; ou então, em destruir o obstaculo por meio de cauterisação praticada com a sonda guarnecida de pedra infernal.

Acontece ás vezes que no curso de uma gonorrhéa recente, ou depois dos excessos do coito ou exercicio a cavallo, o canal se estreita momentaneamente e impede a passagem da ourina. Este estreitamento, chamado *espasmodico*, cede ordinariamente a um banho morno prolongado do corpo todo.

ESTUPOR. *Vêja-se* APOPLEXIA, Vol. I, pag. 127.

ETHER. Dá-se o nome de *etheres* a líquidos de cheiro activissimo, transparentes, de sabor quente, muito expansíveis e muito inflammáveis. Obtém-se distillando-se certos ácidos com alcool, e tomão o nome do ácido que servio á sua composição. O mais commummente empregado é o *ether sulfurico*, que se designa ordinariamente pelo nome simples de *ether*, e que resulta da ação do ácido sulfurico sobre o alcool. É sem côr, de cheiro forte e aromatico; é extremamente volátil, e não deixa na mão vestigio algum de humidade. Servem-se delle os medicos em muitos accidentes nervosos como calmante e antispasmodico; toma-se na dóse de 10 a 20 gottas em algumas colheres d'agua com assucar. É considerado como especifico na embriaguez, que faz cessar como por encanto. Faz-se tambem respirar ás pessoas que cahem em desmaio. Derramado sobre a testa, produz, evaporando-se, um frio que ás vezes acalma certas dôres decabeça. Administrado puro internamente na dóse de uma colher, póde produzir accidentes graves, e até a morte, entretanto que na mesma dóse de uma colher, dissolvido em 6 ou 8 onças d'agua com assucar e administrado por colheres de hora em hora, constitue o melhor remedio contra o tetano. O *licôr mineral anodyno de Hoffmann*, que é uma composição de partes iguaes de ether e de alcool, goza de propriedades semelhantes ás do ether; emprega-se tambem nas affecções nervosas, e principalmente nos accessos de hysticismo, nos desmaios, dôres nervosas, etc., mas em dóse dobrada, isto é, na de 20 a 40 gottas.

No fim do anno de 1846, uma importante descoberta foi feita com o ether por dous cirurgiões dos Estados-Unidos, os Srs. Jackson e Morton. Tem por fim esta descoberta tornar insensíveis á dôr os individuos que tem de soffrer operações cirurgicas. O methodo consiste em fazer respirar á pessoa a quem se quer tornar insensivel um ar saturado de vapor de ether sulfurico. Disso resulta, ao cabo de dous

ou tres minutos, uma especie de embriaguez que muitas vezes pôde lançar o paciente em uma lethargia profunda, mas que outras vezes apenas desenvolve nelle um estado de vertigem, um desmaio incompleto que é sufficiente para pô-lo ao abrigo das dôres mais crueis. Varios apparatus se tem inventado para respirar o vapor de ether; um dos primeiros que forão empregados consiste em um frasco meio cheio de fragmentos de esponjas embebidas em ether, e que tem tres gargalos. Um é guarnecido de um tubo de vidro que mergulha até ao fundo do vaso; no outro se adapta um canal flexivel que acaba por uma embocadura assaz desenvolvida para que os movimentos respiratorios se possam executar livremente por seu intermedio. Esta parte flexivel do apparatus tem, além disto, um systema de valvulas dispostas de tal sorte, que o ar respirado venha todo do interior do frasco, e que o ar expirado seja pelo contrario expellido para fóra antes de penetrar nelle.

Das cinco primeiras experiencias que forão feitas, tres erão relativas a extracções de dentes, as outras duas a amputações. Nestas cinco operações não manifestárão os doentes dôr alguma; apenas sentião que erão operados.

Citão-se muitas operações feitas sem dôr, taes são as amputações dos membros, a extracção das unhas, de tumores, etc. Todos os cirurgiões concordão hoje em que as inspirações de ether tem realmente a propriedade de suspender momentaneamente a sensibilidade. Os casos em que estes resultados não poderão ser produzidos dependião ou do emprego vicioso do apparatus ou de algumas disposições pessoases.

O *chloroformio* (veja-se vol. I, pag. 340) possui as propriedades de produzir a insensibilidade muito mais promptamente do que o ether; mas este ultimo é menos perigoso do que o chloroformio. O ether produz menos perturbação no organismo, dá maior tranquillidade ao cirurgião, e sua influencia pôde ser prolongada sem perigo por tempo mais

demorado do que a do chloroformio. Entretanto, deve-se saber que o effeito do ether não é inteiramente isento de perigo. As experiencias feitas em França provão que cães etherisados succumbem em 35 a 44 minutos.

Meios de prevenir a morte que pôde ser produzida pelas inspiraões de ether ou de chloroformio. O Dr. Augusto Mercier, Membro da Academia de Medicina de Paris, propõe os meios seguintes :

1.º Nunca tratar o doente pelo ether ou chloroformio, sem primeiro pô-lo em situação horizontal.

2.º Logo que se receie algum perigo, comprimir as arterias axillares e as arterias cruraes, e melhor ainda, podendo ser, a aorta abdominal. Para comprimir as arterias axillares, é preciso apertar com a mão esta arteria de cada lado, debaixo do braço esquerdo e direito, no lugar onde se sentem as pancadas destas arterias no sovaco. Para comprimir a arteria crural direita e esquerda, applicão-se os dedos na virilha direita e na esquerda. Para comprimir a aorta abdominal, o que só se pôde fazer facilmente em pessoas mui magras, exerce-se no embigo uma forte pressão com a mão.

Estes meios tem por fim dirigir para o cerebro, que é o órgão mais importante, a pequena porção do sangue que o coração, enfraquecido pela influencia do ether ou do chloroformio, pôde ainda lançar no systema arterial.

EXCANDESCENCIA. Esta palavra é ás vezes empregada para designar a prisão do ventre. (*Veja-se esta palavra.*) Mas chama-se tambem excandescencia um estado morboso geral caracterisado por sêde, calor na cabeça, insomnia, dureza do ventre, ourinas vermelhas, membros moidos ou sêde. É preciso no principio recorrer aos escaldapés com mostarda, clysteres de linhaça, e ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja ou cozimento de cevada; comer saladas, hortaliça, e evitar carnes salgadas e iguarias adubadas. Se estes meios não produzem melhoras, convém tomar um purgante

brando, tal como 2 onças de cremor de tartaro, ou 3 oitavas de magnesia calcinada, dissolvidas n'um copo d'agua fria com assucar.

EXCORIAÇÃO. *Veja-se* ESFOLADURA.

EXERCICIOS. Os exercicios do corpo atalhão não sómente os desarranjos de saude, mas concorrem tambem para o tratamento de muitas molestias. Os effeitos varião conforme o exercicio é mais ou menos violento, mais ou menos prolongado, ou é communicado por um agente exterior, etc.

O exercicio moderado favorece o appetite e activa a digestão. O individuo que se entrega a um exercicio habitual tem necessidade e goza ordinariamente de um somno reparador. Este exercicio, quando sobretudo tem algum intuito, algum interesse, como a caça, a cultura de uma horta, os trabalhos mecanicos, etc., tem a maior influencia sobre as paixões que acalma, e sobre o pensamento, cuja actividade diminue. Segue-se disso que o melhor meio de destruir os effeitos nocivos que produzem frequentemente os excessos intellectuaes e moraes, consiste n'um exercicio moderado. Quantas pessoas não ha hystericas, melancolicas, etc., que devem sua cura a um genero de vida mui activo que lhes foi aconselhado, ou que a fortuna as obrigou a adoptar?

Se o exercicio moderado tem effeitos vantajosos sobre o organismo, aquelle que se faz com excesso, independentemente da sensação penosa que produz, póde desarranjar diversas funcções e até determinar uma molestia. O repouso passageiro dos orgãos é necessario para uma acção nova; dá o tempo de reparar as perdas.

A falta de exercicio tem effeitos debilitantes sobre a constituição; produz uma sensibilidade extraordinaria, uma tendencia para a exaggeração de todas as impressões, primeiro gráo dessas affecções nervosas tão communs entre as pessoas que se entregão ao luxo e á molleza. A falta de exercicio é tambem considerada como uma das causas mais poderosas da tísica pulmonar.

Vamos agora passar em revista os diversos exercicios. São mui variados; dividem-se em activos, passivos e mixtos.

EXERCICIOS ACTIVOS. Os exercicios activos são aquelles em que o nosso corpo se move por si mesmo, todo ou em parte, mas sendo elle sempre o unico agente do movimento. Vamos examinar alguns destes exercicios.

O andar. Consiste o effeito do andar em augmentar a contractibilidade muscular, em accelerar a circulação e a respiração, em dar a todos os órgãos brandos abalos favoraveis á sua acção. O andar em terreno plano é um exercicio que se pôde fazer com vantagem depois da comida. Convém aos convalescentes, aos quaes os exercicios fortes não são permittidos. Não é proprio para fazer poderosa diversão ás idéas dos melancolicos; pôde, pelo contrario, aggravar seus soffrimentos, permittindo-lhes entregar-se ás preocupações que os atormentão, e por conseguinte é mui contrario a estes doentes.

A dança. A dança, para ser util á saude, não deve ser executada immediatamente depois da comida, nem prolongar-se por toda uma noite e em lugares pouco espaçosos relativamente ao numero das pessoas. A dança é o exercicio das senhoras; contrapesa os effeitos nocivos de suas occupações sedentarias: é aconselhada como um meio proprio de contribuir para estabelecimento do fluxo catamenial. Este exercicio dá aos homens que fazem delle seu emprego fórmias que se approximão muito ás das mulheres. Com effeito, os dansarinos de profissão tem os musculos das pernas, das coxas e da parte inferior do tronco, fortemente desenvolvidos, os das extremidades superiores o são muito menos; seu peito, suas espadoas parecem estreitas e apertadas.

O correr desenvolve os membros inferiores e o aparelho respiratorio. Este exercicio não convém senão aos adollescentes; não deve ser praticado depois da comida: sendo violento, pôde occasionar

escarros de sangue, aneurisma de coração e outros accidentes.

Da *caça*. A caça foi considerada por todos os povos como um dos exercicios mais uteis, mais proprios para desenvolver os sentidos e o organismo inteiro. O caçador, continuamente exposto a todas as intemperies das estações, adquire a faculdade preciosa de ser insensivel ás suas influencias. Seu appetite está sempre apto, sua digestão é sempre activa e completa. O exercicio da caça pareceu a alguns autores um meio efficaz para extinguir as penas de amor. O homem que se entrega a este exercicio fica quasi reduzido ás paixões de um homem isolado; não conhece a ambição, a inveja, a avareza. Os órgãos locomotores, isto é, os musculos, recebem principalmente uma influencia feliz por este exercicio. Entretanto, a caça nem sempre deixa de ter seus inconvenientes. Nem todos os individuos são proprios para resistirem ás intemperies do ar, e um grande numero contrahe molestias chronicas. Algumas maneiras de caçar são principalmente nocivas. Assim, sendo ás vezes o caçador obrigado a atravessar lugares pantanosos, e até a permanecer nelles, é frequentemente affectado de rheumatismos ou de sezões. O que fica immovel, ousando apenas respirar para poder conseguir sua presa, recebe toda a acção de um ar humido ou quente, sem que lhe seja possível subtrahir-se a seus effeitos.

Da *esgrima*. A esgrima é um dos exercicios modernos que mais energicamente obrão sobre os musculos e os outros órgãos. Desenvolve principalmente os musculos dos membros, dá notavel extensão á cavidade thoracica e augmenta a actividade dos pulmões. A esgrima exerce a vista e tem alguma influencia sobre o desenvolvimento da subtileza. Este exercicio não deve ser praticado depois da comida.

O *nadar*. É este exercicio o mais util e o mais agradavel que se póde fazer. Impede as perdas da transpiração e permite um exercicio mui activo, que não

se poderia fazer sem que houvesse essa transpiração. É, por conseguinte, um dos recursos mais preciosos contra a acção destruidora do calor. Mas os bons effeitos deste exercicio não são sómente o resultado da acção que tomão os musculos; procedem tambem da temperatura fria do fluido em que elles se movem. Este genero de exercicio convém principalmente ás crianças debeis e ás que são ameaçadas de rachitismo. Ha uma maneira de nadar em que os braços sahem alternativamente da agua. Esta maneira fortifica muito mais efficaçmente a constituição do que o modo ordinario. Este exercicio não pôde ser feito em todo o tempo e a qualquer hora. Depois das tempestades a agua, contendo grande numero de substancias organicas em decomposição, contrahe as qualidades nocivas dos pantanos. E por isto tem-se observado que o banho tomado nestas circumstancias occasiona frequentemente febres intermittentes. É prudente não se metter na agua antes de estar a digestão inteiramente acabada. Ao meio dia não é boa occasião para nadar; as horas mais convenientes são de manhã antes da primeira comida, ou á tarde antes da ultima.

Um grande numero de jogos gozão das mesmas vantagens que os exercicios activos de que acabamos de fallar. A bola, a pella, o palamallo, o volante, o bilhar, o jogo de corda, etc., são deste numero. Alguns podem ser praticados pelas senhoras, taes como o volante e o bilhar. São quasi os unicos que nossos costumes mui delicados lhes permittem. Dão ao corpo direitura e graça, ao juizo justeza, á vista precisão. Seu uso é geralmente recommendado.

EXERCICIOS PASSIVOS. Nestes exercicios não é a contracção de um ou de muitos musculos que põe em acção os outros orgãos; são abalos imprimidos por uma força estranha, exterior, que determinão os movimentos de todas as visceras. A digestão, que é perturbada pelos exercicios activos, se faz pelo contrario com maior facilidade durante os exercicios passivos; entretanto, ha pessoas que não podem, sem

incommõdo, andar de sege depois do jantar. De todas as func̃ões organicas, a que sente a maior influencia dos exercicios passivos é a exalação gordurosa, e geralmente a nutrição de todas as visceras. Assim, observa-se que as pessoas que andão habitualmente de sege são dotadas de extrema gordura. Passemos em revista os exercicios passivos mais importantes.

Passeios de sege. Este exercicio é tonico e pouco excitante, assim como o maior dos exercicios passivos, dos quaes este deve ser considerado como o prototypo. Convém, por conseguinte, ás pessoas fracas que não podem supportar um exercicio activo; aos convalescentes, ás mulheres, aos velhos, ás crianças, ás pessoas cuja constituição é caracterizada pela fraqueza dos diversos apparatus; mas será util que se dêem aos exercicios activos logo que as suas forças o permitirem.

Da navegação. A navegação, considerada como movimento imprimido, não tem sobre a economia uma tão grande influencia como o passeio de sege. A navegação não é propria, como o exercicio passivo, para desenvolver, para aperfeiçoar o organismo. A bella constituição que observamos nas pessoas do mar não depende do movimento passivo communicado pelo navio, mas sim do genero de exercicios activos que fazem, exercicios que dirigem sua influencia sobre os braços e o peito, e que são tão vantajosos para desenvolverem uma saúde robusta, grandes forças musculares e bellas fórmas. Se a navegação, considerada independentemente dos exercicios activos que fazem os marinheiros, não tem grande influencia sobre o aperfeiçoamento da constituição no estado de saúde, tem sido gabada como um meio curativo nas diversas affecções cerebraes, monomaniacas, etc. Primeiramente o enjão do mar é um perturbador assaz poderoso em uma affecção mental. Depois vem as impressões que obrão sobre o cerebro, e que são mui fortes meios nas monomanias, quando o doente não tem viajado por mar, e que a sua viagem não

deve ser de longa duração. Tudo então é novo para elle: a agitação das vagas, os gritos dos marinheiros, as evoluções e as manobras que se fazem a bordo, o espectáculo tão grave do mar, são outras tantas impressões novas que transportão o navegante a um novo mundo e fazem diversão á série de idéas fixas de que se occupava. Estes effeitos serão ainda mais pronunciados se a tranquillidade da navegação fôr perturbada por algumas tempestades. As commoções que estas produzem obrigão o monomaniaco o mais profundamente affectado a deixar o objecto que o domina habitualmente, para prestar sua attenção às scenas terriveis que o rodeião.

EXERCICIOS MIXTOS. Estes exercicios participão dos dous precedentes. Compoem-se de abalos dados por uma força exterior e de esforços espontaneos. Devem por esta razão gozar das propriedades de uns e de outros, e ao passo que um ou outro dominar, ser tambem mais ou menos tónicos, mais ou menos excitantes. Estes exercicios podem ser combinados, como os precedentes, de maneira que sirvão de transição de uns para os outros. A esta classe de exercicios pertence principalmente a equitação: vamos-nos occupar della.

Da equitação. O exercicio de cavallo é extremamente salutar quando é feito ao ar puro, sobre as margens de um rio, risonhos outeiros, ou sobre planicies fertéis. O prazer, as distracções que occasiona, o fazem mui proprio para a dissipação dos effeitos das paixões, e serve para dar descanso ao cerebro fatigado por longas meditações; é, por consequencia, um precioso recurso para distrahir os melancolicos e litteratos. A equitação é tambem mui favoravel ás mulheres pallidas, cuja menstruação é irregular ou foi supprimida. Uma hora de pequeno galope todas as tardes, na época das regras, dispõe o sangue a se dirigir para o lado do utero, e ajuda consideravelmente o tratamento geral; se o galope fôr um pouco penoso, póde-se principiar por levar o cavallo a passo. Os effeitos deste exercicio são

mui sensíveis na debilidade geral; a disposição escrophulosa é sobretudo extremamente modificada; pôde-se dizer o mesmo da tísica no seu principio; é preciso entretanto que se não ande a cavallo se sobrevierem escarros de sangue. É necessario tambem abster-se da equitação nos casos de quebraduras que não podem ser facilmente contidas, nas aneurismas, nas affecções dos órgãos genito-urinarios, e em geral nas em que dôres mais ou menos vivas se manifestão; é, pelo contrario, mui recommendada como tonico nas convalescenças das febres graves e de todas as molestias prolongadas que tem enfraquecido o organismo.

Não é indifferente para todos os individuos o exercicio da equitação a todas as horas do dia, nem a maneira de levar o cavallo. Pôde-se levar a passo depois de ter-se comido; mas poderia resultar algum inconveniente de levar a trote, principalmente alguns cavallos que tem este andar extremamente fatigante. O trote deve ser preferido quando fôrem precisas commoções consideraveis. O galope causa um movimento mui brando e agradável; pôde-se dizer o mesmo do meio galope, o qual nenhum abalo produz. Pretendêrão os antigos que o uso de andar a cavallo produzia a atrophia das partes da geração, e que fazia os homens improprios para esta importante funcção. Hippocrates diz ter feito esta observação nos Scythas. A maneira por que estes povos andavão a cavallo podia talvez dar lugar a este desagradavel resultado, de que os medicos modernos tem entretanto duvidado; o certo é que não observamos isto nas pessoas que por seu estado são obrigadas a andar a cavallo grande parte de sua vida, como seião os boleeiros e os militares. Ainda mais: tem-se visto que um exercicio moderado dispõe aos prazeres do amor, sem duvida por causa das fricções que as partes da geração experimentão sobre a sella, o que determina o affluxo dos fluidos aos órgãos secretores do esperma. As pessoas que se dão á equitação devem trazer, durante este exer-

cicio, um suspensorio para preservar os testiculos dos choques repetidos sobre a sella.

Os differentes exercicios não sómente são uteis no estado de saúde, senão também mui vantajosos nas differentes molestias, taes como alporcas, rachitismo, escorbuto, oppilação, fraqueza que succede depois das hemorragias repetidas, na convalescença das molestias graves, e em geral em todas as affecções caracterisadas pela inercia e languidez das funcções. Os doentes devem ter cuidado de proporcionar o esforço ás suas forças, evitando toda a fadiga excessiva e observando uma graduação nos exercicios. Aos meninos, aos velhos languidos, ás moças enfraquecidas por uma vida mui sedentaria, e a todos os individuos em alto gráo debilitados, convém a principio os exercicios passivos, como os de sege, balanços; e entre os exercicios activos, as differentes especies de marchas, a equitação; os esforços moderados dos membros superiores, associados ou não aos movimentos dos membros inferiores, como os jogos do volante, da bala, da pella, do bilhar, a esgrima, a acção de remar, os trabalhos de horta; os differentes exercicios gymnasticos, como a sustentação de corpos mais ou menos pesados; a tracção, como a que se exerce sobre as cordas de polés para levantar pesos, a suspensão pelas mãos de um páo horizontal fixo, etc. Quando as forças estão mais desenvolvidas, ajuntão-se a estes exercicios as differentes sortes de carreiras e de saltos, as differentes maneiras de trepar por escadas, por mastros verticaes ou inclinados, lisos ou com cavilhas, por cordas, a suspensão e a subida por duas barras de madeira parallelas, a marcha com as mãos ao longo de uma corda ou de uma barra horizontal, a luta, os esforços para mover ou para atirar corpos pesados, a natação, etc. Varião-se, nestes jogos, as attitudes e os movimentos de maneira que todos os musculos possam ser exercidos. Pelo uso bem dirigido deste meio, as forças augmentão, o appetite renasce, as digestões aperfeiçoão-se, a tez toma cor

e frescura, o sangue se repara; favorece-se o desenvolvimento do peito, e previne-se ás vezes a formação da tísica nos individuos que são dispostos a esta terrivel affecção. A excitação nervosa dos órgãos genitales é combatida com maior vantagem pelos mesmos exercicios gymnasticos, que contribuem poderosamente para fazer desaparecer as polluções, o furor uterino, e para pôr um termo ao vicio tão funesto da masturbação. Esta utilidade da gymnastica fez crer a alguns philanthropos que ella devia entrar no plano de educação da mocidade; e o Ex.^{mo} Sr. Candido José de Araujo Viana, quando ministro do Imperio, fez um verdadeiro serviço creando no Imperial collegio Pedro II, no Rio de Janeiro, um lugar de mestre de gymnastica. Desta maneira, todos os dias uteis, das cinco para as seis horas da tarde, uma das horas de recreio da casa, os alumnos entregão-se, debaixo da direcção de um habil instructor, a differentes exercicios que fortificação poderosamente a sua constituição. (*Veja-se ORTHOPEDIA.*)

EXOSTOSE. Tumor osseo desenvolvido na superficie de um osso. Depende as mais das vezes da affecção syphilitica; mas pôde tambem ser occasionado pelas escrophulas, rachitismo e gota. As exostoses syphiliticas cedem ordinariamente a um tratamento anti-syphilitico interno e ás applicações de um emplasto chamado de *Vigo*. (*Veja-se SYPHILIS.*)

EXPECTORANTES. Dá-se o nome de *expectorantes* a certos medicamentos estimulantes que exercem uma acção especial sobre a membrana mucosa do aparelho pulmonar, e favorecem a expulsão das materias contidas nos canaes bronchicos. São os seguintes: polygala amarga, inula campana, poaya em pequena dóse, scilla, hyssopo, hera terrestre, violas, balsamo de tolu, balsamo peruviano, terebenthina, alcatrão, kermes mineral, tartaro emetico.

EXPULSÃO. Esta palavra usa-se ás vezes como synonymo da pollução. (*Veja-se esta ultima palavra.*)

EXTINCCÃO DA VOZ. *Veja-se* Voz.

EXTRACTO. Dá-se o nome de extracto ao producto d'evaporação até a consistencia molle, firme ou secca, de um succo ou de uma solução obtido de uma substancia vegetal ou animal, com um vehiculo tal como a agua, o alcool, o ether, e raramente com o vinho e vinagre. Os extractos molles que se fazem com succos de certos fructos são mais particularmente chamados *arrobes*.

F

FACADA. *Veja-se* FERIDAS.

FALLA (PERDA DA.) *Veja-se* Voz (*Perda da*).

FALTA DE MENSTRUACÃO. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

FALTA DA VOZ. *Veja-se* Voz (*Perda da*) e MUDEZ.

FASTIO. O fastio é um symptoma que se encontra no maior numero das molestias agudas. Tambem tem lugar em algumas molestias chronicas e na gravidez. No estado de saude, a diminuição da fome sobrevém frequentemente aos individuos fracos, e particularmente ás mulheres nervosas e que são uma vida sedentaria. A imaginação exerce poderosa influencia sobre o appetite, pois que os trabalhos de gabinete, as meditações profundas, as occupaões sérias ou agradaveis, as paixões fortes, de qualquer natureza que sejam, diminuem a vontade de comer. As bebidas mornas, relaxantes, o uso habitual do opio, occasionão tambem a perda deste sentimento.

Para fazer desaparecer o fastio, é preciso remover as causas que lhe dérão lugar. Assim, depois do emprego da dieta, que é neste caso rigorosamente indicada, convém suspender os trabalhos de gabi-

nete, quando a falta de appetite procede de meditações profundas; fazer exercicios, ou ao menos declamar e ler em alta voz, quando ella depende de vida sedentaria; dar passeios ao ar livre, usar de banhos frios, entregar-se ao exercicio de nadar; se a falta de appetite é causada por uma paixão, convém buscar os meios de esquecê-la; emfim, tratão-se as molestias de que o fastio é symptoma.

O fastio que existe com amargor da bocca sem febre exige um vomitorio de poaya. Eis-aqui algumas receitas contra o fastio:

Pós estomachicos. Rhuibarbo em pó 2 oitavas; canella 1 oitava; assucar $1/2$ oitava. Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, em meia chicara de agua fria, uma hora antes de jantar.

Outros pós estomachicos. Rhuibarbo em pó 1 oitava; aloes $1/2$ oitava. Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, da mesma maneira que os pós precedentes.

Misturatonica. Tintura de aloes $1/2$ onça; alcoolato de hortelã $1/2$ onça. Misture. Toma-se uma colher de chá, em meia chicara d'agua fria com assucar, uma vez por dia, uma hora antes de jantar.

FEBRE. Esta palavra exprime a acceleração das pancadas do pulso e o augmento da temperatura natural do corpo, provocados sympathicamente pela irritação de algum órgão. Esta irritação é umas vezes apreciavel a nossos sentidos, verbi gratia; uma larga queimadura, uma erupção cutanea, uma ferida, uma fractura, &c.; outras vezes revela-se por certos signaes que annuncião que tal ou tal órgão sente perturbação em suas funcções: isto acontece na inflammação do peito, do cerebro e dos outros órgãos internos; outras vezes, emfim, não existe perturbação particular nas funcções de algum órgão especial, mas todos são affectados, e os movimentos do coração são accelerados neste caso como nos dous precedentes. O sangue mesmo pôde-se achar em taes condições que os tecidos em que se derama experimentem, pelo unico facto de seu contacto, uma mudança mais ou menos rapida no seu modo de vitalidade; a febre pôde ser tambem, por consequente, o resultado de certas condições em que se acha o sangue. Vê-se pois, quantas causas diversas podem dar lugar a este phenomeno. A febre em geral, é quasi constantemente precedida de um estado de ancia e de diminuição das forças. Muitas vezes existem dores de cabeça e nos membros. O appetite cessa; ás vezes nauseas e vomitos se fazem sentir; as mais das vezes existe sêde; a lingua é mais ou menos carregada, a pelle quente, o rosto animado, o pulso accelerado. Observão se tambem frequentemente agitação e insomnia. Emquanto a febre persistir, é signal de que a desordem organica, que é o seu ponto de partida, ainda não cessou. Se augmenta, prova que a lesão organica,

que é a sua causa, augmenta de intensidade, e por isso mesmo annuncia grande crescimento da molestia; se diminui gradualmente, deve-se concluir que a causa morbida cessa de obrar.

Conforme a terminação favoravel ou desfavoravel que promette a molestia, os phenomenos da febre serão differentes. Em geral, no primeiro caso, observão-se os phenomenos seguintes: a agitação, a insomnia, a sede, o calor, diminuem; o pulso perde sua frequencia e sua força, as funcções digestivas até então suspensas, principião a restabelecer-se, e logo entra tudo em sua ordem. No segundo caso, isto é, se a terminação deve ser desfavoravel, os phenomenos febris seguem uma marcha diversa. O pulso accelera-se cada vez mais, e á proporção que se accelera perde a força; a fraqueza do doente augmenta, o somno é agitado, frequentemente interrompido, a intelligencia diminui ou se perverte, os sentidos se perdem. Observão-se então convulsões, vomitos, a excreção involuntaria ou a retenção das urinas e dejecções alvinas. Emfim, o calor diminui, o pulso torna-se rapido e tão fraco que apenas se sente; o doente succumbe.

As febres apresentão grandes differenças relativamente á sua natureza, marcha e terminação. Uma se manifestão de uma maneira continua, entretanto que outras, depois de se terem declarado cessão, tornão a apparecer por vezes, de tal sorte que suas alternativas de reaparecimento e regresso executão-se em tempos regulares ou pouco mais ou menos regulares; daqui vem a divisão das febres *continuas* e febres *intermittentes*.

§ 1.^o *Febres continuas*. 1.^a FEBRE ADYNAMICA. Alguns medicos empregão ainda esta palavra para designar um estado febril acompanhado de debilidade extrema, pulso mui fraco e frequente, secura da bocca, ás vezes delirio. Este estado se observa no periodo adiantado da febre cerebral e da inflammação do estomago. O tratamento se compõe de alcanfor, quina, assafetida e outros medicamentos tonicos e antispasmodicos. Neste periodo da molestia applicão-se tambem causticos nas pernas.

2.^a FEBRE AMARELLA. Esta molestia é particular a certos paizes quentes; reina nas Antilhas, Nova Orleans, e em algumas outras regiões intertropicaes. É caracterizada pela côr amarella da pelle e pelos vomitos pretos, e por causa destes symptomas principaes designa-se pelo nome de *febre amarella* ou de *vomito preto*. A febre amarella não era conhecida no Rio de Janeiro até 30 de Dezembro de 1849, dia em que pela primeira vez fez irrupção nesta grande cidade, havendo apparecido na Bahia dous mezes antes. É verdade que já tinha grassado em Pernambuco no anno de 1684; mas esta data antiga estava riscada da memoria, e nós os medicos duvidavamos

tanto do apparecimento da febre amarella no Brasil, que, quando esta molestia se declarou no anno de 1849, designavamo-la ao principio com os nomes de *febre grave*, *febre com symptomas cerebraes*, *febre typhoide*, *febre reinante*, etc., e só alguns dias depois da existencia da epidemia fomos obrigados a confessar que era a febre amarella. Esta recente epidemia mostrou-se, como já dissemos, primeiro na Bahia no mez de Outubro de 1849, no Rio de Janeiro no fim de Dezembro do mesmo anno, em Pernambuco e no Pará no fim de Janeiro de 1850. Invadio tambem as provincias da Parahyba, Sergipe e Alagoas, e na provincia de S. Paulo a cidade de Santos.

O theatro habitual da febre amarella erão até agora as Antilhas e a Nova Orleans. Esta molestia era sempre rara na America Meridional. Na Europa mostrou-se nas costas da Hespanha, da Italia, e talvez em Rochefort em França. Em 1821, reinou em Barcelona; em 1828 e em 1832, em Gibraltar. Na Africa, só foi encontrada na costa do Senegal e em Serra Leôa. O Dr. Moreau de Jonnes contou, desde os ultimos annos do XV seculo até ao anno de 1819, 274 epidemias de febre amarella, divididas da maneira seguinte: 227 na America, 4 na Africa e 43 na Europa. As 227 epidemias da America se repartem mui desigualmente: 146 são para as Antilhas, 92 para a America Septentrional, e só 19 para a America Meridional. A latitude boreal mais elevada em que foi vista é de 36 grãos em Quebec, no Canadá.

No Rio de Janeiro pôde-se dizer que a epidemia durou desde o 1.º de Janeiro de 1850, até ao fim de Agosto do mesmo anno. Sua maior força foi no mez de Março. Declarou-se primeiro a bordo da barca *Navarre*, procedente da Bahia, e nos navios que se achavão mais approximados desta barca; depois invadio quasi toda a cidade, havendo casões em que forão accommettidos quasi todos os individuos: em geral, foi benigna e debellada em 3 ou 4 dias pelos

sudoríficos e evacuanes. A cidade do Rio de Janeiro contém cerca de 250,000 habitantes : pôde-se dizer sem exaggeração que o numero das pessoas atacadas da epidemia nos primeiros oito mezes do anno de 1850 excedeu de 100,000, e a mortalidade não passou de 3,827, o que equivale a menos de 4 por cento dos doentes, quando é certo que ha paizes em que este flagello tem ceifado 40 e mais por cento.

Nos pretos a molestia apresentou geralmente pouca gravidade, e na minha clinica não vi nenhum preto morrer de febre amarella, como tambem não vi a molestia chegar até o vomito preto nesta raça. A molestia acommettia gravemente sobretudo os estrangeiros não aclimados: houve proporcionalmente poucas mortes entre os nacionaes residentes constantemente no Rio de Janeiro (*).

Causas da febre amarella. Em todos os lugares em que reina a febre amarella, mostra-se quasi sempre no litoral, e não penetra no interior do paiz, nem se manifesta nos lugares elevados vizinhos do mar. Quaes são por conseguinte as causas que favorecem o seu desenvolvimento? Tem-se accusado o calor: é verdade que a febre amarella habita nas regiões inter-tropicæ, mas, como temos visto, não se mostra nellas em toda a parte: as Indias Orientaes, a Arabia, a costa oriental d'Africa, são isentas della. São miasmas pantanosos? Parece que em muitos casos

(*) Segundo os documentos officiaes morriêrão no Rio de Janeiro desde o 1.º de Janeiro de 1850 até 30 de Agosto do mesmo anno, de febre amarella 3,827 individuos, de outras molestias 4,993, ao todo 8,820 pessoas livres e escravos.

A mortalidade destes oito mezes do anno de 1850, comparada com a do anno precedente, dá o seguinte resultado:

Em todo o anno de 1849, em que não houve epidemia alguma no Rio de Janeiro, morriêrão ao todo 7,905 pessoas, o que dá para os oito mezes 5,270 obitos, pouco mais ou menos.

Resulta desta comparação que nos primeiros oito mezes do anno de 1850, morriêrão 3,550 pessoas mais do que nos oito mezes do anno de 1849, em que a mortalidade foi regular.

ocasionão a febre amarella, mas nem sempre. A molestia se desenvolve ás vezes em lugares em que não ha pantanos, e reciprocamente respeita as regiões pantanosas. Digamos entretanto que a proximidade do mar deve ter aqui uma acção bem real, que a febre amarella se desenvolve sobre tudo nas cidades maritimas em que ha pouco aceio; mas escapão-nos muitas circumstancias da formação desta molestia. — Apresenta-se aqui uma questão: *se a febre amarella é contagiosa?* Um grande numero de medicos julgão que a febre amarella só nasce de causas locaes, que a influencia destas causas não é susceptivel de ser transmitida além do foco mesmo, e que por conseguinte o que a ella dá lugar é rigorosamente o que se chama *infectão*. Quando a epidemia devasta uma cidade do litoral, não se estende ao interior da terra, bem que as communições não sejam interrompidas, bem que os individuos doentes saíão do foco de infectão, para irem morrer nas localidades salubres. Assim, o contagio tal como se entende não tem lugar para a febre amarella, como teria lugar, *verbi gratia*, para as bexigas, molestia eminentemente contagiosa. Se no seio do foco a febre amarella pareceu ser contagiosa, isto depende de ser difficil isolar a acção de infectão da acção de contagio. Seria entretanto temerario affirmar que nunca a febre amarella se communica de um a outro individuo. Ha pessoas tão predispostas, que nellas pode pegar a molestia desta maneira; mas póde-se dizer com toda a confiança que não é este o modo de desenvolvimento ordinario da febre amarella, e que ella tem sua origem em causas miasmaticas geraes.

Symptomas. A febre amarella apresenta dous periodos bem distinctos:

Primeiro periodo. No meio da mais perfeita saúde sobrevem de repente uma dôr de cabeça com alguns calafrios e abatimento geral, como no incommodo designado geralmente pelo nome de *constipação*; logo o calor e mais tarde o suor succedem ao ea-

láfrio; a lingua torna-se branca; ha falta de somno; o pulso é forte e frequente; sobrem dôres no estomago ou nas cadeiras, côxas, pernas, braços e por cima dos olhos; a sêde ás vezes é pouca, outras vezes intensa; a fraqueza é grande e a agitação dos membros tão forte, que os doentes não podem ficar socegados na cama e mudão continuamente de posição; ás vezes existem vomitos biliosos, amarellos; outras vezes o doente só tem nauseas. Se a molestia deve sarar (e é isso o que acontecia no Rio de Janeiro, na epidemia de 1850, vinte e quatro vezes sobre vinte e cinco), sobrem um suor geral mui copioso, o pulso volta ao seu estado normal, e o doente se acha melhor no dia seguinte, queixando-se só de dôres de cabeça e de fraqueza no corpo, que desaparece em poucos dias. Mas se a molestia deve fazer progressos, os symptomas tornão-se mais graves, e aqui principia o segundo periodo da molestia.

Segundo periodo. No segundo, terceiro ou quarto dia, a pelle toma uma côr amarella, os vomitos tornão-se sanguinolentos, denegridos, e depois pretos, semelhantes a chocolate, e depondo pós pretos que se parecem com o sedimento de café; as dejeccões alvinas tornão-se tambem pretas; o doente sente grande oppressão no peito e dôres na bocca do estomago; as ourinas diminuem de quantidade, e depois se supprimem completamente; sobrem hemorrhagias pelas gengivas, lingua, nariz, anus; a sêde ordinariamente é pouca; ás vezes ha soluços; o pulso torna-se fraco e pouco frequente; no fim manifesta-se o delirio, e o doente succumbe do quarto ao setimo dia, ás vezes mais tarde. — Em outros casos mais felizes, os vomitos parão, todos os graves symptomas diminuem gradualmente de intensidade, e o doente volta á saúde depois de uma convalescença mui longa e mui custosa.

Tratamento. Logo que a molestia se declara, é preciso provocar a transpiração. Para este fim, deve-se immediatamente recorrer a um suadouro: o doente tomará um escaldapés com farinha de mostarda,

beberá duas ou tres chicaras de chá de sabugueiro ou borrhagem, e envolverá o corpo em cobertas de lãa. Depois de ter suado tres ou quatro horas, tomará duas onças de oleo de ricino, ou meia onça de magnesia calcinada. Ha doentes que se dão bem com um a dous grãos de tartaro emetico tomados n'uma chicara d'agua morna, para provocar os vomitos. Mas nas pessoas em que a molestia principia pelos vomitos, um purgante é mais conveniente do que o vomitorio. Para acalmar a sêde, beberá o doente agua fria, ou limonada de limão. Para mitigar as dôres de cabeça, é preciso applicar na testa pannos molhados n'agua fria misturada com um pouco de vinagre. Este tratamento é sufficiente quando a molestia se limita ao *primeiro periodo*.

O tratamento do *primeiro periodo* é tão simples e tão facil, que muitos doentes, na epidemia que reinou no Rio de Janeiro em 1850, sarárão com um simples suadouro e bebidas refrigerantes: este factio explica as numerosas curas attribuidas á homeopathia, isto é, á medicina que consiste em não fazer nada ao doente, deixando obrar só a natureza; porém, no *segundo periodo* da febre amarella, a homeopathia não foi tão feliz, e sabe-se pelos documentos officiaes que a maior parte dos attestados de obitos de febre amarella forão passados pelos medicos chamados *homeopaths*.

No *segundo periodo*, o tratamento é muito mais complicado. Os medicamentos que mais aproveitão, são: sulfato de quinina, oleo de ricino, sal de nitro, camphora, cozimento de quina, assafetida, agua de louro-cerejo, limonada sulfurica, calomelanos e outros muitos; mas só o facultativo, á vista do estado do doente, póde fazer escolha d'estes medicamentos. Em quanto á sangria, ella se emprega em poucos casos na febre amarella; no maior numero de caso, é preciso abster-se della, porque nesta molestia o doente não tardará a precisar de toda a força que acaba de lhe ser tirada. A applicação de um caustico no peito é, pelo contrario, quasi sempre

vantajosa contra a oppressão do peito que muitos doentes sentem. São também uteis sinapismos applicados nas cadeiras, côxas e pernas.

O gaz chloro possui a propriedade de destruir varios miasmas: este gaz constitue tambem o melhor *preservativo* da febre amarella. Para este fim, as pessoas que habitão nos lugares em que reina a epidemia devem lavar as mãos com dissolução do chlorureto de cal n'agua, ou com agua de Labarraque, e devem espalhar estes liquidos pelos quartos. O desenvolvimento do chloro por meio do processo de Guyton de Morveau, indicado na pag. 33 do II Vol. desta obra, pôde ser applicado com muita vantagem durante a epidemia da febre amarella.

O governo do Brasil decretou nesta occasião uma medida mui salutar, impedindo os enterros dentro do Rio de Janeiro e mais cidades, e estabelecendo cemiterios nos suburbios. Se o governo progredir na carreira dos melhoramentos que encetou, se o asseio da cidade do Rio de Janeiro fôr melhor entretido, se se seccarem os pantanos que a rodeião, podemos esperar que a febre amarella não tornará a voltar aqui. Em 11 de Novembro de 1850, dia em que este artigo vai ao prelo, pôde considerar-se a epidemia como extincta no Rio de Janeiro, visto que já ha dous mezes não apparece caso nenhum de febre amarella.

3.^a FEBRE BILIOSA. Com este nome foi descripta uma molestia designada mais particularmente com o nome de embaraço gastrico. (*Veja-se* EMBARAÇO GASTRICO, Vol. II, pag. 83.)

4.^a FEBRE CELEBRAL. Assim se designa a inflammação do cerebro ou da membrana que o cobre. Esta molestia chama-se tambem *frenesi*, ou *ataque de cabeça*, ou *meningite*. Suas causas são: a insolação forte e prolongada, os excessos de bebidas alcoolicas, o desaparecimento subito de uma hemorragia habitual, a presença de uma erysipela no rosto, a denticção difficil, as quedas ou pancadas sobre a abeça, os estudos mui profundos e prolongados.

Symptomas. Esta molestia é frequentemente precedida de phenomenos precursores, que são: dôr de cabeça mais ou menos viva, abatimento, tendencia à modorra, zunido dos ouvidos, peso de cabeça com embaraço na palavra, ás vezes congestões cerebraes; emfim, a molestia se declara, e eis aqui o que se observa então: dôr viva na cabeça, delirio, modorra, convulsões, ranger dos dentes, desviação da bocca, gritos, paralyisia. Até não é necessario que todos estes symptomas se achem reunidos para caracterisarem a molestia; basta que existão alguns.

A febre cerebral constitue uma molestia mui grave; é muitas vezes funesta.

Tratamento. A sangria do braço é o melhor meio que se deve empregar contra a febre cerebral. Mas é necessario que seja abundante e praticada mui cedo. As bichas atrás das orelhas devem ser empregadas ao mesmo tempo que a sangria. Nas crianças e pessoas fracas não se pôde ás vezes usar da sangria geral; é preciso então limitar-se ás applicações de bichas. Depois destes meios vem immediatamente os sinapismos nos pés e os pannos molhados n'agua fria e vinagre, que se devem applicar continuamente sobre a testa. Os calomelanos administrados internamente na dóse de tres grãos, de duas em duas horas, obrão com grande efficacia: é portanto necessario recorrer a este medicamento. A dieta é indispensavel. Para estancar a sêde convém dar a beber a miudo agua fria ou limonada de limão azedo.

5.^a FEBRE ESCARLATINA. *Vêja-se* ESCARLATINA, Vol. II, pag. 148.

6.^a FEBRE GASTRICA. *Vêja-se* EMBARAÇO GASTRICO, Vol. II, pag. 83.

7.^a FEBRE INFLAMMATORIA. É uma molestia caracterisada por pulso forte e frequente, cansaço geral, dôres nos membros, pelle quente, dôr de cabeça e sêde. É quasi a mesma cousa que a *constipação*; mas os symptomas da febre inflammatoria são um pouco mais desenvolvidos e mais graves do que os de uma simples constipação.

As *causas* da febre inflammatoria são: um excesso de intemperança, um accesso de colera, uma dôr excessiva produzida por uma ferida, uma fractura, a deslocação de um membro, a erupção difficil dos menstros ou sua subita suppressão; ás vezes tambem esta molestia se desenvolve sem ter causa alguma manifesta.

Sua duração é indeterminada; as mais das vezes acaba favoravelmente no terceiro ou quarto dia.

O *tratamento* consiste em provocar a transpiração por meio de um suadouro. Depois é preciso administrar bebidas refrigerantes, como cozimento de cevada frio ou limonada de limão azedo. Um grão de tartaro emetico para provocar os vomitos é muitas vezes util; ás vezes é preciso recorrer á applicação de bichas na nuca, e até á sangria, se a febre continúa.

8.^a FEBRE DE LEITE OU FEBRE LACTEA. Todas as mulheres, ao segundo, terceiro ou quarto dia depois do parto, sobretudo quando não dão de mamar, são sujeitas a uma febre cuja causa depende da excitação produzida pela secreção de leite nos seios: este incommodo chama-se *febre de leite*.

A febre de leite consiste em calor, frequencia do pulso, rubor do rosto e inchação dos seios. Dura ordinariamente vinte e quatro horas e termina por suores abundantes e pelo fluxo de leite.

Se a febre é simples e a mulher dá de mamar, só convém dar-lhe a beber cozimento de cevada frio ou chá de folhas de lorangeira frio.

Mas se a febre é intensa, o que acontece sobretudo ás mulheres que não dão de mamar, é necessario abster-se de comidas, tomar só caldos de gallinha e cozimento de cevada, ao qual se ajuntão 24 grãos de sal de nitro para um quartilho de cozimento. A doente tomará deste cozimento uma chicara de tres em tres horas. No dia seguinte tomará duas onças d'oleo de ricino ou duas onças de sal amargo.

9.^a FEBRE LENTA OU HECTICA. Febre continua que

acompanha o ultimo periodo das molestias graves. Emmagrecimento progressivo , fraqueza geral , secura na bocca , frequencia do pulso , calor na pelle , e no fim diarrhéa , suores frios , taes são os principaes caracteres deste estado.

10.^a FEBRE MALIGNA. Por este nome se designão , ora a inflammação do cerebro , ora a das suas membranas , ora os accidentes nervosos que predominão em certas inflammações do tubo digestivo , e finalmente certas molestias convulsivas , acompanhadas de accidentes graves e muitas vezes subitamente terminadas de uma maneira fatal.

11.^a FEBRE MILIAR. *Veja-se* MILIARIA.

12.^a FEBRE MUCOSA. Esta palavra designa a mesma molestia que a febre typhoide.

13.^a FEBRE NERVOSA. É o synonymo de febre typhoide.

14.^a FEBRE PERNICIOSA. Synonymo de febre typhoide.

15.^a FEBRE POLKA. *Veja-se* POLKA.

16.^a FEBRE PUTRIDA. Dava-se outr'ora este nome a uma molestia cujo symptoma predominante parecia ser uma tendencia á corrupção ou podridão dos humores. Admittirão-a porque no curso desta febre vião-se as forças deprimidas , hemorragias e diarrhéas mais ou menos abundantes , a lingua e os dentes cobertos de uma camada negra , gangrenas sobre differentes partes do corpo , e porque emfim o doente exhalava , sobretudo nos ultimos momentos da molestia , um cheiro desagradavel. Se por ventura declaravão-se convulsões e outros accidentes nervosos , dava-se á febre o nome de *nervosa* ; se a estes symptomas se ajuntavão vomitos biliosos , uma côr amarella dos olhos , dizia-se que o doente tinha uma febre putrida , uma febre nervosa e uma febre biliosa. Accumulavão desta maneira tres febres sobre o mesmo doente , porque , em lugar de estudarem a molestia em seus elementos , limitavão-se a seus symptomas. Está hoje provado que estes diversos phenomenos pertencem á inflammação dos intestinos e do cerebro.

17.ª FEBRE TYPHOIDE. Esta molestia recebeu grande numero de denominações diversas. Chamáráo-lhe *febre mucosa, perniciosa, maligna, nervosa, lenta nervosa, putrida, adynamica, ataxica, dothineritis, &c.*

Symptomas da febre typhoide. A molestia principia por um sentimento de peso na bocca do estomago, pulso forte e frequente, fastio, bocca amarga, lingua coberta de uma camada branca, colicas, fraqueza, dôres nos membros, ourinas espessas. Alguns dias depois, o ventre fica mui quente e mui doloroso, a sêde é extrema, a lingua secca, as gengivas e dentes cobertos de uma camada denegrida; manifestão-se nauseas, vomitos, diarrhéa ou prisão de ventre, cheiro fetido do corpo, dôr de cabeça, delirio, modorra, debilidade extrema, pulso mui fraco e mui frequente.

Emfim, quando a molestia deve ter terminação funesta, todos estes symptomas augmentão de intensidade; a physionomia se decompõe, o doente cessa de responder ás perguntas que se lhe fazem, os olhos ficão constantemente virados para cima, as margens das ventas parecem cobertas de póz cinzentos, a lingua tremula não póde sahir da bocca; os pés esfrião, o pulso fica extremamente fraco e frequente, a respiração torna-se embaraçada, e o doente succumbe.

Mas quando deve voltar a saúde, os symptomas, ainda que sejam graves, diminuem; desaparece a modorra, renasce pouco a pouco a intelligencia, principiando pela mudança no olhar. Mostra-se um somno reparador; acordando responde o doente com facilidade ás perguntas que se lhe fazem. No mesmo tempo volta a possibilidade de executar alguns movimentos; a lingua e a bocca se humedecem, o ventre já não é doloroso á pressão, as ourinas são mais abundantes, a respiração se faz com facilidade, o pulso perde de sua frequencia, a pelle cessa de ser secca e torna-se levemente humida. Logo que estas felizes transformações tem durado alguns dias, póde-se ler sobre o rosto emmagrecido do

doente o contentamento de estar restituído á vida.

Na convalescença os pés inchão; mas este symptoma desaparece á medida que os convalescentes vão adquirindo forças. A quéda do cabello é outro phenomeno bastante frequente; mas de ordinario renasce o cabello depois de certo espaço de tempo.

Tratamento de febre typhoide. O tratamento desta molestia é mui complicado e não póde ser bem descripto n'uma obra de medicina popular. Sangria ou bichas no principio, purgantes e vomitorios ao depois. Os phenomenos nervosos são acalmados pelo opio, camphora, assafetida e outros medicamentos antispasmodicos; as dôres do ventre pelos clysteres, cataplasmas de linhaça e banhos de assento mornos. Para recobrar as forças abatidas usão-se as preparações de quina e outros medicamentos tonicos. Os calomelanos são tambem de grande utilidade; emfim, os sinapismos e causticos nas pernas. A agua fria e as limonadas de limão devem ser sempre permittidas ao doente para acalmar a sêde.

18.ª FEBRE URTICARIA. *Vêja-se* URTICARIA.

§ II. FEBRES INTERMITTENTES, SEZÕES OU MALEITAS. As febres intermittentes simples são affecções inteiramente distinctas das febres continuas, e não tem com ellas outra semelhança senão o nome. As febres continuas, como já dissemos, procedem da affecção de um orgão; nas febres intermittentes, porém, os orgãos estão sãos e a molestia parece depender da modificação particular do systema nervoso. Portanto, as febres intermittentes distinguem-se das contínuas não só pela sua natureza, como tambem pelas suas causas, por sua marcha e seu tratamento.

O que indica o adjectivo *intermittente*, na febre deste nome, é que ella apparece e desaparece successivamente, por intervallos mais ou menos longos, durante os quaes não existe vestigio algum de movimento febril. Todo o accesso de febre intermittente se compõe em geral de tres periodos, a saber: frio, calor e suor. *Primeiro periodo.* Os symptomas que o caracterisào são os seguintes: bocejos, calafrios,

tremor, pelle fria, pulso pequeno, frequente; pallidez geral, com lividez dos beiços e das unhas. A duração média do calafrio é de meia a uma hora. Às vezes se prolonga por cinco ou seis horas. *Segundo periodo.* Pouco a pouco cessa o tremor; então desenvolve-se o sentimento de calor; a pelle fica quente, o rosto córado, os olhos luzidios, o pulso frequente e a sêde excessiva. Este periodo, assim como o primeiro, é sujeito a grandes variações na intensidade de seus symptomas. Sua duração pôde ser de muitas horas ou sómente de um quarto de hora. *Terceiro periodo.* A pelle, que estava até então secca, principia a cobrir-se de um suor mais ou menos abundante; os symptomas da febre diminuem gradualmente, e depois do suor o doente não experimenta senão um abatimento que se dissipa pouco a pouco, e logo tudo entra em sua ordem natural. Os accessos não se compoem sempre dos tres periodos que acabamos de descrever; ás vezes o calafrio é nullo ou quasi nullo; o suor pôde faltar, e isto não deixa de constituir um accesso; emfim, ás vezes a ordem dos periodos pôde ser invertida. Quando o accesso repete todos os dias á mesma hora, chama-se a febre *quotidiana*; se de dous em dous dias, *terçãa*; se de tres em tres dias, *quartãa*. Se a febre vem duas vezes em vinte e quatro horas, chama-se *quotidiana dobre*. Estes typos são os mais frequentes; ha ainda outros, mas são mui raros.

Causas. Está geralmente admittido que o maior numero das febres intermittentes são produzidas por exhalações pantanosas; e a prova é que os paizes em que estas febres reinão epidemicamente são rodeados de pantanos. As emanações lodosas obrão com maior energia de tarde e de noite do que no decurso do dia; tem ainda maior influencia sobre os individuos estranhos ao paiz do que sobre os indigenas. Além destas causas tão poderosas, tão geraes, existem outras, pois que as febres intermittentes se observão em lugares onde não se pôde accusar a este respeito a influencia das aguas estagnadas; mas estas causas são mais

diffíceis de apreciar. Só diremos que o frio humido e prolongado, a habitação nos lugares baixos e mal alumiaados, predispoem a estas molestias.

Tratamento. Quando principia o periodo do frio, é preciso pôr o doente em uma cama, cobri-lo bem e dar-lhe uma chicara de chá da India ou de folhas de lorangeira, quente. Applicão-se pannos quentes ou garrafas cheias d'agua quente nos pés; em uma palavra, busca-se aquentar o doente o mais promptamente possivel. Quando chega o calor, tirão-se os cobertores; dá-se ao doente, se tem sêde, alguma bebida acidulada, agua fria mesmo, que satisfaz melhor o doente e é mais util do que qualquer outra bebida. Deve-se mudar de camisa depois do periodo de suor; ás vezes, quando este suor é mui abundante, convém renovar a roupa durante o suor, o que se pôde fazer sem perigo, comtanto que se tomem as precauções convenientes.

Quando a febre tem passado, recorre-se a certos medicamentos que tem a propriedade de prevenir a volta de novos accessos. O sulfato de quinina é de todos estes medicamentos o melhor e o mais certo que se pôde empregar. A dóse de sulfato varia, conforme a idade e a força do individuo, desde 8 até 16 grãos por dia, que se dividem em tres ou quatro dóses e se dão em intervallos iguaes, tendo o cuidado de dar a ultima dóse uma hora antes do tempo em que o accesso deve apparecer. A melhor maneira de dar o sulfato é em agua com assucar, mel, xarope, ou envolvido em obrêa molhada ou alguma fruta, como, por exemplo, a banana assada. Se houver vomitos e não fôr possivel toma-lo pela bocca, administrar-se-ha em fricções 10 a 15 grãos em duas colheres d'agua, á qual se ajuntão algumas gottas de sumo de limão ou de vinagre. Fazem-se tres fricções por dia sobre as costas e na parte interna dos braços. O sulfato de quinina pôde dar-se tambem em clysteres. Atalhada a febre, convém continuar ainda por alguns dias com o uso do sulfato em pequenas dóses. Se a quantidade do sulfato que se

administra não previne o accesso, ou ao menos não lhe modera a violencia, é preciso augmentar a dóse, dobra-la, em geral, durante a intermissão seguinte. Quanto ao regimen, este differirá pouco do do estado de saude, se a molestia fôr benigna; entretanto, a prudencia exige que se diminua sensivelmente a quantidade ordinaria dos alimentos, e que sejam estes escolhidos entre os que o estomago supporta melhor.

Um grande numero de outros medicamentos se empregão contra as febres intermittentes na falta de sulfato de quinina; citaremos os seguintes: Casca de *páo pereira*, indigena do Brasil, que se administra internamente em decocção, preparada com meia onça de casca e meio quartilho d'agua. Esta dóse é para um dia. *Café não torrado*. Administra-se tambem em decocção, que se prepara com uma onça de café e 18 onças d'agua, reduzidas pela cocção a 12 onças. Dá-se uma chicara de duas em duas horas. Em alguns casos a *poção dita de Peysson* produz bons resultados. Eis aqui a fórmula desta poção: Tartaro stibiado 1 grão, agua 8 onças, gomma alcatira 24 grãos, xarope de diacodio 1 onça, agua de flôr de laranja 2 oitavas. Esta poção toma-se por colheres de sopa de meia em meia hora. Os cozimentos amargos, taes como a infusão de chicoria, a decocção de gengiana, são tambem ás vezes empregados. Mas todos estes meios não valem o sulfato de quinina ou a decocção da quina, que se prepara com uma onça de casca de quina e duas libras d'agua. Porém este mesmo remedio, ainda que mui poderoso, nem sempre cura; e tem-se visto febres que resistirão a elle cederem ás vezes a meios estranhos e a remedios caseiros. Muitas vezes um grande susto, uma emoção forte, uma quêda grave, tem posto fim a febres que nada podia curar. Em alguns casos rebeldes é necessario mudar de habitação.

Das febres intermittentes perniciosas. Chamão-se perniciosas aquellas febres intermittentes cujos symptomas são tão graves e cuja marcha é tão violenta, que acabão frequentemente pela morte no curso de

alguns accessos. Nestas febres ha sempre um ou muitos orgãos que se achão atacados, taes como o estomago, o coração, o cerebro, etc., e do lado dos quaes manifestão-se dôres atrozes. As vezes o doente, durante o accesso, experimenta vomitos, desmaios com fraqueza extrema do pulso, decomposição profunda do rosto. A morte, se o doente não recebe os soccorros da arte, sobrevem ordinariamente ao segundo ou terceiro accesso. Quando o cerebro está affectado, existem convulsões, delirio e outros symptomas nervosos. O tratamento da febre perniciosa durante o periodo de frio é o mesmo que o da febre intermittente simples: é preciso sómente obrar com maior energia e rapidez, para aquecer o corpo. Durante o periodo de calor, se se manifesta dôr no ventre, na cabeça ou no peito, é necessario applicar bichas sobre este ponto, e até recorrer á sangria do braço. Logo depois do accesso, deve-se com toda a pressa administrar o sulfato de quinina na dôse de 20 grãos de uma vez, e repetir duas vezes ainda o mesmo medicamento, mas em menor dôse, isto é, 10 a 15 grãos, afim de prevenir o novo accesso ou diminuir-lhe a força.

FEBRIFUGOS. Chamão-se *febrifugos* e *antiperiodicos* aquelles medicamentos que exercem uma acção especifica contra as febres intermittentes e outras affecções que tem o character de voltar em certos periodos de tempo, taes como enxaquecas, nevralgias faciaes e outras molestias nervosas. Estes medicamentos são: sulfato de quinina, casca de quina, casca de páo pereira, subcarbonato de ferro, café e losna.

FEDEGOSO. (*Cassia occidentalis*, Linneo; e outras especies.) Arbusto do Brasil; tem folhas pinnatas, oppostas, ovaes, agudas, de cheiro desagradavel, sabor amargo; flôr bella, amarella: o fructo é uma vagem comprida, contendo grande numero de grãos cordiformes; raiz grossa, composta de duas partes, isto é, da parte média, dura e amarellada, e da parte cortical, mais molle, de côr amarella alaranjada, coberta de uma epiderme roxa; cheiro

forte e desagradavel, quando fresca; sabor amargo.

A casca da raiz de fedegoso é empregada na medicina do Rio de Janeiro como diuretico e tonico; é util na hydropisia. O cozimento prepara-se com 1 oitava de casca e 8 onças d'agua; esta dóse é para um dia.

FEDOR DO HALITO. *Vêja-se* MAU HALITO.

FEIJÃO. (*Faseolus*, Linneo.) Ha poucas substancias alimentarias tão geralmente usadas e com maior proveito. As especies de feijão são mui numerosas; as mais usuas no Brasil são o feijão preto, branco, vermelho, e outras muitas especies e variedades. Algumas vezes combinão-se estas côres, outras vezes obtem-se certas variedades novas pela cultura. O feijão contém muitos principios nutrientes; convém principalmente aos estomagos robustos, ás pessoas que fazem muito exercicio, e ás crianças.

FENDAS. *Vêja-se* RACHAS.

FERIDAS. Designa-se por este nome a solução de continuidade feita nas partes molles por uma causa que obra mecanicamente. Uma quéda, uma topada e toda a violencia um pouco forte, podem produzir uma ferida. As causas das feridas, bem que numerosas, podem-se reduzir a estes pontos: instrumentos cortantes, furantes e contundentes, esforços consideraveis que rasgão e separão as partes, picadas ou mordeduras de animaes venenosos ou não venenosos; emfim, balas e outros projectis lançados pela polvora.

Os symptomas das feridas são a dôr, a separação das margens da divisão e o escorrimento do sangue produzido pelos orificios dos vasos divididos. Estes symptomas não persistem ordinariamente longo tempo; logo a dôr se acalma e é substituida por um sentimento de calor; o sangue deixa de correr, as margens da ferida inchão-se, tornão-se vermelhas e dolorosas; deixão exsudar um liquido transparente, viscoso e pouco abundante; e se estão em um contacto perfeito, se tem sido cuidadosamente desembaraçadas de todo corpo estranho; emfim, se não forão pisadas pelo instrumento vulnerante, a adhe-

são immediata se opéra rapidamente. Quando ao contrario existe uma perda de substancia que não permite pôr em contacto as margens da ferida, ou quando estas margens forão machucadas pelo instrumento vulnerante, a dôr e a inchação da parte augmenta, a ferida suppura, e a cicatriz, que se forma muito mais tarde do que no caso precedente, é muito mais visivel e disforme. Tal é a marcha regular das feridas; mas um grande numero de accidentes podem desarranja-la, como seião a hemorragia, as dôres excessivas, a inflammação mui viva, a gangrena, as convulsões, o tetano, a podridão de hospital, etc. Todas estas complicações podem imprimir ás feridas uma gravidade que estavão longe de apresentar por si mesmas, e pôr em perigo os dias do doente. Examinemos agora as modificações que occasionão nas feridas os diversos instrumentos que as produzem.

As que são feitas por instrumentos picantes ou furantes, taes como agulhas, estyletes, pregos, curão-se, no maior numero de casos, sem accidente e por adhesão immediata. É preciso, entretanto, exceptuar as em que o instrumento tenha ferido um vaso sanguineo, e as que são seguidas de grande inflammação.

As feridas por instrumentos cortantes são muito mais communs que as precedentes. Leves e de pouca extensão, chamão-se vulgarmente *córtes* e *golpes*; occupão ordinariamente as mãos e o rosto: no primeiro caso, resultão da acção de uma faca, de um canivete; as do rosto são feitas ordinariamente por navalha. Ás vezes os córtes são produzidos por vidro quebrado, e os que procedem desta causa se observão frequentemente nos bebados. Muitos individuos ebrios batem com o punho em vidraças; espantados pelo ruido que resulta da quéda do vidro quebrado, retirão rapidamente a mão, e assim muitas vezes se cortão gravemente. A arma cortante pôde não limitar-se a produzir uma ferida simples, pôde separar em parte ou totalmente a porção de

um membro. Tem-se observado que a fórma do gume exerce grande influencia no effeito produzido. Um instrumento convexo obra muito mais fortemente do que um concavo. Conhecem-se as maravilhas que os Orientaes produzião com suas cimitarras. Hoje, em Argel, a decapitação dos criminosos se faz com o yatagan, e é pasmoso ver-se a facilidade da execução. Em semelhantes casos, são as feridas por incisão as mais bem dispostas para se curarem. Suas superficies podem ordinariamente ser postas em contacto; a inflammação se mantém as mais das vezes em bons limites, e a cicatrização se opéra promptamente.

As feridas que resultão da avulsão violenta de uma parte qualquer, e que se chamão *feridas por arrancamento*, são sempre mui irregulares. Não ha cousa mais horrenda do que o aspecto desta sorte de feridas, e entretanto a experiencia mostra que não offerecem maior perigo que as outras. Os exemplos seguintes podem dar uma idéa deste genero de accidentes.

Um moleiro chamado Samuel Wood tinha em roda do braço uma corda que se prendeu em uma roda de seu moinho; foi levantado do chão, e por uma trave impedido de passar; mas a roda, movida por uma força consideravel, arrancou do tronco o braço e espadoa, e com tal rapidez que o ferido não deu fé deste accidente senão quando vio seu braço gyrar com a roda. Desceu logo do moinho por uma pequena escada e deu alguns passos para ir buscar soccorro; mas então cahio sem sentidos. Um cirurgião que foi chamado, observando que não havia hemorragia, contentou-se com levantar a pelle que estava solta e cobrir com ella a superficie da ferida. Não houve escorrimento de sangue, e ao cabo de dous mezes este homem estava perfectamente curado.

Um menino de dez annos, querendo subir á traqueira de uma carruagem que ia muito depressa, ficou com a perna presa nos raios de uma das rodas,

que lh'a arrancou na articulação do joelho; não correu muito sangue. A arteria pendia na extensão de cinco a seis pollegadas. Em seis semanas a cura foi completa. Seria facil multiplicar aqui exemplos deste genero. Em todos os lugares em que as rodas ou os eixos são movidos por uma grande força, ha occasião de se observar isto frequentemente. O menor descuido, a proeminencia de um vestido que se prende nas rodas é a causa mais ordinaria.

As *feridas contusas* resultão da acção sobre nossas partes de corpos roliços movidos com grande celeridade. Assim, pedras, bengalas, a passagem de uma roda de carruagem, a quèda de um corpo pesado, uma sova de páo, etc., são causas de feridas contusas. Às vezes estas feridas são regulares, suas margens pouco machucadas; porém as mais das vezes são desiguaes, anfractuosas, de uma còr roxa, que provém do derramamento de sangue no meio dos tecidos feridos. A cura das feridas contusas é ordinariamente demorada: estas feridas se inflammão e suppurão com maior abundancia do que as que são feitas por instrumentos cortantes. As feridas *por armas de fogo* pertencem a esta classe; sua superficie é, em geral, secca e negra, quasi nenhum sangue deitão. Muito tempo se julgou que a sequidão e a còr negra das feridas por armas de fogo dependião de uma verdadeira queimadura devida á alta temperatura da bala. Era um engano: estes phenomenos são devidos á pisadura consideravel dos tecidos pelo projectil, que transforma as margens da ferida em verdadeira escarra. Um dos resultados da acção das armas de fogo é a commoção da parte ferida, e ás vezes do corpo todo. Quer o estupor seja local, quer geral, tem a particularidade de tirar ás partes sua sensibilidade em um gráo tal, que se podem praticar sobre ellas as operações mais dolorosas, sem que, por assim dizer, os doentes as sintão. Muitos militares que em batalha tem perdido a perna pela força de uma bala de artilharia asseguarão que, no primeiro momento,

julgarão ter cahido por metterem o pé em um buraco. Todas as feridas contusas, como dissemos, acabão por suppuração; por isso, neste genero de feridas não é possível a reunião immediata, que nunca se deve tentar. Estas feridas escondem frequentemente no seu interior corpos estranhos, porções de vestidos, até corpos vulnerantes, uma porção de bucha, etc. Estes corpos, ficando no trajecto das feridas podem dar lugar a accidentes, como viva inflammação, abscessos, fistulas, etc.; e por isso é mui importante assegurar-se de sua presença e operar-se a sua extracção. Entretanto, estes accidentes não sobrevém sempre, e ha muitos exemplos de pessoas que trazem dentro do corpo grãos de chumbo ou balas, sem que estas substancias estranhas occasionem incommodo algum. Nada é mais singular do que o trajecto seguido ás vezes pelo projectil. É preciso attribui-lo á obliquidade com que vem tocar o corpo e ao encontro das partes osseas. Assim, uma bala que entra pela testa póde sahir por detrás da cabeça sem offender o craneo e o cerebro. Um moço recebeu em duello uma bala debaixo da mama; sahio-lhe por detrás das costas sem ter penetrado no peito. As balas de artilharia tem uma maneira de obrar mui notavel. Quando tocão a pelle obliquamente, não é raro ver-se os membros triturados, os ossos reduzidos a esquirolas, sem que os tegumentos tenham soffrido desorganisação. Outras vezes o coração, os pulmões, o figado, são destruidos sem que as paredes do peito ou do ventre pareção offendidas. Outr'ora attribuia-se este effeito ao *vento da bala*. O ar subitamente impellido pela passagem rapida do projectil era a causa destas desorganisações interiores sem lesão dos tegumentos. Sabe-se hoje que a obliquidade do choque da bala ou o enfraquecimento consideravel da força de impulsão são a causa deste phenomeno.

Devemos dizer algumas palavras das *feridas envenenadas*. Certos animaes são armados, para sua defesa, de dardos, ferrões, dentes, que tem na

base uma vesicula cheia de veneno, e com os quaes fazem feridas mais ou menos perigosas; taes são a abelha, o escorpião, o maribondo, e destes principalmente as duas especies chamadas caboclos e tallhada de cidra; as formigas ruivas, a lacraia e algumas cobras. Outros animaes, taes como o cão, contraem uma molestia chamada *hydrophobia*, transmissivel pela mordedura e rapidamente seguida da morte mais horrorosa. De todos os outros animaes, o unico verdadeiramente perigoso é a cobra. Quanto ás picadas da abelha, da lacraia, do maribondo, etc., os phenomenos morbidos ficão limitados á parte ferida, a uma inflammação local que cede facilmente. Mas se as picadas são numerosas, determinão febre mui intensa; ha exemplos de morte.

Tratamento das feridas. A primeira cousa que se deve fazer é lavar bem a ferida com agua fria, para tirar o sangue coalhado e materias estranhas que se possam achar nella, e depois unir as duas margens uma á outra o mais exactamente possivel. Se o escorrimto sanguineo parar, basta só mantê-las em contacto por meio de um pedaço de encerado inglez ou de uma tira de emplasto adhesivo, o que se chama dar pontos falsos; senão, applicar-se-hão fios sobre a ferida, depois um pequeno chumaço, e exercer-se-ha, por meio de uma atadura, uma pressão moderada, mas de fôrma que possa fazer parar o fluxo do sangue. Deixar-se-hão os fios por doze ou vinte e quatro horas, e se ficarem agglutinados em consequencia do sangue de que estão embebidos, tirar-se-hão com cautela, para que se não abra a cicatriz formada. Quando o sangue tiver parado, é preciso então reunir a ferida com encerado inglez ou emplasto adhesivo. Muitas pessoas poem sobre os côrtes salsa ou outra planta machucada. Se este meio é inutil, porque a salsa não tem propriedade alguma de cicatrizar as feridas, comquanto lhes não seja prejudicial, não acontece assim com a agua salgada, que é um remedio vulgar para todas as feridas, qualquer que seja a sua natureza; porque, além das dôres

vivas que causa esta substancia, determina frequentemente uma irritação viva da ferida, e a suppuração é a consequencia do seu emprego; convém, por conseguinte, renunciar á agua salgada. O balsamo de copaíba e aguardente alcanforada, que muitas pessoas empregão no curativo das feridas, tem o mesmo inconveniente que a agua salgada, inflammão a ferida, augmentão a dôr; devem por conseguinte ser rejeitados. É necessario tambem desprezar os balsamos e unguentos mais ou menos irritantes de que se faz frequentemente um tão absurdo uso na medicina popular.

Se as partes forão desorganizadas pelo agente vulnerante, como acontece nas feridas contusas, ou se foi produzida uma perda mui extensa de substancia, não se pôde fazer a reunião immediata, e a suppuração é inevitavel. Applicão-se então sobre a ferida fios untados de ceroto simples ou de azeite doce; quatro dias depois renova-se o aparelho, e os curativos seguintes fazem-se em geral todos os dias. Estes meios simples são sufficientes nos casos ordinarios, e devem ser continuados até ao fim da cura. Mas se as margens da ferida tornão-se dolorosas e mui vermelhas, é preciso cobri-las por alguns dias com cataplasmas de farinha de linhaça. Quando as carnosidades crescem com excesso e fazem proeminencia sobre a superficie da ferida, é preciso reprimi-las polvilhando-as com pedra hume calcinada ou tocando-as com pedra infernal. *Nas picadas das abelhas* é necessario fazer lavatorios com agua fria, e se não se impede por este meio uma inflammacão, combate-se pelas cataplasmas emollientes e banhos d'agua morna. As picadas do maribondo, da lacraia e de outros animaes cujo veneno é mais energico do que o das abelhas, devem ser cauterisadas com uma gotta de alcali-volatil. As mordeduras das cobras venenosas e dos animaes damnados exigem uma cauterisação energica e rapida com oleo de vitriolo ou com nitrato acido de mercurio.

Emquanto ás feridas que são acompanhadas de

uma *grande hemorragia*, estas reclamão imperiosamente a presença de um medico. Antes da sua chegada, é preciso applicar sobre a ferida pannos de linho ou de algodão ou fios molhados n'agua fria, e por cima destes pannos fazer uma forte compressão na ferida com uma atadura ou um cadarço, que deve dar muitas voltas em roda do membro, no lugar correspondente á ferida. Se isto não fôr bastante para estancar a hemorragia, cumpre passar em roda do membro ferido um lenço, e dar dous nós no lugar da ferida; depois introduzir um páo ou uma chave entre os dous nós e torcer o lenço para comprimir desta maneira a ferida. O doente ha de se conservar no repouso mais completo. É quasi superfluo dizer que, emquanto se procurão todos os objectos necessarios para este curativo, é necessario applicar um ou dous dedos sobre o lugar donde sahe o sangue.

Nas feridas produzidas por balas de espingarda e por outras *armas de fogo* é preciso : 1.º, vedar o escorrimento sanguineo, se ha; 2.º, extrahir as balas e outros corpos estranhos, se existem. Feito isto, o *curativo* é mui simples. Cobre-se a ferida com um panno de linho ou de algodão untado de ceroto ou azeite doce; por cima do panno applicão-se fios secos, e por cima destes uma atadura. De quarto em quarto ou de meia em meia hora, molha-se todo este apparelho com uma esponja embebida n'agua fria. A experiencia tem mostrado que estas irrigações frias e continuadas por um, dous ou tres dias, constituem o melhor meio para diminuir a inflammação que não tarda em desenvolver-se em todas as feridas de armas de fogo. A ferida deve ser visitada, lavada todos os dias com agua fria e curada com ceroto. Quando a parte ferida ficar mui vermelha e dolorosa, é mister substituir os curativos com ceroto pelas cataplasmas de farinha de linhaça; e quando esta inflammação diminuir, deve-se voltar de novo aos curativos com fios e ceroto; mas não é necessario tornar a empregar irrigações d'agua fria, que ser-

vem só nos primeiros dias, mais tarde é preciso lavar a ferida com agua morna.

Em todas as especies de feridas graves o doente deve observar alguma dieta, não comer ao principio senão gallinha, beber agua de arroz ou cozimento de cevada, e ficar em repouso.

Depois destas generalidades, examinemos as feridas nas differentes partes do corpo, e digamos o que ellas apresentão de particular.

FERIDAS DAS ARTERIAS. *Veja-se o artigo ARTERIA.*

FERIDAS DO INTERIOR DA BOCCA. *Veja-se APHTAS e BOCCA.*

FERIDAS DA CABEÇA. As feridas da cabeça apresentão alguma gravidade, por causa da vizinhança do cerebro. As que são feitas por instrumentos cortantes, como facas, canivetes, são ás vezes acompanhadas de uma forte hemorragia. As que são feitas por corpos contundentes, como bengalas, achas de lenha, são complicadas de commoção do cerebro. Uma commoção leve occasiona no mesmo instante algumas vertigens, escurecimento da vista, tremor dos membros. Mais forte, a commoção produz perda de sentidos incompleta ou completa, privação da vista, e o doente cabe no chão. A commoção *extrema* do cerebro produz a morte instantaneamente, ou ao cabo de algumas horas.

Emfim, as feridas da cabeça podem ser seguidas de inflamação do cerebro, cujos principaes symptomas são: dôr de cabeça, diminuição da intelligencia, da vista, da falla, da faculdade de ouvir, mordorra, paralyisia dos membros, febre.

Tratamento das feridas da cabeça. Quando a ferida é simples, cumpre lava-la com agua fria, e, depois de ter rapado os cabellos, reunir as margens da ferida por meio de pontos falsos dados com tiras de emplasto adhesivo.

Se a ferida é acompanhada de grande hemorragia, é preciso estancar o sangue por meio de compressão com fios seccos, tira-los no dia seguinte, lavar a ferida e cura-la com pontos falsos.

As feridas feitas por bengalas e outros corpos contundentes devem ser curadas da maneira seguinte: rapar os cabellos em roda da ferida, lava-la com agua fria, reunir as margens com pontos falsos applicados com certos intervallos para deixar correr o pus, por cima dos pontos pôr fios, e emfim por cima dos fios um panno de linho ou de algodão molhado n'agua fria, que deve ser renovado de meia em meia hora, ou ainda mais frequentemente. Este curativo deve ser renovado todos os dias. Mas se as margens da ferida ficarem vermelhas e inchadas, é mister substituir estes curativos por cataplasmas de linhaça, e quando a inflammação da ferida ficar menor, usar só de fios untados de ceroto.

Na commoção do cerebro é preciso dar a cheirar ao doente vinagre, agua de Colonia, ether ou alcali-volatil; applicar sinapismos aos pés. Se o doente não tornar a si, deve-se praticar uma sangria no braço.

A sangria é tambem o melhor meio para prevenir e para combater a inflammação do cerebro. Direi o mesmo da applicação na cabeça de pannos molhados n'agua fria. Estes dous meios devem ser empregados em todas as feridas graves da cabeça.

FERIDAS DO CORAÇÃO. É uma opinião quasi geral que as feridas do coração são necessaria e instantaneamente mortaes. Entretanto, existem factos que provão que ellas podem sarar. Plater cita o caso de um porco, no coração do qual se achou um pedaço de pão. Muitas vezes se tem encontrado no coração de animaes mortos na caça cicatrizes antigas ou balas que existião neste orgão desde muito tempo. O Dr. Latour falla de um soldado que foi ferido no coração com uma bala de espingarda; ficou bom desta ferida, e só d'ahi a seis annos é que morreu de outra molestia. Fez-se a autopsia e achou-se a bala no coração mesmo.

Entretanto, no maior numero de casos as feridas do coração são seguidas de morte instantanea ou mais ou menos demorada.

Symptomas das feridas do coração. Além das sup-

posições que se podem tirar da situação, da direcção da ferida e da profundidade a que penetrou o instrumento vulnerante, o ferido apresenta os signaes seguintes: difficuldade de respirar, desmaios, dôr no peito, pallidez do rosto e suores frios do corpo.

Tratamento. Fechar a ferida exterior com um pedaço de emplasto adhesivo e com pannos; sangrar depois o doente, e recommendar-lhe silencio e repouso o mais completo.

FERIDAS DOS INTESTINOS. Quando uma faca ou algum outro instrumento penetra no interior do ventre, ordinariamente o intestino acha-se ferido. Quando a ferida é feita por um estylete ou algum outro instrumento furante, nem sempre é grave. Quando é pequena, não ha effusão das materias contidas no interior do intestino, e os doentes sarão. Uma espada pôde atravessar o intestino e produzir simplesmente evacuações alvinas sanguinolentas. Mas se a ferida é extensa, se é produzida principalmente por uma bala de espingarda, o accidente é então muito mais grave, e muitas vezes mortal.

Symptomas. É mui difficil conhecer se o instrumento que penetrou no ventre ferio ou não o intestino. Se o intestino ferido sahio para fóra, a ferida é visivel. Se ficou dentro, e se pela ferida externa sahem materias intestinaes, não ha duvida de que o intestino esteja furado. Mas se o intestino furado ficou dentro, e se a ferida exterior do ventre não deixa sahir materias fecaes, conhece-se o accidente só pelas colicas, materias sanguinolentas que sahem pelo anus, vomitos sanguineos, ancias do doente e elevação do ventre.

Tratamento das feridas dos intestinos. Em todas as feridas dos intestinos, a primeira cousa de que convém occupar-se é prevenir a inflammação dos intestinos com bichas e pannos molhados n'agua fria, que devem ser applicados sobre o ventre. É preciso dar o menos possível de beber ao doente.

Se o intestino ferido ficou dentro da cavidade do ventre.
A maior parte dos cirurgiões aconselhão que se deixe

a cura á natureza. A compressão dos orgãos do ventre põe em contacto as margens da ferida do intestino com as das partes exteriores, faz-lhes contrahir adherencias, que em muitos casos previnem a effusão das materias fecaes e produzem a cura. As bichas, as applicações frias e a dieta bastão ás vezes, mesmo quando o intestino foi furado em muitos lugares. As Memorias da Academia das Sciencias de Paris, do anno de 1705, contém um exemplo curiosissimo a este respeito. Um doudo tinha dado em si oito facadas no ventre: sobreveio febre, ventre elevado, difficuldade de respiração, enjòos, vomitos. O doente foi sangrado, não tomou senão caldos de gallinha e agua de arroz. Sarou em dous mezes não só das feridas, mas tambem da loucura; dezasete mezes depois tendo tornado a ficar maniaco, precipitou-se de um lugar elevado e morreu no mesmo instante. Fazendo-se a autopsia, achárão-se vestigios das antigas feridas dos intestinos e do figado, que estavam completamente cicatrizadas. Quasi todos os cirurgiões não fazem outra cousa senão combater a inflammação pelas sangrias e bichas; mas alguns modernos, quando o intestino é perforado por uma bala, aconselhão que se alargue a ferida exterior com um bisturi, que se introduza o dedo na direcção da perforação, que se extraia a bala e se cosa depois a ferida do intestino.

Mas se o *intestino ferido está fóra do ventre*, é preciso retê-lo por meio de um fio de linho, e reunir a ferida por meio de uma costura. Combate-se depois a inflammação pelas sangrias, bichas e dieta.

FERIDAS DAS JUNTAS. *Vêja-se JUNTA.*

FERIDAS DA LINGUA. As feridas da lingua são produzidas por instrumentos furantes, por instrumentos cortantes, ás vezes por balas de espingarda, e quasi sempre pela approximação subita e violenta dos queixos no momento em que a lingua se acha entre os dentes, como acontece nas quédas, nos sócos ou nas convulsões. Todas as feridas da lingua são notaveis pela facilidade com que sarão. As que são

simples e pouco profundas não exigem senão repouso e silencio; o unico accidente que póde sobrevir é uma hemorragia que facilmente se póde atalhar com lavatorios d'agua fria pura ou misturada com vinagre. Quando porém as feridas são extensas, sobretudo se dividem a lingua em pedaços, é necessario reunir estes pedaços por meio de costuras com fio de linho.

FERIDAS DA MÃO. *Veja-se* MÃO.

FERIDAS DO OLHO. As feridas do olho são graves, pois que podem ser seguidas da evacuação dos humores do olho, da inflammação e da suppuração deste órgão. De todas as feridas, as que são feitas por instrumentos contundentes, como, por exemplo, as que são o resultado de sócos, são as mais perigosas. Entretanto, nunca se deve desesperar, pois que existem exemplos que provão que até feridas mui extensas tem sido curadas felizmente e se tem salvado a vista.

Tratamento. Cumpre que o doente esteja deitado de costas durante alguns dias. Deve-se sangra-lo no braço ou applicarem-se-lhe bichas atrás da orelha do lado correspondente ao olho ferido. Immediatamente depois do accidente, é preciso applicar sobre o olho ferido pannos molhados n'agua fria. Estes pannos devem ser renovados de dez em dez minutos, e continuados por alguns dias. *Veja-se* o artigo OLHO, no 3.º volume.

FERIDAS DAS ORELHAS. As feridas das orelhas, quando são pequenas, reúnem-se facilmente com pontos falsos; quando são grandes ou quando toda a orelha acha-se separada, é preciso coser as margens da ferida com agulha e fio de linho.

FERIDAS DO PEITO. As feridas do peito podem occupar só as paredes desta cavidade ou penetrar no seu interior. As feridas penetrantes, quando são simples, differem pouco das que são exteriores emquanto á sua gravidade e ao seu tratamento. Umas e outras são acompanhadas de dôr viva, que se faz principalmente sentir durante os movimentos

respiratorios. Se o pulmão está ferido, o doente escarra sangue.

O *tratamento* das feridas do peito consiste em reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo, pôr por cima destas tiras uns poucos de fios seccos, e por cima destes uma toalha que passará em roda do corpo. Convém praticar uma sangria mais ou menos abundante conforme a gravidade da ferida, e recommendar ao doente silencio, repouso, abstinencia das comidas, e dar-lhe a beber limonada de limão ou de vinagre.

Se sobrevem hemorrhagia pela ferida, é preciso estanca-la por meio da compressão com fios e pannos, e esperar a chegada do medico, cuja presença torna-se então indispensavel.

FERIDAS DO PESCOÇO. As feridas do pescoço resultão ordinariamente de tentativas de suicidio, e são então quasi sempre produzidas por navalha. O maior numero de infelizes que se querem suicidar desta maneira cortão o larynge, que é o canal pelo qual o ar entra nos pulmões; neste caso, é tanto maior a separação entre as duas margens da ferida quanto mais virada para trás está a cabeça. O ar dos pulmões sahe pela ferida, e o doente não pôde fallar senão approximando-lhe a barba ao pescoço, afim de obri-gar o ar a passar pela bocca. Existe escorrimento sanguineo; mas se nenhuma das grandes arterias do pescoço foi ferida, esta hemorrhagia não é mortal e o doente pôde sarar, o que acontece no maior numero dos casos. É mui raro ver ferido o canal que se acha por trás do larynge e que dá passagem aos alimentos, e por isso o doente que tem só o larynge ferido pôde engulir agua e alimentos.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer nas feridas do pescoço é estancar promptamente o escorrimento do sangue, quer laqueando as arterias, o que não pôde ser feito senão por um cirurgião, quer comprimindo com pannos a ferida, o que qualquer pessoa pôde fazer antes da chegada do facultativo. A compressão da ferida é sufficiente nas

hemorragias que dependem da abertura dos vasos pequenos; mas quando uma arteria grande do pescoço se acha dividida, a compressão geral da ferida não basta para se oppôr á effusão do sangue. Neste caso grave, que se conhece pelo grande escorrimento de um sangue vermelho, é preciso que a compressão seja feita com o dedo pollegar, não na ferida, mas sim um pouco abaixo della, no lugar onde se sentem as pancadas da arteria, do lado do pescoço, uma a duas pollegadas por cima do osso que é visivel na parte superior do peito, e que se chama *clavicula*. Uma só pessoa cansa facilmente, e por isso são precisas duas ou tres para fazerem alternadamente esta compressão. A compressão bem feita e continuada por alguns dias é sufficiente para estancar as hemorragias das arterias grandes do pescoço.

Mas estas hemorragias são mui raras, como já dissemos, e ordinariamente nas feridas do pescoço o sangue deixa de correr depois de alguns minutos. É necessario então lavar a ferida com um panno ou esponja molhada n'agua fria, e reunir os labios da ferida. Para isso basta só abaixar a cabeça do doente e applicar na ferida tiras de emplasto adhesivo. Mas ás vezes estes pontos falsos não são sufficientes; é preciso reunir os labios da ferida por meio de costura verdadeira, feita com agulha e fio de linho.

Reunida que seja a ferida, a cicatrização se faz em poucos dias. Basta só que o doente guarde silencio, fique em repouso, e não tome senão caldos de gallinha e alguma bebida refrigerante, como agua de arroz ou cozimento de cevada.

FERIDAS DOS PULMÕES. Todas as vezes que um estylete, uma espada ou algum outro instrumento picante, e cortante penetrar a certa profundidade na cavidade do peito, o pulmão acha-se ferido. Conhece-se este accidente pelos escarros de sangue, e pela sahida deste liquido pela ferida externa.

As feridas dos pulmões sarão ordinariamente com facilidade.

Tratamento. É preciso cobrir a ferida exterior com

um pedaço de emplasto adhesivo, praticar uma ou duas sangrias conforme as forças do doente e a gravidade da ferida, e recomendar ao doente o repouso e o silencio. Nos primeiros dias, o doente deve abster-se de comidas, não tomar senão caldos de gallinha e limonadas de limão.

FERIDAS DO ROSTO. As margens das feridas do rosto devem ser reunidas com toda a attenção por meio de tiras de encerado inglez ou de emplasto adhesivo, afim de que a cicatriz seja linear e tão pequena quanto fôr possível. Se não se toma este cuidado, as margens da ferida ficão afastadas uma da outra e a cicatriz que se forma fica mui visivel e mui disforme. Quando só as partes superficiaes estão cortadas, as tiras de encerado ou de emplasto adhesivo são sufficientes para fazer uma reunião completa; mas se toda a espessura do rosto ou dos beiços é dividida, é preciso coser as margens da ferida com agulha e fio de linho.

FERIDAS DO TESTICULO. O testiculo é um orgão tão delicado, que todas as feridas nesta parte do corpo são bastante graves, por causa da inflammação que produzem. Cumpre, por conseguinte, empregar todos os meios para prevenir esta inflammação. O melhor destes meios é a applicação, constantemente renovada durante os dous ou tres primeiros dias, de pannos molhados n'agua fria. Depois disto, applicão-se bichas na coxa vizinha ou na virilha, e cataplasmas quentes de farinha de linhaça sobre o testiculo mesmo.

FERIDAS DO VENTRE. As feridas das paredes do ventre que não penetrão até esta cavidade não apresentão nada de particular e devem ser curadas como as das outras partes do corpo. É bastante lavar a ferida com um panno molhado n'agua fria, e reunir as margens com tiras de emplasto adhesivo, ou com costura verdadeira.

As feridas que dividem toda a espessura das paredes do ventre podem deixar sahir para fóra os intestinos. É preciso fazer tudo para prevenir este

accidente. Devem-se então reunir as paredes da ferida com tiras de emplasto adhesivo e collocar o corpo n'uma posição tal que estas margens fiquem em contacto; por cima do emplasto adhesivo deitão-se fios, os quaes se mantêm por meio de uma toalha que passa em roda do corpo e que comprime levemente o ventre. Às vezes este curativo simples não é sufficiente para oppôr-se á sahida dos intestinos; mister é então reunir a ferida por meio de costura.

Se pela ferida do ventre sahem para fóra os intestinos, e se estes intestinos estão intactos, é preciso introduzi-los com a mão no interior do ventre e coser com agulha e fio de linho a ferida exterior. O doente deve observar rigorosa dieta, não tomar senão caldos de gallinha, agua de arroz; e se se manifestar dôr no ventre, devem-se-lhe applicar bichas no lugar doloroso, e até praticar uma sangria no braço.

Se o intestino que sahio para fóra do ventre acha-se cortado, é preciso retê-lo por meio de um fio de linho. O cirurgião reúne depois a ferida do intestino por meio de costura e combate os accidentes.

FERIDAS CHRONICAS OU ANTIGAS. *Veja-se* CHAGAS.

FERIMENTO. *Veja-se* FERIDA.

FERRADO. É o nome que se dá aos primeiros excrementos da criança recém-nascida. É uma substancia esverdinhada ou denegrada que se foi accumulando no intestino durante o curso da prenhez; é composto de bilis e de mucosidade intestinal. O ferrado é sempre evacuado no primeiro ou segundo dia depois do parto. Muitas parteiras, querendo adiantar os esforços da natureza, administração oleo de amendoas doces ou xarope de chicoria composto, para accelerar a sahida do ferrado. Pretendem desta maneira prevenir as *colicas* da criança, e ordinariamente as augmentão, determinando pelos purgantes a irritação dos intestinos. Se o ferrado tardasse a sahir, o melhor seria dar um pequeno clyster com agua morna simples. Em alguns casos, felizmente mui raros, a criança nasce tapada, e então o vicio

de conformação se oppõe á excreção do ferrado; a agua que se injecta com a seringa sahe então para fóra em vez de entrar para o intestino. No artigo *Anus* achará o leitor o que convém fazer contra esta *imperforação*. (Veja-se Vol. I, pag. 119.)

FERRO. O ferro, metal dos mais preciosos, encontra-se na natureza debaixo de diferentes estados, isto é, nativo, no estado de oxydo ou combinado com o enxofre, chloro ou arsenico, ou no estado de sal, de sulfato, de phosphato, de carbonato, de oxalato, de tungstato e de arseniato. O ferro nativo tem-se encontrado na Saxonia, Brasil, Perú, Mexico, Senegal, etc. Entre as massas consideraveis de ferro nativo descobertas até hoje, citaremos particularmente a de Olumpa, na provincia Tucuman (America meridional), cujo peso era maior de 300,000 libras. Julga-se que estas massas ferreas cahirão do céo. No Brasil, não longe de Jacobina Nova, na provincia da Bahia, acha-se tambem uma massa de ferro, que igualmente se tem por cahida das nuvens, que pesa cerca de 17,300 libras. Esta massa acha-se actualmente a 150 passos mais além do oeste. Quarenta bois não pudérão leva-la mais para diante.

Para a extracção do ferro só se explorão as minas de oxydo e o carbonato, que são mui abundantes e que se manipulão mais facilmente. O iman natural não é outra cousa senão uma mina de ferro oxydado. O ferro, combinado com o carvão em proporções diferentes, forma o aço e a plumbagina. O aço resulta da combinação de uma parte de carvão e de 99 partes de ferro. Esta mui pequena proporção de carvão muda as propriedades do ferro de maneira que o aço é mais duro do que o ferro, e que, depois de se ter feito vermelho e esfriado subitamente na agua, tempera-se, como se diz, enrijece e torna-se quebradiço. Uma combinação inversa da precedente, isto é, 4 partes de ferro e 96 partes de carvão, constitue a plumbagina, com que se fazem os lapis.

Na temperatura ordinaria, sendo exposto o ferro á acção do ar humido, cria *ferrugem*, que é um composto de sesquioxydo de ferro hydrotado, de carbonato e de sesquioxydo de ferro.

O ferro puro e no estado metallico não se emprega em medicina, mas seus compostos formão medicamentos mui energicos e mui uteis; taes são: a limalha de ferro ou oxydo de ferro, ethiope marcial, colcothar, subcarbonato de ferro, lactato de ferro, tartrato de potassa e de ferro, etc. Emfim, é preciso comprehender no numero dos medicamentos energicos as aguas mineraes que possuem carbonato de ferro. Todas as preparações de ferro são tonicas. Aproveitão em todas as molestias que são caracterizadas por debilidade e inercia dos orgãos. Assim se administrão na pallidez das faces, nas flôres brancas, nas incontinencias das ourinas que sobrevem ás crianças. Convém para favorecerem as menstruações difficeis nas moças debeis, dão força ao estomago e tendem a restabelecer as funcções digestivas.

FETO. Nome que se dá á criança quando ainda se acha no seio materno. Entretanto, desde o momento da concepção até ao terceiro mez, a criança chama-se mais particularmente *embryão*, e muitos medicos só lhe dão o nome de *feto* desde o fim do terceiro mez até ao momento da nascença.

É impossivel dizer em que época é visivel o embryão no utero depois do coito fecundante. Segundo todas as pesquisas que se tem intentado a este respeito, parece provado que o novo ente só é visivel no decurso da segunda semana.

No *duodecimo dia*, contado do momento da concepção, examinando-se o embryão, apresenta-se debaixo da fórma semi-elliptica, tendo uma extremidade mais grossa que constitue a cabeça, e outra mais estreita, que é a parte inferior do tronco. Póde ter neste estado duas ou tres linhas de comprimento, e teria quatro ou cinco se fosse endireitado. No centro da concavidade da curvatura acha-se inserido o cordão umbilical.

No decurso da *quarta* ou *quinta semana*, apparecem pequenas excrescencias, que são membros no estado rudimentario. Os olhos se manifestão debaixo do aspecto de dous pontos negros; depois divisão-se as aberturas do nariz, da bocca, e de cada lado do rosto duas proeminencias annuncião a apparição das orelhas.

Do fim da *quarta á sexta semana*, as excrescencias que formavão os rudimentos dos membros alongão-se e tomão a fórma que devem ter mais tarde.

Da *setima á oitava semana*, o comprimento do embrião é de quinze a dezoito linhas. O cordão umbilical offerece no seu ponto de inserção uma inchação em fórma de funil, occupada pouco a pouco pelos intestinos e órgãos genito-urinarios.

Na *oitava semana*, um ponto negro indica embaixo o primeiro vestigio do anus, e para diante um pequeno tuberculo constitue a origem dos órgãos genitales, mas ainda não é possivel distinguir o sexo. Esta distincção só se póde fazer na undecima ou duodecima semana.

No *principio do quarto mez*, todas as partes ficão mais distinctas. O comprimento do feto é de seis a sete pollegadas, e o seu peso de seis a sete onças. As palpebras são ainda adherentes, o nariz redondo, achatado; a lingua forma na bocca uma pequena excrescencia proeminente; os sexos são perfeitamente distinctos, mas no macho não tem ainda os testiculos descidos para o escroto.

No *quinto mez*, o feto tem oito, dez ou onze pollegadas de comprimento, e pesa oito a dez onças. A configuração do corpo se approxima muito da do feto que é de tempo.

No *sexto mez*, o comprimento é de doze a quatorze pollegadas, e o peso de doze a dezaseis onças. Os cabellos da cabeça e as sobrancelhas principião a mostrar-se; as unhas são já bastantemente solidas: o feto poderia já viver fóra do utero.

No decurso do *setimo mez*, todas as partes adquirem maior consistencia, maior volume e melhores

proporções. O feto tem quatorze a dezaseis pollegadas de comprimento; abrem-se as palpebras e desaparece a membrana que tapava a menina do olho. A pelle, que era vermelha, torna-se rosea; os testiculos principião a descer para o escroto. A criança é então *viavel*.

No *oitavo mez*, o comprimento do feto é de 16 a 18 pollegadas, seu peso de 4 a 5 libras. O escroto contém um testiculo, e ordinariamente o do lado esquerdo.

No *nono mez* ou no *termo*, o feto tem 18 a 22 pollegadas de comprimento e 6 a 8 libras de peso. Ha entretanto crianças que tem só quinze pollegadas, e outras 23; algumas pesão 2 ou 3 libras, e outras 12 e 14. As unhas são bastantemente desenvolvidas e sua margem livre excede a extremidade dos dedos. A inserção do cordão umbilical corresponde a sete ou oito linhas abaixo da metade do comprimento total do corpo.

O feto no utero acha-se n'uma especie de sacco formado de tres membranas e cheio de liquido ou aguas chamadas *amnios*. Sua communicação com a mãe se faz por meio do cordão umbilical que se insere de uma parte no ventre do feto, e de outra parte n'um corpo molle e chato chamado *placenta*, que adhere ao utero. Este corpo e o sacco, que sahem depois da expulsão da criança, chamão-se *páreas secundinas* ou *ultimas*.

Durante os primeiros tempos da prenhez a cabeça da criança é dirigida para baixo do utero. Mais tarde, isto é, no terceiro ou quarto mez, o feto nada nas aguas do amnios e muda frequentemente de posição. Mas, no fim da prenhez, torna a tomar sua antiga posição, e na immensa maioria dos casos a cabeça se acha na parte mais declive.

Signaes da morte do feto no seio materno. Os signaes da morte do feto são mui numerosos, mui varios e quasi nunca certos. Dividem-se em *rationaes* e *sensíveis*.

1.º Os *signaes rationaes* observão-se antes óu durante o parto.

Antes do parto, a mulher foi exposta a uma queda, uma pancada sobre o ventre, ou a algum outro accidente que pôde produzir o aborto. Então, pôde-se presumir que a criança morreu, se, pouco tempo depois do accidente, a mulher sentio calafrios, nauseas, peso no baixo-ventre, fastio, frio no ventre; se os peitos, depois de se terem enchido de leite, diminuirão de volume; se o utero segue os movimentos do corpo e se dirige de um lado para o outro, como se fosse um corpo inerte; se o feto cessou subitamente de executar movimentos; se existe máu halito, e se então ha febre, a morte da criança é extremamente provavel.

Durante o parto, um cheiro infecto que sahe do utero com as aguas, que apresentam um aspecto de-negrido, a diminuição das dôres, a côr pallida do rosto, o escurrimto prematuro das aguas, e em-fim a sahida do ferrado dissolvido nas aguas, são os indicios da morte do feto.

2.º Os *signaes sensiveis* adquirem-se tocando com a mão: taes são a sahida do cordão umbilical, que é frio e sem pulsações; a falta das pancadas das arterias, a frieza do corpo do feto, a impossibilidade de lhe fazer executar os movimentos, ainda que seja levantando-o com a mão no utero, etc.

Mas a maior parte destes symptomas, bem que tenham a apparencia de bom valor, não são sufficientes, se existem separadamente, para poder assegurar com certeza; a reunião de um grande numero entre elles é indispensavel para isso. Assim, por exemplo, a criança pôde deixar de bolir sem que esteja morta. Um dos signaes mais certos da morte do feto é a falta das pancadas do coração do feto. Este signal só pôde ser certificado por um medico, applicando o ouvido sobre o ventre da mãe.

FETO MACHO. (*Polypodium filix mas*, Linneo.) Planta herbacea mui commum na Europa. Em medicina usão-se contra as lombrigas os *troncos subterraneos* (vulgarmente raizes) e *renovos*. Os troncos subterraneos são mais ou menos grossos, cylindricos,

recurvados, formados de tuberculos ou *renoros* conicos, imbricados uns sobre os outros em roda de um eixo commum, escamosos, roxos no exterior; amarellados, esbranquiçados, avermelhados ou verdes no interior; de sabor amargo e adstringente; separados uns dos outros por um tecido lustroso, de côr loura, e entre os quaes sahem fibras cylindricas, filiformes e roxas, que são as verdadeiras raizes da planta.

O feto macho é um vermifugo de uma efficacia reconhecida, empregado principalmente contra as lombrigas. Administra-se em pós na dôse de 2 oitavas a uma onça de manhã em jejum, em leite, agua ou mel de abelha. Esta dôse se repete por tres dias a fio, e duas horas depois da terceira dôse, tomão-se duas onças d'oleo de ricino.

FIGA. Uma figa é propriamente, como diz o Dicionario de Moraes, a figura que se faz fechando a mão e mettendo o dedo pollegar entre o index e o dedo grande. Por extensão se dá o mesmo nome á mesma figura em ponto pequeno, feita de ouro, prata, coral, azeviche ou qualquer outra substancia. Ora, como a figa natural se faz em signal de desprezo, por isso costuma muita gente pendurar ao pescoço das crianças figas artificiaes, para mostrarem ao Diabo que o desprezão, e assim o arredarem a elle e a seus maleficios.

Não é necessario dizer quanto é pouco fundada semelhante pratica. O melhor preservativo das molestias é a observação de todos os preceitos da hygiene.

FIGADO. Orgão em que se forma a bilis: é a glandula mais volumosa de todas as que se achão no corpo humano; seu peso, que é mui vario mesmo nas pessoas que gozão de boa saude, é de cerca de tres libras, termo medio. Este orgão está situado no ventre, do lado direito e immediatamente debaixo do peito. Pelo seu peso comprime e incommoda o estomago quando a pessoa se deita do lado esquerdo, e por isso convém escolher outra posição para dor-

mir. O figado apresenta um tecido roxo e facil de rasgar-se. No interior notão-se muitos pontos amarellos, que são conductos excretorios de bilis. Embaixo do figado e do lado direito acha-se a *vesicula biliar*: é um sacco membranoso no qual se demora uma parte de bilis antes de ser transmittida ao intestino *duodeno* pelo canal *cystico*.

MOLESTIAS DO FIGADO. INFLAMMAÇÃO AGUDA DO FIGADO ou HEPATITE AGUDA. Esta molestia é sobretudo frequente nos paizes intertropicaes. Suas *causas* são: o abuso das bebidas espirituosas e dos purgantes; a suppressão subita de alguma molestia da pelle, do fluxo menstrual ou hemorrhoidal; uma vida inactiva e sedentaria, os trabalhos de espirito, paixões violentas, como a colera, ou um pezar profundo. Póde ser tambem determinada por pancadas ou quedas sobre a região do figado, e até por qualquer quéda em que o corpo soffra uma forte sacudidura.

Symptomas da inflammação aguda do figado. A molestia principia por uns calafrios seguidos de calor nas entranhas; logo se manifesta uma dôr do lado direito do ventre n'um dos pontos da região do figado; ás vezes esta dôr se propaga até ao hombro direito; frequentemente a parte direita e superior do ventre fica um pouco inchada, e não é possível ao doente deitar-se deste lado. A dôr torna-se mais sensível quando se apalpa o figado. Como esta dôr, unico symptoma quando a molestia é ligeira, apparece, quando a inflammação é mais intensa, frequencia do pulso, um calor secco da pelle, em alguns casos ictericia, lingua branca, séde, fastio, amargor da bocca, nauseas, vomitos, prisão do ventre e ourinas poucas, mui amarellas e carregadas. Emfim, na inflammação do figado de maior gráo, manifesta-se, além dos symptomas indicados, oppressão da respiração, dôr agudissima do lado direito do ventre e do peito; sobrevem ás vezes soluços e uma pequena tosse secca; as ancias são

extremas, declara-se o delirio, o rosto offerece um aspecto livido, a sede é inextinguivel, a lingua fica secca e rachada, o pulso torna-se mui fraco e mui frequente, e sobrem finalmente os symptomas que acompanhão a terminação funesta da maior parte das inflammações agudas.

A inflammação aguda do figado se termina ás vezes por suppuração. Póde-se julgar da formação da *postema* no figado pelos phenomenos seguintes: a dôr torna-se latjante, o doente sente um peso no mesmo lugar, a difficuldade de respiração augmenta, sobrem calafrios e suores, as palmas das mãos são mui quentes e o somno agitado. Outras vezes estas postemas se formão lenta e surdamente, sem que nada possa fazer suspeitar o seu desenvolvimento. Depois de alguns dias de duração destes symptomas, se a postema existe na superficie convexa do figado, forma-se um tumor duro na sua circumferencia com fluctuação no centro, e cercado de uma inchação consideravel: póde-se então abrir o tumor e curar a molestia. Quando a postema é situada na parte concava ou interior do figado, o tumor não é saliente para fóra; não é possivel então abri-lo com histori, mas elle mesmo arrebenta por si e o pus corre ás vezes para os intestinos, donde sahe para fóra com os excrementos.

Tratamento da inflammação aguda do figado. Se o doente é robusto, o pulso forte e a molestia intensa, convém praticar uma sangria no braço, applicar depois dez a quinze bichas no lugar doloroso, e cobrir esta parte com cataplasmas de linhaça. Se a molestia é leve e a febre pouca, é bastante limitar-se só ás bichas e cataplasmas, e abster-se da sangria. Se a dôr continuar com a mesma intensidade, é preciso repetir a applicação das bichas duas e mais vezes.

Depois das emissões sanguíneas, o doente tomará um purgante, tal como 2 onças de oleo de ricino ou 2 onças de sal d'Epsom.

Depois do purgante, usará do cozimento seguinte:

Decocção de parietaria	24 onças.
Nitro	36 grãos.
Assucar	1 onça.

Misture e administre uma chicara de duas em duas horas.

Para bebida ordinaria dar-se-lhe-ha limonada de limão ou de laranja, agua panada ou agua fria, conforme o seu gosto. A dieta será rigorosa; nos primeiros dias só se podem permittir caldos de frango ou de gallinha.

Semicupios d'agua quente são tambem mui uteis; o doente tomará um ou dous banhos por dia, e demorar-se-ha n'agua pelo menos meia hora.

Todos os dias tomará um ou dous clysteres de cozimento de sementes de linhaça.

Se depois de tres ou quatro dias de continuação deste tratamento a dôr e a febre não diminuirem, é preciso dar os pós seguintes:

Calomelanos	18 grãos.
-------------	-----------

Divida em 6 papeis e administre um papel de tres em tres horas n'uma colher d'agua fria com assucar.

Oito ou dez dias depois do principio da molestia, se a dôr ainda continua, applica-se um caustico na região do figado.

Tratamento da postema do figado. A inflammação do figado, como disse, acaba ás vezes por suppuração, e indiquei os symptomas que annuncião a formação da postema. Quando a postema é situada profundamente, não ha grande cousa que fazer, convém só continuar com as cataplasmas de linhaça; é necessario dar poucos alimentos ao doente e esperar. Mas quando a colleccção purulenta é superficial, o cirurgião dará sahida ao pus, praticando uma incisão com o bistori.

INFLAMMAÇÃO CHRONICA DO FIGADO. Esta molestia é chamada tambem *obstrucção, encalhe, induração* ou *engurgitamento do figado.*

Causas. A inflammação chronica do figado suc-

cede muitas vezes á inflammação aguda; mas frequentemente principia pela fórma chronica. O uso continuo de comidas mui fortes, mui salgadas e mui adubadas, o abuso dos licóres alcoolicos, as affecções moraes tristes e vivas, as quedas, as pancadas sobre o figado, os ataques das febres intermittentes, a suppressão das hemorrhoidas, são suas causas mais frequentes.

Symptomas. Uma dôr surda do lado direito da parte superior do ventre, que augmenta pela pressão, pelo andar um pouco forte e depois do jantar, é o principal symptoma da inflammação chronica do figado. No mesmo tempo a pelle é amarellada, as evacuações alvinas brancas e descoradas, as ourinas mui amarellas e com sedimento abundante. Quando a inflammação existe já desde certo tempo, sente-se, apalpando, o figado mais grosso e mais duro que de costume, e o lado direito do ventre está mais elevado do que o esquerdo. Raras vezes existe febre.

A duração da inflammação chronica do figado é mui incerta; de ordinario marcha lentamente e dura muitos annos.

Tratamento. Deve-se principiar o curativo da inflammação chronica do figado pela applicação de oito a doze bichas no lugar doloroso do ventre ou no anus. De vez em quando convém tomar um purgante de sal d'Epsom ou de magnesia calcinada. Os causticos ou as fricções na região do figado com pommada stibiada são uteis.

Recommendamos o uso das pilulas seguintes :

Sabão medicinal	3 grãos.
Nitro	1 grão.
Extracto de zimbro	2 grãos.

Faça 1 pilula e como esta mais 35. O doente tomará duas pilulas por dia, uma de manhã, outra de noite; e por cima da pilula de manhã beberá uma chicara de cozimento d'herva tostão ou de parietaria.

O bicarbonato de soda goza tambem de reputação nesta molestia. Administra-se este sal na dôse de

15 grãos, e progressivamente até 2 oitavas por dia, n'uma chicara de cozimento de grama.

As aguas mineraes sulfureas são tambem uteis contra o enfarte do figado.

Os outros medicamentos que são usados pelos facultativos nesta molestia são: calomelanos, rhuibarbo, jalapa, gomma-gutta, cicuta e outros muitos de que não é possível fallar aqui.

Por estes meios, empregados com perseverança, ajudados por uma alimentação composta principalmente de vegetaes, leite, ovos, peixe, pouca carne, abstinencia de vinho puro e de bebidas espirituosas, pelo uso dos banhos mornos, do exercicio moderado, pôde-se obter a cura desta molestia.

CALCULOS BILIARES. Chamão-se *calculos* ou pedras biliares umas pequenas concreções duras que se formão no figado e podem existir, ou no tecido proprio do figado, ou nos differentes canaes por onde passa a bilis, ou no reservatorio deste liquido, chamado *vesicula biliar*.

As *causas* que favorecem o desenvolvimento dos calculos biliares são mui pouco conhecidas; considerão-se entretanto como taes a idade adulta, o uso immoderado das bebidas alcoolicas, a inacção e todas as circumstancias que conduzem á obesidade.

Symptomas. Os signaes que annuncião a existencia dos calculos biliares recentemente formados são no principio mui incertos; os doentes se queixão de dôres na bocca do estomago, do lado direito e na parte superior do ventre ou no lugar correspondente das costas; outras vezes são os vomitos que apparecem de tempos em tempos. A dôr se propaga ás vezes até ao peito e hombro direito. Mais tarde a dôr augmenta, o doente não pôde supportar o mais leve contacto, *verbi gratia*, o da roupa; logo apparecem vomitos de bilis pura, a pelle fica amarella.

Deu-se o nome de *colica hepatica* á reunião dos symptomas que se manifestão quando os calculos passão para canaes da bilis. Ás vezes os accessos desta affecção não deixão um momento de repouso aos

doentes, que não podem achar uma posição susceptivel de alliviar os seus soffrimentos; uns agitam-se continuamente atormentados por ancias indiziveis; outros encolhem-se comprimindo fortemente a bocca do estomago, ou entregão-se a um balanço regular para disfarçar a dôr. O rosto é alterado, o estomago não pôde supportar alimento nenhum. De ordinario existe prisão do ventre, as ourinas são amarellas, espessas. No principio os accessos são de pouca duração; mais tarde são mais longos; alguns ha que durão dias a fio. Em consequencia destes accessos, manifesta-se ás vezes febre e sobrevem um emmagrecimento consideravel. Ás vezes os doentes evacuão pelo anus um ou muitos calculos envoltos nos excrementos, e os accidentes passão; outras vezes sarão depois de os terem lançado pelos vomitos.

Tratamento. O tratamento dos calculos biliares pôde-se reduzir ás tres indicações seguintes: 1.º, acalmar as dôres; 2.º, determinar a evacuação ou a dissolução dos calculos; 3.º, combater a inflammação, se se manifestar.

1.º *Para acalmar as dôres* é preciso que o doente se metta n'um banho d'agua quente e se demore nelle meia hora, uma hora e mais. Ao mesmo tempo dá-se-lhe uma colher de sopa, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Chá d'herva cidreira	5 onças.
Laudano de Sydenham	1/2 oitava.
Ether sulfurico	20 gottas.
Assucar	1 onça.

Misture.

Para o mesmo fim de acalmar as dôres convém friccionar o ventre com a mistura seguinte:

Balsamo tranquillo	1 onça.
Laudano de Sydenham	1 onça.

Misture.

Depois de cada fricção applica-se no ventre uma cataplasma de linhaça.

2.º *Para favorecer a evacuação dos calculos*, usa-se da bebida emeto-purgativa seguinte :

Agua	20 onças.
Sal d'Epsom	2 onças.
Emetico.	2 grãos.

Misture e dê uma chicara de meia em meia hora.

Dous dias depois tomará o doente um purgante chamado *infusão de senne tartarisada*, cuja receita é a seguinte :

Senne	3 oitavas.
Cremor de tartaro	1 oitava.
Aniz estrellado	1/2 oitava.
Agua fervendo	6 onças.

Infunda por duas horas, cõe e ajunte :

Manná	2 onças.
-------	----------

Dissolva a calor brando, clarifique e cõe. Toma-se em duas doses, com meia hora de intervalo.

A comida do doente deve ser principalmente composta de vegetaes, como almeirão, bertalha, aipí, abobora, quigombô, cenouras, batatas, saladas d'alface com cerefolio, leite, ovos e gallinha; pouca carne de vacca, de porco, pouco vinho e espiritos. Para a bebida usará de limonadas de limão azedo ou de laranja.

Para dissolver os calculos biliares, recommendão-se as pilulas seguintes :

Sabão medicinal	4 grãos.
Aloes	1 grão.
Açafrão	1 grão.

Faça uma pilula e como esta mais 35.

O doente tomará 3 a 6 pilulas por dia.

3.º Os *symptomas da inflamação* produzida pelos calculos biliares são os mesmos descriptos na pag. 257. O tratamento tambem é o mesmo : são bichas no ventre, cataplasmas de linhaça, banhos, etc.

POSTEMA OU ABSCESSO NO FIGADO. *Veja-se* mais acima neste mesmo artigo, pag. 258.

FIGADO (FERIDA). Vulgarmente dá-se este nome a uma ferida chronica ou ulcera, com rachas em roda que deitão sangue. O curativo desta ferida se compõe

de cataplasmas de linhaça, de lavatorios com agua de Labarraque misturada com agua morna simples e de um unguento cuja receita é a seguinte:

Ceroto simples	1 onça.
Extracto de ratanhia	24 grãos.

Misture.

FIGUEIRA DO INFERNO ou **ESTRAMONIO**. (*Datura stramonium*, Linneo.) Planta mui commum no Brasil; tem produzido ás vezes envenenamentos, o que nos obriga a dar aqui sua descripção succincta. A figueira do inferno se encontra principalmente nos entulhos, prados, nas margens dos caminhos, etc. Tem dous a cinco pés de altura; raiz branca, folhas por cima verdes escuras, com sinuosidades desiguaes nas margens; flôres brancas ou ligeiramente roxas. O fructo é uma capsula ovoide, eriçada de pontas espinhosas, dividida interiormente em quatro septos que contém grande numero de pequenas sementes roxas. Tem cheiro nauseante, e muito mais esfregando-se as folhas; sabor acre e amargo emquanto verde; mas secca é quasi inodora e insipida. Todas as partes da figueira do inferno, e principalmente os fructos, são dotados de propriedades narcoticas mui energicas. Em pequena dôse, agita, produz vertigens, escurecimento da vista e um ligeiro delirio. Se a dôse é mais forte, então causa sêde ardente, delirio furioso, sentimento de constricção na garganta, convulsões e depois paralyisia. A cegueira dura ás vezes alguns dias. Se por desgraça um envenenamento fôr produzido, será preciso recorrer ao tratamento indicado no artigo **ENVENENAMENTO**, V. II, p. 128. A figueira do inferno é empregada na medicina em algumas molestias. Suas folhas seccas, fumadas n'um cachimbo ou em fôrma de charuto, tem ás vezes produzido allivio nas pessoas affectadas de asthma. Usa-se tambem, debaixo da fôrma de extracto, na epilepsia e outras molestias nervosas. Com as folhas preparão-se cataplasmas que gozão de propriedades calmantes, e que se applicão com vantagem sobre o rosto nas dôres de dentes.

FIGUEIRILHA. *Vêja-se* CONTRAHERVA, V. I, p. 423.

FIOS. Dá-se este nome ao panno de linho velho desfiado que se emprega no curativo das feridas. Os fios não devem ser feitos nem de panno mui grosso nem mui fino; o panno muito velho não se deixa facilmente desfiar e não convém; aquelle que é muito novo tem os fios mui duros. É preciso que os pedaços de panno que se empregão tenham ao menos duas pollegadas de comprimento e uma de largura, porque os fios mui curtos não servem bem. O panno deve ser lavado de barrela, porque todos podem comprehender o grande inconveniente que resultaria de pôr-se panno pouco limpo em contacto com a superficie nua de uma ferida.

FISTULA. Chama-se fistula uma solução de continuidade, ordinariamente estreita, tendo o tracto mais ou menos prolongado, entretida por uma alteração local, e que dá sahida ou ao pus ou a liquidos naturaes, taes como a saliva, a bilis, a ourina, etc.

As causas que podem determinar a formação de uma fistula são extremamente numerosas. Em primeiro lugar, a perforação de um canal ou de um reservatorio natural. Se um destes canaes, por exemplo, o que dá passagem á ourina, estiver ferido, a solução de continuidade deixará sahir o liquido que o percorre, e este, interpondo-se entre as margens da ferida, impedirá a sua reunião. Ás vezes as fistulas não se formão por ferimento de um canal excretor; um obstaculo ao escorrimento do fluido excretado é a sua primeira causa. Para melhor explicar nossa idéa, tomemos, por exemplo, o canal excretor das lagrimas: se vier a estreitar-se, ou se, por uma causa qualquer, sua abertura fôr obliterada, as lagrimas não poderão correr para o nariz. Entretanto, ellas continuarão a se formar, accumular-se-hão por trás do obstaculo, e sua presença acabará por determinar uma inflammação, depois uma suppuração; o pus sahirá com as lagrimas, e então se formará a fistula. Uma outra causa muito commum da fistula é a presença, no meio de nossos tecidos, de corpos estra-

nhos que nelles tenham penetrado, ou a existencia de uma alteração de qualquer parte mais ou menos profunda. Se uma bala ou qualquer outro corpo estranho ficar dentro das carnes, dará lugar ás vezes á supuração, a qual persiste emquanto o corpo estranho não é extrahido; ou se um osso está doente, caria-se, forma-se o pus e a fistula. Emfim, uma ultima causa de fistula é a disposição natural de certas partes. Se uma postema se forma na região do anus e destroe o tecido cellular que se acha neste lugar em abundancia, as paredes do sóco ficão separadas uma da outra sem poderem pôr-se em contacto, a cicatriz não se póde formar, e dahi resulta uma fistula.

A indicação principal no *tratamento* das fistulas consiste em destruir as causas que as produzirão; os meios de se obter isto são mui variados, conforme a especie das fistulas, sua séde, sua extensão, etc. Não podem entrar no espirito de uma obra desta natureza as descripções das operações proprias a cada caso em particular. Lembrando-nos que escrevemos para as pessoas estranhas á arte de curar e não para os medicos, contentamo-nos com dar noções sobre as fistulas mais communs.

FISTULA LAGRIMAL. Dá-se este nome á abertura do sacco lagrimal, pela qual sahem e se derramão sobre o rosto as lagrimas ou o pus.

Na face interna de cada palpebra, perto de sua margem e em distancia de algumas linhas do seu angulo interno, vê-se um botõesinho saliente em cujo apice se acha um ponto negro chamado *ponto lagrimal*: este ponto é o orificio de um conducto (*conducto lagrimal*) que vai a um pequeno reservatorio chamado *sacco lagrimal*. Este sacco é o principio de um canal chamado *nasal*, que tem nove a dez linhas de comprimento e que se abre dentro do nariz. Todo este aparelho serve para conduzir para dentro do nariz o excesso das lagrimas que são continuamente vertidas sobre os olhos.

Estando o canal nasal tapado por uma das causas que vão abaixo indicadas, resulta disto uma accumu-

lação de lagrimas no sacco lagrimal e um refluxo de lagrimas pelos conductos e pontos lagrimaes; a pessoa não cessa então de lagrimejar; chegando depois o sacco a inflammarse e a abrir-se no exterior, derramão-se as lagrimas pelo rosto, e fica a *fistula* formada.

As *causas* da *fistula lagrimal* são: uma inflammação qualquer do nariz ou do canal nasal; o vicio escrophuloso; o desenvolvimento do polypo no nariz; emfim pancadas ou ferimentos do nariz. Todas estas causas produzem estreitamento ou obliteração do canal nasal.

Symptomas da fistula lagrimal. A molestia começa por uma inchação no angulo interno do olho. Esta inchação ao principio é sem dôr e não offerece mudança de côr na pelle; mas depois fica dolorosa, vermelha e abre-se, deixando sahir certa quantidade de lagrimas misturadas com pus. Pelo tempo em diante esta abertura deixa sahir continuamente ora lagrimas puras, ora misturadas com materia. Em alguns doentes, depois da abertura espontanea do tumor lagrimal, cessão os accidentes inflammatorios, e a molestia constitue simplesmente uma disformidade mais ou menos incommoda; mas em outros muitos a inflammação e a dôr persistem; ás vezes sobrevem desordens mais graves, taes como a formação de muitas aberturas, o endurecimento das paredes do sacco, o desenvolvimento de carnes esponjosas, etc.

O *tratamento* será, em primeiro lugar, dirigido contra a causa conhecida ou presumida da molestia. Assim quando inflammações repetidas tem produzido a obliteração do canal nasal, convém applicar bichas no nariz, depois cataplasmas de linhaça, e banhar esta parte com cozimento de flôres de malvas. É necessario depois recorrer aos seringatorios com dissolução de pedra infernal, ou á cauterisação com lapis da mesma pedra infernal. Se a *fistula lagrimal* depende da existencia do polypo nasal, é preciso extirpar este tumor. Os individuos escrophulosos

devem usar de banhos de mar, de preparações de ferro e de cozimentos de genciana e de luparo. Quando todos estes meios não produzem o effeito desejado, é preciso formar um novo conducto para as lagrimas, introduzindo no canal nasal uma pequena *canula* de prata.

FISTULA NO ANUS. As fistulas no anus resultão das postemas que se formão nesta região do corpo, e que dependem de muitas circumstancias. Uma vez a causa da postema é uma contusão, outras a inflamação dos tumores hemorrhoidaes; emfim, pôde-se declarar sem causa bem evidente. Esta postema se abre por fóra, e a *fistula* fica formada.

Reconhece-se a fistula no anus pelos signaes seguintes: é uma abertura perto do anus, pela qual sahe contiouamente uma materia mucosa, pura ou misturada ás vezes com materias fecaes que lhe communicão sua côr e cheiro; ás vezes o orificio fistuloso deixa sahir as ventosidades; o doente sente este lugar constantemente humido. Emfim, o cirurgião, penetrando com um estylete no canal fistuloso e introduzindo um dedo no anus do doente, pôde sentir a extremidade do estylete, saber a altura a que chega e convencer-se da existencia da fistula.

A cura das fistulas no anus, possível no maior numero dos casos, é impossível em alguns outros, e em algumas pessoas não deve até ser tentada. As fistulas são incuraveis quando se abrem no exterior por um grande numero de orificios depois de terem atravessado uma massa de carnes duras, quando o doente é mui magro e quando o orificio superior se abre muito emcima no interior do intestino recto. Nas pessoas que são ameaçadas de tísica, a cura da fistula no anus não deve ser tentada, porque neste caso constitue uma especie de fonte salutar estabelecida pela natureza. Fóra destes casos, a cura é possível e deve-se fazer tudo para obtê-la.

De todos os meios propostos para curar as fistulas no anus o mais certo é a operação por incisão. Cortão-se com bistóri todas as carnes comprehendidas

entre o tracto fistuloso e a cavidade do recto. Resulta disso uma ferida simples que se cura todos os dias introduzindo uma mecha de fios que deve penetrar até ao fundo da ferida. Todos os dias vão os fios penetrando menos profundamente até ficar a ferida de todo superficial; então se cicatriza facilmente. Estes curativos durão ao menos quarenta a sessenta dias.

Nos casos em que a fistula é julgada incuravel, ou quando não deve ser curada, o doente deve-se limitar aos cuidados de asseio, ao uso de clysteres de linhaça e a um regimen proprio para entreter a lubricidade do ventre.

FISTULA DENTARIA. *Veja-se* o artigo DENTE, Vol. II, pag. 22.

FISTULA URINARIA VESICO-VAGINAL. Em consequencia de parto laborioso em que a cabeça da criança ficou muito tempo na passagem, acontece ás vezes formar-se nas mulheres uma escara gangrenosa, a qual cahindo deixa uma abertura pela qual correm as ourinas da bexiga para a vagina: daqui vem o preceito de terminar com *forceps* semelhantes partos; outras vezes este accidente é produzido por uma ferida, uma postema, uma ulceração syphilitica, etc.

Ha poucos incommodos mais desagradaveis do que o que resulta da passagem continua das ourinas pela vagina: apesar de todos os cuidados de asseio, o corpo exhala um cheiro de ourinas bastantemente forte, e o contacto repetido deste liquido irritante produz a excoriação e a inflamação da parte superior das côxas.

O tratamento da fistula vesico-vaginal é cirurgical. De todas as operações que forão imaginadas, aquella que parece ser mais vantajosa consiste em produzir a obliteração da abertura por meio de um pedaço de pelle tomado das partes vizinhas. Mas só ha esperança de cura quando a abertura é estreita; se é larga, é preciso limitar-se unicamente aos cuidados de asseio.

FLATO. Dá-se vulgarmente este nome a um ata-

que leve de hysterismo. *Veja-se* ATAQUE DE NERVOS, Vol. I, pag. 156, e HYSTERISMO.

FLATULENCIA, FLATUOSIDADES OU VENTOSIDADES. No estado normal, o estomago e o intestino contém uma certa quantidade de gazes que procedem de diferentes fontes. Uns penetram pela deglutição voluntaria, como em certas pessoas que engolem ar, ou involuntaria com os alimentos e as bebidas; os outros se formão sob a influencia do trabalho da digestão e se desenvolvem das materias alimentarias. Emfim, alguns ha que são directamente segregados pela membrana mucosa dos intestinos; estes são mui frequentemente symptomaticos de uma irritação nervosa desta membrana. Qualquer que seja a sua origem, estes gazes são lançados fóra pela bocca ou anus, ou então são retidos no tubo digestivo. A emissão de gazes pela bocca ou pelo anus não constitue uma molestia quando não é frequente; mas quando é, constitue um incommodo insupportavel.

O empirismo antigamente combatia as affecções ventosas do conducto digestivo com os mais ridiculos remedios. Empregava o excremento de cão, o de gallinha, o pé de porco, o embigo de uma criança recém-nascida, etc., seccos, pulverisados e tomados em diversos liquidos. Em nossos dias o tratamento desta molestia é mais racional. É preciso evitar os alimentos que são capazes de desenvolver gazes: taes são as substancias farinaceas, os legumes, os feijões, couves, ervilhas, nabos, batatas, espinafres, toda a sorte de salada, os pasteis de todos os generos, as massas não levedadas, não fermentadas, os molhos em que entra qualquer gordura, e todas as outras preparações culinarias que pesão no estomago. A escolha das bebidas é de grande importancia. A boa agua, que reúne todas as qualidades hygienicas que se podem desejar, é o melhor agente da digestão. Entretanto, para as pessoas cujo estomago exige um estimulo mais activo, um vinho tonico brandamente doce, não acerbo nem acido, pouco espirituoso,

deve ser preferivel. Devem-se evitar os vinhos brancos, os vinhos que não tem sido bem fermentados, a cerveja e os licôres feitos com fructos. Ha pessoas cujo estomago se dá bem, depois do jantar, com uma chicara de café. As bebidas frias ou nevadas, applicação do gelo ou da agua mui fria sobre o ventre, os clysteres d'agua fria, e o opio internamente, quando as dôres tem alguma intensidade, taes são os meios que se empregão contra as flatulencias. O chá de macella, de herva doce, de hortelã, os pós de magnesia na dôse de 10 grãos quatro vezes por dia, convém em todos os casos. Recommendão-se tambem as fricções sobre o ventre com um panno quente ou com aguardente alcanforada.

FLORES BRANCAS. Este nome, corrupção de *Fluores brancos*, é o que se dá vulgarmente a um escorrimento mucoso que se faz pelas partes genitales da mulher; em medicina chama-se *leucorrhéa*. As flôres brancas são mui communs nas grandes cidades, e pôde-se até dizer, sem medo de exagerar, que constituem ou determinão ellas sós mais da metade dos incommodos das mulheres; são mui frequentes no Rio de Janeiro. Esta molestia ataca indistinctamente as donzellas, as mulheres casadas e as viúvas; de ordinario não principião senão na idade de quatorze a quinze annos; entretanto, tem-se visto meninas de oito e de quatro annos, e até de menor idade, serem dellas affectadas; porém as mais das vezes observa-se nas mulheres que se approximão da idade critica. As circumstancias predisponentes são: um temperamento lymphatico, uma constituição molle, a habitação em lugares baixos, humidos e mal arejados. A masturbação, os excessos conjugaes, a prenhez, um parto laborioso, abortos repetidos, pancadas sobre o baixo-ventre predispoem igualmente ás flôres brancas. E' preciso ainda considerar como tendo a mesma acção o abuso dos alimentos aqueos, lacteos, farinaceos, a supressão da transpiração, a vida sedentaria, os erros

de regimen, as affecções Moraes tristes e o uso prolongado dos banhos quentes. É frequentemente occasionada pela dentição nas meninas, e por uma imaginação viva nas que chegam á puberdade.

As mulheres affectadas de flôres brancas não experimentão, no principio da molestia, senão leves indisposições, e não se observa, por assim dizer, mudança alguma na sua saude. Mas quando a affecção se perpetua e se agrava, o appetite diminue, e até cessa inteiramente; a doente sente dôr no estomago antes e depois da comida; as digestões se fazem mal, o rosto está habitualmente descorado e como inchado. O escorrimento é ordinariamente continuo; ás vezes, entretanto, apresenta intervallos. Emfim, varia singularmente emquanto á sua quantidade, côr e espessura. De ordinario a affecção existe sem dôr local; mas muitas vezes é acompanhada de quentura, de peso no baixo-ventre e de dôr nas cadeiras.

É mui difficil curar esta affecção. Mas tambem se deve dizer que no maior numero de casos as flôres brancas constituem mais um incommodo do que uma verdadeira molestia; é com effeito um estado habitual desagradavel, mas que não compromette a saude geral.

Tratamento. No tratamento das flôres brancas, as regras hygienicas merecem a maior attenção, e cumpre dizer que, sem o seu soccorro, todas as preparações pharmaceuticas serião impotentes. Estas regras constituem mesmo o tratamento preservativo da molestia. Visto que as flôres brancas dependem quasi sempre do enfraquecimento da constituição, não ha nada mais racionavel do que fortificar de prompto toda a economia. Para se obter este resultado, é preciso pôr as moças em habitações arejadas e espaçosas, fortifica-las por uma alimentação reparadora e abundante, uma vida activa e exercicios proporcionados á sua energia. Não é menos necessario vigiar de perto aquellas que, por uma viva sensibilidade, máos exemplos ou desejos prematuros, podem ser inci-

tadas a manobras perigosas. Os principios de uma moral pura são mui proprios para priva-las de conversações obscenas, de palavras indiscretas, que fructificação de uma maneira tão perigosa nas moças chegadas á idade pubere. Quando uma saude delicada, uma disposição hereditaria, etc., fazem temer a invasão proxima da molestia, urge que aos meios hygienicos que precedem se associe a administração de alguns tonicos, como as decocções amargas de genciana, de quassia, de quina, as preparações de ferro, os vinhos tintos, a alimentação composta de carnes assadas, os banhos frios e os do mar.

Quanto ao tratamento curativo, varia conforme o estado da affecção, agudo ou chronico. No primeiro caso, se as flôres brancas são recentes e pouco intensas, é bastante limitar-se ao repouso, a alguns banhos mornos e ás bebidas e clysteres emollientes. Porém se a inflammação é mais violenta, se existem dôres vivas no baixo-ventre e difficuldade de urinar, é necessario recorrer ás applicações de bichas na parte superior das coxas.

As flôres brancas chronicas exigem medicamentos tonicos, que consistem em preparações ferreas, quaesquer que ellas sejam, nos amargos, taes como quassia, genciana, quina. Ao depois juntar-se-lhes-hão as substancias resinosas, taes como o balsamo do Perú, de Tolú, de copahiba, a terebenthina. Ao mesmo tempo que se seguir este tratamento geral, fação-se na cavidade vaginal injeccões adstringentes com a decocção de casca de romã, de bistorta, de barbatimão, de canna do brejo, com a solução de pedra-hume, de nitrato de prata. Os purgantes administrados de tempos a tempos são mui vantajosos. A estes differentes remedios é preciso ainda accrescentar os meios hygienicos, quaes os que forão indicados fallando-se do tratamento preservativo. É sobretudo util para as doentes o mudarem de ar.

As flôres brancas durão ordinariamente muito tempo; ha pessoas que são affectadas dellas todá a vida. Não são perigosas se não são acompanhadas

de grandes dôres, e se não influem de uma maneira visível sobre a saúde da doente; no caso contrario, podem depender de qualquer affecção organica do utero, e por isso, quando se prolongão, é necessario recorrer ao medico, que é o unico que pôde determinar a natureza das causas da molestia.

Receituario de algumas preparações contra as flôres brancas.

Pilulas adstringentes.

Tannino 36 grãos.

Faça 12 pilulas. Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

Capsulas de copahiba.

Toma-se uma capsula, tres vezes ao dia.

Electuario contra a leucorrhéa.

Conserva de rosas vermelhas 3 onças.

Pós de quina 1 onça.

Pós de macis 2 oitavas.

Pós de cato 36 grãos.

Oleo essencial de canella 3 gottas.

Misture. Tomão-se duas colheres de chá, tres vezes por dia.

Tintura de Marte tartarisada 2 onças.

É uma preparação de ferro de que se toma meia colher de chá, dentro de meia chicara d'agua fria com assucar, tres vezes por dia.

Injecção com tannino.

Vinho tinto 4 onças.

Tannino 18 grãos.

Dissolva. Faz-se um seringatorio na vagina com todo este liquido, uma vez por dia, e repete-se por cinco dias a fio.

Injecção com pedra-hume.

Agua 24 onças.

Pedra-hume 1 onça.

Dissolva. Faz-se um seringatorio por dia com 6 onças deste liquido, e repete-se por quatro dias successivos, na mesma dôse.

FLORES PEITORAES. Em pharmacia dá-se este nome á mistura de partes iguaes das quatro flôres seguintes: flôres seccas de malva, de tussilagem, de papoulas e de pé de gato (*gnaphalium dioicum*, Linneo). A infusão destas flôres é usada contra a tosse; prepara-se com duas oitavas de flôres peitoraes e meio quartilho d'agua.

FLUXO DE SANGUE. *Vêja-se* HEMORRHAGIA.

FOGAGEM. Dá-se vulgarmente este nome a pequenas pintas ou botões vermelhos que apparecem nas crianças de peito, e ás vezes nos adultos. Observa-se principalmente a fogagem nas crianças que mamão leite mui velho. Os grandes calores, a falta de asseio, a dentição predispoem a esta affecção, que entretanto não é incompativel com a boa saúde, e que só necessita de um leve tratamento medicinal. Banhos mornos empregados uma ou duas vezes por dia, lavatorios com cozimento de linhaça, são os meios que mais convém. Ás vezes é bom dar duas a quatro colheres de chá de xarope de chicoria. Clysters de linhaça são tambem uteis.

Nos adultos, e sobretudo durante os grandes calores do verão, não é raro ver uma erupção de botões vermelhos em diversas partes do corpo: esta ligeira affecção é acompanhada de uma comichão desagradavel. Depois de uma ou duas semanas, os botões desaparecem e a pelle cahe em fórma de poeira. Para combater esta fogagem convém recorrer aos banhos mornos, limonadas de limão, um regimen composto principalmente de vegetaes, abstinencia de carnes salgadas e de espiritos. A's vezes a fogagem que existe na parte superior das coxas incommoda muito; é bom neste caso usar de fricções com a pommada seguinte:

Banha	1 onça.
Subcarbonato de potassa	24 grãos.
Enxofre	2 oitavas.

Misture.

FOME. Necessidade de tomar alimentos. Perdendo o nosso corpo a cada instante uma porção

notavel dos materiaes de sua organisação pelo suor e diversas secreções e excreções, deve necessariamente reparar estas perdas sob pena de uma ruina rapida. Se a abstinencia se prolonga por muito tempo, o corpo emmagrece; quasi todas as secreções diminuem, adquirindo primeiramente um cheiro fetido: uma abstinencia de pouca duração basta frequentemente para tornar desagradavel o halito de uma pessoa ainda a mais sadia. Uma febre intensa, o delirio, a prostração, uma insomnia continua, precedem em geral a morte, que sobrevem n'uma época variavel, mas de ordinario além de oito ou dez dias.

Entre as causas que podem augmentar a fome, é preciso citar o exercicio, os banhos frios, o ar frio, a presença de vermes nos intestinos, etc. O opio, o tabaco e outros narcoticos diminuem pelo contrario a fome; certas affecções do cerebro, as paixões tristes um movimento de rotação imprimido ao corpo, o uso d'agua morna, o emprego de substancias emeticas tomadas em pequena dóse para produzir sómente nauseas, tirão tambem o appetite; emfim, no maior numero de molestias agudas, deixa de se fazer sentir a necessidade de tomar alimentos. O costume parece tambem ter alguma influencia no desenvolvimento da fome. Todos podem com effeito observar que, quando passou a hora habitual de uma comida, a necessidade de tomar os alimentos, mui viva no principio, diminue depois de uma maneira mui sensivel.

A fome é mais imperiosa nos homens do que nas mulheres. As crianças soffrem difficilmente a privação de alimentos; no decurso de uma molestia nunca devem ser submettidas a uma dieta mui rigorosa, sobretudo se se achão em mui tenra idade. *Veja-se* APPETITE. FASTIO.

FOMENTAÇÃO. Chamão-se fomentações *em medicina* as applicações de um liquido sobre alguma parte do corpo por meio de uma esponja, de um pedaço de baeta ou de um panno. O liquido empregado póde ser aqueco, vinoso, alcoolico, acido, oleoso, e

ter em dissolução alguma substancia emolliente, tonica, aromatica, adstringente, conforme o fim a que se propõe. As fomentações *emollientes*, com decocção de althéa ou de linhaça, applicão-se frequentemente sobre o ventre na inflamação dos órgãos abdominaes, gozão de propriedades analogas ás das cataplasmas, e devem ser preferidas a estas quando as partes são mui dolorosas e não podem supportar o peso das papas. A maneira mais usada de praticar as fomentações emollientes consiste em molhar um pedaço de panno de linho ou de algodão em um cozimento de linhaça, applica-lo sobre as partes dolorosas, e cobri-lo depois com um pedaço de baeta, afim de que conserve o calor e a humidade.

Os pannos molhados n'agua fria que se applicão nas torceduras são fomentações. Mas o *vulgo* dá mais particularmente o nome das fomentações ás fricções que se fazem no corpo com algum liquido oleaginoso ou com alguma pommada.

FONTE. Chama-se *fonte* a uma pequena chaga de fórma redonda ou oval que se abre no tecido cellular em diversas regiões do corpo, e cuja suppuração se entretém durante um tempo indeterminado. As partes do corpo em que se abrem ordinariamente as fontes são: os braços, as coxas, as pernas, e escolhe-se o lugar em que se acha accumulado o tecido cellular gorduroso. Assim, no braço opera-se a fonte n'uma especie de cova que se encontra na parte externa do membro, pouco mais ou menos ao nivel do seu terço superior. Esta cova é mui visivel nas pessoas mui musculosas, e fica muito mais apparente fazendo-se dobrar o antebraço sobre o braço e sustentar alguma cousa na mão. Na coxa, applicão-se as fontes na parte inferior e interna, tres dedos acima do joelho; na perna, é na parte interna e superior do membro, justamente em cima do lugar em que principia a barriga da perna.

Ha muitas maneiras de se abrir uma fonte. Algumas pessoas se contentão com applicar um pequeno caustico sobre a pelle, e introduzir uma ervilha no

centro da parte excoriada, que cobrem com um pedaço de emplasto diachylão. Mas desta fórma faz-se a suppuração difficilmente e em mui pequena quantidade. Praticão-se habitualmente as fontes por meio da cauterisação. Ha um grande numero de substancias causticas que poderião servir para este uso; entretanto, emprega-se sobretudo a potassa caustica. Eis-aqui como se procede: toma-se um pedaço de diachylão gommado de duas pollegadas quadradas; pratica-se no centro uma abertura oval; depois applica-se este emplasto sobre a parte em que se deseja abrir a fonte. Em seguida, deita-se sobre a abertura um pedaço de potassa do tamanho de uma pequena ervilha. Cobre-se o emplasto e a potassa com um segundo emplasto de diachylão muito maior que o primeiro, e que se tem o cuidado de fazer adherir perfeitamente á pelle: mantém-se tudo com um panno e uma atadura. Pouco tempo depois da sua applicação, a potassa se derrete e o doente experimenta um sentimento de calor, no principio incommodo, depois doloroso. No fim de seis ou sete horas, a dôr cessa; então a fonte fica aberta: quando se tira o aparelho, acha-se uma superficie negra, humida, redonda. Cura-se todos os dias, ou mais frequentemente se a suppuração é abundante, com um pedaço de emplasto diachylão; ao cabo de cinco a seis dias, a escara principia a soltar-se e a suppuração se estabelece; e quando a escara tem cahido de todo, entretém-se a ulcera pondo-se-lhe uma ervilha ou uma bola de cêra. Para impedir que as fontes exhalem máo cheiro, deve-se ter o cuidado de cura-las frequentemente e de trazer sempre a chaga limpa, não deixando demorar-se nella o pus. Quando a suppuração diminue de uma maneira sensivel, é preciso cobrir a ervilha com unguento basilicão ou epispastico. Quando a chaga se cobre de carnes esponjosas que excedem ás suas margens, destroem-se estas carnes cobrindo-as com pós de pedra hume calcinada, ou tocando-as com pedra infernal. Quando, pelo contrario, a ferida está inflammada e dolorosa,

é mister cessar a applicação das ervilhas e cura-la com ceroto simples. Emfim, acontecendo que a parte em que se abriu a fonte emmagreça, de maneira que já não haja nella mais tecido cellular gorduroso, e por isso se vá fechando a fonte e seja pouca a suppuração, é preciso então fecha-la e abri-la em outra parte. Quando tem cessado o mal pelo qual foi mister abrir a fonte, pôde-se supprimi-la sem inconveniente; basta para isso que se tirem as ervilhas e se cure a chaga com ceroto simples. Mas se a fonte foi conservada por muito tempo, se se tem tornado, por assim dizer, uma especie de costume, convém observar se a sua suppressão pôde produzir algum incommodo ou occasionar a molestia de algum orgão, pois que neste caso seria necessario abri-la de novo.

FORMIGUEIRO. Dá-se *vulgarmente* este nome a uma chaga das pernas, que tende continuamente a estender-se; ou que sara n'um lugar e torna a apparecer em outro. O formigueiro depende de varias causas. A's vezes é uma ferida simples, que não quer sarar porque o doente não guarda repouso e anda sem cessar. Outras vezes provém das veias varicosas que se desenvolvem na perna e do obstaculo da circulação. Emfim, pôde ser o resultado do vicio syphilitico, escrophuloso, escorbútico ou dartroso. Os caracteres distinctivos das chagas de cada uma destas especies achão-se indicados no artigo CHAGA, Vol. I, pag. 333.

O tratamento do formigueiro varia segundo a natureza da chaga. Se o doente foi affectado de molestia gallica e não foi curado internamente pelo mercurio, ou se não foi curado completamente, é de suppôr que a ferida é entretida pelo resto do virus syphilitico; é preciso então tomar internamente as preparações mercuriaes e o cozimento de salsaparrilha, conforme os preceitos indicados no artigo SYPHILIS.

Se o formigueiro depende do vicio escrophuloso, da constituição debil do doente, de glandulas enfiadas, de cicatrizes debaixo do queixo e outros sig-

naes de escrophulas (*veja-se* esta molestia), convém então recorrer ás preparações de ferro, quina, gençiana e outros medicamentos tonicos.

O tratamento local do formigueiro, qualquer que seja a sua causa interna, é o seguinte: cumpre que o doente deixe de andar, que guarde o repouso e que conserve, tanto quanto fôr possível, a perna n'uma posição horizontal. O asseio da chaga é uma condição indispensavel. Se a chaga está mui vermelha e dolorosa, convém applicar por alguns dias cataplasmas de linhaça; depois fazer curativos com agua de Labarraque misturada com agua morna, na proporção de uma parte d'agua de Labarraque para 2 partes d'agua morna simples. Se estes curativos produzem dôr, é necessario limitar-se aos lavatorios d'agua de Labarraque misturada com agua morna, uma ou duas vezes por dia, e applicar depois de cada lavatorio fios com ceroto simples. Para os outros curativos do formigueiro *veja-se* CHAGA.

FOSSAS NASAES. *Veja-se* Vol. I, pag. 102.

FRACTURAS *em geral*. Entende-se por *fractura* a ruptura de um ou muitos ossos. Quasi sempre é produzida por uma violencia exterior; mas ás vezes tambem pela contracção forte e subita dos musculos. A fractura chama-se tambem *quebradura do osso*.

As fracturas podem ser multiplices, isto é, de muitos ossos ao mesmo tempo ou de muitas porções do mesmo osso; de ordinario são unicas. As fracturas dos membros são muito mais communs que as das outras partes. Ha algumas circumstancias que favorecem a producção das fracturas: taes são a velhice, a magreza consideravel, a fragilidade dos ossos no rachitismo e no cancro, ás vezes a gota, o escorbuto e a syphilis.

Causas das fracturas. As fracturas podem ser produzidas directamente pelo baque de um corpo, tal como uma bengala, uma pedra, etc. Outras vezes o osso acha-se comprimido pelas suas duas extremidades, de maneira que sua curvatura natural é

exagerada; rompe-se no lugar mais fraco, é assim que acontece na maior parte das quedas, como quando alguém cahe sobre o pé e quebra o femur (osso da coxa), ou quando cahe sobre a palma da mão e quebra o radio ou o cubito, dous ossos do antebraço.

Em alguns casos, as fracturas são produzidas pelas contracções musculares. Tem-se visto crianças quebrarem o braço atirando uma pedra. Um homem quebrou o braço dando em um volante com a racketa. Eu mesmo observei no Rio de Janeiro um moço de vinte annos que, querendo dar uma bofetada em outro, errou a pancada e ficou com o braço quebrado. Seria facil multiplicar estes exemplos.

Signaes das fracturas. Os primeiros effeitos que resultão de uma fractura são: a impossibilidade de se servir do membro quebrado, uma dôr mais ou menos viva, uma deformação da parte, uma mudança na direcção do membro, uma mobilidade não natural sobre o trajecto de um osso, emfim um som particular que se obtem tocando os fragmentos do osso um contra outro, som designado pelo nome de *crepitação*.

Nada parece mais facil, á primeira vista, do que reconhecer uma fractura; e, no maior numero dos casos, é verdade. Ás vezes, pelo contrario, é uma das maiores difficuldades da cirurgia, em alguns casos impossivel de resolver. Isto depende sobretudo da inchação que se desenvolve algumas horas depois do accidente, que augmenta durante os primeiros dias, e persiste ás vezes mui longo tempo.

A maior parte dos signaes das fracturas acima indicados são tambem communs á contusão e á deslocação: só pela reunião delles pôde uma pessoa estabelecer o seu juizo. Assim, a inchação, a dôr, a impossibilidade de exercer movimentos, o encurtamento e a deformação pertencem tanto ás deslocações como ás fracturas. Só a crepitação dos fragmentos é um signal especial das fracturas.

A *reunião dos ossos fracturados* se faz, em geral, mui lentamente; só ao cabo de quarenta dias a cicatriz chamada *callo* apresenta alguma solidez. Se o osso é destinado a supportar um peso consideravel, como acontece com os ossos da perna, só no fim de dous mezes se póde contar com sufficiente consolidação.

Complicações das fracturas. As fracturas podem ser complicadas de lesões dos órgãos vizinhos: isto se observa frequentemente nas fracturas dos ossos do craneo, do peito e dos quadris, e estas lesões fazem o principal perigo deste genero de accidentes. A fractura constitue então uma lesão secundaria. Outras complicações são as contusões das carnes que rodeão os ossos quebrados, as feridas das partes molles produzidas pela causa da fractura ou por um dos fragmentos do osso, a abertura de uma arteria ou de uma veia, a multiplicidade dos fragmentos, e emfim a deslocação de uma das extremidades do osso quebrado.

Indiquemos o que se deve fazer, *antes de chegar o medico*, no caso de fractura de um osso.

Maneira de levantar e de transportar o doente. Quando a fractura occupa o braço, o doente póde, sem nenhum soccorro, transportar-se do lugar do desastre para aquelle onde deve ser tratado; segura com o braço são o braço quebrado, ou suspende-o n'um lenço ao peito para impedir que balance. Póde tambem só-zinho vir procurar soccorros quando a fractura occupa algum dos ossos do rosto. Mas não é assim quando a lesão tem lugar nos ossos do craneo, porque neste caso existe quasi sempre commoção do cerebro, e o doente não póde andar. Nas fracturas dos membros inferiores, tambem não póde o doente mover-se, e deve ser levantado e transportado. Quasi sempre são encarregadas deste cuidado pessoas estranhas á arte de curar, e é raro que, privadas de conhecimentos necessarios, não occasionem algum damno. Com effeito, transportando o doente, não olhão para o membro fracturado, ou pegão nelle por uma de suas extremidades; resultão destas duas causas gran-

des movimentos dos fragmentos e um augmento manifesto da deslocação e da dôr.

Às vezes faz-se o transporte ás costas de um homem ou em uma cadeira, e, durante todo o trajecto, o membro quebrado é abandonado ao seu peso e obedece a todas as impulsões que lhe imprime uma marcha mais ou menos penosa e irregular. Acontece o mesmo quando quatro homens pegão no doente cada um por um membro, sustentando o membro quebrado sómente perto do tronco, e deixando entregue a si mesma a parte que communica com o fragmento inferior; e tambem quando esta parte mesma fór segurada por uma quinta pessoa, porque é mui difficil que um tão grande numero de pessoas combinem de tal maneira os seus movimentos que disso não resulte nenhuma deslocação entre os fragmentos.

Evitão-se estes graves inconvenientes transportando-se o doente em uma padiola, em uma marquezta ou em qualquer cousa que sirva de cama, como uma mesa comprida, uma taboa larga. Eis-aqui como se procede: Deve-se primeiro descobrir o membro quebrado, não tirando os vestidos, mas sim cortando-os com tesoura. Uma pessoa entendida, em falta de cirurgia, pega com uma mão na parte do membro que communica com o fragmento inferior, e ao mesmo tempo segura com a outra mão o fragmento superior; então puxa pelo fragmento movel, endireita-o e o põe nas relações naturaes. Diz aos assistentes que levantem o doente e que o transportem em uma marquezta ou cousa que o valha; e, continuando sempre a manter os fragmentos n'um contacto exacto, acompanha o membro até que seja convenientemente posto sobre uma almofada. Desta maneira evitão-se ao doente todas as dôres que resultão da deslocação dos fragmentos e dos movimentos que lhe podem ser communicados. Se se trata de uma fractura da coxa, será difficil ao cirurgião pegar no membro por baixo e por cima da fractura; encarrega então uma pessoa de segurar o tronco, entretanto que elle

mesmo segura no membro com ambas as mãos perto do joelho para endireita-lo e estendê-lo tanto quanto fôr possível, e procura combinar seus movimentos com os movimentos da outra pessoa, afim de produzir a menor deslocação possível. Finalmente, eis-aqui o melhor methodo de levantar e de transportar o doente de coxa quebrada. É preciso que elle passe ambos os seus braços em roda do pescoço de uma pessoa vigorosa, e que esta lhe segure o tronco; outra pessoa sustenta as cadeiras, e uma terceira pega no membro sã, entretanto que o cirurgião ou a pessoa que o substitue se encarrega do membro quebrado. A um signal do cirurgião levantão o doente; passa-se a marquezza por baixo d'elle, e deitão-no nella: o membro será posto encolhido. Para uma fractura de coxa, as almofadas devem formar um duplo plano inclinado (desta fórma \wedge), debaixo para cima desde a nadega até á curva da perna, e de cima para baixo desde a curva da perna até ao calcanhar. Para uma fractura da perna, as almofadas hão de formar um plano horizontal. Quando ao transportar se descem escadas, a cabeça do doente deve estar para diante, afim de que o peso do corpo não se dirija sobre o lugar fracturado. Os pés, pelo contrario, serão dirigidos para diante quando fôr preciso subir escadas ou algum outro lugar elevado.

A operação de pôr o doente na sua cama definitiva se faz na mesma ordem e com as mesmas precauções que quando se trata de pô-lo sobre a cama provisoria.

A cama destinada para as pessoas affectadas de fracturas deve ser bastante dura para não se deformar debaixo do peso do corpo. É preciso ter o cuidado de não pôr debaixo da cabeça ou dos hombros travesseiros mui altos com os quaes os doentes ficarião como sentados na cama. Deve-se pregar no tecto uma corda que desça ao alcance do doente e que se termine por uma travessa de páo. Esta corda serve ao doente para levantar-se quando quer satisfazer suas necessidades.

O repouso é absolutamente indispensavel durante todo o tempo do tratamento. Sem isso os fragmentos mudão continuamente de lugar e a consolidação é impossivel.

As almofadas que se collocão debaixo do membro quebrado são enchidas com paina e semelhantes ás que servem para dormir; só não devem ser mui cheias, pois que neste caso são mui duras e não podem adaptar-se á fórma das partes.

Não póde entrar n'uma obra desta natureza a descripção de varios apparatus para manter as fracturas; limito-me a dar algumas noções a este respeito fallando de cada fractura em particular. (Veja-se ANTEBRAÇO, BRAÇO, COSTELLAS, COXA, PERNA, etc.)

Para que o apparatus seja efficaz, é preciso dar-lhe certo gráo de constrictão; se não é bastante apertado, permite aos fragmentos movimentos nocivos para a consolidação; mui apertado, determina uma dôr viva e póde até produzir a gangrena do membro. Estando o membro quasi todo coberto pelo apparatus, só as pontas dos dedos ficão livres e indicão o gráo de constrictão do apparatus. Se estas pontas estão fortemente inchadas, frias, lividas, e se ao mesmo tempo existem no membro grandes dôres, é prova de que o apparatus está mui apertado: então é necessario afrouxa-lo; deve-se entretanto saber que, se não existe um ligeiro gráo de tumefacção, a constrictão não é sufficiente. Uma ligeira dôr no membro, pouco tempo depois da applicação do apparatus, uma pequena tumefacção de sua extremidade, sem lividez, sem resfriamento, eis o que existe ordinariamente quando a constrictão do apparatus é levada ao gráo conveniente.

Um apparatus convenientemente applicado no primeiro momento póde, ao cabo de certo tempo, ficar mui frouxo ou mui apertado, o que provém de que a inchação do membro tem diminuido ou augmentado; póde ser desmanchado pelos movimentos do doente ou por qualquer outra causa: convém remediar a isto. Ás vezes basta só apertar

ou afrouxar as ataduras exteriores; mas outras vezes é necessario tornar a applicar o apparelho inteiro. Esta operação exige certas precauções quando deve ter lugar poucos dias depois do accidente. Se os ossos sahirão do lugar ou não forão encanados exactamente no primeiro curativo, pôde-se remediar a isso seguindo as regras ordinarias; o callo, nos primeiros dias de sua formação, é bastante flexivel para permittir esta correccão.

A difficuldade de movimentos é a consequencia ordinaria de uma fractura; depende da diminuição do volume dos musculos que forão comprimidos por mui longo tempo, e procede sobretudo da immobildade das juntas durante todo o tempo do tratamento. Esta difficuldade dos movimentos persiste por longo tempo, mas desaparece pouco a pouco pelo exercicio; as fricções com aguardente alcanforada são uteis neste caso. Com o tempo o membro torna a cobrar o seu primeiro volume e a sua primeira força.

FRACTURA DO ANTEBRAÇO. *Veja-se ANTEBRAÇO*, Vol. I, pag. 114.

FRACTURA DO BRAÇO. *Veja-se BRAÇO*, Vol. I, p. 234.

FRACTURA DOS OSSOS DA CABEÇA. *Veja-se CABEÇA*. Vol. I, pag. 236.

FRACTURA DA CLAVICULA. *Veja-se CLAVICULA*, Vol. I, pag. 363.

FRACTURA DAS COSTELLAS. *Veja-se COSTELLA*, Vol. I, pag. 471.

FRACTURA DA COXA. *Veja-se COXA*, Vol. I, pag. 473.

FRACTURA DO CUBITO. *Veja-se ANTEBRAÇO*, Vol. I, pag. 114.

FRACTURA DOS DEDOS. *Veja-se DEDO*, Vol. II, pag. 3.

FRACTURA DO HUMERO. *Veja-se BRAÇO*, Vol. I, pag. 234.

FRACTURA DA MÃO. *Veja-se MÃO*.

FRACTURA DO NARIZ. *Veja-se NARIZ*.

FRACTURA DA PERNA. *Veja-se PERNA*.

FRACTURA DO RADIO. *Veja-se ANTEBRAÇO*, Vol. I, pag. 114.

FRACTURA DA TIBIA. *Veja-se* PERNA.

FRACTURA DO QUEIXO. *Veja-se* QUEIXO.

FRAQUEZA. Falta de força, debilidade. Nos artigos CONVALESCENÇA e EMMAGRECIMENTO vão indicadas as circumstancias principaes que podem accidentalmente determinar o estado de fraqueza. Só nos occuparemos aqui da fraqueza natural.

A fonte primaria da fraqueza existe na constituição nativa, a segunda na educação ou genero de vida, a terceira nos accidentes que causão desordens na organização. A fraqueza pôde ser, por consequente, primitiva, consecutiva, accidental, permanente ou transitoria.

As causas da fraqueza originaria são mui obscuras. Bem que a impressão das transmissões hereditarias se observa mui commummente, não é raro commudo ver-se pais robustos procrearem entes fracos, e *vice-versa*. Entretanto, existem grandes probabilidades de uma posteridade vigorosa quando o parto não é temporão, quando os conjuges cujo casamento não foi prematuro são isentos de molestias hereditarias, bem constituídos e de vida regrada. O genero de vida da mulher, durante a prenhez, não deixa de ter influencia sobre a constituição do filho. Frequentemente elle traz, durante toda a sua vida, a impressão de algum excesso ou de qualquer accidente que perturbou a prenhez.

Uma má educação physica e moral prolongada pôde determinar o enfraquecimento de uma constituição naturalmente forte. Só a amamentação basta ás vezes para imprimir na organização um sello indelevel de força ou de fraqueza. A debilidade geral não conhece depois causa mais poderosa do que a má qualidade ou a insufficiencia dos alimentos; a habitação em um lugar sombrio, estreito, humido, infectado de miasmas; a inacção ou um exercicio excessivo. A influencia passageira destas mesmas causas pôde dar lugar á fraqueza accidental que se repara com maior ou menor facilidade; e de mais é preciso accrescentar os excessos de todo genero: o

onanismo, os abusos venereos, a intemperança das bebidas e dos alimentos, as fadigas de corpo e de espirito, as paixões, e particularmente as que são tristes, o excesso das vigílias ou do somno, etc.

Os meios precautorios e curativos da fraqueza derivão directamente da apreciação de suas causas. Já dissemos quaes são as condições mais favoraveis para dar-se á criança uma boa constituição, isto é: esposos sãos, nem mui moços nem velhos, sobrios; uma prenhez isenta de excessos e de accidentes e o parto no tempo proprio. Quando, no meio destas circumstancias vantajosas, a criança nasce bem constituida, é preciso desenvolver estas disposições naturaes, primeiro pela escolha de uma boa ama de leite, se a mãe não póde servir; depois pela reunião de cuidados hygienicos, de que vamos indicar os principaes. As qualidades salubres do ar são essenciaes para qualquer idade, e particularmente para os recém-nascidos. Não convém por conseguinte deixa-los n'uma atmospherá estreita, corrompida por emanações e não renovada. É preciso expô-los ao ar livre quando o tempo o permite. Devem ter vestidos commodos e largos, e convém deixar-lhes desenvolver os movimentos compatíveis com suas forças e sua idade. As comidas devem ser regradas conforme o seu appetite; só é necessario evitar as indigestões e as substancias de má natureza. As crianças fracas convém dar de vez em quando um pouco de vinho com agua e assucar e uma alimentação substancial; caldos, ovos, mingãos.

Taes são as bases de regimen mais proprias para manterem e desenvolverem uma boa constituição, e para a tornarem melhor se é má, e este regimen convém a todas as idades: ar bom, alimentação boa, exercicio sufficiente sem ser excessivo, evitar os excessos de todo genero. Depois disso, que podemos dizer da fraqueza accidental e dos meios de remedia-la? Convém simplesmente remover as suas causas, substituir, conforme a occurrencia, a ociosidade pela vida activa, as fadigas pelo repouso, os

excessos venereos pela continencia, a intemperança pela sobriedade dos alimentos e das bebidas; ou então a dieta opposta, pela alimentação mais substancial e bebidas tonicas.

Para concluir este artigo, diremos que a causa mais ordinaria do enfraquecimento de nossos órgãos ou de nossas faculdades provém da falta ou do excesso de exercicio destes órgãos e destas faculdades.

FRAQUEZA DA VISTA. *Veja-se VISTA.*

FRECHA NA CABEÇA. *Veja-se FERIDA DA CABEÇA, Vol. II, pag. 242.*

FREIO DA LINGUA. Diz-se que uma criança tem freio na lingua quando certa membrana que se observa debaixo da lingua se prolonga até á extremidade deste órgão, ou quando ella é mui curta. Em ambos os casos, os movimentos da lingua são contrangidos, e a criança não póde mamar convenientemente, e mais tarde não poderá pronunciar exactamente as palavras. Conhece-se este defeito natural pela dificuldade que tem a criança de mamar. Mettendo-se então um dedo na bocca da criança, sente-se que não fica apertado pela lingua, como acontece no estado normal.

Uma pequena operação destróe este vicio de conformação: consiste em cortar com uma tesoura a membrana que retém a lingua; é necessario sómente, depois de a ter cortado, que se examine frequentemente a bocca da criança, a ver se ha alguma hemorragia para estanca-la immediatamente, o que o cirurgião fará com facilidade cauterizando o orificio do vaso aberto. Esta cauterisação só occasiona uma dôr momentanea, e não é grave.

Mas o prolongamento anormal do freio da lingua é mais raro do que pensão, e muitas operações do freio são feitas sem necessidade alguma. Todas as vezes que uma criança não póde mamar, logo os pais o attribuem a este vicio de conformação; mas ha outras causas que podem impedir a sucção: por consequinte, em vez de se fiarem em parteiras

ignorantes, será sempre prudente consultar um medico instruido.

FRIALDADE. Em algumas provincias do Brasil assim se designa a *oppilação*.

FRICÇÃO. Acção de esfregar diversas partes do corpo. As fricções são *seccas* ou *humidas*. As primeiras se fazem com as mãos, baeta ou escova, as segundas com linimentos, unguentos, tinturas, etc. As fricções seccas são mui uteis nas diversas asphyxias, e principalmente na asphyxia dos afogados. As fricções humidas, que se praticão molhando um pedaço de baeta ou de panno de linho ou de algodão em algum liquido medicamentoso, frio ou quente, e esfregando as costas, braços, pernas, ventre ou alguma outra parte do corpo, podem-se fazer tambem com a mão só; mas neste caso devem ser feitas pelo doente mesmo, porque a pessoa que esfrega absorve uma parte do remedio.

Quando se praticão fricções com unguento napolitano ou alguma outra pommada mercurial, devem-se tirar dos dedos os anneis de ouro, porque seriam destruidos pelo mercurio.

As fricções humidas se empregão frequentemente em diversas molestias, e sobretudo no rheumatismo, gota, inflammações de ventre, febres intermittentes, etc.

A fricção se chama vulgarmente *fomentação*. Quando se emprega algum corpo gordo, como oleo de amendoas, pommadas, unguentos, chama-se *untura*.

FRIEIRAS. Dá-se este nome a certas vermelhidos inflammatorias, dolorosas, sujeitas a ulcerarem-se, produzidas pelo frio. Atacão com preferencia as crianças, as mulheres e as pessoas delicadas que tem a pelle fina. Tem-se proposto muitos remedios contra as frieiras. Quando não estão ulceradas, é preciso empregar lavatorios com cachaça, com aguardente alcanforada, com agua salgada ou misturada com vinagre, com agua e sabão, agua de Colonia. As feridas occasionadas pelas frieiras de-

vem ser lavadas com agua, á qual se ajuntaráõ algumas gottas d'agua de Colonia ou de algum outro licôr espirituoso, e curadas com ceroto de Saturno; é util tambem toca-las de tempos a tempos com pedra infernal; mas se estas ulceras fórem mui dolorosas e mui inflammadas, convém suspender por algum tempo as applicações excitantes e cura-las simplesmente com ceroto simples. Nos casos rebeldes, deve-se associar a estas applicações locaes a influencia de uma habitação salubre, um regimen tonico, exercicio ao ar livre, e enfim os medicamentos amargos, taes como, por exemplo, a decocção de genciaua. Previnem-se as frieiras fortificando a parte com fricções seccas, lavatorios com agua fria, vinho ou cachaca.

FROUXIDÃO DOS NERVOS. Por frouxidão dos nervos designa-se o estado de uma pessoa que é mui irritavel e que não póde soffrer nenhuma contrariedade, nenhuma opposição. Este estado se acalma por uma boa direcção dada ás faculdades intellectuaes, pela abstinencia de todas as comidas excitantes e pelo uso dos banhos mornos ou frios.

Designa-se tambem pela frouxidão dos nervos a molestia chamada **HYSTERISMO**. (*Veja-se esta ultima palavra.*)

FROXO BRANCO. *Veja-se* FLÔRES BRANCAS.

FROXO DE SANGUE. *Veja-se* HEMORRHAGIA.

FROXO DE SANGUE PELO UTERO. *Veja-se* HEMORRHAGIA UTERINA.

FRUCTA ou **FRUCTO**. Os botanicos chamão *fructo* a porção do vegetal que serve de receptaculo aos grãos. Por conseguinte, o *fructo* é, a respeito das plantas, o que é o *ovo* a respeito dos animaes; é destinado pela natureza a manter a perpetuidade das especies.

Temos pouco que dizer aqui sobre os fructos, visto termos já fallado delles no artigo **ALIMENTOS**, Vol. 1, pag. 68.

Muitas pessoas attribuem graves inconvenientes ao uso das fructas comidas pelos adultos, e sobretudo

pelas crianças. As diarrhéas, as colicas, os enfartes dos órgãos do ventre, e mais tarde as febres e as molestias cutaneas, são, segundo estas pessoas, os effectos ordinarios deste genero de alimentação. Mas é evidente que, fallando assim, confundem o abuso com o uso, o excesso com a moderação. Perguntai aos homens sanguineos, ás pessoas nervosas, aos marinheiros cansados por longa viagem, se o uso das fructas lhes é nocivo. Quem ignora a utilidade das fructas acidulas n'um grande numero de molestias? Muitas inflammções rebeldes aos medicamentos cedem ao emprego das laranjas, das limas e de varias limonadas. O grande naturalista Linneo pretendia ter ficado bom da gota comendo todos os dias uma grande quantidade de morangos. As bananas cozidas e muitas outras fructas podem ser comidas em todas as molestias, e geralmente no estado de saude não é o uso das fructas, mas sim o abuso que se pôde tornar nocivo.

É tambem um erro mui grande a opinião das pessoas que julgão que as lombrigas são produzidas pelos vermes das fructas comestiveis.

FRUCTA DO CONDE. Fructa mui estimada no Brasil. Debaixo da casca dura e escamosa acha-se uma especie de geléa que contém grande numero de sementes. Esta geléa é doce e mui agradável. Os doentes e os convalescentes podem usar de fructa do conde com vantagem.

FRUCTA DE PÃO (Fructo do *Artocarpus incisa*, Linneo.) Arvore que dá nas Ilhas do Oceano Pacifico e no Brasil. Esta fructa chega ao volume da cabeça de um homem e mais, pois que pesa ás vezes até cincoenta libras. A sua polpa contém uma grande quantidade de amido, e poderia servir para fazer pão. A fructa de pão, assada no forno, come-se simples ou com manteiga; é um alimento são e agradável; parece-se no gosto com batatas inglezas. Este vegetal constitue, com o coco da Bahia, a base da alimentação dos habitantes das ilhas do Pacifico.

FRUCTOS PEITORAES. Na pharmacia dá-se o

nome de *fructos peitoraes* a uma mistura de partes iguaes de tamaras privadas de seus caroços, de aço-feifas, de figos e de passas de uvas. Nos catarrhos pulmonares e outras molestias acompanhadas de tosse usão-se cozimentos preparados com estes fructos. A dóse é de uma onça de fructos peitoraes para ter 16 onças de cozimento, que se toma por chicaras no decurso de um dia.

FRUNCHO ou FURUNCULO, chamado tambem *leicença*, *cabeça de prego* e *nascida*. Tumor da pelle arredondado, conico, de côr vermelha violacea, mui doloroso, e cujo volume vária desde o tamanho de um grão de ervilha até ao de um ovo. Do quarto ao oitavo dia, este tumor levanta-se em ponta, amollece e branquêa no apice; depois vasa por uma pequena abertura uma diminuta quantidade de pus, e permite ver-se o tecido cellular mortificado, que se chama *carneção*. Este se solta do decimo ao duodecimo dia, e, depois de ter sahido espontaneamente ou pela pressão, cessa a dôr, e a molestia finalisa do duodecimo até ao decimo quinto dia, não deixando outro vestigio mais do que uma pequena cicatriz. Tal é a marcha ordinaria desta affecção, que, entretanto, vária muito quanto á intensidade dos symptomas: assim, umas vezes mostram-se um ou dous frunchos sem dôr e passão, por assim dizer, inapercebidos; outras vezes cobre-se o corpo delles, e á medida que se somem os antigos frunchos, vão apparecendo outros novos; pôde até existir febre, nauseas e vomitos.

A complicação mais frequente dos frunchos é esse estado particular do estomago e dos intestinos conhecido pelo nome de *embaraço gastrico*. Este estado é caracterisado por dôr de cabeça, bocca amarga, cansaço, desejos de vomitar, perda do appetite, etc. O fruncho sobrevém em todas as partes do corpo; entretanto, é mais commum nas costas, margem do anus e nadegas.

As *causas* do fruncho são ora locaes, como o pouco asseio, a applicação de substancias irritantes sobre

a pelle, o uso de certas pomadas, um attrito repetido, a sarna; ora geraes e ligadas a outras molestias. Assim, os frunchos apparecem no fim das diversas affecções, das boxigas, por exemplo, e mui frequentemente se desenvolvem debaixo da influencia do estado de irritação das vias intestinaes.

Tratamento. As cataplasmas de linhaça são quasi os únicos meios que se dirigem contra esta affecção, quando é local. As vezes basta cobrir o fruncho com um pedaço de emplasto diachylão. Se os frunchos são muitos, o doente deve tomar alguns banhos d'agua morna simples e beber um cozimento refrigerante, tal como decocção de cevada ou limonada de limão. Quando o tumor está inflamado e doloroso, a incisão praticada com o bisturi diminue estes symptomas e apressa singularmente a cura. Quando muitos frunchos se succedem desde longo tempo n'um individuo, e quando coincidem com a bocca amarga ou falta do appetite, o melhor tratamento consiste em administrar um vomitorio ou um brando purgante.

FULMINADO. *Veja* ASPHYXIA PELO RATO, V. I, p. 157.

FUMARIA. (*Fumaria officinalis*, Linneo.) Planta que habita nos campos do Brasil e da Europa. Tem caule glauco, quadrado, liso; folhas bipinnuladas, recortadas; flôres purpúrias matizadas de preto; a planta toda é mui succulenta e amarga. Toda a planta usa-se em medicina como tonico. O chá de fumaria, que se prepara deixando infundir uma oitava de fumaria n'uma chicara d'agua fervendo, bebido todos os dias de manhã, é empregado com vantagem nas molestias da pelle.

FUMIGAÇÃO. Designa-se com este nome os vapores de diversa natureza applicados á totalidade ou a algumas partes do corpo. As substancias empregadas para as fumigações são: os vapores d'agua pura ou carregada de principios mucilaginosos, aromaticos, etc., os de benjoim, de camphora, de preparações mercuriaes, etc. Osapparelhos não varião menos, desde a simples fumigaçãõ excitante dada

na cama, deitando-se n'um fogareiro com brasas um pouco de benjoim, até aosapparelhos mais elegantes e mais complicados que se encontrão nos estabelecimentos publicos. As fumigações são geraes ou parciaes: as primeiras, nas quaes o corpo inteiro é mergulhado, não se podem fazer senão com os vapores d'agua: já dellas fallámos no artigo BANHO. Nas fumigações parciaes, o vapor pôde cobrir todo o corpo á excepção da cabeça; o doente é então fechado n'uma caixa, onde só fica de fóra a cabeça, que sahe por uma abertura circular praticada na parte superior do apparelho; outras vezes só se expõe á acção do vapor um membro ou uma parte do corpo, por meio de apparelhos particulares.

Na falta destes apparelhos, eis-aqui um processo mui simples que empregamos frequentemente na administração das fumigações camphoradas, no caso de gota ou de rheumatismo chronico. O doente senta-se em uma cadeira, debaixo da qual se acha um fogareiro que contém carvão em brasa, e envolve-se n'um cobertor de lã, que se aperta á roda do pescoço e desce até ao chão, cobrindo tambem a cadeira. Deitão-se então duas a quatro oitavas de camphora sobre as brasas; o medicamento se volatilisa, põe-se em contacto com a superficie do corpo, o suor apparece, e o doente, depois de ter ficado por espaço de uma hora neste banho de vapor camphorado, é conduzido para a cama, embrulhado no seu cobertor.

Conforme as propriedades das substancias reduzidas a vapor, as fumigações são excitantes, antisiphiliticas, antidartrosas, etc. Tem, além disto, uma acção commum, que é a de excitar a transpiração.

FUMO. *Vêja-se* TABACO.

FUNCHO. (*Fructo de Anethum foniculum*, Linneo.) Planta da Europa, cultivada nas hortas do Brasil. São grãos alongados, quasi cylindricos, estriados longitudinalmente, de côr verde pallida quando recentes, amarellados quando antigos; cheiro aromatico, sabor quente. São estimulantes e empre-

gados nas colicas, principalmente nas das crianças. Usão-se debaixo da fórma de chá, que se prepara com uma colher de chá de sementes de funcho e uma chicara d'agua fervendo.

FUNDAS. Examinadas de uma maneira geral, as fundas se distinguem em duas especies: umas consistem na applicação de uma atadura; outras são meios mecanicos destinados a conter as partes molles deslocadas na affecção que se chama vulgarmente *quebradura*; fallaremos neste lugar só desta ultima especie de fundas. Ha duas qualidades, umas não elasticas e outras elasticas. As primeiras devem ser abandonadas como incapazes de ser uteis ás mudanças de volume de que o ventre é susceptivel. Pelo seu emprego os doentes tem pouca segurança, e se, para evitar a sahida dos intestinos, augmentão a constricção, a pelle se inflamma, torna-se dolorosa, e a presença da funda é insupportavel.

A invenção das fundas elasticas é um dos maiores serviços que a cirurgia tem prestado á humanidade. Tem-se feito nestes ultimos tempos fundas com almofadinhas moveis, com almofadinhas elasticas, medicamentosas, etc.; mas até agora a antiga funda nos parece ainda preferivel a todas estas que se chamão *aperfeiçoadas*. A *mola* de algumas novas fundas é coberta, no lugar da pelle, por uma camada de gomme elastica: ellas são mui brandas e mui lisas quando novas, são mais caras do que as outras e se estragão mais promptamente.

Se os doentes estão afastados da morada de um fabricante, devem saber tomar em si medida da funda; basta para isto applicar um pedaço de barbante sobre toda a circumferencia do corpo, principiando da abertura pela qual os orgãos se escapão. Outras considerações sobre as fundas serão descritas no artigo QUEBRADURA.

FUROR UTERINO. Chama-se furor uterino ou *nymphomania* o desejo violento e insaciavel dos prazeres venereos na mulher, levado a um tal gráo, que perturba a razão, faz esquecer todo o sentimento

de pudor, e constitue uma verdadeira loucura. Tem-se observado o furor do onanismo em meninas de tres annos, e a nymphomania em mulheres de setenta e oitenta annos; é mais frequente desde a puberdade até á idade madura, e principalmente nestas duas épocas. A maior parte das mulheres que são della affectadas são irritaveis, de temperamento nervoso, de imaginação ardente, são triogueiras, abundantemente cobertas de cabellos; tem os olhos pretos, grandes e vivos, as cadeiras largas, arredondadas, e os membros inferiores mui desenvolvidos. As causas desta molestia são: um amor infeliz, uma affecção moral e profunda, leituras eroticas, conversações romanescas, paineis e estatuas voluptuosas, cultura mui assidua das bellas artes, a frequencia dos bailes, as dansas e a continencia forçada, sobretudo nas pessoas que tem já gozado de um feliz hymeneo. O abuso dos perfumes, dos excitantes, dos licôres espirituosos, excitando os sentidos, pôde tambem exaltar a sensibilidade geral a ponto de produzir a nymphomania. Pôde ser tambem o effeito da masturbação e do abuso do coito. A presença das lombrigas titillando o anus e o clitoris podem tambem provocar os accessos da nymphomania. Sobrevém tambem em consequencia dos purgantes drasticos.

A invasão da nymphomania é raras vezes subita, e ordinariamente é precedida por desejos vivos, mas sobre os quaes a razão conserva ainda todo o seu poder: a mulher fica triste, pensativa, traz os olhos alternativamente languidos ou animados, turva-se e córa sem causa apparente na presença da maior parte dos homens, e sobretudo ouvindo-lhes a voz; sua imaginação se exalta, suas palavras tornão-se vivas e animadas; busca a solidão e nella se entrega de ordinario á masturbação. Não sendo satisfeitos os desejos, o mal se agrava, a mulher se nutre de leituras obscenas, provoca conversações voluptuosas, tem só idéas lascivas; á vista de um homem seus olhos brilhão, seu rosto se anima, sua respiração é

precipitada; suspiros, linguagem, olhares, attitude, tudo nella respira a voluptuosidade e provoca aos actos amorosos. Principalmente nas épocas da menstruação, os symptomas se aggravão muito mais. Emfim, chega-se até a perder a razão. O estado de loucura torna-se contínuo, e então a mulher entrega-se a actos desordenados; mas seu delirio versa sempre sobre os prazeres venereos.

Quer seja o resultado de uma disposição innata, quer adquirida, o appetite venereo desmesurado é sempre uma desgraça que reclama a mais séria sollicitude. Qual é a situação que merece maior respeito e admiração do que a da mulher, naturalmente pudibunda, que combate com coragem contra o imperio dos sentidos, cuja alma, fortificada na virtude, geme e se indigna das exigencias brutaes da materia? A vida sedentaria, contemplativa, é extremamente nociva ás mulheres atormentadas pela excitação espontanea dos órgãos geradores; o exercicio do corpo e as occupações do espirito lhes são eminentemente salutaes. Quanto mais proxima está a nymphomania do seu primeiro gráo, tanto mais possível é curar-se pela satisfação dos desejos venereos; os autores referem muitos casos que abonão esta verdade. Citão até muitos casos de cura depois de já ter a molestia chegado a ponto de perturbar a razão. Deve-se, por conseguinte, aconselhar o casamento sempre que fôr possível; mas, em geral, quando a molestia já é um pouco antiga, os prazeres do amor não produzem melhora alguma. Subtrahir-se-hão a tudo o que puder despertar-lhes os sentidos. Seu regimen será lacteo e vegetal; usarão de banhos frescos e mornos, de clysteres frios, emollientes, de bebidas feitas com infusões de azedas, de alface, de malvas, de violas, com sementes emulsivas de melão, pepino, melancia, da orxata, dos xaropes acidos, das applicações frias na nuca. A's vezes as emissões sanguineas são necessarias. Quando o furor uterino tem chegado a um ponto em que a propensão venerea domina exclusivamente a mulher, e quando

o delirio erotico, com um cortejo de tristes obscenidades, se prepara ou existe, é mister não perdê-la de vista, conserva-la só e vigia-la como se fosse uma louca.

FURUNCULO. *Vêja-se* FRUNCHO.

G

GAFEIRA. *Vêja-se* SARNA.

GAGUEIRA. Vicio da palavra, que consiste especialmente em pronunciar com difficuldade e em repetir convulsivamente as letras ou as syllabas cuja articulação exige maior esforço e exactidão da parte dos órgãos da voz. Sua causa não está bem determinada. Em alguns casos, a gagueira tem a origem no cerebro e está ligada a uma affecção nervosa, padecida pela pessoa gaga n'algum momento de sua vida; outras vezes, depende da perturbação da respiração; outras, enfim, provém da retracção dos musculos que fixão a lingua ao pavimento da bocca, desvião este órgão de sua direcção e constremem os seus movimentos.

A gagueira não principia nãs crianças senão na idade de quatro a cinco annos; augmenta até á puberdade, fica estacionaria durante a mocidade, diminue na idade madura, e desaparece ás vezes completamente na velhice. Esta enfermidade é extremamente rara nas mulheres. A timidez e o constrangimento a augmentão; a confiança e a segurança a diminuem. N'uma conversação animada e que o interessa vivamente, o gago cessa ás vezes de sê-lo por alguns instantes; acontece o mesmo na colera, na acção de cantar ou de declamar. A gagueira não é sempre contínua, suspende-se em alguns individuos por dias e até por mezes inteiros.

Consegue-se ás vezes vencer e até fazer desappa-

recer a gagueira, com o estudo, com uma grande perseverança e muita vontade. A declamação, a leitura em voz alta, o canto, esforços contínuos para pronunciar as syllabas difficeis, são os melhores meios de remediar este mal. Ha um methodo que tem curado muitas gagueiras, o qual consiste em obrigar o gago a articular os sons com a possivel clareza, separando a lingua do céu da bocca o menos que puder. Para que este methodo tenha toda a sua efficacia, deve o gago largar toda occupação, entregar-se ao silencio mais absoluto depois dos seus exercicios, principiari pronunçando syllaba por syllaba, depois ler, mas lentamente e sem procurar de fôrma alguma entrar no sentido do que lê, occupar-se sómente em conservar a posição da lingua emquanto articula; permite-se-lhe depois occupar-se do sentido do que lê, não perdendo de vista os movimentos que faz executar á lingua; emfim, aconselha-se-lhe que faça uma narração um pouco longa; depois, que entre em conversação, como ultima prova. O Dr. Itard curou dous meninos fazendo-os confiar a mestres estrangeiros, e forçando-os desta maneira a aprenderem de novo a fallar. O mesmo medico curou mais duas crianças por meio de um pequeno instrumento em fôrma de forquilha, de prata ou de ouro, que mettia debaixo da lingua. Taes forão os unicos meios de tratamento da gagueira até ao principio do anno de 1841, época em que o Dr. Amussat, celebre cirurgião de Paris, estudando os phenomenos deste vicio, observou que em muitos gagos a lingua não é livre em seus movimentos, e julgou que curaria a gagueira cortando os musculos que impedem que a lingua se levante até ao céu da bocca. O bom exito corôou sua empreza: muitos gagos operados por elle virão desapparecer completamente ou quasi completamente sua enfermidade. Alguns outros operadores seguirão o exemplo do Dr. Amussat, e tem sido igualmente bem succedidos, principalmente nos casos em que a lingua tinha tendencia para dirigir-se para baixo e para

diantè. A operação da secção dos musculos, para curar a gagueira, já entrou no dominio da arte, mas necessita ainda de novas experiencias, afim de serem bem determinadas as circumstancias em que ella convém especialmente.

GALLICO (MAL). *Veja-se* SYPHILIS.

GALLO. Designa-se vulgarmente com este nome um pequeno tumor, que é o resultado de pancadas e quedas, formado por sangue derramado debaixo da pelle, e que sobrevém facilmente nos lugares em que os ossos são immediatamente cobertos pela pelle, como na testa, cabeça, cotovello, etc. Quasi sempre os gallos se dissipão por si, em poucas horas ou em poucos dias. A compressão exercida por meio de um panno e de chumaços molhados n'agua fria com sal, agua com vinagre ou com aguardente, favorece e accelera o desaparecimento destes tumores, que nunca exigem a applicação de bichas, como muitas pessoas suppoem.

GALVANISMO. Dá-se o nome de *galvanismo* ou de *electricidade galvanica* a um fluido particular que se desenvolve pelo simples contacto de dous corpos metallicos de natureza diferente, *verbi gratia*, do cobre com o ferro, do zinco com o cobre, etc. O fluido que se desenvolve por este contacto manifesta sua presença por certas contracções que communica á mão ou a outra parte do corpo humano que se acha em communicação com estes corpos metallicos. *Galvani*, lente de physica em Bolonha, foi o primeiro que em 1789 fixou a attenção dos sabios sobre estes phenomenos. *Volta* imaginou um aparelho formado de chapas de cobre e chapas de zinco (pilha voltaica), com que se póde augmentar á vontade a accumulção desta electricidade. O galvanismo é empregado em medicina nas paralyrias, dôres rheumaticas e nervosas. Segundo este principio (o galvanismo) são feitas as *chapas medicinaes*. (*Veja-se* estas palavras, Vol. I, pag. 336.)

GANGLIÃO ou GANGLIO. *Veja-se* MÃO.

GANGRENA. Uma das molestias mais graves,

mais rapidas na sua marcha e em seus effeitos e que produzem maior susto no animo do povo, é sem duvida a *gangrena*. Morte parcial dos tecidos, ella é, para com os orgãos, o que a morte é para com o corpo inteiro; define-se a *mortificação mais ou menos extensa de alguma parte do corpo*.

Causas variadas a produzem: umas vezes é uma inflammação rapida e violenta que, inchando além dos limites as partes cercadas de uma aponevrose inextensivel, determina a sua estrangulação, e por consequencia a morte ou a gangrena. Outras vezes é uma constrictão feita pelas margens de uma abertura sobre os orgãos que a tem atravessado. Uma funda mui apertada, ou uma ligadura que comprime mui fortemente um membro e fica applicada por algum tempo, determina a morte da parte subjacente pelo obstaculo que occasiona á circulação. O mesmo effeito produz um anel, quando o dedo em que elle está se inflamma por qualquer causa e incha consideravelmente. Um agente chimico caustico, como o oleo de vitriolo ou a potassa caustica, por exemplo, mata e desorganisa promptamente a porção da pelle sobre que se applica. Nas molestias graves dos velhos e dos individuos fracos que são forçados a ficar na cama por um certo tempo, acontece ser bastante o peso do corpo para produzir a gangrena das partes comprimidas. A demora e o contacto das ourinas ou das materias fecaes é tambem uma causa de gangrena mui activa nos individuos que temos indicado, e nas crianças delicadas e doentes; d'ahi vem o preceito de se vigiar cuidadosamente no asseio dos doentes. A acção prolongada de um frio rigoroso e a acção de um calor concentrado podem gangrenar as partes que lhes são directamente expostas, como acontece nas queimaduras. Ha, além disto, a gangrena chamada *espontanea* ou *senil*, produzida ordinariamente por uma obliteração das principaes arterias do membro affectado. O *carbunculo* (veja-se esta palavra) é uma affecção gangrenosa produzida pela acção deleteria de um virus

que ás mais das vezes procede de animaes doentes. A infecção do ar de uma prisão, de um navio, de uma enfermaria, póde occasionar a gangrena nos individuos affectados de uma ferida ou ulcera. Emfim, ha casos em que a gangrena é produzida por causas que não são ainda conhecidas.

Conforme a natureza das causas que a provocão, as partes que affecta e muitas outras circumstancias, a gangrena apparece sob diversos aspectos e póde reclamar meios de tratamento inteiramente oppostos, e por isso só o medico póde apreciar e julgar os casos.

Indiquemos os *symptomas da gangrena externa*. Quando succede á inflammação aguda, vê-se a vermelhidão da parte tomar pouco a pouco uma côr menos viva, depois livida, e successivamente azulada, roxa, e emfim negra; ao mesmo tempo o calor e a sensibilidade diminuem, os tecidos tornão-se molles, bolhas cheias de serosidade roxa levantão a epiderme, que se desprende com muita facilidade e deixa ver nodoas negras; emfim, um cheiro caracteristico exhala-se de todas as partes gangrenadas. Na gangrena produzida pela compressão, os primeiros phenomenos pelos quaes ella se annuncia são o resfriamento, a perda da sensibilidade e do movimento da parte, aos quaes succede rapidamente a formação de bolhas e de escaras negras. Quando a gangrena é effeito de uma queimadura, os tecidos são carbonisados, affectados de morte instantaneamente, seu aspecto é preto ou pardo, e ás vezes amarellado; são duros e seccos.

Uma vez produzida e desenvolvida, faz a gangrena progressos mais ou menos rapidos. Ás vezes progride com tanta força, que nada póde susta-la, propaga-se aos órgãos essenciaes da vida e torna-se rapidamente mortal; outras vezes pára por si, ou por meio dos soccorros da arte. Então principia uma nova serie de phenomenos: um circulo vermelho se estabelece e parece oppór uma barreira ás invasões da gangrena; logo forma-se uma boa suppu-

ração entre as partes vitaes e as que estão gangrenadas; carnes vermelhas e firmes se desenvolvem, as escaras gangrenosas se separão pouco a pouco, cahem e deixão a descoberto uma chaga que se cicatriza depois, com mais ou menos rapidez, conforme a sua extensão.

Mas a gangrena não limita sempre seus effeitos ás partes que affecta, e symptomas geraes vem frequentemente associar-se ás desordens locaes. Quando é externa, quando succede a uma inflammação ordinaria, porém excessiva, quando emfim é pouco extensa, fica circumscripta na parte doente e não provoca perturbação alguma no exercicio das grandes funcções. Mas em circumstancias oppostas, isto é, quando ataca um orgão interno, ou mesmo externo, tomando uma grande extensão, quer em superficie, quer em profundidade; quando, emfim, é produzida pela inoculação de um virus, faz nascer desordens geraes que se apresentam debaixo de duas fórmãs principaes mui differentes uma da outra, inconciliaveis em apparencia, e que por muito tempo tem posto os medicos em grande embarço e tem tornado o tratamento das gangrenas um dos mais incertos. Uma vez, com effeito, a gangrena é acompanhada de frequencia e força do pulso, de calor da pelle, de dôr de cabeça, de delirio, de secura da lingua, de nauseas, vomitos, e de uma sêde inextinguivel; outras vezes, pelo contrario, determina symptomas de fraqueza, como pequenez do pulso, difficuldade da respiração, desmaios, suores frios, lividez do rosto, enfraquecimento da vista.

Salvo quando a gangrena externa não se limita a pequena superficie ou a fraca profundidade, seu prognostico é sempre grave; é menos serio entretanto do que nas gangrenas dos orgãos internos, as quaes são quasi sempre mortaes.

Tratamento. De tudo o que fica dito resulta que não podemos dizer nada sobre o tratamento da gangrena, que é extremamente variavel e que não pôde ser applicado por mãos inexperientes; limitar-nos-

hemos portanto a prescrever de uma maneira geral, para as gangrenas externas, os lavatorios desinfectantes feitos com agua, á qual se ajunte, por cada copo, quatro a seis colheres d'agua de Labarraque ou de dissolução forte de chlorureto de cal, os pós absorventes de quina e de carvão, as cataplasmas de farinha de linhaça para acalmar a inflammação e favorecer a quéda das escaras, e sobretudo o maior asseio, a renovação do ar e outros meios hygienicos aqui mais indispensaveis do que em qualquer outro caso. (*Veja-se* DESINFECÇÃO.) Ha circumstancias em que o desenvolvimento da gangrena pôde ser prevenido: por exemplo, nas fracturas dos membros, quando o doente sente que o apparelho applicado aperta muito e produz a insensibilidade da parte, a indicação é clara e facil de preencher; basta tirar o apparelho antes que chegue o cirurgião: o mesmo se deve fazer quando um anel comprime mui fortemente o dedo. Quando se receia a gangrena produzida por uma compressão prolongada ou pela simples pressão da parte contra um corpo duro, o que acontece muitas vezes abaixo das costas durante as molestias longas, previne-se infallivelmente o mal alliviando-se com frequencia os lugares em que a parte repousa; e isto se pôde fazer facilmente, já mudando o doente de posição, já levantando-o por meio de almofadas postas perto do lugar comprimido, ou emfim collocando debaixo das partes comprimidas almofadas circulares e furadas no centro.

GARGANTA (ATAQUE DA) *Veja-se* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 186.

GARGANTA (CORPOS ESTRANHOS NA). *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS, Vol. I, pag. 460.

GARGANTA (DÓR DA). *Veja-se* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 186.

GARGANTA (INFLAMMAÇÃO DA). *Veja-se* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 186.

GARGANTA (POSTEMA NA). *Veja-se* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 187.

GARGAREJO. Dá-se este nome a medicamentos

liquidos destinados a lubrificar, limpar, refrescar a bocca e a garganta. Agitação-se em diversos sentidos pela acção do ar que se faz sahir do peito; lanção-se depois fóra, sem que delles seja engulida a menor porção. Os gargarejos podem ser emollientes, adstringentes, estimulantes, antiscorbuticos, etc., conforme as indicações. As decocções de figos em leite, o cozimento de althéa ou de malvas, constituem os gargarejos *emollientes*, que são empregados nas esquinencias, e sobretudo nas inchações das gengivas que succedem ás extracções de dentes. A agua de cevada com mel e algumas colheres de vinagre, a decocção de casca de romãa com duas onças de mel rosado por cada copo, constituem os gargarejos *adstringentes*, cujo uso é frequente nas inflammações leves da garganta, nas inchações da campainha, etc. Os outros gargarejos, cuja composição é mais complicada, são indicados nos artigos das molestias a que se applicão.

GARROTILO. Assim se designa uma especie de inflammação da garganta, caracterisada por uma tendencia á formação de uma membrana nas vias aereas, ou pela formação real desta membrana, que obstroe a passagem do ar e pôde occasionar a suffocação. O garrottilho chama-se tambem *croup*, á franchezza.

Causas. O frio humido parece que é a causa mais frequente do garrottilho; assim, esta molestia é mais commum nos paizes septentrionaes, e principalmente nos climas frios e humidos, do que nos seccos e quentes. Reina ás vezes epidemicamente, isto é, ataca grande numero de individuos ao mesmo tempo. Desenvolve-se com particularidade nas crianças; affecta, entretanto, os adultos e os velhos, mas mui raramente.

Apresenta-se aqui uma questão: — O garrottilho é contagioso, ou não? A este respeito uma distincção deve ser estabelecida. Quando o garrottilho sobrevém como complicação de sarampos, ou quando é epidemico, deve-se temer o contagio e evitar

cuidadosamente que se aproximem do doente outras crianças da mesma familia. O doente neste caso deve estar só e collocado em lugar onde o ar possa renovar-se facilmente. Entretanto, mesmo por causa da duvida que não está inteiramente dissipada a este respeito, é prudente não se deixar communicar a criança affectada de garrotilho com seus irmãos; sobretudo é preciso evitar que estes se aproximem della e respirem o seu halito.

Symptomas. Os symptomas de invasão do garrotilho são ordinariamente iguaes aos de um defluxo. A principio a tosse é leve, bastante secca, um pouco rouca ou aguda; o doente queixa-se ás vezes de uma pequena dôr na parte anterior do pescoço, o qual, em certos casos, fica inchado. Este estado pôde durar um ou muitos dias: os doentes, e principalmente as crianças, conservão ainda toda a sua alegria; emfim, a molestia se confirma, e eis-aqui os symptomas que se apresentam: O menino doente é assaltado, ordinariamente durante a noite, por uma tosse convulsiva acompanhada de um ronquido particular, semelhante ao latido de um cachorrinho, ao grito de um gallo novo ou ao cacarejo de uma gallinha. Cada inspiração é sibilante ou mui sonora, a expiração curta e difficil; ás vezes ouve-se um fremito que parece ser produzido por mucosidades agitadas pelo ar; o pescoço torna-se doloroso, intumece immediatamente; o rosto fica pallido, mas córa com os accessos da tosse; o doente vira a cabeça para trás e leva com frequencia a mão ao pescoço, como para arrancar o obstaculo que se oppõe á passagem do ar; é ameaçado de suffocação, sobretudo durante os abalos da tosse; vomita ás vezes. Se lança por effeito da tosse ou pelos esforços dos vomitos muitas mucosidades ou pedaços da membrana ou a membrana inteira, todos os symptomas diminuem, até ao ponto de fazerem crer na cura; mas este socego, depois de ter durado algumas horas, e ás vezes um e dous dias, é seguido de novo accesso, ordinariamente mais intenso do que o

precedente. Quando a molestia tem chegado a seu mais alto gráo, a respiração é mui accelerada, o pulso fraco, frequente, irregular; a suffocação parece imminente, a anxiedade é extrema, um suor frio e viscoso cobre a cabeça e o peito, e o doente succumbe em uma prostração extrema ou em um verdadeiro estado de asphyxia.

Prognostico. O garrotinho é uma molestia mui grave e muitas vezes mortal. Dá ás vezes a morte em vinte e quatro horas. O prognostico é tanto menos favoravel quanto mais moço é o individuo e quanto maior é a difficuldade da respiração. Póde-se augurar favoravelmente quando ha interrupção nos symptomas, e quando o doente lança com facilidade mucosidades e concreções membraniformes.

Tratamento. O garrotinho exige um tratamento mui activo. A applicação de bichas no pescoço é o primeiro meio a empregar-se e o mais efficaz. O numero das bichas deve variar conforme a idade e a força da criança: de duas a quatro, quando muito, para as de menos de um anno; póde ser de seis a oito para as de tres ou quatro annos. Depois das bichas applicuem-se no pescoço cataplasmas de linhaça. Ao mesmo tempo prescreve-se um coziamento emolliente, como a decocção de raiz de althéa com xarope de gomma e dieta absoluta. Depois disto administre-se um vomitorio, que é o unico meio de fazer as crianças expectorarem. Para este fim dá-se uma a duas colheres de sopa de xarope de ipecacuanha, ou uma colher de uma poção com emetico preparada segundo a receita seguinte:

Tartaro emetico	1 grão.
Agua fria	2 onças.

Misture.

Se ella não provocar vomitos, meia hora depois repita-se segunda colher. No dia seguinte, se a respiração está ainda embaraçada, é preciso continuar a administração do emetico para expellir as mucosidades. Entretanto que se empregão os vomitivos, é vantajoso applicarem sinapismos nas per-

nas, e depois causticos. Os calomelanos são tambem aconselhados. Deve-se recorrer a este medicamento, quando, pelos primeiros meios, não se tiver obtido a diminuição dos symptomas. Administra-se segundo a formula seguinte :

Calomelanos	12 grãos.
Assucar	12 grãos.

Misture e divida em 12 papeis.

Dá-se um papel em uma colher de cozimento de althéa, de mel ou de xarope de gomma, de hora em hora. Esta dóse é para as crianças de um a tres annos; porém para as que são de maior idade, em lugar de um podem-se administrar dous papeis de hora em hora.

Se os calomelanos não produzem nenhum effeito purgativo, o qual é quasi sempre util, é preciso administrar um clyster com azeite doce.

Se tudo isto não impedir a formação das membranas e a criança estiver a ponto de se suffocar, será preciso continuar com os vomitivos; e se estes fôrem insufficientes ou se não puderem ser empregados, provocar-se-hão os vomitos introduzindo-se o dedo na garganta ou titillando-se com elle a campainha. O rapé introduzido no nariz da criança pôde provocar espirros e favorecer a expulsão das membranas.

Quando todos estes meios estiverem esgotados e o doente pareça estar sentenciado a uma morte certa, recorra-se á operação da tracheotomia. Esta operação consiste em fazer uma incisão com o bisturi sobre a parte anterior e média do pescoço, penetrar com os instrumentos no interior do canal aereo e extrahir as membranas que obstroem a sua passagem, e que são causa da maior parte dos accidentes. Esta operação pertence á cirurgia; sua descrição, por consequente, não pôde ter lugar em uma obra de medicina domestica. Praticada em tempo opportuno e por mãos habéis, esta operação tem já salvado a vida a muitas crianças que estavam quasi a morrer.

GASTRALGIA. Dôr nervosa do estomago. *Veja-se* CAIMBRA DO ESTOMAGO, Vol. I, pag. 253, e DÔRES DO ESTOMAGO, Vol. II, pag. 201.

GASTRITE ou INFLAMMAÇÃO DO ESTOMAGO. *Veja-se* ESTOMAGO, Vol. II, pag. 197.

GASTRO-ENTERITE. Assim se chama a inflamação do estomago e dos intestinos. O tratamento é o mesmo que o da inflamação dos intestinos. *Veja-se* INTESTINO.

GAZ. Dá-se este nome a qualquer fluido aeriforme. Os gazes se dividem em *permanentes e não permanentes*. Os primeiros são aquelles que, até agora, tem resistido aos meios mais energicos de condensação: o ar atmospherico, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, o hydrogeneo carbonado, etc., são gazes permanentes, porque conservão o seu estado aeriforme nas temperaturas mais baixas e apesar das mais fortes compressões; pelo contrario, o chlo-ro, o vapor d'agua, os vapores de azougue, etc., não são gazes permanentes, porque por meio de uma compressão sufficiente, ou pela applicação do frio, podem ser transformados de gazes em liquidos.

Entre os gazes, uns são sem côr, como o ar, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, o acido carbonico, o gaz ammoniaco, etc.; outros são *coloridos*, como o chlo-ro, o vapor de iodo, etc.

O oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, etc., são *inodoros*; pelo contrario, o gaz ammoniaco, o chlo-ro, o acido nitroso, o acido sulfureo, o hydrogeneo sulfureo, possuem um cheiro forte e caracteristico para cada um delles.

De todos os gazes conhecidos, o ar atmospherico é o unico que é proprio para a respiração. Seria perigoso respirar todos os outros, mesmo em pequena quantidade; mas os gazes que se distinguem sobretudo entre os mais nocivos são: o gaz que se desenvolve das evacuações alvinas, chamado gaz hydrogeneo sulfureo, e o gaz acido carbonico que resulta da combustão do carvão, ou que sahe das cubas onde está o vinho a fermentar.

Costuma-se vulgarmente designar de uma maneira absoluta, debaixo do nome de *gaz*, o hydrogeneo carbonado, de que se faz hoje na Europa um grande uso para a illuminação das ruas, armazens e salões, e que vai principiando a introduzir-se no Brasil. Este gaz se extrahê sobretudo pela combustão do carvão de pedra; inflamma-se com muita facilidade approximando-lhe uma vela accessa ou algum outro corpo igneo; pelo que exige muita cautela. Bem lembrados estão os habitantes do Rio de Janeiro de que, por um descuido com este gaz, aqui morreu queimado em 1847 o esperançoso chimico francez Dr. D'Arcet.

Emfim, dá-se o nome de gaz ás ventosidades que sahem pela bocca ou pelo anus, e que se formão no estomago e nos intestinos. É uma mistura de ar, de azoto, de hydrogeneo, de acido carbonico, de hydrogeneo carbonado, e de uma pequena quantidade de hydrogeneo sulfureo, ao qual estas ventosidades devem principalmente o seu máo cheiro. *Veja-se FLATULENCIA.*

GEITO. Esta palavra emprega-se ás vezes como synonymo de *torcedura*. (*Veja-se esta palavra.*) *Mau geito* no pescoço significa o *torcicollo*. (*Veja-se TORCICOLLO.*)

GELEA. Dá-se este nome a preparações feitas com substancias vegetaes ou animaes que tem uma consistencia particular molle, tremula, que se transformão em liquido pelo calor e ficão solidas pelo resfriamento. As geléas animaes se preparão com as carnes ou por meio da gelatina. As geléas vegetaes são formadas por uma substancia mucosa que alguns autores chamarão gelatina vegetal; preparão-se ordinariamente com o succo de certas fructas e assucar: taes são as geléas de marmelos, de groselhas, etc. Em pharmacia faz-se com o musgo islandico uma geléa peitoral empregada com vantagem nas molestias do peito; e com o musgo da Corsega prepara-se uma geléa que se administra na dóse de uma colher de chá, de manhã e de noite, ás crianças que tem lombrigas.

GELO. O gelo é um agente mui precioso no tratamento de varias molestias. No estado de saude, o resfriamento momentaneo que occasiona, sendo introduzido no estomago, ás pessoas que gozão de boa constituição, é promptamente seguido de uma reacção que se manifesta por um brando calor, e pelo augmento da energia vital do estomago e de todos os outros órgãos; neste caso o effeito do gelo é tonico, facilita a digestão e as outras funcções. Mas o gelo torna-se debilitante nas pessoas fracas cujos órgãos não são susceptiveis de reacção, e por isso o uso do gelo não convém aos convalescentes.

Dá-se o nome de *sorvete* ás preparações feitas com sumos de fructos e assucar, congeladas por meio de misturas frigorificas. Os sorvetes, cuja invenção é devida a um Italiano chamado Procopio, tem penetrado em todos os paizes civilizados, e fazem as delicias dos dous mundos. O tempo do dia mais favoravel para tomar-se este agradável refresco é á tarde, depois que a digestão do jantar tem-se pouco mais ou menos terminado. Durante os calores, quando o corpo se acha igualmente aquecido por uma temperatura elevada, o uso dos sorvetes é mui salutar; mas depois de um exercicio violento expõe a accidentes mui graves. Póde causar um pleuriz ou uma inflammação de estomago, ou alguma outra molestia. Os sorvetes acidos são nocivos ás pessoas que são sujeitas á tosse, e os sorvetes em geral convém menos ás mulheres delicadas do que aos homens, e mais aos moços e adultos do que ás crianças e aos velhos.

Bem que o gelo marque zero no thermometro, necessita entretanto de uma grande quantidade de calor para derreter-se. Ajuntando-se duas libras de gelo em zero a duas libras d'agua quente em 60° Réaumur, resultarão quatro libras de uma mistura da temperatura de zero; por conseguinte, para se transformarem duas libras d'agua de zero solido em zero liquido, é mister todo o calor necessario para que duas libras d'agua sejam levadas a 60 grãos. E pois

que o gelo derretido e a agua marcão zero, é preciso todo este calor, insensivel ao thermometro, para a mera mudança de estado. Este calor, necessario para a mudança de estado dos corpos e inapreciavel ao thermometro, foi chamado pelos physicos *calor latente*. É facil explicar-se agora a razão por que o gelo se conserva tão longo tempo sem se derreter. A privação do ar e o contacto de corpos máos conductores do calor, como, por exemplo, lãa ou pós de madeira serrada, facilitão tambem a conservação do gelo.

Quando se mistura gelo pisado com sáes soluveis n'agua, resultão destas misturas, chamadas *frigorificas*, abaixamentos mais ou menos consideraveis de temperatura. Assim, se se mistura uma parte de gelo com outra de sal de cozinha, obtem-se um frio de 13 grãos Réaumur. Pela mistura de tres partes de hydrochlorato de cal e de duas partes de gelo pisado tem-se um frio de mais de 22 grãos. Emfim, misturando-se uma parte de gelo e outra de acido sulfurico diluido em agua, obtem-se um frio de 40 grãos. Entretanto, para se ter este ultimo abaixamento de temperatura, é preciso antes, por meio de misturas de gelo e de sal, dispôr-se separadamente o gelo e o acido, afim de dar-lhes, o que é facil, uma temperatura abaixo de 5 grãos.

GEMADA. Mistura de gemas de ovos com assucar e agua quente ou leite, bem batida. Esta especie de emulsão animal, aromatisada com algumas gottas d'agua de flôr de laranja, é mui agradável e mui util nos defluxos e nas irritações brandas do peito.

GENCIANA. (*Gentiana lutea*, Linneo.) Planta que dá nas partes montanhosas da Europa. Raiz perpendicular, ramosa, da grossura de um dedo ou mais, cylindrica, rugosa, rugas annulares; fusca por fóra, amarella por dentro. Caule de 2 a 3 pés de altura; folhas abarcantes, ovaes, verde-claras; flôres amarellas em espiga. A raiz desta planta, que nos vem da Europa, é empregada em medicina como poderoso tonico. O extremo amargor que a distingue mostra a

sua grande efficacia. Os pós desta raiz, na dóse de 10 a 20 grãos, tomados uma hora antes da comida, augmentão o appetite e tornão o trabalho da digestão mais facil. O uso continuado da genciana, ajudado por um bom regimen, habitação sã e outras precauções hygienicas, torna-se mui util quando se trata de prevenir ou de obstar os primeiros symptomas das alporcas nas crianças. Eis a razão por que a raiz desta planta entra como elemento essencial em todos os medicamentos compostos que a arte de curar administra com vantagem contra todas as molestias complicadas de debilidadade geral ou parcial. Emprega-se, com effeito, no escorbuto e nas flôres brancas. Nestes ultimos casos administra-se ordinariamente em decocção, que se prepara com uma oitava da raiz e uma chicara d'agua. Esta dóse é para um dia.

GENEBRA. Bebida espirituosa que se prepara distillando n'um alambique aguardente de trigo ou de canna, com bagas de zimbro. É mui excitante e diuretica.

GENGIBRE. (*Zingiber officinale*, Linneo.) Planta originaria das Indias Orientaes e commum no Malabar, no Ceylão e na China, donde foi transportada para o Brasil, Mexico e Antilhas. A raiz é a unica parte deste vegetal que a arte de curar e a economia domestica empregão. Acha-se em pedaços da grossura de um dedo, achatados, e apresentando umas como juntas; epiderme acinzentada, por dentro branco-amarellada. Tem um sabor mui quente e um cheiro aromatico tão forte, que excita espirros em algumas pessoas. É um medicamento excitante de que hoje se usa raras vezes; o licôr de gengibre, tomado em pequena dóse, excita as forças digestivas do estomago. Alguns mercadores de cavallos aproveitão-se da qualidade irritante da gengibre. Antes de ensaiarem um cavallo, deitão-lhe na entrada da via inferior um pedaço desta raiz, afim de provocarem, ao menos na occasião da venda, o ardor extincto destes animaes.

GENGIVAS. As gengivas são compostas de um tecido fibroso, denso, resistente, e cobertas por uma membrana mucosa.

INFLAMAÇÃO DAS GENGIVAS. A inflamação das gengivas é caracterizada pela côr, vermelhidão e inchação das gengivas; muitas vezes é acompanhada de salivação.

As causas da inflamação das gengivas são: uma violencia exterior, a passagem subita de uma temperatura quente á fria, a sahida de um dente nas crianças, a accumulção da pedra nos dentes, a presença de um dente cariado, o uso dos medicamentos mercuriaes.

Tratamento. Para combater a inflamação das gengivas é preciso usar do gargarejo seguinte:

Decocção de raiz de althéa 22 onças.

Mel rosado. 2 onças.

Misture.

Convém tomar um purgante de sal d'Epsom. É preciso alimpar os dentes, se estão cobertos de pedra.

Nas crianças que não sabem gargarejar-se, é bastante que se passe, sobre as gengivas inflamadas, um pincel de panno de linho molhado em mel rosado.

Se se formar uma postema na gengiva, é preciso abri-la com lanceta.

É preciso tirar as raizes e os dentes cariados, que podem ser a causa da desordem ou entreter a molestia.

Se a inflamação dolorosa das gengivas procede do uso das preparações mercuriaes, deve-se suspender o uso dos remedios mercuriaes e recorrer aos gargarejos com agua e vinagre, e aos outros meios indicados no artigo SALIVAÇÃO.

AMOLECIMENTO E INCHAÇÃO DAS GENGIVAS. O amolecimento e inchação das gengivas, que muitas pessoas confundem sem razão com a inflamação, não são acompanhados nem de calor nem de dôr. Neste estado as gengivas estão inchadas e deitão

sangue ao menor toque. A pedra dos dentes é frequentemente a sua causa; convém tira-la com instrumentos. O uso dos vegetaes acidos, taes como as laranjas e as limas, de salada de agriões, é mui util contra esta affecção. É bom esfregar as gengivas com os pós dentifricios seguintes :

Cato em pó	4 oitavas.
Canella em pó	4 oitavas.

Misture.

A seguinte *mistura gengival* convém tambem contra o amollecimento das gengivas :

Alcoolato de cochlearia	4 onças.
Mel rosado	4 onças.

Misture.

Deita-se uma colher de sopa desta mistura em meio copo d'agua fria, e lava-se a bocca tres ou quatro vezes por dia.

ESCORBUTO. Nesta molestia em que todo o corpo se acha affectado, as gengivas apresentam uma inchação de côr livida, e deixão sahir ao menor toque uma materia fetida e um sangue mui aguado. A primeira indicação consiste em subtrahir o doente ás causas que produzirão a molestia; é necessario depois recorrer a um tratamento geral e aos gargarejos acidulos. *Vejá-se o artigo ESCORBUTO, Vol. II, pag. 161.*

Para as outras molestias das gengivas, *vejão-se* os artigos APHTHAS, SAPINHOS, BOCCA e SALIVAÇÃO.

GERAÇÃO. Dá-se este nome á funcção pela qual os corpos vitaes se reproduzem, dão nascimento a entes novos que são semelhantes a elles, e perpetuão consecutivamente sua raça. A natureza desta obra não pôde admittir uma historia completa desta funcção em todos os seres organizados; fallaremos exclusivamente della na especie humana.

Considerado debaixo do ponto de vista da geração, cada um dos dous sexos não forma um ente perfeito, mas só uma metade distincta de um todo, cuja reunião é indispensavel para a execução do acto que nos occupa. O homem é só encarregado da fecundação do germen, ou *impregnação*. A natureza

lhe deu, para este fim, órgãos para segregar o semen, chamados *testiculos*; um reservatorio deste liquido, que são as *vesiculas seminaes*; emfim, um órgão de emissão, que é o *penis*. A mulher, de seu lado, deve ministrar o ovo que só espera a impregnação para se desenvolver. A natureza a proveu, por consequente, de dous *ovarios*, ou órgãos em que se forma o ovo humano, os quaes communicão, por dous conductos chamados *trompas*, com a cavidade do *utero*, onde se demora e se nutre o embrião até ao seu completo desenvolvimento; e de partes externas que servem para a união dos sexos, e que são a *vagina* e a *vulva*.

Seria uma empreza bem temeraria o querer explicar todos os mysterios da geração. As pesquisas de trinta seculos tem sido infructuosas, e as forças do espirito humano se quebrão contra o véo impene-travel com que a natureza tem coberto esta funcção. Demos entretanto algumas noções sobre os principaes systemas imaginados pelos autores. Segundo a doutrina de Hippocrates e de antigos philosophos, os ovarios da mulher ministrão um licór prolifico analogo ao do homem, e o feto resulta da reunião das duas sementes durante a copula. Harvey, Stenon, Haller e alguns outros pensão que os ovarios da mulher contém ovos que necessitão de ser vivificados pelo esperma do homem. Segundo Lewenoeck, os ovarios não contém ovos, mas vesiculas destinadas a receber animaesinhos que existem no semen do varão; milheiros destes animaesinhos penetrão no utero durante o coito, e só o mais apto, o mais vigoroso é que chega á meta, depois de ter morto a seus competidores. Todos estes systemas, como se póde ver, são puramente hypotheticos.

A concepção é um acto que se executa independente de toda a vontade. Ha mulheres que desejão ter filhos e não os podem ter; outras porém ficão gravidas sempre que tem communicação com homem. As circumstancias que produzem a concepção ou que impedem que ella tenha lugar são totalmente ignoradas. Emquanto á causa da variedade

dos sexos, os antigos tinham pretendido que o testiculo direito produzia o sexo masculino, entretanto que as femeas erão geradas pelo testiculo esquerdo. Plinio chegou até a escrever que, ligando-se o testiculo direito ou esquerdo a um carneiro, fazia-se-lhe gerar um macho ou uma femea. Alguns modernos tem renovado esta opinião, e até um autor publicou um livro intitulado a *Arte de procrear os sexos á vontade*; mas o Dr. Hoffmann e outros muitos medicos demonstrárão a falsidade desta opinião provando que homens a quem faltava um testiculo tinham filhos de ambos os sexos. A unica hypothese razoavel que se póde admittir sobre o ponto que nos occupa é a preeminencia de uma das duas pessoas no acto da geração; mas esta circumstancia não póde ser determinada á vontade, e depende de mil causas differentes, mais ou menos inapreciaveis a nossos sentidos.

— Quanto ás qualidades phisicas e moraes futuras da criança, essas estão, de alguma sorte, debaixo do dominio do nosso poder. O estado moral dos dous individuos, o gráo de actividade com que executão a função, tem influencia indubitavel sobre o seu resultado. O amor quer possuir o ente inteiro; se uma capacidade qualquer se acha distrahida durante a união dos sexos, o seu producto será fraco e delicado; o que se póde ver nos filhos dos que trabalhão muito de espirito. Nunca um grande homem gerou grandes homens, e os descendentes das personagens illustres quasi sempre são indignos dos seus pais. Por exemplo, os filhos de Socrates, de Pericles, de Cicero, entre os antigos; de Racine, de Lafontaine, de Buffon e de mil outros que poderiam ser citados, entre os modernos; nenhum, dizemos, herdou o grande engenho de seu pai. O maior numero dos homens que se tornárão illustres, pelo contrario, tem tido por pais individuos vulgares. Os homens notaveis contão-se sobretudo entre os bastardos, que são verdadeiros filhos do amor.

Bem que a especie humana seja geralmente uni-

para, não é raro entretanto ver-se nascerem gêmeos. Possuem-se até exemplos de mulheres que tem tido tres e até quatro crianças, e existem dous casos de quinduplo parto. Esta porção de crianças de uma só prenhez depende, dizem uns, de ter a mulher, neste caso, muitos ovos promptos a se desligarem ao mesmo tempo dos ovarios; e por consequinte maduros para a fecundação. Os partidistas do sistema dos animalculos attribuem-o ao pai, e para apoiarem sua opinião citão o extraordinario factó desse camponez que foi apresentado á imperatriz da Russia em 1755: teve elle duas mulheres; a primeira teve cincoenta e sete filhos em vinte e um partos, e a segunda trinta e tres em treze; todos os partos forão quadruplos, triplos ou duplos.

Terminemos este artigo pela *superfetação*: este ponto se reduz a saber se uma mulher pôde conceber n'um tempo mais ou menos longo, depois de uma copula fecunda. A verdadeira superfetação não é hoje admittida senão nos casos em que o utero é duplo, ou ao menos bifido, como n'um grande numero de mammiferos. Com uma semelhante conformação, é comprehensivel, e os factos tem provado a sua possibilidade. Quando existe um só utero, como é quasi geral na especie humana, é evidente que, feita uma vez a impregnação, não se pôde fazer segunda senão quando o ovo está ainda contido na trompa e ainda não tem chegado ao utero. Ora, como, segundo as pesquisas dos physiologistas modernos, muitos dias decorrem da fecundação á chegada do ovulo ao utero, uma segunda fecundação será muitas vezes possivel em consequencia de cohabitações repetidas. Temos disto provas nos exemplos citados por Buffon, Dewes, Delmas, nos quaes uma mesma mulher deu nascimento a dous filhos, um branco, outro mulato, por ter tido no mesmo dia relação com dous homens de côr differente. Estas considerações podem ter sua applicação pratica, pois que se poderião, até certo ponto, prevenir estas concepções multiplices, evitando-se a repetição

frequente das copulas. Esta precaução deveria ser sobretudo tomada por certas mulheres que parecem ser eminentemente dispostas a terem muitos filhos de uma vez.

GERVÃO ou **ORGEVÃO**. (*Verbena Jamaicensis*, Linneo.) Com este nome se designa nas diversas provincias do Brasil uma planta mui commum, que cobre as margens dos caminhos e terrenos vizinhos ás casas. Tem caule de 4 pés, folhas ovaes, dentadas; flôr de côr de violas. As folhas desta planta tem um cheiro aromatico agradavel, e infundidas em agua fervendo constituem uma bebida sudorifica. Prepara-se este chá com duas ou tres folhas e uma chicara d'agua fervendo.

GESTAÇÃO. *Duração da gestação das femeas dos animaes domesticos*. A duração da gestação varia quasi sempre no seu termo, e até de uma maneira consideravel, em todos os animaes domesticos. Sendo quasi sempre conhecida a época exacta da concepção, é impossivel negar esta irregularidade. Ignorão-se inteiramente as verdadeiras causas que prolongão ou abrevião o tempo da gestação; parece que dependem da organização particular de cada individuo. Muitos sabios naturalistas fizeram pesquisas a este respeito; eis-aqui o que resultou de suas observações:

ESPECIES	TERMO MAIS CURTO.		TERMO ORDINARIO.		TERMO MAIS LONGO.	
	MEZES E DIAS.	DIAS	MEZES E DIAS.	DIAS	MEZES E DIAS.	DIAS
Burra ..	12. . . .	365	12. . . . 20	380	13. . . . 4	391
Egua ...	9. . . . 19	287	11.	330	13. . . . 29	419
Vacca ..	8.	240	9.	270	10. . . . 21	321
Ovelha .	4. . . . 26	143	5.	150	5. . . . 11	161
Cabra ..	4. . . . 20	140	5.	150	5. . . . 10	160
Porca ..	3. . . . 19	109	4. 6	126	4. . . . 23	143
Cadella .	1. . . . 25	55	2.	60	2. 3	63
Gata	1. . . . 18	48	1. . . . 20	50	1. . . . 26	56
Coelha	20	28	35

Nas gatas e coelhas existe ás vezes superfecundação; quer dizer que a fema estando prenhe admite o macho e se opera uma nova concepção. Então póde ter filhos a quatorze ou quinze dias de distancia de cada gestação. Mas ordinariamente estas gestações são pouco numerosas e se limitão a um ou dous filhos nas gatas, a dous ou tres nas coelhas.

Estas variedades no tempo da gestação encontram-se igualmente no tempo da incubação das aves domesticas. Eis-aqui o quadro :

ESPECIES.		TERMO MAIS CURTO.	TERMO ORDINARIO.	TERMO MAIS LONGO.
Perna chocando ovos de	Gallinhas	17 dias.	24 dias.	28 dias.
	Peruas...	24	26	30
	Patás.....	24	27	30
Gallinha chocando ovos de	Patás.....	26	30	34
	Gallinhas	49	21	24
Pala.....		28	30	32
Gansa.....		27	30	33
Pomba.....		16	18	20

GIBOIA. *Vejase* COBRAS, Vol. I, pag. 385.

GLANDULA. Em medicina tem-se dado este nome a diversos órgãos mui distinctos e mui diferentes emquanto á sua natureza e ás suas funcções. Assim se chamão: 1.º, certos órgãos de fôrma redonda que separão do sangue um liquido particular, taes com o figado, as glandulas mammarias, os testiculos, as parotidas ou glandulas salivares, etc.; 2.º, pequenos corpos redondos que se encontrão de distancia em distancia no trajecto dos vasos lymphaticos, sobretudo no pescoço, nas virilhas, nos sovacos, e que se chamão tambem *ganglios lymphaticos*. Mas vulgarmente chamão-se *glandulas* uns tumores que consistem ordinariamente em um engurgitamento dos *ganglios lymphaticos*. Nas crianças encontrão-se frequentemente pequenas inchações dolorosas nas glandulas do pescoço. Ás vezes os *ganglios lym-*

phaticos desta região inchão em consequencia da irritação que lhes é transmittida de um ponto mais ou menos remoto, porém com que elles tem communições vasculares. Assim, quando existem pustulas na cabeça, chamadas vulgarmente *ozagre*, não é raro ver-se as glandulas incharem e formarem pequenos tumores dolorosos na nuca, atrás das orelhas ou no pescoço. A dentição determina muitas vezes o engurgitamento sympathico das glandulas lymphaticas situadas debaixo do queixo. Estes engurgitamentos passam de per si quando diminue a inflammação da parte que foi a origem da irritação. Assim, por exemplo, quando se inflamma alguma ferida no pé, acontece que as glandulas da virilha inchão e se tornão sensiveis; combatendo pelo repouso e pelas cataplasmas de linhaça a inflammação do pé, o engurgitamento sympathico das glandulas por onde passam os vasos lymphaticos que partem desta região diminuirá na mesma proporção. As vezes entretanto a inflammação secundaria da glandula persiste e dá lugar a uma pequena postema, que é necessario abrir com uma lanceta. As glandulas ou inguas que se mostrão nas virilhas durante um ataque de erysipela no pé desaparecem de per si; o mesmo acontece com as glandulas do sovaco, que inchão em consequencia da erysipela do braço.

O *tratamento* das glandulas que não dependem das causas que acabamos de indicar consiste em cataplasmas de linhaça ou de miolo de pão. Quando as inchações glandulares resistem a estas applicações emollientes, convém recorrer ás fricções com pomada de hydriodato de potassa, ou applicar um emplasto de cicuta. Se a glandula ficar vermelha, dolorosa e molle, é signal de que contém pus: é preciso evacua-lo com uma lanceta, e continuar com as cataplasmas de linhaça até ao fim da cura.

Nas mulheres, na idade critica ou em qualquer outra época da vida, por uma causa qualquer, tal como uma pancada, a impressão do frio, etc., apparece-lhes ás vezes no seio uma *glandula*, isto é, um

tumor mais ou menos volumoso, redondo, doloroso ou indolente, sem mudança de cor da pelle, que é formado umas vezes pelo engurgitamento de uma porção da mesma glandula mammaria, outras vezes pela tumefacção de uma das glandulas lymphaticas desta parte, emfim, por um kysto, lobinho que se desenvolveu, etc. Estes diversos tumores, de natureza e de marcha mui differentes, causão ordinariamente ás mulheres grande susto. No maior numero dos casos este susto é infundado, e quasi sempre, quando o medico é consultado a tempo, póde obter a resolução dos engurgitamentos inflammatorios e lymphaticos, ou, por uma leve operação, desembaraçar a doente dos tumores que não são susceptiveis desta feliz terminação.

Achão-se no artigo CANCRO DO SEIO (Vol. I, p. 267) algumas informações que podem esclarecer as mulheres sobre os seus mais caros interesses. Naquelle lugar demonstramos que tumores mui diversos podem apparecer no seio, que é mui difficil distinguir-se a suanatureza, e que uns só exigem a applicação das cataplasmas de linhaça, das pommadas resolutivas, como, porexemplo, pommada de hydriodato de potassa, unguento de cicuta, e outros necessitão de uma operação.

GLOTTE ou Goto. Assim se chama a abertura do larynge, canal que dá passagem ao ar.

GOIABEIRA. (*Psidium pomiferum*, Linneo.) Arvore do Brasil, de 18 a 20 pés de altura, que dá os fructos chamados *goiabas*; tem a flôr branca, as folhas ellipticas, oppostas, de um gosto amargo e adstringente. O fructo constitue um alimento refrigerante e mui são; fazem-se com elle doces (*goiabada*) mui saborosos e que podem ser empregados como remedio nas diarrhéas chronicas. O cozimento das folhas emprega-se como adstringente em banhos nas inchações das pernas. Prepara-se este cozimento com duas onças de folhas de goiabeira e duas libras d'agua.

GOLPE. *Vejase* CORTADURA, Vol. I, pag. 467.

GOMMA. (Molestia.) É um tumor que se desenvolve na vizinhança dos ossos, e que é o resultado da infecção syphilitica. É molle, sem mudança de cor da pelle, e contém uma materia semelhante á dissolução da gomma arabica, donde lhe vem o nome. *Vejase* SYPHILIS.

GOMMA ou **POLVILHO.** *Vejase* POLVILHO.

GOMMA. A gomma é um dos principios immediatos dos vegetaes. Encontra-se em todas as partes delles, nas folhas, troncos, raizes, fructos, sementes, etc. Mana espontaneamente debaixo da fórma de gottas mais ou menos volumosas, que se reúnem em massas e se endurecem. No estado de pureza, a gomma é solida, semitransparente, sem sabor, solúvel n'agua. Existe uma grande variedade de gommas; só fallaremos aqui das mais usadas em medicina.

GOMMA ARABIA. Esta gomma vinha outr'ora exclusivamente da Arabia e do Egypto; bem que esta origem não esteja esgotada, uma maior quantidade della chega do Senegal. A gomma da Arabia mana da arvore *Mimosa nilotica* de Linneo. A gomma do Senegal, da qual trataremos tambem aqui, pois que offerece os mesmos caracteres e as mesmas propriedades que a primeira, mana espontaneamente e por incisão do *Mimosa senegalensis*, L. Estas gommas vem ao commercio em pedaços irregulares, redondos, semitransparentes, mais ou menos corados; tem um sabor brando e são solúveis n'agua. A gomma arabia é um medicamento emolliente e peitoral. A solução de meia onça de gomma arabia n'uma libra d'agua fórma uma bebida propria para combater a irritação das vias digestivas. Mas é sobretudo empregada nas molestias do peito, e considerada, de alguma fórma, como um remedio especifico. Os lambedores, os julepos, as poções peitoraes, as massas de althéa, de alcaçuz, e um grande numero de outras preparações usadas em semelhante caso, tem por base a gomma arabia e a ella devem propriedades emollientes. Diremos o mesmo dessas numerosas *pastilhas peitoraes*, que só differem umas

das outras pelo nome do autor; mina productiva para os charlatães, que neste caso ao menos não offerecem á credulidade publica um remedio nocivo.

GOMMA ALCATIRA OU TRAGACANTHA. Esta gomma se encontra no commercio na fórma de fiosinhos vermiculares e retorcidos, de côr branca, opaca ou ligeiramente amarella; exsuda do *astragalus verus*, Linneo, arvore que dá no Oriente. Esta gomma incha consideravelmente n'agua e forma uma mucilagem mui espessa. Contém vinte e cinco vezes mais principio gommoso do que a gomma arabia, e entra na preparação das poções peitoraes e de muitas pastilhas.

GOMMA ELASTICA. *Veja-se* BORRACHA, Vol. I, pag. 224.

GOMMA GUTTA. Gomma-resina extrahida da *Stalagmitis cambogioides*, Murray, arvore que dá nas Indias Orientaes. Apparece em pedaços cylindricos mais ou menos volumosos, de côr roxa amarellada no exterior e amarella avermelhada no interior; friaveis, inodoros; de sabor fraco a principio, e depois acre.

A gomma gutta é empregada como tinta; serve aos confeiteros para tingir de amarello os confeitos.

Em medicina serve como violento purgante; usa-se della quando é necessario produzir um effeito forte, como na hydropisia, paralytia, asthma. Emprega-se na dóse de 2 a 8 grãos por dia para uma pessoa adulta, em pilulas. Administrada em dóse forte, occasiona colicas, vomitos e uma inflammção dos intestinos. Daqui se vê que o uso dos confeitos amarellos não é sem perigo para as crianças.

GONORRHEA. *Veja-se* ESQUENTAMENTO, Vol. I, pag. 180.

GORDURA. Substancia molle ou oleoginosa, inflammavel, não soluvel n'agua, pouco soluvel no alcool, soluvel nos oleos fixos, taes como azeite doce, oleo de amendoas doces. Encontra-se n'um grande

numero dos tecidos dos animaes, principalmente na vizinhança dos rins e dos intestinos. No homem, a gordura é em geral molle e liquida na temperatura do corpo. Em uma pessoa adulta de saúde ordinaria, forma quasi a vigesima parte do peso do corpo. Achando-se n'uma proporção mais consideravel constitue um estado chamado *obesidade*. (*Veja-se esta palavra.*)

A gordura ou *banha* do porco é empregada em medicina como excipiente para formar pommas: amollece a pelle. A supposta banha de urso não goza de nenhuma propriedade particular; o que se vende com este nome é uma mistura de banha de porco com algumas substancias inertes ou activas.

GOSMA. Algumas pessoas, bem que dotadas das apparencias de boa saúde, deitão, principalmente de manhã, por expectoração ou por vomitos, materias mucosas, esbranquiçadas, pegajosas, de sabor salgado, a que os antigos medicos davão o nome de *gosma*. Este estado provém ás vezes da secreção da membrana mucosa dos bronchios, e não constitue molestia alguma. Outras vezes depende do defluxo ou do catarrho pulmonar chronico, e exige o tratamento indicado nestas molestias. Quando as materias vem com vomitos, procedem do estomago e necessitão o uso de alguma bebida amarga, tal como chá de macella ou cozimento de raiz de chicoria, na dóse de uma chicara por dia.

GOSTO. A natureza creou para a sensação dos sabores um apparelho particular, que é muito menos complicado do que os apparelhos dispostos para receberem a luz, o som e os cheiros. A lingua parece ser o principal orgão do gosto, bem que os beiços, o interior das bochechas, o céo da bocca, os dentes, e até o estomago, parece que não são totalmente privados da faculdade de receber as impressões dos corpos sapidos.

Os dados que este sentido nos ministra interessão altamente a nossa conservação. Os sabores, sendo em geral relativos ao modo de acção que os corpos

podem exercer sobre o aparelho digestivo ou sobre o organismo, são um indício precioso de suas qualidades nutrientes, medicamentosas ou venenosas. As repugnancias do gosto devem ser respeitadas. Com effeito, os alimentos que são tomados com repugnancia são mal digeridos, e muitas vezes não tardão a ser lançados por vomitos. A observação prova que quasi sempre um sabor agradável acompanha as substancias proprias para repararem as nossas perdas, que os sabores desagradáveis são inherentes ás substancias que nos podem ser nocivas, e que os alimentos cujo sabor é mais pronunciado são tambem os que se digerem com maior facilidade. Não se deve crer que esta lei seja geral; muitas substancias dotadas de um sabor attractivo são venenos funestos; mas estas excepções não podem destruir a regra.

Algumas circumstancias influem sobre a percepção dos sabores. Os corpos devem demorar-se algum tempo sobre a lingua para serem saboreados. Sabe-se, com effeito, que as bebidas engulidas com precipitação não produzem grande impressão sobre o gosto; e desta sorte é que evitamos sentir o sabor dos remedios desagradáveis. É preciso que a temperatura dos alimentos não seja nem mui alta nem mui baixa; as substancias nevadas não são susceptiveis de ser saboreadas senão depois de se terem elevado a um certo gráo de calor; as que estão vizinhas da ebullição queimão a lingua, engrossão a pelle que a cobre e destroem por um momento a faculdade de perceber os sabores.

O sentido do gosto é susceptivel de educação como todos os outros. A cultura lhe faz adquirir uma delicadeza extrema. Ha pessoas que, provando vinho, não sómente reconhecem o terreno que o produz, mas ainda apontão o anno em que foi colhido. Para que o gosto possa chegar a este gráo de perfeição, precisa de cuidados, de um verdadeiro estudo. Evitar-se-hão as substancias mui sapidas, as que por sua temperatura elevada tornão espessa a membrana que cobre a lingua, e deve-se exercitar frequente-

mente e com medida o sentido, fixando a attenção sobre as sensações que percebe.

Independentemente da utilidade que temos assignalado ao sentido do gosto, é elle ainda a origem de prazeres mui grandes. Mas estes prazeres são sobretudo vivos na época adiantada da vida, na qual a natureza principia a nos recusar gozos mais doces; parece que nos quiz indemnisar da perda que nos faz experimentar.

Nas molestias, a natureza tira ou perverte o gosto, e parece prohibir-nos, por esta precaução salutar, que introduzamos no estomago substancias que podem ser nocivas.

Emfim, o gosto é um signal precioso em muitas affecções. Um gosto de *ovos chocos* acompanha a indigestão. Um gosto de *sangue* annuncia a immi-nencia dos escarros de sangue. Um gosto de *cobre* é um presagio de salivação proxima nos doentes que usão de preparações mercuriaes, e previne que devam suspender o emprego destes remedios.

GOTA. A gota é uma molestia constitucional com uma inflamação especifica das articulações, e que apparece por accessos mais ou menos irregulares. Bem que a gota tenha fixado a attenção dos medicos desde as épocas mais remotas, ha poucas molestias cuja theoria tenha ficado mais escura e cujo tratamento seja mais incerto. Por causa disto, ella foi sempre um campo vasto para o charlatanismo, que tem levantado uma barreira inexpugnavel contra a sã experiencia e o bom senso.

Symptomas. A gota é aguda ou chronica. A *gota aguda* é ás vezes precedida por desordens variadas na digestão, ou por dôres indeterminadas em diversas partes do corpo, por vomitos, diarrhéa, caimbras; as mais das vezes sobrevém de uma maneira inopinada. Em todos os casos, o dia antecedente ao do ataque é em geral marcado por um augmento de appetite e um estado de saude insolito; mas pela noite adiante, depois de algumas horas de um somno tranquillo, uma dôr viva se faz sentir, as

mais das vezes no dedo grande do pé, no calcanhar ou no peito do pé; em alguns casos nos pulsos, mãos ou joelhos. Os doentes comparão esta dôr a uma sensação de deslocação da articulação, á de uma cunha enterrada até entre os ossos, a uma queimadura, a uma dilaceração produzida pela mordedura de um cão; ás vezes é acompanhada da sensação que produziria a agua quasi fria lançada sobre a parte affectada. Um calafrio com tremor se manifesta quasi immediatamente, e dura por mais ou menos tempo; cessa, a dôr cresce, o pulso se accelera e a pelle torna-se secca e quente. Estes symptomas continuão por toda a noite e durante todo o dia seguinte: a dôr, que não cessou de crescer, chega de noite ao seu mais alto gráo; e é então tão viva, que o simples peso de uma coberta é insupportavel; o doente vira-se para todos os lados, e busca em vão uma posição que possa aliviar seus soffrimentos. Uma parte da noite se passa ainda neste penoso estado; mas quasi de manhã, vinte e quatro horas pouco mais ou menos depois da invasão do accesso, a dôr perde de repente a maior parte de sua intensidade; esta mudança é tão subita, que o doente a attribue á ultima posição que tomou: a pelle se cobre de uma ligeira humidade, e o somno vem emfim fechar os olhos do pobre gotoso. Ao despertar, a dôr que sente é supportavel; a parte affectada acha-se inchada e vermelha. Nos dias seguintes ha um augmento mais ou menos consideravel da dôr quando se aproxima a noite; esta dôr é acompanhada de calor da pelle e de acceleração do pulso. Mas estes paroxysmos vão diminuindo dia por dia de intensidade; cessão ordinariamente no fim de quatro a cinco dias, e desta maneira se acaba o primeiro accesso.

Apenas o ultimo paroxysmo tem cessado, principia o segundo accesso. A mesma serie de phenomenos que acabamos de descrever se reproduz, ora sobre a mesma articulação, ora sobre o outro pé, e ás vezes sobre os punhos, cotovellos ou joelhos. Assim, este accesso, procedido do calafrio, acompa-

nhado de aceleração do pulso, seguido de inchação e de vermelhidão da parte como o precedente, termina, como elle, por tres ou quatro paroxysmos. Um terceiro accesso semelhante lhe succede; ás vezes vem um quarto accesso, e a saude se restabelece depois. Esta serie de accessos e de paroxysmos, cuja duração total é ordinariamente de quinze dias, fórma o que se chama *ataque* de gota.

A marcha de um ataque de gota aguda não é sempre tal como acabamos de descrever; sua invasão póde ter lugar durante o dia; e o numero dos accessos é ás vezes maior do que temos dito. Tem-se observado que em geral o ataque é tanto mais curto quanto mais violentas erão as dôres. É raro que durante o curso de um ataque de gota aguda o doente tenha alguns instantes de intermissão completa, a não ser nos ultimos dias. Em geral, emquanto ella dura, o doente experimenta ancia, frequencia do pulso e calor da pelle, não tem appetite, e suas urinas depoem aréas. Longos intervallos decorrem ordinariamente entre os primeiros ataques da gota aguda; um anno, dous, e muitas vezes mais, se passam entre cada um delles, mas se o doente não se tem imposto ás privações necessarias, tornão-se cada vez mais frequentes. Repetem-se duas e tres vezes por anno; tornão-se mais longos, e acabão por não deixarem mais que um pequeno numero de dias de repouso ao doente. Neste caso perdem sua intensidade, e a molestia passa ao estado chronico.

A gota chronica. Succede á precedente, como acabamos de dizer, ou então principia sob esta fórma. Em ambos os casos, assemelha-se á gota aguda, com a unica differença de serem os soffrimentos menos vivos, os accessos menos intensos, porém mais prolongados e separados por mais longos intervallos; a febre é nenhuma ou quasi nenhuma; mas as articulações que no periodo agudo recobravão sua força e sua flexibilidade, ficão então fracas e rijas. Desenvolve-se inchação molle e compressiva, ás vezes formão-se nodosidades, e ao depois verda-

deiras concreções, que não sómente deformão as articulações, mas também incommodão e até impedem os movimentos dos membros.

Um dos accidentes mais notaveis da affecção gotosa é a mobilidade que a caracteriza. Não ha cousa mais singular, com effeito, do que ver a molestia transportar-se de um lugar para outro. Póde fazer-se sobre todos os órgãos importantes do corpo, taes como o cerebro, os pulmões, o canal intestinal. Mas os casos de verdadeiro retrocesso da gota são muito mais raros do que se diz vulgarmente. Se se acreditasse o que assegurão os gotosos, apenas um só doente seria isento deste genero de accidentés; entretanto que o facto é muito mais raro. Esta opinião procede de se attribuirem á gota todas as molestias que sobrevém ás pessoas gotosas.

Causa da gota. Muitos autores tem indicado a herança como uma das causas mais poderosas que predispoem á gota. Mas o facto foi mui exagerado: é verdade que as pessoas nascidas de pais gotosos estão um pouco mais expostas á molestia do que as outras: mas, em nenhum caso, esta predisposição será por si só sufficiente para desenvolver a molestia: é necessario também o concurso de causas mais activas. Scudamore diz que sobre 111 doentes que tem observado 32 tiveram o pai affectado da gota, 9 a mãe, 3 o pai e mãe, 6 o avô, 1 a avó, 4 um tio; emfim, 58 doentes não conhecêrão vestigio algum de gota nos seus parentes mais proximos. Uma vida passiva, a falta de exercicio, uma alimentação mui succulenta e mui abundante, composta principalmente de carnes, o abuso dos licôres excitantes, do vinho, do café, eis as grandes causas da gota. A notavel influencia da posição social sobre producção da gota é um dos factos mais importantes da historia das causas desta affecção. Foi designada debaixo do nome de *molestia dos ricos*. Um dos medicos que tem dado as melhores descripções da gota, porque foi sujeito a ella, Sydenham, dizia: «O que é uma consolação para mim, e talvez para os outros gotosos dotados de um mere-

cimento ordinario , é que reis, principes, generaes, philosophos e outros grandes homens , tem vivido nos mesmos tormentos.»

Raras vezes se vê a gota nos climas quentes ; parece propria das regiões temperadas. O frio humido, e que affecta sobretudo os pés, é uma das causas que a provocão mais frequentemente. É sempre uma imprudencia da parte da pessoa gotosa o andar com calçado fino por um terreno humido. A exposição do corpo a um nevoeiro um pouco forte não deixa de ter inconveniente. As mulheres são raramente affectadas da gota , porque em geral são sobrias : quando esta molestia as ataca , o que poucas vezes acontece , é depois da cessação do fluxo menstrual, porque esta evacuação periodica as desembaraça dos materiaes nutritivos que podem haver nellas em excesso. As crianças gozão do mesmo privilegio que as mulheres, porque quasi nunca ha nelles em excesso os materiaes nutritivos , visto que delle se faz um consumo continuo para o crescimento de todos os órgãos. O homem é raras vezes affectado da gota antes da idade viril. O exercicio previne o desenvolvimento da molestia, porque despende uma parte dos materiaes nutritivos em excesso. A inacção predispõe a contra-hi-la, porque favorece a accumulacão destes materiaes nas articulações.

Tratamento. Quando um ataque é intenso, o calmante mais efficaz é uma evacuação sanguinea local. Os doentes tem ordinariamente grande repugnancia a este meio, mas a experiencia prova que neste caso elle convém melhor do que qualquer outro tratamento. Não se deve, por conseguinte, temer a applicação de dez a doze bichas perto da articulaçao inflammada, e quando ellas cahirem, applicuem-se cataplasmas de farinha de linhaça. Ao mesmo tempo o doente se conservará no mais perfeito repouso, terá uma die'a absoluta, e usará de uma bebida diluente e brandamente sudorifica, tal como a infusão de flôres de malvas, de sabugueiro, etc. Se as dôres fôrem mui fortes, administrar-se-ha internamente

o opio na dóse de um grão duas a tres vezes por dia. No fim dos ataques de gota aguda, e á proporção que os accidentes locaes e geraes fôrem diminuindo, os doentes poderão usar de alguns alimentos, mas devem continuar com as applicações emollientes sobre a parte affectada. Se, durante o curso de um ataque agudo, a inflammação, por uma causa qualquer, desapparecer de repente, e symptomas graves da inflammação de um orgão interno se declararem, será preciso, sem hesitar, combater com energia esta nova phlegmasia pelos meios que lhe convém. Mas ao mesmo tempo se deverá provocar a inflammação articular por meio de sinapismos ou de causticos applicados sobre as articulações precedentemente dolorosas.

O modo do tratamento que acaba de ser exposto para os ataques da gota inflammatoria exige importantes modificações quando este ataque já tem sido precedido de um grande numero de outros ataques, ou quando a molestia se mostra debaixo da fórma chronica. As evacuações sanguíneas são raramente uteis neste caso. Emlugar das cataplasmas emollientes, empregar-se-hão sinapismos sobre as juntas dolorosas, fricções com linimento volatil, oleo alcanforado, balsamo tranquillo, os vapores de succino, de benjoim, de alcanfor; emfim as fricções com pomada de hydriodato de potassa. Nesta gota obtém-se alguma vantagem pelo emprego interno do nitro; o colchico conta tambem alguns bons successos na gota chronica. Os medicos prescrevem tambem as infusões sudorificas, taes como as de salsaparrilha e de sabugueiro.

Como se vê, o numero dos medicamentos contra a gota é mui grande; mas cumpre saber que nem todos exercem a mesma accção em todas as pessoas; tal medicamento que allivia um doente não produz effeito nenhum em outro; deve por conseguinte cada pessoa ensaia-los successivamente e fixar-se sobre o meio cuja utilidade fôr reconhecida pela experiencia propria.

Eis aqui algumas receitas que gozão de maior reputação durante o acesso da gota, e que tornamos a indicar com alguns esclarecimentos.

1.º Aplicar sinapismos na junta dolorosa e deixalos dez, quinze minutos até o doente sentir bastante ardor. Se muitas juntas estão atacadas de gota, convém applicar successivamente sinapismos em cada uma.

2.º Se os sinapismos não produzirem bom effeito, applique-se a cataplasma seguinte:

Cataplasmas de linhaça	8 onças.
Laudano de Sydenham	1/2 onça.

Misture, e applique esta cataplasma bem quente. Um pedaço de baeta ensopada em azeite doce bem quente, e applicado na junta affectada, acalma frequentemente a dôr.

3.º Friccionar as juntas com um dos linimentos seguintes :

Linimento contra a gota.

Agua de louro-cerejo	1 onça.
Ether sulfurico	1 oitava
Extracto de belladona	36 grãos.
Extracto de meimendro	36 grãos.

Misture.

Linimento anti-arthritico.

Linimento volatil	1 1/2 onça.
Essencia de terebenthina	1/2 onça.

Misture.

Linimento terebenthinado e opiaceo.

Essencia de terebenthina	1 1/2 onça.
Laudano de Sydenham	1/2 onça.

Misture.

Linimento terebenthinado e alcanforado.

Essencia de terebenthina	2 onças.
Oleo camphorado	2 onças.

Misture.

Linimento opiaceo.

Azeite doce	1 onça.
Laudano de Sydenham	1 oitava.

Misture.

Depois de cada fricção é preciso embrulhar a junta n'uma baeta.

Para uso interno.

Pilulas anti-gotosas.

Extracto de colchico	12 grãos.
Opio	6 grãos.

Faça 12 pilulas. Para tomar 1 pilula de 4 em 4 horas durante o accesso da gota.

Agua medicinal de Husson.

Esta *agua* prepara-se macerando por 5 ou 6 dias 1 onça de bolos de colchico, em 2 onças d'alcool a 36 grãos, e coando o liquido. Administra-se na dóse de 15 gottas, em meia chicara d'agua fria com assucar, tres a quatro vezes por dia, durante o accesso da gota.

Pilulas d'aconito.

Extracto alcoolico d'aconito, 6 grãos.

Faça 6 pilulas. Para tomar uma a duas pilulas por dia, durante o ataque da gota.

Os sudorificos constituem uma das boas medicações da gota. Com este intuito, tomará o doente duas ou tres chicaras de chá de flôres de sabugueiro ou de borragem, e se cobrirá com cobertores de lã. A transpiração será favorecida, tomando de 2 em 2 horas 6 grãos de pós de Dover, n'uma colher d'agua quente com assucar.

O membro affectado deve estar n'uma immobilidade completa, e inclinado de tal maneira, que o calcanhar fique mais alto que a perna.

Cura-se em geral a inchação que persiste ás vezes depois da cessação das dôres da gota chronica, por meio de brandas fricções feitas com uma baeta impregnada de vapores de incenso, de benjoim, de succino ou de outros vapores aromaticos, com fo-

mentações de tinturas de alecrim, de alfazema, com linimentos compostos de alcali volatil, oleo alcanforado ou essencia de terebenthina, acima indicados. Recorrer-se-ha tambem aos mesmos meios contra as nodosidades e os engurgitamentos que se formão sobre os ligamentos e os tendões e contra as contracções permanentes de alguns musculos. Mas quando estas contracções são dolorosas, usão-se com vantagem as cataplasmas em que entrão a figueira do inferno ou a cicuta. Os banhos com a dissolução de cola de Flandres gozão tambem de alguma efficacia contra estas rijezas musculares.

Depois de ter descripto o tratamento, resta-nos indicar os meios de prevenir a gota. Ora, se, como a experiencia prova, a causa da gota consiste em uma superabundancia de materias nutritivas, que se deve fazer para destrui-la? Duas cousas evidentemente: gastar a maior quantidade possivel destes materiaes e esgotar a sua fonte. Preenche-se a primeira destas indicações activando-se todas as secreções, isto é, facilitando-se a transpiração cutanea por meio de banhos, de fricções e de vestidos de flanela, provocando-se a secreção urinaria por meio de uma bebida diuretica, tal como a cerveja, e por meio de alimentos dotados desta propriedade, como espargos; emfim fazendo-se muito exercicio. Para satisfazer a segunda indicação basta, em geral, impôr-se um regimen severo, composto de legumes, peixe, sopas magras, ovos, fructos, lacticinio e de agua, e não admittindo em seu regimen carnes nem espiritos. Mas para que um semelhante tratamento seja corôado de bom exito, deve ser empregado mui cedo, pois que, quando se tem formado desordens na organisação, o melhor regimen é sempre impotente. Se entretanto estas desordens ainda não são muito consideraveis, se a molestia é ou não susceptivel de curar-se pelo regimen, não se deve ainda abandona-lo. E então, quando mesmo toda a esperança de cura completa esteja inteiramente perdida, será preciso ainda continua-lo, por-

que é o unico meio de diminuir os soffrimentos, de afastar os ataques e de torna-los menos rebeldes á acção dos medicamentos locais. A um regimen alimentar severo, a uma vida activa, os gotosos juntaráõ com vantagem a habitação em lugar secco, quente e bem arejado, e as precauções contra o frio humido.

O uso das aguas mineraes alcalinas, em bebidas e em banhos, é tambem recommendado para prevenir os accessos da gota. Na Europa, as aguas que gozão de maior reputação são as de Vichy em França e de Carlsbad em Bohemia. A base destas aguas alcalinas é um sal chamado bicarbonato de soda. Por consequente, aqui no Brasil, e em outra qualquer parte, na falta das aguas mineraes alcalinas, podem os doentes usar de bicarbonato de soda, na dose de 24 grãos até 2 oitavas, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar. O bicarbonato de soda, sendo introduzido no corpo, muda a composição do sangue, e não só previne até certo ponto novos ataques da gota, mas tambem póde dissolver as concreções que se tem formado nas juntas em consequencia dos anteriores ataques da molestia.

GOTA CORAL, ou MAL DE GOTA. *Veja-se EPILEPSIA*, Vol. II, pag. 137.

GOTA ROSADA ou CAPARROSA. A gota rosada é uma molestia da pelle, caracterizada por vermelhidões e botões espalhados pelo nariz, face, testa e ás vezes pelas orelhas, cujo grão mais forte forma uma especie de mascara que desfigura as feições mais agradaveis. A gota rosada principia ordinariamente por alguns pontos vermelhos no nariz e nas faces, nas quaes se manifesta um sentimento de calor e de inchação depois da comida, e principalmente depois da ingestão de vinhos fortes ou de licôres alcoolicos. Logo depois apparecem pequenas pustulas pouco numerosas ao principio, mas que se vão multiplicando e succedendo continuamente. A pelle incha e toma uma côr vermelha arroxada, que é mais viva em roda das pustulas; as feições perdem sua har-

monia e engrossão de uma maneira notavel. As veias externas, dilatadas pelos obstaculos numerosos que experimenta a circulação do sangue no rosto, augmentão mais, por sua côr azulada, este aspecto medonho. Finalmente, a gravidade desta molestia offerece variações infinitas. As vezes, limitadas a um pequeno espaço, as pustulas são raras, isoladas, e só apresentam ao redor de si uma vermelhidão leve. Outras vezes occupão todo o rosto e as orelhas. Quando a molestia chega ao maior gráo de intensidade, os olhos se inflammão, as gengivas tornão-se dolorosas, intumescem-se; os doentes vacillão, e outros muitos symptomas de uma complicação escorbútica vem ainda augmentar este estado tão deploravel. Em alguns casos, a gota rosada não se estende além do nariz, no qual esgota de alguma-fôrma seus effeitos. Todos os tecidos inchão a ponto de darem a esta parte uma dimensão dupla ou tripla daquella que lhe é ordinaria. Apparecem em diversos pontos do nariz tumores mais ou menos consideraveis, rugosos, lividos, que offerecem uma disformidade mui grande; estes tumores se observão principalmente nos individuos, votados ao culto de Baccho, nos quaes se designão familiarmente pelo nome de *rubis dos bebados*.

Causas. A gota rosada é mais frequente no homem do que na mulher; pôde-se encontrar na mocidade, mas desenvolve-se de ordinario na idade madura, e nas mulheres na idade critica. A exposição do rosto a um calor vivo torna a caparrosa mais commum em certas profissões, taes como as de cozinheiro, fundidor, refinador, etc. Uma das causas da gota rosada nas mulheres é a applicação dos arrebiques. A suppressão natural ou accidental da menstruação é tambem causa frequente do apparecimento desta molestia. Os excessos da mesa, o abuso dos licôres espirituosos, das especiarias, das substancias excitantes, das carnes salgadas e fumadas e da caça, produzem muitas vezes o seu desenvolvimento. As affecções moraes, como os pezares, as paixões pro-

fundas, a ira, o susto, provocão-na ás vezes. Emfim, em grande numero de casos, esta affecção, como as outras molestias da pelle, está ligada á existencia de uma causa interna, e sobretudo depende de alguma lesão digestiva; póde ser o producto de uma diathese geral ou de uma alteração particular dos humores.

Tratamento. Quando a erupção é leve e as pustulas são acompanhadas de uma inflammacção pouco sensivel, empregão-se com vantagem os lavatorios feitos com agua distillada de rosas ou de alface, com a addição de uma fraca dóse de aguardente; quando a molestia é mais inveterada, usa-se de pomadas mais ou menos activas, que varião infinitamente conforme os casos, e que, por conseguinte, não podem ser indicadas em uma obra de medicina popular. Todos os segredos do toucador, todas as receitas do charlatanismo, todos os depurantes, especificos, cosmeticos, gabados nos annuncios dos jornaes, são, ou insignificantes e inteiramente incapazes de operar as maravilhas de belleza e de remoçamento que promettem, ou perigosos e mais proprios para aggravarem o mal do que para o curarem, se são applicados sem discernimento. Limitar-nos-hemos, por conseguinte, a aconselhar, de uma maneira geral, ás pessoas affectadas de gota rosada, o uso frequente dos banhos mornos do corpo, lavatorios do rosto com agua fria, os escaldapés repetidos, os clysteres para entreter a liberdade do ventre, o cozimento de raiz de chicoria para bebida, a abstinencia dos excessos da mesa, das carnes succulentas, das especiarias, do vinho e dos licôres espirituosos. Uma vida sobria e regular, um regimen habitual composto de carnes tenras, de legumes, de hervas, frutas, o cuidado constante de evitar os exercicios fatigantes, são as regras hygienicas mais salutaes para operarem a cura de uma molestia tão rebelde. A gota rosada provém ás vezes, como temos dito, da suppressão dos menstrosos. Neste caso são uteis as applicações de bichas nas coxas, na época correspondente á do fluxo catamenial.

GOTA SCIATICA. *Veja-se* SCIATICA.

GOTA SERENA. Chama-se gota serena toda a perda completa ou quasi completa da vista, que não é acompanhada de nenhuma mudança apparente no olho. Os medicos chamão esta molestia *amaurose*.

Causas. Frequentemente o sangue, affluindo em mui grande abundancia aos vasos do cerebro e do olho, determina o que se chama *congestão sanguinea*, donde resulta a abolição da vista. A suppressão subita dos menstruos ou das hemorrhoidas, os espirros violentos, um accesso de ira, o estado de prenhez e a embriaguez podem occasiona-la momentaneamente. A gota serena observa-se principalmente nos velhos cujos olhos por muito tempo forão fatigados por uma luz mui viva, pelo calor ardente do fogo, pela reflexão dos raios solares nos paizes cobertos de areia, por trabalhos com microscopio, por vigalias prolongadas e por vapores acres. A masturbação, o abuso dos prazeres venereos, os pezares prolongados, o susto, o uso de máos alimentos e a habitação em lugares humidos, frios e escuros, produzem ás vezes esta molestia. A commoção causada por um raio, a explosão de uma arma de fogo, podem occasiona-la tambem. Um infeliz moço recebeu tão forte abalo da explosão de uma pistola carregada de polvora, no momento em que virava a cabeça para responder a seu camarada que o chamava na occasião que descarregava sua arma, que a impressão que experimentou lhe causou uma subita *amaurose*. Admittem-se tambem gotas serenasympathicas; taes são as que dependem da presença dos vermes nos intestinos, da irritação do estomago e do hysterismo. A lesão dos differentes nervos que por suas conexões com o olho, exercem uma influencia mais ou menos directa sobre o apparelho da visão, é uma causa inteiramente especial desta molestia: as feridas, as pancadas sobre as sobrancelhas, olho e palpebras tem determinado muitas vezes desta maneira a cegueira amaurotica. Conheço uma bonita moça de 47 annos, no Rio de Janeiro, que na sua infancia

perdeu a vista de um olho por lhe ter dado uma gallinha uma picada na testa, por cima da sobrancelha, no lugar por onde passa o nervo supra-orbitario. O olho não tem nodoa nenhuma; parece perfeito, mas está paralyzado. Emfim, as molestias organicas graves do cerebro, do nervo optico, tem determinado amauroses que ficão além dos recursos da arte.

Symptomas. A invasão da gota serena é ás vezes subita; mas de ordinario esta molestia se forma com lentidão. Começa por um só olho, e ás vezes ataca a ambos ao mesmo tempo. Quando a invasão da gota serena é subita, a vista se perde instantaneamente, a menina do olho fica immovel. Quando, pelo contrario, a molestia se forma por gradações, a vista se enfraquece pouco a pouco, a visão dos corpos afastados principia a ser menos distincta, os doentes julgão ver voltar insectos; depois os objectos lhes apparecem como se estivessem cobertos de um nevoeiro ou de manchas escuras. A menina dos olhos conserva ordinariamente a sua fórma, mas em alguns casos está deformada; umas vezes fica acanhada, outras a sua dilatação é extrema. Quando a gota serena é completa, os olhos perdem toda a expressão, e as palpebras ficão immoveis diante de corpos estranhos.

Dissemos no começo deste artigo que as pessoas affectadas de gota serena não apresentam lesão apparente do olho. Existe entretanto uma differença real entre os olhos affectados da gota serena e os de uma pessoa que vê perfeitamente: no primeiro caso, a menina do olho é immovel, entretanto que no segundo a mobilidade é mui apparente. Insistimos sobre este symptoma, porque a immobildade da menina do olho constitue o character particular da amaurose, e é sufficiente para fazer reconhecer esta molestia. Para testemunhar este symptoma é preciso, depois de ter approximado o olho á acção de uma luz viva, abaixar e levantar a palpebra superior muitas vezes, para ver se a menina é susceptivel de contracção.

Prognostico. A amaurose se dissipa ás vezes em alguns dias, mas estes casos felizes são mui raros; ordinariamente é longa sua duração: até ha casos em que persiste toda a vida, apezar dos meios mais convenientes empregados contra ella.

Tratamento. O tratamento da gota serena depende das suas causas; umas vezes é racional, porém as mais das vezes é empirico. No principio da molestia, nos individuos sanguineos, quando existem violentas dôres de cabeça, vertigens, zunido de ouvidos, combate-se a gota serena pela sangria ou pelas applicações de bichas nas fontes, atrás das orelhas ou na parte superior das coxas, e no anus, se a molestia tem succedido á suppressão dos menstruos ou do fluxo hemorrhoïdal. Deve-se ao mesmo tempo usar de alimentos não estimulantes e de bebidas refrigerantes, como limonada, laranjada; tomar escaldapés com farinha de mostarda e alguns purgantes. Quando por estes primeiros meios não se tiver obtido resultado algum, ou quando, em razão da ausencia dos signaes de congestão cerebral ou de irritação forte do olho, não se tem julgado conveniente recorrer-se a elles, é preciso applicar vesicatorios e sedenhos na nuca e entreter por longo tempo a sua suppuração. Empregão-se tambem pequenos causticos sobre a testa por cima das sobrancelhas, e curão-se com meio grão de strychnina por dia. Os purgantes serão sempre uteis para ajudarem a acção deste tratamento. O uso do rapé aproveita tambem neste caso excitando a membrana das fossas nasaes. Ao mesmo tempo é preciso dar vapores estimulantes aos olhos, e para isto basta derramar algumas gottas d'agua de Colonia ou de balsamo de Fioraventi na palma da mão, e aproxima-la ao olho affectado; pôde-se tambem approximar ao mesmo olho uma rolha molhada em ammoniaco; emfim, ás vezes é preciso recorrer aos meios empiricos para destruir esta affecção. Assim, o tartaro stibiado dado como vomitivo, as decocções de lupulo, de genciana, de quina, tem produzido curas rapidas em algumas occasiões.

GOTO. *Veja-se* GLOTTE.

GRAMA. (*Triticum repens*, Linneo.) Planta mui commum nos lugares incultos da Europa; dá tambem no Brasil. Caule de dous pés pouco mais ou menos, folhas molles e verdes; raizes delgadas, nodosas, de côr amarellada no exterior, sobretudo quando seccas, um pouco mais pallidas no estado fresco; brancas e oucas no interior, de sabor adocicado. O cozimento da raiz de grama é empregado como emolliente e diuretico nas inflammações, e principalmente nas das vias urinarias. Prepara-se este cozimento com meia onça de raiz de grama e 16 onças d'agua. Antes de ferver, é preciso lavar a grama em agua fria, para despi-la do principio ligeiramente adstringente que contém.

GRÃO CHEIO D'AGUA. *Veja-se* HYDROCELE no artigo ESCROTO, Vol. II, pag. 173.

GRÃOS. *Veja-se* TESTICULOS.

GRAVIDEZ. *Veja-se* PREENHEZ.

GRETAS. Assim se chamão pequenas rachas ou fendas que se desenvolvem no anus nas pessoas affectadas de syphilis antiga. É preciso toca-las com pedra infernal e usar internamente de remedios antisiphiliticos. *Veja-se* SYPHILIS.

GRUMICHAMA. Fructo de *Eugenia brasiliensis* Lamarck, arvore do Brasil. É doce e um pouco adstringente, goza de propriedades refrigerantes.

GUACO. (*Mikania guaco*, Humboldt.) Planta que dá no Mexico; tem um sabor amargo, um cheiro forte e desagradavel. O vulgo, e até alguns medicos, attribuem a esta planta propriedades especificas nas mordeduras das cobras. Engole-se o sumo della, e applica-se a mesma planta sobre a ferida; e a não se ter o guaco recente, toma-se uma forte decocção. No artigo COBRAS (Vol. I, pag. 379), referimos um infeliz exemplo em que esta planta não produziu vantagem alguma, e pensamos que os factos apresentados para provar sua virtude contra-venenosa não merecem a menor confiança.

GUAIACO. (*Guaiacum officinale*, Linneo.) Arvore

que se acha na Jamaica e na ilha de S. Domingos. O páo e a resina se empregão na syphilis e nos rheumatismos. Com 1 onça de páo e 16 onças d'agua faz-se um cozimento que serve para um dia.

GUANDU ou ERVILHA DE ANGOLA. (*Cajanus flavus*, De Candolle.) Arbusto bem conhecido no Brasil, que dá uma ervilha saborosa e mui nutriente.

GUANO. Nas costas do Perú, do Chile, da Colombia, e tambem na costa d'Africa, existem pequenas ilhas onde vão descansar, dormir e ás vezes morrer, uma innumeravel quantidade de passaros do mar. Seus excrementos, e talvez seus corpos, decompostos e accumulados nestas ilhetas, levantarão-se pouco a pouco e formão hoje verdadeiras collinas de uma apparencia arenosa, amarellada, que se poderião tomar, á primeira vista, por areia mui fina, se não se exhalasse destes outeiros um forte cheiro d'ammoniac que denota a existencia de uma materia animal. É esta substancia que se chama guano. Por mui longo tempo desprezado, é hoje mui procurado, por ter sido reconhecido como um dos elementos mais activos da fecundidade dos terrenos. Com effeito, verificarão os agricultores que um metro cubico de guano tem produzido nos cereaes maior effeito que 50 metros cubicos de estrume de curral misturado com estrume de estrebaria, e que a producção foi sobretudo consideravel em palha.

Alguns exemplos de cura de pessoas affectadas de morphéa que forão habitar nas ilhas onde se acha o guano induzirão a crer que esta substancia póde ser um bom remedio contra esta terrivel molestia. Alguns ensaios forão tentados no Rio de Janeiro. Segundo as informações que nos forão dadas, o guano administrado interna e externamente produzio melhoras nos doentes de morphéa, mas não nos consta nenhum factó de cura completa. O guano foi tambem ensaiado pelos medicos de Pernambuco, mas nenhum resultado favoravel produzio nos doentes de morphéa, como se vê do Relatorio do conselho

de Salubridade publicado no *Archivo Medico do Rio de Janeiro*, 1847, n.º 10. Na Bahia tambem aconteceu o mesmo.

GUARANÁ. Succo gommo-resinoso extrahido pelos Indios dos fructos da *Paulinia sôrbilis* de Martius, na opinião de uns, ou de *Rhisophora mangle* de Linneo, como outros julgão. É concreto, de côr rubra escura, offerecendo veias esbranquiçadas quando quebrado; sem adstringencia sensivel. É aconselhado nas dysenterias chronicas, em dissolução, que se prepara com duas oitavas de guaraná e oito onças d'agua. Em varias provincias do norte do Brasil, e tambem em Goyaz, Minas e S. Paulo, tem-se propagado o uso desta substancia, a ponto de a tomarem como limonada refrigerante para acalmar a séde.

GUARANHEM. *Veja-se* BURANHEM, Vol. I, pag. 236.

GUAXIMA. (*Urena lobata*, Cavanilles.) Arbusto do Brasil, de 3 a 6 pés, folhas arredondadas, lobadas, pecioladas, verde-escuras por cima, verde-claras por baixo, de sabor mucilaginoso, flôr rosea escura. A decocção e a infusão de folhas de guaxima são emollientes. A infusão (chá) prepara-se com 1 oitava de folhas de guaxima e uma chicara d'agua fervendo; adoçada, serve contra a tosse. A decocção usa-sé em banhos. Para um banho é preciso 1 libra de folhas de guaxima.

GUELAS (INFLAMMAÇÃO DAS). *Veja-se* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 186.

GUELAS (CORPOS ESTRANHOS NAS). *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS, Vol. I, pag. 460.

GYMNASTICA. Parte da hygiene que trata dos effeitos dos differentes exercicios sobre o corpo humano. *Veja-se* EXERCICIOS, Vol. II, pag. 207.

H

HABITAÇÃO. Se o estado social e o concurso das forças augmentão o bem-estar de cada individuo,

estas mesmas circumstancias tornão-se tambem a origem de muitos males. As diversas emanações que nascem da grande reunião dos homens, dos animaes que elles entretém, das manufacturas em que se formão varios productos das artes, a privação da influencia dos ventos e do sol, tudo isto se torna causa de muitas molestias. A medicina póde diminuir estes inconvenientes prescrevendo certas regras hygienicas relativas á situação das cidades, á disposição das habitações particulares e de diversos estabelecimentos donde se exhalão emanações deleterias; vamo-nos occupar destes diversos objectos no presente artigo.

A maior parte das cidades estão longe de ser construidas conforme as regras da salubridade. Edificadas em tempos em que considerações desta natureza erão geralmente desprezadas, e em que motivos politicos, commerciaes ou particulares, exigião disposições que lhes erão contrarias, formadas por augmentações successivas, offerecem quasi todas trabalhos de salubridade que executar. Vejamos quaes são as posições mais convenientes para esta reunião de habitações.

São geralmente salubres as cidades edificadas em lugares elevados, isto é, nos que são sobranceiros a todos os seus arredores. O ar nelles é mais vivo e mais secco; o accesso facil dos ventos permite a renovação da atmospherá, os effluvios pantanosos chegão-lhes difficilmente, e as emanações nocivas que nelles se formão se dissipão com promptidão. Observa-se o contrario nas cidades mesmo mui elevadas, mas que são dominadas de todos os lados por cóllinas, assim como nas que são situadas em valles e gargantas. O ar nellas é estagnado, humido e alterado por miasmas de diversa natureza; os calores tornão-se insupportaveis por causa da reverberação das raios solares. Póde-se observar ás vezes uma differença bem notavel de salubridade na mesma cidade, quando tem uma parte alta e outra baixa. Nesta ultima reinão as affecções escrophulosas,

as febres intermitentes, molestias que são estranhas á parte alta. A vizinhança dos pantanos é mui insalubre; o perigo augmenta-se pelo calor do clima, e sobretudo pela situação da cidade, cujo vento dominante passa, antes de chegar a ella, por lugares lodosos. O melhor meio de se subtrahir a estas influencias consiste em seccar os fôcos dellas, entulhando os pantanos ou dando um esgoto conveniente ás aguas estagnadas, ou ao menos fazendo plantações de arvores elevadas e espessas, situadas de maneira que ponha o lugar habitado ao abrigo do vento que tem passado pelos pantanos. O centro dos matos espessos é, ordinariamente, desfavoravel; o ar circula nelle mui difficilmente, o terreno que não é aquecido pelos raios do sol fica constantemente humido. Suas margens não apresentam os mesmos inconvenientes. Os raios do sol podem penetrar nas habitações formadas nestes lugares, a vizinhança destas grandes massas de arvores as protege contra a violencia dos ventos e modera os calores do verão. Ás vezes o abrigo de matos espessos e profundos é indispensavel para a salubridade de certos paizes que, sem esta condição, seriam expostos ás emanações dos pantanos, levadas pelos ventos que os tivessem atravessado. Quanto ás cidades situadas á beiramar ou á margem dos rios, essas não achão nesta circumstancia causa alguma de insalubridade, a não estarem expostas a outras causas particulares; assim, se as margens não são bem limpas, podem-se tornar focos de infecções.

A disposição das ruas da cidade e das praças publicas influe muito sobre a salubridade; esta disposição deve ser calculada de maneira a facilitar a circulação do ar e o accesso dos raios solares nas partes mais baixas das casas. Quando as cidades são mui extensas, não é possivel que a direcção de todas as ruas seja igualmente favoravel; entretanto é vantajoso que as principaes se estendam do norte ao sul, se esta direcção não as expõe a ventos insalubres particulares ao paiz. A disposição das casas deve ser cal-

culada de maneira que facilite a circulação do ar e o acesso dos raios do sol nas suas partes mais baixas. É preciso, por conseguinte, que as ruas tenham uma largura proporcionada á altura dos edificios; mui estreitas e formadas de casas mui altas, conservão um ar corrupto, onde a luz do sol penetra mui imperfeitamente; mui largas, não serião varridas por uma corrente de ar assaz rapida, e sua atmospherã se alteraria facilmente em tempo de calor. Nos climas intertropicaes, entretanto, onde os raios solares tem uma direcção menos obliqua, e em certos mezes perpendicular, e onde podem, por conseguinte, penetrar até ás partes mais baixas das casas, o que não acontece nas regiões temperadas, as ruas podem ser estreitas e os edificios altos: esta disposição tem a vantagem de preservar os habitantes do calor excessivo do paiz. Considerando as habitações individualmente, isto é, examinando menos sua influencia sobre a salubridade exterior do que sobre a salubridade interior, devemos dizer que os aposentos mais altos estão menos expostos ás exalações que se formão no terreno, e que as casas baixas são geralmente humidas e menos sadias.

As praças publicas são mui uteis, porque contribuem para a circulação do ar no interior das cidades, e além disto augmentão a extensão relativa do espaço consagrado a um numero determinado de habitações; a somma de inconvenientes que resulta da reunião destas habitações se acha, por conseguinte, diminuida. Tem-se discutido muito ácerca da salubridade proveniente das plantações de arvores no interior das cidades. Podem ser consideradas como uteis quando são situadas nas ruas largas e nas grandes praças cujo terreno não é humido, quando as arvores podem receber os raios do sol, e quando não estão perto das casas nem mui proximas umas das outras, para não impedirem a circulação livre do ar e para não occasionarem humidade.

Todas estas disposições serião insufficientes para entreterem a salubridade do ar nas cidades, se não

se tivesse tambem a cautela de destruir ou diminuir as causas numerosas que tendem a alterar-lhe a pureza. As ruas devem ser calçadas com cuidado; senão a superficie dellas torna-se um pantano quasi permanente, donde se exhalão emanações deleterias. A calçada deve ser construida de maneira que offereça uma inclinação favoravel ao escoamento das aguas, e deve ser concertada sempre que estiver arruinada. E' preciso que estas ruas sejam todos os dias limpas de todas as materias susceptiveis de se putrificarem. Varrer as ruas, os largos, e sobretudo os mercados; prohibir que nelles se lancem immundicias, e mórmente materias fecaes, são outras tantas condições essenciaes de asseio, cuja influencia sobre a saúde não pôde ser contestada. Canos vastos e numerosos receberão as aguas impuras de cada quarteirão. Estes canos serão lavados frequentemente para não se tornarem elles mesmos focos da infecção que devem prevenir. Os cemiterios devem ser situados fóra das cidades e a certa distancia das habitações, de maneira que o vento não traga as exhalações delles. Emfim, ficarão distantes das habitações todas as fabricas que puderem causar emanações perigosas. Mas um dos objectos que mais que muito merece que sobre elle fixemos a attenção, debaixo do ponto de vista sanitario nas habitações, são as latrinas. No Rio de Janeiro, por causa da pouca profundidade em que se acha a agua, não é possivel que se fação fossos; mas cada casa tem seu barril de despejo, o qual todas as noites, principiando ás oito horas, é levado para a praia. Este meio de transporte tem muitos inconvenientes: expõe todas as noites os habitantes á respiração de gazes deleterios que se desenvolvem dos barris que ordinariamente não são tapados, torna mui desagradaveis, senão impossiveis, os passeios de noite nas ruas, e infecta as praias.

HALITO. Assim se designa o ar que sahe dos pulmões durante a expiração. Nas crianças o halito é mais ou menos azedo, mais nas crianças louras do

que nas de cabellos pretos, mais nas meninas do que nos meninos; torna-se sobretudo notavel nas crianças affectadas de lombrigas. O halito perde ordinariamente seu character primitivo, á medida que se vai approximando a puberdade; entretanto, nas moças não cessa de todo senão depois da erupção dos menstruos. Chegada a época da puberdade, o halito das pessoas que gozão de boa saúde é em geral brando e sem cheiro particular. Até dizem que em certos individuos é suave: sem nos deixarmos arrastar por uma imaginação exaltada, não podemos negar que halitos ha que, por sua unica natureza, despertão os sentidos e excitão aos prazeres do amor; mas são mui raros e nunca se encontrão em mulheres que tenham mais de trinta annos nem em homens de mais de quarenta e cinco. Este estado da respiração suppõe uma saúde perfeita e o uso habitual de uma alimentação branda e mais vegetal do que animal. A proporção que o homem se adianta em idade, perde o halito a sua frescura e adquire pouco a pouco um cheiro mais ou menos desagradavel.

Chama-se *máo halito* aquelle que tem um cheiro fetido. Depende de causas variaveis que podem ser permanentes ou eventuaes, naturaes ou accidentaes, curaveis ou não curaveis. Examinemos as principaes. A falta do asseio da bocca e a carie dos dentes são as duas causas mais ordinarias do máo halito. A affecção escorbútica, occasionando a inchacão das gengivas, determina o mesmo resultado, assim como a salivação produzida pelo mercurio, uma erupção abundante de aphtas, as ulceracões da lingua, da garganta, etc. Emfim, no numero das molestias que podem affectar as fossas nasaes, a ozena ou a ulcera do interior do nariz é a que por seu effeito nocivo sobre o halito se torna mais sensivel.

O máo halito nas pessoas que gozão de boa saúde, e que todavia cuidão no asseio da bocca, provém ordinariamente de um modo particular de excreção dos pulmões. Todos sabem tambem que o uso de certos alimentos, como o alho, dá ao halito um

cheiro forte que se faz sentir emquanto dura a digestão. O uso habitual e quasi exclusivo da carne dá ao halito um cheiro mui sensível. Em uma época adiantada de prenhez, alguns dias depois do parto e durante a amamentação, o halito da mulher tem um cheiro que é semelhante ao de soro de leite; em geral é assaz desagradavel durante a época menstrual. Emfim, nas molestias agudas, tem sempre um cheiro particular.

Os meios devem necessariamente variar para se remediar o máo halito. Se elle depende de uma molestia, é preciso unicamente combater esta causa.

Quando provém de um estado particular da constituição da pessoa, não ha remedio que se lhe oppôr, assim como não se póde destruir a transpiração da pelle, que é repugnante em alguns individuos, sem que se possa explicar este inconveniente. O halito forte, que depende da natureza dos alimentos, desaparecerá pela cessação unica do seu uso. Quanto ao que depende da carie dos dentes ou da falta de asseio da bocca, remedeia-se mui facilmente mandando-se tirar os pequenos ossos que estão privados de vida, chumbando-se os dentes, ou emfim conservando-se sempre a bocca limpa. No artigo BOCCA havemos já indicado os cuidados que se devem ter a este respeito; accrescentaremos aqui que o carvão de lenha goza da propriedade desinfectante em um alto gráo; serão por conseguinte mui vantajosos, para as pessoas que soffrem do incommodo de que fallamos, os lavatorios diariamente repetidos com agua e pó de carvão. Esta substancia emprega-se tambem internamente para este fim; preparão-se com ella pastilhas, de que se tomão quatro a oito por dia. A receita destas pastilhas é a seguinte: carvão em pó uma onça, assucar uma onça, mucilagem de gomma arabica feita com agua de flôr de laranja quantidade sufficiente; fação-se pastilhas de 12 grãos. Aconselhão-se tambem, para destruir momentaneamente o máo halito, gargarejos com agua e algumas gottas d'agua de Labarraque. Os perfumes e as

substancias odoríferas, como pastilhas de hortelãa pimenta, folhas de alfavaca, casca de laranja, de limão, podem tambem disfarçar por algum tempo o máo halito; mas este cheiro natural torna a apparecer.

HECTICA (FEBRE) *Veja-se* FEBRE HECTICA, Vol. II, pag. 226.

HEMATEMESE. Assim se chamão na medicina os vomitos de sangue. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

HEMATURIA, ou OURINAS SANGUINEAS. *Veja-se* esta ultima palavra.

HEMERALOPIA. A hemeralopia é uma affecção singular pela qual os olhos gozão da faculdade da vista durante o dia e são della privados quando o sol está posto. A duração desta molestia, cujas causas não são conhecidas, é passageira. Cura-se pelo emetico e purgantes, tratando-se ao mesmo tempo os olhos por alguns vapores excitantes, como, por exemplo, os de alcali volatil.

HEMICRANIA. Dôr nervosa que occupa a metade da cabeça. *Veja-se* ENXAQUECA, Vol. II. pag. 131.

HEMIPLEGIA. Paralysis da metade do corpo. *Veja-se* PARALYSIA.

HEMOPTYSE. *Veja-se* ESCARROS DE SANGUE, Vol. II, pag. 155.

HEMORRHAGIA. Toda effusão de sangue além dos vasos destinados para contê-lo é hemorrhagia, qualquer que seja a causa deste phenomeno, e o lugar em que se opera, quer o sangue corra para fóra, quer se derrame em alguma cavidade interna do corpo. As numerosas affecções comprehendidas debaixo desta denominação offerecem entre si differenças mui notaveis. Umás são resultado de uma lesão manifesta dos conductos em que circula o sangue; outras tem lugar sem alteração sensivel que possa explica-las. As primeiras se chamão hemorrhagias *traumaticas*; as segundas *espontaneas*. Nestes dous casos os phenomenos são tão differentes, os tratamentos tão variados, que é necessario dividir este artigo em duas partes. Fallaremos primeiro das hemorrhagias espontaneas.

HEMORRHAGIAS ESPONTANEAS. As causas que predispoem ás hemorragias espontaneas são : os grandes calores, o frio vivo e secco, a habitação em lugares elevados e o abuso das comidas mui excitantes, o simples uso de alimentos mui abundantes e mui nutrientes, do café, das bebidas espirituosas, as paixões violentas, etc. Declara-se tambem debaixo da influencia de uma carreira rapida, dos esforços ou dos exercicios violentos, na occasião de uma diminuição consideravel e rapida da pressão atmospherica, e por conseguinte nas pessoas que sobem a altas montanhas e nas que se elevão em balões. Sobrevém tambem em consequencia da suppressão de um fluxo sanguineo habitual, como hemorrhoidas ou menstruos. Mas, além destas causas, a hemorrhagia exige nos individuos que affecta uma daquellas condições desconhecidas da organisação, que se chama *predisposição*. A idade tem tambem uma grande influencia na producção das hemorrhagias, e mórmente no lugar que occupão; raras na infancia, tornão-se mui communs até a idade viril, para diminuirem de frequencia na velhice. Ha muito tempo se disse que o fluxo de sangue pelo nariz é a hemorrhagia dos adolescentes, os escarros de sangue a dos moços, as hemorrhoidas a dos adultos; e emfim, que o derramamento de sangue no cerebro, ou a apoplexia, era o apanagio da velhice. A observação quotidiana prova a verdade deste facto, tomado de uma maneira geral.

Em todos os casos a hemorrhagia produz uma fraqueza que depende da abundancia do sangue, da rapidez com que corre, do orgão de que sahe e da força do individuo. Se entretanto esta quantidade é mediocre e o individuo robusto, as forças não diminuem, até ás vezes o doente se sente mais agil do que antes; mas se a hemorrhagia é mais abundante, dá então lugar á pallidez do rosto, á diminuição da contractilidade muscular, ao resfriamento dos pés; em um grão ainda mais consideravel, produz vertigens, zunido de ouvidos, suores frios, e ás

vezes convulsões. A existencia destes signaes basta para fazer reconhecer as hemorragias internas. Alguns destes phenomenos podem depender mais da influencia que exerce a idéa do perigo no moral do doente do que do enfraquecimento produzido pela perda do sangue. Um terror machinal, de que é tão susceptivel a criança que principia a andar como o homem mais destemido, é inherente á idéa do individuo que suppõe perder todo o seu sangue. Sabe-se que só a vista do sangue causa desmaio a muitas pessoas, bem que dotadas de uma coragem incontestavel. Um dos caracteres mais curiosos que apresentam as hemorragias é a tendencia que tem a se renovarem e até a tornarem-se periodicas. Isto se observa sobretudo nas hemorrhoidas e fluxos de sangue do nariz; mas todas as hemorragias, sem excepção, podem apresentar este phenomeno.

Depois destas considerações geraes, examinemos agora as hemorragias em particular. Nas palavras ESCARROS e VOMITOS DE SANGUE achará o leitor o que diz respeito ás hemorragias dos canaes aereos e digestivos; as hemorragias da extremidade do intestino são tratadas no artigo HEMORRHOIDAS; as das vias urinarias são descriptas no artigo OURINAS SANGUINEAS; neste lugar fallaremos só do fluxo de sangue pelo nariz e da hemorragia do utero.

Hemorrhagia nasal. É conhecida debaixo do nome de fluxo de sangue do nariz; em medicina chama-se *epistaxis*. Esta hemorragia raras vezes constitue uma molestia, e não póde alterar a saúde senão por sua continuidade e sua quantidade. Moderada e passageira, é muitas vezes vantajosa ao individuo.

Um temperamento sanguineo e a idade da puberdade predispoem a este escorrimento sanguineo. Póde ser produzido pela insolação ou pela demora em um lugar mui quente, pelos estudos prolongados, vigílias, paixões amorosas, pelo uso de licôres excitantes, e principalmente do café, por exercicios violentos, e emfim, por tudo o que póde irritar directamente a membrana nasal, como os pós ester-

mutatorios, as pancadas, as quedas sobre o nariz, etc.

A hemorragia nasal moderada não reclama tratamento algum; é necessario abandoná-la aos recursos da natureza. Nas pessoas que soffrem habitualmente vertigens e dôres de cabeça, torna-se frequentemente um meio curativo; á medida que o sangue corre, o individuo se sente alliviado e um estado de bem-estar geral não tarda a apparecer. Quando se julga necessario fazer parar uma hemorragia nasal, expõe-se o doente ao ar fresco, manda-se que esteja assentado ou que fique de pé, com a cabeça não inclinada: fazem-se levantar os braços do doente perpendicularmente e comprimem-se as ventas. Se a hemorragia, como acontece ordinariamente, é só de um lado, basta fazer levantar o braço correspondente. Applicão-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre a testa, fontes, nuca, em roda do nariz, entre as coxas, e faz-se-lhe ao mesmo tempo beber uma limonada de limão mui fria, simples, ou juntando-se a cada copo 12 grãos de nitro. Se isto não bastar, dão-se escaldapés e fazem-se mergulhar as mãos em agua quente ou em um banho sinapisado. Se tudo isto não produz bom exito, é preciso fazer fungar ao doente algum liquido adstringente, tal como a agua misturada com vinagre ou a dissolução de pedra-hume. Se, apesar de todos estes meios, o fluxo sanguineo não parar, será mister recorrer ao entupimento. Para este fim introduzem-se na venta fios embebidos em agua e vinagre, havendo o cuidado de introduzi-los o mais acima que fôr possível. Este entupimento impede o escorrimento do sangue para diante, mas ás vezes não se oppõe a que elle corra para dentro da garganta; neste caso é preciso recorrer ao duplo entupimento. Só o cirurgião tem os conhecimentos e os instrumentos necessarios para esta operação. Por este ultimo meio as cavidades nasaes ficão fechadas por diante e por detraz; não sendo as partes dilataveis, o sangue não póde achar lugar para derrear-se e pára immediatamente.

Hemorragia do utero ou frouxo de sangue pelo utero. Todo o fluxo de sangue que se faz pelo utero não merece o nome de hemorragia, pois que no estado natural a mulher, quasi todos os mezes, perde uma certa quantidade de sangue que tem recebido o nome de *menstruos, regras, lua* ou *fluxo catamenial*, e cuja falta, quando não depende da prenhez, é um signal do desarranjo da saude. Hemorragia uterina é quando a mulher perde mais sangue do que é de costume, e em lugar de se sentir alliviada e mais forte, como acontece depois do escorrimento menstrual, pelo contrario fica fraca e incommodada; emfim, quando esta perda de sangue sobrevém em uma época que não é a do fluxo catamenial. Depois desta definição, dividiremos o nosso artigo em tres partes distinctas, segundo a época em que se mostra o accidente: 1.º, hemorragias além do tempo da prenhez; 2.º, hemorragias durante a gestação; 3.º, hemorragias depois do parto.

Hemorragias além do tempo da prenhez. A hemorragia, independente do estado de gestação, pôde-se manifestar nos differentes periodos da vida da mulher. Tem-se observado em meninas recém-nascidas, mas então é mui pouco consideravel e pouca attenção reclama; entretanto, na idade de seis a dez annos é frequentemente causada pela masturbação, e por esta razão merece grande cuidado.

Bem que moderada, a hemorragia uterina deve ser considerada, na mulher adulta, como uma molestia grave, e convém fazê-la de prompto desapparecer. Para isto é necessario conhecer as causas, que são extremamente variadas: taes são, um calor excessivo ou um frio intenso, os exercicios violentos, o abuso das substancias que provocão os menstruos e os desejos amorosos mui vivos. As mulheres mui irritaveis são expostas a esta perda na occasião de algumas affecções moraes, como a colera, o susto, o pezar, o ciume, a alegria, etc. Assim, as hemorragias do utero sobrevem ás vezes nas mulheres moças no dia do seu casamento. As alterações orga-

nicas do utero são tambem causas frequentes das hemorragias desta viscera. Os polypos, os tumores fibrosos, os scirrhos, os canceros, as ulceras do utero, são muitas vezes acompanhadas dellas.

Tratamento. Nas mulheres fortes, quando a hemorragia é consideravel, deve-se ao principio recorrer a uma sangria do braço. Este meio é igualmente util nos grãos de menor intensidade, quando a doente é forte; mas não convém sangrar quando a doente é de constituição mui fraca. Ao mesmo tempo a doente deve estar em um lugar fresco, deitar-se horizontalmente em um colchão duro, cobrir-se apenas e tomar bebidas frias e aciduladas. Se isto não bastar, applicuem-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre o baixo-ventre e coxas, mergulhem-se as mãos em agua fria e applique-se um clyster d'agua fria. Quando a hemorragia não pára, e a vida da doente corre perigo por causa da grande perda do sangue, é necessario recorrer ao entupimento, que consiste em encher com fios o interior da vagina. Emfim, um meio poderoso que conta alguns bons resultados consiste na provocação de vomitos pela poaya.

Quando a hemorragia é chronica, isto é, quando apparece de tempos em tempos em pequena quantidade, a sangria não é necessaria; a doente deve fazer uso de um regimen brando, abster-se de todos os excitantes, tomar cozimento de arroz acidulado com sumo de limão ou infusão de raiz de ratanhia, applicar vesicatorios na parte interna das coxas; emfim, praticar injecções na vagina com a decocção de ratanhia, com dissolução de pedra-hume ou com algum outro liquido adstringente. É tambem mui aconselhado o uso interno da pedra-hume: este medicamento, com effeito, é util nas hemorragias chronicas; administra-se na dóse de duas oitavas por dia, dissolvido em um quartilho d'agua. Emprega-se tambem no mesmo caso o nitro até á dóse de uma onça por dia, dissolvido em agua; o tannino, na dóse de dous a tres grãos, cinco a seis

vezes por dia, produz tambem bons effeitos. É preciso sobretudo que as doentes se abstenhão dos prazeres conjugaes, da dansa e da equitação. Quando a hemorragia depende de molestias organicas do utero, o melhor meio para combatê-la é o tratamento proprio destas affecções.

Eis-aqui as receitas contra o frouxo de sangue do utero :

Nitro 2 oitavas.

Divida em 8 papeis. Toma-se um papel de 2 em 2 horas n'uma chicara de limonada de limão ou de limonada de vinagre frio.

Cozimento adstringente.

Casca da raiz de ratanhia 1 onça.

Agua fervendo 24 onças.

Infunda por meia hora, côe e ajunte :

Assucar 1 onça.

Bebe-se uma chicara deste cozimento frio de 2 em 2 horas.

Pilulas adstringentes.

Tannino 36 grãos.

Faça 12 pilulas.

Toma-se uma pilula de 3 em 3 horas.

Poção adstringente.

Extracto de ratanhia 1 oitava.

Agua distillada de rosas 5 onças.

Xarope simples 1 onça.

Misture. Toma-se duas colheres de sopa de 2 em 2 horas.

Hemorragia uterina durante a prenhez. Póde sobrevir em todas as épocas da prenhez. Entretanto, observa-se mais frequentemente nos tres primeiros mezes e nos ultimos tempos da gravidez. As causas que a determinão são quasi as mesmas que produzem as hemorragias da primeira divisão. Basta citar um regimen mui excitante, as affecções vivas da alma, os banhos mui quentes, os vestidos mui apertados, pancadas, quédas, os exercicios forçados a pé, a cavallo ou em seges mal suspensas. Como uma das

causas que podem produzir a hemorrhagia no fim da prenhez, convém citar a má disposição das pareas. Podem estar dispostas de tal maneira, que, pelo desenvolvimento natural do utero, se rasguem e se separem successivamente do utero.

Se a perda é pouco consideravel, bastão os meios que havemos indicado para a hemorrhagia além do tempo da prenhez: a posição horizontal, o repouso, a tranquillidade de espirito, as bebidas acidulas, a sangria, etc. Se porém o escorrimento sanguineo dá causa a inquietação, é preciso empregar-se o entupimento como unico meio de impedir a morte da mulher; porquanto, provocando elle o parto, pôde cortar o mal pela raiz. O entupimento se faz com mechas de fios untados de azeite doce, que se introduzem successivamente na vagina até que fique cheia. Por fóra das partes genitales applica-se uma boa porção de fios, e é tudo mantido por uma funda feita com ataduras.

Se a hemorrhagia se declara no momento em que principia o trabalho, recorre-se á versão do feto ou á applicação do forceps para accelerar o parto.

Hemorrhagia uterina depois do parto. Uma certa quantidade de sangue corre sempre durante e depois da parturição, mas raras vezes puro; é quasi sempre misturado com serosidade, e em geral mui pouco abundante. Acontece entretanto ás vezes que depois da sahida da criança o utero não se contrahe, e seus largos e numerosos vasos deixão correr sangue em grande quantidade. Se o sangue não sahe para fóra, accumula-se na cavidade do orgão, que se deixa facilmente distender como quando continha a criança. Ás vezes o sangue corre em tal abundancia, que a mulher perde muitas libras d'elle em alguns minutos, e morre promptamente se a arte não vem em seu soccorro. Em todos os casos, é necessario vigiar com o maior cuidado a mulher que acaba de parir. Tem-se visto as recém-paridas succumbirem emquanto a parteira se occupava com a criança. Quando a perda é interna, os signaes geraes das hemorrha-

gias fazem reconhecer a sua existencia. O resfriamento geral, os calafrios, o desmaio, os zunidos de ouvidos, os suores frios, os movimentos convulsivos apparecem neste caso. É preciso incontinentemente assegurar-se se existe um escorrimento para fóra e se o utero está contrahido. É facil, através das paredes molles do ventre, senti-lo debaixo da fórmula de um corpo globuloso, duro, que occupa a parte inferior do ventre. Neste caso não ha nada que temer. Se, pelo contrario, o utero é volumoso, se occupa uma grande parte do ventre, se é molle, não globuloso, não ha duvida que se enche de sangue. Esta falta da contracção do utero chama-se *inercia*.

Existe tambem uma outra causa, bem que muito mais rara, da hemorrhagia que segue de perto o parto. Às vezes as pareas deixadas no utero por negligencia, ou impericia da mulher ou das pessoas que a assistem, distendem este orgão, impedem que se reduza ás suas dimensões normaes, e provocão o escorrimento sanguineo.

Os meios que fazem cessar a hemorrhagia são: fricções sobre o ventre feitas com a mão, applicação de pannos molhados em agua fria sobre o baixo-ventre e a parte superior das coxas, injeccões de agua fria ou d'agua com vinagre, na cavidade do utero. Às vezes é necessario recorrer á introducção da mão na cavidade do utero; é um dos processos mais poderosos para dissipar a inercia; é indispensavel em todos os casos de hemorrhagia interna, e em todos os outros em que a causa do accidente parece depender da presença na cavidade uterina de algum grumo de sangue ou de alguma porção de pareas. A mão introduzida evacuará primeiramente o utero, depois tocará as paredes delle; a outra mão, apoiada sobre o ventre, comprimirá sobre a primeira o utero inerte, até que uma contracção energica venha emfim obrigar aquella a retirar-se e annunciar uma feliz solução deste estado perigoso. O centeio espigado tem a propriedade de provocar as contracções do utero, póde ser empre-

gado neste caso em pós na dóse de 10 grãos, repetidos duas, tres e quatro vezes, com um quarto de hora de intervallo. Quando a inercia resiste a tudo, se as paredes do ventre estão molles, póde-se recorrer ao entupimento; introduzem-se então, como já dissemos, as mechas de fios na vagina, comprime-se através do ventre o utero e impede-se que se distenda, sustendo-o durante muitas horas; a inercia cessa emfim, é necessario então apertar o ventre com uma cinta.

A perda que se declara muitos dias depois do parto deve ser tratada pelos meios indicados nas hemorragias que sobrevém além do tempo da prenhez.

HEMORRHAGIAS TRAUMATICAS, ou *produzidas por violencias externas*. As causas das hemorragias traumáticas são quasi todas exteriores: ellas procedem ordinariamente de lesões feitas por corpos vulnerantes, sobretudo por instrumentos cortantes, e exigem que sejam vedadas o mais promptamente possível. Mas, antes de se pôr obstaculo ao escorrimento sanguineo, é necessario saber de que especie de vaso procede. Digamos, por conseguinte, que a circulação do sangue se opera por meio das arterias que transmitem este liquido do coração á superficie do corpo, e por meio das veias que reconduzem este sangue ao coração. Entre estas duas ordens de vasos existe o tecido proprio dos órgãos, onde se acha uma multidão de vasos mui delgados, chamados vasos capillares. Ora, conforme fôr o sangue fornecido por uma destas tres classes de vasos, arterias, veias ou capillares, assim se observarão phenomenos particulares, os quaes, se não são sempre característicos, podem ao menos em bom numero de casos servir para se reconhecer a origem do mal.

Nas feridas arteriaes, o sangue é vermelho claro, sahe por movimentos isochronos ás pancadas do pulso: comprimindo-se emcima da ferida, entre ella e o coração, suspende-se a hemorragia, entretanto que a compressão exercida embaixo da ferida augmenta a força do jorro. Quando está aberta uma

veia, o sangue é preto, corre em jorro continuo, que augmenta comprimindo-se emcima da ferida, e que pára ao contrario quando a compressão é estabelecida embaixo. Quando só os vasos capillares estão offendidos, o sangue é de côr vermelha pouco viva, não sahe por jorros, mas corre pouco a pouco de uma maneira uniforme; a compressão emcima e embaixo da ferida, é quasi sem influencia sobre a abundancia da hemorrhagia. Se estes caracteres fossem constantes, não haveria difficuldade alguma em reconhecer-se o vaso que fornece o sangue. Infelizmente sobrevém circumstancias que os mudão inteiramente. Assim, quando o trajecto da ferida é sinuoso e desigual, o sangue arterial não pôde sahir por jorro; então imita a hemorrhagia por lesão dos capillares. Pôde-se entretanto reconhecer pela compressão emcima da ferida que suspende ou diminue o escorrimento sanguineo. Por outra parte, o sangue venoso é ás vezes vermelho como o sangue arterial, e pôde tambem sahir por golfadas. Neste caso, ainda a compressão embaixo da ferida tirará as duvidas.

Os meios de vedar as hemorrhagias traumaticas são numerosos e varião conforme o genero dos vasos que estão abertos. Fallaremos successivamente dos que convém ás hemorrhagias arteriaes, venosas e capillares.

Hemorrhagias arteriaes. Os meios que se empregão são de duas ordens: uns tem por fim suspender o escorrimento de uma maneira momentanea, até que se possa obrar mais efficazmente; outros produzem a oclusão definitiva do vaso. Os meios provisorios devem occupar-nos mais do que os meios definitivos, que pertencem exclusivamente á cirurgia: os primeiros, pelo contrario, devem ser conhecidos das pessoas estranhas á arte de curar, que todos os dias se podem achar no caso de salvar a vida a alguns de seus semelhantes, por meio de praticas simples que permitem esperar-se até que chegue o medico.

Entre estes meios, a compressão é sem contra-

dicção o mais simples e o mais effizaz; pôde-se exercer sobre a ferida mesma: a ponta do dedo, apoiada com leve esforço sobre o orificio do vaso aberto, basta para fazer parar instantaneamente o escorrimento de sangue. Mas, quando o vaso está escondido no fundo de uma ferida tortuosa, de maneira que não se pôde ver a abertura, é preciso carregar sobre a ferida com muito maior força; sem o que o sangue se derramará por baixo da pelle. Ainda é melhor, em lugar do dedo, deitar fios ou pedaços de panno, os quaes se mantêm por meio de uma atadura bem apertada. Quando a hemorrhagia persiste, interpoem-se ao apparelho peças de moeda que comprimem com muito maior força do que o panno. Os numerosos meios definitivos empregados contra as hemorrhagias arteriaes são: a laqueação, a torsão, os refrigerantes, os adstringentes, o ferro quente, os causticos, etc.; porém não podem ser praticados senão por um cirurgião; por conseguinte, contentamo-nos com menciona-los.

Hemorrhagias venosas. Sendo muito menos consideravel nellas o esforço que faz o sangue venoso para sahir de seus vasos, são necessarios meios muito menos poderosos para atalhar estas hemorrhagias. Uma branda compressão exercida por meio de paños de linho ou de algodão, de uma atadura semelhante á que se faz depois da sangria no braço, basta ordinariamente para vedar o sangue. É preciso ter toda a cautela em não comprimir emcima da ferida, para que não torne a apparecer a hemorrhagia; ter-se-ha, por conseguinte, o cuidado de dirigir a compressão sobre a parte inferior.

Hemorrhagias capillares. São as mais frequentes de todas e as que mais facilmente se podem tolher. A compressão directa, por pouco energica que seja, basta de ordinario neste caso. A's vezes, entretanto, é mister recorrer a meios mais poderosos; assim, acontece frequentemente que as picadas das sanguesugas, que só offendem os vasos capillares, produzem uma hemorrhagia que resiste á compres-

são. Neste caso recorre-se ás applicações adstringentes, absorventes e até causticas. Os absorventes são substancias molles e esponjosas que, applicadas sobre as feridas, favorecem a formação de grumos de sangue. Póde-se, para este fim, empregar a téa de arauha; o panno queimado, a isca, fios, etc.; os absorventes devem ser ajudados por uma compressão branda. Se não parar o sangue, empreguem-se os adstringentes, que obrão apertando ou condensando os tecidos. Os mais usados são o vinagre, o sumo de limão, com os quaes se embebem os fios que se applicão sobre as feridas, ou a pedra-hume pulverizada. A pedra infernal, que se emprega para cauterisar as picadas das bichas que deitão muito sangue, é quasi o unico caustico usado hoje para vedar as hemorrhagias capillares. É de applicação facil: basta demora-la alguns instantes na ferida, para ver formar-se uma escara que tapa os orificios dos vasos abertos e impede a sahida do sangue. Este meio emprega-se tambem nas hemorrhagias que succedem á extracção de um dente.

Qualquer que seja, finalmente, a especie de hemorrhagia tratada, o doente deve estar em um repouso absoluto e conservar uma posição tal que a parte que fornece o sangue não esteja em declive. O quarto deve ser arejado, a sua temperatura será refrescada por aspersões d'agua, se o tempo fôr calmoso. O doente será submettido a uma dieta severa; dar-se-lhe-hão bebidas frias, levemente aciduladas, e deve evitar quanto fôr possível as emoções vivas, como a alegria, a colera, etc.

HEMORRHAGIA *depois da extracção de um dente.* *Vejase* DENTE, Vol. II. pag. 24.

HEMORRHOIDAS ou ALMORREIMAS. Molestia caracterizada por um fluxo de sangue pela via inferior, com desenvolvimento de tumores sanguineos nesta parte. Algumas pessoas dão-lhes o nome de *caseiras*. As hemorrhoidas constituem uma das affecções mais communs que affligem a especie humana, uma das que exercem na saúde maior influencia, e cuja prolonga-

ção, irregularidade e suppressão são susceptíveis de produzir grandes desordens nos órgãos essenciaes da economia. E por isso ellas tem sido sempre para os medicos um objecto importante de meditação, ao passo que tem ministrado ao charlatanismo bastas occasiões para exercer suas vergonhosas trapaças.

A alimentação mui abundante, unida a uma vida molle e sedentaria, é uma das *causas* que mais predispoem ás hemorrhoidas. O uso habitual de carnes pretas e excitantes, de iguarias muito adubadas com preparações aromaticas, de bebidas quentes e estimulantes, como o chá, o café, são outras tantas causas especiaes que provocão esta molestia. As suas causas mais proximas são: a prisão do ventre, a prenhez, os trabalhos intellectuaes, as paixões tristes, os vestidos mui apertados, sobretudo ao nivel do ventre, o abuso dos purgantes, e principalmente do aloes, etc. A maior parte destas causas obrão constringindo a circulação abdominal ou irritando a extremidade inferior do intestino.

Symptomas. Um sentimento de peso no anus annuncia ao principio a congestão do sangue nesta parte. O acto da defecação torna-se mui difficil, doloroso, e sobrevém frequentemente a prisão do ventre. Quando a congestão sanguinea é intensa, existem calafrios vagos, febre, dôres nas cadeiras e costas; a necessidade de ir ao bacio se renova frequentemente, bem que, apezar de todos os esforços, nenhuma evacuação satisfaça esta necessidade: sobrevém logo um fluxo de sangue mais ou menos abundante e prolongado, findo o qual os accidentes diminuem pouco a pouco e acabão por desaparecer completamente. Sua duração não excede a oito ou dez dias no maior numero de casos. As épocas em que se reproduzem as congestões e as evacuações hemorrhoidaes são mui variaveis. Umas vezes ha só quinze dias ou tres semanas de intervallo entre cada ataque, outras vezes o intervallo é de muitos mezes e até de muitos annos. O regimen, o abuso ou a abstinencia dos excitantes, o repouso ou as fadigas,

exercem sobre este reaparecimento uma grande influencia.

Um dos resultados mais ordinarios das congestões hemorrhoidaes é a formação dos tumores que existem em roda do anus ou no mesmo intestino. No primeiro caso chamão-se externos, e internos no segundo. São lisos e luzidios na superficie, de côr violacea, sobretudo quando são distendidos pelo sangue. Nos intervallos dos accessos da molestia tornão-se flaccidos, diminuem de volume, e ás vezes até desapparecem. A estrutura dos tumores hemorrhoidaes é mui variavel. Umaz vezes são formados pela dilatação das numerosas veias que cercão a extremidade inferior do recto; outras vezes são especies de saccos em communicação com as veias ou arterias; tumores ha que parecem construidos por um tecido de nova formação, analogo ao que se encontra nos signaes de nascença ou tumores erectis que algumas crianças trazem no corpo.

Os tumores hemorrhoidaes são susceptiveis de adquirir grande volume; já se virão alguns do tamanho do punho do doente. É facil conceber-se que semelhante crescimento não póde ter lugar sem determinar graves accidentes. Se os tumores são externos, occasionão vivas dôres e a impossibilidade de andar ou de sentar-se. Quando são internos, existe uma excessiva difficuldade de evacuar, e se, pelos esforços de expulsão, sahem e não podem ser de prompto reduzidos, engrossão mais e em breve se inflammão. Até podem as hemorrhoidas ter uma violencia tal que uma irritação excessiva as acompanhe, e, em lugar de se terminarem por um escorrimento sanguineo, provoquem uma inflammção aguda. Então apparecem symptomas graves; os doentes experimentão na via inferior dôres horribes, um calor forte, pulsações profundas; ha continuos desejos de ir ao bacio, mas sem resultado; a expulsão das ourinas é ás vezes difficil, a das materias fecaes é uma especie de supplicio; sobrevém febre, a lingua se torna secca, e uma insomnia rebelde priva

os doentes de todo o repouso. No fim de algum tempo, manifestão-se signaes da retenção das materias; distende-se o ventre; sobrevém colicas, nauseas, e depois vomitos. Esta terminação é uma das mais perigosas; é preciso, por consequente, impedir que ella chegue a effeito, e para o impedir possui a medicina um avultado numero de meios. As hemorrhoidas podem, por sua presença, ser causa de muitas molestias do anus ou do intestino. Taes são as fendas, os abcessos, as fistulas do anus, o scirrho e o cancro do recto, os estreitamentos, as ulcerações deste intestino; todavia, pôde-se suppôr que estas affecções não são a sua consequencia necessaria, sendo até raro que as cousas cheguem a este ponto. Mas não se conclua disto a desnecessidade de se fazer cessar a molestia antes de lhe deixar fazer progressos taes que possão causar susto.

Muitas pessoas julgão que as hemorrhoidas são sempre um beneficio da natureza, que sua existencia é em todos os casos salutar, e que nunca se deve pôr obstaculos a esta evacuação; porquanto, todas as tentativas para este fim comprehendidas devem ser seguidas de resultados perniciosos para os doentes. Esta opinião é evidentemente exagerada. Que as hemorrhoidas simples e acompanhadas de um fluxo moderado sejam uma especie de emunctorio estabelecido pela natureza afim de prevenir as consequencias más de uma alimentação excessiva, ninguem o pôde contestar. Mas não se deve tambem negar que, podendo ás vezes as hemorrhoidas tornar-se uma molestia pela abundancia do sangue que fornecem, pelas inflamações que determinão nas partes vizinhas, pelas degenerações que podem produzir, sejam então mui necessarios os recursos da arte.

Tratamento. Nos casos ordinarios, quando as dôres são leves, os tumores pouco volumosos e o fluxo moderado, convém limitar-se a um tratamento dos mais simples. Algumas bebidas diluentes, como limonadas, soluções de xaropes em agua, infusão de flôres de malvas ou de sementes de linhaça, etc., ba-

nhos mornos, um regimen brando e leve, o repouso, e sobretudo o cuidado de conservar-se por longo tempo deitado, bastaráo no maior numero dos casos.

As pessoas sujeitas ás hemorrhoidas devem abster-se de alimentos excitantes, de especiarias, de bebidas alcoholicas, de vinhos fortes. Devem preferir para seu alimento as carnes brancas, legumes herbaceos, peixes, fructos; é necessario que tenham o cuidado de entreter o ventre livre. A prisão do ventre é uma das condições mais proprias para augmentar os soffrimentos e os incommodos inherentes ao seu estado. Nada, com effeito, favorece mais as congestões sanguineas da extremidade inferior do recto; e além disto, a passagem das materias endurecidas irrita fortemente os tumores. E por isso, quando o regimen não basta para facilitar as evacuações, é preciso recorrer a clysteres de linhaça ou a brandos purgantes. Os doentes nunca devem resistir á necessidade de ir ao bacio. Não ha talvez excreção que possa ser mais facilmente regularisada pelo costume do que a das materias fecaes. Basta ir-se á banca a uma hora certa durante algumas semanas, para tornar mui facil esta funcção, que tinha sido até então uma fonte de dôres. A escolha dos purgantes que se podem empregar é mui importante; algumas substancias possuem a propriedade de determinar congestões no recto. O aloes e alguns outros estão neste caso. Os purgantes mais convenientes são: o oleo de ricino, a magnesia calcinada, o cremor de tartaro, o sal de Glauber, o sal amargo, o maná. Os trabalhos exercidos assentado convém pouco ás pessoas affectadas de hemorrhoidas. Quando a elles se derem, devem servir-se de um assento duro, de palha ou elastico, e um pouco convexo no centro; devem evitar cuidadosamente os assentos molles e quentes. Lavatorios com agua fria feitos no anus convém muito: tornão as partes mais firmes e entretém um asseio sempre salutar.

Os accidentes que as mais das vezes complicão a affecção hemorrhoidal são: *a abundancia do fluxo sanguineo, a inflammação dos tumores e as dôres excessivas.*

Quando a *hemorrhagia* é tão abundante que enfraquece os doentes, é preciso veda-la. Clysteres d'agua fria e acidulados com vinagre, posição horizontal, sinapismos sobre as pernas, banhos de pés e de mãos com agua quente e farinha de mostarda, são os meios proprios para preencherem esta indicação. Se não fôrem sufficientes, será mister introduzir na cavidade do intestino um panno de linho ou de algodão, e enchê-lo com fios depois da introdução.

A *inflammação* é um accidente mui commum, e ás vezes mui grave, das hemorrhoidas; complica-se ás vezes com a sahida destes tumores e produz frequentemente febre e insomnia. A primeira cousa que se deve fazer é reduzir os tumores comprimidos. Para isto é preciso unta-los com azeite doce; depois, cobrindo-os com um panno d'algodão, comprimi-los brandamente e de uma maneira contínua com os dedos de uma das mãos. Quando fôrem introduzidos applicar-se-hão sobre o anus chumaços, que serão mantidos por uma atadura. Banhos de assento ou banhos inteiros, tomados mornos, clysteres com decocção de sementes de linhaça, e ás vezes applicações de bichas no anus, combaterão a inflammação. Estes meios serão igualmente applicaveis quando os tumores não puderem ser reduzidos. Mas, se os accidentes não cedem, é necessario fazer a ablação dos tumores.

Acontece ás vezes que as hemorrhoidas, bem que não sejam acompanhadas de hemorrhagia ou de inflammação, occasionão *dôres vivas* que parecem nervosas. Podem-se acalmar com unturas de ceroto opiaceo, unguento populeão, pomada de belladona, ou com clysteres de cozimento de linhaça ao qual se ajuntão 20 a 30 gottas de laudano, ou pela administração de um a dous grãos de opio em pilulas.

De um grande numero de processos empregados para a ablação dos tumores hemorrhoidaes, os mais usados são: a excisão com o bistori e tesoura e a laqueação com um fio de retrós.

O melhor meio de prevenir os incommodos que

resultão da presença das hemorrhoidas é a adopção de um genero de vida opposto áquelle debaixo da influencia do qual ellas se tem desenvolvido e a observação estricta das regras hygienicas. Um semelhante regimen tem por effeito o seu desaparecimento gradual, e então se póde considerar sua extincção como livre do menor perigo.

HEPATITE ou INFLAMMAÇÃO DO FIGADO. *Veja-se FIGADO*, Vol. II, pag. 257.

HERA TERRESTRE. (*Glechoma hederacea*, Linneo.) Planta commum na Europa. Caule quadrangular, reptante; folhas oppostas, reniformes, de côr verde escura, assim como os caules no estado fresco, um pouco roxas no estado secco, e amarelladas quando velhas; de cheiro forte, sabor um pouco aromatico; flôres purpureas ou esverdinhas. As folhas desta planta empregão-se como expectorantes nos catarrhos pulmonares. Usão-se debaixo da fôrma de chá, o qual se prepara com uma oitava de hera terrestre e uma chicara d'agua fervendo. Tomão-se por dia duas ou tres chcaras, adoçadas com assucar.

HERMAPHRODISMO, HERMAPHRODITO. Segundo a mythologia, tendo Hermaphrodito, filho de Mercurio e de Venus, ficado gelado junto da nympha Salmacis, cuja paixão por elle era extrema, obteve ella dos deoses que o corpo do insensivel fosse unido ao seu de tal sorte que os dous formassem um ente unico. D'aqui se deriva o emprego da palavra *hermaphrodito* para designar o individuo que tem dous sexos. Deixando o mundo das ficções pelo da realidade, diremos que o verdadeiro hermaphrodismo só se observa nos vegetaes e em algumas familias de animaes postas nas ultimas escalas zoologicas, como as ostras e mais alguns testaceos; emquanto aos individuos da especie humana que forão considerados como hermaphroditos, devião esta apparencia a um vicio de conformação dos orgãos genitaeis.

Hermaphrodismo aparente do sexo masculino. Este hermaphrodismo consiste em um vicio de conformação do escroto, que apresenta na parte media

uma fenda semelhante á vulva da mulher. Os testiculos neste caso são ordinariamente retidos no ventre. O membro viril, pouco volumoso, é ás vezes rachado, outras vezes é tapado, e o orificio do canal da uretra não se abre na glande, mas sim em algum outro ponto. O membro viril tem o aspecto de um clitoris (*) mal conformado, e toda esta disposição simula até certo ponto o apparelho genital feminino. Os individuos nascidos com estas imperfeições, bem que verdadeiramente machos, podem ser tomados por femeas, como se póde julgar pelo factó seguinte apresentado em 1815 á Sociedade de Medicina de Paris pelo Dr. Worbe:

« Aos 19 de janeiro de 1792, o vigario de Bec baptisou uma menina recém-nascida e lhe deu o nome de Maria Margarida. Esta criança chegou á idade de 14 annos sem que nada de particular a seu respeito houvesse fixado a attenção de seus pais. Dormia na cama com uma irmãa mais moça do que ella, crescia no meio de outras meninas, ás quaes foi associada pela educação, pelos exercicios e prazeres da adolescencia. Nesta época da vida, em que os órgãos da geração sahem de sua nullidade, queixava-se Maria de dôr nas virilhas: manifestárão-se tumores nestas regiões. Um cirurgião que foi consultado, pensando que erão quebraduras, applicou uma funda. Mas este apparelho produzia dôres muigrandes; a menina foi obrigada a abandona-lo; os tumores descêrão então e as dôres desaparecêrão.

« Chegou Maria aos 16 annos, loura, fresca e bem educada, e inspirou amor ao filho de um proprietario vizinho. Motivos de interesse fizerão que se não effectuasse o casamento. Um outro estabelecimento se offereceu tres annos depois; tudo se desfez entretanto na occasião de se assignar o contracto. Á medida porém que Maria crescia em idade, suas graças

(*) Chama-se *clitoris* um pequeno órgão que tem ordinariamente duas a tres linhas de comprimento, proprio da mulher, situado na parte superior dos órgãos genitales.

desappareição, os vestidos de mulher não lhe assentavam bem, seu andar tinha alguma cousa de estranho, seus gostos tornavão-se cada vez mais masculinos. No entanto, um terceiro amante a pedio. Este casamento foi igualmente desejado pelas duas famílias; mas os pais de Maria reflectirão e se lembrãõ que ella não era como as mais mulheres; sabião que não era menstruada, e para não terem ao depois exprobrações que se fazer, e para não enganarem o filho de um velho amigo, decidirão-se a mandar examinar sua filha. Fui eu encarregado deste exame, continúa o Dr. Worbe. Não posso pintar a surpresa das pessoas interessadas e presentes a esta visita, quando annunciei que Maria não podia casar-se como mulher, porque era homem. Maria derramou lagrimas em abundancia, e exclamou: « *Não poderei nunca, por consequente, casar-me!* » Forão necessarios muitos mezes para acostuma-la á idéa de que não era mulher. Emfim, tomando um dia uma resolução, quiz-se fazer publicamente proclamar homem, e para este fim escreveu ao presidente do tribunal, pedindo-lhe houvesse de reformar seu assento de baptismo e de declarar que foi por engano inscripta como pertencendo ao sexo feminino. O tribunal, em consequencia do requerimento de Maria, ordenou que ella fosse examinada por tres medicos. Estes reconhecerão que o escroto era dividido em toda a sua extensão, que em cada uma destas divisões achavão-se testiculos, mas que o direito era mais descido do que o esquerdo. Entre estes dous corpos encontrarão uma prologação carnosa e tapada, e uma pollegada e meia distante do anus a abertura que era o verdadeiro orificio da uretra. Os seios erão um pouco mais desenvolvidos do que costumão ser no homem. Emfim, estes medicos concluirão que o verdadeiro sexo de Maria Margarida era o masculino e o ministerio publico adoptou esta conclusão. *Maria* pouco a pouco foi-se dando ás occupações do seu sexo; cabellos louros cobrirão-lhe logo a barba e beijo superior, o metal de sua voz masculina se desenvolveu, mas

conservou por algum tempo o pudor virginal com que tinha sido criada. »

Hermaphrodisimo apparente no sexo feminino. Os vicios de conformação que podem dar ás partes genitales da mulher uma maior ou menor semelhança com as do homem admittem duas variedades. Uma consiste em dimensões excessivas do clitoris, outra depende do prolapso do utero.

O Dr. Home cita, como exemplo mais notavel da primeira variedade deste vicio de conformação, uma preta que o general Melville tinha comprado nas Antilhas. Esta mulher, de 24 annos de idade, tinha os peitos pequenos, a voz rouca e a physionomia viril. O clitoris tinha duas pollegadas de comprimento e a grossura de um dedo pollegar da mão. Examinando-se de mais perto, via-se que não era furado, e que não apresentava prepucio. O toque fazia-o ter erecção, tinha então tres pollegadas de comprimento, e sua grossura augmentava em proporção. Para ourinar era obrigada a levanta-lo, porque cobria o orificio da uretra.

O exemplo da segunda sorte de vicio de conformação é o seguinte: Margarida Malaure veio a Paris em 1693, vestida como homem, e dizia que tinha as partes naturaes dos dous sexos, e que era capaz de se servir tanto de umas como de outras. Deixava-se examinar mediante uma certa gratificação. Entre os curiosos que a examinavão, muitos houve que, baldos das luzes sufficientes para bem poderem julgar do seu estado, se deixárão induzir em erro; até alguns medicos assegurarão que era tal como ella o dizia. Emfim, apresentou-se ao Dr. Saviard, o qual reconheceu logo que o pretendido hermaphrodito tinha um prolapso de utero; por consequencia, reduziu este prolapso e a curou perfeitamente.

Limitamos aqui o que tinhamos a dizer ácerca do hermaphrodisimo, que é mais um objecto de curiosidade do que de pratica. Entretanto, ha casos raros em que serão necessarios pormenores mais minuciosos; porém a intervenção de um medico é então

indispensavel, quer para determinar o sexo do individuo, quer para indagar se a qualidade de homem ou de mulher tem destinado o individuo para casamento ou o tem condemnado ao celibato por causa manifesta de esterilidade.

HERNIA. *Vêja-se* QUEBRADURA.

HERPES. Herpes é synonymo de impigem.

HERVA DE BICHO, ou ACATAYA. (*Polygonum anti-hæmorrhoidale*, Martius.) Caule de 3 pés, liso, com numerosos nós, de uma pollegada de intervallo de um a outro; folhas agudas; sendo frescas tem um sabor acre, apimentado, sem cheiro notavel; flôr miuda, branca. O chá d'herva de bicho é reputado estimulante e diuretico; prepara-se com duas oitavas de folhas d'herva de bicho, e uma chicara d'agua fervendo.

HERVA CIDREIRA ou MELISSA. (*Melissa officinalis*, Linneo.) Planta européa cultivada no Brasil. Caule ramoso, da altura de 2 palmos e mais; folhas ovaes; flôres brancas; cheiro semelhante ao de limão, sabor aromatico. O chá d'herva cidreira é excitante e antispasmodico; emprega-se nas indigestões, colicas, ataques nervosos e outras muitas molestias. Prepara-se infundindo uma oitava d'herva cidreira em uma chicara d'agua fervendo.

HERVA DO COLLEGIO ou HERVA GROSSA. (*Elephantopus Martii*, Graham.) Planta do Brasil. Caule de 2 a 3 pés; folhas grandes, ovaes, asperas, amargas; flôr esbranquiçada; raiz roxa por fóra, branca por dentro. A raiz e as folhas desta planta são usadas como um leve tonico, em cozimento, que se prepara fervendo meia onça d'herva grossa em meia libra d'agua.

HERVA DOCE ou ANIZ. (*Pimpinella anisum*, Linneo.) Planta originaria da Africa, cultivada nas hortas. As sementes d'herva doce são usadas em medicina. São debaixo da fórmula de grãos ovoides, de côr esverdinhada, sabor aromatico, cheiro agradável. São estimulantes e empregadas nas colicas á maneira de chá que se prepara com 1 oitava (1

colher de chá) de sementes d'herva doce e uma chicara d'agua fervendo.

HERVA MOURA. (*Solanum nigrum*, Linneo.) Pequena planta que dá em quasi todas as regiões do mundo; no Brasil foi introduzida pelos Jesuitas, e acha-se commummente perto das habitações. Suas flôres são brancas, reunidas no numero de seis a oito; formão pequenos ramalhetes, aos quaes succedem bagas ao principio verdes, depois vermelhas, e emfim quasi negras quando estão maduras. As folhas são ovaes, sinuosas ou dentadas. Com as folhas desta planta se preparão cataplasmas que gozão de propriedades calmantes. As bagas tem a propriedade de ser venenosas, e pretende-se que accidentes tem sobrevivendo a crianças que as tem comido em pequena quantidade. Mas as qualidades deleterias destas bagas forão muito exageradas.

HERVA DE SÃO JOÃO. Planta do Brasil. Raiz multiplice, filiforme; caule de 2 a 3 pés, folhas cordiformes, verde-escuras por cima, verde-claras por baixo, cobertas de ambos os lados de pequenos pellos; cheiro aromatico; flôr azul clara. Esta planta é empregada como estimulante, em banhos; uma libra da planta para um banho.

HERVA DE SANTA LUZIA. (*Euphorbia brasiliensis*, Linneo.) Planta que dá nos lugares humidos do Brasil. Caule de 1 a 2 pés de altura, nodoso, contém um succo branco, levemente caustico; folhas oblongas, agudas, pequenas, contendo o mesmo succo, porém em menor quantidade; flôr miuda, branca. O sumo desta planta é empregado nas roças contra as belidas. Com as folhas fazem-se tambem cataplasmas que se applicão nas ulceras chronicas.

HERVA DE SANTA MARIA. (*Chenopodium ambrosioides*, Linneo.) Planta do Brasil. Caule alto de 3 a 5 pés, de grossura de uma penna de escrever; raiz amarellada por fóra, branca por dentro; folhas compridas, agudas, fortemente dentadas; flôr miuda, esbranquiçada; sementes mui pequenas, pretas, cobertas de uma casquinha amarella escura; cheiro

de toda a planta aromatico e particular. As folhas e as sementes da herva de Santa Maria são frequentemente empregadas como vermifugo. A dóse e a maneira de administra-las achão-se indicadas no artigo VERMES INTESTINAES.

HERVA TOSTÃO. (*Boerhavia hirsuta*, Linneo.) Planta rasteira do Brasil. Raiz da grossura de um dedo, roxa por fóra, branca por dentro; folhas ovaes, verdes por cima, verde-claras por baixo; flôr pequena vermelha amarantina. A raiz da herva tostão é empregada como diuretico e desobstruente nas molestias do figado; usa-se em fórmula de cozimento, que se prepara com meia onça de raiz d'herva tostão e 8 onças d'agua. Esta porção toma-se no intervallo de um dia, por meias chicaras; meia chicara de tres em tres horas.

HOMEOPATHIA. Devemos prevenir que este artigo, filho das circumstancias, não corresponderá um dia á utilidade quotidiana pela qual nos esforçamos em dar a este dictionario um caracter de duração. A homeopathia não acharia aqui lugar, se não acreditassemos no publico um desejo momentaneo de satisfazer a sua curiosidade, e se não nos julgassemos obrigados a premunir ou a desabusar as pessoas nimiamente credulas. Depois desta advertencia, lancemos uma vista d'olhos sobre a doutrina medica chamada *homeopathia*.

Ha cincoenta annos que um medico allemão chamado Hahnemann concebeu, diz elle, esta nova doutrina por effeitos que experimentou do sulfato de quinina que a si mesmo administrára. Tendo o doutor presentido alguns phenomenos analogos a um accesso de febre, depois de ter ingerido a preciosa substancia que os faz parar maravilhosamente, antolha-se-lhe, como um raio de luz que devia revolucionar a medicina, que o remedio mais seguro para curar uma molestia era justamente aquelle que era capaz de produzi-la. Em consequencia deste principio, todos os vomitos devem ser tratados pelo emetico, as diarrhéas pelos purgantes, e por extensão,

sem duvida, a queimadura pelo fogo. Mas não consiste nisto a singularidade principal da homeopathia. Eis-aqui a maneira pela qual neste methodo se procede na administração dos medicamentos. Toma-se um grão de uma substancia qualquer, de extracto d'aconito, por exemplo, dissolve-se em um copo d'agua pura, dando-se dez pancadas d'alto abaixo, nem mais nem menos de dez; toma-se uma só gotta desta solução e põe-se em um segundo copo de agua pura, favorece-se a mistura por meio de outras dez pancadas applicadas da mesma maneira que acima fica dito. Repetindo-se esta operação por dez vezes, obter-se-ha uma alteração sufficiente do grão primitivo: administrando-se então uma gotta desta decima mistura a um doente, produzirá effeitos extremamente energicos. Incorpore-se da mesma maneira um grão de enxofre com cem grãos de assucar, o que eleva o remedio á centesima *potencia*; ajuntando-se depois 1 grão desta mistura a 100 grãos de assucar, o enxofre fica elevado a uma potencia 10,000 vezes mais forte que no principio; e assim por diante, de mistura em mistura, chega-se successivamente até á *decima*, da qual se administra um grão por dia ao doente. Todos os outros medicamentos homeopathicos se preparão da mesma maneira. Hahnemann não explica por que razão uma tão pequena dóse de uma substancia possui tão grandes propriedades; acredita nisto, mas não indagai. Refere elle um grande numero de exemplos desta actividade espantosa das doses infinitamente pequenas; eis-aqui um dos muitos exemplos: «Um maniaco, victima de afflicções terribes, tencionava suicidar-se, quando se lhe fez respirar um atomo de pó de ouro homeopathico. Immediatamente tornou-se de humor alegre, recobrou a razão e a saúde.» (*Organon de Hahnemann*, pag. 370.)

A macella, planta pouco activa, e de que muitas pessoas usão como chá, torna-se tambem um agente poderoso nas mãos dos homeopathas. Se alguém tomar um atomo homeopathico desta substancia,

apresentará, segundo Hahnemann, os symptomas seguintes : « Vertigem, fallando ao cabo de dezeseis horas; vertigem depois de ter tomado o seu café; fonte esquerda inchada e dolorosa ao cabo de seis horas; prurido na pelle da testa; estremecimentos na orelha direita; vontade de comer couves cruas, etc., etc. »

Taes são os pontos principaes deste systema, ao qual o ridiculo tem feito toda a justiça. Senhores homeopathas, vós suppondes que determinais artificialmente uma molestia analoga á que existia naturalmente, e que a substituis á primitiva, na persuasão de que ella durará menos. A isto vos responderemos: Os medicamentos que escolheis, a dóse infinitamente dividida cujo emprego recommendais, nada absolutamente podem produzir. Nós vos desafiamos a que façais sobrevir um accesso de febre com um globulo de sulfato de quinina, um cancro venereo com um atomo de mercurio, etc., assim como que cureis estas molestias pelos mesmos meios. Se o emprego destas imperceptiveis fracções tem causado ás vezes mudanças immediatas e sensiveis, é pelo simples effeito da imaginação; e quem ignora o seu poder?

Esta doutrina, entretanto, tem achado partidarios. « O grande segredo dos charlatães em medicina, diz um autor, consiste em repetir sem cessar que elles curão todas as molestias, até aquellas que se reputão incuraveis. Elles podem assoalhar todas as ineptias que lhes vierem á cabeça. O homem que soffre não vê, não ouve senão uma cousa, a promessa de uma cura certa; depois de enganado dez ou vinte vezes, nem por isso é menos accessivel á illusão. »

Podem-se, com effeito, citar algumas curas homeopathicas; mas estas pretendidas curas serão facilmente explicadas quando se souber que a dieta representa um grande papel no tratamento homeopathico; esta dieta é o principal agente das curas, a natureza faz o resto. Não se vê todos os dias muitas molestias cederem pelos meios mais simples, sem medicamento nenhum?

Porém, se a homeopathia é inoffensiva no tratamento de muitas molestias nervosas que serão por si mesmas ou com remedios simples, não se pôde dizer o mesmo do seu effeito nas molestias que exigem um tratamento activo e approvedo pela experiencia de mais de vinte seculos: nestes casos a homeopathia tem feito grande damno á humanidade.

A Academia de Medicina de Paris, a do Rio de Janeiro, e outras Sociedades sabias, tem estigmatizado a homeopathia como o mais vergonhoso charlatanismo, ou como um desvio da razão humana. Avançaremos mais, para a justificação deste systema. Nas sociedades primitivas, homens superiores não se pejarão de recorrer á impostura para inculcarem crencas e praticas que pensavão salutaes; nós perguntaremos se, debaixo das fórmas artificiosas e um pouco fantasticas, o doutor Hahnemann não teria a ambição secreta de restaurar a medicina expectante, que consiste em nada prescrever aos doentes, limitando-se a obrar sobre o moral e a regular as circumstancias hygienicas?

HORTELÃA. (*Mentha cresspa et aquatica*, Linneo.) Esta planta é cultivada abundantemente nos jardins. Seu cheiro é mui agradavel. Esta qualidade depende do oleo volatil que contém em abundancia, e que é empregado na confeição das pastilhas e para aromatizar um grande numero de licores. A hortelãa é eminentemente excitante; provoca a transpiração. Usa-se em fórma de chá nas dôres rheumaticas, defluxos, colicas, vomitos espasmodicos e como vermifugo. Este chá se prepara com tres ou quatro folhas da planta e uma chicara d'agua quente.

HYDRIODATO DE POTASSA ou IODURETO DE POTASSIO. Sal solido branco, crystallizado em cubos ou em prismas quadrangulares, opaco, mui deliquescente, solavel n'agua, de sabor acre. É empregado no tratamento do papo e da syphilis antiga, na dóse de 2 grãos e progressivamente até 1 oitava por dia.

HYDROCELE ou AGUA NO ESCROTO. *Veja-se* Vol. II, pag. 173.

HYDROCEPHALO ou AGUA NA CABEÇA. *Veja-se* HYDROPEZIA DA CABEÇA.

HYDROCHLORATO DE OURO, ou CHLORURETO DE OURO. Sal amarello, crystallisado em agulhas prismaticas, inalteravel n'umar secco, deliquescenten'umar humido, mui soluvel n'agua. Veneno corrosivo em alta dóse; em pequena, empregado nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio, na papeira e morphéa. O uso desta substancia exige a maior attenção. Interiormente, administra-sena dóse de $1/20$ a $1/10$ de grão por dia em pilulas ou em dissolução n'agua; exteriormente, $1/12$ a $1/2$ de grão, misturado com igual quantidade de polvilho ou outro pó inerte, em fricções na lingua.

HYDROPATHIA. Esta palavra, de origem grega, significa o tratamento das molestias pela agua. Muitos autores, para designar o mesmo methodo de tratamento, empregão a palavra de *hydro-sudo-pathia*, *hydro-sudo-therapia* ou *hydro-therapia*. É um novo methodo de tratar as molestias introduzido em 1829 por Priessnitz, medico veterinario de Graefenberg, pequena aldêa da Silesia pertencente á Austria. Consiste este methodo na administração d'agua fria em abundancia, quer interna, quer externamente, combinada com um meio sudorifico energico, fricções prolongadas, exercicio quasi incessante, regimen simples e um ar vivo e puro.

Priessnitz durante muito tempo administrou aos cavallos o tratamento hydro-sudopathico. Dotado de uma grande sagacidade, tentou o mesmo methodo em alguns Silesianos e em si mesmo, e tendo sido animado por inesperados resultados, formou um estabelecimento hydro-sudopathico em Graefenberg, sua patria. Veremos mais abaixo quaes são as bases de sua pratica. Graefenberg contava apenas trinta casas espalhadas sobre a ladeira de uma montanha que domina uma pequena cidade chamada Freywaldau. O paiz é salubre, o ar vivo e puro, a agua

excellente. Priessnitz tem poucos conhecimentos em medicina, sabe apenas ler e escrever. Hoje Graefenberg tornou-se hospital dos incuráveis do mundo inteiro. Priessnitz em poucos annos fez uma fortuna immensa, e depois do relatório de um medico do Imperador da Austria, mandado de proposito para examinar o seu methodo, obteve do governo Austriaco a faculdade d'exercer a medicina, em recompensa de grandes serviços que prestou á humanidade. Além de honorarios consideráveis, recebeu de grandes personagens presentes magnificos que ornão o seu salão. Até muitas pessoas, para transmittirem á posteridade a lembrança dos beneficios que lhe attribuem, levantarão-lhe monumentos que provão a sua satisfação e a sua generosidade. Assim vê-se na ladeira da montanha defronte de Freywaldau um leão de metal fundido, de tamanho natural, supportado por um pedestal sobre o qual estão gravadas em letras de ouro inscrições em honra de Priessnitz. Em um caminho que conduz de Freywaldau a Graefenberg, caminho executado á custa do Principe de Nassau, acha-se um chafariz monumental formado por uma pyramide de granito, em cujo apice está collocada uma estrella de ouro, symbolo do futuro da hydropathia. Sobre o assento, que é de marmore, acha-se uma inscrição franceza em letras de ouro. O triumpho de Priessnitz não se limita simplesmente a Graefenberg; um grande numero de estabelecimentos hydropathicos cobrem hoje a superficie da Allemanha, e alguns se achão em França. Em presença destes factos, deve-se considerar a hydropathia como um systema util no tratamento de muitas molestias.

A medicina hydropathica se compõe de tres meios. O primeiro é o uso d'agua fria, o segundo provoca os suores, e o terceiro consiste em tratar os doentes n'um paiz montanhoso, ou, pelo menos, n'um paiz salubre, no seio d'uma atmospherã viva e pura. A esta obrigação imperiosa deve-se accrescentar outra, á qual os hydropathas dão muita importancia. Con-

siste na escolha de uma alimentação particular de que se deve excluir o vinho, as bebidas estimulantes, todos os temperos, todas as comidas de luxo, e limitar-se ao uso da agua e das substancias mais simples, comidas em grande parte frias. Ainda mais. Os hydropathas forçao os doentes a fazer grandes excursões por veredas ingremes, durante o tempo frio e secco. Os doentes podem satisfazer largamente as exigencias da fome que é provocada por este exercicio, e por lavatorios das vias digestivas com muita agua, e pelas perdas occasionadas por suores quasi continuos.

O emprego d'agua fria constitue a base do tratamento hydropathico; a agua é applicada de duas maneiras, interna e externamente. No exterior, é usada debaixo da fórma de banhos geraes ou parciaes, que se dividem em semicupios, banhos de pés e de muitas outras regiões. Seguem-se as applicações de pannos molhados, os seringatorios, as emborcações e os lavatorios. Tomão-se os banhos inteiros n'um tanque de sete varas de circumferencia, pouco mais ou menos, e bastante profundo para que um homem de estatura média possa mergulhar nelle até o pescoço. A agua deste tanque é constantemente renovada e sahe por uma abertura, levando comsigo as impurezas do doente.

A melhor agua é a que está isenta de toda mistura, ao abrigo dos raios do sol, e conduzia para este fim em canos bem cobertos até o tanque ou reservatorio onde se toma. Os lugares privados de uma semelhante fonte devem supprir isto mais pela agua clara, pouco carregada de saes, dos quaes se conhece a presença pela vermelhidão da carne nella cozida. A agua de rio tem o defeito de não ser bastante fria, dizem os hydropathas. Em falta de outra, é preciso servir-se della, mas nas horas em que ainda não está muito esquentada pelo sol. Os banhos de rio são mui vantajosos ás pessoas sãs, mas convém demorar-se pouco nelles e fazer muito exercicio depois do banho.

É preciso mergulhar-se no banho com o corpo

todo coberto de suor, e esta immersão é sem perigo quando os órgãos da respiração estão em repouso. É por isso, se a pessoa tem um certo espaço que percorrer para chegar ao banho, é preciso que descanse um pouco para tranquillisar os pulmões; depois disso, deve despir-se promptamente, sem se deixar enxugar e sem resfriar, o que faria perder ao corpo um calor necessario para obter a reacção depois do banho: então a pessoa se mette no banho, mas primeiro molha a cabeça e o peito afim de prevenir as congestões para estes órgãos. Esta precaução se observa rigorosamente em Graefenberg, onde o doente costuma entrar todo suado no banho. Durante o banho convém mergulhar de vez em quando a cabeça. É igualmente util fazer movimentos no banho, quer nadando, quer esfregando com as mãos as partes dolorosas sobretudo. Proporciona-se a duração do banho ao gráo do frio da agua e ao gráo do calor vital da pessoa que se banha. Nada se póde dizer de geral a este respeito. Em Graefenberg, onde a agua marca 5 a 8 gráos, ninguem fica mais de seis a oito minutos; é o maximo: o minimo é entre dous e oito minutos. É preciso evitar nestes banhos, não o primeiro calafrio que se experimenta entrando, mas o segundo, que é uma especie de febre, e sahir d'agua antes de tê-lo experimentado. Nos paizes frios os doentes se banhão em quartos ligeiramente aquecidos. Ao sahir do banho, é preciso cobrir-se com um lençol, enxugar-se, esfregar o corpo inteiro, vestir-se promptamente e ir ao passeio para aquecer-se.

Os semicupios substituem os banhos inteiros nas pessoas mui fracas e que ainda não estão acostumadas aos banhos inteiros. Sua temperatura é de 12 gráos quando muito. Os semicupios se tomão immediatamente depois do suor e são acompanhados de aspersões geraes com agua fria; durão dez minutos; depois do que o doente sahe do banho, enxuga-se, veste-se e se entrega ao exercicio.

Quando a fraqueza dos doentes não permite o

uso dos banhos nem geraes nem parciaes, e que devem ser sempre seguidos de fricções, é preciso limitar-se a applicar sobre todo o corpo um lençol molhado n'agua fria, com o qual se praticão as fricções necessarias.

Maneira de provocar o suor. Dissemos que as applicações d'agua fria externamente são feitas estando o corpo todo suado: vejamos quaes são os meios para provocar os suores. O doente é fechado n'um espesso cobertor de lã, tendo as pernas estendidas e os braços applicados ao longo do corpo; o cobertor passa por cima da cabeça, e deixa só o rosto descoberto. Este cobertor, assim rolado em roda do doente, é fixado com ataduras preparadas de antemão. Antes de embrulhar o doente no cobertor, põe-se-lhe um vaso entre as pernas para urinar. O doente fica mais ou menos tempo nesta posição incommoda e quasi intoleravel. Em todos os casos, é preciso que espere o apparecimento do suor, o que raramente tem lugar antes de uma hora. Para accelera-lo, faz todos os movimentos que pôde neste envoltorio. Logo que o suor apparece, abrem-se as janellas e dá-se a beber ao doente um copo d'agua fria de quarto em quarto ou de meia em meia hora. Então o suor atravessa o colchão e cahe ás vezes sobre o soalho. Quando durante o suor a cabeça se esquentar, apesar da abundancia d'agua fria, é tempo de deixar o envoltorio. A duração do suor nunca é menor de uma hora, e não deve ser prolongada mais de tres ou quatro horas. Depois o doente sahe do envoltorio, cobre-se com um capote, e vai ao banho frio, que se acha a uma certa distancia.

O uso d'agua internamente concorre com suas applicações externas. Não se bebe no banho, mas bebe-se no envoltorio e passeando depois do banho. Não se deve beber menos de doze copos por dia, nem exceder de trinta. A pessoa acostuma-se a isso gradualmente. Alguns doentes experimentão no principio nauseas, vomitos ou diarrhéa; mas nem por isso

devem parar com o uso da agua fria. Além disso, a agua fria serve aos hydropathas como vomitorio e purgante.

Methodo seguido em Graefenberg. As pessoas que se quizerem tratar em suas casas segundo o systema hydropathico lerão com proveito o methodo seguido em Graefenberg.

Às quatro horas da manhã, chega um servente para embrulhar o doente n'um cobertor de lã. Depois de ter suado por duas horas, entra o doente no banho. São oito horas. Ao sahir do banho, vai ao passeio, onde bebe sua porção d'agua até ao almoço. Meia hora é sufficiente para esta comida, depois da qual principia-se de novo o passeio e a bebida d'agua. A's onze horas, o doente mette-se debaixo de uma bica d'agua frigidissima, de quinze a vinte palmos de altura, e demora-se neste banho de *emborcação* dous a cinco minutos, dirigindo a quêda da agua á nuca, costas e outras partes do corpo, á excepção da cabeça e estomago. Quando ha uma parte do corpo enferma, dirige-se para ahi a quêda da agua. Janta-se ao meio dia, e depois o doente passeia. Um pouco antes de quatro horas, dá o doente o ultimo passeio, que se chama sudorifico, pois que consiste em descer uma montanha que é preciso subir depois para provocar uma transpiração com que se entra de novo no envoltorio. Depois de ter suado, toma o doente o banho; em seguida faz um ligeiro exercicio e cêa ás oito horas. Depois de cear, algumas pessoas vão passear, outras ficão na sala para assistirem a um pequeno concerto ou á dansa. Antes de se deitar, toma-se um semicupio frio e vai-se dormir.

Effeitos da hydropathia. Não ha duvida que o tratamento hydropathico é vantajoso em muitos casos. Existem factos observados por medicos instruidos e conscienciosos que provão isso de maneira evidente. No Rio de Janeiro, o Sr. Dr. Antonio Ildefonso Gomes curou pela hydropathia um doente affectado de morphéa mui adiantada.

As molestias chronicas são as de que se occupa

principalmente a hydropathia; é impossivel citar todas as que tem sido curadas por este methodo; eis-aqui algumas: a gota, o rheumatismo, as affecções dos orgãos do ventre, os engurgitamentos do figado, do baço, as escrophulas, a syphilis inveterada que tem resistido ao mercurio, as molestias da pelle, flôres brancas, colicas nervosas, ourinas sanguinolentas, as affecções nervosas, taes como gota coral, hysteresmo, enxaqueca, etc.

Não ha medico que negue o bom effeito de um puro e vivo, de um exercicio no meio de um talar, emfim de uma alimentação simples e quasi primitiva. Finalmente, a hydro-sudo-pathia é um methodo de tratar as molestias prompto e energico; possui já um grande numero de factos que justificão sua efficaçia n'um grande numero de molestias chronicas e em algumas molestias agudas; mas não deve ser empregada senão com muita attenção.

HYDROPHOBIA, DAMNADO. Dá-se o nome de *hydrophobia* ou *raiva* á reunião dos phenomenos que resultão as mais das vezes, porém não necessariamente, no homem, da mordedura de animaes damnados; e os doentes affectados desta molestia chamão-se *damnados*. Ella é susceptivel de se desenvolver espontaneamente nos cães, que a communicão a outros animaes, taes como gatos, poreos, cavallo, mulas, burros, bois, cabras, talvez até ás gallinhas e gansos; e todos estes animaes propagaõ então a molestia.

Signaes do cão damnado. Reconhece-se um *cão damnado* pelos symptomas seguintes: fica triste ao principio, evita a luz, busca a solidão, fica deitado, rosna frequentemente e experimenta alguns sobresaltos. Conhece ainda seu dono, mas é irascivel e morde facilmente os estranhos que se lhe chegão. No fim de dous ou tres dias deixa a casa de seu dono, abaixa a cabeça, eriça o pello, aperta a cauda entre as pernas, e com os olhos fitos e luzidos, a bocca aberta e cheia de baba, corre indistinctamente; sua carreira é mal segura, ora languida, ora precipitada,

e ás vezes aos saltos. De tempos a tempos experimenta accessos de furor, morde tudo o que encontra, sem exceptuar mesmo a seu dono; não ladra; os outros cães fogem d'elle e se deixão morder sem se defenderem. A agua, a luz, as côres vivas augmentão seu furor. Seus membros são agitados de convulsões. Morre um ou dous dias depois de ter deixado a casa de seu dono. É preciso entretanto advertir que alguns cães damnados apresentam symptomas mui equivococ desta molestia. Ás vezes animaes damnados atravessão rios e não deixão até de beber agua. Um meio muito mais certo de conhecer se o animal suspeito está verdadeiramente damnado consiste em fecha-lo e dar-lhe de beber e comer. Se está damnado, não tardará a succumbir; no caso contrario, se conservará bom.

O contagio se propaga pelo intermedio da saliva do animal damnado, que toca a parte esfolada ou ferida. No individuo mordido por um cão damnado a ferida não offerece nada de particular, e se cicatriza como se tivesse sido feita por um animal são. Mas ao cabo de trinta ou quarenta dias, ás vezes antes e outras vezes depois, uma dôr se faz sentir na cicatriz, a qual incha, torna-se vermelha, e até abre-se em alguns casos. Não é raro ver os symptomas da molestia declararem-se sem a menor mudança na cicatriz. Estes symptomas são: dôr de cabeça, insomnia, calafrios, sobresaltos e leves convulsões; sobrevêm nauseas, vomitos e sêde ardente. Á vista dos liquidos ou pelo effeito de uma luz, os doentes são penetrados de um calafrio involuntario; querem entretanto estancar a sêde que os devora; mas apenas o liquido lhes toca os beiços, repellem o vaso com horror. Uma constrictão aperta-lhes a garganta; abrasão-se, dão gritos, e os musculos do rosto, do peito e dos membros são agitados por violentas convulsões. Ás vezes ha momentos de remissão, durante os quaes o damnado pôde acalmar a sêde; mas ao cabo de algumas horas todos os phenomenos morbidos se reanimão com maior energia. Os olhos estão fitos

ou continuamente agitados, as convulsões são geraes, uma baba espumosa enche a bocca; o doente cospe ás vezes no rosto das pessoas que o rodeião; sua physionomia exprime o medo e o furor; delira, rangem-lhe os dentes; busca morder e grita de uma maneira horrivel. Frequentemente é affectado de um priapismo violento. Nos instantes de remissão, o damnado deplora seu estado, testemunha com viva sensibilidade sua gratidão pelos cuidados que se lhe dão e pede perdão de seus furores. Mas logo, sentindo a aproximação de um novo ataque, adverte as pessoas que o rodeião de seu desejo de morder, pede que o amarrem e que se retirem. Emfim, o pulso torna-se fraco, a respiração é cada vez mais difficil, os vomitos são quasi continuos; sobrevém soluços; um suor frio cobre-lhe o corpo e o doente morre. A molestia dura raramente mais de cinco dias. A morte tem lugar ás vezes em vinte e quatro horas, mas de ordinario sobrevém ao terceiro dia.

Tratamento. A hydrophobia foi prevenida sempre que foi possível por um tratamento local, destruindo-se todas as partes infectadas pela saliva de um animal damnado: assim, corta-se o dedo quando só elle foi mordido; em outras circumstancias, é preciso cauterisar ou queimar a ferida. A primeira cousa que deve fazer a pessoa mordida por um animal damnado é comprimir immediatamente a ferida em todos os sentidos, afim de fazer sahir o sangue e a baba. Lave-se depois a ferida, com agua pura, ou até com urina. Depois cauterise-se profundamente a ferida com um pincel embebido em nitrato acido de mercurio, ou, na falta deste, em oleo de vitriolo, alcali volatil puro ou algum outro caustico energico ou com ferro em brasa. Se a mordedura é sinuosa, profunda, deve-se fazer nella incisões com navalha ou algum outro instrumento cortante, e espremer o sangue antes da cauterisação. Seis a sete horas depois da cauterisação, applique-se sobre a escara um largo vesicatorio. A cauterisação é o unico meio preservativo da hydrophobia. Não se sabe qual

é o tempo depois do qual não resta mais nada que temer sobre seus effeitos, e deve-se sempre recorrer á cauterisação, qualquer que seja o numero de horas ou mesmo de dias decorridos desde a época do accidente. Quanto ás applicações das diversas plantas, e quanto aos outros meios apregoados pelo charlatanismo e ignorancia, ou gabados pela credulidade publica, são inuteis e não merecem a menor confiança. Declarada a molestia, a medicina é forçada a confessar sua impotencia, e a morte do doente sobrevém inevitavelmente.

HYDROPHOBIA ESPONTANEA. Até agora nos temos occupado da hydrophobia que se manifesta em consequencia da mordedura por animaes damnados; mas esta molestia pôde tambem desenvolver-se espontaneamente no homem. Um grande susto, e sobretudo o medo de ter sido mordido por um animal damnado, ou ter contrahido a molestia de qualquer outra maneira, é a causa mais ordinaria da especie de hydrophobia de que fallamos. Alguns medicos tem soffrido os symptomas da hydrophobia espontanea depois de terem tratado damnados ou depois de os terem aberto depois de mortos. Um estudante de medicina picou-se, estando a dissecar o corpo de uma criança que se julgava ter morrido damnada, e logo depois entregou-se ao maior susto, foi affectado de accidentes hydrophobicos mui graves, que se dissiparão no fim de alguns dias. O Dr. Nicod experimentou, pela mesma causa, os mesmos effeitos, e recobrou a tranquillidade e a saude pelas consolações de seus amigos. Um medico de Lyão, n'uma circumstancia semelhante, recebeu uma tal impressão, que cahio em uma verdadeira hydrophobia e correu por tres dias as ruas da cidade em um estado de delirio espantoso: os esforços de alguns amigos conseguirão dissipar seus sustos, e não tardou em ficar são do corpo e do espirito. Outro sujeito, mordido por um cão, se julgou perdido e tornou-se hydrophobico; asseverárão-lhe que o cão que o havia mordido não

estava damnado, e todos os accidentes que experimentava se dissiparão como por encanto.

Outras causas mais tem dado nascimento á hydrophobia espontanea, como provão os seguintes exemplos:

« Um joven militar francez, aborrecido da profissão das armas e consternado por pezares domesticos, busca a solidão e se afasta de seus camaradas, o que elles attribuem a falta de bravura; e, para se divertirem á custa d'elle, entrão-lhe á meia noite no quarto, precedidos de um tambor que tocava a rebate, gritando que os Austriacos tinhão passado o Rheno e que tudo estava no maior perigo. Este moço experimenta instantaneamente convulsões horriveis, seu olhar é furioso, dá gritos horrorosos, e por mais que seus companheiros se esforcem por tranquillisa-lo, não torna a si senão depois de um quarto de hora. Desde então, experimenta *ardor e constricção na garganta, e novas convulsões logo que lhe offerecem agua e vinagre, com expectoração de uma saliva espumosa e abundante.* No dia seguinte, *novas convulsões d' vista de uma bebida que lhe é apresentada; olhos luzidios, respiração precipitada e irregular, pulso intermittente, bramidos horrendos.* Este accesso dura meia hora, e o doente torna a si, queixando-se de ter os liquidos em aversão, de experimentar grande calor na garganta e extremo peso de cabeça. Prescrevem-se banhos, uma poção antispasmodica, que o doente não póde tomar por causa das convulsões provocadas só pela presença dos liquidos. A impressão da luz lhe é insupportavel; mettem-o n'um gabinete pouco claro; os accessos repetem-se até ás onze horas, época na qual o infeliz expira.

« O doente assegurou antes de morrer que nunca fôra mordido por animal algum: elle mesmo não intentava morder senão no ultimo accesso; mas, comquanto não fosse tentado de fazer isto nos precedentes, pedia entretanto ás pessoas que o rodeavão que se afastassem, logo que presentia a invasão do accesso. » (Pinel, *Nosographie philosophique.*)

O *Jornal de Hufeland* (dezembro de 1833) refere um caso de hydrophobia terminado pela morte, em consequencia da mordedura de um cão perfeitamente são: « Em janeiro de 1833, um estalajadeiro cahio repentinamente doente; o medico, que foi chamado, achou-o deitado na cama, e de nada se queixando senão que os alimentos lhe repugnavaõ e que tinha alguma difficuldade em engulir. Tendo-lhesua mãe offerecido uma chicara de chá, repellio-a com horror, assegurando que não lhe seria possível beber. Cinco semanas antes foi mordido por um cão que incriua para a caça, e a ferida foi inteiramente cicatrizada. O cão, mostrado a pedido do medico, foi achado em um estado de saúde perfeita; *nunca esteve doente*; estava mui tranquillo, latia com força e bebeu sem difficuldade uma grande quantidade d'agua. De tarde, depois dos maiores esforços, o doente bebeu tres colheres de uma infusão de valeriana com opio. No dia seguinte, teve de tarde verdadeiro accesso de hydrophobia. Vendo que sua irmã bebia um copo d'agua, entrou em um furor horrivel, quebrou um espelho e supplicou aos circumstantes que se afastassem, pois que os morderia infallivelmente. Depois de meia hora deste estado, dormio socegradamente; ás dez horas, novo accesso, durante o qual o doente grita, late como um cão e quebra tudo o que tem uma apparencia brilhante. Suas irmãs fugirão; mas tendo chegado sua mãe, mulher de sessenta e cinco annos, mordeu-a na face. Depois deste acto de furor, pareceu tornar a si, e quando seus vizinhos entrárão no quarto, meia hora depois, achárão-no morto com a cabeça escondida nos lençóes. Sua mãe não experimentou accidente algum em consequencia da mordedura. » Parece que nesta historia nenhum accidente deve ser attribuido á mordedura do animal, pois que este nunca esteve doente, nem ao medo da pessoa mordida, pois que ella se esqueceu do que lhe havia acontecido.

As causas do desenvolvimento espontaneo da hydrophobia nos animaes, com as quaes os autores

quizerão esclarecer o estudo da hydrophobia no homem, são mui obscuras. Foi accusado o calor extremo e o frio excessivo como podendo privar os animaes de alimentação e de bebidas sufficientes; mas em Paris, os Drs. Dupuytren, Breschet e Magendie deixarão morrer de fome e de sede cães e gatos, que succumbirão sem terem offerecido o mais leve symptoma de hydrophobia. Resulta dos extractos estatisticos feitos em França que o mez de janeiro, o mais frio do anno, e o mez de agosto, o mais quente, são justamente aquelles que offerecem o menor numero de exemplos desta molestia. Alguns tem pretendido que o calor excessivo de certos climas e o frio de outros erão as causas da hydrophobia; mas as relações dos viajantes provão que esta affecção é mui rara no Eaypto, Syria, Cabo da Boa Esperança e America Meridional; nós sabemos que assim é no Rio de Janeiro. Segundo Luiz Valentin, é apenas conhecida nas regiões quentes, entretanto que é commum na America Septentrional. Ao dizer de um medico russo, que viajou pelo norte da Russia, não se encontrão quasi nunca cães damnados nos paizes que estão ao norte de S. Petersburgo, e nos climas temperados a hydrophobia é mui commum. Sem maior fundamento, quizerão outros pôr no numero das causas da hydrophobia o cio dos animaes e as paixões que os atormentão nesta época. Assim, tudo fica obscuro no exame das causas da hydrophobia espontanea nos animaes.

No homem, todas as causas, mesmo levadas ao mais alto grão, não produzem sempre a hydrophobia, e sobre um numero dado de muitas pessoas mordidas por um animal damnado, nem todas contraem a molestia. É preciso, por consequente, admittir para a hydrophobia, assim como para as outras molestias virulentas, uma disposição individual, sem a qual o contagio não poderia ter lugar nem a hydrophobia desenvolver-se espontaneamente. Muito mais commum nos cães, esta disposição não é entretanto geral nestes animaes, pois que em Charenton um cão foi

exposto ás mordeduras de muitos animaes damnados; nunca foi possível desenvolver-se nelle a molestia. Quantas pessoas ha que são refractarias á acção da vaccina? É esta disposição particular que faz que, de duas pessoas expostas ao contagio das bexigas, da syphilis, dos sarampos, só uma contrahe a molestia.

O prognostico da hydrophobia espontanea, bem que seja infinitamente menos grave do que o da hydrophobia communicada pela mordedura de um animal damnado, é entretanto mui serio; contão-se comtudo exemplos de cura, e alguns havemos citado acima.

O *tratamento* da hydrophobia espontanea varia conforme a causa que lhe deu lugar. Se existisse dôr na cabeça com calor no rosto, seria preciso recorrer á sangria do braço, ás applicações de bichas atrás das orelhas, aos pediluvios sinapisados. Citão-se muitos exemplos de curas devidas ás sangrias levadas até ao deliquio. Se a molestia parece ter-se desenvolvido só pela influencia da imaginação, é preciso insistir contra esta ultima causa. Se um individuo fôr mordido por um animal não damnado, é necessario dar-lhe a prova irrecusavel, mostrando-lhe que este animal come, bebe e se deixa deitar na agua. Se o doente teme haver contrahido a hydrophobia, respirando o habito de um damnado ou tocando-lhe o corpo, cumpre provar-lhe que a molestia não se communica desta maneira. Em todos os casos, finalmente, importa que se recorra aos meios mais proprios para afastar do espirito as idéas tristes; se o doente tem confiança em tal ou tal remedio, é preciso aconselhar-lhe o uso delle. Os casos de cura attribuidos a um grande numero de praticas mysteriosas ou a remedios insignificantes explicão-se facilmente pela existencia desta sorte de hydrophobia, que, repetimos, não é funesta. Os banhos mornos, o opio, o ether sulfurico, o almiscar, a assafetida, são os principaes remedios que se devem pôr em uso nesta molestia. Administrão-se pela bocca, quando a deglutição não está impedida; dão-se dissolvidos em

clysteres, quando não podem ser engulidos. As fricções mercuriaes, cujo uso tem ás vezes sido seguidos de bom exito, deverião ser tambem tentadas.

Eis-aqui as receitas dos clysteres que convém na hydrophobia espontanea:

1.º Infusão de valeriana	5 onças.
Assafetida	24 grãos.
Laudano de Sydenham	20 gottas.
Gemma de ovo	uma.

Misture. Dão-se dous a tres destes clysteres por dia.

2.º Infusão de folhas de lorangeira	5 onças.
Almiscar	6 grãos.

Misture.

Poção antispasmodica que se administra por colheres, se o doente puder engulir.

Infusão de herva cidreira	5 onças.
Ether sulfurico	30 gottas.
Laudano de Sydenham	30 gottas.
Xarope de gomma	1 onça.

Misture.

HYDROPSIA EM GERAL. Dá-se o nome de *hydropisia* a todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido cellular subcutaneo. Quando o tecido cellular de todo o corpo está cheio de serosidade, como uma esponja embebida d'agua, a molestia toma o nome de *anasarca*; e se esta *hydropisia* se limita a uma só região, chama-se *edêma*, vulgarmente *inchaço*; a que occupa o ventre se denomina *ascite*, ou vulgarmente *barriga d'agua*; o nome de *hydropisia do peito* é reservado á da cavidade das pleuras, etc.

As *causas* capazes de produzir a *hydropisia* são numerosas. O frio humido e o temperamento debil predispoem a este genero de affecção. Uma alimentação insalubre ou insufficiente, a ingestão de bebidas frias, estando o corpo suado, as paixões vivas da alma, a tristeza, uma vida seden-

taria e desoccupada, a suppressão subitade algumas erupções cutaneas, taes são as causas frequentes das hydropisias. A prenhez é acompanhada ás vezes de hydropisia dos membros inferiores e até do ventre: este estado resulta da compressão das veias pelo utero mui dilatado e cessa depois do parto. Em um grande numero de convalescenças que succedem ás molestias longas, observa-se, principalmente de tarde, a inchação dos pés. Este pequeno accidente é produzido pela fraqueza geral e pela frouxidão da circulação do sangue nas extremidades, que é o seu resultado natural. A proporção que os doentes recobram as forças, a inchação desaparece. As molestias em consequencia das quaes forão mais frequentemente observadas as hydropisias, são as febres intermittentes, as inflamações chronicas do figado e do baço. As evacuações sanguineas mui adiantadas, as hemorragias abundantes podem tornar-se causa da hydropisia. Esta molestia succede ás vezes ás febres eruptivas, e principalmente á escarlatina. Mas não ha molestias que sejam acompanhadas tão frequentemente de hydropisia como as affecções organicas do coração.

O prognostico das hydropisias depende de mui grande numero de circumstancias; não é possível, por conseguinte, estabelecê-lo de uma maneira geral. Esta molestia cura-se mui frequentemente, e ás vezes até espontaneamente, por suores ou ourinas abundantes; mas tambem se reproduz com a maior facilidade.

O *tratamento* das hydropisias consiste, em geral, no emprego dos meios proprios para determinarem as secreções derivativas, taes como os purgantes, os diureticos e os sudorificos. Todos os medicamentos que compoem estas tres grandes classes são empregados. Na hydropisia do ventre, quando a accumulção da serosidade é abundante, as paredes abdominaes parecem ser ameaçadas de ruptura, e se a difficuldade da respiração é excessiva, é preciso

recorrer á punção. Esta operação cura ás vezes e allivia sempre. Existia outr'ora grande receio de se prescrever bebidas aos hydropicos; hoje todos os medicos estão bem convencidos de que é exagerado o medo de augmentar por bebidas abundantes a quantidade de serosidade derramada. Quando a hydropisia depende da lesão organica do coração ou de alguma outra viscera, o tratamento deve ser dirigido contra esta ultima affecção.

Depois destas generalidades, examinemos cada uma das hydropisias em particular.

HYDROPSIA DA CABEÇA OU AGUA NA CABEÇA. Como o nome indica, esta molestia consiste na accumulacão d'agua na cabeça; em medicina, chama-se *hydrocephalo*. A quantidade do liquido varia de algumas colheres a um quartilho e mais. Esta molestia umas vezes principia quando a criança se acha ainda no seio materno, outras vezes se declara depois do nascimento.

Causas. A verdadeira causa da accumulacão d'agua na cabeça é um mysterio. Notárão entretanto os medicos que ha algumas circumstancias que se podem considerar como causas que predispoem para esta molestia, e dependem ou da mãe ou da criança. Assim, quando a mulher gravida experimentar frequentes emoções, pezares profundos, sustos que lhe perturbão vivamente a alma, quando tiver durante a prenhez molestias mui graves, quando houver no seu utero muitas aguas, quando se espartilhar muito por faceirice ou para esconder o seu estado, como se vê nas mãis solteiras, que dão nascimento a maior numero de crianças hydrocephalas do que as recém-casadas; quando a mulher fôr unida a um homem esfaldado pela idade ou pelos excessos, tudo isto póde predispor para ter criança com agua na cabeça. Outras vezes a causa da molestia depende da mesma eriança. Assim, independentemente de vicio de organisação, a agua na cabeça póde ser occasionada pela dentiãço, pela presença de lombrigas nos intestinos, pela suppres-

são subita da crosta lactea (vulgarmente ozagre) e por quédas sobre a cabeça.

Symptomas. Um dos principaes signaes desta molestia é a augmentação do volume e a fórma particular da cabeça. Esta augmentação do volume da cabeça nem sempre existe, e por isso a molestia chamada agua na cabeça se distingue: 1.º, na em que a cabeça é mais volumosa; 2.º, da em que a cabeça conserva o seu tamanho.

1.º Quando o volume da cabeça se augmenta, a physionomia tem um aspecto mui extravagante, porque o craneo é mui grande, emquanto o rosto conserva o seu volume ordinario. Tem-se visto recém-nascidos cujo craneo apresentava 15, 20 e até 30 pollegadas de circumferencia. Os olhos muitas vezes são vesgos. O sentido de ouvido, mui fino no principio da molestia, pouco a pouco perde a sua sensibilidade e acaba por desaparecer completamente. É preciso fazer muita bulha para que os hydrocephalicos possam ouvir. A intelligencia ao principio é mui desenvolvida em algumas crianças, mas diminue á medida que a molestia faz progressos, e se escurece de tal maneira, que a criança não entende mais nada, não falla nada e solta unicamente um ruido particular.

2.º Quando a *agua na cabeça* existe sem augmentação de volume do craneo, este é ordinariamente pontudo no apice, deprimido nas partes lateraes; os olhos estão n'um movimento continuo e insensíveis á luz; a physionomia tem a expressão de estupidez; a voracidade destas crianças é grande, mas a digestão se faz mal; as excreções das materias fecaes e das ourinas são involuntarias; a voz consiste n'um som fraco e rouco. Estas desgraçadas crianças não tem a menor apparencia de razão, e constituem um dos mais tristes paineis das miserias humanas.

Prognostico. O prognostico d'agua na cabeça é mui grave; no maior numero de casos esta molestia se termina pela morte; as curas são raras, entretanto tem-se observado algumas.

Tratamento. Os medicamentos que se empregão para curar a agua na cabeça são os mesmos, que os indicados nas outras especies de hydropisias; taes são os purgantes, os sudorificos, os diureticos, os tonicos, os calomelanos, as fricções mercuriaes no pescoço, os causticos na nuca, etc.

O tratamento *preservativo* é cousa mais importante. É preciso respeitar as erupções que se observão na cabeça de muitas crianças, limitar-se ás applicações emollientes, e abster-se de pommadas irritantes que possão recolher estas molestias. Devem-se evitar as pancadas, as quedas. As crianças que tem a cabeça grande, a intelligencia mui precoce, devem ser educadas com muita cautela. Não se deve cultivar muito cedo o seu espirito; é preciso poupa-las em seus estudos e não forçar a sua intelligencia.

HYDROPSIA DO CORAÇÃO ou AGUA NO CORAÇÃO. Molestia que consiste na accumulção da serosidade na cavidade do sacco membranoso que envolve o coração e que se chama *pericardio*. A hydropisia do coração designa-se em medicina com o nome de *hydropericardio*. A quantidade de serosidade que se acha nesta molestia em roda do coração varia de 2 a 7 onças. Sua côr parece-se ás vezes com a d'agua; porém as mais das vezes é um pouco esverdinhada ou amarella.

Causas. A hydropisia do coração procede, no maior numero de casos, das molestias do coração ou das lesões das principaes veias e arterias que communicão com este orgão. As outras causas da hydropisia do coração são: pancadas sobre o lado esquerdo do peito, interrupção da transpiração, abuso dos licôres alcoolicos, suppressão de hemorragias habituaes, paixões violentas, taes como a ambição e seus tormentos, o ciume, os pezares, etc.

Symptomas. O doente sente uma especie de fluctuação na região do coração, um sentimento de peso nesta mesma região; respira com difficuldade, e quando quer tomar uma posição horizontal, acha-se ameaçado de suffocação; ás vezes desmaia, rara-

mente tem palpitações ; o pulso é fraco , frequente e ás vezes irregular. Em alguns casos , quando o derramamento seroso é consideravel , o lado esquerdo do peito é mais elevado do que o direito. Frequentemente inchão os pés , e ás vezes nota-se uma ligeira inchação na parte anterior e do lado esquerdo do peito. Mas estes signaes não são sufficientes para se reconhecer a hydropisia do coração : a percussão e a auscultação do peito são os meios que servem para distinguir a molestia com maior exactidão ; mas estes meios estão sómente ao alcance dos medicos.

Tratamento. Os remedios que se empregão contra esta molestia são os mesmos que os indicados na hydropisia em geral. São diureticos , sudoríficos , digitalis, nitro, scilla, causticos applicados no peito e purgantes.

HYDROPSIA DO PEITO ou **ÁGUA NO PEITO.** Accumulação da serosidade no sacco membranoso que envolve os pulmões ; os medicos dão a esta molestia o nome de *hydrothorax*.

Causas. Muitas hydropisias do peito dependem das mesmas causas que as hydropisias do ventre. De ordinario a hydropisia do peito procede de molestias organicas do coração ou das veias pulmonares e bronchicas ; muitas vezes é consequencia de pleuriz. Em certos casos esta molestia sobrevém depois dos sarampos, da escarlatina, ou é resultado de uma febre intermittente prolongada ; póde acompanhar tambem a oppilação.

Symptomas. Quando a collecção serosa é pouco consideravel , o doente sente apenas um leve embaraço na respiração ; mas se o derramamento é abundante, e sobretudo se occupa ambos os lados do peito , a ancia é mui grande, o doente é obrigado a estar sentado na cama. Quando a hydropisia existe só de um lado , o doente deita-se do lado doente , afim de permittir que se dilate completamente o que ficou são. A tosse é nenhuma ou pouca, secca ou acompanhada de uma expectoração sem caracteres particulares ; o pulso está ás vezes febril, outras vezes

natural. Medindo-se os dous lados do peito, póde-se ver que o que está affectado da hydropisia está mais dilatado do que o outro, por pouco consideravel que seja a collecção serosa ; mas este signal perde muito do seu valor se ambos os lados estão affectados ao mesmo tempo. O medico, por meio da percussão e da auscultação, chega a estabelecer o diagnostico da molestia de maneira muito mais certa.

Tratamento. O tratamento do hydrothorax se funda nos mesmos principios que os das outras hydropisias. Os diureticos, taes como a digitalis, a scilla, o nitro, o acetato de potassa, são os medicamentos mais uteis ; vem depois os purgantes, e principalmente a jalapa, a escammona, o oleo de croton tiglium. A estes medicamentos ajuntão-se com vantagem os causticos no peito. Tem acontecido que os meros esforços da natureza tem produzido a curá da hydropisia do peito ; quasi sempre neste caso a resorpção espontanea da serosidade foi acompanhada de transpiração abundante, de grande evacuação das ourinas ou de expectoração excessiva. Quando, apesar de todos os esforços da arte, o derramamento é tão consideravel que ameaça o doente de suffocação, deve-se empregar como ultimo recurso a operação, que consiste em furar o peito para dar sahida ao liquido.

HYDROPIsia DO VENTRE ou BARRIGA D'AGUA.
Chama-se *hydropisia do ventre, barriga d'agua, ou ascite*, a accumulacão de serosidade na cavidade do ventre.

Causas. Esta molestia é ordinariamente occasionada pelas molestias do coração, do figado, do baço, dos rins, pelos obstaculos produzidos na circulação do sangue das principaes veias do ventre ; mas sobrevem tambem sem alteracão organica apreciavel, depois de evacuações sanguineas abundantes, nos individuos fracos que vivem n'uma atmospherá fria e humida, em lugares mal arejados, nos homens que tem profissões sedentarias. A barriga d'agua póde sobrevir depois das febres intermitentes, depois das

affecções escorbúticas, depois da suppressão subita de dartos extensos.

Symptomas. Qualquer que seja a causa da barriga d'agua, eis-aqui os signaes que denotão esta molestia. O ventre incha e torna-se pouco a pouco mui volumoso; a pelle se estira e fica luzidia; e se, applicando-se uma mão sobre um dos lados do ventre, bate-se com a outra sobre o lado opposto, sente-se distinctamente a onda ou o movimento do liquido que vem tocar a parede do ventre sobre a qual uma das mãos se acha applicada. A fórma do ventre muda conforme a posição que o doente toma na cama; o liquido se dirige sempre para o lado sobre que o doente se deita; e se se deita de costas, o ventre fica chato no centro e proeminente dos lados. A medida que a accumulção de serosidade augmenta, a respiração se torna difficil; e este incommodo é tanto maior, quanto mais o doente se conserva na posição horizontal; a difficuldade de respiração diminue se o doente se assenta. A pelle de todo o corpo fica secca, a sede é mui intensa, as ourinas poucas; o doente emmagrece e este estado augmenta cada vez mais.

Prognostico. A morte não é consequencia inevitavel da hydropisia do ventre. Esta molestia sara muitas vezes pela evacuação abundante das ourinas, ou por uma diarrhéa, suores excessivos que sobrevém espontaneamente ou são provocados pelos medicamentos. Dura ao menos um a dous mezes; prolonga-se ás vezes por muitos annos.

Tratamento. Os medicamentos empregados para curar a hydropisia do ventre pertencem a estas tres classes: sudorificos, diureticos e purgantes. Entre os primeiros indicaremos as infusões quentes de sabugueiro, o acetato de ammoniaco, os banhos d'agua quente, os banhos de vapor. Entre os diureticos, isto é, os medicamentos que provocão a secreção das ourinas, citaremos a scilla, digitalis, colchico, parietaria, cainca, zimbro, nitro; e entre os purgantes, os calomelanos, jalapa, coloquintidas, gommagutta, aloes. Ajuda-se a acção destes medicamentos

com sinapismos que se applicão nas diversas partes do corpo, e com causticos. A agua e as bebidas aqueas podem ser permittidas: os doentes devem satisfazer a sêde, e é um erro, em que já não se acredita, que os liquidos ingeridos possam augmentar a massa da serosidade da hydropisia.

Emfim, quando a accumulacão de serosidade se torna mui consideravel, quando a difficuldade de respiracão é excessiva, é preciso praticar a puncção do ventre. Esta operacão cura ás vezes e allivia sempre; prolonga e torna supportaveis os dias do doente. A quantidade do liquido que se tira do ventre pela puncção é mui variavel: é raramente menor de quatro a cinco quartilhos; póde ser de trinta até quarenta. A puncção se faz por meio de um trocate guarnecido de uma canula de prata; introduz-se este instrumento n'um dos pontos do ventre em que se não achão nem veias ou arterias nem órgãos importantes. Depois de se ter furado o ventre, tira-se o estylete e deixa-se a canula pela qual sahe o liquido. Depois da operacão, aperta-se o ventre com uma toalha. Esta compressão impede o desmaio e póde impedir a volta da hydropisia, ou ao menos retarda os seus progressos.

Eis-aqui as receitas dos medicamentos que mencionámos neste artigo contra a hydropisia:

Pilulas contra a hydropisia.

Scilla	1 oitava.
Digitalis	1 oitava.
Escammonéa	1 oitava.
Fação-se 36 pilulas e tomem-se 3 por dia.	

Outras pilulas contra a hydropisia.

Coloquintidas	36 grãos.
Gomma-gutta	36 grãos.
Calomelanos	18 grãos.
Fação-se 18 pilulas e tomem-se 3 a 6 por dia.	

Outras.

Colchico	36 grãos.
Extracto de zimbro	144 grãos.

Faço-se 36 pilulas e dê-m-se 4 a 8 por dia.

Outras.

Extracto de cainca	1 oitava.
Digitalis em pó	36 grãos.

Faço-se 36 pilulas e tomem-se 3 a 6 por dia.

Pós diureticos.

Nitro	2 oitavas.
Scilla	1 oitava.
Canella	18 grãos.

Misture e divida em 36 papeis. Tomão-se 3 a 6 papeis por dia n'uma chicara de cozimento de parietaria.

HYDRO-SUDO-THERAPIA. *Vejá-se* HYDROPATHIA.

HYDROTHERAPIA. *V.* HYDROPATHIA, Vol. II, p. 380

HYDROTHORAX. *Vejá-se* HYDROPSIA DO PEITO.

HYGIENE. A hygiene é a parte da sciencia medica que ensina a conservar a saúde; ella dá aos doentes e aos homens são os preceitos necessarios para a escolha dos alimentos e bebidas, as regras a seguir-se no exercicio, banhos, somno, paixões, trabalhos intellectuaes, etc.; ensina a evitar as cousas nocivas e a fazer um bom uso das cousas uteis. Todas estas materias são tratadas em differentes artigos desta obra. A palavra *hygienico* é ás vezes o synonymo de *sanitario*.

HYPERTROPHIA DO CORAÇÃO. Dá-se este nome a uma molestia do coração na qual este órgão adquire um volume muito mais consideravel que no estado normal; este volume pôde igualar o do coração de um boi. A hypertrophia do coração chama-se tambem *aneurisma activa do coração*, e o pouco que desta molestia podemos dizer nesta obra acha-se no Vol. I, pag. 108.

HYPOCHONDRIA. Molestia especialmente caracterizada por uma preocupação constante, inquieta,

não motivada, ou exagerada, ás vezes delirante, sobre a propria saúde. Os symptomas de hypochondria são extremamente variados; não ha quasi parte alguma do corpo que não seja a séde de um soffrimento: a cabeça, o peito, o ventre, são alternativa ou simultaneamente accusados pelo doente de occultarem differentes causas de desordens, de dôres, de affecções diversas. Estes doentes, que o vulgo chama *sismaticos*, tem geralmente o humor mui variavel; passam quasi sem motivo do medo á esperanza, da alegria á tristeza, da colera á bondade; um nada os contraria, os agita, motiva-lhes terrores, accessos de desespero. O estado de sua saúde, sobretudo, os inquieta muito; á menor dôr, ao mais fraco accidente, julgão-se no maior perigo. Queixão-se de cahir em estado de fraqueza extrema; empregão as expressões mais exageradas para descreverem os seus soffrimentos; sua molestia é nova, extraordinaria, desconhecida, incuravel e das mais perigosas. « Minha saúde está arruinada, vos dirá um destes infelizes; os medicos não acertão com a minha molestia, já não posso sobreviver a tantos males, morrerei subitamente em uma crise horrivel, a morte é mil vezes preferivel a semelhante existencia; hei de matar-me. » Tal é a sua ultima expressão. Os hypochondriacos fallão frequentemente do aborrecimento que tem á vida, e todavia buscão com ardor os conselhos da medicina; ouvem e consultão as curandeiras, recorrem a todas as receitas que lhes são gabadas, dirigem-se successivamente a novos medicos, ouvem os seus conselhos, mas aborrecem os remedios logo que delles fazem uso. O que mais amofina a estes infelizes é o serem tratados de doentes imaginarios, o repetir-se-lhes que acreditão muito em si mesmos, que não tem coragem nem resolução, que não tem molestia alguma, e que se quizessem poderião livrar-se de sua tristeza. Estas exprobrações são muito infundadas, e estes conselhos muito inuteis; irritão os doentes e causão-lhes desespero. Os hypochondriacos soffrem realmente muito, e as desordens

de suas faculdades sensiveis são mui positivas. Alguns padecem no pescoço constrictões espasmódicas; muitos são sujeitos á oppressão, ás palpitações, e são atormentados de uma prisão do ventre; queixão-se de calor nas entranhas, ás vezes de uma sensibilidade viva no ventre. Estas differentes desordens são attribuidas pelos doentes a affecções mais graves, taes como aneurismas de coração, cancros do estomago, tísicas, hydropisias, syphilis, e todas as molestias de que tem ouvido fallar.

A hypochondria é uma molestia de natureza nervosa; por isso alguns medicos, e até o vulgo, dão-lhe o nome de *espasmos*, *molestia de nervos*, ou *flatos*.

Causas. As pessoas nervosas e mui sensiveis estão mais expostos do que outras a contrahir a hypochondria. Suas causas mais ordinarias são as affecções vivas e prolongadas, os pezares profundos, o ciúme, o susto, a passagem de uma vida activa a um estado de ociosidade completa, a ambição frustrada, a perda da belleza e a successão dos annos em algumas mulheres, trabalhos de espirito excessivos, a vida sedentaria, os abusos venereos, o onanismo. A hypochondria sobrevém raramente aos agricultores, aos militares, aos obreiros; escolhe suas victimas com preferencia entre os sabios, artistas, poetas, pessoas ricas e desoccupadas.

Tratamento. Os hypochondriacos são individuos essencialmente infelizes, dignos de toda a compaixão, e para com os quaes as pessoas que os rodeião devem ter as maiores attentões e indulgencia. A primeira indicação no tratamento desta molestia consiste em remover a causa que a produzio. A simples mudança do genero de vida, das occupações e dos costumes dos doentes, é quasi o meio mais effizaz em opposição a seus males. Infelizmente existem causas que não podem ser destruidas: taes são os pezares profundos e repetidos, as occupações habituaes dos litteratos, as posições sociaes e as profissões que os doentes não podem de modo algum largar.

E preciso então esperar pelos felizes effeitos do tempo e contentar-se com enfraquecer a influencia destas causas.

As meditações entretém e aggravão os soffrimentos dos hypochondriacos; deve-se, por conseguinte, dar frequentemente repouso ao espirito, deixar o trabalho logo que a cabeça tornar-se quente e dolorosa, e distrahir-se pela residencia alternativamente feita ora na roça e ora na cidade. Em geral, cura-se a hypochondria, não com a abundancia dos medicamentos, mas com agradaveis conversações entre amigos, com innocentes prazeres do campo, frequentes exercicios a cavallo, passeios, jogos, espectaculos, bailes, concertos, leituras divertidas, e outros semelhantes meios hygienicos. A prisão do ventre e o calor das entranhas devem ser combatidos com clysteres d'agua morna ou fria, ou com bebidas levemente laxativas; um purgante brando póde ser tomado uma ou duas vezes por mez. Os banhos mornos e frescos convém muito aos hypochondriacos. Os escaldapés, as applicações frias sobre a cabeça, um lavatorio fresco sobre o rosto antes de deitar-se, são os melhores meios a empregar-se para dissipar a insomnia. O regimen deve ser brando, apropriado ao gosto e ás forças do doente. Os prazeres venereos são difficilmente supportados pelos hypochondriacos; só com reserva devem elles entregar-se á união sexual.

Taes são as regras geraes que se devem applicar a todos os individuos affectados de hypochondria. Ha outros conselhos que são proprios para cada pessoa em particular, que não podem ser dados senão pelo medico, de cujos conselhos estes doentes tanto necessitão, e cujas persuasões e raciocinios produzem ás vezes melhores effeitos do que todos os outros meios que temos indicado. Convém sómente que tenham muito cuidado na escolha deste medico, pois que, infelizmente, as profissões mais probas e mais esclarecidas contão homens pouco delicados e inconscienciosos, e os hypochondriacos são daquella

classe de doentes que o charlatanismo explora com mais facilidade.

HYSSOPO. (*Hyssopus officinalis*, Linneo.) Arbusto que dá na Europa meridional. Tem caule do comprimento de um pé; folhas estreitas, agudas; flôres azues ou côr de rosa; cheiro aromatico, sabor quente. As folhas e flôres do hyssopo são empregadas como expectorante, em fórmula de chá, o qual se prepara com 1 oitava de hyssopo e uma chicara d'agua fervendo.

HYSTERISMO. O hysterismo, flatos hystericos ou ataque de nervos, é uma molestia propria das mulheres, a qual se manifesta por ataques, cujo principal caracter consiste no sentimento de uma bola que parece subir do utero, produzir no estomago um calor mais ou menos vivo ou um frio intenso, e dirigir-se depois ao peito e ao pescoço, onde occasiona uma especie de estrangulação. Frequentemente as doentes se queixão de dôres de cabeça: o ventre incha momentaneamente, assim como o peito e o pescoço; as extremidades tornão-se frias, e ha palpitações violentas do coração. Se o ataque é forte, estes phenomenos são seguidos de convulsões e de perda dos sentidos. As doentes batem de encontro ao peito, retorcem os braços, e em sua colera innocente procurão morder tudo o que encontrão. Esta excitação é immediatamente seguida de um socego cujas alternativas se succedem um numero de vezes indeterminado. Emfim, no gráo mais intenso da molestia, a respiração, a circulação e as outras funcções podem suspender-se. As doentes ficão frias, pallidas, inanimadas, e finalmente em um estado mais ou menos prolongado de morte apparente, que, a ser mais demorada, poderia occasionar a extincção total da vida. Tornada a si, a doente se lembra as mais das vezes do que se passou durante o ataque e experimenta uma anxiedade geral que dura mais ou menos tempo.

Sobre a *duração* do hysterismo nada ha de fixo; pôde consistir em um pequeno numero de ataques,

ou durar toda a vida; cura-se ás vezes espontaneamente pelos progressos da idade, ou cede aos meios que a arte lhe oppõe.

As *causas* desta molestia são: uma imaginação ardente, as leituras eroticas, o susto e todas as affecções tristes, e entre estas um amor contrariado, os pezares, o ciume. As outras causas são: uma constituição delicada, educação molle, systema uterino ardente e lascivo, a erupção difficil dos menstruos ou o seu desarranjo, a continencia voluntaria ou forçada e o onanismo. O regimen mui excitante, as especiarias, o abuso do vinho, dos licôres, provocão tambem esta molestia.

O *tratamento* do hysterismo se divide em preservativo, tratamento dos ataques e no da molestia. O primeiro é applicavel a todas as mulheres cujas paixões são vivas, que tem a imaginação ardente, o systema nervoso e o utero mui irritaveis. Consiste este tratamento em exercicios, occupações mechanicas e estudos serios; é necessario que se lhes prohiba a leitura de romances, a frequencia nos concertos, espectaculos e bailes, não permittir que se deitem senão quando vier o somno, e ordenar que se levantem logo que se acordarem, para impedir que se entreguem aos sonhos da imaginação e ao onanismo; é preciso que usem de alimentos não estimulantes, d'agua pura ou quasi pura por bebida, de banhos frios, e tomem um copo de emulsão de amendoas doces ao deitar-se; se as necessidades porém se fazem sentir mui imperiosamente, o casamento é a melhor garantia contra a invasão da molestia.

O *tratamento durante os ataques* se reduz a um pequeno numero de meios simples: collocar a doente na cama com a cabeça elevada, contê-la para que não se fira, tirar o collete, as ligas e todos os obstaculos que possão impedir a circulação; dar um livre accesso ao ar, fazer respirar vinagre ou ether, dar a beber agua com agua de flôr de laranja e algumas gottas de ether; fazer algumas aspersiones d'agua fria na cabeça, applicar na cabeça pannos molhados n'agua fria e

vinagre, e applicar sinapismos nos pés. Se o ataque se prolongar, é necessario dar um clyster preparado com a mistura das substancias seguintes:

Agua quente	6 onças.
Assafetida	24 grãos.
Camphora	12 grãos.
Gemma de ovo	1 onça.

Se o rosto ficar vermelho, a cabeça mui quente, e o ataque durar quatro a seis horas, é necessario praticar uma sangria no braço.

Emfim, o tratamento da molestia, que tempor fim prevenir a repetição dos ataques, consiste principalmente na observancia das mesmas precauções que indicámos no tratamento preservativo. Os melhores meios de curar esta molestia são os exercicios do corpo, os banhos frios, a equitação, as viagens, as distracções agradaveis. O uso dos clysteres d'agua fria é mui util. Nos casos rebeldes, recorre-se aos medicamentos antispasmodicos; mas os soccorros hygienicos e os meios moraes são mais uteis que os remedios da botica.

I

ICTERICIA ou **TERICIA**. Affecção caracterizada pela côr amarella da pelle. A tericia depende em alguns casos de molestia do figado, porém as mais das vezes desenvolve-se sem alteração organica. Declara-se ás vezes, por exemplo, de uma maneira quasi subita, por occasião de um pezar violento, de um susto vivo ou de uma colera; forma-se tambem sob a influencia de uma afflicção prolongada, do ciume, da ambição frustrada e do odio concentrado; manifesta-se igualmente em consequencia das grandes dôres physicas, por exemplo, das que acompanhão

as luxações, as picadas dos nervos e as grandes operações cirurgicas. As quedas e as pancadas sobre a cabeça ou sobre qualquer outra parte, nas quaes o cerebro experimenta uma commoção mais ou menos forte, podem produzi-la tambem em alguns casos; emfim, é ás vezes resultado da mordedura dos animaes venenosos.

A ictericia, quando não é subita, principia ordinariamente pelos olhos; pouco a pouco a coloração estende-se ao rosto, pescoço, unhas, peito, e emfim ao tronco e membros. Um prurido assaz vivo por todo o corpo acompanha muitas vezes este estado. As ourinas, limpidas e de um amarello pouco escuro ao principio, tornão-se logo açafroadas, espumosas, vermelhas e espessas, sua côr carrega cada vez mais, tornão-se verdes, ás vezes até pretas, e depoem no fundo do vaso um sedimento gordo e viscoso. Ao mesmo tempo existe uma prisão de ventre assaz rebelde; as materias fecaes, expulsas com esforço e em pequena quantidade, são pardas e ás vezes inteiramente brancas. A estes symptomas essenciaes associa-se ordinariamente tristeza, abatimento, dôr ou peso de cabeça, perda ou diminuição notavel do appetite, sêde viva, cansaço geral, ás vezes algumas colicas, e quasi sempre ventosidades.

A duração da ictericia é ordinariamente bastante longa, raras vezes dissipa-se antes de quinze ou vinte dias, e ha casos em que se prolonga por dous e tres mezes; mas estes casos são mui raros. A ictericia nunca é grave por si.

O *tratamento* da ictericia se compõe de um pequeno numero de meios. Banhos mornos, bebidas diluentes, taes como cozimento de cevada com 24 grãos de nitro para um quartilho, caldo de gallinha, caldos de hervas, decocção de herva tostão, brandos laxantes como tamarindos, canna fistula, oleo de ricino, saes purgativos, clysteres emollientes e ás vezes purgativos; emfim, regimen vegetal, abstinencia de todos os estimulantes, exercicio e distracção: tal é o tratamento desta molestia.

Eis-aqui uma receita que aproveita muito bem na ictericia:

Acetato de potassa.	1 onça.
Agua	8 onças.

Dissolva. O doente toma duas colheres de sopa desta dissolução por dia, uma colher de manhã, outra de tarde, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

IDADE. Espaço de tempo que tem decorrido desde o nascimento. Por extensão, designão-se tambem de-baixo do nome de idades os grandes periodos da vida, caracterizados por mudanças successivas na organização do corpo humano. Como estas mudanças sobrevém depois de um numero variavel conforme as circumstancias, é preferivel distinguir as idades por estas mesmas mudanças do que pela successão do tempo; e com effeito, entretanto que homens ha que parecem ter o feliz privilegio de prolongar sua mocidade até aos cincoenta annos e de exercer suas prerogativas, Bebe, anão do rei de Polonia, tinha percorrido, aos vinte e tres annos, todos os periodos da vida, e extinguiu-se realmente em uma velhice prematura. Os climas quentes apressão a puberdade. A maneira de viver e mil outras circumstancias adiantão ou retardão a velhice.

Com a maior parte dos autores contaremos quatro idades da vida: 1.^a, a *infancia* ou o espaço de tempo comprehendido entre o nascimento e a puberdade; 2.^a, a *adolescencia* ou mocidade, que principia com o desenvolvimento da puberdade, aos dez ou onze annos para as meninas, e treze annos mais ou menos para os rapazes em nosso clima intertropical, e que termina na época em que o corpo tem tomado todo o seu crescimento, o que tem lugar aos vinte e um annos nas mulheres, e aos vinte e cinco nos homens; 3.^a, a *virilidade* ou idade madura, que se estende até aos cincoenta e cinco ou sessenta annos, época em que principia a deterioração do corpo e de nossas faculdades, e em que cessa em geral a reproducção da especie; 4.^a, a *velhice* emfim, que se

prolonga até a morte, a qual se faz raramente esperar depois dos noventa annos. Segundo Haller, apenas um só individuo, sobre 1400, chega a cem annos.

A população está desigualmente repartida nestas differentes idades: a infancia comprehende os 28/100; a adolescencia, os 18/100; a virilidade, os 31/100; e a velhice, os 23/100.

Vamos passar ao exame dos principaes phenomenos que apresenta cada uma destas idades e á indicação das regras hygienicas que lhes convém.

INFANCIA. A criança que nasce a termo tem um comprimento de dezaseis a dezoito pollegadas pouco mais ou menos; seu peso é de cinco a nove libras, a metade do seu corpo corresponde um pouco acima do embigo; emfim, sua pelle é coberta de uma substancia branca, gorda e unctuosa. A criança que não nasce a termo é privada mais ou menos desta capa particular, seu peso e seu comprimento são menores, as unhas existem apenas e não se estendem até á extremidade dos dedos; as palpebras estão ás vezes ainda adherentes; emfim, a metade do corpo chega muito acima do embigo. Mas a maior parte destes signaes podem induzir em erro, e só de sua reunião pôde-se tirar uma conclusão exacta. As crianças que nascem mui delicadas podem entretanto viver longo tempo; assim Voltaire, nascido tão fraco que se duvidava que pudesse viver, chegou aos oitenta e dous annos. As feições da criança recém-nascida apresentam uma especie de redondeza e de inchação que não tem escapado aos pintores. Apenas nasce, dá gritos; não é porém a dôr que a excita, mas sim a necessidade de respirar. Seus pulmões, comprimidos em um canto do peito durante toda a sua residencia no seio materno, são dilatados então pelo ar e enchem toda esta cavidade. Depois da necessidade de respirar vem a de alimentar-se. Um liquido lhe é destinado, o leite de sua ama, que o instincto natural o faz mamar. Nesta occupação e em um somno profundo gasta perto de dous terços do dia. No fim de alguns

mezes, a criança pôde admittir algum alimento estranho, e dos sete para os oito mezes principia o que se chama a *primeira dentição*; vinte dentes, chamados de leite, vem guarnecer successivamente as duas queixadas. Aos sete annos cahem, expulsados pelos dentes definitivos que os substituem. Durante este tempo, a criança se tem desenvolvido rapidamente no physico e no moral. Um anno apenas tem decorrido, e já principia a balbuciar; pôde até sustentar-se nas pernas. Ha crianças que principião a fallar de mui pequenas, isto é, antes de um anno, entretanto que outras só o fazem muito mais tarde, já por algum impedimento dos órgãos, já pela lentidão da intelligencia. Aos sete annos desenvolve-se esta memoria, feliz partilha da infancia e da adolescencia, e de que frequentemente ao depois se sente não se ter aproveitado. Conhece-se o character da criança, seus desatinos, sua volubilidade e pouco siso. Come frequentemente e tem um somno profundo, dorme mesmo de pé, e até comendo; entretanto, a duração total do seu somno diminue á medida que se vai afastando da época do seu nascimento. As diversas excreções naturaes se fazem frequenetmente. A necessidade de exercer os musculos a faz gostar de correr, saltar e traquinar. Com eff ito, não lhes seria possivel o estar immovel. Nesta idade as meninas se distinguem pouco dos rapazes pelo character. Não se acha na infancia nem a reflexão, nem o raciocinio, nem o juizo. A criança só por instincto ou por sentimento proprio se conduz. Dahi vem a necessidade de imprimir pela educação uma direcção util e salutar ás idéas.

As crianças tem uma necessidade continua de comer, e supportão mui difficilmente a abstinencia e a fome. Quando Dante representa o desditoso conde Ugolino e seus filhos fechados na torre em que devião perecer de fome, conta, segundo a historia, que os mais moços succumbirão primeiro, os mais idosos depois, e que este infeliz pai sobrevivera ao ultimo, opprimido de todas as dôres.

Muitas crianças morrem vendo a luz pela primeira vez, e Süssmilch diz que morrem neste momento vinte e tres sobre mil; mas este numero foi achado muito mais consideravel no Hospicio da Maternidade de Paris, pois que, sobre vinte e seis nascimentos, ha commumente uma criança que nasce morta, apezar dos cuidados esclarecidos que se administrão nesta casa durante o parto.

As molestias que ameaçã a infancia são frequentes e perigosas. A quarta parte das crianças que nascem morrem durante o primeiro anno da sua existencia. Durante o segundo anno, a mortalidade é ainda consideravel, e uma terça parte das crianças não chega á idade de dous annos; mas diminue depois esta mortalidade, e aos dez annos é a época da vida em que morre menor numero de pessoas.

Para as considerações hygienicas que se referem á infancia, veja-se o artigo MENINOS.

ADOLESCENCIA. Esta segunda idade da vida, que é tambem conhecida pelo nome de *mocidade*, principia com os primeiros signaes da puberdade, mais cedo ou mais tarde, como temos dito, e termina na mulher aos vinte e um annos, e no homem aos vinte e cinco. Esta época, que é sobretudo a das graças e da belleza, é tambem a idade das illusões da vida. O adolescente, entregue ás mais doces esperanças, principia, por assim dizer, uma nova existencia, e o encanto della se diffunde sobre elle mesmo e sobre tudo quanto o rodeia.

Os phenomenos que caracterisã a adolescencia, e que se succedem durante a sua duração, devem ser observados e dirigidos com a mais activa sollicitude, pois que de sua apparição regular, do seu desenvolvimento normal e de sua retenção em justos limites, dependerá a execução vigorosa e duravel de todas as funcções. Durante a adolescencia, a constituição dos homens se aperfeiçoa ou se deteriora para sempre.

Havemos já mencionado que os climas quentes apressão o desenvolvimento da adolescencia. Assim,

nos paizes intertropicaes principia aos dez ou doze annos; alguns exemplos provão mesmo que pôde ser ainda mais temporã, entretanto que nas regiões vizinhas do polo a puberdade não se declara senão aos dezaseis ou dezoito annos nas moças, e aos dezanove ou vinte nos rapazes. Observemos que em todos os climas a exposição ao sol, uma situação elevada, a influencia de um ar vivo e puro, a abundancia das cousas necessarias á vida, um exercicio moderado e a ausencia de trabalhos mui pesados, são causas que apressão a época da adolescencia e exaltão os phenomenos que a acompanhão. A puberdade é menos temporã nos habitantes das roças, subtraídos em parte a todas as excitações, taes como os bailes, os theatros, uma alimentação estimulante, a cultura das bellas artes, &c., que anticipão nas grandes cidades a época marcada pela natureza.

No momento em que a adolescencia principia, declarão-se grandes mudanças na organização physica do homem e da mulher. No primeiro desapparecem as feições molles e redondas da infancia, um brando buço vem cobrir-lhe a barba e o beiço superior; o peito toma um desenvolvimento notavel, os órgãos genitales dobrão de volume, a voz torna-se rouca ao principio e fica depois mais forte, perdendo o metal da infancia. Na moça, a pelle adquire nesta idade um brilho particular; os órgãos da geração se desenvolvem, recebem uma nova vida e novo aspecto; as mamas, até então semelhantes nos dous sexos, tomão seu character proprio e tornão-se, como se sabe, por sua elevação e redondeza, um dos attributos mais distinctivos da mulher.

A actividade de todas as funcções é um dos caracteres da adolescencia; as sensações de um moço são vivas e promptas; tem uma memoria extensa, uma imaginação rica e brilhante; é mais attento do que na infancia, mas o juizo e a reflexão lhe faltão ainda, e esta ausencia pôde conduzi-lo a muitos erros. A moça, cujo character antes da puberdade differia pouco do do rapaz, muda de repente; suas inclina-

ções e seus gostos não são já os mesmos, torna-se mais reservada, ornando-se de novas graças, e adquire então aquella delicadeza, aquelle tacto particular e aquelle pudor que é sua mais bella qualidade; ao mesmo tempo torna-se distrahida e pensativa, busca a solidão e cahe frequentemente na languidez de uma suave melancolia. Emfim, em ambos os sexos tem-se desenvolvido a branda inclinação que os attrahe um para o outro. A necessidade de amar se faz imperiosamente sentir, exercendo grande influencia, mórmente na mulher.

Se por falta de vigor organico ou nativo, ou pelo resultado da habitação em lugares insalubres, ou pela privação de alimentos sufficientes, ou emfim pelo effeito de trabalhos excessivos, o moço ou a moça adolescente conserva um estado habitual de languidez e de fraqueza que impede o livre desenvolvimento da puberdade, convém livra-los destas causas debilitantes. A exposição a um ar vivo, quente e puro, exercicios moderados, uma alimentação abundante e substancial, banhos quentes e frios, o vinho, os cozimentos amargos, são os meios mais simples indicados neste caso.

Os orgãos genitales são ás vezes, na época da adolescencia, a séde de uma grande actividade, que obriga incessantemente as pessoas moças a excita-los e a provocarem os prazeres solitarios, que são causa poderosa do estrago da saude. Exercer suas forças phisicas por uma gymnastica racional, occupar-lhes o espirito, esclarecer-lhes a razão, nunca deixa-los entregues a si mesmos, e dar, sem lhes fazer sentir violencia, uma direcção mais conveniente ás suas inclinações, taes são os meios mais efficazes para prevenir ou dissipar o funesto habito da masturbação.

Uma melancolia profunda e rebelde se manifesta frequentemente nos moços puberes, sobretudo quando, pouco confiantes em si, desesperão de jámais obter bons successos na sua carreira. Então afastão-se do mundo, tornão-se tristes, pezarosos, possuidos de

idéas desanimadoras e como atormentados por uma oppressão interior incapaz de ser vencida. Póde-se facilmente combater este estado, alentando-se os jovens melancolicos, e forçando-se por lhes dar uma melhor opinião de si, mostrando-lhes o mundo e o futuro de baixo do aspecto mais risonho, sustentando os seus primeiros passos e provando-lhes que não estão nem isolados, nem privados de um prompto apoio que soccorra sua fraqueza.

A maior parte das molestias da adolescencia dependem das mudanças rapidas que acompanhão a puberdade; cumpre dizer tambem que esta mesma revolução produz frequentemente a cura de muitas affecções que affligem a infancia, taes como a gota coral, os diversos fluxos, as alporcas, etc. Nas moças, o estabelecimento dos menstrosos é muitas vezes difficil e acompanhado de um grande numero de molestias e de indisposições: oppilação, ataques de nervos, espasmos, depravações do gosto, etc. Depois das tormentas da puberdade, as molestias proprias da adolescencia tomão um character inflammatorio, que permite empregar as sangrias sem medo. Existem tambem outras affecções ligadas aos numerosos abusos venereos, infelizmente mui frequentes nas pessoas de ambos os sexos, e cujas consequencias são muitas vezes funestas.

Em conclusão, as regras hygienicas da adolescencia são sobretudo as seguintes: O exercicio é uma das necessidades desta idade; é preciso favorecê-lo; não sómente é util ao desenvolvimento do corpo, mas produz ainda, como já temos dito, uma feliz diversão a certas idéas que importa muito impedir que appareção. Longe de apressar o desenvolvimento sexual por imprudentes conhecimentos, idéas ou pinturas capazes de inflamar a imaginação e os sentidos, não ha cousa mais salutar para adquirir uma saude firme, uma constituição robusta, e sobretudo uma alma energica, do que deixar por longo tempo a criança em sua infancia. Nas moças, a menstruação merece uma attenção particular; deve ser sobretudo vigiada

nas que são pallidas, descoradas, e languidas, tanto no physico como no moral: destinámos a este assumpto um artigo separado. (*Veja-se* MENSTRUACÃO.) Os moços, ao crescerem, tem precisão de comer muito. É necessario dar-lhes uma alimentação sã e abundante. O uso do vinho deve ser moderado; dão-se bem em geral com uma vida regular e regrada.

A actividade da respiração deve lhes fazer escolher habitações vastas e claras. Medicos ha que considerão com razão como uma das causas da tísica os quartos estreitos, humidos, escuros e em que dorme um grande numero de pessoas. Esta idade é a que deve ser sobretudo consagrada á educação: o adolescente não tem ainda inclinações decididas, e, pela flexibilidade do seu character, sujeita-se ás lições e aos preceitos que se lhe dão; sua memoria e sua intelligencia lhe permittem ao mesmo tempo lembrar-se delles e comprehendê-los.

VIRILIDADE. A virilidade ou a idade madura é caracterisada pelo inteiro desenvolvimento das forças physicas e moraes; o homem cessa então de crescer, e tem adquirido um temperamento proprio e inclinações determinadas que já não podem ser mudadas. A estatura média se comprehende, para o homem, entre cinco pés e tres pollegadas e cinco pés e meio. A mulher é mais baixa: sua estatura não excede de quatro pés e oito pollegadas a cinco pés e duas pollegadas; provavelmente, diz Haller, *para que a força esteja do lado dos maridos*. A infancia é a idade da memoria, a adolescencia a da imaginação, e a virilidade tem por attributo o raciocinio. O homem medita, reflecte e compara. A ambição, o amor da gloria, o desejo das riquezas e das honras tomão insensivelmente, no coração do homem adulto, o lugar do amor e das paixões mais brandas e mais generosas que enchem a alma do adolescente. O cuidado do pai para com a sua familia nascente isola-o dos outros homens e lhe dá interesses privados que se tornão o principio do egoismo, ao qual tende e

contra o qual os esforços de sua razão não o poderião inteiramente premunir.

A geração, ao exercicio da qual o homem adulto é convidado pelos desejos que o urgem e pelo bem-estar real que experimenta na sua satisfação, mostra que é então verdadeiramente chamado pela natureza á propagação de sua especie. Nesta idade sómente está o homem apto para o casamento. Póde-se observar que um enlace prematuro enerva os jovens individuos, abrevia-lhes a vida, e prepara a seus filhos uma existencia fraca e valetudinaria. O homem, com effeito, não está apto para a reproducção de sua especie senão depois de ter adquirido o complemento de sua propria organização.

Na mulher, pertence á idade madura a época da cessação dos menstruos, época que não é livre de perigo, e que por isso foi chamada *idade critica*. Esta supressão dos menstruos, que principia por irregularidades seguidas ás vezes de perdas abundantes, tem lugar dos quarenta aos quarenta e cinco annos pouco mais ou menos, conforme tem sido a apparição dos menstruos mais ou menos tardia durante a adolescencia. (*Veja-se MENSTRUACÃO.*)

VELHICE. Divide-se em tres periodos: 1.º, a idade do *retrocesso*, que comprehende o intervallo dos sessenta aos setenta annos; 2.º, a *caducidade*, dos setenta aos oitenta annos; 3.º, a da *decrepidez*, que vai dos oitenta annos até ao fim da vida. Estas épocas anticipão-se ou retardão-se no homem conforme certas circumstancias, como o abuso da vida, as paixões, os pezares, as occupações, o genero do trabalho. Principião para uns aos cincoenta annos, e retardão-se para outros até aos setenta. São mais anticipadas nas mulheres; ha a este respeito dez annos de differença entre os dous sexos.

A parte material do nosso ente, consumida pelo uso e pelo tempo, enfraquece e cabe. A porção intellectual se distingue e sua perda precede frequentemente a do corpo. O ornamento da natureza, o orgulho da creação, o homem, nos seus ultimos

instantes, não é mais do que uma massa reduzida ás mais simples funcções do organismo, provida de uma existencia toda animal. Esta decadencia tem lugar de uma maneira gradual e insensivel.

Os principaes caracteres physicos da velhice são as rugas, a côr sombria e a flaccidez da pelle, a côr branca e ao depois a quêda dos cabellos, um tremor particular. Os dentes se gastão, vacillão e cahem: as costas se arqueão, os ossos tornão-se mais duros e quebradiços. De todas as funcções da vida, a digestão é a que menos se altera nos velhos, e até os prazeres da mesa são quasi os unicos que lhes ficam. A faculdade da reproducção diminue e se extingue. Os sentidos tornão-se mais obtusos; donde procede o erro tão commum nos velhos de crer que tudo tem degenerado no mundo externo, porque os mesmos objectos não podem causar-lhes a mesma impressão. No seu tempo a gente valia mais, os costumes erão mais puros, a vida era mais barata, etc.

A conversação é um dos maiores encantos do velho; gosta de contar o que vio, os acontecimentos de que foi testemunha e muitas vezes heróe. O militar conta suas batalhas, o juiz suas causas celebres, o medico suas curas, tudo um pouco fóra da verdade; mas esse é o privilegio dos velhos e dos viajantes; modificão as cousas na occasião, e seria estranho que a verdade, vinda de tão longe, não se alterasse um pouco no caminho. Esquecem-se mui facilmente do que tem contado, donde vem a repetição contínua e sem fim que forma o character desta idade.

As sympathias, estes movimentos generosos da alma pelos quaes o homem se esquece de si para consgrar-se a seus semelhantes, se estreitão cada vez mais com a idade, e o egoismo os substitue mui frequentemente. O sentimento de sua fraqueza e o medo da indigencia são as causas da avariza que distingue os velhos. A imaginação se extingue, a exis-

tencia se materialisa, e não se compõe então senão dos frios calculos de interesses pessoaes.

O medo da morte é excessivo nesta idade; torna o velho pusillanime e verdadeiramente infeliz. A idéa de sua destruição o faz estremecer e até cahir em desmaio; busca distrahir-se e desviar os olhos deste objecto de desesperação.

Não é nossa intenção neste esboço, cujas sombrias côres animaremos mais abaixo, denegrir a velhice; pelo contrario, procuraremos sempre chamar sobre ella os cuidados, as attentões e a veneração das idades mais favorecidas da natureza! Não, por certo, tal não foi nossa tenção; mas importa muito que se tenha conhecimento de toda a idade, e por isso cumpre que os velhos não ignorem que são arrastados instinctivamente, pelas mudanças que sobrevém á sua organisação, á critica dos tempos presentes e aos louvores dos passados, á indifferença, á impassibilidade, á falta de coragem, á avarca e ao egoismo que se lhes exprobra. Revelada a fonte material de suas imperfeições moraes, acautelar-se-hão contra as propensões instinctivas. A alma, melhor esclarecida sobre os danos que lhe causa sua prisão arruinada, será capaz da reacção mais forte contra a materia. Além disto, o que temos dito de alguns attributos da velhice não deve ser entendido senão de uma maneira geral, que suppõe numerosas excepções.

As imperfeições moraes da velhice que acabamos de indicar são compensadas por vantagens de outra ordem. A ausencia das paixões deixa o homem em tranquillidade, em um socego que não lhe era conhecido até então; seu coração já não é dilacerado pela afflicção de um amor infeliz, pelas lagrimas amargas de uma ambição frustrada, pelas anxiedades concentradas do amor proprio humilhado ou de todas as outras fraquezas humanas. Se o velho tem vivido honrosamente, se tem preenchido os sagrados deveres da sociedade, recebe na idade madura a mais agradável de todas as recompensas, o gozo de

uma consciencia pura e o encanto de um fim sereno e tranquillo: é a tarde de um bello dia.

Se a memoria geral e das circumstancias actuaes frequentemente foge ao velho, não acontece o mesmo com a que se chama local. E raro que esta não subsista apesar dos progressos do tempo. O velho vos dará com uma precisão admiravel a menor particularidade sobre os acontecimentos de sua mocidade, de sua infancia, e sobre os lugares que o virão nascer. Esta sorte de memoria é preciosa para o velho; offerece á sua lembrança os primeiros objectos que o occuparão, os jogos de sua infancia, a felicidade domestica de sua familia: elle vê a alegria de seu pai, as caricias de sua mãe, e abençoá o céo de poder lembrar-se de objectos tão caros. E uma previsão admiravel na natureza, que subtrahе neste periodo da vida o painel dos acontecimentos presentes, sempre mais ou menos tristes, e o substitue pelos dos felizes tempos da mocidade.

A tranquillidade dos sentidos favorece a attenção, a ausencia das paixões fortifica o juizo, a experiencia lhe dá autoridade. Esta idade é afamada pela sua circumspecção, prudencia e sabedoria. Em quasi todos os paizes é a velhice que governa, senão directamente, ao menos por sua influencia, que é immensa nos destinos das nações. Em muitos povos da antiguidade, a velhice foi divinizada como symbolo da experiencia e da sabedoria. É a idade em que a virtude do homem brilha com seu mais puro resplendor. É para lamentar que reuna a estas qualidades eminentes as tendencias e as preoccupações defeituosas que temos assignalado, e que são uma origem fecunda de erros e de juizos falsos. A circumspecção está perto da desconfiança, a prudencia da pusillaniedade, a ordem e a economia da avareza, a austeridade dos principios da intolerancia. Ora, a organização dos velhos os põe, sem elles o saberem, sobre o declive de todos estes excessos. Além de que, sua repugnancia para a experimentação os torna mui obstinadamente conservadores, e para

ter uma sociedade perfeita seria preciso possuir a feliz alliança da confiança da mocidade, da constancia da idade adulta e da experiencia da velhice.

Passemos ás regras hygienicas relativas á velhice.

Postos nesta torrente que não permite repouso e contra a qual ninguem póde lutar, chegamos todos á velhice, salvo se naufragamos no caminho. Approximando-se a este periodo de decadencia, o homem é advertido pelo instincto, não menos que pela experiencia, que já lhe não é permittido arriscar sua saúde, e que tem de supprir, por cuidados, o que falta á força vital que se enfraquece. É, por consequente, á velhice que mais importa o conhecimento e a pratica dos preceitos hygienicos.

Á proporção que o movimento vital se vai tornando mais fraco, o corpo soffre menores perdas e tem menos precisão de reparação. Sabe-se que são os velhos que melhor supportão a abstinencia. Consequente-mente, a sobriedade convém principalmente ás pessoas idosas. Tendo fracos os órgãos digestivos, devem abster-se de alimentos indigestos e copiosos. Sem excluirem nenhuma substancia reputada sãa, serão as carnes de animaes tenros preferidas ás carnes duras, os legumes e fructos ao regimen animal. Sabretudo depois da quédia de muitos dentes, é preciso usar de pouca carne, substituindo-lhe o caldo, o leite, as sopas, os mingãos, as feculas, os ovos, os vegetaes, os peixes. Sendo os dentes deteriorados na velhice, é preciso submeter os alimentos a uma longa mastigação, afim de terem tempo de impregnar-se de saliva, fluido que favorece a digestão em alto gráo. Se os dentes e as queixadas, recusão servir, será conveniente fazer dar ás substancias alimentarias uma divisão preliminar por meio de um instrumento apropriado. Os temperos são menos contrarios na idade de que fallamos do que nas outras épocas da vida. Favorecem a acção do estomago augmentando a sua energia; mas nunca se deve abusar deste meio. Emquanto ao que respeita a hora

e numero das comidas, os velhos não terão outras regras que seguir senão as que no artigo *Alimentos* indicámos para todos os homens; mas será mui importante para elles o comerem mui pouco de noite. O vinho, segundo a opinião de Platão, convém muito á velhice, não menos para distrahi-la de suas penas que para activar as funcções do corpo. Accrescentaremos que o abuso desta bebida, como de todas as que são fermentadas, é muito mais perigoso nesta época da vida do que nas idades que a precedem. O uso sobrio do café, do chá, e ás vezes dos licôres, é mais salutar que nocivo á velhice.

O ar é outro alimento não menos necessario á existencia. Os velhos devem querê lo puro com tanto maior cuidado quanto mais elles o corrompem. Devem dormir em um quarto espaçoso, claro, bem arejado, commodo, agradável, e não em alcova fechada. Esta idade é muito sensivel ao frio; convém, por consequente, nos tempos frios, impedir por meio de roupa sufficiente a impressão do ar externo. A morada no campo, em clima quente, as occupações e os prazeres campestres merecem a preferencia quando se pôde.

O exercicio, proporcionado ás forças, que não chegue a fatigar, é eminentemente salutar aos velhos. Para entreterem a transpiração da pelle, é bom que tomem banhos mornos, cuja duração não deve exceder a um quarto de hora até meia hora. Os banhos frios são perigosos, pois que a reacção é nelles mui difficil. As evacuações alvianas, que são mui difficultosas nos velhos, serão facilitadas por clysteres, pois que nunca nos achamos tão bem dispostos como quando o ventre está livre.

Á medida que a potencia genital se extingue, é necessario saber resignar-se ao decreto sancionado pela natureza, e não sollicitar pela imaginação ou pelos medicamentos excitantes forças artificiaes cujo favor poderá custar mui caro.

Convém, quanto fôr possivel, regular as horas da vigilia e do somno; não deitar-se mui tarde nem

levantar-se mui cedo, dar de manhã um passeio quando o tempo o permittir, é tambem o momento mais conveniente para ir á banca.

Se as paixões e as applicações fortes do espirito são nocivas aos velhos, as distracções agradaveis, as recreações do espirito, pelo contrario, lhes são salutaes. Cícero, no seu Tratado sobre a velhice, aconselha a culturã das letras como o meio mais digno e o mais capaz de abrandar o rigor desta quadra. Bons livros encantão e consolão, e precisa-se muita philosophia em uma época tão fecunda em pezaes para todo aquelle que não sabe resignar-se ás leis immutaveis da natureza e conformar-se ás necessidades da ultima idade.

A apprehensão da morte é, como temos dito, um sentimento fixo que envenena a existencia de um grande numero de velhos. Em vão a benevola natureza, querendo privar-nos da vida, se esforça em despir-nos successivamente dos favores que no-la podião tornar cara, o louco amor para com as unicas funcções da respiração nos acompanha até ao sepulcro. Mas quanto perde a morte em suas fórmãs hediondas quando ao sentimento das privações e das dôres das enfermidades se ajuntão bons testemunhos da consciencia e a firme esperanza de um futuro melhor a prol do qual se não tem desmerecido! Quem não se sentio commovido e transportado, representando-se o fim do virtuoso Socrates! Quanto é sublime este philosopho quando, depois de aceitar de seus verdugos, a quem perdoa, o copo da venenosa cicuta, disserta, com serenidade, sobre a immortalidade da alma, rodeado de seus discipulos, que julgão já ver nelle alguma cousa de divino! Os velhos medrosos farão bem em ler e meditar os escriptos dictados por uma sã philosophia, ou inspirados pelo genio do christianismo, e que tendem a desenvolver um justo desprezo da morte. Aos velhos que acreditão na immortalidade da alma basta a paz de sua consciencia. Estes sabem que ganhão

muito abandonando, por uma vida eterna, uma existencia cheia de miserias.

Os velhos se queixão frequentemente da indiferença e da aversão que se lhes testemunha; muitos buscão a solidão e cahem na misanthropia. Sem duvida os homens são ás vezes injustos para com uma idade que merece alguma indulgencia e exige todo o respeito; mas quem exprobra aggravos, deve não haver tomado a iniciativa. O velho que não tem bastante discernimento ou poder sobre si mesmo para comprimir o genio ralhador, a intolerancia, o humor sombrio, o egoismo ao qual o predispõe a organização degenerada, deve estar certo de não achar nos outros muita promptidão em servi-lo. É respeitado por um sentimento de decoro ou de dever; mas emquanto á affeição, é natural que os estranhos lh'a neguem. A benevolencia honra, faz honrar e amar a velhice. Os velhos devem temperar a gravidade do seu character, a severidade de seus principios e suas prevenções para com o tempo passado. A serenidade da alma, a affabilidade das maneiras, uma alegria decente e mesurada convém muito á velhice. Associando a um character amavel a experiencia, a sabedoria e os ornamentos do espirito, serão amados e respeitados de todos.

IDIOTISMO, IDIOTA. Os idiotas são entes privados mais ou menos completamente da intelligencia desde a mais teura idade. Formão uma família mui numerosa, por isso que, desde a ausencia inteira da intelligencia até ao grão que representa o estado ordinario desta funcção, observa-se um grande numero de gradações e de variedades. Assim, encontrão-se idiotas que tem uma existencia quasi vegetativa; parecem estranhos a toda a especie de sensações, não sentem nem frio, nem fome, nem sorte alguma de dôr; poem-se-lhes alimentos na bocca, elles os engolem; se abrem os olhos, é de alguma maneira sem enxergarem os objectos. O Dr. Esquirol falla de uma pequena idiota de onze

annos, surda, muda e cega, que foi achada quasi sem vida junto ao cadaver de sua mãe, que morrerá havia já alguns dias. Outros deixão ver que experimentão algumas sensações, reconhecem os alimentos que se lhes offerecem, tomão-nos e comem-nos, vêm os objectos e sabem evita-los, virão a cabeça para o lado onde ouvem ruido; se os beliscão, buscão subtrahir-se á dôr; até encolerisão-se se são contrariados, mas não sabem fazer uso dos objectos exteriores, não podem vestir-se, ficão expostos ao frio, e não pensão em comer senão quando vêm os alimentos; alguns gritos e alguns gestos mui simples formão nelles toda a expressão da linguagem. Principia-se a encontrar vestigios da intelligencia naquelles que occupão um grão um pouco mais elevado: sua attenção é ás vezes fixada pelas impressões feitas sobre os seus sentidos; parecem olhar para certos objectos com um sentimento de prazer misturado de curiosidade; dirigem-se para os alimentos e apoderão-se delles, reconhecem as pessoas que cuidão delles habitualmente, indicação ás vezes, por meio de gritos ou de gestos, os objectos de seus desejos; manifestão a alegria ou o desgosto que experimentão. Entretanto, é preciso vesti-los, deita-los, pô-los no lugar em que se quer que elles fiquem, são incapazes de satisfazer suas necessidades; pôde-se, quando muito, fazer-lhes reter uma ou duas palavras á força de as fazer repetir em circumstancias dadas. Seguem-se os idiotas que reconhecem as differentes pessoas com quem vivem e ás quaes manifestão affeição se dellas estão satisfeitos, que ajudão a vestir-se, comprehendem algumas perguntas, vão buscar sua alimentação, articulão algumas palavras; são entretanto incapazes de qualquer trabalho, e ficão todo o dia sentados, deitados ou passeando. Ha algumas moças desta classe mui inclinadas aos prazeres do amor, que distinguem mui bem os sexos, mostrão muita satisfação quando vêm homens, poem muita affectação no seu modo de trajar, e são mui loureiras nas suas maneiras. Existem emfim idiotas cujas faculdades intellectuaes são

desenvolvidas até certo ponto; chamão-se *imbecéis*: observão-se nelles algumas idéas, um uso limitado da palavra, um pouco de memoria e certas acções razoaveis. Conhecem o valor do dinheiro e sabem o seu uso, procurão a reunião dos sexos, sabem vestir-se, prover ás suas necessidades. Mas não se lhes pôde ensinar a ler nem a escrever. Muitos são inclinados ao roubo e mui astutos, o que faz com que se lhes supponha maior intelligencia do que na realidade possuem.

Considerados de uma maneira geral, os idiotas offerecem muitos caracteres importantes. Nelles só estão obliteradas as funcções intellectuaes: a nutrição e a geração se fazem com regularidade; a digestão, a circulação, a respiração, a menstruação, a fecundação, o parto, não soffrem maiores obstaculos do que nas outras classes de individuos. Os olhos, a lingua, o ouvido, o nariz, a pelle, não estão de ordinario mais lesados nos idiotas do que nas pessoas dotadas da intelligencia; e se a acção dos sentidos é pouca ou nenhuma, depende isto da imperfeição do cerebro. Os idiotas tem um desalinho nojento e entregão-se frequentemente á masturbação. São sujeitos a accessos de colera e até de furor mui perigosos. Sua cabeça é quasi sempre mal conformada, e a sua physionomia annuncia estupidez e falta de idéas.

As *causas* da molestia que nos occupa não são sempre facéis de determinar. Affecções moraes, vivas e penosas durante a prenhez parece que produzem ás vezes o idiotismo; as quedas em que a cabeça da criança recebe o choque, o susto, uma inflamação do cerebro, as convulsões, podem tambem ser seguidas da obliteração da intelligencia.

Ordinariamente não se sabe a que causa deve ser attribuída esta molestia. Umaz vezes traz seu principio do seio materno, e outras vezes se origina depois do nascimento. No primeiro caso, os pais reparão que a criança, chegada á idade em que deveria ser sensível ás primeiras impressões, mos-

tra-se-lhes indifferente; não se póde despertar seus sentidos nem fixar sua attenção, não aprende a falar. Os pais não principião a inquietar-se senão aos dezoito ou vinte mezes depois do nascimento, e muitas vezes não reconhecem bem a enfermidade da criança senão muito depois. Quando os meninos não se tornão idiotas senão na época em que a intelligencia tem principiado a desenvolver-se, os pais ficão suspensos ordinariamente algum tempo antes de notarem o estado da criança; buscão explicar por qualquer outra causa sua indifferença, seus fracos conhecimentos; mas enfim o mal faz progressos, a intelligencia se obscurece e se extingue.

Os idiotas ficão ordinariamente neste estado toda a sua vida. Nos imbecéis a educação póde, ás vezes, desenvolver até certo ponto as faculdades intellectuaes; aperfeiçoão-se pelo costume do trabalho e por suas relações com os individuos no meio dos quaes vivem; alguns idiotas adquirem tambem um pequeno numero de conhecimentos. Citão-se alguns exemplos de meninos mui obtusos até dez ou doze annos, e cujas faculdades se desenvolvêrão depois. Talvez pudessem ser curadas algumas crianças cuja cabeça é bem conformada, se os pais recorressem á medicina pouco tempo depois da acção da causa que determinou a molestia do cerebro. Em geral, os idiotas não vivem muito tempo, a maior parte delles morrem antes de trinta annos. Os imbecéis vivem mais que os idiotas. O estado da sensibilidade physica e a falta de intelligencia tornão mui obscuras as molestias que nelles sobrevém; não soffrem, ou, se soffrem, não sabem dar conta de suas sensações.

Os idiotas e os imbecéis são susceptiveis de ser interdictos. Alguns são maliciosos e até perigosos; devem ser vigiados: se são pobres, é de costume serem encerrados nos hospícios. Ha exemplos de imbecéis que servirão de instrumento a actos reprehensiveis e até crimes. Quanto áquelles espiritos limitados que se soffrem na sociedade, alguns são incapazes de reger os seus negocios, e é indispensa-

vel dar-se-lhes um tutor para não prejudicarem a seus interesses por sua incapacidade. Esses entes desgraçados da natureza, que não podem chegar ao conhecimento das verdades moraes sobre as quaes se basêão os deveres do homem em sociedade, e cuja fraca razão é dominada por paixões imperiosas, merecem, pela maior parte, ser tratados com indulgencia quando commettem faltas, ou quando são conduzidos perante os tribunaes por delictos ou crimes que hajão commettido.

Pouca cousa temos que dizer sobre o *tratamento* do idiotismo. Quando a molestia existe com um vicio de conformação do craneo, ou com uma paralytia dos membros que annuncia uma lesão organica do cerebro, não ha remedio de que lançar mão. Mas quando a cabeça é bem conformada, sobretudo se o enfraquecimento da intelligencia tem principiado depois do nascimento, se é recente e não ha paralytia, pôde-se tentar o uso dos purgantes, dos causticos na nuca, dos banhos frios e mornos, das affusões frias sobre a cabeça; e nada se arrisca com estas tentativas. É preciso exercer uma vigilancia particular sobre os doentes para impedir que se entreguem ao onanismo.

A educação bem dirigida de alguns idiotas, e sobretudo dos imbecéis, pôde ter resultados vantajosos. Muitas pessoas esquecem-se de que os estudos devem ser proporcionados ás forças da intelligencia; que tal individuo, por exemplo, que poderia ter adquirido conhecimentos necessarios para viver na sociedade, tem ficado estúpido por se exigir d'elle uma applicação de que não era capaz; que outro que ficou imbecil porque, pertencendo a uma familia rica, foi, por assim dizer, abandonado de seus pais, repellido por elles, poderia ser um obreiro util se tivesse pertencido a uma familia pobre. Pôde-se conseguir que muitos idiotas sejam limpos, obedientes, que communicem suas necessidades e fujão dos extremos da temperatura, que aprendão a comer, etc. Os imbecéis podem ser instruidos em muitos traba-

lhos faccis e muitos deveres sociaes; pôde-se, até certo ponto, multiplicar seus conhecimentos, aperfeiçoar sua linguagem.

IMAGINAÇÃO. Uma das faculdades da intelligencia, a qual permite que se apresente á lembrança os objectos ausentes como presentes. Vamos examinar este objecto debaixo do ponto de vista medico, isto é, indicaremos de uma parte a influencia da imaginação sobre o organismo, e de outra a influencia da organização e dos agentes physicos que a modificação sobre a mesma imaginação.

Annuncia-se a um homem sentenciado á morte que é chegada a sua ultima hora, mas que se lhe vai abrandar o supplicio irrevogavel, abrindo-se-lhe uma veia em cada um dos quatro membros. Vendão-se-lhe os olhos, praticão-se-lhe quatro cesuras, sobre as quaes se faz cahir um fio d'agua morna, e o desgraçado, que tudo ao redor de si confirma artificialmente em uma illusão funesta, não duvida que perde todo o seu sangue. O horror da morte, que tem gelado sua alma, paralysa logo os movimentos do corpo, a respiração torna-se mais lenta, o coração cessa de bater e o homem cahe morto.—Um doente toca o seu derradeiro instante, o desespero se associa á molestia para conjurar sua perda. Um medico celebre, um remedio supersticioso, reanimão a esperanza e o doente recobra a existencia que estava para o abandonar.—Quem foi que operou estes prodigios? A imaginação. É, por consequente, bem poderosa esta faculdade, que pôde matar e resuscitar! Aos que não comprehendem um tal dominio do moral sobre o physico, poder-se-hião citar mil situações em que elle é manifesto. Quantas vezes tem sido attribuidos a causas sobrenaturaes effeitos prodigiosos que explicava naturalmente o poder da imaginação? Não são contos essas curas maravilhosas obtidas nos templos dedicados a Esculapio, da antiga medicina; ou pelos votos, offrendas, orações, nos seculos religiosos; ou por exorcismo, magia, feitiçaria e astrologia, nos tempos de superstição; ou por encantos,

figas, homeopathia, em épocas de nescia credulidade. As molestias existião realmente; só foi desconhecido o unico medico, a imaginação apoiada sobre a fé e a esperança.

Os individuos de um temperamento nervoso e melancolico vivem consideravelmente debaixo do dominio da imaginação, e tem precisão de acautelarse continuamente contra as illusões que ella lhes prepara. A influencia do regimen é mui grande sobre esta faculdade. Os homens imaginão menos quando vivem de alimentos farinaceos, gordurosos, oleosos, vegetaes, quando se abstem de bebidas excitantes, quando cansão o corpo e quando dormem muito. O regimen inverso, quando é compativel com a saúde, é o que mais favorece a imaginação. Sabe-se quanto os estimulantes, e principalmente o vinho, o café, despertão-na e a exaltão. As letras, as bellas-artes, e sobretudo as paixões, excitão-na no ultimo gráo.

Quando se considera a parte immensa que tem a imaginação nos pezares e deleites da vida; quando se pensa que a alienação mental não conhece causa mais frequente do que seus abusos e suas aberrações, sente-se logo a importancia da educação desta rainha das illusões e das chimeras. É mister que se cuide bem cedo da imaginação dos meninos; não preoccupa-los com contos fantasticos, cujo menor damno é falsearem-lhes o juizo quanto lhes não produzem terror pusillanime. Poupem-se-lhes as impressões fortes, a vista de paineis exagerados e estranhos, os espectaculos que lhes commovão a alma. A natureza é assaz fecunda para ministrar imagens a crianças, sem que seja preciso usar-se de artificios.

É mui commum tomar os remedios com repugnancia, e é justamente isto o que acontece ás pessoas que pedem conselhos para vencerem a força da imaginação. Os romances, a poesia, os espectaculos, a musica, a pintura, e com isto o repouso do corpo e as meditações, são o que mais lhes agrada, e é precisamente o que mais contrario lhes vem a ser. Devem

alimentar o espirito com estudos serios, a historia, litteratura, divertida e sisuda, com as sciencias naturaes, physicas e mathematicas. Póde-se tirar um grande proveito da conversação com homens sabios, de principios religiosos, de vida tranquilla e occupada, do exercicio, de um regimen brando, dos banhos, etc., para refrear a imaginação, esta louca de casa, segundo a feliz expressão de Mallebranche.

Quanto á imaginação das mulheres gravidas, relativamente ás crianças que trazem no seio, algumas coincidencias extraordinarias e a propensão do povo para o maravilhoso tem concorrido para acreditar esta opinião, que a medicina moderna nega completamente.

IMPERFORAÇÃO DO ANUS. Assim se chama o estado de uma criança que nasce tapada. *Veja-se ANUS*, Vol. I, p. 119.

IMPIGEM. *Veja-se EMPIGEM*, Vol. II, pag. 95.

IMPOTENCIA. Impossibilidade de exercer o acto reproductor. Suas causas são physicas ou moraes, permanentes ou provisórias, á frente das quaes devem ser apontadas a falta, a imperfeição, as deformidades, as molestias incuraveis dos órgãos da geração. Existindo estas causas, a impotencia é manifesta, e, em todos os casos, duravel, salvo se uma operação a pudér curar; outras vezes, pelo contrario, o apparelho genital é bem conformado, e entretanto existe impotencia originaria ou adquirida. Este estado reconhece tambem muitas causas accidentaes: taes são os excessos do onanismo, os abusos venereos, a debilidade geral, os soffrimentos prolongados, um regimen debilitante, fadigas excessivas do corpo e do espirito, a embriaguez, o abuso dos licôres espirituosos. Tem-se reconhecido tambem que a abstinencia absoluta dos prazeres venereos enfraquecia as faculdades genitae. Os transportes que excita a possessão do objecto amado póde tirar de repente o poder de satisfazer os desejos. De outra parte, o amor timido, respeitoso, o medo de cumprir mal com as obrigações conjugaes, podem ter a mesma influencia.

Certas paixões, taes como o odio, o ciume, a vista de alguma deformidade, o nojo produzido por um máo halito, as esperanças enganadas no acto conjugal, podem produzir a impotencia momentanea.

O *tratamento* da impotencia é relativo a suas causas e não admite methodo exclusivo applicavel a todos os casos. Diversas operações podem curar a deformidade ou as molestias das partes genitae. A continencia restitue frequentemente uma faculdade que o abuso contrario tinha abolido. É bom, neste caso, o privar-se até da sociedade das mulheres por algum tempo. Os passeios, as distracções, a tranquillidade dos sentidos, a confiança, dissipão a impotencia occasionada pela applicação forte do espirito, pelas emoções e pelo medo. Em uma palavra, é preciso oppór o contrario. O restabelecimento das forças geraes dá ao apparelho genital o vigor que molestias chronicas, um máo regimen, fadigas consideraveis lhe tinham tirado. É indubitavel que uma alimentação mui nutriente, composta principalmente de carnes assadas, caça, especiarias, vinho, licôres, tudo sem excesso, augmenta consideravelmente a potencia genital; diremos o mesmo de quasi todos os temperos com sabor acre, picante, apimentado e fortemente aromatico. Diversos outros meios são empregados para combater a inercia dos órgãos genitae: taes são os banhos frios, os banhos do mar, principalmente o nadar, os banhos de assento frios, os vapores aromaticos de incenso, zimbro, dirigidos ás partes genitae; unções ás mesmas partes com linimentos em que entrem o almiscar e o alambre, a immerção do membro na decoção de sementes de mostarda, fricções nas cadeiras com linimento volatil, com essencia de terebenthina, com tintura de cantharidas, causticos sobre a mesma região. A impotencia que é resultado dos progressos da idade é incuravel.

A impotencia é uma questão de medicina legal das mais melindrosas. A lei faz della um motivo de separação, quando um dos dous consortes accusa della a outro e póde justificar a queixa. Outr'ora, em

França, os accusados erão condemnados pelos tribunaes, a preencher, perante parteiras e cirurgiões, uma função a que só o desejo e o mysterio podem presidir. Esta prova, chamada *congresso*, que sua incerteza e immoralidade nunca deverião fazer adoptar, foi revogada em 1667. Um exemplo memoravel provocou a sua abolição. O marquez de Langey, que tinha succumbido, á prova do congresso, e cujo casamento foi annullado, teve sete filhos em uma nova união que contrahio apezar da sentença absurda que declarava a sua impotencia. Hoje os juizes não se pronuncião tão vagamente nestas occasiões, e não admittem, como causa valida de separação, senão a impotencia congenial que depende de um vicio irremediavel de conformação, ou então a que resulta das lesões ou molestias graves que estão além dos recursos da arte.

INAPPETENCIA. *Vêja-se* FASTIO, Vol. II, pag. 216.

INCENSO. Resina que se queima nas igrejas como perfume. Procede de uma arvore das Indias chamada *Boswellia serrata*. É formado de lagrimas amarellas, meio-opacas, redondas, ou se acha em pedaços grossos, misturados com cascas. Os vapores de incenso empregão-se em fumigações contra as dôres rheumaticas.

INCHAÇÃO ou INCHAÇO. Assim se chama vulgarmente a augmentação do volume de *uma parte* ou do corpo todo; temos por conseguinte a descrever *inchação parcial e inchação geral*.

1.º INCHAÇÃO PARCIAL. A inchação pôde se mostrar nas palpebras, no rosto, nas pernas das pessoas enfraquecidas ou convalescentes de molestias graves que obrigarão a uma longa demora na cama. Um regimen composto principalmente de carnes assadas, o uso do vinho e dos remedios tonicos são indicados neste caso. A inchação desaparece á proporção da volta das forças geraes. Algumas fricções com baeta embebida n'agua de Colonia são uteis. Quando a inchação existe nas pernas, é bom liga-las durante o dia com uma atadura de panno de linho ou de

algodão, principiando a enrolar primeiro o pé, e indo subindo até ao joelho.

As crianças molles e os adultos de constituição fraca são naturalmente um pouco inchados. Um regimen restaurador, o uso de vinho, banhos aromaticos, banhos do mar, exercicio ao ar livre, passeios ao sol, o cuidado de evitar as habitações humidas, fricções com agua de Colonia, são os meios mais proprios contra esta má disposição.

Observa-se ás vezes uma inchação no rosto em consequencia de dôr de dentes ou de inflamação das gengivas. Esta tumefacção exterior é ás vezes o indicio de uma pequena postema que se forma na gengiva e que convém abrir com uma lanceta.

Nos ultimos mezes da prenhez, frequentemente as pernas inchão. Este estado não exige tratamento algum; desaparece por si depois do parto.

O pé ou a mão inchão em consequencia da applicação do apparelho nas fracturas da perna ou do braço. Os pés podem inchar pela simples applicação das ligas, pelo andar forçado, etc. O inchaço sobrevém tambem ás vezes na pelle do membro viril quando existem cavallos; nas palpebras quando existe alguma ferida na cabeça.

A inchação parcial é um symptoma que se observa nas *contusões*, nas *torceduras*, nas *postemas*, na *erysipela*, em muitas *inflamações*, etc. Todas estas inchações desaparecem com as causas que as tinham produzido.

Em alguns casos, a inchação é o primeiro signal de uma *hydropisia* que começa, e então merece uma séria attenção, sobretudo nas pessoas affectadas de alguma molestia do coração.

No maior numero destas inchações, a pelle fica pallida; não ha dôr senão quando a inchação é mui grande. Comprindo-se com o dedo a parte entumescida, sobrevém uma depressão que persiste por algum tempo. Em algumas circumstancias, quando a inchação depende de uma *erysipela* ou de alguma

postema, a cor da pelle é um pouco vermelha e a compressão dolorosa.

2.º INCHAÇÃO DO CORPO TODO. Esta molestia chama-se em medicina *anasarca*. A inchação do corpo todo é ordinariamente symptoma de alguma outra affecção; mas ás vezes marcha de uma maneira isolada e constitue a molestia principal.

Entre as molestias que produzem a anasarca devemos citar as affecções do coração, as obstrucções do figado e do baço, as febres intermitentes prolongadas, as perdas abundantes de sangue, o escorbuto, a oppilação, e muitas molestias chronicas que occasionão uma debilidade geral.

A anasarca que não depende de nenhuma das molestias indicadas póde apparecer em varias circumstancias. Sobrevém ás vezes na época da primeira menstruação, quando esta funcção soffre difficuldades ou se demora na sua appareição; depois de uma suppressão dos menstros; no principio de uma prenhez; depois de uma suppressão de transpiração; emfim no periodo de escamação dos sarampos e da escarlatina.

A inchação principia ordinariamente pelos pés, outras vezes pelos braços, ás vezes pelo rosto, emfim mostra-se ao mesmo tempo em todo o corpo, que fica geralmente inchado. A inchação varia muito de volume, conforme as regiões em que se observa. É sempre consideravel nos lugares em que o tecido cellular é mui laxo, como nas costas dos pés e das mãos; nas palpebras onde produz ás vezes a oclusão dos olhos; no escroto, cujo volume póde augmentar até igualar a cabeça de um adulto; no membro viril, que augmenta igualmente a ponto de impedir a excreção das urinas, torcendo o prepucio á maneira de saca-rolha; emfim, nas partes genitales da mulher. Nas outras partes do corpo esta tumefacção não chega de ordinario a um grão tão consideravel. A pelle adquire uma cor pallida, interrompida, em certos casos, por manchas azuladas que correspondem ás veias subcutaneas distendidas

pelo sangue; esta pelle parece ás vezes meio transparente e luzidia. A inchação é molle, cede facilmente á compressão, e conserva por algum tempo a impressão do dedo; muda facilmente de lugar, accumulando-se nos pontos mais declives, augmentando nas extremidades inferiores pela posição vertical, diminuindo pelo repouso horizontal.

O *tratamento* da inchação do corpo todo, como o tratamento de qualquer outra hydropsia, exige que se tenha em consideração sua causa e sua natureza. Quanto á causa, a anasarca que depende das molestias do coração, do figado e do baço, exige o tratamento destas molestias. A anasarca que é resultado de febres intermitentes cede ao sulfato de quinina, ás preparações de quina. A anasarca que é resultado de debilidade geral reclama medicamentos tonicos, preparações de ferro. As inchações de outra natureza exigem o uso dos purgantes, dos medicamentos diureticos ou sudorificos. A estes meios é preciso juntar ás vezes o uso dos banhos aromaticos e das fricções estimulantes, como, por exemplo, daquellas cuja receita segue:

Tintura de quina	2 onças.
Vinagre aromatico	2 onças.
Aguardente alcanforada	2 onças.

Misture.

Eis tudo o que podemos dizer da inchação geral (anasarca), cujo tratamento é mui complicado e exige a assistencia de um medico instruido.

INCHAÇÃO DO VENTRE NAS CRIANÇAS. Observa-se ás vezes nas crianças uma molestia caracterizada pela tumefacção e dureza do ventre, e que procede do desenvolvimento de uns corpos duros, chamados tuberculos, no interior do ventre. Alguns medicos chamão esta molestia *oppilação do ventre*. Ella apparece sobretudo desde a época da primeira dentição até quatro ou cinco annos de idade.

As *causas* são: o frio humido, uma alimentação insalubre ou insufficiente, a falta de asseio, a miseria e a habitação nos lugares pantanosos. A amaamenta-

ção por uma ama affectada de alporcas ou de tísica pôde tambem produzir esta molestia.

Os signaes da oppilação do ventre são pouco numerosos e se limitão aos seguintes : dôres surdas no meio do ventre, que augmentão por uma compressão um pouco forte, pela tosse, soluços ou saltos. O estado geral de saúde não parece ainda soffrer, e por isso nos primeiros tempos a molestia pôde ficar ignorada. Ao cabo de certo tempo sobrevém uma inchação do ventre, febre, um emmagrecimento consideravel das pernas e coxas. Quando a molestia chega ao seu mais alto grão, o ventre baixa, e pôde-se sentir, comprimindo-o, um grande numero de corpos duros, desiguaes, dolorosos á compressão. Nesta época as digestões se fazem mal, a febre é contínua, a pelle fica secca; a criança cahe n'um enfraquecimento extremo, acompanhado de inchação dos pés e de derramamento d'agua no ventre, e a morte termina logo sua debil existencia.

Tratamento. Quando a molestia está no seu principio, o tratamento é mui simples e mui facil. O leite de uma boa ama, a abstinencia de alimentos mui fortes que a criança não pôde digerir, os meios proprios para fortificar a constituição, taes como os banhos quentes, com plantas aromaticas que são: alfazema, alecrim, hortelãa, folhas de lorangeira, etc., a exposição ao ar e ao sol, taes são os meios que convém á criança que mama. É preciso tambem dar-lhe tres ou quatro vezes por dia uma pequena colher de xarope de quina.

Quando a criança está desmamada, os banhos quentes d'agua do mar lhe são convenientes, assim como o uso de carnes assadas, de caldos de carne de vacca, do vinho misturado com agua e assucar, a habitação no meio de um ar puro, e o emprego do xarope de quina e de outros medicamentos tonicos que só o medico pôde indicar á vista do doente.

Quando a molestia chegou ao seu ultimo periodo, não ha remedio que a cure.

INCONTINENCIA DA OURINA. Assim se designa

a sahida involuntaria da ourina. Isto acontece ás vezes pelo effeito rapido de uma tosse violenta, de grandes risadas, do estado da prenhez, da embriaguez, dos ataques da gota coral e das convulsões; frequentemente tambem é um dos symptomas da inflammação da bexiga, da commoção do cerebro, da apoplexia, da inflammação da medulla espinhal, da febre cerebral e de outras febres graves; mas em nenhum destes casos constitue a molestia principal, e só é um accidente secundario que cessa com a sua causa. Neste artigo vamos occupar-nos sómente da incontinencia da ourina que procede de fraqueza da bexiga.

As causas desta incontinencia da ourina são, nas mulheres, a contusão do collo da bexiga pela cabeça da criança durante o parto, nos adultos o abuso dos prazeres venereos, e nos velhos o mero progresso da idade. Em algum destes doentes a sahida da ourina tem lugar gotta por gotta e de uma maneira continua de dia e de noite; em outros, uma certa quantidade de ourina accumula-se na bexiga, mas de repente este liquido vence pelo seu peso a resistencia deste orgão, e é subitamente evacuado antes que a necessidade se tenha feito sentir. Nos meninos, durante um somno profundo, a bexiga, sendo distendida por uma grande quantidade de ourina, se contrahe e expulsa todo o liquido que contém. A maior parte das crianças são sujeitas a esta incontinencia durante os dous ou tres primeiros annos; ha muitas nas quaes ella se prolonga até a idade de seis, oito, dez e doze annos; emfim, existem alguns moços, e principalmente moças, que conservão esta enfermidade até á puberdade, e até por mais tempo.

Tratamento. Remedêa-se ordinariamente á incontinencia da ourina das crianças despertando-as muitas vezes durante a noite para fazê-las urinar, não dando-lhes agua a beber no momento de deitar-se, e fazendo-lhes tomar de tempos a tempos um banho frio. Entretanto, estes meios são ás vezes insufficientes, e nos meninos fracos é preciso addicio-

nar-lhes o uso do vinho de quina, de gengiana, dos banhos aromaticos mornos e animados com vinho puro. As correccões, as reprehensões á vista de pessoas estranhas, concorrem efficaçmente para o mesmo fim. Quando, apezar de tudo, a incontinencia da ourina se prolonga além da puberdade, pôde-se recorrer ás fricções com essencia de terebenthina, com tintura de cantharidas nas cadeiras e no baixo ventre, ou a um caustico applicado sobre as mesmas partes. As moças ficão frequentemente boas deste incommodo pelo casamento.

A incontinencia da ourina dos adultos e dos velhos combate-se pelos tonicos ferreos e adstringentes. Emprega-se internamente a tintura de cantharidas na dóse de quatro a dez gottas em um copo d'agua; tambem se applicão banhos frios, banhos do mar, emborcações sobre as cadeiras, fricções com tintura de cantharidas no baixo-ventre, causticos nas cadeiras; e nas mulheres injecções na vagina frias e adstringentes, taes como as decoções de casca de romãa, de ratanhia, a solução fria de pedrahume, etc. Ajunta-se a estes meios o uso dos clysteres frios. Quando tudo isto ficarem effeito, não ha outro recurso senão trazer um ourinol de metal, de couro envernizado ou de borracha, suspenso entre as pernas. As mulheres servem-se de esponjas que mudão frequentemente, ou fazem uso de um ourinol em fórma de barquinha estreita, que se adapta mui bem ás partes externas da geração.

INCORDIO. *Vêja-se* MULA.

INDIGESTÃO. Assim se chama a perturbação subita da digestão. Muitas pessoas pensão que a indigestão é necessariamente a consequencia da intemperança. Ordinariamente assim é; porém ás vezes a temperança mais rigida, o cuidado mais minucioso na escolha dos alimentos, não livrão deste accidente. Se por ventura uma emoção viva sobresalta um individuo, depois de uma comida até mui leve, vê-se ás vezes, só por isso, perturbada a

digestão, e desenvolverem-se successivamente todos os phenomenos que são a sua consequencia.

As *causas* que produzem a indigestão são numerosas e variadas. A mais ordinaria é a quantidade excessiva dos alimentos, que varia muito conforme os individuos. A qualidade dos alimentos é igualmente uma causa poderosa de indigestão. No artigo ALIMENTOS achará o leitor noções á cerca da maior ou menor facilidade da digestão das differentes substancias. Geralmente fallando, as substancias quentes são mais facilmente digeridas do que as frias. Os alimentos mui frios, as bebidas geladas são frequentes causas de indigestão. Algumas pessoas não podem toma-las sem soffrerem infallivelmente algum incommodo: em outras, pelo contrario, as bebidas frias favorecem poderosamente o trabalho da digestão. As bebidas alcoolicas e os vinhos fortes, que em quantidade moderada ajudão as funcções do estomago, tornão-se, quando delles se abusa, uma causa energica de perturbação do acto digestivo. Os banhos frios ou quentes depois da comida, a sangria geral ou local nas mesmas circumstancias, as emoções vivas da alma, a alegria, o susto, a colera, uma carreira rapida a pé ou a cavallo, e até de sege, sobretudo se é mal suspensa, o balanço de um navio, tudo isto póde tambem causar a indigestão.

Os *symptomas* da indigestão simples são os seguintes: existe um sentimento de peso no estomago; depois sobrevém desejos de vomitar, soluços, arrotos acidos ou acres. No fim de algum tempo declarão-se vomitos e desenvolvem-se colicas fortes, ás quaes succedem evacuações alvinas mais ou menos abundantes, no meio das quaes achão-se materias alimentarias não digeridas. Em certas pessoas, nas mulheres e crianças sobretudo, a indigestão póde annunciar-se por um desmaio mais ou menos completo; em algumas ha convulsões.

Incomodos graves e até mortaes podem resultar de uma indigestão; e em primeiro lugar, a apoplexia, que se observa principalmente nas pes-

soas que tem o costume de ceiar mui tarde. Outro resultado das indigestões é a introdução das materias alimentarias nas vias aereas. Isto acontece principalmente nos individuos ebrios, e por duas causas; a primeira, porque, não sendo os vomitos dirigidos pela vontade, os musculos da garganta não favorecem por sua acção a sahida das materias; a segunda, mais real e mais poderosa, é a posição horizontal em que se collocão os individuos ebrios. Se neste estado os vomitos se declarão, as materias accumulão-se na garganta e penetrão necessariamente no conducto aereo. A morte é a consequencia ordinaria deste accidente, que obra de uma maneira mecanica, obstruindo a passagem do ar. E por isso nunca os individuos ebrios devem ser postos em uma posição horizontal; é necessario assenta-los, e apoiar-lhes as costas e a cabeça de encontro a um corpo resistente.

Tratamento. O tratamento da indigestão é mui simples. Quando uma pessoa se sente incommodada depois de um jaantar copioso, o melhor remedio é tomar uma chicara de chá da India. Quando se declarão os vomitos, é preciso favorecê-los bebendo algumas chicaras de chá da India mui brando, ou de chá de macella ou d'agua morna simples. Se a pessoa sentisse um grande peso no estomago e os vomitos não se declarassem, conviria provoca-los tomando um grão d'emetico dissolvido n'uma chicara d'agua morna ou fria. Desembaraçado o estomago, convém muito as bebidas frias, levemente acidulas, como limonada de limão ou de laranja; e basta um dia de dieta e algum clyster de linhaça para fazer desaparecer os vestigios de indigestão. Se entretanto se manifestar uma dôr na bocca do estomago, é preciso beber de hora em hora uma colher de sopa da poção seguinte:

Chá d'herva cidreira	5 onças.
Laudano de Sydenham	20 gottas.
Ether sulfurico	20 gottas.
Xarope de gomma	1 onça.

Misture.

Se a indigestão fôr seguida de calor na cabeça, rubor da face, insensibilidade do corpo, pulso forte e frequente e outros symptomas da congestão cerebral, será preciso praticar uma sangria no braço.

INDURAÇÃO DO BAÇO, FIGADO. *Vejão-se* BAÇO, Vol. I, pag. 174, e FIGADO, Vol. II, pag. 259.

INFLAMMAÇÃO. Diz-se que uma parte está inflammada quando se acha vermelha, inchada, dolorosa e mais quente do que no estado natural. Estes symptomas que se observão nas inflammações externas, e especialmente na erysipela, tomada por termo de comparação, existem mais ou menos pronunciados nas inflammações internas. Este phenomeno é acompanhado sempre de uma accumulção mais ou menos consideravel de sangue na parte affectada e de uma exaltação de sensibilidade. Por pouca extensão que a molestia tenha, é logo seguida dos symptomas que caracterisam a febre, que são: calor geral, acceleração do pulso, calafrios, abatimento das forças.

As causas da inflammação são numerosas e variadas; taes são: as violencias externas, a passagem do calor para o frio ou do frio para o calor, a supressão de evacuações habituaes, uma fadiga consideravel, vigílias prolongadas, uma applicação excessiva do espirito, uma affecção moral viva, etc.

As consequencias da inflammação são assaz diversas: ordinariamente acaba pela resolução, isto é, desaparece pouco a pouco percorrendo seus periodos; esta terminação é a mais feliz. Outras vezes forma-se pus, que se reune com mais ou menos promptidão em um só foco e constitue um abscesso. A terminação que é mais temivel é a gangrena, que parece proceder do excesso da inflammação; mas esta terminação é extremamente rara.

O *tratamento* da inflammação apresenta muitas indicações que são as mesmas para muitos orgãos; e para isto existe um methodo de tratamento chamado *antiphlogistico*, destinado a combater este estado morbido. Este methodo, levado nestes ultimos vinte

annos por certos medicos até ao excesso, tem dado mui tristes resultados. Empregado, pelo contrario, de uma maneira judiciosa, offerece preciosos recursos. As sangrias, as bichas e as ventosas sarjadas são os primeiros meios que se empregão contra as inflamações. Seguem-se as substancias emollientes applicadas sobre o lugar doente: taes são as cataplasmas de farinha de linhaça, os lavatorios e fomentações com decoções de raiz de althéa, de malvas, de sementes de linhaça. O regimen nas molestias inflammatorias é de uma alta importancia. As bebidas doces, taes como gomma arabia, as infusões de althéa, de malvas, as decoções de arroz, de cevada, a orxata, etc., as bebidas aciduladas, como a limonada, a laranja, etc., são quasi sempre indicadas. A dieta mais severa, a privação completa de alimentos solidos é conveniente em quasi todas as affecções acompanhadas de um estado inflammatorio.

INFLAMMAÇÃO DO BAÇO. *Veja* BAÇO, Vol. I, pag. 174.

INFLAMMAÇÃO DA BEXIGA. *Veja* BEXIGA, Vol. I, pag. 201.

INFLAMMAÇÃO DA BOCCA. *Veja* BOCCA, Vol. I, pag. 217.

INFLAMMAÇÃO DO CEREBRO. *Veja* FEBRE CEREBRAL, Vol. II, pag. 224.

INFLAMMAÇÃO DOS DEDOS. *Veja* DEDOS, Vol. II, pag. 3.

INFLAMMAÇÃO DO ESTOMAGO. *Veja* ESTOMAGO, Vol. II, pag. 197.

INFLAMMAÇÃO DO FIGADO. *Veja* FIGADO, Vol. II, pag. 257.

INFLAMMAÇÃO DA GARGANTA. *Veja* ESQUINENCIA, Vol. II, pag. 186.

INFLAMMAÇÃO DAS GENGIVAS. *Veja* GENGIVAS, Vol. II, pag. 315.

INFLAMMAÇÃO DOS INTESTINOS. *Veja* INTESTINOS.

INFLAMMAÇÃO DO JOELHO. *Veja* JUNTA.

INFLAMMAÇÃO DAS JUNTAS. *Veja* JUNTA.

INFLAMMAÇÃO DO OLHO. *Veja* OPHTHALMIA.

INFLAMMAÇÃO DO OUVIDO. *Veja* OUVIDO.

INFLAMMAÇÃO DOS PULMÕES. *Veja* PULMÕES.

INFLAMMAÇÃO DOS SEIOS. *Veja* SEIOS.

INFLAMMAÇÃO DA URETRA. *Veja* ESQUENTAMENTO.

INFLAMMAÇÃO DO UTERO. *Vêja* UTERO.

INFUSÃO. A infusão resulta da acção da agua fervendo sobre substancias medicamentosas. Estas substancias são de ordinario folhas ou flôres, e ás vezes cascas ou raizes. As infusões são remedios domesticos que servem de bebidas para os doentes, e aos quaes se dá tambem o nome de *chd.* As infusões devem ser feitas em vasos cobertos, e as plantas não devem ficar na agua por mais de dez ou quinze minutos; do contrario o liquido seria bebido com repugnancia pelos doentes. As infusões são adoçadas com assucar, mel ou algum xarope.

INGUA. Assim se chama um pequeno tumor duro que sobrem nos lugares em que se achão as glandulas lymphaticas, como a virilha, os sovacos, embaixo do pescoço, etc., quando não é outra cousa mais que o engurgitamento inflammatorio destas glandulas. A ingua chama-se tambem *glandula*, e o que temos dito desta inflammação no artigo *Glandula* (Vol. II, pag. 321) pôde ser applicado aqui. O nome de *bubão* é reservado mais particularmente para o engurgitamento que resulta do virus syphilitico: tratamos delle no artigo MULA; neste lugar vamos occupar-nos de inguas que resultão de outras causas.

Estas causas são mui numerosas. Todas as vezes que uma parte está inflammada ou ferida, a irritação se communica ás glandulas mais proximas. Assim, uma ferida no dedo, um panaricio, occasionão a tumefacção das glandulas do sovaco. As feridas dos pés ou das pernas são acompanhadas de inchação das glandulas da virilha. Os dentes cariados e dolorosos produzem o augmento do volume das glandulas do pescoço. Pôde-se dizer que a inflammação sympathica das glandulas da virilha é muito mais frequente do que a das outras partes do corpo; manifesta-se nas pessoas affectadas de erysipela, de feridas ou de alguma phlegmasia um pouco intensa das extremidades inferiores. A irritação produzida pelos callos dos pés ou pelo calçado mui estreito pôde occasionar o desenvolvimento de inguas. Estes tumores

desapparecem ordinariamente logo que a causa que os produzio cessou de obrar.

Frequentemente a ingua apparece sem causa conhecida e apresenta-se debaixo de duas fórmas. Umas vezes o tumor tem uma marcha rapida: desenvolve-se nelle o sentimento de dôres latejantes; a pelle que o cobre torna-se vermelha, depois branquêa, abre-se e deixa sahir a materia purulenta. Outras vezes a ingua fica indolente por espaço de mezes inteiros; a tumefacção é o unico signal de sua presença: nenhuma dôr, nenhuma mudança da côr da pelle, nenhum vestigio de suppuração. Encontrão-se algumas destas inguas, que, depois de persistirem neste estado por um espaço mais ou menos longo, inflammão-se de repente e passão rapidamente á suppuração.

A presença da ingua na virilha é attribuida geralmente á existencia da syphilis. Entretanto temos provado que pôde ser resultado de outras causas.

Não ha caracteres que possão fazer distinguir a ingua simples de um bubão syphilitico, e só as circumstancias commemorativas podem esclarecer o diagnostico. Saber-se-ha que o bubão é simples e não syphilitico, se o doente não se tem exposto ao contagio e se foi curado radicalmente de todos os symptomas venereos de que tinha sido affectado precedentemente; as circumstancias oppostas farão estabelecer um diagnostico differente.

Quanto ao *tratamento* das inguas simples, é inteiramente local; consiste em repouso e cataplasmas de linhaça; se o tumor acaba por suppuração, é preciso deixar abri-lo e conduzir-se como em todas as postemas. (*Veja-se* POSTEMA.)

INHAME. (*Caladium esculentum*, Linneo). Esta planta do Brasil é mui preciosa. Sua enorme raiz (batata) se come cozida, ou melhor ainda assada no forno, e constitue um alimento sadio. Alguns lavradores recommendão esta batata contra a morphêa.

INHUMAÇÃO. Os povos antigos tinham, fóra das cidades, lugares destinados para as inhumações dos

mortos ; tal foi sempre o uso dos Egypcios, dos Chins e das nações asiaticas. Um edicto de Adriano, Imperador romano, ordenava a confiscação do terreno sobre o qual fosse em Roma elevado um sepulcro, e obrigava a exhumação do cadaver. Mas o christianismo veio substituir novos usos aos antigos. Os monges tiveram a permissão de ser sepultados em seus conventos; os fundadores das igrejas possuirão o mesmo privilegio; os outros homeas, levados pela superstição, pensavão participar ás recompensas dos justos sendo enterrados junto delles. Os papas favorecerão os abusos concedendo a alguns cemiterios vizinhos das igrejas singulares privilegios; os mortos que erão nelles sepultados obtinhão pleno perdão de todos os seus peccados. Entretanto, grandes inconvenientes assignalavão o perigo das inhumações nas igrejas e cidades, e por toda a parte os medicos fizeram uteis reclamações. De ha muito tem elles observado que os coveiros vivem pouco, e tem participado aos magistrados muitas catastrophes por elles testemunhadas. Está bem provado hoje que as inhumações nas cidades compromettem gravemente a salubridade publica; que os miasmas desenvolvidos das sepulturas podem occasionar e tem occasionado numerosas desgraças, e que não sómente dão maior intensidade ás molestias reinantes, como produzem novas affecções. Em França, desde 1776, a inhumação nas igrejas e cidades foi inteiramente prohibida, e esta medida policial tem sido observada com tanto rigor, que em 1810 o arcebispo d'Aix sollicitou inutilmente do governo a permissão de ser sepultado na sua igreja cathedral. No Rio de Janeiro, a maior parte dos enterros se fazem perto das igrejas, dentro da côrte; só existem dous cemiterios fóra da cidade, um na Gambôa para os protestantes, e outro estabelecido em 1839 na Ponta do Cajú, onde são sepultadas as pessoas que morrem no hospital da Misericordia e os escravos. Com esta ultima creação deixou de existir o antigo cemiterio da Misericordia, aquelle velho fóco de miasmas. No

momento de entrar este artigo para o prélo, a Irmandade de S. Francisco de Paula trata de estabelecer um cemiterio no Catumby. É ao dignissimo Irmão Sr. Commendador Manoel Pinto da Fonseca que se deve este projecto, para o qual abriu uma subscrição, inscrevendo a par de seu nome a quantia de cinco contos de réis. Logo apresentárão-se mais quarenta e dous Irmãos, e a subscrição subio a 32 contos de réis. Possa este bello exemplo ser seguido por todas as Irmandades, que com isto muito e muito ganhará a salubridade publica do Rio de Janeiro. Os medicos fluminenses tem já apontado repetidas vezes ao povo e ás autoridades os damnos que resultão dos enterramentos nos templos. « Em Itaguahy, disse o Sr. Dr. José Bento da Rosa, lugar em que as febres intermittentes se não tinham ainda declarado de uma fórma epidemica, ha alguns annos a esta parte apparecêrão com tanto furor, que a mortandade tem sido enorme, a ponto de não ser sufficiente para as inhumações o cemiterio que havia. O vigario começou a enterrar na igreja. Exasperou-se a epidemia, e a infecção foi tal, que o mesmo vio-se obrigado a fugir e abandonar o seu domicilio. Se isto acontece na roça, em lugares abertos e pouco povoados, continúa o mesmo digno medico, e com um pequeno cemiterio, quanto mais não deverá ter lugar na côrte com cemiterios tão grandes! » Esperemos que estes clamores da humanidade sejam um dia ouvidos. Indiquemos, por consequinte, quaes são as regras que devem dirigir o estabelecimento dos cemiterios.

Dos cemiterios. Uma grande cidade deve ter muitos cemiterios; é preciso que sejam situados, tanto quanto as localidades o permittirem, em lugares elevados, pouco distantes da cidade; não devem jámais ser em lugares baixos e expostos a inundações. Cada cemiterio deve ser fechado por um muro de oito a dez pés de altura, e não conter outro edificio habitado senão a casa do porteiro. A extensão do cemiterio será baseada sobre a população da cidade para a qual é destinado. São precisos, em geral, cinco annos

para a decomposição de um cadaver enterrado a quatro ou cinco pés de profundidade; a extensão do cemiterio deve ser, por conseguinte, cinco vezes maior do que o espaço necessario para as inhumações de cada anno. Assim, sendo trinta e um pés quadrados as dimensões da cova de um adulto, multiplique-se primeiramente o numero dos mortos de cada anno por trinta e um, e o producto por cinco, que é o numero de annos necessario para que a decomposição de um cadaver seja completa, e ter-se-ha o numero dos pés quadrados ou a extensão necessaria que deve ter o cemiterio. A profundidade da cova deve ser de quatro a cinco pés; sendo maior, o contacto do ar com o cadaver seria quasi impossivel, e a decomposição putrida seria muito mais lenta: se a profundidade da cova fôr menor, pelo contrario, os miasmas atravessarão facilmente as camadas de terra e infectarão a atmospherá.

Afastar-se-hão, tanto quanto fôr possivel, os cemiterios dos poços, fontes e rios, cujas aguas sirvão para as necessidades da vida. Podem-se fazer nelles plantações; mas é preciso que não sejam mui altas, para não impedirem a circulação do ar.

Inhumações precipitadas. Os perigos das inhumações precipitadas forão apontados desde os mais remotos tempos. Moysés, legislador hebreu, que tão admiraveis preceitos de hygiene deu, ordenou que os mortos fossem conservados insepultos por tres dias. Em Athenas foi esta lei igualmente de rigor; em muitas outras cidades da Grecia foi fixado o termo de seis dias. Os Romanos conservavão os cadaveres por sete dias para então os sepultarem. Em alguns outros povos não erão permittidas as inhumações senão depois que muitas provas houvessem confirmado a realidade da morte. Hoje, na Allemanha e Polonia, não se enterrão os cadaveres senão tres dias depois da morte. Em França, Hespanha, Portugal e Brasil, a lei exige vinte e quatro horas entre o fallecimento e a inhumação; mas muitas vezes este lapso é mais breve, por causa dos certificados falsos de obito. É pois

necessaria toda a vigilancia sobre tão culpaveis abusos, porquanto está bem provado que existem muitas apparencias de morte que não são mais do que uma suspensão momentanea da vida, contra a qual os soccorros da arte não são infructuosos. Muitas inhumações precipitadas tem sido feitas, e não ha duvida alguma de que muitas vezes tem sido enterrados infelizes ainda vivos. Eis-aqui factos que provão esta asserção de uma maneira evidente.

1.º O celebre anatomico André Vesala, primeiro medico de Carlos V e de Philippe II. julgou morto um fidalgo de Hespanha, de quem tratava. Obteve a permissão de abri-lo; mas apenas penetrou no peito, sentio o coração palpar. Os parentes do defunto perseguirão-no como matador, e a inquisição lhe fez seu processo como impio. A instancias do rei de Hespanha, a pena de morte foi commutada em uma peregrinação á Terra santa.

2.º O abbade Menon, secretario da Academia Real de Angers, refere que uma mulher morreu apparentemente no hospital daquella cidade, e foi levada para o quarto funereo. No fim de vinte e quatro horas, querendo um cirurgião dissecar-la, fez-lhe uma incisão com o escalpello no peito: a pretendida morta deu um grito horroroso; promptos soccorros lhe forão administrados, e ella ainda viveu trinta e um annos depois desta espantosa aventura.

3.º Lê-se no *Journal du Pas-de-Calais* (junho de 1829) a anecdota seguinte: Uma senhora, depois de um parto laborioso, perde de repente os sentidos e é declarada morta. Prepara-se o enterro no dia seguinte, e eis que ella faz alguns movimentos; administram-se-lhe soccorros, e a pretendida morta existe ainda no numero dos vivos.

4.º Um joven medico bavaro, em consequencia de vomitos de sangue, morreu, ao menos assim acreditarão seus collegas, que o fizerão depositar em um caixão. Segundo as leis de Baviera, que exigem quarenta e oito horas entre o obito e a inhumação, o corpo ficou exposto no quarto. No meio do segundo

dia, a irmã do pretendido defunto, persuadida de que o corpo exhalava máo cheiro, fez-lhe aspersões na cara com um licór aromatico; immediatamente o corpo fez alguns movimentos e estalou o caixão. Chegou o Dr. Schmittmüller, prodigalisou-lhe todos os soccorros da arte e chamou-o á vida. Este joven medico está ainda vivo. (*Henke's Zeitschrift*, 1834.)

5.º Benneyton, mendigo, foi achado na rua sem signal algum de vida. Transportado ao deposito, foi conduzido ao cemiterio e lançado mesmo vestido em uma cova commum. Estando proxima a noite, o coveiro deixou para o dia seguinte a tarefa de acabar de cobrir de terra os mortos. Mas Benneyton, durante a noite tornando á vida, se desembaraça da ligeira camada de terra que o cobria, sahe do asylo dos mortos, bate á porta do cemiterio e entra na morada dos vivos. (*Mercure Ségusien*, aos 19 de fevereiro de 1835.)

6.º Contou-me um habitante do Rio de Janeiro que, em 1836, tendo uma das suas escravas adoecido de dysenteria, foi levada, pelos progressos e duração da molestia, ao marasmo e fraqueza mais extrema. Um dia foi achada estendida sobre a cama sem dar signal algum de vida. Um medico que a tratava, homem aliás mui instruido, foi chamado logo, e depois de ter-se confirmado de que as pancadas do coração já não existião, declarou-a morta e deu um certificado para que fosse enterrada. Forão, por consequente, dadas as providencias para a sepultar; mas, antes de ter chegado a rede destinada a levar os cadaveres para o cemiterio da Misericordia, pronunciou a supposta morta felizmente algumas palavras e viveu ainda vinte dias. Quando morreu pela segunda vez, o medico, antes de dar a permissão de a sepultar, esperou mais tempo, para que se patenteassem todos os signaes da morte.

Bruhier, no seu Tratado sobre a incerteza dos signaes da morte, publicado em 1740, reunio 181 casos de erros entre os quaes figurão cincoenta e dous individuos enterrados vivos, quatro abertos

antes da morte, cincoenta e dous voltados espontaneamente á vida, depois de terem sido fechados no ataúde, e setenta e dous julgados mortos sem o estarem. Outros autores tem citado factos analogos: poderíamos, por conseguinte, contar muitos destes factos para provarmos os perigos das inhumações precipitadas; mas os que temos referido, e que são authenticos, bastão para o nosso assumpto.

As molestias que podem produzir a morte apparente e expôr ás inhumações precipitadas são: a apoplexia, asphyxia, catalepsia, convulsões, dansa de S. Guido, emanações gazosas, epilepsia, estrangulação, hysteresismo, lethargos, perdas sanguineas, submersão n'agua, syncope, tetano, e muitas mortes subitas. Nestes casos não existe cessação definitiva das funcções vitaes que constitue a morte, mas suspensão da vida. Para se distinguir da suspensão a cessação definitiva da vida, ha muitos signaes que, considerados separadamente, podem ser falliveis, mas cuja reunião offerece um muito maior gráo de certeza.

Os signaes principaes da morte são: 1.º, a ausencia da respiração; 2.º, a ausencia da circulação; isto é, a falta do pulso e das pancadas do coração; 3.º, a ausencia do sentimento; 4.º, o esfriamento do corpo; 5.º, o suor frio que cobre todo o corpo; 6.º, a relaxação do sphincter do anus; 7.º, o achatamento das partes do corpo sobre as quaes o cadaver está deitado; 8.º, a molleza e a flaccidez dos olhos; 9.º, a rijeza cadaverica; 10.º, a putrefacção, que nunca pôde estabelecer-se quando existe vida.

De todos estes signaes, os mais certos são a rijeza cadaverica e a putrefacção. A rijeza consiste na maior ou menor difficuldade de dobrar a perna sobre a coxa, o antebraço sobre o braço, os dedos ou qualquer outra articulação; pôde ser tal, que um cadaver levantado pelas pernas não execute movimento algum de flexão. A rijeza principia poucos instantes depois da morte, e dura vinte e quatro a trinta e seis horas. Emquanto os membros estão fle-

xiveis, se sua flexibilidade não tem succedido á rijeza, póde-se presumir um resto de vida. Mas importa que se distinga a rijeza cadaverica do tetano ou de algum estado convulsivo. Quando se pega n'um membro, e quando por meio de um esforço, se chega a vencer a rijeza cadaverica, a articulação apresenta um estado de molleza tal, que a menor força basta para renovar a flexão. Se, pelo contrario, a rijeza do membro é o effeito de um tetano, este recobra toda a sua energia logo que cessa de exercer-se a potencia que o ha vencido.

O segundo signal da morte, e ainda mais caracteristico do que o precedente, é a putrefacção, a qual se reconhece pelo cheiro particular que desenvolve.

Fallando da asphyxia, catalepsia, lethargo e outras molestias que podem produzir um estado de morte apparente, indicamos com os sufficientes pormenores os meios que devem ser tentados para chamar á vida o morto apparente; neste lugar, limitamo-nos a cita-los de uma maneira geral e succinta. Estes meios consistem em descobrir a face, deixar a bocca aberta para permittir a introducção do ar nas vias respiratorias, tirar tudo quanto, comprimindo o peito e o ventre possa impedir o resto dos movimentos que ainda existão, posto que imperceptiveis aos nossos sentidos, no diaphragma, coração e intestinos. Os outros meios são banhos quentes, aspersões d'agua fria sobre o rosto, bebidas excitantes, como, por exemplo, o vinho quente, commoções electricas, galvanicas, coberturas quentes, fricções com baeta e escovas, insufflação do ar nos pulmões, queimaduras, escarificações, esternutatorios, ferro quente applicado sobre o corpo, flagellação, sinapismos, vesicatorios; approximar ás ventas frascos contendo ether, agua de Colonia, vinagre, etc. Finalisamos este artigo dizendo que, em casos dvidosos, é melhor conservar-se um ou mais dias o corpo de um homem morto, do que expôr-se ao perigo de enterrar um homem vivo.

INJECCÃO ou **SERINGATORIO**. Acção de levar um

medicamento liquido, por meio de uma seringa, ás cavidades naturaes ou accidentaes do corpo. Chama-se tambem injecção o liquido que serve para esta operação. Os principaes canaes naturaes em que se fazem seringatorios são: a vagina na mulher, a uretra no homem e o conducto auditivo. As injecções que se fazem na uretra com a dissolução de nitrato de prata exigem seringas de vidro; para outros muitos liquidos servem as seringas d'estanho ou de borracha.

INOCULAÇÃO. Assim se chama uma operação que consiste em introduzir no corpo o principio material de uma affecção contagiosa. Dá-se especialmente este nome a uma operação que era praticada outr'ora antes da descoberta da vaccina com o intuito de preservar dos accidentes das bexigas. Consistia esta operação em inocular o virus das bexigas, afim de produzir as bexigas benignas em vez de graves que se manifestavão, sobretudo durante a epidemia desta molestia. A inoculação foi muito usada durante certo tempo; mas como nem sempre era sem perigo, achou um grande numero de adversarios e foi emfim completamente abandonada depois da descoberta da vaccina.

INSOLAÇÃO. Dá-se este nome á exposição prolongada aos raios do sol. A insolação, sobretudo durante os grandes calores, póde ser uma causa de molestia. Ha exemplos de morte subita, de uma congestão cerebral, entre militares expostos por muito tempo a um sol ardente. A alienação mental póde tambem ser resultado da insolação prolongada. Mas estes casos infelizes são mui raros, e o melhor remedio que se deve empregar contra estes accidentes é a sangria. Ordinariamente a insolação produz uma ligeira erysipela no rosto, que se diz então *quemado do sol*. Simples lavatorios com agua fria, repetidos muitas vezes por dia, são sufficientes neste caso. Se ha dôr de cabeça, convém applicar na testa pannos molhados n'agua fria ou em mistura d'agua fria com um pouco de vinagre.

Longe de ser uma causa de molestia, a insolação póde ser, em certos casos, um remedio favoravel para o restabelecimento da saúde. Possui uma acção tonica conveniente aos convalescentes e pessoas fracas, principalmente ás crianças debeis, ás moças oppiladas, e em geral a todos os individuos delicados.

INSOMNIA. Privação do somno. O somno é o repouso dos orgãos da vida, acalma a excitação que elles tem adquirido durante a vigilia, torna a dar ao corpo suas forças e ao cerebro sua energia. A insomnias priva o corpo de todas estas vantagens. Algumas causas predisponentes a favorecem. O somno, que nas crianças é longo e profundo, é nos velhos, em geral, curto e difficil. As profissões que mantêm o corpo em uma excitação extrema expoem a insomnias frequentes. Alimentos ingeridos em grande abundancia, pouco tempo antes da hora de deitar-se, não permitem que o somno se apodere dos sentidos; certas substancias sobretudo excitão o cerebro e o mantêm no estado de vigilia. Tal é o effeito do café em um grande numero de individuos, ainda tomado de manhã, o café difficulta o somno nas horas que lhe são destinadas. As substancias que produzem uma alimentação excitante, as bebidas aromaticas ou alcoolicas, um ar mui frio ou mui quente, os banhos frios, produzem a insomnias. As occupações intellectuaes mui fortes e as paixões mui vivas não permitem o somno. Os ambiciosos dormem pouco, os soberanos que se occupão de objectos de grande interesse soffrem frequentemente insomnias rebeldes. Voltaire disse que os tyrannos nunca dormem. As outras causas da privação do somno são: o ruido, a luz, as dôres externas locaes e muitas molestias internas. Emquanto tudo repousa na natureza, os infelizes doentes velão para soffrerem.

O *tratamento* da insomnias consiste em removerem-se as causas que a produzirão. Um exercicio moderado do corpo e do espirito, a tranquillidade da alma, o silencio e a escuridão, uma temperatura branda,

um banho morno, uma quantidade moderada de alimentos, bebidas pouco excitantes, taes são os meios naturaes para se obter o repouso da noite. A embriaguez causa somno, mas não acreditamos que haja quem queira recorrer a este expediente para provoca-lo. O passeio antes da hora de deitar-se póde favorecê-lo. Quando a insomnia é um symptoma de molestia, desaparece com ella. Emquanto aos medicamentos narcoticos, como o opio e o acetato de morphina, que se administrão, o primeiro na dóse de um a dous grãos, e o segundo de meio a um grão, não se deve recorrer a elles senão quando os meios hygienicos que temos indicado não produzem o effeito desejado.

Eis-aqui as receitas das preparações para provocar o somno. Póde-se usar de qualquer dellas.

- 1.^a Emulsão de amendoas doces 4 onças.
 Acetato de morphina 1/4 de grão.
 Xarope de flór de laranja 1 onça.

Misture. Toma-se esta poção toda, de uma vez, no momento de deitar-se.

- 2.^a Chá d'herva cidreira 4 onças.
 Laudano de Sydenham 20 gottas.
 Assucar 1/2 onça.

Misture. Toma-se toda a porção no momento de deitar-se.

- 3.^a Opio 3 grãos.
 Faça 3 pilulas.

Para tomar 1 pilula de noite; e se uma não provocar o somno, tome-se segunda.

INTERMITTENCIA. *Veja-se* APYREXIA, Vol. I, pag. 132.

INTERMITTENTE (FEBRE). *Veja-se* Vol. II, pag. 229.

INTESTINOS. Na sua significação mais extensa, o intestino designa todo o canal alimentario desde a bocca até ao anus; mas ordinariamente esta palavra exprime a porção do conducto digestivo que existe no ventre, o qual, principiando no estomago, se es-

tende, depois de um grande numero de circumvoluções, até ao anus; é o que se chama vulgarmente *tripas*. No homem adulto, seu comprimento varia de quatro a cinco vezes o comprimento do corpo, isto é, de vinte e cinco até trinta pés. O intestino se divide em delgado e grosso. O primeiro é formado de tres partes: o *duodeno* que faz a continuação do estomago, o *jejuno* que segue depois, e o *ileo* que termina a porção delgada do tubo digestivo. O intestino grosso compõe-se tambem de tres partes: o *ceco* que succede ao ileo, depois o *colon*, e emfim o *recto*, que acaba entre as duas nadegas pela abertura chamada *anus*. Como se vê, estas partes que tomão differentes denominações, compoem um só orgão. É uma só rua, que muda muitas vezes de nome.

INFLAMMAÇÃO AGUDA DOS INTESTINOS. Esta molestia, que se chama em medicina *enterite aguda*, consiste na vermelhidão da membrana interna dos intestinos; ao mesmo tempo os intestinos ficão mais espessos e molles. A's vezes formão-se feridas ou ulcerações nos intestinos e sahe pus com os excrementos.

As *causas* da inflammação aguda dos intestinos são: o uso de alimentos indigestos, de carnes salgadas, de peixe moído, de fructas verdes, de aguas insalubres, a ingestão de venenos corrosivos, dos purgantes mui violentos, pancadas sobre o ventre, a supressão subita da transpiração, e outras muitas causas que não podem ser determinadas.

Symptomas. A molestia é ordinariamente precedida de cansaço geral; succede frequentemente a uma indigestão; logo sobrevém calafrios, uma dôr surda no embigo, a qual augmenta pela compressão, e todo o ventre fica dolorido. No principio da molestia existe prisão do ventre, depois diarrhéa acompanhada de colicas violentas. A lingua está secca no centro, rubra nas margens, a sêde é viva, as oucinas vermelhas, o pulso frequente. Se a inflammação é mui violenta ou mal tratada, o ventre augmenta de volume, a lingua fica mais secca e torna-se preta, o pulso fica fraco e mais frequente; as evacuações alvinas de um

fedor insupportavel, sahem involuntariamente; sobrevem delirio e o doente succumbe.

Nos casos menos graves (e estes são muito mais communs), ou se a molestia foi bem tratada, a febre diminue, as dôres tornão-se menos vivas, as evacuações menos liquidas e menos repetidas, a pelle fica humida, tudo annuncia, n'uma palavra, uma melhora, que sendo bem dirigida, conduz o doente em pouco tempo á cura.

Tratamento. O tratamento da inflammação aguda dos intestinos consiste principalmente na applicação de bichas no ventre, cataplasmas de linhaça, clysteres de linhaça, bebidas compostas de cozimento de arroz ou de linhaça, semicupios d'agua quente e dieta rigorosa. As fricções no ventre com o linimento seguinte são mui uteis:

Balsamo tranquillo	2 onças.
Laudano de Sydenham	1 onça.

Misture e faça tres fricções por dia, usando, para cada fricção, de meia colher de sopa deste linimento.

INFLAMMAÇÃO CHRONICA DOS INTESTINOS. Succede a uma inflammação aguda, ou é primitiva, e neste ultimo caso seu principio é muito obscuro. As pessoas que são affectadas desta molestia sentem dôres surdas no ventre, uma fraqueza geral, alternativas de prisão de ventre e de diarrhéa, e emmagrecem. Acontece em certos casos que os alimentos atravessão o tubo digestivo sem serem digeridos. Depois de feita a digestão, os doentes ficão bastante socegados, mas a dôr augmenta depois da comida, e sobretudo depois da ultima; então sobrevem tambem calor da pelle e frequencia do pulso.

O *tratamento* da inflammação chronica dos intestinos consiste principalmente na escolha de um bom regimen. É preciso comer cousas que deixem pouco residuo: taes são as carnes de gallinha, de frango, peixe, ovos, arroz, leite; convém evitar a hortaliça e a carne de vacca. Um caustico applicado no ventre constitue um bom remedio contra esta molestia.

FERIDAS DOS INTESTINOS. *Veja-se* Vol. II, pag. 244.

DÔR NOS INTESTINOS. *Veja-se* COLICA, Vol. I, pag. 397.

VERMES NOS INTESTINOS. *Veja-se* VERMES.

IODO. Corpo simples obtido de plantas marinhas, do genero *fucos*. É solido, em escamas de côr negra cinzenta, de um brilho metallico, cheiro d'agua de Labarraque e sabor acre; pouco soluvel n'agua, mais soluvel no alcool e no ether; deliquescente. O iodo e seus compostos são empregados com vantagem na papeira, escrophulas, engurgitamentos das mamas e dos testiculos, tumores brancos, syphilis inveterada, etc. Em todos os casos, é preciso ter muita cautela na sua administração, porque é um veneno mui irritante, um corrosivo mui energico; deve-se cessar o seu emprego logo que se veja sobrevir o emmagrecimento do corpo. O iodo administra-se internamente em sórma de *tintura*, na dóse de 4 a 20 gottas por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

IODURETO DE POTASSIO. *Veja-se* HYDRIODATO DE POTASSA. Vol. II, pag. 379.

IPECACUANHA. *Veja-se* POAYA.

IRRITAÇÃO. Por esta palavra designa-se o primeiro gráo de exaltação das propriedades vitaes de uma parte qualquer do corpo. A irritação é de alguma sorte o primeiro periodo da inflammação com affluxo de sangue; seu character mais essencial consiste em não produzir immediatamente nenhuma modificação apreciavel dos tecidos; só suas funcções parecem experimentar alguma desordem.

A irritação pôde ser produzida por varias causas; por exemplo: um grão de arêa entra no olho, irrita-o, o olho lagrimeja, fica vermelho; o que prova que a acção vital está augmentada nesta parte. Da mesma maneira um vomitorio irrita o estomago, um purgante irrita os intestinos, vapores acres irritão os pulmões e produzem a tosse, etc., etc.

Segundo o que acabamos de dizer, está claro que a primeira cousa que se deve fazer na irritação consiste em remover a causa que a produziu, e, cessando

esta, quasi sempre cessa o mal. Se entretanto se recorresse a isso mui tarde, e se a irritação já tivesse feito progressos, existiria então *inflammção*, e a medicação mais conveniente seria aquella que se chama *antiphlogistica*. (Veja-se INFLAMMAÇÃO.)

J

JABOTICABA. Fructo da Jaboticabeira (*Eugenia cauliflora*, Decandolle), de cõr purpurea roxa, de sabor acidulado e doce. Os doentes affectados de febre podem chupar este fructo com vantagem.

JALAPA. (*Convobulus jalapa*, Linneo.) Planta que dá no Mexico. Sua raiz se emprega como purgante energico. Esta raiz fresca é fusiforme, arredondada, carnosa, branca e lactescente: no commercio acha-se em talhadas ou rodellas compactas, pardo-escuras por fóra, esbranquiçadas ou amarelladas por dentro, com linhas concentricas; superficie enrugada, fractura lisa, ondulada com pontos brilhantes, sabor ao principio fraco, depois acre; cheiro nauseante.

A raiz da jalapa administra-se como purgante em pós ou em pilulas na dóse de 12 a 36 grãos. Extrahe-se desta raiz uma resina, cujas propriedades purgativas são muito mais violentas, e que se dá na dóse de 4 a 10 grãos.

JAMBO. Fructo de *jambosa vulgaris*, Decandolle, arvore do Brasil; é de cõr rosea e tem um cheiro e gosto agradável de rosa.

JAMBO BRANCO. Fructo de *psidium albidum* de uma grande arvore do Brasil. Contém um succo refrigerante, util nas febres.

JAPECANGA. (*Herreria salsaparrilha*, Martius.) Planta trepadeira do Brasil. Caule espinhoso, folhas

ellipticas, lanceoladas, em fôrma de fasciculo; raiz multiplice, da grossura de um dedo, fusiforme, amarello-escuro por fóra, carnosa, branca interiormente; medutulo branco e mais duro do que a parte exterior; sabor da raiz mucilaginoso e um pouco amargo. Dá-se tambem o nome de japecangas a varias especies de *smilax*.

A raiz de japecanga é aconselhada nas molestias syphiliticas e dartsosas; é considerada por algumas pessoas como gozando das mesmas propriedades que a salsaparrilha. Usa-se na fôrma de cozimento, o qual se prepara com meia onça de raiz de japecanga e 12 onças d'agua. Esta porção, adoçada com assucar, bebe-se no decurso de um dia.

JEQUITIBA. (*Pixydaría macroparpa*, Schott.) Arvore do Brasil. Sua casca emprega-se em medicina. Esta casca é grossa, dura, vermelho-escuro, de sabor amargo e um pouco adstringente.

Com a casca de jequitiba preparão-se cozimentos adstringentes, que se empregão em banhos nas inchações das pernas e das outras partes do corpo. Para 16 onças d'agua é preciso 1 onça de casca de jequitiba.

JOELHO. Assim se chama a articulação ou a junta da perna com a coxa. Esta junta resulta do contacto da extremidade inferior do femur (osso da coxa) com a extremidade superior da tibia (cannéla, osso da perna) e a face posterior da *rotula* ou rodella. Estes ossos são reunidos por um certo numero dos ligamentos mais fortes. A *rotula* é um osso redondo que fôrma uma pequena proeminencia na parte anterior do joelho. Vamos descrever as principaes molestias do joelho.

DESLOCAÇÃO DO JOELHO. Nas deslocações que podem ter lugar no joelho em consequencia de quéda ou de uma violencia qualquer, umas vezes a extremidade superior da tibia (osso da perna) se dirige para diante ou para trás, o que se chama *deslocação do joelho para diante* ou *para trás*; outras vezes a deslocação da tibia tem lugar lateralmente e constitue a

deslocação interna ou externa do joelho: estas ultimas são sempre incompletas, isto é, os ossos não largão inteiramente as superficies articulares.

Na luxação *para trás* a extremidade inferior do osso femur é mui saliente, a rotula fica abaixada; emfim, existe uma depressão manifesta debaixo da rotula em lugar da proeminencia que deveria formar a tibia.

Na deslocação *para diante* sente-se anteriormente e em baixo da rotula uma proeminencia anormal formada pela extremidade superior da tibia; a rotula mais elevada que de costume está inclinada á direita ou á esquerda.

As *deslocações lateraes* são caracterisadas pela proeminencia anormal da tibia, para dentro ou para fóra.

Tratamento. Para reduzir a deslocação do joelho uma pessoa segura na coxa, outra puxa pela perna, primeiro directamente, até que tenha desembaraçado a extremidade superior da tibia, depois dá ao membro sua direcção normal, e ao mesmo tempo uma terceira pessoa, collocada do lado externo do membro, segura com uma mão no femur e com outra na tibia, e puxa-os no sentido contrario, para pôr estes ossos nas suas relações primitivas.

Envolve-se depois o joelho com ataduras molhadas n'agua fria e vinagre, e o doente deve guardar o repouso por muito tempo.

GEITO OU TORCEDURA DO JOELHO. Não offerece nada de particular. *Vêja-se* TORCEDURA.

QUÊDA SOBRE O JOELHO. O resultado ordinario da queda sobre o joelho é uma *contusão*. O tratamento se compõe de applicação no joelho de pannos molhados n'agua fria, e depois de cataplasmas frias de farinha de trigo e de vinho tinto; ás vezes é necessario applicar bichas. *Vêja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

FERIDA DO JOELHO. *Vêja-se* JUNTA (FERIDA DA).

INFLAMMAÇÃO DO JOELHO. *Vêja-se* JUNTA.

TUMOR BRANCO DO JOELHO. *Vêja-se* TUMOR BRANCO.

JULEPO. Palavra de origem arabica, que serve para designar as poções adoçantes e calmantes que

se empregão nos defluxos e outras affecções do peito acompanhadas de tosse. O mais simples julepo é a mistura de uma chicara de chá de flôres de malvas com duas a tres colheres de xarope de gomma e uma colher d'agua de flôr de laranja. Ajunta-se-lhe ás vezes uma colher de xarope de diacodio, para provocar o somno durante a noite.

JUNIPERO. *Veja-se* ZIMBRO.

JUNTA ou ARTICULAÇÃO. Chama-se *junta* ou *articulação* a reunião de dous ou muitos ossos. As juntas podem ser moveis e immoveis. Os exemplos das juntas moveis são: o hombro, o cotovello, o punho, o joelho, as juntas dos dedos, da coxa, do pé, etc. As juntas immoveis são as dos ossos do craneo, das vertebraes, dos dentes, etc.

Varias molestias tem lugar nas juntas; indicamos as mais frequentes:

1.º ANKYLOSE. *Veja-se* Vol. I, pag. 112.

2.º CONTUSÃO DA JUNTA. Esta lesão é resultado de pancadas e quedas sobre as juntas. A primeira cousa que se deve fazer é applicar no lugar offendido pannos molhados n'agua fria. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 425.

3.º DESLOCAÇÃO. *Veja-se* Vol. II, pag. 35.

4.º DÔR NAS JUNTAS. *Veja-se* RHEUMATISMO.

5.º FERIDAS DAS JUNTAS. Distinguem-se em feridas *penetrantes* e *não penetrantes*. Nas primeiras o interior da junta está exposto ao contacto do ar, nas segundas só a pelle exterior acha-se ferida. As feridas penetrantes são muito mais graves do que as não penetrantes; estas ultimas não exigem curativo particular. Pelo contrario, as feridas penetrantes das juntas são muito perigosas, por causa da entrada do ar na cavidade articular. Este ar irrita as superficies articulares e occasiona uma suppuração de má natureza.

Conhece-se que uma ferida feita n'uma junta é penetrante pela inspecção da ferida, pela fórma do instrumento vulnerante, pela sua direcção, e sobretudo pelo escorrimento de um liquido limpido e

viscoso como clara de ovo, que se chama *synovia*, e que é destinado a lubrificar o interior da junta.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer n'uma ferida penetrante ou não penetrante da junta é reunir immediatamente as margens da ferida, por meio de emplasto adhesivo ou de encerado inglez; e depois da reunião, devem se fazer applicações continuas de pannos molhados n'agua fria. O doente deve ficar em repouso absoluto ao menos durante oito dias. Se sobrevier uma inflammação caracterizada por dôr, inchação, e ás vezes vermelhidão da articulação, é preciso applicar dez a doze bichas e depois cataplasmas de linhaça.

6.º GOTA. *Veja-se* Vol. II, pag. 328.

7.º HYDROPSIA DA JUNTA. Esta palavra designa uma accumulção anormal de serosidade n'uma junta. Esta molestia pôde atacar todas as juntas, mas apparece principalmente no joelho.

Causas. As causas das hydropsias das juntas são externas ou internas. Entre as primeiras se devem citar as contusões, os esforços violentos, as torceduras, as deslocções, as feridas penetrantes das juntas, etc. As causas internas são: o rheumatismo, a gota, escrophulas, syphilis, o desaparecimento subito de alguma empigem, a suppressão da transpiração, etc.

Symptomas. A hydropsia da junta forma um tumor molle, acompanhado de fluctuação, sem mudança de côr na pelle. Sem dôr, ou apenas dolorosa, impede pouco os movimentos da articulação, e só incommoda quando adquire um grande volume. Quando se comprime este tumor, cede, mas não conserva a impressão do dedo.

Esta molestia sobrevem lentamente e se desenvolve sem que o doente o saiba; mas ás vezes apparece com muita rapidez, sobretudo depois do rheumatismo agudo.

Tratamento. No principio da molestia convém applicar algumas bichas ao redor da junta, e administrar um purgante. Alguns dias depois, é preciso

applicar um caustico sobre a junta e repetir este meio duas ou tres vezes por dia; depois disto, fazer fricções sobre a junta com o unguento seguinte :

Unguento mercurial	1 onça.
Extracto de scilla	24 grãos.

Misture e faça duas fricções por dia, com o tamanho de uma azeitona deste unguento. — Este unguento produz ás vezes salivação; se ella sobrevier, convém parar com as fricções.

Quando nenhum dos meios produzir o effeito desejado, é preciso evacuar o liquido, fazendo uma punção na junta.

8.º INFLAMMAÇÃO DA JUNTA. As causas da inflammação da junta são pancadas, quedas, máos geitos, violencias exteriores, feridas, fracturas das juntas. Esta molestia tambem póde desenvolver-se sem causa apreciavel.

Symptomas. Os symptomas da inflammação da junta consistem em uma dôr mais ou menos viva, na inchação da junta doente, na vermelhidão e calor da pelle, na difficuldade e ás vezes impossibilidade absoluta de mover a junta. Nos casos mais graves, quando a inflammação é mui intensa e occupa uma grande articulação, a dôr é ás vezes intoleravel, e manifesta-se febre: o pulso torna-se frequente, a sêde grande, a pelle quente, o appetite desaparece, nauseas e ás vezes vomitos se declarão; o doente não póde dormir; e se a inflammação vai augmentando, o delirio vem ás vezes ajuntar-se aos phenomenos precedentes.

Emfim, quando a inflammação se prolonga, forma-se ás vezes suppuração no interior da junta. Então a dôr diminue, apparece a fluctuação, e a pelle fica delgada.

Tratamento. Depois de quedas sobre as juntas, torceduras ou outras causas semelhantes, é preciso prevenir a inflammação mergulhando a junta n'um vaso cheio d'agua fria, ou applicando ao redor da junta pannos molhados n'agua fria. O repouso, a dieta e o uso de limonadas de limão ou de cozimento de cevada, completão estes primeiros soccorros.

Quando sobrevem dôr e calor da junta, é preciso applicar oito a doze bichas ou ventosas sarjadas ao redor da junta, e depois cataplasmas de linhaça. Se existe febre, é preciso ás vezes fazer uma sangria do braço.

Se se formar uma postema no interior da junta, é preciso abri-la com bistóri.

9.º RHEUMATISMO. *Vêja-se* o artigo RHEUMATISMO.

10.º TORCEDURA. *Vêja-se* o artigo TORCEDURA, no 3.º volume.

K

KERMES MINERAL ou **HYDROSULFATO D'ANTIMONIO**. Pós de côr roxa vermelha, de aspecto avelludado, inodoros quando estão perfeitamente seccos, de cheiro um pouco sulfuroso quando estão humidos; insoluveis n'agua. Expostos ao ar e á luz, perdem a côr vermelha e o aspecto avelludado.

Em dôse pequena (4 a 4 grãos), em pós, pilulas ou n'uma poção, o kermes favorece a expectoração e emprega-se nos catarrhos pulmonares, asthma e outras molestias do peito. Este medicamento produz ás vezes vomitos.

KYSTO. Designão-se debaixo do nome de kystos uns sacco membranosos, sem abertura, de fôrma arredondada, desenvolvidos accidentalmente na espessura dos tecidos, e contendo substancias de diversas naturezas liquidas ou solidas. Os kystos se encontram em todas as regiões do corpo, e principalmente na pelle da cabeça. Estes tumores não produzem dôr nenhuma, e só podem incommodar se são mui volumosos. O tratamento consiste em fazer uma incisão sobre a pelle, separar o kysto das partes vizinhas e extrahi-lo inteiro, o que é facil e pouco doloroso. Convém não deixar porção nenhuma do sacco, por-

que sem este cuidado o tumor se reproduziria. Quando o kysto é volumoso e se acha em região onde não é possível separa-lo das partes vizinhas, o tratamento consiste em furar o kysto, deixar sahir a materia que contém, e injectar dentro do sacco um liquido irritante, tal como a tintura de iodo, que determina a inflammação adhesiva das paredes do kysto, e produz a cura.

L

LACRAIA. Este insecto, cujas picadas produzem uma grande inflammação, é commum no Rio de Janeiro; habita de preferencia os lugares sombrios e humidos. Quando alguma pessoa é picada por lacraia, deve immediatamente lavar a ferida com agua fria, e applicar o mais breve possível dentro della algumas gottas d'alcali volatil, por meio de um palito. Depois disto, far-se-hão applicações de pannos molhados n'agua fria. Se a ferida ficar vermelha e dolorosa, é preciso parar com as applicações d'agua fria, e substitui-las por cataplasmas de linhaça.

LAGOSTA. Caranguejo do mar. A concha desta grande especie é roxa-azulada e fica vermelha pela cocção. As lagostas tem a carne branca, firme, saborosa, mas um pouco difficil de digerir.

LAMBEDOR. Medicamento liquido composto da infusão de alguma planta e de algum xarope. Dá-se tambem o nome de lambedor a um simples xarope, uma emulsão, um loock, ou alguma outra poção adoçante.

LANÇADA. *Veja-se FERIDA.*

LARANGEIRA. Esta arvore, originaria da China, é cultivada nas regiões quentes do globo. Todas as

partes da laranjeira são uteis. Suas folhas, que são dotadas de um cheiro agradável, usão-se em infusão, como sudorificas e antispasmodicas. Devem ser colhidas no seu maior estado de verdura; rejeitar-se-hão as que houverem envelhecido na arvore. Suas flôres, que são brancas e cheirosas, servem para fazer uma agua distillada mui suave, que se emprega na arte culinaria como tempero agradável, e em medicina como antispasmodico. Extrahese igualmente das flôres pela distillação um oleo volatil que tem o nome de *neroli*, e que entra na preparação da agua de Colonia. Emfim a laranja, um dos mais bellos e dos mais saborosos fructos que se conhecem, é coberta de uma casca amarella, que dá pela expressão uma grande quantidade de oleo volatil que tem o nome de *essencia de Portugal*. O sumo interno do fructo é acido doce, e serve para a preparação da *laranjada*, bebida mui temperante e mui refrigerante. Com a casca das laranjeiras azedas prepara-se um licôr de mesa chamado *coração*. Esta parte do fructo tem um sabor aromatico e amargo; ella secca, e dá-se então em pó como tonico e estomachico; faz-se tambem com a casquinha de laranja um chá que goza de propriedades estimulantes, e que se administra para provocar a transpiração. As laranjas servem tambem para a preparação de uma especie de vinho, de um sabor agradável, mas que não pôde ser conservado longo tempo.

LARYNGE. Esta palavra designa um canal membranoso-cartilaginoso, situado na parte anterior do pescoço, diante do pharynge. Este canal serve de conducto para o ar que entra e sahe dos pulmões, e serve tambem para a producção da voz.

FERIDAS DO LARYNGE. *Veja-se FERIDAS DO PESCOÇO.* Vol. II, pag. 247.

CORPOS ESTRANHOS NO LARYNGE. *Veja-se* Vol. I, pag. 463.

LASCAS e outros corpos pontudos que entrão na carne. Acontece frequentemente entrarem na pelle das mãos, dos pés ou das pernas alguns corpos pon-

tudos, como espinhos de rosas, lascas de lenha, pedaços de osso, de agulha, etc. Se estes corpos são extrahidos logo na occasião, o accidente não tem consequencia nenhuma; mas se não podem ser extrahidos, sobrevem logo uma inflammação e depois forma-se uma postema.

Para prevenir este resultado, é preciso fazer immediatamente uma pequena incisão para facilitar a extracção do corpo estranho. Se isso não tem lugar, é necessario applicar cataplasmas de fariouha de linhaça. Se se forma uma postema, convém abri-la com uma lanceta; então o corpo estranho sahe com a suppuração.

LATÃO. *Veja-se* COBRE.

LATEJAR. Diz-se que a dor é *latejante* ou *pulsativa*, quando é acompanhada de pulsação na parte dolorosa. Ordinariamente este sentimento annuncia a formação de pus. *Veja-se* POSTEMA.

LAUDANO, *laudanum* em latim. Esta palavra vem de *laus* louvor, como para designar um medicamento que merece grandes elogios. O *laudano liquido de Sydenham* é mui frequentemente empregado em poções ou em clysteres como calmante, na dóse de 10, 20 e 40 gottas; deve suas propriedades ao opio que entra na sua composição. O *laudano de Sydenham* é um liquido de côr vermelha escura, de cheiro d'acafrão; prepara-se nas boticas pela maceiração de opio, cannela, açafrão e cravo da India em vinho de Malaga. Vinte gottas de *laudano* contém 1 grão de opio.

LAVATORIO ou LOÇÃO. Acção de lavar uma parte qualquer do corpo com um panno ensopado n'um liquido, tal como a agua simples, fria ou quente, uma infusão, uma decocção, ou qualquer outro liquido mais ou menos composto, conforme o effeito que se deseja obter. Em pharmacia chamão-se tambem loções uns liquidos que servem para lavar uma parte do corpo.

LAXANTES. *Veja-se* PURGANTES.

LAZARO. *Veja-se* MORPHÉA.

LEICENCO. *Veja-se* FRUNCHO. Vol. II, pag. 293.

LEITE. O leite é um liquido segregado pelas glandulas mammaes das femeas dos animaes mammi-feros, e destinado a constituir o primeiro alimento de seus filhos. Homogeneo no momento de sua sahida das mammas, não tarda em alterar-se e em separar-se em tres substancias mui distinctas : esta separação é tanto mais completa quanto mais largo fôr o vaso, mais perfeito o repouso e a temperatura mais vizinha de 8 a 10 grãos do thermometro Réaumur.

Fallemos em primeiro lugar do *leite de vacca*. O leite deixado em repouso cobre-se de uma camada mais ou menos espessa de uma materia gorda, mais amarella que o leite e mais consistente; é a nata, que deve suas propriedades á manteiga que contém. O leite separado da nata se decompõe em *caseo*, que se precipita lentamente debaixo da fórma de flocos brancos e em um liquido chamado *soro de leite*. Com o *caseo* se fabrica o *queijo*.

A nata que se tira do leite emprega-se para fazer manteiga. Para isso põe-se a nata n'uma especie de barril, em que é submettida a uma violenta agitação, por meio da qual a manteiga se separa, e fica um liquido, chamado leite de manteiga, empregado como emolliente. O leite privado da nata é mais fluido e de côr branca azulada. Póde-se coalhar espontaneamente com uma rapidez mui variavel, conforme as circumstancias de temperatura e o estado electrico do ar; todos sabem com que facilidade o leite coalha em occasião de tempestade. Sendo submettido á acção do calor, cobre-se de uma pellicula de caseo coalhada que augmenta rapidamente de espessura a ponto de pôr obstaculo ao desenvolvimento dos vapores no ar. Estes vapores sendo retidos por esta pellicula, chamada impropriamente nata, levantão-na e fazem o leite vir acima.

A presença de um acido nunca deixa de fazer coalhar o leite; a sua decomposição espontanea procede do desenvolvimento do acido lactico. Mas de

todos os meios empregados para se obter a separação completa do caseo, o melhor é o uso do *coalho*, substancia que se tira dos estomagos das vitellas e dos cordeiros que ainda mamão, e cuja base é formada por leite coalhado. O liquido que fica depois da separação do *caseo* chama-se *soro de leite*. Contém acido lactico, assucar de leite e alguns saes que são chlorureto de sodio, lactatos, phosphatos e sulfatos de potassa, de soda, de magnesia e de ferro.

Tal é a composição do leite de vacca, que póde variar muito. Entre as causas da variação da composição do leite, a primeira é a época do parto. Pouco tempo antes e depois deste termo, o leite é meio transparente, amarellado, viscoso, de sabor pouco agradável. A proporção que a época do parto é mais remota, o leite adquire as qualidades do leite ordinario.

Uma segunda circumstancia que obra poderosamente sobre a proporção dos elementos do leite é o intervallo que se põe no ordenhar a vacca. O leite de uma vacca, ordenhada uma vez em vinte e quatro horas, é menos abundante e mais rico em manteiga do que aquelle que se obtem mungindo até tres vezes no mesmo espaço de tempo. Na mesma operação, o primeiro leite é sempre mais seroso do que o ultimo, que se approxima do estado de nata pura. Emfim, o leite das tetas posteriores contém maior quantidade de substancia nutritiva do que o fornecido pelas tetas anteriores.

A alimentação influe tambem muito sobre a modificação do leite. Sabe-se que a losna torna-o amargo, que o thymo, o alho lhe communicão o seu cheiro; a graciola dá-lhe uma propriedade purgativa; a ruiva dos tintureiros torna-o avermelhado. Uma alimentação abundante, solida e tonica, augmenta-lhe a qualidade e a quantidade.

Leite de mulher. É mais transparente e mais doce do que o leite de vacca. Não ha leite mais susceptivel de variação na sua composição do que o de mulher. Não só a idade, o temperamento, o regimen modi-

ficão as qualidades do leite, mas também as emoções moraes. O pezar torna o leite mais fraco; a colera lhe dá instantaneamente propriedades tão más, que existem muitos exemplos de crianças mortas de convulsões por terem mamado um leite alterado recentemente por um accesso de colera. Algumas substancias gozão da propriedade de augmentar o leite, taes são as ervilhas e a cangica. Emfim, a ultima circumstancia que altera profundamente as propriedades do leite é a concepção; bem que ha mulheres que continuão a dar de mamar com bom exito durante a gravidez, é muito mais commum conhecer este estado pelo damno que experimenta a criança.

A menstruação parece que exerce uma acção analoga sobre o leite, com esta differença, que a alteração que disso resulta é passageira, em vez de ser duradoura como a que provém da gravidez.

O *leite de burra* é aquelle que de todos mais se aproxima do leite de mulher.

O *leite de ovelha* é analogo ao leite de vacca.

O *leite de cabra* parece-se também com o leite de vacca emquanto á cor e á consistencia; mas tem quasi sempre uma catinga que repugna.

Usos do leite. Não nos occuparemos aqui do leite considerado como alimento exclusivo da primeira infancia; o artigo AMAMENTAÇÃO (Vol. I, pag. 82) contém tudo o que é util saber-se a este respeito. Nas idades seguintes esta substancia entra ainda em proporção bastante grande na alimentação, para que seja necessario conhecer a influencia que exerce sobre a economia. O leite é emolliente e relaxante; dispõe á gordura. Nem todos os estomagos se dão bem com elle. Quando não se póde digerir puro, a addição de chá da India ou de café remedêa este inconveniente. O leite é mui util nas molestias chronicas do peito e dos intestinos. Existem casos de gotas, de epilepsias e de hydropisias curadas pelo uso exclusivo do leite continuado com perseverança.

FALSIFICAÇÃO DO LEITE. As vezes o leite é sophisticado com polvilho, fecula de batatas, agua de arroz ou

gomma arabia, para ter maior consistencia. Mas estas falsificações são raramente empregadas e são mui facéis de reconhecer : as decocções de feculas deixão sempre globulos nas paredes das vaslhas, sobretudo quando o leite é submettido á ebullicão, e além disso são nocivas á conservaçãõ do leite. A mais frequente sophisticação que fazem os vendedores consiste em tirar a nata que apparece sobre o leite depois de algumas horas de repouso, ou em ajuntar agua ao leite. O leite misturado com agua é mais fluido, azulado sobre as margens, de sabor menos agradável; supporta menos o transporte e altera-se com grande facilidade.

Podem-se conhecer facilmente as diversas qualidades do leite por meio de um instrumento que indica a sua densidade; este instrumento, chamado galactómetro (pessa-leite), e que é analogo ao pesallicôr (arcómetro), é de vidro, e afunda-se tanto menos no leite quanto mais denso é este liquido, e por conseguinte quanto melhor é a sua qualidade.

Em alguns paizes os mercadores de leite, para retardarem a decomposição do leite, conservão-no em vasos de zinco, porque o leite se coalha menos depressa nestes vasos do que nos de folha de Flandres ou de barro. É facil explicar este phenomeno pela facilidade com que o zinco se combina com os acidos; como neste caso o acido lactico pôde se combinar com o zinco do vaso, quando é produzido em pequena quantidade, deve por conseguinte resultar uma demora notavel no espaço de tempo em que este acido tem de achar-se em proporção sufficiente para determinar a decomposição do leite. Sendo porém os saes de zinco todos deleterios, pôde resultar disso um producto que será sem inconveniente em pequena quantidade, mas que em maior porção poderia não ser sem perigo para a saúde.

LENTILHAS DO ROSTO. *Vêja-se SARDAS.*

LEPRA. Os medicos arabes chamãrão assim todas as molestias da pelle caracterisadas por fôrmas horrendas, e o povo dá ainda hoje o nome de lepra ás

sarnas e varias empigens derramadas sobre grande extensão da pelle. Os medicos modernos tem dado á palavra *lepra* sua verdadeira acceção, e tem distinguido cuidadosamente esta molestia da elephantiasis dos Arabes e da morphéa, com as quaes a lepra foi tambem confundida. A alteração da pelle que constitue a *lepra* annuncia-se por pequenas elevações cercadas de pequenas nodoas avermalhadas, luzidias, *circulares* e um pouco proeminentes. A superficie destas elevações, ao principio unida, apresenta no fim de alguns dias, em seu centro, uma pequena *escama* epidermica, branca, meio transparente, lisa, que se solta logo. A superficie destes pontos escamosos, depois de ter sido assim despida uma primeira vez, estende-se progressivamente, *mas sempre conservando uma fórma circular*. Cobre-se de novas escamas delgadas, firmes, brancas escuras, cercadas por uma margem vermelha um pouco elevada, que cahem e são substituidas sucessivamente por outras. As vezes estas laminas leprosas são pallidas, brancas ou vermelhas, o que faz admittir diferentes especies de lepras. Ordinariamente estas laminas orbiculares se mostram ao principio sobre os membros, e com mais frequencia emcima do cotovello ou do joelho, donde se propagação ás vezes por todo o corpo. A lepra pouco extensa só é acompanhada de um leve prurido; mas quando as laminas leprosas são numerosas e profundas, os movimentos tornão-se difficeis, e então existem dôres mui vivas.

As causas e a natureza da lepra não são conhecidas. Tem sido aconselhados para o tratamento desta molestia os meios irritantes e os emollientes; e com effeito, quando não existe inflammação, póde-se, depois de limpar a pelle com lavatorios e banhos mornos, fazer fricções na pelle com uma das pomadas seguintes :

Alcatrão	2 oitavas.
Banha	2 onças.

Misture.

Subcarbonato de potassa	1 onça.
Banha	6 onças.
Flôr de enxofre	1 onça.

Misture.

Sulfureto de potassa	1 onça.
Banha	7 onças.

Misture.

Interiormente tomar os pós seguintes :

Flôr de enxofre	1/2 onça.
Magnesia calcinada	1/2 onça.

Misture e divida em 24 papeis. Tomão-se dous papeis por dia, um de manhã, outro de noite; e por cima de cada papel bebe-se uma chicara de cozimento de fumaria ou de salsaparilha.

É preciso fazer uso de alimentos brandos, de vegetaes, frutas, leite e observar o maior asseio.

LETHARGO. Chama-se lethargo um somno profundo, do qual entretanto não é impossivel tirar os doentes : durante os curtos instantes em que estão despertos, fallão sem saber o que dizem, esquecem o que disserão e recahem no seu somno. Este estado observa-se em varias molestias, que são *commoção cerebral, apoplexia, hystericismo, epilepsia e catalepsia*. Vulgarmente, chama-se lethargo um estado de aniquilação completa de todas as faculdades intellectuaes, o qual é a imagem da morte. *Veja-se MORTE.*

LEUCORRHEA. *Veja-se FLÔRES BRANCAS*, Vol. II, p. 271.

LICOR ANODYNO ou **LICOR MINERAL D'HOFFMANN.** *Veja-se ANODYNOS*, Vol. I, pag. 114.

LIMA. Fructo de *Citrus limetta*, Risso, arvore commum no Brasil. Este fructo contém um succo adocicado, ligeiramente acidulo, e pôde ser permittido com vantagem aos doentes affectados de febre, porque é um brando refrigerante.

LIMALHA DE FERRO. *Veja-se FERRO.*

LIMÃO AZEDO. O limão azedo é o fructo de uma arvore originaria da Persia, chamada *citrus medica*,

que é cultivada hoje em todas as regiões quentes do globo. Os limões são frequentemente empregados em medicina e na arte culinaria. Servem sobretudo para fazer a *limonada*, que se prepara ordinariamente da maneira seguinte: corta-se em tiras um limão com sua casca, ajuntão-se duas onças de assucar, e deita-se sobre tudo um quartilho d'agua fria. Esta bebida, agradável e refrigerante, convém nas molestias febris, e não é contra-indicada senão existindo tosse. A casquinha de limão fornece, quer por expressão, quer pela distillação, um oleo volatil que é empregado como perfume, ou para tirar as nodoas de gordura das fazendas de seda ou de panno. O chá de casquinha de limão é empregado para provocar a transpiração na constipação e muitas outras molestias.

LIMÃO DOCE. É uma variedade de *citrus limetta*, Risso. Seus usos são os mesmos que os da lima.

LINGUA. Orgão principal da sensação do gosto. A lingua é composta de musculos susceptíveis de lhe dar diversas figuras, de alonga-la, de encurta-la, de curva-la, de lhe dar uma forma de gotteira, etc. A lingua é adherente de tal maneira ao soalho da bocca, e fixada tão fortemente ao queixo, que é impossivel que possa ser engulida; e aqui devemos refutar a fabula que os *negros engolem a lingua*: este facto é anatomicamente impossivel.

Entretanto, muito gente no Rio de Janeiro acredita nesta fabula, e um capitão de um navio me asseverou, que n'uma viagem que fez da costa d'África para o Brasil, lhe morrêrão muitos pretos por terem engulido a lingua. A morte neste caso devia ser attribuida á asphyxia produzida pela falta da renovação do ar no porão do navio, onde costumão ser fechados os pretos, e não á causa que o capitão allegou. Para que a lingua virada para trás possa tapar o gôto e produzir a asphyxia, é preciso primeiro destruir as adherencias della com o queixo, o que não pôde ser feito pela simples vontade; e para provar quanto isto é impossivel, pôde-se dizer

que é mais facil a uma pessoa arrancar-se um dedo da junta, do que rasgar com os proprios esforços as adherencias da lingua. Mas se os musculos que prendem a lingua ao queixo são cortados, a lingua então vira-se para trás, tapa o gôto, e impedindo a entrada do ar no canal aereo, pôde produzir a morte. Pouco faltou para que uma semelhante desgraça acontecesse a um celebre cirurgião em França, que cortava a um doente o osso queixal affectado de cancro. Depois de dividir as adherencias da lingua com o osso, encarregou a outro cirurgião de segurar a lingua com os dedos, antes de fazer as costuras necessarias : largando este a lingua, o doente ia morrer suffocado por ter fugido a lingua para trás, e tapado a respiração. Então o operador, com uma presença de espirito admiravel, apressou-se immediatamente em fazer com um bisturi uma abertura no pescoço, para dar entrada ao ar, e salvou o doente. A operação foi seguida de cura completa.

INFLAMMAÇÃO DA LINGUA. As *causas* da inflammação da lingua são todas as feridas feitas na lingua por um instrumento picante ou cortante, ou por um dente durante o ataque de gota coral. O mercurio, produzindo a salivação, produz tambem a inflammação da lingua. Esta molestia pôde ser tambem occasionada pela extensão da inflammação da garganta, pelo desenvolvimento das bexigas na lingua; pôde depender de embaraço gastrico, e emfim em certos casos sobremem sem causa conhecida.

Symptomas. A inflammação da lingua se manifesta ordinariamente de uma maneira subita. Em algumas horas a lingua incha a ponto de sahir fóra da bocca; sua superficie é coberta de materia esbranquiçada. A deglutição e a falla são difficeis, e depois impossiveis, a respiração estrangida; uma saliva espessa e mais ou menos abundante corre da bocca. Quando a inflammação tem chegado a um certo grão de intensidade, o pulso fica frequente e a pelle quente.

Tratamento. Quando a inflammação é leve, bastão para cura-la cozimento de cevada com sumo de

limão, escaldapés com mostarda, um purgante de 2 onças de sal d'Epsom, e o gargarejo seguinte :

Infusão de salva	22 onças.
Mel rosado	2 onças.

Misture.

Se a inflamação da lingua é intensa, é preciso applicar 8 a 12 bichas debaixo do queixo; e se o ventre não está doloroso, póde-se dar um vomitorio de 24 grãos de poaya em pó, ou de um a dous grãos de tartaro emetico.

O tratamento da inflamação da lingua produzida pelo uso do mercurio acha-se indicado no artigo SALIVAÇÃO.

FERIDAS DA LINGUA. As feridas produzidas pelos instrumentos cortantes são descriptas no artigo FERIDAS, Vol. II, pag. 245. As outras achão-se nos artigos APHTAS, Vol. I, pag. 127; e BOCCA, Vol. I, pag. 218.

CANGRO DA LINGUA. *Veja se* CANGRO, Vol. I, p. 263.

LINHAÇA. Grãos ou sementes de *Linum usitatissimum*, Linneo, planta cultivada na Europa. Estas sementes são pequenas, oblongas, comprimidas, luzidias, de côr roxa, avermelhada no exterior, esbranquiçada no interior; oleaginosas, de sabor adocicado. O oleo e a mucilagem que contém as sementes de linhaça lhes dão qualidades emollientes mui preciosas. O cozimento de linhaça, que se prepara pela simples infusão na agua fervendo, constitue uma bebida emolliente e diuretica, empregada com vantagem em todas as inflamações, e principalmente nas da bexiga e nos esquentamentos. Para fazer esta bebida, basta uma colher de sementes de linhaça para um quartilho d'agua. Para clysteres usa-se a decocção. Esta mesma decocção serve em injecções, em gargarejos, em fomentações, em um grande numero de casos que exigem o emprego dose mollientes. A farinha de linhaça serve para fazer cataplasmas emollientes, que são de uso quotidiano, e que convém em todas as inflamações externas e até internas. *Veja-se* CATAPLASMA, Vol. I, pag. 298.

Eis-aqui as receitas dos principaes medicamentos domesticos que se fazem com a linhaça :

Bebida de linhaça. Deite um quartilho d'agua fervendo por cima de duas colheres de *chá* de sementes de linhaça; infunda por um quarto de hora, cõe e adoce com assucar.

Clyster de linhaça. Ferva por um quarto de hora duas colheres de *chá* de sementes de linhaça em tres chicanas d'agua, e cõe a travéz de um panno.

Cataplasma de linhaça. Farinha de linhaça, á vontade; agua fervendo, quantidade sufficiente. Misture.

LINIMENTO. Medicamento unctuoso, de consistencia média entre a do azeite e da banha, destinado a ser empregado em fricções. Os linimentos compoem-se de oleos ou de banhas, e de uma substancia emolliente, tonica, estimulante, etc., conforme o effeito que se deseja obter. Exemplo de linimentos : oleo camphorado, linimento ammoniacal.

LIPOMO. É um tumor que contém uma substancia gordurosa; é uma especie de lobinho. (*Veja-se LOBINHO.*) O tratamento do lipômo consiste em extirpar este tumor.

LIRIO (*Iris florentina*, Linneo). Planta que dá na Italia, e principalmente nos arredores de Florença; tem flôres branco-amarelladas. Sua raiz, tal como se acha no commercio, é branca, pesada, de sabor acre e amargo, de cheiro de violas. A raiz de lirio reduzida a pó, pura ou misturada com outras substancias, emprega-se como dentifricio.

LITHARGYRIO. *Veja-se CHUMBO*, Vol. I, pag. 357.

LITHOTRICIA. Esta palavra designa a destruição da pedra na bexiga, sem operação sanguenta, por meios mecanicos que reduzem a pedra em pó ou em fragmentos tão pequenos, que se torna facil a sua expulsão pelo canal da uretra. Esta descoberta pertence inteiramente aos modernos. A idéa de destruir mecanicamente as pedras na bexiga devia ter vindo certamente ao espirito de todas as gerações de cirurgiões, mas só foi realisada ha trinta annos. Aos cirurgiões francezes pertence a honra dos pri-

meiros trabalhos racionaes sobre este ponto : o Dr. Leroy foi quem inventou os instrumentos chamados *lithotritores*; o Dr. Civiale foi o primeiro que operou sobre o homem vivo.

No momento da operação, a bexiga deve achar-se distendida. Para este fim, é preciso fazer injecção d'agua morna na cavidade vesical por meio de uma sonda particular que serve ao mesmo tempo para verificar a presença da pedra. Depois de retirada esta sonda, introduz o cirurgião o lithotritor. Às vezes esta introdução é dolorosa, por causa do grande volume dos instrumentos comparativamente á largura do canal, ou por causa da sensibilidade do doente. Quando o instrumento chegou á bexiga, é preciso certificar-se da posição da pedra, e para agarrá-la é necessario abrir e fechar o instrumento muitas vezes e em differentes direcções. O cirurgião julga que a pedra está segura quando o instrumento não póde ser fechado completamente. Então é preciso fixa-la solidamente entre as divisões do lithotritor e proceder á sua destruição.

Os meios de destruição que se empregão referem-se aos dous pontos seguintes : 1.º, instrumentos que raspão e reduzem pouco a pouco a pedra em pó ; 2.º, instrumentos que a quebrão.

Quando a pedra tiver sido quebrada, é preciso segurar os differentes pedaços para tornar a dividi-los e facilitar a sua expulsão. Isso se faz no mesmo dia ou em dias afastados. Depois de cada operação, o instrumento deve ser fechado exactamente e tirado com lentidão e cautela. O doente toma um banho d'agua quente e fica na cama. Alguns doentes supportão tão facilmente a lithotricia, que podem ir apresentar-se ao medico e voltar para casa depois da operação. As operações se repetem com intervallos mais ou menos longos, conforme o volume da pedra e a sensibilidade dos doentes.

Em algumas circumstancias, a lithotricia é uma operação pouco dolorosa, de duração curta e mui innocente; mas ordinariamente produz dôres vivas

e constitue uma operação longa e penosa. Entretanto é uma das mais bellas conquistas da cirurgia, mas nem sempre pôde substituir a operação que consiste em extrahir a pedra por meio da incisão e que se chama *lithotomia*. *Veja-se* o artigo PEDRA.

LITTERATOS (HYGIENE E MOLESTIAS DOS). *Veja-se* o artigo PROFESSÕES.

LOBINHO, LUPIA. Tem-se dado geralmente este nome a tumores nascidos por baixo da pelle indolentes, circumscriptos, moveis, susceptiveis pela maior parte de adquirir um volume consideravel. Uns são formados por um sacco que contém um fluido analogo, por sua consistencia, á clara de ovo, ou uma materia semelhante ao mel, ou uma substancia que foi comparada ás papas; outros são substituidos por uma substancia gordurosa mais ou menos consistente. Estes tumores podem desenvolver-se em todas as regiões do corpo, mas com especialidade na cabeça e no rosto. Suas causas são mui obscuras; parece que é necessaria uma predisposição para as pancadas poderem produzi-los. O lobinho simples não é perigoso por si, mas pôde-se tornar mui incommodo ou produzir grande deformidade. Alguns lobinhos, e principalmente os que affectão as palpebras, são facéis de desaparecer espontaneamente; mas no maior numero de casos persistem, e os doentes são obrigados a reclamar os soccorros da arte. A ablação dos tumores é o meio mais certo da cura; deve-se contar pouco com os effeitos dos emplastros ou pomadas em que algumas pessoas tem confiança.

LOCHIOS. *Veja-se* PARTO.

LOMBRIGAS. *Veja-se* VERMES INTESTINAES.

LONGEVIDADE. Longa vida. O termo ordinario da vida do homem que chega á velhice é de 80 annos, mas um grande numero de exemplos antigos e modernos demonstrão que este termo está bem longe de ser absoluto, e que a duração da vida da especie humana pôde ser de 150 e até de 200 annos. Citemos alguns exemplos para apoiarmos nossa asserção.

Os patriarchas, cuja longa serie de annos, attestada pelo Genesis, pareceu ser maravilhosa, não terião tido entretanto mais do que esta idade, se fosse provado, como pensa Hensler, que o anno dos primeiros homens até Abrahão se compunha só de tres mezes, de oito depois d'elle, sendo só depois de José de doze mezes. Este calculo reduziria, com effeito, a pouco mais de 200 annos os 900 annos que viveu Mathusalem, o mais velho dos patriarchas. Segundo as pesquisas de Hufeland, acha-se nos Egyptios, Gregos e Romanos, um grande numero de homens celebres que chegarão á idade de 100, de 130 e mais annos. Os tempos modernos offerecem tambem muitos exemplos de longevidade; o celebre Haller cita mais de mil centenarios. Destes exemplos, collidos dos antigos e d'entre nós, se póde concluir que a longevidade não tem épocas, e que em todos os tempos ella tem favorecido os homens pouco mais ou menos em um mesmo gráo.

As differentes *latitudes* do globo não são igualmente favoraveis á prolongação da vida. Os exemplos mais frequentes de longevidade são extrahidos sobretudo das regiões frias, como Suecia, Noruega, Russia, Polonia e Inglaterra; a França, e depois desta os Estados do sul da Europa. Os grandes frios abreviã a vida: sabe-se a este respeito que os povos das regiões polares (os Laponios, Esquimós e outros) vivem mui pouco. Quanto aos paizes intertropicaes, alguns escriptores tem dito que nelles a vida é sempre curta; outros porém, e especialmente o nosso digno collega o Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, referem factos inteiramente contrarios. O distincto medico que acabamos de citar publicou na *Revista medica* do Rio de Janeiro quarenta e cinco casos de Brasileiros que vivêrão mais de 100 annos; neste numero achão-se individuos que contárão 125 e 130 annos. « O grande padre Antonio Vieira, diz o mesmo autor, estava tão persuadido que o Brasil era um paiz tão proprio para se prolongar a existencia, que quando se preparava em Lisboa, já sexagenario, para

de novo voltar á Bahia, e alguém lhe perguntava o que vinha cá fazer, respondia que vinha viver mais 20 a 30 annos: o que com effeito assim aconteceu. » Os viajantes que tem percorrido o Brasil, como os Srs. Augusto de St.-Hilaire, Spix e Martius, tem encontrado muitos velhos; está, por conseguinte, bem provado que nos paizes intertropicaes os homens podem chegar á idade adiantada, como nos climas temperados.

Os paizes e os lugares de qualidades diversas exercem grande influencia na longevidade. Os campos abertos e férteis, as montanhas de uma elevação não excessiva, os paizes seccos, a favorecem singularmente. Os lugares baixos, as regiões humidas e pantanosas, as grandes cidades, abrevião, pelo contrario, a duração da vida humana. Debaixo das primeiras condições, encontra-se um grande numero de velhos; assim Hufeland cita uma aldeã *Remda* perto de Iena, em Allemanha, na qual os homens vivem tanto, que apenas morre todos os annos um individuo sobre 60. Sabe-se, pelo contrario, que nas grandes cidades, principalmente Londres e Paris, acha-se um centenário ao mais sobre 3,000 individuos, entretanto que a proporção geral é para o campo de um sobre 1,400. A *humidade* dos terrenos, considerada em particular, diminue sensivelmente a duração da vida. Conhece-se a triste mortandade dos paizes pantanosos, daquelle onde se cultiva o arroz, dos matos virgens da Guyana; e em Hollanda, apesar de todas as medidas de salubridade de um povo civilizado, morre todos os annos um individuo sobre 24, entretanto que nos paizes vizinhos esta proporção é de 1 para 26, e que se acha assaz universalmente de 1 para 33.

Das *raças de homens*, a raça arabe, européa ou caucasica é a que vive mais longo tempo. Depois della a raça mongola, sobretudo na India e na China, onde a brandura dos costumes e a uniformidade dos usos da vida parece que prolongão a sua duração. As raças negra e polar vivem menos.

O *estado social* não deixa de ter influencia na prolongação da vida. Tornando-se feliz, cercandose de luxo, o homem abrevia consideravelmente a vida; mas desta observação verdadeira não se pôde concluir, como tem feito alguns, que o estado selvagem pôde ser favoravel á longevidade. Esta vida contra a natureza expõe o homem a muitos perigos e fadigas para poder prover ás suas necessidades: sobrecarregando-o de miseria, condemna-o a uma morte prematura. Assim, os dous extremos abrevião a vida e o grão medio de civilisação se mostra mais favoravel á sua duração.

As pessoas idosas encontrão-se commummente entre as *mulheres*. As fadigas da maternidade, as desordens da idade critica fazem perecer sem dúvida um grande numero dellas; mas, passada que seja esta época, a longa persistencia das mulheres faz com que no total ellas gozem de uma vida mais longa do que o homem. Segundo calculos de uma grande exactidão, que estabelecem a duração média da existencia para cada sexo em particular, está demonstrado que existe em favor das mulheres uma differença de quatro annos.

Condições especiaes da longevidade deduzidas das circumstancias da vida. Notaremos entre as principaes: 1.º, *um nascimento feliz e a termo*. Elle suppõe pais sãos, moços e chegados ao complemento do seu desenvolvimento, commummente fixado para os paizes intertropicaes de dezaseis a dezoito annos para a mulher, e de vinte e cinco a trinta para o homem. Sabe-se que os filhos de pessoas muí moças são de uma delicadeza que põe em duvida a possibilidade de sua criação; que os dos velhos nascem enfermos, e que a maior parte dos meninos nascidos antes do termo morrem logo ou não sobrevivem mais ou menos longo tempo senão por artificio; 2.º, *a amamentação* materna ou a alimentação dada por uma boa ama de leite, continuada durante um anno pelo menos; 3.º, *a educação physica e moral* da criança, que deve favorecer de uma maneira igual a marcha da

natureza no desenvolvimento de todos os órgãos ; 4.º, diversas partes da *maneira de viver*, que mais influem na prolongação da vida, e que vamos successivamente percorrer.

A *sobriedade* no beber e comer e o cuidado de fazer escolha de alimentos são constituem a primeira condição da vida longa. Quasi todos os exemplos de longevidade pertencem, com effeito, a pessoas notaveis pela sua grande frugalidade, e ao mesmo tempo pelo uso habitual da agua e pela temperança nas bebidas alcoolicas. Sabe-se a historia do celebre Cornaro, que, enervado pelos excessos de uma mocidade tormentosa, adoptou aos trinta annos uma semelhante maneira de viver, e lhe deveu não só o restabelecimento de sua saúde arruinada, mas ainda uma velhice sã e adiantada a que chegou.

O homem prolonga sua carreira quasi sempre no meio dos *exercicios* de uma vida laboriosa e occupada. Entretanto, se os trabalhos prolongão a existencia do homem, isto não acontece senão quando são conformes ás forças ; são raras as pessoas velhas entre as que exercem officios mui pesados : o grande esforço de acção que fazem lhes gasta rapidamente a vida. Mas os trabalhos manuaes, constantes, regulares e moderados a que o homem se entrega sobretudo ao ar livre contribuem efficaamente para a sua duração. São pois frequentes os velhos entre os jardineiros, pescadores, agricultores, etc.

As *dignidades e as condições elevadas* não são geralmente favoraveis á duração da vida. Apenas achão-se alguns octogenarios na lista dos imperadores e dos reis. Entre 300 papas elevados quasi todos ao pontificado já depois de velhos, só se citão 4 que tenham chegado ou excedido os oitenta annos. Em compensação, os exemplos de longevidade abundão entre os religiosos retirados do mundo e submettidos ás regras de uma restricta disciplina. Os homens dados ao culto da philosophia (Epimenides, Democrito, Pythagoras, Zenon, Bacon, Kant) e das sciencias (Kepler, Newton, Euler, Buffon, Monge) se tem tor-

nado notaveis pela grande idade a que os conduzio uma vida regular, adornada pelo estudo e commummente livre dos cuidados e inquietações inseparaveis do turbilhão do mundo. Entre os litteratos observão-se na verdade homens que chegarão a uma extrema velhice, como sejam Anacreonte, Sophocles, Fontenelle, Voltaire; mas estes exemplos estão longe de servir de regra a tal respeito, pois que poucos são os que contão longa idade.

O *casamento*, quando é feliz e bem unisono, contribue poderosamente para a duração da vida. Todos os exemplos de longevidade são dados com effeito por pessoas casadas, das quaes algumas mesmo forão até dez vezes. Fica portanto provado que o feliz effeito desta união depende de uma parte da fixidade que dá á existencia do homem, e que vem moderar a ambiciosa inquietação produzida pela sua isolamento, e de outra parte, que, subtrahindo-se o individuo aos excessos venereos. a que o expoem os attractivos da novidade, exerce a temperança, que é tão salutar para a prolongação da vida. O estado regularmente *solteiro* é contrario á longevidade. Sabe-se realmente que as religiosas raras vezes chegam á velhice.

As *idéas dominantes* alegres ou tristes, as occupaões do mesmo genero, o character franco ou concentrado, folgazão ou pezaroso, a serenidade da alma ou a agitação do medo, prolongão ou abreviãõ a vida.

As *molestias* interrompem tão commummente o curso ordinario da vida, que é bem raro que deixem ao homem o tempo de chegar a seu fim natural; observa-se entretanto que as pessoas mui fracas, obrigadas a cuidar assiduamente de sua saúde e a viver em um extremo regimen, tem devido á debilidade mesma de sua constituição a vantagem de prolongar seus dias. Os gotosos passão no mundo por viverem velhos, e a mesma vantagem tem sido confirmada em favor dos que são affectados de hemorrhoidas.

Meios de prolongar a vida. O homem não quer

morrer, soccorre-se a tudo que lhe promete um longo futuro. Joven, não pôde considerar que, tendo vivido 26 annos e alguns mezes, tenha já preenchido o contingente da duração de sua especie, e se persuade que a elle só pertence o chegar a ser velho; o octogenario entrevê ainda nos exemplos conhecidos de longevidade o termo possível de uma vida a que deve chegar. Desta disposição nasce, sem duvida, o grande merito que os homens de todos os tempos tem dado ao emprego dos meios de prolongar a vida.

Se nos fosse permittido passar aqui em revista os pretendidos segredos de conservar a mocidade, gabados pelo charlatanismo e acolhidos pela credulidade, indicariamos o uso vulgar dos emeticos e dos sudorificos, praticado na mais remota antiguidade, e dos elixires, dos balsamos, das pilulas de *longa vida* acreditadas nos seculos da barbaridade. Não deixariamos tambem em silencio os talismans, os horoscopos e as ligas nascidos dos sonhos da astrologia, e indicariamos enfim a *transfusão do sangue* de jovens animaes nas veias dos velhos, tentada infructuosamente e ha longo tempo justamente abandonada.

Mas outras praticas mais racionaes merecem que lhes prestemos toda a attenção. Por um systema originario da antiga Grecia, aconselha-se o exercicio mais continuo de nossas forças e o gozo da natureza como os meios mais seguros de augmentar a consistencia dos orgãos e a duração dos principios da vida. Hippocrates e os philosophos do seu seculo punhão todo o segredo de uma longa vida na temperança, em um ar puro, no uso dos banhos, do exercicio, e principalmente no das fricções quotidianas. Outros davão como principaes os exercicios variados da gymnastica. Herodico, que exagerou suas applicações, pareceu assim, augmentando os esforços, triumphar até da esfalção, e Platão quasi que o critica por ter prolongado desta sorte as mais miseraveis existencias. Os preceitos de Plutarcho, aos quaes

elle mesmo deveu sua velhice, e que consistem em não esquecer-se do corpo pensando do espirito, e em oppôr ao principio o jejum ás simples indisposições antes de recorrer aos remedios, merecem ser ainda conservados.

Finalmente, a arte de prolongar a vida não se basêa sobre especifico algum nem sobre um meio de regimen particular, mas consiste na observancia das regras de hygiene, e principalmente na moderação de todos os actos da vida, questões que são tratadas em muitos lugares deste dictionario.

LOOCK. Palavra arabica que serve para designar uma poção, empregada nas molestias acompanhadas de tosse. As amendoas, o assucar, a gomma, a agua commum e a agua de flôr de laranja, eis as substancias que entrão na sua composição. Os loocks aze-dão-se facilmente, e por isso devem guardar-se em lugar fresco e renovar-se todos os dias.

LOSNA. *Veja-se* ABSINTHIO. Vol. I, pag. 5.

LOUCURA, DOUDICE OU ALIENAÇÃO MENTAL. Entende-se geralmente por loucura uma perturbação das faculdades intellectuaes.

Causas. O sexo feminino, o temperamento nervoso, uma educação viciosa, o celibato, as profissões que exigem um grande esforço de espirito, que agitação fortemente e poem em lida a vaidade, a ambição, etc.; as grandes revoluções politicas, a superstição, os terrores religiosos, a saciedade de todos os gozos, os excessos venereos, o onanismo, os licôres fortes, a leitura dos romances e dos máos livros, o ocio, a congestão cerebral frequente, são indicados por todos os medicos como as causas que predispõem para a loucura. Mas as causas que a determinão ordinariamente consistem quasi todas nas affecções moraes vivas ou continuas, taes como a colera, o susto, uma perda subita de fortuna, uma felicidade inesperada, um pezar violento, os excessos de estudos, a ambição mallograda, o amor proprio humilhado, o ciume, os acontecimentos politicos, os pezares domesticos, o amor contrariado, o fanatismo, etc.

Symptomas. A invasão da loucura é lenta ou subita; mas, de qualquer maneira que principie, eis-aqui os symptomas geraes que lhe são próprios. Ordinariamente as impressões feitas sobre um ou muitos sentidos são vivamente percebidos ou mal julgados. Assim, os doudos umas vezes percebem vivamente e com desagrado a luz, os sons, os cheiros ou sabores; outras vezes tomão um objecto, um individuo, um ruido, etc., por outros. Ás vezes vêm pessoas, ouvem vozes ou sons e sentem cheiros que não tem realidade alguma e não existem senão no seu cerebro doente. As desordens das faculdades intellectuaes são extremamente variadas e apresentam frequentemente a singular mistura de uma perfeita razão em certos pontos com um delirio completo em outros. Em quasi todos os alienados a lembrança do passado é conservada, mas a indiferença completa ou a aversão para com seus parentes, seus filhos e seus amigos, substitue os sentimentos de afeição; uma paixão, como a alegria e a tristeza, o medo e o terror, o pezar e o transporte, a astucia e a malicia, o orgulho e a vaidade, a inclinação ao suicidio ou ao homicidio, os desejos amorosos, dominão a desordem intellectual. Os alienados commettem ás vezes homicidios; doudos furiosos atirão-se, em seus accesos, sobre tudo quanto encontrão: uns imaginão reconhecer, nas pessoas que os rodeião, inimigos, espiões, genios malfazejos, carcereiros, dos quaes julgão dever vingar-se; outros julgão que Deos ou uma voz interna lhes ordena de matar tal ou tal individuo. O Dr. Pinel cita o facto de um alienado que, em dous differentes paroxysmos, matou dous filhos seus para purifica-los por um baptismo de sangue, e fez muitas tentativas deste genero sobre outras pessoas, sempre pelo mesmo motivo.

Os symptomas da loucura se offerecem, em geral, ao observador debaixo de tres aspectos principaes. Ás vezes o delirio tem só por objecto uma idéa fixa, dominante, exclusiva, ou consiste na exageração de uma paixão ou de uma inclinação, e

em geral o doente discorre com muito acerto quando é distraído do objecto que o preoccupa; este genero de loucura foi chamado *monomania*. Outras vezes o delirio é geral e estende-se a tudo, é sempre acompanhado de exaltação, e frequentemente de furor; toma então o nome de *mania*. Outras vezes, emfim, a uma indifferença ou a uma apathia moral junta-se a inactividade, o enfraquecimento ou a perturbação completa da intelligencia, isto é, a *demencia*.

Eis-aqui as variedades principaes da monomania. Uns se julgão *reis, imperadores, papas, prophetas, rainhas, princezas*, e suas acções correspondem a estas idéas; outros se queixão de ter perdido a amizade das pessoas que lhes são mais caras: estes tem desejos venereos violentos; aquelles tem a cabeça preoccupada de um objecto que adorão, que ornão de todos os encantos, ao qual fallão sem cessar (*erotomania*). Alguns são atormentados por escrupulos religiosos, perseguidos pelo medo do inferno (*monomania religiosa*). Outros se julgão em poder do diabo (*demonomania*). Em alguns monomaniacos a tristeza, o aborrecimento, o pezar, o temor, são symptomas dominantes (*melancolia*); em outros predomina o odio a seus semelhantes (*misanthropia*). Ha alguns que se julgão transformados em um individuo de outro sexo, ou em cão, em leão, em passaro, etc.

Duração e prognostico. A loucura não é sempre continua; ordinariamente é intermittente. Sua duração é variavel; assim, póde ser sómente de oito a quinze dias ou alguns mezes na mania, mas muitas vezes é de um ou muitos annos, e até póde durar toda a vida. A loucura póde curar-se pela reaparição de uma secreção ou de uma hemorrhagia supprimida, por vomitos, evacuações alvinas abundantes, por suores, hemorrhagias espontaneas, e além disto pela maior parte das impressões moraes vivas; mas estas curas são raras.

Tratamento. Os loucos devem estar isolados, separados de todas as pessoas com quem vivião e postos de maneira que possam ser facilmente vigiados.

É necessario tomar todas as precauções para impedir que se matem, se elles tem inclinação ao suicidio, ou que se entreguem ao onanismo. Os alienados inquietos ou furiosos devem ser subjugados pelo soccorro da camisola, e até amarrados, se se julgar necessario. Nunca se devem avivar as idéas ou as paixões destes doentes no sentido de seu delirio; é necessario evitar o combater suas opiniões desarrazoadas pelo raciocinio, discussão, opposição ou zombaria, e convém fixar sua attenção sobre objectos estranhos ao delirio e communicar a seu espirito idéas e afeições novas por impressões diversas.

O tratamento da loucura é difficil e complicado, e é quasi impossivel que as familias possam fazer o que convém a respeito dos alienados. Só a presença das pessoas e das cousas habituaes é um grande obstaculo á sua cura. Interesses de muitos generos se combinão para determinar as familias a encerrarem os alienados nos estabelecimentos publicos ou particulares. Primeiro que tudo, a segurança publica póde justamente impôr esta obrigação. A liberdade que se deixa a estes doentes em seus domicilios compromette a sua vida e a das pessoas que os rodeião; mil motivos devem fazer preferir sua morada em um estabelecimento. A experiencia prova que um muito maior numero de loucos são curados nos estabelecimentos do que quando são conservados no seio de suas familias. Em uma casa de saúde de França foi recentemente observado um resultado notavel da isolação. Uma moça que estava, havia muitos mezes, encerrada no centro de sua familia, julgava, entre outros objectos do seu delirio, que seu marido lhe fazia frequentes infidelidades. Logo que chegou ao estabelecimento e foi posta em relação com outras senhoras doentes, achou-se maravilhada deste espectáculo estranho e reconheceu seu desarranjo de idéas. Mandou chamar um dos medicos e lhe disse estas palavras: « Senhor, acho-me aqui junto de uma senhora que se julga estar reduzida a cinzas e tem medo de ser espalhada pelo vento. Outra espanta-se

de sua magreza, sendo enorme sua gordura. Uma terceira se diz rainha da Arabia. Todas estas pessoas estão evidentemente loucas. A impressão que me fez seu delirio me levou á reflexão, e tenho reconhecido, no meu recolhimento, que eu tambem estive louca. Mas sinto que minha cura principia, ajudai-me....» Com effeito, desde o dia de sua chegada e da maneira que temos dito, principiou a sua convalescença.

No Rio de Janeiro, até ao anno de 1841, não havia outro asylo para os loucos senão o hospital da Misericordia, onde estes infelizes se achavão na mais miseravel posição. Já desde o anno de 1830 a Sociedade de Medicina clamava contra tal estado de cousas, e fez a este respeito vivas representações á administração. O sabio secretario da Academia de Medicina, o Sr. Dr. De-Simoni, em uma Memoria cheia de convicção e de logica que publicou, fez sentir a necessidade da creação de um estabelecimento separado em que os loucos pudessem ser submettidos a um tratamento conveniente. Algumas commissões da Camara Municipal, encarregadas da visita dos hospitaes, representarão tambem energicamente no mesmo sentido. Estes brados da sciencia e da humanidade acharão echo no coração do joven Monarcha Brasileiro o Senhor D. Pedro II; e ao digno Provedor da Santa Casa, o Ex.^{mo} Sr. Conselheiro José Clemente Pereira, coube a gloria de realizar o pensamento do Augusto Imperador. Este illustre philanthropo é o principal autor do estabelecimento do cemiterio na Ponta do Cajú, e é elle tambem a quem a cidade do Rio de Janeiro deverá a formação da casa para os alienados, na Praia Vermelha, n'um dos lugares mais salubres dos arredores do Rio de Janeiro. Para levar ao fim este grande projecto, S. Ex. recorreu ao patriotismo e á generosidade dos habitantes da côrte; muitos acudirão a seu chamado, e citaremos, entre as mais importantes subscripções, as do Ex.^{mo} Sr. Commendador Thomé Ribeiro de Faria, Barão de Guapymirim, que deu sessenta contos de réis, do

Ex.^{mo} Sr. Barão de Pirahy, do Ex.^{mo} Sr. Commendador José de Souza Breves e do Ex.^{mo} Sr. Barão de Santa Luzia. S. M. I. o Senhor D. Pedro II tomou a empreza debaixo de sua alta protecção, favorecendo-a com a sua costumada generosidade. S. M. a Imperatriz viuva, como tutora de sua augusta filha, a Sra. princeza D. Maria Amelia, contribuiu tambem para esta grande obra. S. M. o Imperador dignou-se de assentar a primeira pedra do edificio, e o trabalho continúa com actividade; e bem que ainda não esteja acabado, a posição dos loucos já está melhorada, pois serão transferidos do hospital da Misericordia e occupão provisoriamente duas casas na Praia Vermelha.

As sangrias abundantes estão já em parte riscadas do tratamento da loucura. Entretanto, é util recorrer á sangria, nos individuos robustos, depois de uma suppressão de hemorrhagia habitual ou quando ha symptomas de congestão cerebral. Os banhos frios, as emborcações, as applicações frias sobre a cabeça, são meios uteis. Empregão-se com vantagem os causticos na nuca e os purgantes. As viagens, a musica, as distracções, os trabalhos de jardinagem, curão ás vezes certos monomaniacos; são sobretudo vantajosos na convalescença para consolidarem a cura.

Se se pudesse obter dos doudos um trabalho mecanico quotidiano de muitas horas e ao ar livre, as curas serião muito mais numerosas. O maior obstaculo no tratamento da loucura é a exaltação do pensamento; ora, não ha cousa melhor para re-frear a actividade das idéas do que os exercicios physicos perseverantes, prolongados e até um pouco penosos, como a agricultura, as artes mecanicas, a caça, etc. A gymnastica reúne muitas vantagens no tratamento da loucura. Primeiramente, o doudo que faz muito exercicio pensa menos e sente menos; depois, o trabalho imprime ás suas idéas uma direcção vantajosa; emfim, o exercicio dispõe ao somno, que é um grande beneficio para muitos doudos. As viagens continuadas por muito tempo a pé ou a cavallo,

sobretudo nos paizes montanhosos, são muito mais proficuas do que as que são feitas em sege e que transportão de uma cidade á outra. Os incommodos dessas viagens, a que os doentes não estão acostumados, produzem os melhores effeitos.

A dieta é raramente util, e podem-se permittir sem receio os alimentos que os doentes desejão.

As insomnias são mui communs no principio da loucura; combatem-se pelo exercicio, por banhos mornos prolongados do corpo todo tomados no momento de se deitar, pela abstinencia do café e das bebidas espirituosas. Se isto não fôr sufficiente, póde-se dar á noite uma chicara d'amendoada com vinte gottas de laudano, ou uma pilula de opio de um grão.

Convém combater a prisão do ventre por clysteres de linhaça, limonada de tamarindos ou alguns purgantes.

LOURO. (*Laurus nobilis*, Linneo.) Arbusto originario da Grecia, cultivado nas hortas do Brasil. Suas folhas são ellipticas, em fôrma de lança, agudas, sinuosas nas margens, um pouco duras e luzidias. Os fructos pretos, pequenos, redondos, alongados, contém uma amendoa. As folhas tem um cheiro aromatico, um sabor amargo e picante, e empregão-se como tempero nos molhos.

LOURO-CEREJO. (*Prunus lauro-cerasus*, Linneo.) Arbusto originario das margens do Mar Negro. Suas folhas são grandes, ovaes, alongadas, agudas, dentadas na parte inferior, duras, mui lisas e luzidias; as flôres são brancas. A estas flôres succedem fructos arredondados, denegridos, que contém um caroço, dentro do qual se acha uma amendoa mui amarga e com cheiro de amendoas amargosas ou de acido prussico.

O louro-cerejo é um vegetal mui perigoso: todes as suas partes, e principalmente as folhas, contém um dos venenos mais subtis e mais violentos, o acido prussico, ao qual todas as partes deste arbusto devem um cheiro d'amendoas amargosas.

Com as folhas de louro-cerejo prepara-se a agua distillada e o oleo essencial que se empregão em medicina como calmante, a primeira na dôse de 10 a 40 gottas n'uma poção, e o segundo (o oleo) na dôse de 1 a 4 gottas n'uma emulsão de seis onças, que se administra por colheres de hora em hora, tendo o cuidado de mexer a emulsão no momento de toma-la. Mas estes medicamentos são infieis e perigosos.

Os accidentes que pôde produzir o louro-cerejo são os do acido prussico. O tratamento acha-se indicado no artigo ENVENENAMENTO, Vol. II, pag. 109.

LUA. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

LUMBAGO. *Veja-se* DÔR DE CADEIRAS, Vol. II, pag. 59.

LUNAR. *Veja-se* SIGNAL DE NASCENÇA.

LUNATICO. *Veja-se* SOMNAMBULISMO.

LUPARO ou LÚPULO. O luparo (*humulus lupulus*, Linneo), é uma planta mui cultivada na Europa, cujos fructos, chamados pinhas, entrão na composição da cerveja, á qual communicão o sabor amargo que se lhe conhece é a propriedade de se conservar por longo tempo sem azedar-se. Estes fructos são cônes, compostos de escamas foliaceas, de uma côr amarella-esverdinhada, coberta de pequenos pellos, dos quaes sahe uma especie de poeira chamada *lupulina*; sabor amargo, cheiro viroso. Estas mesmas pinhas, debaixo da fôrma de infusão ou de decocção, na dôse de uma oitava para uma chicara d'agua, empregão-se como tonico nas escrophulas, escorbuto, falta de appetite, e quando é preciso fortificar a constituição.

LUPIA. *Veja-se* LOBINHO, Vol. II, pag. 482.

LUXACÃO. *Veja-se* DESLOCAÇÃO, Vol. II, pag. 35.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.